UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MAIS QUE *BARBIES* E OGRAS: UMA ETNOGRAFIA DO *FUTEBOL DE MULHERES* NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS

CLÁUDIA SAMUEL KESSLER

Porto Alegre
2015

CLÁUDIA SAMUEL KESSLER

MAIS QUE *BARBIES* E OGRAS: UMA ETNOGRAFIA DO *FUTEBOL DE MULHERES* NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Arlei Sander Damo

Porto Alegre
2015

CIP - Catalogação na Publicação

Kessler, Cláudia Samuel
Mais que Barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos / Cláudia Samuel Kessler. -- 2015.
375 f.

Orientador: Arlei Sander Damo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. futebol de mulheres. 2. gênero. 3. masculinidades. 4. feminilidades. 5. trajetórias esportivas. I. Damo, Arlei Sander, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MAIS QUE *BARBIES* E OGRAS: UMA ETNOGRAFIA DO *FUTEBOL DE MULHERES* NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS

Tese aprovada para obtenção do título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela banca examinadora formada por:

Porto Alegre, 5 de agosto de 2015.

Arlei Sander Damo, Dr. (UFRGS)
(Presidente/Orientador)

Luiz Fernando Rojo, Dr. (UFF)

Silvana Vilodre Goellner, Dra. (UFRGS)

Ruben George Oliven, Dr. (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Dar e receber. Por sorte da vida ou por capricho do destino, sempre tive em minha trajetória pessoas que me auxiliaram a crescer nas esferas profissional e acadêmica. Para mim, esta seção de agradecimentos sintetiza em algumas palavras a importância dessas pessoas. Aprecio a oportunidade de aqui expressar o quão importantes são, podendo registrar no papel aquilo que no coração já consta.

Agradeço a meus pais e irmã, pelo amor incondicional e todo o apoio durante a minha trajetória. Os abraços carinhosos e o apoio diário de vocês não são apenas necessidades básicas, mas também um privilégio que valorizo diariamente;

ao meu orientador, por ter acreditado desde o início em mim e na qualidade do trabalho que poderia ser produzido, tendo dedicado muitas horas de leitura em diversas versões de centenas de páginas. Suas leituras atentas e *insights* fizeram este trabalho ter um gigantesco salto qualitativo. Sinto-me privilegiada em poder ter trabalhado com um pensador pelo qual tenho grande respeito e admiração. Sua escrita e inteligência no trato dos temas ampliaram minha visão sobre o futebol, e tenho muito a lhe agradecer por isso;

à professora Maria Catarina Chitolina Zanini, que, mais do que minha ex-orientadora, sempre me acompanhou no decorrer da minha trajetória acadêmica. De palavras sábias e uma generosidade imensa, tenho-a como um exemplo de profissional e de pessoa. Minha família e eu lhe temos muito apreço;

ao "tio-avô" Paulo Roberto pelo incentivo à leitura de clássicos e à Magda pela atenciosa correção ortográfica;

à Livia, Jaqueline e Tati Bicca, por fazerem do mundo um lugar mais sensível, onde os sonhos são possíveis; ao Lisandro, pelos incentivos;

ao pesquisador Jay Coakley, por ter gentilmente acionado uma rede de contatos que permitiu minha pesquisa nos Estados Unidos;

ao professor Todd Crosset, pelas orientações, pelo acolhimento nos Estados Unidos e pela recepção junto à sua adorável família;

a todos os amigos que colaboraram com esta tese, em especial, ao auxílio de Juliano Almeida, Michele Schmitt, Clovis Schmitt Souza, Marcio Almeida, Carlos Orellana, Mauro Myskiw, Ariane Pacheco, Rodrigo Toniol, Pedro Paulo Soares e Claude Petrognani;

aos integrantes da Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer de Porto Alegre, pela recepção e o acesso aos arquivos do futebol de mulheres da capital;

à Rosemeire Feijó, secretária do PPG, pelo auxílio nas diversas dúvidas produzidas pelos trâmites burocráticos;

à CAPES, pelo financiamento da minha trajetória como pesquisadora, tanto no Brasil como no exterior;

a todos e todas que dedicaram seus tempos para compartilhar trajetórias esportivas e projetos de vida. Sem vocês, não haveria tese;

a todos os integrantes da banca de qualificação pelas leituras atentas e pelas considerações que proporcionaram significativas mudanças neste trabalho: à professora Fabíola Rohden, por sua participação na qualificação; à professora Silvana Goellner, por integrar mais esta fase de minha caminhada acadêmica e também pela gentil participação do professor Ruben Oliven, figura pela qual acredito que eu e muitas outras pessoas do ramo acadêmico nutram enorme estima pela sua personalidade e vastos conhecimentos; agradeço ainda ao professor Luiz Rojo, por ter conseguido encaixar em sua agenda um espaço para poder contribuir com esta tese;

last but not least, agradeço a Deus, Buda, Shakti, Iemanjá, Tupã e todas as demais entidades de energias positivas pelos auxílios durante esse percurso. Finalmente: *Habemus thesis!*

“A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar” (GALEANO, 2008, p.10).

RESUMO

Tese de Doutorado
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

MAIS QUE *BARBIES* E OGRAS: UMA ETNOGRAFIA DO *FUTEBOL DE MULHERES* NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS
AUTORA: CLÁUDIA SAMUEL KESSLER
ORIENTADOR: ARLEI SANDER DAMO
Data e Local de Defesa: Porto Alegre, 5 de agosto de 2015.

Com base na etnografia realizada entre 2011 e 2013 – incluindo observação participante, entrevistas, registro fotográfico e enquete – esta tese analisa o significado do *futebol de mulheres* em Porto Alegre (RS, Brasil) e Amherst (MA, Estados Unidos). Ao invés de utilizar o termo *futebol feminino*, corrente tanto no espaço esportivo quanto acadêmico, proponho o conceito de *futebol de mulheres*, objetivando, com isso, a desindexação do pensamento normativo de gênero, refém do binômio "masculino/feminino". O *futebol de mulheres,* no Brasil, é um espaço marcado pela expressão de múltiplas perspectivas de gênero, além de se caracterizar por performances corporais improvisadas e criativas, revelando-se um espaço de disputas, mas também de convivialidade, como outros espaços sociais quaisquer. Trata-se, portanto, de afirmar este espaço de relações multifacetadas, deixando de lado o discurso das ausências, da precariedade e da invisibilidade, a partir dos quais este futebol tem sido caracterizado. Em Porto Alegre, podem-se destacar as marcações sociais e econômicas que influenciam na dinâmica dos grupos, enquanto, nos Estados Unidos, acentuam-se as marcações etárias. Com a proposta de ampliar mais do que esgotar as reflexões sobre o tema, reflito sobre a heterogeneidade dos agentes sociais que compõem o mundo futebolístico de mulheres de Porto Alegre e de Amherst, tais como jogadoras, comissões técnicas, organizadores, arbitragem, público e mídia. A tese, no seu conjunto, busca tensionar a necessidade de associação do *futebol de mulheres* à estrutura futebolística instituída pela lógica do espetáculo midiático e mercadológico, como se esta fosse a única possibilidade de reconhecimento, afirmação de identidades e sociabilidade.

Palavras-chave: futebol de mulheres; feminilidades; gênero; masculinidades; trajetórias esportivas.

ABSTRACT

Doctoral thesis
Post-Graduate Program in Social Antropology
Federal University of Rio Grande do Sul

MORE THAN *BARBIES* OR OGRESSES: AN ETHNOGRAPHY OF WOMEN'S SOCCER IN BRAZIL AND THE UNITED STATES
AUTHOR: CLÁUDIA SAMUEL KESSLER
ADVISOR: ARLEI SANDER DAMO
Date and local of defense: Porto Alegre, 5 August 2015.

Based on ethnographic practices carried out between 2011 and 2013 - including interviews, photographic documentation and polls - this thesis analyzes the meaning of women's soccer in Porto Alegre (RS, Brazil) and Amherst (MA, United States). Instead of using the term "feminine soccer" commonly used both in sports and academic spaces, I propose the concept of "women's soccer", aiming thereby to disassociate it from normative gender thinking, still hostage to the binomial "masculine/feminine". Brazilian women's soccer is a space marked by the expression of multiple perspectives of gender. It is characterized by improvised and creative body performances, revealing itself as a space of disputes, but also conviviality, similar to other social spaces. It's, therefore, necessary to state this space as one of multifaceted relations, leaving aside the "discourse of absence", precariousness and invisibility from which this space has been characterized. In Porto Alegre, one can highlight the social and economical markers that influence the dynamics of groups, while in United States one can highlight age markings. With the proposal to extend more than exhaust the reflections on the subject, I think on the heterogeneity of social actors that make up the world of "women's soccer" in Porto Alegre and Amherst, such as: players, technical commissions, organizers, referees, public and media. The thesis, as a whole, reflects on the need to associate "women's soccer" to the soccer structure established by the logic of media and marketing spectacles as if this were the only possibility of recognition, affirmation of identities and sociability.

Keywords: femininities; gender; masculinities; sports trajectories; women's soccer.

SUMÁRIO

PRELIMINARES..... 14

1. O UNIVERSO DO *FUTEBOL DE MULHERES*: SUPERANDO A INVISIBILIDADE E A FEMINILIDADE TRADICIONAL..... 30
1.1 DO FUTEBOL "FEMININO" AO FUTEBOL "DE MULHERES"..... 32
1.2 *FUTEBOL DE MULHERES*: A MUDANÇA DE TERMINOLOGIAS E DE PERSPECTIVAS..... 46
1.3 *FUTEBOL DE DEVIR*: SUPERANDO A SUBSERVIÊNCIA AO FUTEBOL ESPETACULAR..... 51
1.4 O "DISCURSO DAS AUSÊNCIAS": ONDE ESTÁ A DIVERSIDADE?..... 58

2. *FUTEBOL DE MULHERES*: DA ASSISTÊNCIA À PRÁTICA..... 67
2.1 O REGISTRO DAS PRÁTICAS REALIZADAS PELAS FUTEBOLISTAS..... 68
2.2 PERSPECTIVA DIACRÔNICA DO *FUTEBOL DE MULHERES*..... 71
2.2.1 O *futebol de mulheres* brasileiro: superando a legislação..... 74
2.2.2 O *futebol de mulheres* na atualidade: um panorama pós-proibições..... 76
2.3 LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL..... 79
2.4 LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS NOS ESTADOS UNIDOS..... 82
2.5 DEVIN: A DIMINUIÇÃO DE PRIVILÉGIOS PARA (ALGUNS) HOMENS..... 85
2.6 AGENCIAMENTO ESPORTIVO: TERRENO FÉRTIL PARA O "DISCURSO DAS AUSÊNCIAS"..... 93

3. MUNDOS FUTEBOLÍSTICOS DE MULHERES..... 99
3.1 O MUNDO FUTEBOLÍSTICO PROFISSIONAL BRASILEIRO..... 102
3.2 CLUBES TRADICIONAIS..... 109
3.3 O FUTEBOL PARTICIPATIVO..... 113
3.3.1 Tio Boneco: Líder comunitário e dirigente de futebol..... 117
3.3.2 Clarisse: Líder comunitária e dirigente de equipe..... 121

4. O MUNDO DO *SOCCER* NOS ESTADOS UNIDOS..... 127
4.1 A ACEITAÇÃO DO *SOCCER* NOS ESTADOS UNIDOS..... 128
4.2 O *SOCCER* PROFISSIONAL NOS ESTADOS UNIDOS..... 132
4.3 O *SOCCER* UNIVERSITÁRIO NOS ESTADOS UNIDOS..... 134
4.4 O RECRUTAMENTO DE ATLETAS UNIVERSITÁRIAS..... 137
4.5 AS REGULAÇÕES DO TEMPO E DOS CORPOS..... 146
4.5.1 O tempo como regulador da sociabilidade na equipe universitária..... 151
4.5.2 Recordes e produtividade..... 158
4.6 OS *CLUBS* DE *SOCCER* NOS ESTADOS UNIDOS..... 161

5. ORGANIZAÇÃO DE CAMPEONATOS E EQUIPES PORTO-ALEGRENSES..... 167
5.1 A ORGANIZAÇÃO DE EQUIPES E RECRUTAMENTO DE JOGADORAS..... 168
5.2 JUCA: A ORGANIZAÇÃO DE JOGOS ESTADUAIS..... 173
5.3 ESPAÇOS E CAMPOS DA PREFEITURA E DO CAMPEONATO GAÚCHO..... 177
5.4 A ORGANIZAÇÃO DOS CAMPEONATOS: UMA CAIXA DE PANDORA..... 183
5.5 A ARBITRAGEM NAS COMPETIÇÕES..... 188
5.6 AS MULHERES NA ARBITRAGEM: VISIBILIDADE RESTRITA EM ESPAÇOS DE PRESTÍGIO..... 192

6. ETNOGRAFANDO NO *FUTEBOL DE MULHERES* PORTO-ALEGRENSE..... 201
6.1 TATI BICCA: "DOC" DA RESTINGA.....203
6.2 UM PERFIL DAS JOGADORAS PORTO-ALEGRENSES..... 211
6.3 DIFERENÇAS DE APOIO FAMILIAR: DESIGUALDADES NO ESPORTE..... 218
6.4 AS "PANELINHAS": DISPUTAS DE PRIVILÉGIOS ENTRE AGENTES..... 222
6.5 A TORCIDA TAMBÉM JOGA: O PÚBLICO NA CAPITAL E INTERIOR..... 225
6.6 O USO DE MÍDIAS ALTERNATIVAS E A CIBERMILITÂNCIA.....229

7. A PRODUÇÃO DE *FAMÍLIAS ESPORTIVAS*: SOCIALIDADE E RIVALIDADE DENTRO E FORA DOS CAMPOS DE FUTEBOL..... 235
7.1 *FAMÍLIAS ESPORTIVAS*: REDES DINÂMICAS DE PARENTESCO..... 237
7.2 ANA PAULA: A DIMENSÃO AFETIVA DAS FAMÍLIAS.....247
7.3 *POTLUCK*: A UNIÃO ENTRE AS FAMÍLIAS..... 250
7.4 A PERFORMANCE FAMILIAR: PRESSIONANDO PARA GANHAR.....252
7.5 JOGO: ESPAÇO DO SAGRADO..... 259
7.6 FOFOCAS E XINGAMENTOS: INTRIGAS EM FAMÍLIAS..... 266

8. O POLÍTICO A PARTIR DA ESTÉTICA.....273
8.1 AS MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NO FUTEBOL.....274
8.2 AS MASCULINIDADES APRE(E)NDIDAS NO USO DOS CORPOS..... 284
8.3 ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS: TENSÕES ENTRE SEXUALIDADE E GÊNERO.....288
8.4 A PRODUÇÃO DE CORPOS (NEM SEMPRE) GUERREIROS.....300
8.4.1 Os pelos e cabelos.....312
8.4.2 Os cheiros e as excreções.....315

9. AS DIFERENTES TRAJETÓRIAS DE FUTEBOLISTAS..... 319
9.1 ENTRE "PATRICINHAS" E "HUMILDES": AS DIFERENCIAÇÕES SOCIAIS. 320
9.2 DANIELA: NOVATA LATINO-AMERICANA..... 331
9.3 DANIELLE: NOVATA *REDSHIRT*..... 334
9.4 JEN: A SOPHOMORE QUE OUSOU FALAR SOBRE A SENIORIDADE..... 337
9.5 LAUREN: SENIOR.…..... 343
9.6 GIU: UMA GAÚCHA NO FUTEBOL UNIVERSITÁRIO.....346

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....355
REFERÊNCIAS..... 360

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 Estrutura circular do "discurso das ausências" no *futebol de mulheres*..... 61
Figura 2 Equipes do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino 2014..... 110

FOTOGRAFIAS

Foto 1 Fotografias dos participantes do projeto, editadas com efeito desfoque..... 118
Foto 2 Fotografia de panfleto entregue em *showcases*..... 142
Foto 3 Vestiário das jogadoras de *soccer* da universidade..... 145
Foto 4 Campo de jogo da universidade, com destaque para o grande placar eletrônico..... 156
Foto 5 Folheto com as estatísticas e recordes das equipes..... 160
Foto 6 Visão da arquibancada no campo Ramiro Souto, no Parque da Redenção..... 179
Foto 7 Torcida em um dos jogos no Instituto Ronaldinho, em jogo pelo Gauchão 2011..... 182
Foto 8 Torcedores na beirada do campo no Campeonato Municipal..... 190
Foto 9 Arbitragem no *futebol de mulheres*, em jogo pelo Municipal..... 196
Foto 10 Cancha de bocha onde a equipe pernoitou..... 242
Foto 11 *Potluck* organizado pelas mães e pais das jogadoras ao final de cada jogo..... 251
Foto 12 Jogadoras no vestiário de Erechim, antes de partida decisiva..... 262
Foto 13 Jogadoras realizando a oração antes da partida no campo da Redenção, com os pés juntos..... 264
Foto 14 Torneio no Ramiro Souto (Redenção). Jogadora com boné virado e uniforme largo..... 305
Foto 15 Montagem com as tatuagens das jogadoras porto-alegrenses..... 323
Foto 16 Colagem com os cartazes feitos por amigos e familiares no último jogo das seniores..... 343

GRÁFICOS

Gráfico 1 Participação de estudantes colegiais no *soccer* entre 1971-2013..... 84
Gráfico 2 Participação atlética de homens e mulheres na liga universitária NCAA entre 1971-2013..... 92
Gráfico 3 Frequência das idades das jogadoras porto-alegrenses..... 214
Gráfico 4 Divisão das jogadoras por etnias autodeclaradas..... 215
Gráfico 5 Distribuição da renda familiar das jogadoras, em 2013..... 216
Gráfico 6 Percentagem de preconceito sofrido por jogadoras em ambientes esportivos... 297

QUADROS

Quadro 1 Participação de homens e mulheres no *soccer* universitário da NCAA..... 91
Quadro 2 Equipes participantes do Campeonato Municipal de Futebol Feminino de Porto Alegre/RS entre 2005-2014..... 186

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AGFF - Associação Gaúcha de Futebol Feminino
ANAF - Associação Nacional dos Árbitros de Futebol
CBF - Confederação Brasileira de Futebol
CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CONMEBOL - *Confederación Sudamericana de Fútbol*
D-I – *Division-I*
D-II – *Division-II*
D-III – *Division-III*
ENCL - *Elite National Clube League*
FA - *Football Association*
FECI - Fundação de Educação e Cultura do Internacional
FGF - Federação Gaúcha de Futebol
FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FIFA - *Fédération Internationale de Football Association*
FUNDERGS - Fundação de Esporte e Lazer
GPA - *Grade Point Average*
IAAF - *International Association of Athletics Federations*
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MA - *Massachusetts*
MIT - *Massachusetts Institute of Technology*
MLS - *Major League Soccer*
NAIA - *National Association of Intercollegiate Athletics*
NCAA - *National Collegiate Athletic Association*
NCSA - *National Collegiate Scouting Association*
NJCAA - *National Junior College Athletic Association*
NWFL - *Nigeria Women Football League*
NWSL - *National Women's Soccer League*
SAFERGS – Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado do Rio Grande do Sul
SME - Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer de Porto Alegre
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UMass – *University of Massachusetts*
WPS - *Women's Professional Soccer*
WUSA - *Women's United Soccer Association*

Unidades federativas brasileiras:
AM – Amazônia, BA – Bahia, CE – Ceará, DF - Distrito Federal, PA – Pará,
PB – Paraíba, PE – Pernambuco, PI – Piauí, RJ - Rio de Janeiro,
RS - Rio Grande do Sul, SC - Santa Catarina, SP - São Paulo.

PRELIMINARES

As preliminares de um jogo são aqueles momentos anteriores à partida que podem influenciar no resultado final: o/a atleta que não aqueceu e teve uma lesão, o esquecimento das garrafinhas de água em um dia quente, o amigo que prometeu uma carona e acordou alguns minutos depois do horário marcado. As preliminares de uma partida são aqueles minutos de tensão e ansiedade; importantes, mas frequentemente desmerecidos nos relatos da historiografia oficial.

As preliminares aqui apresentam os percursos metodológicos para a construção do texto. Abordam minha relação com o objeto de pesquisa, o porquê de sua escolha e a maneira como decidi analisá-lo. As preliminares da tese são tão importantes como as de um jogo de futebol, porque dizem sobre o tema pesquisado e podem auxiliar a melhor entendê-lo: o jogo na escalação e substituição das palavras, o jogo de interesses que permeiam a pesquisa.

No decorrer da tese, apresento algumas das assimetrias, hierarquias e interações vividas no universo futebolístico[1]. Ao longo da leitura, poder-se-á perceber que as formas de interação dentro e fora das linhas esportivas são múltiplas e possuem relevante significado. Levo em consideração que o universo esportivo é um espaço de construção de subjetividades e de coletividades: emoções, paixões, traumas, triunfos e dramas. Neste universo, há o envolvimento de atores de diversas classes sociais, gêneros, etnias e religiosidades.

O espaço esportivo é onde os valores sociais são reforçados e construídos (DEVIDE, 2005). Dentre os esportes praticados no Brasil, não se pode negar que o futebol assume a maior visibilidade e pode ser ainda considerado um esporte de extrema relevância no

1 A noção de universo futebolístico, aqui empregada, é uma alternativa à noção de campo utilizada por Bourdieu (2007), a qual se relaciona a um espaço estruturado de posições. Tendo em vista que o *futebol de mulheres* é um espaço fluido de práticas dentro dos possíveis futebóis, a utilização da expressão "universo" se adapta mais ao que se pode observar neste *futebol de devir*, ou seja, este futebol em construção, ainda movediço.

entendimento da sociedade brasileira. É no futebol também que se torna visível a necessidade de se desconstruírem os estereótipos relacionados às mulheres que o praticam.

Conforme Damatta (1982, p.23)[2], o futebol auxilia na interpretação do Brasil, "pois a sociedade se revela tanto pelo trabalho quanto pelo esporte, religião, rituais e política. Cada uma dessas esferas é uma espécie de 'filtro' ou de operador, através do qual a ordem social se faz e refaz, inverte-se e afirma-se (...)". O futebol, como outras práticas esportivas, permite-nos, portanto, entrar em contato com outros ambientes, vestimentas, regras, relações, gestos e sensações.

Nesta tese são abordadas questões ligadas à Antropologia nas práticas esportivas[3] inseridas nas culturas brasileira e estadunidense[4]. Os primeiros estudos sobre esporte e Antropologia na sociedade brasileira datam do final da década de 1970 e suscitaram muitas discussões em relação à sua importância. Os debates dessa área, entretanto, apesar de mais focados no futebol, têm aberto leques para o entendimento da sociedade.

O *futebol de mulheres*[5], assim como pesquisas acadêmicas sobre outras práticas esportivas, tem crescido. Realizadas por pesquisadores brasileiros, pode-se perceber pesquisas sobre o *futebol de mulheres* nas áreas da História (RIGO et al, 2005; MORAES, 2012), Antropologia (PISANI, 2012), da Sociologia (SALVINI, 2012) e da Educação Física (ALTMANN, 1998; GOELLNER, 2005; SOUZA JUNIOR, 2013; RIAL, 2013, 2014)[6]. A realização destes estudos amplia os esforços por entender este universo, possibilitando o

2 Recentemente, o renomado sociólogo argentino Pablo Alabarces publicou um balanço dos últimos 30 anos de produções que associam as Ciências Sociais e os esportes na América Latina. Em sua análise, Alabarces (2011) considera o lançamento do livro "Universo do Futebol", coletânea organizada por Damatta (1982), como pontapé inicial para uma série de produções relevantes nessa área e afirma que este universo de estudos tem ainda muitos desafios e possibilidades pela frente.

3 Toledo e Costa (2009) se referem à Antropologia *das* práticas esportivas. Prefiro entender que existem diferenças entre "de" e "em", como na análise feita por Geertz (1989) sobre os estudos *nas* aldeias em contraposição ao estudo *das* aldeias. Estuda-se, portanto, o fazer humano *nas* diferentes práticas esportivas, médicas, políticas, etc.

4 Penso que a expressão estadunidense(s) se adequaria mais à denominação das pessoas nascidas nos Estados Unidos (da América), deixando claro que estou me referindo apenas àquele país e não a todo o continente americano. Entretanto, utilizo a expressão *americana(s)* sempre que as pessoas assim se autodenominaram.

5 O termo *futebol de mulheres* será oportunamente melhor trabalhado no início do capítulo 1.

6 Na pesquisa de Altmann (1998), desenvolvida em uma escola municipal de Belo Horizonte com turmas mistas entre garotos e garotas entre 11 a 15 anos, pode-se perceber que a exclusão das mulheres no futebol pode acontecer desde a infância nas aulas de Educação Física. A exclusão, entretanto, pontua a pesquisadora, não era restrita apenas ao gênero, mas também à habilidade, à idade e à força. Ou seja, dependendo do contexto e da pessoa a quem se referia, poderia haver a exclusão. A fronteira entre os gêneros era evidente nas divisões, não apenas separando homens e mulheres, mas também evidenciando uma diferenciação na (re)produção de masculinidades e feminilidades.

surgimento de teorias que também abarquem estes agentes sociais e suas práticas. Estes conhecimentos quiçá poderão testar, revisar e contestar as teorias vigentes.

A ampliação das investigações sobre o *futebol de mulheres* auxiliará ainda mais a compreender este grupo, suas interações, anseios e motivações. A aproximação entre a Antropologia e o *futebol de mulheres* representa passos dados em direção à busca por entendimentos. Possivelmente irá também fomentar outras reflexões e suscitar o interesse em mais pesquisas nesta área. Em mim é forte a convicção de que este é um tema a ser amplamente discutido nas diferentes esferas da sociedade brasileira, temática cuja importância ainda merece mais aprofundamento.

O *futebol de mulheres*, aqui apresentado, pode ser entendido à luz de Bourdieu (2007) como um espaço de disputas, como os demais espaços sociais, em busca de visibilidade e prestígio. Como em diversas outras esferas públicas, pode-se perceber as diferenças entre o que os agentes sociais pensam, falam e como agem nas diferentes situações. Agentes sociais e políticos, as pessoas que constituem este universo esportivo também buscam concretização de interesses e projetos partilhados. Constroem trajetórias, criam reputações e planejam projetos esportivos, profissionais e de vida[7].

As análises aqui presentes utilizaram dados etnográficos e trajetórias esportivas de agentes sociais no *futebol de mulheres* no Brasil e nos Estados Unidos. Procuro compreender a produção de significados presentes nos mundos futebolísticos de mulheres a partir de Porto Alegre (RS, Brasil) e de Amherst (MA, Estados Unidos)[8]. Esses mundos futebolísticos se organizam em redes de contato que interligam agentes sociais em esferas locais, regionais, nacionais e até internacionais.

O universo futebolístico de mulheres é composto por homens e mulheres de diversas faixas etárias, que participam assumindo diversos papéis sociais descritos no decorrer desta pesquisa. A participação dentro desse universo, entretanto, é predominantemente realizada por mulheres jovens, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. Apresento nesta tese questões

7 Conforme Velho (2013), projeto e memória dão significado e ordenam a trajetória individual. O projeto é dinâmico, sendo reelaborado, revisado constantemente. Ele existe como maneira de expressar interesses, sentimentos e aspirações para o mundo.

8 Para entender um pouco sobre o local onde foi realizada a pesquisa nos Estados Unidos, conforme o *United States Census*, em 2010 o estado de Massachusetts tinha cerca de 6,5 milhões de habitantes. Em Amherst, a população era de aproximadamente 38 mil habitantes, com médias de idade entre 21 e 39 anos. Em termos étnicos, cerca de 76% da população era branca, sendo 9% asiática, 6% latinos, 5% preta, 0,21% indígena. A renda familiar média era de 50 mil dólares anuais.

referentes não apenas às jogadoras e suas trajetórias esportivas, mas também sobre o universo que influencia na produção de subjetividades e espaços de sociabilidade.

O presente texto se apresenta, portanto, uma compreensão antropológica do *futebol de mulheres* como fenômeno esportivo nas sociedades brasileira e estadunidense. Como norte deste texto, tento responder ao seguinte problema: Quais os significados que o futebol assume para as jogadoras de futebol inseridas nas culturas brasileira e estadunidense, em termos de trajetórias esportivas, projetos pessoais, subjetividades e sociabilidades?

De fortes influências culturais, tanto o universo brasileiro quanto o estadunidense apresentam particularidades em relação ao *futebol de mulheres* e suas práticas locais. Procuro, portanto, evidenciar que as leituras realizadas possuem interligação com aspectos nacionais e internacionais, em influências que não podem ser medidas pela métrica material, mas podem ser entendidas pela amplitude da articulação das redes estabelecidas entre os agentes sociais.

Neste trajeto, creio que a pesquisa seja um processo de descoberta de si e do outro. E não utilizo esta afirmação apenas como liberdade narrativa. Conhecer o universo esportivo implica também conhecer as cidades, os espaços e estabelecer uma relação com as pessoas que circulam nestes locais. O universo de jogadoras de Porto Alegre (RS, Brasil) e de Amherst (MA, Estados Unidos) foram acessados a partir da pesquisa etnográfica.

A descoberta dos agentes sociais, os locais de jogos, as competições eram parte de um universo de informações que foram sendo desveladas pouco a pouco. A construção do diário de campo foi um desafio de vieses, na busca por uma escrita descritivo-interpretativa que se apresentasse coerente. A vivência, as revelações, os desencontros, a angústia, o medo do desconhecido, a exploração de novos territórios geográficos e grupais[9]. Situar-se não é tarefa fácil, como diria Geertz (1989).

O conteúdo aqui exposto é resultante de uma etnografia ampla, realizada em diversos lugares e campos de futebol do Rio Grande do Sul, entretanto, aprofundada em uma das equipes porto-alegrenses. Este grupo representava informalmente o Sport Club Internacional, tradicional equipe de futebol de homens, que participa do Campeonato Brasileiro Série A. Em

9 A ausência de um protocolo de procedimentos e ação definidos requer bom senso na condução da pesquisa, pois não há uma clara delimitação prévia dos trajetos a serem caminhados e as interações estabelecidas. Após entender os princípios e mecanismos que constituem e organizam o grupo, penso que pude delinear um mapa hierárquico e político que me permitiu melhor entender suas ações (VELHO, 2013). Há, sim, um esboço inicial, mas seu sucesso ou insucesso dependem das aceitações ou recusas do grupo com o qual se dialoga.

2011, por exemplo, essa equipe estabeleceu uma parceria com a Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional, e por isso mantenho sua identificação ao longo do texto como Inter ou Internacional[10]. Acompanhei esta equipe com mais frequência entre 2011 e 2012. Nos Estados Unidos, concentrei meus esforços em acompanhar as atividades da equipe universitária de futebol apenas nos espaços circunscritos à Universidade de Massachusetts, na cidade de Amherst, durante a temporada esportiva de 2013/2014. No decorrer dos capítulos, trago relatos etnográficos, realizando a análise qualitativa dos dados produzidos.

Apresento também dados produzidos com a utilização de técnicas de pesquisa quantitativa, como uma enquete que visou identificar um perfil mais preciso sobre as jogadoras porto-alegrenses. Dentre outras técnicas também empregadas, realizei entrevistas semiestruturadas, sendo 12 delas realizadas no Brasil, entre 2012 e 2013, com pessoas que participam do *futebol de mulheres* como organizadores de eventos esportivos, profissionais da arbitragem, dirigentes de equipe, integrantes de comissão técnica, jogadoras e ex-jogadoras.

Nos Estados Unidos, realizei 13 entrevistas semiestruturadas entre 2013 e 2014, com profissionais da arbitragem, integrantes de comissão técnica e jogadoras de clube e da equipe universitária. No decorrer de ambos os processos etnográficos, entrevistas informais também foram realizadas com torcedores e parentes, assim como as observações anotadas no diário de campo.

A escolha das duas cidades para a realização da pesquisa possui motivos específicos. Em Porto Alegre, meu interesse foi instigado pela necessidade de pensar sobre a "tradição" das equipes de homens de Grêmio[11] e Internacional, em contraposição às equipes de mulheres que os representam informalmente, sem apoio institucional. Há diferenças de tratamento e de projeção entre as equipes de homens e mulheres, as quais resultam também de questões culturais. O interesse em estudar equipes de Porto Alegre também se refere à invisibilidade dessas equipes em termos institucionais no cenário nacional do *futebol de mulheres*, quando

10 A equipe do Internacional era assim conhecida também porque a dirigente e dona da "escolinha da Duda" jogava por esta equipe na época em que existia um "departamento feminino" do Internacional. Duda, ou Eduarda Luizelli é uma empresária porto-alegrense que possui com uma rede de escolas de formação futebolística para jovens. Nos anos 1990, ela participou da seleção brasileira adulta de futebol.

11 A equipe da escolinha de mulheres do Grêmio é considerada uma escola conveniada ao clube, que joga as competições municipais e estaduais, sem a constituição de um "departamento feminino". As jogadoras são menores de idade e participam de uma escola de formação que recebe do clube o campo para treinamentos, porém, sem a formação de uma equipe adulta, o que poderia resultar em possíveis ações trabalhistas.

em comparação com os centros de profissionalização no *futebol de mulheres*, mais organizados na região Sudeste[12].

Em relação ao Nordeste dos Estados Unidos, a região possui uma grande quantidade de população brasileira migrante e uma organização esportiva reveladora de um sistema educacional e esportivo considerado muito bem-sucedido internacionalmente. Além disso, os Estados Unidos aparecem como um sonho de realização profissional e como modelo de organização esportiva para diversas futebolistas brasileiras. Realizar um estudo comparativo entre ambos os grupos permite perceber as influências culturais e estruturais existentes.

O processo de entrada em ambos os universos futebolísticos exigiu paciência e dedicação para mapear instituições, agentes, lugares e temporalidades. Nos Estados Unidos, minha presença parecia ser incômoda, tanto pela falta de um domínio nativo da língua como pelas formalidades exigidas naquele ambiente institucional[13]. Minha interação mais próxima se realizou com duas famílias de jogadoras, que conversavam comigo durante as partidas e demonstravam intenso interesse pela pesquisa.

Apesar de ter me reunido com o técnico da equipe para explicar a pesquisa, nunca fui apresentada formalmente às jogadoras. Assistia aos treinamentos do banco de reservas e os jogos eram observados da arquibancada, junto aos torcedores. No início, as jogadoras me evitavam, talvez por receio, talvez por recomendação da comissão técnica ou por pensarem que seria uma perda de tempo. Em Amherst, senti-me no estágio em que Geertz (1989, p. 186) denomina como o "sopro do vento", definido como "(…) frustrante e enervante, em que se começa até a duvidar se se é verdadeiramente real (...)". Fiquei a pensar que uma temporada talvez tenha sido período insuficiente para gerar uma proximidade maior.

Enquanto para as jogadoras o banco de reservas pode ser algo assustador, um lugar onde elas não gostariam de estar, pois jogar significava visibilidade e probabilidade de aumento em suas bolsas, aquele era o meu lugar permanente. Em duas das entrevistas, inclusive, perguntei às estudantes-atletas por que nunca falavam comigo e se aquela era

12 A região Sudeste, em especial o estado de São Paulo, é considerado pelos agentes da capital sul rio-grandense como sendo concentradora de capitais e atenções midiáticas, evidenciando algumas das disparidades regionais do *futebol de mulheres*, que posteriormente serão abordadas com mais profundidade.

13 Ao iniciar a pesquisa nos Estados Unidos, enfrentei problemas com a difícil abertura do grupo. Os e-mails enviados ao técnico da equipe nunca foram respondidos, mesmo após ter sido apresentada pelo orientador americano. Por indicação de meu orientador americano, Todd Crosset, primeiro, assisti a um dos jogos da equipe. No dia seguinte, expliquei meu projeto ao técnico e informei que faria a observação dos treinamentos e jogos, e ao final da temporada, conversaria com as jogadoras.

alguma recomendação. Aparentemente constrangida, Geórgia me disse que era uma boa questão e nunca havia pensado sobre isso, pois nunca tinha tempo (sequer para pensar sobre aquilo). Daniela me disse que não poderia sentar e falar comigo, pois precisava impressionar a comissão técnica e estava se recuperando de uma lesão.

Minha adaptação à capital do estado do Rio Grande do Sul, embora já tivesse familiaridade com o território rio-grandense e sua cultura, também não foi tão simples. Porto Alegre é uma cidade extensa e as pessoas não eram muito receptivas. Também devido à falta de conhecimentos dos agentes sociais sobre mim, tive que investir bastante tempo na construção de redes de contato e amizade, as quais se tornaram fundamentais para a realização da pesquisa, possibilitando inclusive informações sobre as mudanças no calendário de jogos, os quais geralmente eram alterados sem avisos prévios.

Os convites para as entrevistas, tanto no Brasil como no exterior, foram realizados conforme obtive um melhor conhecimento sobre o universo de pesquisa, próximo ao final de cada temporada de jogos. As escolhas dos(as) interlocutores(as) tinham por objetivo serem representativas das dinâmicas sociais dos grupos, abrangendo as diversas realidades sociais que compõem o *futebol de mulheres*. Nesse processo, aconteceram também diversas entrevistas informais com outros(as) interlocutores(as), que incluem também organizadores, vendedores locais, seguranças, mães, pais, parentes e namorados(as).

Durante a elaboração desta tese, foram buscadas as significações e inter-relações entre agentes portadores de corpos eficientes e envolvidos neste universo esportivo – sejam eles homens ou mulheres (cisgêneros[14] ou transgêneros[15]). Na arena esportiva e social, transgêneros são pessoas ainda bastante invisibilizadas, por trazerem à tona o questionamento de diversas questões que estão ainda em trânsito[16]. Essas pessoas circulavam nesses espaços,

14 A separação entre homens e mulheres é trazida à reflexão por transsexuais. Conforme Love (2014), a rígida segregação por sexo, realizada pelo esporte, apresenta barreiras à participação de atletas transgêneros, devido à adoção de modelos esportivos competitivos baseados na separação binária dos sexos. A complexidade desta análise se refere a verificações anatômicas, cromossômicas e hormonais, bem como às construções da categoria de transgêneros social e historicamente. Love (2014) considera cisgênero as pessoas que se adaptam com o corpo e identidade de gênero de seu nascimento.

15 Sobre os transgêneros nos esportes, recomendo a leitura de Teetzel (2006), estudo que aborda os desafios de suas participações em níveis competitivos de elite, nos quais há o questionamento sobre as vantagens e desvantagens relativas ao sexo biológico de nascimento.

16 Jaiyah Saelua é a primeira jogadora profissional de futebol transgênero (BRIGGS, 2014). Nascida em 1988, com o nome Johnny, ela joga pela equipe de Samoa Americana. Ela foi a primeira transgênero a jogar partidas qualificatórias para a Copa do Mundo, em 2011. Ela se autodenomina fa'afafine, que é um terceiro gênero específico da cultura de Samoa. Fa'afafine significa "jeito de mulher" ou "feminina". Na Polinésia,

apresentando suas pluralidades. Suas diferenças iam além das delimitações de gênero ou de corpo, marcando a presença e a ação nestes espaços sociais.

Em relação ao *futebol de mulheres*, as questões sobre gênero e corpo talvez possam ser ainda mais complexificadas. No *futebol de mulheres*, existe uma constante tentativa de afastamento e aproximação em relação ao que possa ser considerado como masculinidade tradicional, assim como existem diferentes abordagens sobre o que é considerado fora dos padrões de feminilidade aceitáveis. Estas questões influenciam nas dinâmicas de relações entre agentes sociais e também serão abordadas em um capítulo específico.

O universo de pesquisa estudado apresentou-se como um espaço de inúmeras trocas de informações, expansão de compreensões e questionamento de certezas. Inclusive em relação à escrita, era constante e latente a dúvida entre o escrever ou o não escrever. Ou melhor, como evidenciar ou não as contestações, os descontentamentos, os desgostos, as injustiças e as disputas. E como partilhar também as alegrias? Como evidenciar os sentimentos e tudo aquilo que pertence ao universo subjetivo? Dúvidas sobre os destaques, bem como o questionamento sobre quais estratégias discursivas seriam utilizadas para apresentar os diversos pontos de vista existentes (que por vezes também eram conflituais).

Esta caminhada, não apenas corporal, do movimento do corpo de um local ao outro, foi tramada por inquietações e questionamentos surgidos no processo etnográfico. Em meio à busca por respostas, dentro de mim havia algo que indicava que, mesmo existindo incertezas sobre o ponto de chegada, neste trajeto seria inevitável lidar com sucessivas aberturas e fechamentos.

Minha presença e perguntas, por vezes, geravam curiosidade e até mesmo incômodo. Ao circular pelos espaços, em ambientes de informalidade, diversas tensões e cobranças foram geradas pela minha presença, havendo interlocutores que tentavam identificar em mim a imagem de aliada, inimiga ou indiferente aos seus planos e objetivos. Este julgamento, em parte, norteava sensivelmente suas condutas em relação a mim, abrindo possibilidades e também fechando portas.

Ao procurar esboçar um retrato dos grupos de pessoas com os quais convivi, indago-me em que medida sou eu que as mostro ou elas que aqui me revelam, facetas que se

---

pessoas fa'afafine nascem garotos, mas são levados a serem femininos e se dedicarem à família.

esparramam e que são recolhidas, deixando mostrar o que antes era imperceptível a olho nu. A partir de observação criteriosa e cercada por interrogações, procuro observar as propriedades socioculturais deste objeto, ainda envolto por muitas dúvidas, habitualmente presentes em toda pesquisa científica.

Meu interesse na pesquisa sobre mulheres e futebol se localiza inicialmente no Sul do Brasil, *lócus* de experiência esportiva e etnográfica. Participando de jogos de futebol e futsal desde a infância, cresceram em mim questionamentos que desaguaram no mundo acadêmico. Descobrir sobre o futebol e as pessoas que o constituem se tornou mais que curiosidade, cresceu em mim como uma necessidade de visibilizar este grupo.

Minha preocupação aqui é a de apresentar o universo do *futebol de mulheres* com suas contradições, porém, tentando driblar minhas próprias inabilidades de expressar claramente as complexidades deste grupo. Ao apreender este universo, o transmito com as lentes que o vejo, como alguém que também passou por diversas das situações citadas por interlocutores e interlocutoras com os quais conversei.

Com o intuito de esclarecer as motivações da pesquisa, revelo minha leitura, tradução e recriação deste universo a partir de minha posição como mulher, brasileira, branca, jovem, classe média, jornalista, cientista social e jogadora de futsal. Nascida e criada no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de Santa Maria, vivenciei experiências corporais e geográficas que se assemelham e diferem dos grupos com os quais dialogo. No decorrer deste texto, empreendo um grande esforço para me desvincilhar de discursos reproduzidos, os quais estiveram presentes nas falas de minhas interlocutoras e interlocutores, e em algum momento em meu próprio discurso e trajetória.

As considerações aqui presentes foram resultantes de observações de jogos pela televisão, em estádios, em parques e campos de jogos amadores, em quadras de futsal, em treinamentos de equipes, jogos de praças, de conversas informais, de entrevistas agendadas e de minhas próprias experiências. Nem todas constaram em diário de pesquisa, mas seu conjunto também integra este material. Foram quatro anos de intensa imersão, não apenas questionando o que havia neste futebol, mas também o que havia deste futebol em mim. Fazem parte desta construção o universo presente nas páginas, presente em mim e nos diversos agentes que compartilharam comigo suas experiências.

No Brasil, parte da minha pesquisa foi realizada na Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer de Porto Alegre. Minha entrada foi viabilizada pela apresentação realizada pelo pesquisador Mauro Myskiw[17], bem como pelo trabalho anteriormente desenvolvido por meu orientador neste órgão municipal. Além disso, realizei algumas incursões na Associação Gaúcha de Futebol Feminino, ampliando ainda mais o entendimento deste mundo futebolístico. Complementar à etnografia com a equipe do Inter, após ser aprovada em uma seletiva ou peneira[18] universitária, integrei durante dezoito meses a equipe de futsal que representa a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma equipe de alta performance.

Ao participar da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pude melhor observar a circulação de jogadoras entre as modalidades de futsal, futebol de campo e futebol *society* (também conhecido como "futebol sete"). Em treinos da UFRGS[19] e também em jogos recreativos semanais na Sociedade Hebraica[20], conheci jogadoras que integravam equipes nas quais realizei a pesquisa. Participar de atividades e observar em diversos locais foi importante na medida em que auxiliou a entender melhor o trânsito de participantes, bem como alargou os entendimentos sobre os diferentes grupos.

Na tentativa de expandir os entendimentos sobre o objeto de pesquisa, fiz uso de variadas técnicas de pesquisa e naveguei pelas informações disponíveis em matérias jornalísticas, arquivos pessoais, documentos institucionais, fotografias, vídeos, enquete e entrevistas. Em alguns me ative com mais profundidade, dedicando mais tempo; enquanto outros serviram apenas como suporte para descrições. A utilização de diversos instrumentos de pesquisa e das técnicas qualitativas e quantitativas foram esforços em produzir dados que ainda não existiam e reunir um número maior de informações para a análise.

Para a escritura da tese, recorri a uma coletânea de materiais organizados em um arquivo pessoal. Um arquivo com informações da pesquisa etnográfica sobre o *futebol de*

17 Myskiw (2012) realizou um trabalho nas ligas comunitárias do futebol de várzea de Porto Alegre para a tese apresentada no programa de pós-graduação da Educação Física da UFRGS.

18 As seletivas ou peneiras no *futebol de mulheres* geralmente possuem dois objetivos: 1) o recrutamento: selecionando as melhores para compor/reforçar uma equipe de elevado nível técnico 2) a formação: ampliação do elenco de uma equipe, na descoberta de novas jogadoras interessadas na modalidade, que passarão por um processo de treinamentos e aprimoramento da técnica.

19 De março de 2011 a agosto de 2012, participei como jogadora da equipe de futsal que representava a UFRGS em competições, realizando treinamentos duas vezes por semana.

20 A Sociedade Hebraica é um local onde são ofertados diversos esportes e há a possibilidade de aluguel da quadra de *parquet* para jogos. Ela se localiza na rua João Telles, no bairro Bom Fim, em Porto Alegre/RS.

mulheres porto-alegrense; um arquivo com a etnografia realizada nos Estados Unidos; um conjunto de e-mails em que enviei reportagens de internet; uma pasta de fotos e vídeos do processo etnográfico no Brasil e outra dos Estados Unidos. Fizeram ainda parte os documentos oficiais, tais como documentos institucionais da Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer de Porto Alegre (SME), da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), da Associação Gaúcha de Futebol (AGF), da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), da *National Collegiate Athletic Association* (NCAA) e da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA). Complementar a estes materiais, realizei a análise cotidiana de conteúdos de blogs de pessoas que comentam o *futebol de mulheres* e páginas de redes sociais de jogadoras, organizadores e profissionais que comentam a modalidade.

Ao reler as anotações de pesquisa e organizar o material coletado, inevitavelmente relembro as diversas mudanças na abordagem, bem como as indagações geradas por diferentes pessoas e anotações esparsas, desconexas e desorganizadas. Trazer todo o conteúdo para um único espaço exigiu não apenas organização, mas também seleção. Muitas situações vividas e informações a que tive acesso não foram selecionadas e aqui não estarão presentes.

A expansão das informações foi tamanha que tive que lidar com problemas surgidos com a falta de limites, num esforço para realizar a delimitação dos objetivos da pesquisa junto à contenção de minha curiosidade pessoal. Em certo momento da pesquisa, percebi que focar, delimitar e selecionar eram problemáticos. A pergunta que me perseguia era a de como apresentar as diferentes vozes e transformar em texto os diferentes formatos aos quais tive acesso. E não se trata apenas de olhos, ouvidos e corpo. São sentimentos, impressões, algo que vai além do registro.

Dentre as diversas dúvidas, uma certeza: a necessidade política de falar sobre o *futebol de mulheres*. E neste processo de encontros e de descoberta do *futebol de mulheres*, a escolha de abordagens e trajetos se tornou imprescindível. Confesso que realizei escolhas que nem sempre se mostraram as mais acertadas. De tempos em tempos, tive de realizar mudanças e ajustes. Durante essa intermediação, progrido e retrocedo, porém, sempre em tentativa.

Neste processo, o tempo foi inimigo, mas também guardião. Inimigo devido aos sucessivos acontecimentos no espaço de pesquisa, os quais por vezes resultaram em diferentes desdobramentos. Guardião, pois acredito que tudo possui seu tempo. O tempo de maturação,

minha, das ideias e das palavras escritas. Os fatos que foram se sucedendo, foram reforçando ou eliminando conceitos.

Ao passo que crio com letras que escolho à tela, reviso a mim mesma como sujeito posicionado. Como diria Bizerril (2004), é impossível abrir-se a este outro mundo de encontros e permanecer incólume. Artesã de frases. Minha mão toca o teclado e a tela fica repleta de subjetividades. Dedos batem novamente no teclado e vários dos escritos desaparecem. Escolho. Em alguns momentos permito que pontos finais se convertam em três pontos sucessivos, mas com as reticências não alcanço a total dimensão do que ainda precisa ser escrito.

A escolha entre dizer e calar, também pode ser política. E se por vezes expresso aderências à visão de mundo nativa, o faço sem negar também a necessidade de busca pela reflexividade (GEERTZ, 1989). Conforme Darbon (2011), o/a antropólogo/a não é apenas porta-voz das opiniões de seus interlocutores; ele/ela é responsável por formular uma interpretação coerente e aceitável.

Durante o processo de escrita, procuro trazer a densidade do discurso antropológico, sem negar a necessidade de fluidez do discurso e da leitura. Segundo Magnani (2009), faço um esforço para apreender os significados dos arranjos de interlocutores(as) e descrever este grupo à minha maneira, utilizando para a apreensão desta lógica o meu arcabouço teórico e sistema de valores e de percepção.

Meus interlocutores e minhas interlocutoras não pertencem a povos longínquos ou exóticos. Alguns viviam a poucos quilômetros de minha residência. Circulavam pelos mesmos espaços em que eu circulava, porém, realizando outras tarefas, relacionando-se com outros agentes que faziam parte do meu cotidiano. Frequentar os mesmos espaços, entretanto, não significa uma proximidade entre mim e eles, nossos encontros são resultantes de aproximações e afastamentos físicos e sociais.

Dentre aproximações e afastamentos, como pesquisadores, negociamos entre os interesses do grupo pesquisado e os da academia. Conforme Goldman (2006), somos aqueles que se encontram entre a teoria nativa (submersa nas vicissitudes diárias) e a teoria científica (que serve como parâmetro inicial, mas que deve ser entendida como suporte e não como moldura na qual se enquadrará tudo o que for vivenciado junto ao grupo). A delimitação da

área de atuação do/a antropólogo/a em meio urbano se torna fluida, misturando os trajetos da cotidianidade e os de pesquisa, realizando encontros entre os grupos, em contatos inesperados, muitas vezes sem avisos nem planejamento[21].

Na fase inicial da pesquisa em Porto Alegre, os jogos de *futebol de mulheres* me pareciam todos iguais. Tão iguais que constantemente me questionava o que de diferente havia, devido aos vários anos que estive em contato com a prática esportiva. No processo de pesquisa, bastante conflitual, tive que reavivar aspectos antes adormecidos, os quais eram indiferentes, e em grande parte passaram a ter mais significado após a pesquisa no exterior.

A princípio, este material, quando ainda em seu primeiro esboço, tinha como foco abordar apenas as trajetórias de jogadoras de futebol. Com o tempo, porém, oriunda das provocações de orientação, surgiu a necessidade de ampliar esta percepção, ao identificar a multiplicidade de agentes sociais que compõem este mundo futebolístico que pode ser chamado de "futebol feminino" ou *futebol de mulheres*. Homens e mulheres de diferentes classes, etnias, aspirações, etc. que jogaram ou ainda jogam futebol, ou que, mesmo sem praticá-lo, percebem-no como um espaço de entretenimento, empreendimentos ou interação.

O olhar que eu emprestava à interpretação dos fatos estava com lentes velhas, desgastadas, impedindo-me uma visão mais clara até mesmo do que eu própria havia escrito em cada narrativa de jogo. "Como ver? De onde ver? Quais os limites da visão? Ver para quê? Ver com quem? Quem deve ter mais do que um ponto de vista? Nos olhos de quem se joga areia? Quem usa viseiras? Quem interpreta o campo visual?" (HARAWAY, 1995, p. 28).

Vejo até onde minha visão permite, e onde não mais permite, utilizo de instrumentos que me permitam ampliá-la. Porém, as lentes que uso possuem graus e esses graus afetam também os limites de minha visão. A visão, não apenas orgânica, mas também metafórica, permite a leitura. Ler, não só ato físico, exige o uso de ferramentas cognitivas, bem como da subjetividade da interpretação[22].

---

21 Como diria Goldman (2006), "Parte da nossa tarefa consiste em descobrir por que aquilo que as pessoas que estudamos fazem e dizem parece-lhes, eu não diria evidente, mas coerente, conveniente, razoável. Mas a outra parte consiste em estar sempre se interrogando sobre até onde somos capazes de seguir o que elas dizem e fazem, até onde somos capazes de suportar a palavra nativa, as práticas e os saberes daqueles com quem escolhemos viver por um tempo. E, por via de consequência, até onde somos capazes de promover nossa própria transformação a partir dessas experiências" (GOLDMAN, 2006, p. 167).

22 "Escuridão a romper. Mudar o olhar já é mudar de caminho. Face ao enfado, à modorra, à monotonia cansativa, é preciso dar vitalidade ao olhar! Ou melhor ainda, um novo ponto de vista... Ver com os olhos livres! Outras perspectivas, multiolhares, plurivisões, polioculares. Sem fadiga nem presbiopia. Ver largo,

Exercitando a reflexividade, empreendi esforços na tentativa de modificar minha percepção. Para Fabian (1990), o Outro sobre o qual os antropólogos falam em seus relatos etnográficos não é encontrado, mas, sim, criado. A experiência da escrita, para Fabian (1990), não apenas cria apenas o Outro, mas também nos cria. É nossa escolha estar naqueles lugares em que estivemos, sobre falar daquele grupo, mas o fazemos com aquilo que somos no presente. Transformamos a experiência daquele tempo vivido, em conhecimento atual.

O processo de escritura e reescritura contínua demonstra que há sempre mais trabalho a ser feito no texto. Embora os padrões técnicos e a produtividade acadêmica exijam números, não se trata de uma questão de quantias de frases ou palavras que constem no texto. A quantidade de letras escritas se torna desimportante, enquanto as histórias ainda martelam na mente, sob a expectativa de serem reveladas. O sentimento de satisfação ao ver uma frase que apreenda o sentido mais preciso é de uma imensidão que não cabe na página. Neste processo de pesquisa, somam-se peles, conflitos, vidas e ampliam-se mundos.

A pesquisa, mais do que cansativa, foi recompensadora. Lidar com as situações que vivi em campos brasileiros, em alguns momentos, era um processo demandava mais energia do que a dedicação de diversas horas sob o sol forte, a chuva em dia frio ou a falta de alimentação durante várias horas. O mesmo havia me alertado uma jogadora, de que o jogo "fora das linhas" podia ser mais cansativo que jogar dentro delas. A frase dela se referia a um jogo social ao qual era necessária atenção e constante vigília em relação às ações empreendidas. Saber jogar "fora das linhas" era tão importante quanto dentro delas. Era necessário ir além das habilidades corporais expressadas dentro do tempo e espaço dos jogos[23].

Além de *Barbies* e ogras, outras diversas categorias nativas e relacionais diferenciam as jogadoras que participam do *futebol de mulheres*. No léxico nativo, enquanto as *Barbies* se aproximam bastante da noção de feminilidade hegemônica, as ogras podem ser sua completa

---

fundo e longe. Uma vez, cinco vezes, dez vezes, cinquenta vezes. A perder de vista..." (CORTELLA, 2013, p. 74).

23 Em relação à exposição dos nomes reais dos agentes sociais, intermedeio os interesses dos pesquisados com a minha preocupação em relação a efeitos indesejados sobre suas imagens públicas. Ora exponho nomes reais, ora fictícios, explicitando as escolhas. Mesmo tendo claro que a minha posição de antropóloga era conhecida pelos interlocutores, considero que nem sempre agiram pensando que suas ações poderiam ser interpretadas da forma aqui exposta ou que constariam em documento público. Além disso, seus interesses eram diferentes dos meus, e suas manifestações, apesar de públicas, interessam pela significância do conteúdo.

negação. A tensão existente não apenas em termos de identidades de gênero, mas também de padrões de excelência performática, formam o emaranhado de significados que compõem esse universo e o extrapolam.

Com o intuito de apresentar o universo futebolístico de mulheres, no primeiro capítulo da tese, proponho uma virada terminológica e também uma mudança de perspectiva, do "futebol feminino" para o *futebol de mulheres*. Explico o porquê dessa mudança conceitual e apresento as diferenças entre as mulheres, demonstrando que, longe de ser uma categoria universal, o termo "mulheres" deve abranger aspectos plurais. Este é um futebol composto por mulheres que exercem diversas funções sociais, que pertencem a diferentes classes, com diferentes idades e posições de destaque nos grupos esportivos dos quais participam. Essas mulheres se emocionam, transformam seus corpos, estão em movimento e também utilizam o esporte para se empoderar[24].

Ainda no primeiro capítulo, explico como o termo *futebol de mulheres* rompe com a noção de feminilidade tradicional, abrindo espaço para que mulheres possam expressar diferentes feminilidades e masculinidades, constituindo um mundo futebolístico que não se encaixa na noção do futebol espetacularizado (DAMO, 2007). Neste sentido, exponho e contraponho o que chamo de "discurso das ausências", o qual promove o apagamento de riquezas deste futebol repleto de particularidades, com a imposição dos valores pertencentes ao complexo esporte-mídia-comércio (MESSNER, 2002).

O segundo capítulo tem como objetivo refletir a relação entre as mulheres e as inadequações em relação às matrizes futebolísticas dos homens, e por isso apresento as diferenças históricas, promovidas por cerceamentos sociais e governamentais. Ainda, comento sobre o papel das diferentes agências esportivas no *futebol de mulheres* e o papel das legislações brasileira e estadunidense no benefício ou instauração de um complexo esportivo que se adapte também às necessidades de um *futebol de devir.*

No terceiro capítulo, apresento os diferentes mundos futebolísticos de mulheres. Inicialmente, apresento as particularidades do mundo profissional e do participativo, as quais

24 Conforme Cornwall (2013), não existe uma única maneira de produzir em todas as mulheres um efeito de maior controle sobre suas vidas, o que costumeiramente é entendido como empoderamento. Não pretendo aqui entrar no questionamento sobre a amplitude da expressão, entretanto, deixo claro que faço uso da expressão "empoderamento" entendendo-a como o sentimento de alívio das pressões exercidas por estruturas ou práticas de poder que oprimam a pessoa.

não se referem apenas à forma de organização, mas por vezes também às regulações do tempo e dos corpos. No quarto capítulo, caracterizo o *soccer* profissional e o universitário estadunidenses, os quais possuem mais semelhanças ao futebol espetacular de homens, em termos de regulação do tempo e dos corpos.

No quinto capítulo, descrevo os diferentes espaços da prática esportiva e as formas de organização e seleção de jogadoras porto-alegrenses. Apresento também alguns dos agentes sociais que o constituem, tais como organizadores de competições, dirigentes e arbitragem.

No sexto capítulo, apresento a etnografia realizada no *futebol de mulheres* porto-alegrense. Para isso, dados produzidos em uma enquete realizada com jogadoras porto-alegrenses em 2013. Apresento um futebol de improviso, bastante criativo e imprevisível, de uma bricolagem feita com o que há de disponível: um futebol que brinca e ri consigo mesmo, mas que também é capaz de formular duras autocríticas.

No sétimo capítulo, abordo a importância das famílias no futebol. No *futebol de mulheres,* há a produção da *família esportiva*, grupamentos importantes na educação dos gostos, gestos e também comportamentos. Participar dessas famílias não apenas dá uma noção de pertencimento, mas também pode servir de estímulo para a continuidade da prática do futebol. Nessas famílias é imprescindível o respeito pela diversidade religiosa, onde se forma uma comunhão de sentimentos e se aprende a jogar diversos outros jogos existentes fora do campo, que incluem rivalidades e amizades.

O oitavo capítulo trata sobre os elementos que inserem as jogadoras em jogos generificados, também importantes quando se pensa em práticas esportivas realizadas por mulheres. Abordo neste capítulo questões referentes a masculinidades, feminilidades e tensões entre sexualidade e gênero. Entre identidades nem sempre estáveis, as jogadoras negociam consigo e com os demais agentes sociais, em busca de visibilidade.

O nono e último capítulo apresenta-se como uma síntese de questões importantes tanto no futebol de Porto Alegre como de Amherst. Nos Estados Unidos, por exemplo, encontra-se um futebol bastante regrado, com um mundo futebolístico organizado, que envolve uma indústria de projetos familiares e muitos investimentos. Este mundo futebolístico não apresenta as desigualdades sociais que estão latentes no Brasil, mas evidencia as diferenças trazidas pela senioridade.

1. O UNIVERSO DO *FUTEBOL DE MULHERES*: SUPERANDO A INVISIBILIDADE E A FEMINILIDADE TRADICIONAL

Universo de tensões e de expressão das vivências humanas, a área esportiva carrega consigo importantes aspectos a serem interpretados em relação às diferentes culturas. O esporte constitui diferentes universos, localizados histórica e geograficamente. Os praticantes, assim como os teóricos que as interpretam, não são ilhas, e, portanto, influenciam e são influenciados por uma multiplicidade de modos de vida que se encontram e interagem entre si, como dito por autores clássicos como Geertz (1989) e Clifford (2008).

A prática esportiva está relacionada também com o cotidiano dos agentes num sistema complexo de criação e interpretação de símbolos e práticas ligadas a aspectos socioculturais (GUEDES, 1982). Ocupando espaços públicos, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, a presença de mulheres em campo mobiliza suas plateias (mesmo que ainda não seja na quantidade por elas desejada) e movimenta um universo de símbolos e significados em relação às suas práticas.

No Brasil, desde a abertura democrática, tem sido cada vez mais construída a necessidade de ampliação e ratificação do direito de espaços para as mulheres na arena esportiva. Entretanto, essa reivindicação se refere não apenas à quantidade, mas à qualidade desses espaços, ou seja, conferindo-lhes visibilidade. O *futebol de mulheres* revela questões ainda mais profundas que a aparente exclusão da mulher dos espaços esportivos, tal como a

necessidade de maior participação delas nos jogos de poder existentes e de suas participações não apenas como jogadoras.

Gostaria, portanto, de esclarecer que não estou pensando as mulheres no futebol, temática ainda mais ampla. Estou refletindo sobre o *futebol de mulheres*, do qual inclusive participam homens. O *futebol de mulheres* é um espaço de prática futebolística e sociabilidade no qual predominam as mulheres, mas elas não são exclusividade. O termo, como será explicitado no decorrer do capítulo, visa escapar às armadilhas que acompanham a noção de "futebol feminino", pois este tende a ser pensado quase que exclusivamente na perspectiva de gênero e, sobretudo, de uma perspectiva normativa hegemônica, como a outra face do futebol (do "masculino", bem entendido). Neste primeiro capítulo, dedico espaço para, primeiramente, expor o porquê da utilização de um termo que percorre toda a tese: o *futebol de mulheres*. Para isso, realizo uma reflexão sobre a necessidade do uso do termo no Brasil, tendo como suporte para esta construção as teorias de Louro (2001), Krane (2001), Brah (2006), Strathern (2006) e Engh (2011).

Na segunda seção deste capítulo, demonstro a importância das mudanças terminológicas. Após explicitar o porquê da utilização do termo *futebol de mulheres*, explico que o termo "mulher" não pressupõe uma categoria universal, havendo a necessidade de complexificar o debate com as desigualdades entre as mulheres estudadas. A utilização dessa expressão favorece uma desindexação dos valores e pensamentos provenientes do futebol de homens, desobrigando as pessoas a pensarem segundo esse referencial. As referências ao futebol de homens, dessa forma, serão feitas apenas quando pertinentes.

A seguir, explico questões referentes à matriz futebolística espetacular (DAMO, 2007), que, a partir da leitura de Dunning e Maguire (1997) sobre o futebol em outros países, pode auxiliar a entender por que no Brasil esse esporte também se constitui como uma "área reservada masculina". Enquanto no Brasil há esse recorte de gênero acentuado, Moura (2003) afirma que, nos Estados Unidos, o *soccer* pode ser pensado como "área reservada feminina", e esta questão é abordada no decorrer da tese. Destaco, portanto, que, ao contrário da expressão "futebol feminino", quando falo em *futebol de mulheres*, pretendo destacar as riquezas deste futebol, que está ainda a fazer-se e a definir-se – daí porque também utilizo a expressão *futebol de devir*. Dessa forma, ao invés de olhar este futebol a partir da subserviência ao

futebol de homens ou exclusivamente pelo viés presente no "discurso das ausências", pretendo ressaltar sua diversidade e afirmá-lo antropologicamente.

1.1 DO FUTEBOL "FEMININO" AO FUTEBOL "DE MULHERES"

Mundo futebolístico de produção e reprodução de significados, o *futebol de mulheres* é também um espaço de transformação das relações de gênero e expressão de contestações. Este espaço esportivo, devido a questões históricas e organizacionais, ainda está em constante mudança, resultando em lutas por espaços sociais em diversas porções do globo terrestre. Abordar esse mundo de diversidades futebolísticas é um desafio, sujeito a erros e a constantes reformulações, pois ainda fluido.

Nesta seção, realizo um esforço explicativo em responder o porquê da preferência pela utilização da terminologia *futebol de mulheres* ao invés da expressão "futebol feminino", embora esta última ainda seja frequentemente utilizada pela mídia tradicional[25], pelos organizadores e pelas próprias jogadoras de futebol no Brasil. A virada conceitual, aqui proposta, inclui a mudança terminológica. Mais do que mudar os termos, o que se pretende é mudar a perspectiva.

Nesta tese, ao invés de ignorar ou até mesmo negar este futebol, apresento outra visão possível. Penso este universo futebolístico a partir de outro horizonte, realizando uma dissociação das categorias já instituídas. Empreendo um esforço de mudança dos termos, pois a etnografia revelou uma polifonia que não cabe na visão circunscrita e estreita utilizada em grande parte dos estudos acadêmicos já publicados. É necessário descolar-se da visão atual para entender os mundos futebolísticos de mulheres que até hoje não foram contemplados em sua diversidade.

O termo *futebol de mulheres* se relaciona a um universo complexo e heterogêneo, permeado por trocas entre pessoas de diferentes classes, etnias, gêneros e religiosidades, no interior desta coletividade. Ou seja, entendo o termo "mulheres" como abrangendo corpos e subjetividades de sujeitos que não são neutros, abstratos e nem universais.

---

25 Considero tradicional a mídia *mainstream*, para o grande público, tais como os canais abertos e veículos de comunicação de maior abrangência. Existem também outras coberturas, as quais não são objeto dessa tese.

Esse futebol não é um futebol "das" mulheres, elas não o possuem e não são apenas elas que o compõem. Neste universo transitam não apenas mulheres, mas também homens que realizam investimentos de tempo, dinheiro ou emoções. O futebol é "de" mulheres, porque essa prática assume diferentes significados e suas condições materiais e sociais são diferentes, precisando se adequar ou se recriar. É um futebol que não se enquadra nas análises apenas adaptadas do futebol de homens; é um novo mundo[26] que se apresenta, no qual as mulheres não são intrusas, mas participantes ativas.

A mudança aqui apresentada não é gratuita. A alteração de termos é uma escolha política, de valorização de práticas esportivas dissonantes (CAMARGO, 2012)[27] realizadas por futebolistas brasileiras, baseada na literatura sobre gênero e na premissa antropológica da diversidade. As implicações do uso deste conceito vão além da mera alteração terminológica, ampliando o entendimento sobre a proeminência e o protagonismo de mulheres.

Para melhor entender as questões que embasam este argumento, deve-se considerar que, no processo de produção de uma jogadora de futebol brasileira, há claramente duas barreiras a serem transpostas: 1) as referentes ao ingresso e continuidade nesta prática esportiva (e aqui gênero é fundamental, pois esse impedimento inexiste para a maioria dos homens)[28] e; 2) as que envolvem a prática do futebol profissional (implicando outros fatores relacionados ao modelo esportivo adotado, bem como discordâncias e concordâncias nem sempre explícitas).

Neste momento, conceituar gênero é imprescindível, na medida em que essa categoria assume relevante significado na prática do futebol por mulheres brasileiras. Conforme Furlin (2014, p. 125), "o conceito de gênero tem a ver com relações de poder e com a construção sociocultural do masculino e do feminino, que ocorrem por meio de dinâmicas culturais

26 O conceito de mundo futebolístico, que elaboro a partir de Becker (1977), será abordado no capítulo 3.

27 Conforme Camargo (2014), pode-se entender as *práticas esportivas dissonantes* como sendo aquelas que problematizam o jogo e as corporalidades normativas. Esses corpos dissonantes desviam das normas instituídas de sexualidade, estética ou eficiência nas sociedades ocidentais. Fornecem aos esportes, portanto, a possibilidade de discussão de categorias como sexo/gênero, normalidade/anormalidade, eficiência/deficiência e assujeitamento/subversão. Em sua pesquisa, Camargo (2014) utiliza o termo *práticas esportivas dissonantes* para se referir a sujeitos que participam de competições esportivas não convencionais, tais como as Paralimpíadas e Jogos LGBT. Para Camargo (2014), essas performances apresentam potencial disruptivo, provocando releituras em relação ao que está instituído, e podendo até mesmo propor novos modelos de prática esportiva que potencializem a equidade de chances entre as práticas de "homens", "mulheres", "gays", "lésbicas", "pessoas trans","cegos", "idosos", "indígenas" e "negros".

28 Deve-se, entretanto, lembrar que, mesmo nas práticas futebolísticas realizadas por homens, nem todas as sexualidades, corporalidades e práticas de performance de gênero são aceitas.

inscritas em discursos, representações simbólicas e práticas sociais". Essas representações são produzidas e ressignificadas por instituições, símbolos, normas, conhecimento, leis e políticas de uma sociedade.

Os estudos de gênero destacam a importância das relações entre os sexos[29]. Nesse processo de valorização da categoria, pode-se destacar a importância de algumas referências internacionais que pensam sobre o papel da mulher na sociedade, tais como a obra de Gayle Rubin, intitulada *Traffic on women: Notes on the "Political Economy" of Sex*, de 1975[30]. Rubin (1975) analisou o sistema sexo/gênero e a gênese da subordinação social das mulheres[31].

Gênero é uma categoria importante não apenas para o entendimento da sociedade, mas também das relações entre sujeitos esportivos. Para Goellner (2013), o esporte não é apenas uma prática social sexuada, é também generificada (com masculinidades e feminilidades históricas e provisórias). Para ela, os estudos feministas permitiram outros pontos de vista sobre o esporte, ao invés da hierarquia biológica instituída entre homens e mulheres (de gestualidade, representações de saúde e beleza historicamente construídas)[32].

O desenvolvimento dos estudos sobre gênero nos permite perceber, conforme Stolke (2000), que gênero não é uma categoria uniforme, e, portanto, varia de uma língua a outra, de cultura a outra e na maneira como é vivenciado. A autora afirma que o controle do corpo é

29 Os estudos de gênero começaram com acadêmicas interessadas no feminismo e na minimização das desigualdades entre homens e mulheres. Para Machado (1998), gênero é um conceito libertador, que reivindica o simbólico, no sentido em que descola as mulheres da categoria de "segundo sexo". A relação assimétrica entre homens e mulheres tem sido diminuída não apenas com reflexões, mas ações e reivindicações.

30 Pode-se ressaltar a importância de outros estudos que também questionavam a ordem vigente, tais como a obra da autora francesa Simone de Beauvoir, filósofa e feminista que produziu a obra *O segundo sexo*, publicada em 1949. Beauvoir (1967) cunhou a célebre frase que amplia do plano biológico para o social a explicação sobre o que é ser mulher: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino" (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

31 Ainda, nos estudos brasileiros, a partir da década de 1990, pode-se evidenciar também a importância dos conhecimentos trazidos pela historiadora Scott (1995), os quais serviram como referência no entendimento de gênero como uma categoria analítica.

32 Goellner (2013), afirma haver duas vertentes sobre masculinidades e feminilidades: o determinismo biológico (que universaliza homens e mulheres, construindo masculinidades e feminilidades a partir de estereótipos) e os estudos feministas (em que marcadores sociais como etnia, geração, sexualidade, religião e classe social distinguem homens e mulheres).

uma das raízes da subordinação da mulher nas relações de poder entre os sexos, seja em relação à sexualidade ou à força de trabalho.

A mudança terminológica para *futebol de mulheres*, aqui presente, pretende abordar amplamente questões referentes a sexo, sexualidade e gênero no esporte, de maneira a abranger a multiplicidade de significados presentes. Ela é colocada como uma reflexão à noção de "feminino", abrangendo também as feminilidades e masculinidades expressadas em jogos realizados nos diversos mundos futebolísticos.

A necessidade de problematizar a expressão "futebol feminino" surgiu a partir das reflexões incitadas pelo percurso etnográfico de pesquisa, em contato com as jogadoras de futebol de campo em Porto Alegre (RS) e demais agentes sociais que participam deste grupo. Falar sobre *futebol de mulheres* é não apenas lidar com os discursos produzidos *pelas* mulheres, mas também lidar com os discursos construídos *sobre* as mulheres[33].

Quando aqui altero a denominação para *futebol de mulheres*, o faço de maneira consciente, pensando que existem diversas formas de se entender o que é ser mulher nos esportes. Durante a etnografia e processo de orientação da tese, foram trazidos aspectos que me fizeram repensar o uso dos termos. Essa mudança se faz importante na medida em que entendo o *futebol de mulheres* porto-alegrense como um *futebol de devir*, que requer um olhar diferente.

Ao participar da rotina da Associação Gaúcha de Futebol Feminino (AGFF), por exemplo, percebi a presença de discursos sobre o "feminino" que, a partir das entidades promotoras esportivas, ressaltavam a necessidade de manutenção da "vaidade" e da "natureza feminina" das jogadoras. A conformação à heterossexualidade e a uma feminilidade tradicional era vista como formas de apresentar uma imagem pública melhorada das equipes, havendo uma pressão implícita visando à adequação a esse padrão, principalmente em equipes que recebiam patrocínios.

Não se pode medir até que ponto a pressão social é determinante nos comportamentos e vestimentas dessas jogadoras. Entretanto, não se pode desconsiderar que assumam relevância na identidade do grupo e aceitação social. Algumas jogadoras porto-alegrenses

33 Existe ainda um longo caminho para a diminuição dos preconceitos e da resistência em relação às mudanças sociais e esportivas. Não se pressupõe que esta leitura sobre o termo seja a única ou que seja definitiva. A contestação proporciona uma forma de diálogo entre as diferenças, permitindo mudanças e adaptações aos novos contextos sociais e históricos.

utilizavam acessórios e adereços que transmitiam uma ideia de que, "apesar de jogarem um esporte masculino, podiam ser femininas", ou seja, conformavam-se também a padrões de feminilidade tradicional. O desconforto às vezes era evidente, quando se sentiam forçadas a se adequar à norma.

Considero que, mesmo quando conformadas aos padrões de vestimentas, as práticas corporais destas futebolistas podem subverter a feminilidade heteronormativa, expondo protagonismos presentes nos corpos e subjetividades, ocultados pela mídia tradicional e de pouco conhecimento do público em geral. Ao enfrentar as dificuldades para superar estereótipos e lutar por igualdade de direitos e oportunidades, não apenas se empoderam, mas demonstram que ainda há um caminho longo na diminuição das desigualdades existentes em relação à participação das mulheres na área esportiva.

As práticas sociais e interações realizadas por estas jogadoras, mesmo que mediadas pela tecnologia, são realizadas por corpos. São esses corpos, repletos de potencialidades que estão à mostra, que chutam bolas, caem e levantam. São corpos que ocupam espaços públicos e privados, constroem e derrubam fronteiras físicas ao ecoarem gritos, ao se chocarem, se cumprimentarem, se abraçarem, etc. Embora não se enquadrem aos anseios da mídia tradicional em termos de sensualidade, apresentam performances admiráveis do ponto de vista de domínio das técnicas futebolísticas.

Neste sentido, é importante destacar a visibilidade das mulheres como sujeitos políticos, pois, apesar de terem corpos anatomicamente diferentes dos homens, este argumento está longe de justificar as desigualdades de oportunidades proporcionadas a ambos. Em relação ao universo esportivo, deve-se evidenciar que há um empoderamento das mulheres enquanto praticantes, em que masculinidades e feminilidades alternativas se tornam emergentes, transgredindo as hegemonias e mesclando-se nas performances apresentadas. Dentro dos vários mundos futebolísticos, há questões a serem apresentadas, as quais possuem características semelhantes e diferentes, tais como as presentes no circuito de futebol porto-alegrense de várzea praticado pelos homens[34], bem como à noção de espetáculo em nível

34 Myskiw (2012) realizou uma pesquisa multi-situada no circuito municipal de várzea de homens de Porto Alegre, encontrando que o circuito varzeano é uma construção polifônica, implicada nas tramas e dramas do cotidiano urbano. É nesse circuito que as normas institucionalizadas são flexibilizadas, permitindo a dinâmica plural dos acertos e diversos arranjos possíveis.

nacional. Um espaço esportivo em que a realização de projetos depende das circunstâncias materiais disponíveis e da apreensão de experiências culturais históricas particulares.

Além da questão relacionada à imposição de uma feminilidade tradicional, as jogadoras devem se conformar às divisões pelo sexo. Na atual organização do sistema esportivo adotado pelos organismos internacionais[35], mulheres e homens são classificados conforme a divisão entre naipes, os quais são denominados masculino (para homens) e feminino (para mulheres)[36]. Entretanto, conforme Butler (2003), pode-se entender que o corpo não é natural, mas sim, um conjunto de fronteiras socialmente construídas e mantidas.

O uso dos corpos nos esportes ainda envolve discussões sobre as políticas de adequação desses corpos às normas instituídas, em parâmetros que os uniformizam. Para Engh (2011), o esporte é um espaço que perpetua discursos da naturalidade do privilégio e dominação dos homens na sociedade.

> Enquanto estão no campo de futebol, as mulheres têm a oportunidade de agir e se comportar de formas que não se 'ajustam' aos ideais heterossexuais femininos. Velocidade, força e competitividade não são características que são facilmente acoplados com a feminilidade convencional, mas como jogadoras de futebol as mulheres possuem (temporariamente) permissão para manifestar sua força física e poder. Assim, o campo de futebol se torna um espaço em que é aceitável para as mulheres 'agir como homens' (ENGH, 2011, p. 149, tradução minha)[37].

Os argumentos utilizados para a separação entre homens e mulheres se justificariam em um suposto aumento de oportunidades para as mulheres[38], promovendo, entretanto, ganhos atléticos aos homens. Ao considerar as mulheres como mais fracas (devido a questões

35 Entenda-se aqui os organismos internacionais tais como Comitê Olímpico Internacional (COI) e FIFA.

36 A noção de feminino e de masculino é anterior ao esporte, mas foi nele naturalizada com a criação de naipes, nos quais estão embutidas as ideias de masculinidade e feminilidade normativas. Com exceção do hipismo (ROJO, 2007), do automobilismo e algumas categorias da vela, modalidades mediadas por animal ou veículo, as mulheres são consideradas incapazes de competir em paridade. Já os homens são impossibilitados de praticar a ginástica rítmica e nado sincronizado.

37 Trecho original: “While being on the soccer field, women get an opportunity to act and behave in ways that do not ‘fit’ with heterosexual feminine ideals. Speed, strength and competitiveness are not characteristics that are easily coupled with conventional femininity, but as soccer players women are (temporarily) allowed to manifest their physical strength and power. As such, the soccer field becomes a space in which it is acceptable for women to ‘act like men’”.

38 Embora existam discordâncias em relação às diferenças de tratamento entre homens e mulheres, a separação entre sexos não é questionada no mundo futebolístico brasileiro. São raros os posicionamentos que advogam em favor de um futebol misto na fase adulta. Foca-se em diferenças de acesso, incentivo e organização.

biológicas, tais como a testosterona), nivela-se todas por um padrão androcêntrico e excluem-se as mulheres com corpos/biologias mais semelhantes aos de homens atléticos[39].

A potencialidade das mulheres é cerceada por argumentos biológicos e por medos de exposição a danos físicos ou desvantagens competitivas. Entretanto, cabe lembrar que existem outras formas de separação competitivas específicas existentes dentro das modalidades, tais como as separações por peso e as separações por idade (infantil, juvenil, adulto, master), as quais são aplicadas a cada sexo, separadamente.

Ser homem ou mulher é um processo. No esporte, um processo mediado por regras e expectativas sociais, que impõem cerceamentos e regulações.

> As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas (LOURO, 2001, p. 9).

Embora o sexo possa ser modificado por meio das tecnologias médicas, ainda persiste a imposição da necessidade de identificação e definição entre um sexo ou outro, até mesmo com a utilização de testes hormonais. A obrigatoriedade deste teste em mulheres, como no caso da corredora indiana Dutee Chand[40], é realizada com o suposto objetivo de prevenir possíveis trapaças, mas delimitam o que é ser mulher no esporte, com a utilização de padrões que as distanciam de suas próprias biologias.

Pode-se perceber que no corpo esportivo residem os princípios da diferenciação social (GOELLNER, 2007). Entretanto, não se pode negar que o gênero também seja utilizado para marcar inadequações e promover impedimentos. Embora se saiba que o sexo depende de diversos fatores que não apenas o sistema binário e que pode haver as influências genética, epigenética e ambiental, as organizações esportivas, tais como a FIFA, ignoram essa diversidade.

---

39 Conforme Machado (1998), a noção universal de mulher ou de homem (em que havia uma supremacia dos homens), foi superada pelo entendimento de que o gênero é uma construção social mutável e constantemente reconstruída.

40 Dutee Chand é uma corredora indiana de 19 anos que foi impedida pela Federação Internacional de Atletismo (IAAF) de participar de competições internacionais, pois os níveis de testosterona em seu organismo foram considerados acima dos "normais" para mulheres. Às mulheres que possuem hiperandrogenismo, são apresentadas apenas duas opções: tratamento (hormonal ou cirúrgico) ou parar de competir. Entretanto, Dutee não fez uso de *doping* e essa testosterona foi produzida por seu corpo.

Conforme o regulamento da FIFA, as competições promovidas pela entidade são divididas em grupos específicos, por sexo e idade, para assegurar um mesmo nível competitivo para todos os participantes. De acordo com as *Regulações de Verificação de Gênero FIFA*, os hormônios androgênicos promovem ganhos de força, potência e velocidade, influenciando no resultado do jogo. A partir do regulamento aprovado pelo Comitê Executivo da entidade e implementado desde junho de 2011, no período anterior à convocação das seleções nacionais, recomenda-se que estas se assegurem em relação ao "gênero correto" das futebolistas e investiguem qualquer "desvio" das características secundárias. Além disso, as jogadoras que venham a levantar "suspeitas" podem ser "investigadas" mediante solicitação encaminhada por outras federações nacionais.

Conforme relembra Salas (2015), em 2011, três jogadoras da Guiné Equatorial foram submetidas a exames médicos. Em 2013, a atacante sul-coreana Park Eun-Sun, que tem 1,82 metro de altura, teve que se submeter a exames de verificação de gênero para participar das competições em seu país. Os exames envolvem análise de históricos médicos, níveis hormonais, diagnósticos, tratamentos e descobertas recentes. Conforme o regulamento da FIFA, caso se negue a fornecer os documentos ou se submeter a exame físico, a jogadora sofre medida punitiva de suspensão dos jogos e competições internacionais.

Ser mulher no esporte não é apenas ter os órgãos sexuais referentes ao sexo que consta no registro civil, é algo a mais. Entretanto, nos aspectos oficiais da área esportiva, a denominação de homem e mulher está ligada a uma unidade biológica baseada em caracteres fisiológicos, tais como hormônios e morfologia do corpo, os quais são utilizados como base para a certificação que consta no registro civil. Ou seja, parte-se do pressuposto de que o sexo esteja ligado à materialidade. Dessa forma, a inclusão de jogadoras transsexuais é ainda difícil e lenta, embora se percebam avanços no uso de terapias hormonais ou técnicas cirúrgicas[41].

Moraes (1998, p. 100) afirma que, "em outras palavras, o que chamamos de homem e mulher não é o produto da sexualidade biológica, mas sim de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder". Ser mulher é extrapolar a biologia e sentir-se mulher, o que é resultante de processos de construção e reconstrução da identidade dos sujeitos. Ser mulher no

41 As técnicas cirúrgicas na "normalização" das funções de corpos foram abordadas na tese de Machado (2008) sobre a interssexualidade, propiciando a reflexão sobre os diferentes saberes biomédicos e critérios de classificação de sexo que podem gerar ambiguidades e tensões. As categorias sexuais dicotômicas levam a "correções" e regulações que incitam debates ético-teóricos.

esporte (e por que não?) é abrir-se a um mundo de novas possibilidades e escolhas em espaços esportivos nos quais diversas fronteiras podem ser superadas.

As ideologias que constroem e representam a mulher como biologicamente inferior, portanto, devem ser questionadas (BRAH, 2006)[42]. Ser mulher é algo que varia conforme as diversas articulações sociais, as quais abrangem complexas dimensões.

> O signo 'mulher' tem sua própria especificidade constituída dentro e através de configurações historicamente específicas de relações de gênero. Seu fluxo semiótico assume significados específicos em discursos de diferentes 'feminilidades' onde vem a simbolizar trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais históricas particulares (BRAH, 2006, p. 341).

De acordo com Brah (2006), o poder é constituído de performances realizadas em práticas econômicas, políticas e culturais, havendo uma intersecção entre os múltiplos lugares de poder. A autora lembra que, pela perspectiva foucaultiana, até mesmo os discursos são práticas, e ressalta que, quando a prática é produtiva de poder, ela pode enfrentar as práticas opressivas.

O enfrentamento de uma posição subordinada se refere também à superação do entendimento de que a força é algo que está apenas no biológico. Neste mesmo sentido, Freitas (2008) afirma que a naturalização das diferenças biológicas entre homens e mulheres é prejudicial[43]. Para Freitas (2008), haveria o que Bourdieu chama de "*double bind"*, ou seja, agir como mulheres as incapacita; e agir como homens lhes retira os atributos de feminilidade.

As masculinidades e feminilidades, como exposto a seguir, são visíveis nos signos ligados à estética ou aos corpos, estando presentes em práticas relacionais. As jogadoras que adentram a determinadas áreas esportivas são geralmente percebidas como masculinas e consideradas como o oposto do que se esperaria socialmente de uma mulher. Visibilizar os fazeres de mulheres que adentram a esta área é visibilizar empreendimentos que objetivam projetos de curto ou longo prazo, envolvendo tempo, dinheiro e sentimentos.

---

42 Complementando esse pensamento, para Strathern (2006), pensar sobre o lugar das mulheres é pensar sobre os fundamentos da sociedade. "As convenções sociais são vistas como muito impregnadas pelos valores apropriados e criados mais propriamente por um sexo que pelo outro, revelando uma dupla arbitrariedade: a sociedade é convenção, e é convencional que os homens nela sejam proeminentes" (STRATHERN, 2006, p. 70).

43 A exemplo disso, Freitas (2008) relembra que algumas jogadoras de futebol aceitam serem chamadas pelo nome/apelido de jogadores renomados, e ao reproduzirem trejeitos masculinos, são questionadas em relação a suas identidades de gênero e sexuais.

Neste trajeto, tensionar as palavras, bem como o nome das coisas e das práticas, reflete a necessidade de um cuidado na construção das representações históricas dos grupos e os efeitos de realidade produzidos. As diferentes percepções e expressões de masculinidades e feminilidades podem e devem ser percebidas, assim como as transformações pelas quais passam ao longo do tempo, interpenetrando-se conforme os diferentes contextos.

A imposição de uma feminilidade tradicional às mulheres em termos de aparência e de excelência atlética ligada ao masculino ainda gera confusões sobre como a mulher pode se apresentar em posições atléticas de alto desempenho. Enquanto para as mulheres há a pressuposição da dúvida quanto à (hetero)sexualidade, aos homens praticantes desses esportes ainda é imperativa a presunção de heterossexualidade.

Apresentar-se como fora da norma é como estar fora da lei, uma lei nem sempre explícita. É como se a união de homossexualidade e masculinidade fosse inconcebível quando associadas a homens esportivos, enquanto para as mulheres o esporte seria atividade perigosa ao colocá-las em contato com o masculino (possivelmente suscitando novas leituras sobre os gêneros)[44].

As mulheres que agem com independência, coragem e manifestam-se são aquelas que desafiam a feminilidade tradicional. Desafiar as normas, porém, pode não ser um bom negócio. Krane (2001) afirma que a mulher feminina e heterossexual recebe mais atenção da mídia, apoio de fãs e sofre menos discriminação.

Krane (2001) expõe quais seriam as características que se esperam de mulheres conformadas a essas imposições: "Características da feminilidade hegemônica incluem ser emocional, passiva, dependente, maternal, compassiva e gentil. Por outro lado, a força, competitividade, assertividade, confiança e independência são características da masculinidade hegemônica" (KRANE, 2001, p. 117, tradução minha)[45].

---

44 Chan-Vianna (2010, p. 2) relata que, em um Centro Esportivo no subúrbio do Rio de Janeiro, "Apesar de uma grande demanda interessada pelo esporte, o futebol para mulheres no CE havia estado na iminência de terminar em razão de acusações morais que davam conta da proliferação de comportamentos homossexuais, inadequados para a formação de jovens meninas e para o ambiente sadio do local. O resultado dessa tensão foi a saída das mulheres mais marcadamente estigmatizadas e a ascensão de nova liderança na turma, que atendia às condições de imagem feminina imposta pelos agenciadores do local". Não foram excluídas as homossexuais, mas assumiram mulheres de classe socioeconômica mais favorecida, de acordo com feminilidade tradicional (vestimenta, vocabulário, valores e atitudes).

45 Trecho original: "Characteristics of hegemonic femininity include being emotional, passive, dependent, maternal, compassionate, and gentle. On the other hand, strength, competitiveness, assertiveness, confidence, and independence are characteristics of hegemonic masculinity".

Deve-se, portanto, repensar qual é a noção de "feminino" utilizada para falar sobre a mulher esportiva. Até o momento, as noções de masculino e feminino são avaliadas principalmente de acordo com a noção estética, impondo padrões que, quando não são seguidos, resultam em violências físicas e/ou simbólicas infringidas a praticantes de determinadas práticas esportivas.

Neste sentido, a expressão *futebol de mulheres* se propõe a abarcar a diversidade deste grupo heterogêneo e ampliar as percepções sobre as ações das mulheres no esporte, indo além das noções tradicionais de feminilidade que associam a elas atributos contrários à força, potência e vigor (DEVIDE, 2005). A participação das mulheres no futebol tensiona, penetra e impacta na reconstrução das masculinidades.

A utilização da expressão "de mulheres", explicada nesta seção, proporciona também uma reflexão à corriqueira utilização da expressão "meninas", quando referente às mulheres que realizam a prática. Mesmo que grande parte das jogadoras sejam mulheres jovens, o frequente uso da expressão "meninas" está ligado à noção de uma feminilidade normativa, em que a atleta representa a fragilidade de alguém que requer cuidados e atenção de outro mais experiente (e no futebol, historicamente, seriam homens). "Meninas" porque mulheres jovens são consideradas desejáveis, carregando com essa juventude os signos da beleza e do desejo.

Desassociando-se dessa visão sexualizada da mulher, relato uma situação presenciada num dos jogos pelo campeonato Municipal de Porto Alegre. Em uma conversa informal entre amigas, três jovens de uma equipe comunitária estavam nas arquibancadas do campo Ramiro Souto, no parque da Redenção[46] comentando sobre outras equipes, as partidas do dia e outros temas variados. Após alguns minutos de conversa, uma senhora visivelmente com mais idade e masculinizada que elas se aproximou, saudando o grupo com um alegre: "Olá, meninas", e recebeu como resposta "Aqui não tem meninas.. só tem mulher, e com M maiúsculo".

A resposta das jovens, naquele momento, parecia grosseira e descontextualizada. Sem saber o histórico que as levava a responder daquela maneira, fiquei a refletir sobre o uso das expressões utilizadas para nomear aquelas jogadoras. Embora até as jogadoras veteranas sejam chamadas de "meninas" ou "garotas", este uso aparenta ser uma forma de amenizar a carga semântica que a expressão "mulher" pode trazer.

46 Parque da Redenção ou Parque Farroupilha é um parque na região central de Porto Alegre, o qual possui espaços para a prática esportiva e de lazer. Nele há também um campo onde são realizados jogos de futebol.

Neste sentido de adequar-se ao emprego de termos, é interessante perceber que algumas equipes brasileiras nomeiam-se ou tem seus elencos nomeados pela imprensa com nomes ligados à noção de uma feminilidade tradicional, a exemplo: Sereias da Vila (Santos – SP), Meninas da Águia (São José dos Campos – SP) e Meninas do Esquadrão de Aço (Bahia – BA). Os nomes tentam evocar juventude com a palavra "meninas" ou beleza e sensualidade com "sereias". Tratá-las como "Meninas" é uma condição que as fragiliza, pois as coloca sob a necessidade de serem supervisionadas. Entendê-las como sereias lhes fornece o estatuto de seres sobrenaturais que exacerbam uma feminilidade tradicional (evocando uma sexualidade heteronormativa).

Entretanto, há outras equipes que evocam características interessantes do reino animal, tais como Abelhas Rainha (Picos – PI), Leoas da Lusa (Portuguesa/São Paulo – SP) e Lobas (EC Pelotas/Phoenix/Pelotas - RS). Pode-se perceber que, nesses casos, são ressaltados atributos de força e comando, tal como a liderança das abelhas (abelhas-rainha, porque dominam o território). Ainda, as leoas ou lobas evocam o perigo de seres selvagens, predadores que se encontram no topo da cadeira alimentar e comandam o mundo animal. No mesmo sentido, com características consideradas positivas no meio esportivo, estão também as Guerreiras Grenás (Ferroviária/Araraquara – SP).[47]. O termo "guerreira" se refere à superação de adversidades (tais como as reafirmadas no "discurso das ausências", que a seguir será discutido, ressaltando a falta de recursos materiais, de patrocinadores e da formação de bases atléticas). Ser guerreira é algo que empodera as mulheres por seus fazeres, conferindo-lhes o reconhecimento de serem competentes para o combate, seja nos frontes de guerra ou nos campos de futebol.

O futebol é este espaço polissêmico onde as relações de gênero são reconstruídas, onde as mulheres ocupam um lugar assimétrico, que apresenta as porosidades das fronteiras de gênero. De acordo com Abouna e Lacombe (2008), o gênero é uma construção reflexiva, de processos móveis e re-ajustáveis. Para os autores, a presença das mulheres no esporte provoca a releitura e o requestionamento da dominação de uma masculinidade tradicional e homofóbica. Dessa forma, as dinâmicas do gênero são complexificadas e conduzem à renegociação de estatutos e papéis menos assimétricos.

47 A atribuição de "guerreiras" estava também presente nos gritos entoados por integrantes das torcidas porto-alegrenses.

> Porque o espaço do futebol está longe de ser assexuado, ele também participa, e talvez de maneira paradoxalmente forte, da distinção homem/mulher; a prática pelas mulheres se nutre muito provavelmente também das dimensões masculinas propostas de maneira indiferenciada no seio deste espaço. No entanto, prerrogativas masculinas estão longe de serem aquisições universais e imutáveis (ABOUNA e LACOMBE, 2008, p. 12, tradução minha)[48].

A autonomia das opções individuais está também relacionada com as opções disponíveis e aceitáveis naquele meio social. A escolha em apresentar-se em um determinado gênero também envolve as negociações cotidianas relativas ao poder. A reprodução da feminilidade tradicional, por exemplo, tem sido associada à heterossexualidade e, em alguns casos, serve como forma de acesso a regalias ou oportunidades.

Krane (2001) cita três tipos de grupos de atletas que desafiam a feminilidade hegemônica: 1) as atletas fisicamente mais musculosas (geralmente mais confiantes e com mais autoestima); 2) as feministas (sugerindo mudanças na ênfase em relação à vitória, ao elitismo, à hierarquia de autoridade, à exclusão social e aos estereótipos corporais); e 3) as lésbicas (combatendo o heterossexismo, padrões de dieta, peso e aparência).

Para evitar a discriminação com base em premissas de masculinidade e lesbianidade[49], as atletas aprendem a apresentarem-se de modos socialmente aceitáveis (KRANE, 2001). As mulheres precisam balancear entre o atleticismo masculino e a aparência feminina; entre terem músculos, mas não serem muito musculosas. As medidas e intensidades não são rígidas, mas são importantes para moderar as expressões. "Por um lado, a prática de atividades esportivas é empoderante, mas manter uma conduta feminina aceitável é desempoderante" (KRANE, 2001, p.116, tradução minha)[50].

O diálogo com autores e as observações etnográficas me fazem perceber que, embora a expressão "futebol feminino" ainda seja muito comum na cobertura midiática, nos órgãos governamentais e também entre as jogadoras, a mudança do termo se apresenta como algo propício, tendo em vista as novas configurações sociais, de entrada das mulheres em esferas

48 Trecho original: "Parce que l'espace du football est loin d'être asexué, il participe aussi, et peut-être paradoxalement de manière forte, à la distinction homme/femme; la pratique par les femmes se nourrit très probablement aussi des dimensions masculines proposées de manière indifférenciée au sein de cet espace. Cependant, les prérogatives masculines sont loin d'être des acquis universels et immuables".

49 Utilizo o termo lesbianidade por pensar que se adapta mais à mudança proposta desde a década de 1990, quando da mudança de homossexualismo para homossexualidade. Aplico a mesma alteração para o termo lesbianismo, por pensar que a relação entre duas mulheres expressa uma dentre as possíveis sexualidades.

50 Trecho original: "On one hand, engaging in athletic activities is empowering, yet maintaining an acceptable feminine demeanor is disempowering".

antes interditas. O papel das mulheres atualmente é mais amplo do que apenas a histórica imposição da maternidade e da manutenção da reprodução biológica da espécie humana.

O universo esportivo futebolístico é, em sua maioria, pensado de maneira tradicional, indexada, remetendo a uma literatura acadêmica sobre gênero que ainda é repleta de dicotomias. Estes padrões tradicionais são frequentemente apresentados de maneira binária e oposta, servindo para a classificação de certo ou errado e para a rotulação de indivíduos. São utilizadas noções de masculinidades e feminilidades estáveis e fixas, corporificadas em termos de modos de agir, comportar e vestir, as quais merecem ser repensadas.

Quando se utiliza a expressão *futebol de mulheres,* está-se procurando ampliar os entendimentos sobre os fazeres destas mulheres e suas corporalidades. A mulher entendida como fêmea, receptáculo da feminilidade tradicional e sujeitada a conformar-se a preconceitos que a subjugam como ser inferior, mais fraco e delicado, contrasta com a figura "guerreira" de mulheres que adentram o universo esportivo de forma competitiva.

Com base em argumentos antropológicos, a expressão *futebol de mulheres* é apresentada como uma alternativa de pensamento em relação às mulheres no futebol, as quais podem expressar masculinidades e feminilidades que se afastam ou se aproximam das noções hegemônicas/tradicionais que lhes são impostas socialmente.

A mudança da expressão para *futebol de mulheres* ressalta elementos que permanecem invisibilizados, refletindo sobre as mudanças de nosso tempo em relação às práticas realizadas. Na tentativa de adotar um olhar distanciado, o uso de uma linguagem que tenha o compromisso com a diversidade é fundamental para a emancipação dos sujeitos. É possível realizar pesquisas que pensem esse universo futebolístico de mulheres a partir dele próprio, sem associá-lo ao futebol de homens ou utilizar suas categorias.

A minimização do preconceito abarca a mudança de termos, conceitos, práticas e também legislações. Permitir às jogadoras direitos e liberdades que as valorizem auxiliará para que suas performances não permaneçam apenas nas sombras, e assim possam ser admirados os seus protagonismos.

A amplitude do termo *futebol de mulheres* se desvela no universo de práticas possíveis, de masculinidades e feminilidades em trânsito. As práticas esportivas, portanto, lidam com diferentes poderes, presentes também no uso vocabular. A seguir, exponho alguns

argumentos que me fazem perceber a necessidade da mudança de terminologias que, por se tornarem naturalizadas no decorrer da história, provocam desconforto quando repensadas.

1.2 *FUTEBOL DE MULHERES*: A MUDANÇA DE TERMINOLOGIAS E DE PERSPECTIVAS

Assim como existe uma dominação oculta que é realizada pela palavra, pode-se perceber que as desigualdades entre os gêneros estão presentes nas linguagens cotidianas, onde ser "mulherzinha" pode ser sinônimo de fraqueza e descrédito. Conforme Scott (1995), "(...) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado" (SCOTT, 1995, p. 88).

O poder existente na questão do gênero pode ser percebido de diversas formas, como na linguagem, na educação, nas moralidades e na organização social que afetam os cotidianos. Os corpos das mulheres, por exemplo, são educados conforme uma pedagogia cultural que as ensina como agir, comer, falar de forma "adequada" (ANDRADE, 2003).

Para explicar o porquê da mudança terminológica proposta, aproprio-me de alguns conhecimentos que auxiliam a entender a importância do uso dos termos em nosso cotidiano. Dentre os conhecimentos que articulam a noção do poder, penso que Foucault (2000) expõe bons argumentos sobre os regimes de verdade existentes em cada sociedade. Este autor afirma que os regimes de verdade variam conforme os discursos adotados e um conjunto de regras que informam *o que* pode ser dito e *por quem*, desqualificando os demais pela coerção.

Conforme Foucault (2000), não se pode negar, portanto, a existência de um caráter violento das relações de poder na constituição dos sentidos entrelaçados à trama histórica. O poder, segundo o entendimento foucaultiano, é circulante e não localizável. Ele está sempre em construção e movimento, nas práticas dos sujeitos. Não há um dono específico do poder, pois ele é constantemente exercido em micropráticas existentes em todo o corpo social. Os sistemas de poder produzem e apoiam a "verdade", a qual produz efeitos de poder[51]. Poder

51 Pode-se entender que a verdade é poder e está vinculada a formas de hegemonia sociais, econômicas e culturais (FOUCAULT, 2000). A verdade é centrada no discurso científico e produzida predominantemente por grandes aparelhos políticos e econômicos. Dessa forma, mesmo com o choque de interesses, é possível a criação de uma nova política de verdade, a qual pode ser construída com o intuito de revelar mudanças.

este que influencia as práticas. Ainda pensando com Foucault (2000), poder-se-ia afirmar que, tal como as práticas discursivas, as práticas corporais (e esportivas) são uma modalidade de discurso.

A germinação do debate aqui exposto é essencial ao cenário acadêmico brasileiro no intuito de visibilizar as desigualdades geradas tanto pelo discurso quanto pela adoção de modelos esportivos excludentes. Sem entrar no mérito da discussão sobre o falso ou verdadeiro[52], penso que, ao se considerar a língua como uma estrutura social, pode-se perceber como ela limita e modela os padrões de pensamento, junto com a cultura (WOOD, 1999). Língua e cultura são alteradas no decorrer do tempo, e, portanto, deve-se também refletir sobre os fazeres sociais e suas nomeações.

Ao longo da história, conforme Souza (2008), a dominação de povos foi feita também pelo domínio linguístico, revelando as diferentes relações de força existentes entre os grupos sociais. Entretanto, não é necessária a imposição de uma nova língua para que se excluam de maneira sutil determinados grupos sociais. As palavras variam seus sentidos conforme as determinações ideológicas produzidas em certo contexto sócio-histórico, formando identidades e situando os interlocutores em uma posição social. Mudanças linguísticas, portanto, podem ser um reflexo de modificações na estrutura social. Conforme Souza (2008, p. 30), "a escolha de certas palavras e construções muitas vezes é também uma forma de limitar o acesso a certos discursos para, assim, marcar ou esconder certas relações de força".

Ainda segundo Souza (2008), a linguagem não é neutra de efeitos. Ela é responsável pelo controle, diferenciação, coação, exclusão e inclusão. As estratégias do uso da linguagem estão ocultas em seu uso cotidiano, sendo raramente questionadas, pois geralmente estão imobilizadas e/ou inacessíveis. A dominação e exploração exercidas por grupos de poder são ocultadas, estando presentes em representações coletivas e determinando as visões de mundo dos sujeitos.

52 Sobre a questão do verdadeiro e do falso, Foucault (2004, p.6) posiciona-se da seguinte forma: "Certamente, se nos situamos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas se nos situamos em outra escala, se levantamos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se".

A importância da língua e de seu uso possui o poder de definir como um grupo viverá. Esta língua, assim como os sujeitos e suas culturas, sofre a influência de diversos fatores, de mudanças tecnológicas e diversas outras alterações conjunturais (econômicas, educacionais, midiáticas, etc). É com base na língua que se escreve a história dos diferentes povos; e não apenas isto, mas inclusive a maneira como eles serão vistos por outros povos e por eles próprios.

O discurso elaborado sobre as coisas, e também sobre os diferentes grupos, é base do argumento aqui considerado[53]. A respeito das futebolistas brasileiras, por exemplo, pode-se perceber que suas práticas foram invisibilizadas por muito tempo, tornadas periféricas, ficando à sombra da historiografia esportiva (GOELLNER, 2005). Refletir sobre suas práticas e sobre a maneira como estas mulheres são socialmente (in)visibilizadas é, portanto, fundamental. Dessa forma, indago o constante emprego de termos familiares ou corriqueiros sem a devida reflexão das consequências desta reprodução. Destaco aqui a necessidade de perceber a linguagem e seu uso como algo que não é neutro e que demanda atenção.

O termo "futebol feminino" não se adapta à multiplicidade de expressões de masculinidades e feminilidades presentes no futebol, invisibilizando estas expressões pela padronização imposta em relação à matriz futebolística hegemônica (DAMO, 2007)[54]. Em relação às atletas e aos enfoques dados pelas mídias tradicionais, o estudo de Knijnik e Souza (2007) constatou que elas são apresentadas como símbolos sexuais, com trajes sensuais e papel de esposas ou mães. São valorizados nestas jogadoras os atributos referentes à feminilidade; ou seja: unhas, cabelos e roupas justas. "Os discursos midiáticos reforçam o constrangimento e a polícia de gênero vigente no esporte, ao transmitir valores e concepções

53 Para Hall (2002), o discurso não é apenas uma maneira de retratar a realidade social, é também uma maneira de abordar um tema, bem como as suposições que o rodeiam e os conhecimentos gerados. Dessa forma, deve-se ter atenção para não reproduzir estereótipos relacionados a gênero e sexo, perpetuando estereótipos que deveriam ser criticados.

54 Em sua tese, Damo (2005) buscou compreender a diversidade de futebóis, e não apenas o futebol como algo universal, sem diferenciações, como estava presente nas primeiras obras publicadas sobre o tema. Para tanto, Damo (2005) propôs o entendimento sobre quatro matrizes futebolísticas (de rua, bricolada, comunitária e espetacularizada) e diferenciou quatro categorias de agentes no futebol espetacularizado. O estudo de Damo (2007) amplia o entendimento de Toledo (2002) em relação aos agentes que atuam na matriz espetacular, trazendo a importância de: profissionais (jogadores, técnicos, preparadores, árbitros), especialistas (do ramo jornalístico), torcedores e dirigentes. A pesquisa de Damo (2005) foi importante no sentido de entender as variações existentes nas diferentes matrizes futebolísticas de homens, entretanto, sua análise desconsiderou as particularidades presentes no *futebol de mulheres*. Conforme Damo e Oliven (2014), o futebol espetacularizado é aquele jogado em estádios, por profissionais treinados e remunerados, com cobertura midiática e destinado ao consumo de torcedores.

que acabam sendo preconceituosos em relação às atitudes no contexto esportivo" (KNIJNIK; FALCÃO-DELFINO, 2010, p. 178)[55].

A noção de valor empregada para retratar as mulheres no esporte pode extrapolar o valor monetário e os valores perpetuados pelo mercado. Embora pratiquem um futebol com as mesmas regras dos homens, pode-se pressupor que a sua produção seja feita por corpos diferentes e produza um resultado diferente. Essa diferença, entretanto, é geralmente valorizada na sexualização do corpo "feminino".

A valorização do "masculino" no esporte, e principalmente no futebol brasileiro, é evidente. Enquanto o futebol é (sub)entendido como o futebol (de campo) "masculino", outros futebóis precisam de adjetivos que os qualifiquem (por exemplo: "feminino", de areia ou sete). A diversidade ainda não conquistou o seu espaço, está a tatear, a encontrar as brechas para que possa também mostrar seu *valor*. E qual seria o *valor* da mulher esportiva? Seriam valores diferentes dos que na atualidade são considerados positivos?

> (...) o esporte praticado por homens é considerado comum, ou seja, quando a reportagem é sobre homens não é preciso indicar se é feminino ou masculino, porque está implícito; já o esporte praticado por mulheres não é visto da mesma forma e a indicação de que se trata de esporte feminino aparece na maioria das reportagens. Assim, existe o futebol, e o futebol 'feminino'; o handebol e o handebol 'feminino', como se não fossem os mesmos esportes, disputados sob as mesmas regras e condições (KNIJNIK e SOUZA, 2007, p. 43).

Rial (2013) afirma evitar o uso da expressão "futebol feminino" para se referir ao futebol praticado por mulheres porque considera que o futebol é o mesmo, sem uma mudança substancial. Em verdade, entendo o que Rial (2013) quer dizer, mas acredito que se deva evidenciar que as diferenças entre ambos são significativas em relação aos pontos de vista social, organizacional, econômico e cultural. Dessa forma, gostaria de frisar que a mudança terminológica é importante na medida em que amplia a reflexão sobre essas diferenças, sem obrigatoriamente ler estas práticas esportivas a partir das visões já existentes.

A adoção de uma nova terminologia, como o uso da expressão *futebol de mulheres,* visibiliza os fazeres realizados pelas mulheres que participam deste mundo futebolístico, sem se ater aos gêneros que sejam postos em ação, dentro e fora dos campos de jogo. A visibilidade e a livre possibilidade de expressão empoderam estas mulheres, ampliando as

55 Conforme Rial (2013, p. 125), no futebol, reafirma-se a classificação da sociedade patriarcal brasileira, que faz das mulheres esposas (com ênfase na maternidade) ou prostitutas (com ênfase na beleza e sensualidade).

percepções sobre o que é ser mulher no esporte. Neste trajeto, reitero novamente, há a necessidade de desindexação da matriz futebolística espetacular. Deve-se repensar o pressuposto de que o "futebol masculino" é bem-sucedido e de que ele se resume apenas a sua versão espetacular. Existem vários "futebóis" dentro do que genericamente se entende como "o futebol", seja ele brasileiro, estadunidense ou localizado em outras regiões do planeta.

As mulheres que criam novos modelos e novas imagens de horizontes esportivos desafiam uma das principais fontes do poder masculino, que liga o poder físico à masculinidade. O empoderamento se dá ao aprender a prática, questioná-la, reinventá-la, sentir o prazer da conquista, realizar feitos históricos, construir narrativas individuais e grupais e compartilhá-las com outras pessoas. "Elas têm se empoderado precisamente pela aprendizagem de *como* fazer com confiança e bem as coisas que eram muito experimentais e apreensivas, e suas habilidades são uma importante fonte dos prazeres que derivam do jogo" (WHITSON, 2002, p. 234, grifo do autor, tradução minha)[56].

O jogo dentro e fora das quatro linhas é influenciado também pela maneira como essas mulheres são descritas, como se percebem e são percebidas pelos demais agentes sociais. Esta virada conceitual não se apresenta apenas terminológica e teórica, mas de um posicionamento político que faz uso de um novo jogo de linguagem, em benefício de grupos contra-hegemônicos. Esta alteração se encontra inicialmente no plano discursivo, mas como todo discurso, segundo uma visão foucaultiana, implica relações de poder.

O uso e a função das palavras nos jogos de linguagem, dessa forma, são considerados importantes, colocando-nos dentro ou nos retirando do jogo. Os jogos de linguagem, portanto, tal como os jogos de poder, influenciam nas práticas dos indivíduos e possuem repercussões. Em relação ao atual uso do gênero na expressão "futebol feminino", portanto, as implicações não são apenas polissêmicas, mas também práticas. As mulheres que realizam esta prática esportiva são avaliadas conforme papéis sociais de gênero que determinam o que é ser mulher e como uma mulher deve se portar ou agir no modelo esportivo atual. Modelo esportivo, este, no qual se tenta "encaixar" o *futebol de mulheres* e padronizá-lo, acumulando frustradas tentativas.

---

56 Trecho original: "They have been empowered themselves precisely through learning *how* to do confidently and well things that they were once very tentative and apprehensive about, and their skills are an important source of the pleasures they derive from the game".

1.3 *FUTEBOL DE DEVIR*: SUPERANDO A SUBSERVIÊNCIA AO FUTEBOL ESPETACULAR

Quando digo haver uma subserviência ao futebol espetacular, não me refiro apenas ao *futebol de mulheres*, mas aos demais futebóis que se colocam à sombra deste futebol que tem como principal objetivo a geração e sustentação de um mercado que envolva uma grande quantidade de valores monetários e simbólicos[57]. O futebol espetacular é na atualidade tratado como referencial de qualidade, entretanto, ao colocá-lo em destaque, a diversidade de futebóis é posta em segundo plano, é esmaecida.

Tentar definir o *futebol de mulheres* com precisão é tarefa que pode resultar em diversas tentativas improdutivas. As categorias estão em constante transformação neste *futebol de devir*[58], o qual ainda descobre suas potencialidades. O *futebol de devir*, portanto, deve ser entendido como esse futebol em construção, instável, que está a se refazer. Esclareço, entretanto, que não considero o futebol espetacular como algo congelado, imutável e estático; mas o considero estabilizado institucionalmente, em contraste com os outros futebóis. Dessa forma, o *futebol de mulheres* brasileiro, assim como o mundial, tensiona propostas de adaptação ou reformulação dos modelos esportivos já existentes, provocando aberturas.

Conforme Dworkin e Messner (2002), o esporte é uma produção cultural e comercial, organizada para fazer dinheiro e vender a masculinidade para os homens. Para Dworkin e Messner (2002), as resistências são originadas por ligas atléticas comunitárias, as quais promovem mudanças nas instituições que as oprimem. Nas agências que reproduzem o *status quo*, entretanto, suas ações e corpos são conformados às ordens estruturais de gênero que as oprimem. Entretanto, não se entenda essa opressão como algo que suprime totalmente a subjetividade dessas mulheres. Embora possam não estar em conformidade com a passividade, fraqueza e docilidade, estas mulheres contestam e renegociam o gênero.

---

57 Gostaria de esclarecer que, embora a hegemonia do futebol espetacular de homens possa refletir em certos prejuízos à visibilidade ou apreciação de outros esportes brasileiros, aqui quero reiterar os argumentos relacionados à questão de gênero no futebol.

58 Me inspiro, de certa forma, em uma noção de devir que se aproxima à citação de Deleuze e Parnet (1998, p. 10): “Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão 'o que você está se tornando?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio”.

Poder-se-ia ir mais além e pensar que o modelo esportivo espetacular valoriza a ideia do *self-made-man*, com a produção de celebridades (que vendem suas imagens de acordo com os padrões de beleza e sexualidade em vigor), apresentando corpos sarados e produzidos a partir de conquistas individuais bem-sucedidas, às custas de horas extras de trabalho para a obtenção deste ganho (DWORKIN; MESSNER, 2002).

Neste sentido, as mulheres esportivas desafiam os limites vitorianos do uso do corpo em espaços públicos, mas, para ter o corpo desejado, precisam redobrar seu trabalho ou ter uma estabilidade financeira que permita dispor de tempo livre para a atividade física. Para Messner (2002), os ganhos atléticos (de curto prazo) põem em risco a saúde de longo prazo. O treinamento de alto rendimento pode não ser saudável, mas raramente é questionado. Messner (2002) questiona se os valores individualistas, do desejo de estar no topo, seriam os que realmente deveriam ser incentivados em termos esportivos, para ambos os sexos.

Messner (2002) afirma que o centro esportivo é onde estão o poder, o status, a excitação e os recursos. Esse centro esportivo é mantido por práticas e discursos. Dessa forma, para fazerem parte do centro esportivo, as mulheres precisam: 1) se adequar às regras do jogo já existentes; e 2) além de apresentar habilidades atléticas, serem atrativas sexualmente, para se afastarem dos temores de masculinização. Conforme Messner (2002), "Claramente, há interesses arraigados (comerciais, masculinos, brancos e heterossexuais) que responderam aos desafios de uma forma que, em grande medida, mantiveram o centro institucional e cultural do esporte intacto" (MESSNER, 2002, p. 137, tradução minha)[59].

No futebol e em outros esportes de impacto ou confronto, a masculinidade é considerada um baluarte a ser defendido. Conforme Dunning e Maguire (1997), o futebol pode ser considerado *área reservada masculina*, em países como a Inglaterra. Embora concorde que estes espaços sejam propícios à reprodução de masculinidades específicas, prefiro percebê-los como espaços que contestam por liberdades e espaços, relacionados à criação do novo, nem sempre visibilizado.

O argumento de que o futebol seria uma área reservada masculina deve ser visto de forma contextual. Nos Estados Unidos, por exemplo, Moura (2003) afirma que o futebol seria

59 Trecho original: "Clearly, there are entrenched interests (commercial, masculine, white, and heterosexual) that have responded to challenges in ways that have largely held sport's institutional and cultural center intact".

"área reservada feminina", onde o futebol é "coisa pra mulher", estando consolidado no ambiente universitário e tendo sido elevado ao nível profissional a partir da medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, e da Copa do Mundo de 1999, nos Estados Unidos.

A apresentação das mulheres como ídolos esportivos é ainda muito nova. As mulheres que tentam adentrar a uma "área reservada masculina" (DUNNING; MAGUIRE, 1997) precisam superar adversidades e mediar entre as pressões sociais, familiares e midiáticas. O reconhecimento de suas práticas nos âmbitos local, nacional e internacional abrange questões sociais e culturais de extrema relevância no esporte:

> Quanto mais mulheres ingressarem no mundo do futebol como jogadoras e torcedoras, a associação entre esporte e masculinidade vai desaparecer. Algum interesse dos homens pelo futebol vai definir quando o esporte perder sua característica de 'reserva masculina' mas outros apreciarão o futebol ainda mais, como uma oportunidade para reunião de família, ao invés de atrito (LEVER, 1983, p. 193).

Conforme Damo (2007), o futebol espetacularizado ou de matriz espetacular é organizado globalmente pela FIFA e suas afiliadas, com divisão social do trabalho e exigência de performances excelentes de quem a pratica. Essa matriz é hierárquica e possui separações como A, B, C ou 1ª, 2ª e 3ª divisões, que permitem o equilíbrio de forças e trazem tensão aos jogos.

Ao utilizar a definição de Damo (2007), poder-se-ia até mesmo tentar "encaixar" o *futebol de mulheres* como sendo um híbrido entre as matrizes espetacularizada e a comunitária (também chamada de futebol amador ou várzea). Porém, este é um universo movediço e recente, o qual não é espetacular pelo parâmetro de Damo (2007), pois não adota a gramática universal de disposições da prática e não possui clara divisão social do trabalho. Possui sua própria gramática, em que a noção de espetacular não está ligada apenas à estrutura midiática ou de especialistas, mas à excelência performática.

Pode-se dizer que, no Brasil, o futebol é um esporte ligado a uma masculinidade hegemônica, tradicional e idealizada, com forte ligação à atividade performática de espetáculo. Para participar desse tipo de espetáculo, há um protocolo de ações que devem ser seguidas, as quais restringem a liberdade em prol da padronização, produzindo "algo que seja vendável". Essa propriedade mercadológica requer a constituição de um mercado, e, para tanto, é necessário público. O *futebol de mulheres* porto-alegrense, por quebrar com esses

padrões, paga o preço de não ser espetacularizado, convivendo com um mercado ainda limitado.

Entretanto, para tensionar esses conceitos, trago algumas noções sobre o futebol universitário de mulheres nos Estados Unidos. Por lá, o público era maior que o brasileiro, mas ainda considerado pequeno em relação a outros esportes. Mesmo não sendo espetacularizado como um jogo de *hockey*, por exemplo – com a venda de produtos e show de luzes – possuía um padrão de qualidade e organização que no Brasil poderia ser considerado como profissional.

Pode-se pensar, portanto, que no *futebol de mulheres* a palavra *valor* assume diversos significados. O valor de um gol, o valor da torcida e a valorização profissional. São diversos valores que convivem com a noção de espetáculo e de mercadoria. O gol da jogadora universitária estadunidense não possui valor de mercado propriamente dito, mas pode lhe proporcionar aumentos na percentagem da bolsa atlética do ano seguinte, ou seja, um desconto maior nas quantias a serem pagas pela sua educação formal em Ensino Superior.

O gol da jogadora porto-alegrense não possui um valor de mercado definido, mas "valoriza" a jogadora com a obtenção de prestígio e a possibilidade de outros convites. Esse prestígio obtido é dependente do estabelecimento de redes de contato que a indiquem para outras equipes, as quais poderão ofertar os valores adequados às condições daquele momento (que nem sempre se relacionam a retornos financeiros, mas podem resultar em maior visibilidade).

Quando me refiro à subserviência, no título dessa seção, penso também sobre o domínio do poder simbólico (BOURDIEU, 2007) e do capital que ainda é exercido por homens no futebol. A eles é conferido não apenas o poder de dirigência nos maiores clubes, mas também o prestígio de serem considerados os transmissores do conhecimento sobre o que seria um "bom futebol". Ao adotar a matriz espetacularizada (DAMO, 2007) como um referencial de qualidade, exclui-se não apenas mulheres, mas também os homens que não se adaptam às performances de gênero e sexualidade mais tradicionais.

Embora no processo de forja atlética a masculinidade hegemônica seja privilegiada como sinônimo de excelência, o que se pode perceber é que nos espaços de jogos são apresentadas múltiplas masculinidades e feminilidades, expressas em diferentes corpos, sem

delimitações muito claras e variando conforme as interpretações pessoais e sociais, em cada contexto.

Considerando as características do *futebol de mulheres* brasileiro, e tendo em vista as constantes comparações com a matriz espetacular, pode-se evidenciar que muitos dos ditos "problemas" existentes no *futebol de mulheres* brasileiro possuem sua equivalência no futebol de homens de matriz comunitária. Entretanto, isso não faz do *futebol de mulheres* brasileiro um futebol de várzea. Embora a denominação de "várzea" exista na terminologia nativa, ao realizar essa afirmação se está utilizando outro referencial, o qual automaticamente considera a matriz futebolística espetacular como exemplo a ser mirado, sem que reflitam sobre seus benefícios e malefícios.

A matriz espetacular é a que logrou a constituição de um mercado e, portanto, pode oferecer uma contrapartida financeira atrativa para um tipo de atividade que muitos classificam como entretenimento, enquanto uma pequena parcela pode exercê-la como profissão. A matriz espetacular é aquela em que meninos e meninas se inspiram, cuja estrutura é composta por diversos profissionais e cujas performances alimentam os sonhos de participação nos estádios/arenas de futebol, de ídolos que recebem de altos salários e têm frequentes aparições na mídia nacional e internacional.

A utilização do valor monetário como fundamento na prática esportiva promove desigualdades tanto para homens quanto mulheres. Dessa forma, deve-se tentar entender as separações propostas em termos de valor para a matriz comunitária (ou várzea) e para a chamada "elite" participante da matriz espetacularizada.

Por estar ligada à noção de espetáculo e de geração de lucros financeiros, a matriz espetacularizada impõe padrões idealizados de masculinidade e de qualidade (tanto de estruturas quanto de gestão de pessoas), distantes da realidade de diversas localidades brasileiras. A realidade de uma grande parte das equipes de futebol se situa fora daquela divulgada como padrão da elite do futebol brasileiro. Milhares de jogadores sobrevivem com baixos salários e sonham algum dia terem seus esforços reconhecidos.

Até mesmo nos Estados Unidos, onde as jogadoras possuem estruturas que podem ser consideradas exemplares, ao compará-las com a matriz espetacular em outros esportes, elas não conseguem alcançar aquele patamar de reconhecimento esportivo. Cabe, portanto, pensar

se, em meio à exclusão de tantos sujeitos, seria a matriz espetacular aquela que deveria receber tantos investimentos.

A pesquisa de Soares et al (2011) apresenta dados ainda pouco debatidos e expõe não apenas uma alta concorrência, mas um sistema que exclui muitos. A carreira de futebolista considerada de elite é alcançada por poucos. Do total de clubes de futebol de homens registrados no Brasil, apenas 2,5% possuem notoriedade na mídia. Participantes da série A do Campeonato Brasileiro promovido pela CBF, os jogadores dessas equipes concentram as atenções de torcedores, mídia e patrocinadores. De um total estimado de 10 a 15 mil jogadores profissionais no Brasil, apenas 520 ocupam esses postos destacados.

O futebol de matriz espetacular dos homens está longe de ser um oásis. Embora as manchetes de jornais deem notoriedade a uma elite de jogadores, raramente é abordada a cruel realidade de disparidades e exclusões existentes entre os próprios homens. Conforme Soares et al (2011), em 2009, 84% dos jogadores de futebol recebiam até 2 salários-mínimos[60]. Pode-se perceber que há no futebol, portanto, a valorização daqueles que estejam associados a um futebol espetacular, enquanto aos demais é rara a visibilidade.

A questão que parece latente não envolve a equiparação de salários, mas a equiparação de condições para ascender em um modelo esportivo que abranja as diferenças. Embora se possa perceber que o futebol profissional também é um sonho para os homens, essa noção de sonho possui diferenças organizacionais, espaciais e temporais. Após adquirir o capital corporal para ser selecionado em uma equipe, o jovem jogador de futebol possui uma ideia de para onde deve ir e onde se situam os locais de prática profissional; enquanto as futebolistas dificilmente conseguem encontrar equipes próximas ou sequer disponíveis a aceitá-las.

Dentro do próprio futebol de homens, existem outros futebóis invisibilizados, como é o caso do futebol infame (RIGO et al., 2005), sem fama, sem prestígio, que possui também seu valor social. Deve-se, portanto, salientar que a mídia não é denominador de todas as coisas. Ela faz parte, mas não é tudo. Mesmo com a ausência de somas de dinheiro significativas nestas práticas urbanas, ela salta aos olhos dos transeuntes que estejam também a ocupar os espaços públicos como forma de recreação ou lazer.

60 Conforme informações da CBF, dos 30.784 jogadores registrados no país, atualmente, 20% dos profissionais sofrem com o atraso salarial. Apenas 2% dos jogadores recebe acima de R$ 12,4 mil, equivalente a 20 salários-mínimos (CALIL, 2012).

A noção de tempo para a realização do sonho também é diferente. Enquanto o sonho no futebol de homens pode ter um clube específico pelo qual torce desde a infância, no *futebol de mulheres*, devido à impermanência das equipes, torna-se difícil saber por quanto tempo a equipe existirá. O "sonho" de jogar não possui a concretude de uma equipe de mulheres, mas se refere à possibilidade de poder jogar por alguma equipe, qualquer que seja.

As futebolistas ainda precisam lidar com diversos obstáculos para ascender nas estruturas esportivas tais como estão estabelecidas; mas, ao adentrarem os campos de jogo, expõem certas liberdades de escolha, de movimentos e de criação. Escrevem com seus corpos histórias localizadas em espaços diversos: muitas delas ainda esquecidas pela historiografia oficial, mas registradas na retina de seus espectadores.

Embora algumas mulheres se sintam oprimidas por terem que se adequar a noções tradicionais impostas por padrões de espetacularização, outras praticam o futebol como forma de lazer e nele encontram muito mais liberdades do que em suas rotinas diárias. As maneiras de perceber o futebol e de lidar com as influências podem variar conforme diversos fatores, tais como região, idade, renda, educação e carreira.

A mim parece mais do que necessária a dissociação da leitura de diversas práticas esportivas com uma matriz espetacular ligada a visões de mundo tradicionais, com o benefício do capital financeiro, o reforço de uma imagem da mulher como objeto sexual e a geração de desconfortos relacionados ao gênero dos praticantes. A constante luta de esportistas para se adequarem a uma elite é extremamente desgastante, para não dizer empobrecedora da riqueza das práticas realizadas.

O *futebol de mulheres*, aqui apresentado, demonstra a necessidade de desvinculação do modelo esportivo espetacular e a abertura para uma visão mais ampla, que abranja também outras identidades de gênero e sexualidades. É um *futebol de devir* porque é pleno de potencialidades, ainda a serem percebidas e valorizadas. Neste sentido, perceber este grupo com suas próprias características é fundamental, na medida em que fornece valor àquilo que ainda é invisibilizado ou desvalorizado.

O *futebol de devir* remete à prática esportiva que está em transformação. Neste caso, é o futebol cujas potencialidades são constantemente atualizadas, e por isso não pode ainda ser entendido como algo definitivo, porque ainda está se fazendo, se criando e recriando. O que

parece ser caos é, em verdade, resultado de sucessivas transições e (re)criações, demonstrando a não adaptação aos padrões instituídos; é o diferente que provoca novas percepções e até mesmo confronta o estabelecido.

A valorização das ausências, ou seja, a repetição de um "discurso das ausências", falhas, deficiências e fraquezas empobrecem o *futebol de mulheres* brasileiro. Em grande parte pelas questões culturais, o significado do que é ser uma jogadora de futebol perpassa jogos de poderes e desvalorizações, os quais precisam ser manejados por quem integra este universo futebolístico.

No universo de possibilidades dos diversos futebóis, o *futebol de mulheres* deve ser entendido como um astro com luz própria, mas que não está apartado de um "todo". Constitui este universo e desafia o futebol instituído a (re)adaptar-se.

1.4 O "DISCURSO DAS AUSÊNCIAS": ONDE ESTÁ A DIVERSIDADE?

Ao analisar o *futebol de mulheres* brasileiro em termos sociais, deve-se perceber a existência de uma política esportiva nacional ainda instável, em que os projetos esportivos dependem do interesse do governo federal e das prefeituras, que geralmente apresentam propostas sazonais e interessadas à reeleição de seus mandatos[61]. A ineficácia em termos de ações perenes gera um quadro de instabilidades de "efeito sanfona", de frequente expansão e retração da visibilidade do *futebol de mulheres*, conforme as gestões que estejam no poder.

O "discurso das ausências" é uma construção discursiva na qual é (re)afirmada a centralidade e a importância do futebol dos homens (em especial o espetacular). O "discurso das ausências" tolhe a diversidade e aceita os atuais valores esportivos, sem sequer questioná-los. Neste discurso, as futebolistas são comparadas a um grupo de homens, como se estes representassem no futebol um padrão compulsoriamente mais elevado, do ponto de vista simbólico, histórico, econômico e cultural[62]. O "discurso das ausências" aceita a matriz

61 As equipes brasileiras, mesmo as mais renomadas, como o Centro Olímpico (SP), sofrem iminentes riscos de encerrar suas atividades. Em 2013, os quatro patrocinadores do Centro Olímpico romperam o contrato de patrocínio devido à mudança da gestão municipal. Por não haver nenhuma multa de rescisão, nada pôde ser feito. Das 25 jogadoras, 9 foram convocadas para a seleção principal e 2 para a sub-20. Sem receber os salários durante 4 meses, as jogadoras não entraram em campo, em jogo do Campeonato Paulista, em 27 de abril de 2013.

62 Cabe lembrar que há uma diferença histórica na prática entre homens e mulheres, devido a impedimentos governamentais, em diversos países do globo até meados da década de 1980.

espetacular como superior, (re)forçando sua aceitação e o enquadramento do *futebol de mulheres* nela. Esse discurso é permanente e dificulta a descoberta do que de fato existe no *futebol de mulheres* em meio a tantas faltas e ineficiências. O "discurso das ausências" é circular, redundante e vitimizador de um grupo que não se enquadra num sistema esportivo de rígidas regras, controle hierárquico e vitória a todo custo.

O "discurso das ausências" é baseado em argumentos que destacam a falta, a carência, a escassez de melhorias no *futebol de mulheres*, amplificando elementos de "desvalorização" deste futebol do ponto de vista da organização esportiva. Entretanto, cabe notar que a noção de valores considerados é financeira e simbólica (em termos de prestígio e visibilidade). Neste discurso são ressaltadas as constantes lamentações e os protestos dos agentes do *futebol de mulheres* nos meios de comunicação[63].

O *futebol de mulheres* é, portanto, comparado ao de homens pelo ponto de vista esportivo como um produto que não fornece lucros aos investidores e até mesmo uma modalidade "sem futuro" às suas praticantes. Frequentemente é utilizada a ideia de "faltas estruturais", em termos de estruturas esportivas existentes no futebol profissional de homens e inexistentes no de mulheres. Algumas dessas estruturas físicas, apesar de existentes, não podem ser utilizadas por essas mulheres devido a questões políticas e de controle de homens que estão em posições de prestígio e poder.

A questão que fica evidente é que a ideia de "falta de futuro"[64] possui relação com a curta duração dos projetos realizados e com a inconstância de patrocínios. Porém, a dirigência das equipes e as próprias jogadoras persistem na busca de realização de seus projetos pessoais e coletivos. Conforme será apresentado a seguir, mesmo com as mudanças existentes no *futebol de mulheres*, o "discurso das ausências" ainda persiste, limitando a visão sobre os ganhos já conquistados e focando nas carências em comparação à matriz espetacular futebolística dos homens.

---

63 Em entrevista ao canal esportivo SporTv, o atual técnico da seleção brasileira de "futebol feminino" afirmou que a falta de um calendário e base para as mulheres que jogam o futebol tornam complicada a tarefa de encontrar jogadoras no "nível da seleção brasileira". Para Vadão, há pouca captação de jogadoras, devido à falta de equipes nas quais elas possam jogar (VADÃO DIZ QUE..., 2015).

64 A noção de "futuro" no *futebol de mulheres* revela uma questão cultural e histórica. Devido à falta de pessoas que tenham influência nas esferas de poder superiores, o futebol regional, tal como o porto-alegrense, representa uma pequena extensão da "província" que o *futebol de mulheres* representa no cenário internacional de padrões FIFA. A necessidade de redes de relacionamento, que significam oportunidades de mudança, sofre cerceamentos estruturais, que impedem não apenas o acesso, mas a ascensão.

Sair do "discurso das ausências" pode ser tarefa difícil, tendo em vista as dificuldades de reconversão do capital futebolístico construído durante as trajetórias de jogadoras em valores financeiros e simbólicos do mercado de trabalho. Adicione-se também a inegável marginalização institucional[65] dos agentes do *futebol de mulheres*. O efeito de um "discurso das ausências" se prolonga devido à inexistência de legislações que favoreçam este grupo e proporcionem sua ascensão como força política com direito a reivindicações.

Não é que essas reivindicações não façam sentido, mas é necessário realizar esforços para que este futebol seja lido além das faltas e ausências. O "discurso das ausências" ainda é muito presente. Presente não apenas no *futebol de mulheres*, mas também latente nas queixas reproduzidas por participantes de diversos outros esportes que não são considerados hegemônicos, tendo-se em vista que no Brasil o futebol profissional é tido como referencial.

Após ler diversos artigos brasileiros que abordam o *futebol de mulheres*, percebi a repetição de argumentos relativos à ausência, à falta, à raridade, à inexistência (e seus sinônimos). Esses argumentos se referem a fatores biológicos e estruturais. Abad (2011), por exemplo, afirma que pela falta de força, estatura, velocidade, potência e resistência dos homens, a dinâmica do jogo das mulheres possui diferenças biológicas gritantes. O artigo, entretanto, não questiona em nenhum momento as vantagens ou desvantagens de adotar esses padrões biológicos como sinônimos de excelência esportiva.

Além dos argumentos de cunho biológico, alguns dos "problemas" geralmente apontados se referem às semelhanças com as estruturas utilizadas pelas equipes de várzea do futebol de homens. Há relatos de alguns campos onde as mulheres jogam sem marcações, campos com buracos ou com estrume de cavalo, com grama alta ou até sem gramado, que foi transformado em areia pela falta de manutenção. As diversas estruturas, entretanto, se adaptam às disponibilidades, indicando o intenso interesse na prática, mesmo que ainda desprovida do que possa ser considerado em outros parâmetros como "condições ideais".

Dentro do "discurso das ausências", pode-se também elencar a falta da realização de avisos com antecedência como um "problema". Entretanto, os improvisos e acertos partem

65 Em grande parte espera-se que organizadores de associações e federações sejam os agentes a realizar a ligação com os patamares considerados mais elevados das esferas administrativas esportivas nacionais. Essa hierarquia superior, entretanto, não se demonstra receptiva aos organizadores locais e aos seus apelos. A ausência de poder conferido às entidades esportivas locais se deve a questões políticas; e dentre elas o predomínio de vantagens para uma pequena elite esportiva.

tanto das equipes quanto das organizações de eventos como uma outra forma de organização, mais flexível e adaptada às realidades locais. Se há a dificuldade para conseguir jogadoras, a falta de treinamentos e a raridade de profissionais capacitados para a arbitragem dos jogos, deve-se entender o *futebol de mulheres* não apenas conforme as estruturas atuais, mas também por suas potencialidades[66].

Abad (2011) afirma que, com adaptações no formato do campo e aumento de gols, poder-se-ia gerar a transformação de um "círculo vicioso" para um "círculo virtuoso" (obviamente produtivo do ponto de vista financeiro). A seguir, apresento a Figura 1, a qual é uma adaptação que resume esses argumentos, os quais estão baseados num modelo esportivo criado por homens e para homens.

Figura 1 – Estrutura circular do "discurso das ausências" no *futebol de mulheres*

Fonte: elaboração da autora, inspirada em Abad (2011).

Pode-se também perceber essa ideia de um "círculo virtuoso" nos argumentos apresentados por Souza Júnior (2013), o qual afirma haver a falta de responsabilização da CBF, federações e clubes na promoção da igualdade de gêneros, para o desenvolvimento de

66 Podem também ser questionadas no futebol de homens algumas condições desvantajosas, tais como: a exploração da mão de obra, o assédio moral, a alienação familiar, a restrição das possibilidades de formação escolar formal. Ainda se pode considerar os relatos de casos de violação de direitos e fraudes trabalhistas.

uma engrenagem que seja sustentada por calendário de competições, clubes tradicionais, patrocinadores, cobertura midiática e público.

O que chamo de "discurso das ausências" é um discurso hegemônico que ressoa de forma circular e sucessiva não apenas no interior do *futebol de mulheres*, mas também fora dele. Sem aparentemente fornecer alternativas, reitera-se uma noção de "falta de futuro", presente inclusive no discurso nativo, em que qualquer uma das faltas evidenciadas é subsequentemente a outras faltas (e seus sinônimos) que justificam a anterior. Essas ausências geralmente são ligadas a fatores históricos e sua reprodução acentua a ideia de difícil mudança deste panorama.

As dificuldades, desigualdades e ausências existem, não se nega sua existência, mas abordar o *futebol de mulheres* apenas pelas suas carências esvazia a noção sobre o que de fato é rico neste futebol. Ainda são raros os esforços em defini-lo com precisão, afastando prenoções provenientes do senso comum e procurando encontrar formas de desassociá-lo de padrões insustentáveis.

A utilização dessa estratégia discursiva chega a ser paradoxal, pois da mesma forma em que mudanças são reivindicadas, ressaltam-se apenas as ausências (presentes e pretéritas). Esse discurso defende que, para se igualar aos padrões de poder, recursos e oportunidades, o *futebol de mulheres* precisaria se adequar à excelência performática "masculina" e, consequentemente, à matriz futebolística espetacular (que justifica a exclusão dos "mais fracos"):

> Homens e mulheres expressaram a crença de que a desigualdade era natural. Eles racionalizaram isso por evidências como a popularidade e capacidade de geração de renda de algumas equipes de homens e a história dos esportes de homens. Os participantes culparam as mulheres por qualquer desvantagem que enfrentaram porque elas não se adéquam ao padrão (masculino) (HARDIN e WHITESIDE, 2009, p. 260, tradução minha[67]).

Nos últimos anos, esse discurso tem sido utilizado como se apresentasse as desigualdades entre os sexos[68], porém, não são utilizados argumentos que contestem o que há

67 Trecho original: ""The men and women expressed a belief that inequality was natural. They rationalized it through evidence such as the popularity and revenue-generating capacity of some men's teams and the history of men's sports. Participants blamed women for any disadvantage they faced because they did not meet the (male) standard".

68 A participação de mulheres no futebol de homens ainda encontra entraves na área técnica. Na Europa, por exemplo, somente em 2014 uma mulher assumiu o comando de uma equipe profissional. A equipe

de negativo na estrutura espetacular dos homens e sequer são pensados os prejuízos quando da vinculação a essa matriz futebolística espetacular e os valores por ela propagados.

O "discurso das ausências" trabalha com categorias hegemônicas e universaliza o que considera como "precariedades" do *futebol de mulheres*. Dessa forma, os discursos ressaltam a necessidade de união das equipes de mulheres em prol de mudanças para adequação ao futebol espetacular, como se esse fosse o único cenário possível.

Será que não há outro cenário possível? Do ponto de vista teórico, pode-se comparar, mas não se pode jamais perder a importância da diversidade. Dessa forma, percebe-se a necessidade de trazer-se um contraponto ao invés de insistir na esportivização, restrição, padronização e "lapidação" do *futebol de mulheres* para encaixá-lo no que já existe.

A utilização do "discurso das ausências" oculta as relações de desigualdade existentes entre as diferentes mulheres e grupos, em relação a oportunidades e projetos, tratando-as de forma homogênea. Essas desigualdades se relacionam não apenas em âmbito local, com as diferenças de classe social, etnia, idade, sexualidade etc, mas também em âmbito nacional com as diferenças entre as regiões mais próximas ou afastadas da região Sudeste.

No Brasil, pode-se perceber um aumento dos discursos que advogam em favor de um projeto coletivo que "eleve" o futebol aos padrões da matriz espetacular ou que o faça "evoluir" profissionalmente rumo a um mercado lucrativo. Entretanto, apesar dos esforços governamentais, as atuais mudanças têm resultado de esforços individuais e privilégios concedidos por detentores de poder a grupos ou pessoas específicas. Devido à reiterada "falta de futuro" e lutas ainda tímidas contra a estrutura esportiva já constituída, pessoas que dedicam seu tempo à modalidade se autointitulam ou são intituladas pelos demais agentes como loucos(as) ou batalhadores(as).

---

profissional francesa, de segunda divisão, *Clermont Foot Auvergne 63* havia contratado inicialmente a portuguesa Helena Margarida dos Santos e Costa para a temporada 2014. Ela já havia sido treinadora das seleções nacionais de mulheres de Qatar e Irã. Após afirmar que foi desrespeitada pela diretoria do clube, que estava contratando jogadores sem consultá-la, abandonou a equipe antes mesmo de sua estreia em campo. Corinne Diacre, ex-capitã da seleção francesa e jogadora entre 1988 e 2007, assumiu o cargo de treinadora da equipe. Outras mulheres atuaram em equipes europeias sem tanto destaque, como Carolina Morace, que em 1999 treinou por 2 jogos o Viterbese, equipe semiamadora da terceira divisão italiana, mas pediu demissão devido a pressões da mídia. No Brasil, até o momento, nenhuma mulher treinou uma equipe profissional de homens, embora existam auxiliares na arbitragem, presidentes de clube e jornalistas esportivas.

Conforme as conversas que estabeleci com interlocutores(as), o contato inicial destas lideranças geralmente acontece de maneira casual, sentindo-se envolvidos com o *futebol de mulheres* por pressões diversas, sem conseguir identificar claramente quando esse engajamento inicia. Há quem se engaje por ganhos simbólicos ou por ter laços consanguíneos com alguma das participantes das equipes: primas, sobrinhas, filhas ou netas.

Mesmo sofrendo críticas e tendo "dores de cabeça" devido a situações incômodas que vivenciam, as lideranças do *futebol de mulheres* justificam os investimentos de tempo e dinheiro com a noção de "amor" pela modalidade. Dizem-se amadores e assim denominam a modalidade. Amador é uma expressão utilizada para indicar que se situam fora do que consideram um futebol profissional, adequado à matriz espetacular. Amadores também porque amam o esporte, e por isso entendem necessárias as lutas travadas pelo que consideram "melhorias coletivas", que se traduziriam em lucros financeiros.

Em muitas das trajetórias dos agentes sociais ouve-se os argumentos de que as lutas e vitórias são travadas contra uma sociedade considerada "machista", em que há desrespeito e descrédito de pessoas fora deste futebol. O "discurso das ausências" é constantemente justificado pela presença da discriminação de gênero e pela competitividade de pessoas que querem manter os privilégios da matriz futebolística de homens.

Agentes FIFA, empresários, direitos de transmissão, direitos de imagem e "cartolas"[69] são termos que envolvem uma lógica mercadológica da qual o *futebol de mulheres* ainda não participa. Distanciadas da noção de espetáculo, não frutificaram as atuais tentativas de tornar este futebol um mercado rentável. Os discursos são claros: sem entrar nas regras do jogo já instituído, o *futebol de mulheres* não é um produto que agrada aos donos do capital.

A matriz futebolística de homens reafirma a masculinidade hegemônica e a sexualização dos corpos de mulheres, com a imposição da necessidade de adaptação à feminilidade normativa. A matriz futebolística espetacular promove a manutenção de ideais ligados à competição, força, poder, agressividade e sucesso. Essa matriz sustenta que a projeção futebolística é para poucos, aqueles que conseguirem se adaptar aos pré-requisitos e

69 Cartola é um chapéu preto alto utilizado em solenidades, até o início do século XX, por pessoas de posição eminente, da alta classe. Comumente, se utiliza o termo como referência a poderosos dirigentes de clube de futebol que enriqueceram ilicitamente com contratos, acertos de placares ou venda de jogadores.

às lógicas existentes. Entretanto, por que se deveria diminuir a diversidade para que possa ter acesso a dinheiro? E como as regras da FIFA ou CBF podem se encaixar nesse mundo?

***

O *futebol de mulheres* claramente demanda mais reflexões sobre o que existe e o que ainda se pretende instituir. Ressalto, portanto, a necessidade de valorização dos futebóis existentes e que abrangem uma diversidade de opções. Dentre eles, esse futebol que é um espaço de lutas microssociais, em que emergem projetos de vida baseados na resistência. Resistência ao apagamento de seus projetos, à morte simbólica dos sonhos de sonhadores(as), idealizadores(as), visionários(as), batalhadores(as) ou guerreiros(as).

As pessoas que participam do *futebol de mulheres* estão em busca não apenas de reconhecimento, mas também de esperanças de um "futuro melhor" e precisam lidar com as rachaduras internas, resultantes de rivalidades pessoais. Brigas que envolvem a duras penas pequenas vitórias, podendo resultar em rupturas provisórias ou definitivas.

O "discurso das ausências", a meu ver, esmaece o que há de rico no futebol, com o reforço das disparidades existentes entre o mundo futebolístico de mulheres e a matriz espetacular de homens. Para isso, há esforços para manter como verdadeira a ideologia de que a melhor matriz esportiva seria a espetacular, uma matriz que privilegia poucos homens e a qual mulheres não conseguiriam alcançar e sequer superar.

A partir desse ponto de vista, penso que Messner (2002) possui razão ao afirmar que os esportes marginais podem ser aqueles em que se possa perceber uma relativa autonomia, comunidade, criatividade e individualidade. Ao adotar um padrão esportivo diferente, que não se renda à institucionalização, os grupos fogem da imposição de rígidos padrões que promovem a expansão de mercados para grandes corporações, à custa de prejuízos causados pela reprodução de valores questionáveis, que instituem insalubres rotinas extenuantes de produção do corpo, em troca de possibilidades de ganhos provindos de carreiras bem-sucedidas de curta duração.

No decorrer deste capítulo, foi explicada a mudança de terminologia como um posicionamento político de valorização de "práticas esportivas dissonantes" (CAMARGO, 2014). Ainda, pontua-se como o gênero está presente na linguagem cotidiana de forma que

uma mudança vocabular pode resultar na produção de outros efeitos de poder. São mudanças não apenas polissêmicas, mas também de práticas. Ao tentar-se desindexar o *futebol de mulheres* ao futebol espetacular de homens, valoriza-se não apenas a liberdade de suas práticas, mas também das práticas existentes em outros futebóis considerados "inferiores", que não são consideradas produtivas do ponto de vista mercadológico.

Pode-se, portanto, questionar até que ponto os modelos esportivos e valores atléticos são inclusivos. O treinamento de alto rendimento, que produz os corpos apresentados no futebol espetacular, possui um custo. Mas seria necessária a adequação das práticas esportivas atualmente realizadas para que se possa conseguir visibilidade? Indo além do senso comum, que privilegia a matriz espetacularizada e a masculinidade hegemônica como sinônimo de excelência, entendo que esses padrões se sobrepõem aos demais e impedem não apenas a visibilidade de mulheres, mas também aos homens que produzam práticas esportivas que não se adéquem aos padrões instituídos.

Apresento o *futebol de mulheres* como um *futebol de devir*, realizando uma desindexação do futebol de homens espetacular e abrangendo futebóis plenos de potencialidades, ainda a serem percebidas e valorizadas. Desvinculo o *futebol de mulheres* da reprodução de um "discurso das ausências", ainda muito presente nas análises realizadas sobre estas práticas. Esta mudança de viés, iniciada neste capítulo, permite perceber que ste *futebol de devir* organiza-se de forma diferente, visando à sociabilidade, presente nos diversos mundos futebolísticos.

Neste capítulo, pretendi mostrar como o *futebol de mulheres* pressupõe a mudança terminológica visando a mudança de perspectiva, que é olhar para o *devir* e a superação do "discurso das ausências", que é negativo. A manutenção de privilégios de determinados grupos de poder pode ser estabelecida historicamente, o que poderá ser percebido a partir do próximo capítulo. No segundo capítulo, apresento como o *futebol de mulheres* foi durante muito tempo "escanteado" historicamente, sendo permitidos às mulheres apenas o papel de assistentes ou coadjuvantes, com o seu aparecimento como protagonistas podendo ser percebido timidamente no início do século XX, e com mais força a partir da década de 1980.

2. *FUTEBOL DE MULHERES*: DA ASSISTÊNCIA À PRÁTICA

Inicio este capítulo com a apresentação das idas e vindas históricas do meu universo de pesquisa. Faço uso de argumentos da história social para demonstrar como o *futebol de mulheres* ainda não está consolidado. Retomo algumas questões principais, para que se entenda do ponto de vista antropológico como este futebol promove pautas que incluem contestações ao que está instituído.

Abordo primeiramente aspectos sobre o começo da participação das mulheres no futebol e desenvolvo até questões referentes à atualidade, tais como a legislação brasileira e estadunidense. Apresento, ainda, as agências esportivas que organizam o "futebol feminino"[70] no Brasil e as agências do futebol universitário estadunidense, demonstrando que em ambos os países existem políticas públicas, entretanto, com enfoques diferentes. Enquanto no Brasil há o benefício Bolsa Atleta e muito recentemente a aprovação da Lei nº 12. 155/15, nos Estados Unidos, há desde a década de 1970 a *Title IX*, lei que abrange todas as mulheres que queiram participar de equipes esportivas, principalmente nas universidades.

Para o entendimento dos argumentos aqui elaborados, deve-se, portanto, considerar que a receptividade em relação ao futebol varia ao redor do globo. No Brasil, por exemplo, o futebol espetacular de homens é mais valorizado, enquanto em outros países o *futebol de mulheres* é bastante popular. Dentre os países que valorizam o *futebol de mulheres*, conforme Congdon-Hohman e Matheson (2011), pode-se considerar a existência de três centros

70 Quando se trata de contextos nos quais o termo "futebol feminino" está consolidado, como no espectro institucional, mantive o termo, com o uso de aspas.

internacionais aparentes: América do Norte (Estados Unidos e Canadá), Norte Europeu (Alemanha[71], Dinamarca, Finlândia, Holanda, Inglaterra, Islândia, Noruega e Suécia)[72] e Leste Asiático (China, Japão e Coreia do Norte)[73]. A história do *futebol de mulheres* nestes países possui nuances relacionadas a questões econômicas, culturais e organizacionais próprias[74].

A mudança do papel social da mulher e o crescimento dos movimentos feministas desenvolveram uma conjuntura que permitiu denunciar a explícita exclusão das mulheres nos esportes. Conforme Mennesson (2006), pode-se perceber que as tentativas de controle das práticas de futebol realizadas por mulheres iam na contramão de seus desejos em desenvolver a modalidade. A partir do questionamento das formas dominantes de organização social, as mulheres puderam participar mais ativamente do modelo esportivo competitivo.

2.1 O REGISTRO DAS PRÁTICAS REALIZADAS PELAS FUTEBOLISTAS

Enquanto no Brasil ainda não há uma ampla sistematização dos registros divulgados sobre os fazeres esportivos de mulheres; nos Estados Unidos, conforme se poderá perceber, há a manutenção regular de registros históricos, os quais servem para o estabelecimento de

71 Conforme dados da FIFA, os números do *futebol de mulheres* têm surpreendido. Cerca de 800 mil torcedores foram aos estádios assistir à Copa do Mundo Feminina da Alemanha 2011 (com média de público equivalente a 26 mil espectadores). Além disso, mais de 17 milhões de alemães (cerca de 20% da nação) acompanharam pela TV as quartas de final entre a *Mannschaft* (apelido da seleção alemã) e o Japão.

72 "Com uma estimativa de 26 milhões de jogadoras globalmente, das quais 6 milhões estão na Europa, a evolução do futebol como um esporte e como uma indústria nos últimos 60 anos tem sido dramática" (WILLIAMS, 2014, p. 30, tradução minha). Trecho original: "With an estimated 26 million women players globally, of which 6 million are based in Europe, the evolution of soccer as a sport and as an industry over the last 60 years has been dramatic".

73 Diferentemente de Rial (2008), minha etnografia não confirma a viabilidade do emprego da expressão "rodar" para as jogadoras porto-alegrenses, pois não há a constante troca de clubes. A circulação entre países ainda não é intensa. No caso das jogadoras universitárias, por exemplo, permanecem por cerca de 4 anos, tempo necessário para concluir suas graduações. Após este tempo, algumas fixam residência no exterior. Suas participações no "outro país", entretanto, possuem mais ganhos simbólicos (o prestígio e conhecimentos de técnicas corporais) que econômicos (muitas vezes ultrapassando dificuldades para se manter no país estrangeiro). Entre as que recebem propostas para atuar em equipes profissionais no exterior, dificilmente recebem uma diversidade de propostas que permita perambularem por muitos outros países, devido à inexistência de um mercado de transferências de talentos com trânsito regular.

74 Cabe ressaltar que, após vetos governamentais, diversos países voltaram a permitir a prática do futebol por mulheres apenas desde as décadas de 1970 e 1980. Para saber mais sobre as diferentes inserções do *futebol de mulheres* nos Estados Unidos, na China, na Inglaterra e na Austrália, recomendo a leitura de Williams (2007). Para saber mais sobre o futebol em Estados Unidos, Canadá, China, Coreia, Índia, Dinamarca, Noruega, Inglaterra, Alemanha, Noruega, Suécia, Nova Zelândia, África e Brasil, recomendo a leitura de Hong e Mangan (2004).

recordes coletivos e individuais. Os registros sobre jogos, tais como fotografias, no Brasil, são principalmente preservados por jogadoras que participaram desses feitos. As entidades que promovem esses jogos demonstram descaso com a memória dessas jogadoras, acumulando dívidas quanto à formação de uma história das mulheres no futebol brasileiro.

A falta de registros no *futebol de mulheres* ainda passa a impressão de que tudo é novo ou o primeiro. A primeira competição, a primeira partida, o primeiro hino, etc[75]. A mudança de patrocinadores e de nomes promove lacunas históricas que confundem e obscurecem um passado já existente[76]. Apesar de existente, ele é um passado repleto de hiatos, com a interrupção de projetos e início de novas parcerias[77]. A falta de números inviabiliza também a realização de novos projetos, que se adéquem às necessidades deste universo futebolístico[78].

Do ponto de vista histórico, o *futebol de mulheres* no Brasil é ainda repleto de pontos de interrogação. Ainda invisibilizado em grande parte dos museus e arquivos, as partidas e os relatos sobre os fazeres dessas jogadoras não permitem construir uma história coerente de sua prática[79]. A história dessas práticas, ainda fragmentada, dificulta a construção de uma

75 No *futebol de mulheres* brasileiro, devido à falta de registros históricos, é constante a intitulação de algo como primeiro. O primeiro torneio, a primeira Copa, a primeira equipe da cidade, etc. Em 2014, por exemplo, a goleira Bruna de Almeida, do Ferroviária de Araraquara compôs e cantou com a meio-campista Nayarah Inojo o que a mídia divulgou como o primeiro hino exclusivo para um time de "futebol feminino" no Brasil. Entretanto, até mesmo nas equipes que pesquisei no mestrado, existentes desde a década de 1980, no interior do Rio Grande do Sul, havia hino específico e bandeira da equipe (KESSLER, 2010).

76 A exemplo disso, por exemplo, pode-se evidenciar a existência de um Campeonato Gaúcho Feminino desde 1982 (PASTRO E ANTOCHEVIS, 2004).

77 As competições nacionais de mulheres existem há algum tempo, porém sem muito apoio institucional e tiveram diversos nomes. Taça Brasil de Futebol Feminino (de 1983 a 1988), Troféu Brasil (1989), Torneio Nacional (1990 e 1991), Torneio de Futebol Feminino (1991), Taça Brasil de Clubes (1993), Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (1994 a 2001), Circuito Brasileiro de Futebol Feminino (2003), Liga Nacional de Futebol Feminino (2006 e 2007), Copa do Brasil de Futebol Feminino (2007 em diante) e Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (2013 em diante).

78 No Registro Geral de Atletas da CBF, em outubro de 2014, constavam 6.287 ocorrências no cadastro de jogadoras brasileiras. Entretanto, apenas na Letra A deste banco de dados constavam nomes como Adilson Ferreira de Oliveira Junior, Airton Valdair dos Santos Correia, Alan Henrique da Silva Moreira, Alexandre Placio Simoes dos Reis, Alvaro Carvalho de Almeida, Andrei Augusto Trindade, Andrei dos Santos Silva, Arthur Cassiano dos Santos, Arthur Gomes de Paula, Artur Cesar Ferreira da Silva e Atila Fhelipe da Silva. Grande parte do cadastro não possuía fotos, mas em um dos nomes havia inclusive a foto de um garoto, obviamente não checada, indicando que este cadastro não pode ser considerado seriamente. Dentre os nomes de jogadoras presentes no cadastro da CBF, identifiquei algumas com as quais dialoguei e que participaram de competições em nível nacional. No total, são 181 jogadoras cadastradas na CBF representando equipes do Rio Grande do Sul. Entretanto, várias das cadastradas já desistiram da prática ou estão em outras esferas de envolvimento com a modalidade (tais como dirigentes, técnicas ou torcedoras), e não mais como jogadoras. O número de 6 mil atletas brasileiras é uma aproximação sem muitos critérios, mas serve como um norte, sobre uma modalidade sobre a qual há ainda poucos dados produzidos.

79 Depois de quase sete anos de atraso, o acervo no Museu do Futebol/SP, considerado uma referência na história nacional em termos de registros sobre o futebol, em 2015, acrescentou ao seu acervo fotos, objetos

narrativa linear, em que se possa perceber dentro da grandeza territorial brasileira, a continuidade da prática em espaços de menor visibilidade.

Ao indagar às jogadoras suas trajetórias em equipes, é comum a descoberta de registros, tais como fotos, troféus, medalhas e alguns recortes de jornais (KESSLER, 2010). Entretanto, esses registros não são valorizados. Se recorrermos aos registros históricos oficiais, que se pensam guardados em entidades e federações que organizam estas práticas no Rio Grande do Sul, o simples armazenamento de dados se restringe, quando muito, aos últimos 3 ou 5 anos. Até mesmo na internet, são raros os registros, dificultando reconstruir os fragmentos históricos.

Na capital rio-grandense, a trajetória de vitórias das equipes de mulheres que representaram Grêmio e Internacional no decorrer da história dos clubes inexiste dentre os títulos conquistados, tanto nas galerias de troféus como nos sites oficiais. Essas vitórias são desvalorizadas e invisibilizadas. As direções dos clubes consideram que essas mulheres não representam oficialmente a equipe, embora tenham feito parte de "departamentos femininos" vitoriosos. Para justificar essa postura, pode-se afirmar que alguns dos campeonatos de que participaram não são oficiais ou são realizados por instituições sem chancela. Porém, mesmo os chancelados pela FGF, não constam nos registros destas equipes[80].

Apesar da inexistência de "departamentos femininos" em Grêmio e Inter, há escolas de formação futebolísticas que as representam voluntariamente nas competições de mulheres. Quando essas equipes se enfrentam, assim como nos chamados Gre-Nais de homens, os jogos são considerados absorventes e incitam rivalidades. A tensão e o conflito existem, porém, não são recompensados financeiramente. As jogadoras acreditam representar suas equipes e lutam

---

das jogadoras brasileiras, entrevistas e cenas de jogos.

80 Conforme Pastro e Antochevis (2004), o Internacional foi o primeiro campeão do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, em 1983. De acordo com Trepte (2011), entre 1984 e 1996, não há registro da realização do Campeonato Gaúcho. Entre 1997 e 1999, a equipe Sport Club Internacional de Porto Alegre foi a campeã. Em 2000 e 2001, foi o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense; em 2002 e 2003; o Inter; em 2004 e 2005, a equipe do Juventude quebrou a hegemonia das equipes da capital e tornou-se campeã. Entre 1997 e 2006, em média eram cerca de cinco equipes participantes. A equipe do Grêmio ganhou o Campeonato Gaúcho em 2000 e 2001, com jogadoras em sua grande maioria brancas, idades entre 13 e 33 anos, que treinavam 5 dias por semana, 3 horas por dia. A partir de 2007, com o surgimento da Copa do Brasil, houve a realização de um campeonato que iniciou, porém, não terminou. Por isso, em 2008, houve uma parceria entre a Duo Marketing e a FGF (em um campeonato que teve participação de 36 equipes). Em 2010, a Associação Gaúcha de Futebol de Feminino (AGFF) foi fundada com o intuito de organizar as competições estaduais.

para bem representá-las, mesmo que suas conquistas sejam negadas ou esquecidas nos registros.

A falta de registros históricos se refere à falta de consideração em relação aos feitos realizados por futebolistas brasileiras, considerados marginais não apenas pela história de cerceamentos governamentais, mas também pela representação das mulheres no futebol[81]. A visibilidade das mulheres propicia o reconhecimento delas como praticantes e as empodera. Entretanto, cabe perceber de que maneira são apresentadas[82]. Ainda mais crítico que a ausência de registros sobre suas práticas, é a falta de sistematização dos dados existentes, o que faz da história desse futebol um constante remendo destes fragmentos.

2.2 PERSPECTIVA DIACRÔNICA DO *FUTEBOL DE MULHERES*

Embora o "chute inicial" da FIFA tenha sido dado tardiamente na realização de jogos internacionais oficiais[83], sabe-se que as mulheres realizaram práticas esportivas sem documentação oficial pelo menos durante os últimos 134 anos. Conforme Williams (2014), a primeira partida entre mulheres com algumas regras da *Football Association* ocorreu em 1881, entre Escócia e Inglaterra, iniciando o que ela denomina proto-profissionalismo[84].

No início do *futebol de mulheres,* Franzini (2005) afirma que as equipes realizavam partidas caritativas para arrecadar fundos aos soldados que estavam na Primeira Guerra. Entre 1917 e 1921, por exemplo, pode-se ressaltar a fama da equipe inglesa *Dick Kerr Ladies*. Entretanto, esta iniciativa não fez reverberar em outros países a ideia de profissionalização, seja por motivos religiosos, culturais ou pelos contextos históricos vividos.

---

81 Embora Grêmio e Internacional ignorem as conquistas das equipes de mulheres em seus registros, um clube do interior, o Esporte Clube Pelotas, fundado em 1908 e com equipe de "futebol feminino" desde 1996, expõe em sua página de títulos uma das conquistas significativas da equipe de mulheres junto aos demais títulos dos homens: o título de Campeão Gaúcho 2008.

82 A falta de registros sobre a prática esportiva de mulheres no Brasil é evidente. Enquanto os órgãos estadunidenses possuem o registro do número de atletas na esfera nacional, no Brasil, as Federações de futebol ainda não possuem registros organizados e atualizados. A obtenção destes dados pode permitir o mapeamento sobre o crescimento da modalidade e a criação de estratégias de atuação. Entretanto, é necessária a integração de órgãos locais e nacionais, em ações conjuntas mais efetivas.

83 O primeiro jogo internacional de mulheres realizado pela FIFA aconteceu no dia 17 de abril de 1971, entre França e Holanda.

84 Williams (2014) afirma que a fase do proto profissionalismo perdurou até 1945 e foi formada apenas por indivíduos ou grupos pequenos.

Dentre as vantagens de ser jogadora naquela época, estavam o status de celebridades locais e a oportunidade de conhecer pessoas renomadas, com torcidas numerosas de até 53 mil pessoas. Entretanto, em 1921, com cerca de 150 equipes e ligas regionais, a *Football Association* (FA) decidiu banir as participações de mulheres na Inglaterra, alegando a condição como os jogos eram realizados e o mau uso do dinheiro arrecadado à caridade (WILLIAMS, 2014). Apesar de ter seu início na mesma época que o dos homens, o *futebol de mulheres* teve uma história e dinâmica diferentes. Afastadas deste ambiente esportivo, elas tiveram que restringir a prática da modalidade a espaços privados.

Apesar da divulgação de algumas participações de mulheres em jogos de campos brasileiros, a maioria delas eram partidas beneficentes, sem competições que incentivassem a formação de um mundo futebolístico. O papel da mulher no futebol ainda estava muito ligado à audiência e não ao protagonismo, e a mudança deste status não ocorreu tão rapidamente[85].

No Brasil, dentre os poucos registros existentes, pairam ainda algumas divergências em relação ao início do *futebol de mulheres*. Moura (2003) traz dados históricos sobre a realização do que teria sido o primeiro jogo oficial. O autor esclarece sobre um erro histórico muito reproduzido. Trata-se de uma partida beneficente organizada em 1913 por mulheres, mas jogada por homens do *Sport Club Americano* que estavam travestidos de mulheres. Conforme Moura (2003), a primeira partida de mulheres (e sem intuito beneficente) teria, portanto, acontecido em 1921, entre os times paulistas de Cantareira e Tremembé.

Moura (2003) expõe que, no Jornal dos Sports, em 1940, concursos de beleza e jogos de *futebol de mulheres* eram divulgados na mesma página, sendo as jogadoras difamadas de "sujas" e "violentas" (MOURA, 2003, p. 43). Complementa ainda, "'Feias', 'brutalizadas' e 'mal cheirosas' - era assim que o discurso médico, a grande parte da imprensa e da academia esportiva viam as mulheres do subúrbio que praticavam o futebol" (MOURA, 2003, p. 47). Enquanto o futebol era praticado por mulheres sem boa posição social, as mulheres da alta sociedade praticavam outros esportes mais aceitos, como vôlei, tênis e críquete[86].

85 "Vítima de opiniões machistas, cínicas ou jocosas, o futebol praticado por mulheres era considerado excessivamente lúdico ou tecnicamente débil, sempre quando comparado por aquele praticado por homens. Assim, a atuação feminina em arquibancadas e, eventualmente, dentro de campo, inevitavelmente se fazia mais pelo 'decoro', 'recreação', 'torcida', 'graça' e outros modos de relegar às mulheres estas funções extraesportivas, do que praticar o esporte em si com intuitos competitivos" (LOPES, 2011, p. 2).

86 Conforme Franzini (2005, p. 322), "Todos eles esportes amadores, característicos da elite, que, quando muito, atingiam a classe média, passando ao largo das grandes massas e dos subúrbios onde as jovens corriam atrás da bola".

No início do século XX, a influência médica alertava as mulheres brancas de classe alta que as atividades esportivas vigorosas poderiam debilitar seu sistema reprodutivo e causar "efeitos masculinizantes" (GRIFFIN, 1992). Nos anos 1920 e 1930, o argumento era de que poderiam perder aprovação social, pois não aprimorariam suas habilidades como mães e esposas[87].

Rodrigues e Devide (2009) afirmam que os ideais eugenistas e higienistas existentes até o início do século XX consolidaram estereótipos que ressaltavam a relação entre mulheres, ambiente doméstico e maternidade. Os exercícios que exigiam muito esforço físico ou que fossem de contato eram considerados perniciosos à saúde das mulheres e poderiam afetar os órgãos reprodutores. O corpo da mulher, ainda permeado de interdições em relação ao seu livre uso, era controlado pelo discurso médico, midiático e familiar.

Jogar futebol no início do século XX era sinônimo de perigo à maternidade, não apenas pela ocupação do tempo, mas também pela exposição de corpos em ambientes públicos (MOURA, 2003). A exposição destes corpos era um perigo não apenas à reputação destas mulheres, mas também às famílias, que deveriam prezar por suas integridades físicas.

Na sociedade brasileira, pode-se perceber alguns destes preconceitos no constante questionamento da sexualidade de mulheres que praticam determinados esportes de contato. Até o início do século XX, argumentos médicos eram utilizados para desincentivar as mulheres a praticarem esportes que poderiam gerar riscos à saúde tanto da mãe quanto dos bebês, propagando orientações que se provaram equivocadas (DEVIDE, 2005).

Dentre os argumentos que frearam a participação das mulheres da arena esportiva, estavam os prejuízos da atividade física intensa aos órgãos reprodutivos, assim como a interferência da menstruação nos hormônios e na performance atlética[88]. O corpo das mulheres futebolistas estava em desacordo com os apelos estéticos do início do século XIX,

87 Conforme Griffin (1992), o estereótipo da "lésbica masculinizada" associado ao atleticismo ainda persistia na sociedade *norte-americana* até o final do século XX, sendo utilizado para controlar e intimidar mulheres que ameaçassem à ordem social. Dessa forma: "Quando uma mulher é chamada de lésbica, ela sabe que ela está fora dos limites" (GRIFFIN, 1992, p. 253, tradução minha). Texto original: "When a woman is called a lesbian, she knows she is out of bounds".

88 Rial (2014) ressalta que, com o discurso de que preservaria a saúde das praticantes, o Conselho Nacional de Esportes manteve até a década de 1990 regulações "especiais" para o "futebol feminino", tais como a duração menor das partidas (de 35 minutos cada tempo), o número de substituições (cinco em amistosos e três em jogos oficiais), a necessidade de protetores de seio e a restrição quanto ao domínio da bola com o uso do peito (considerada falta).

sendo divulgado que seria responsável por desenvolver os membros inferiores de "maneira desproporcional" e gerar danos prejudiciais à saúde das praticantes (GOELLNER, 2005).

Deve-se também considerar a histórica imposição de regimes disciplinares, morais e religiosos às mulheres. O controle e a vigilância dos gestos, antes restritos à prática das "boas maneiras", ainda são realizados pelo vestuário e dietas presentes nas pedagogias culturais (ANDRADE, 2003) que veiculam as representações do corpo feminino na mídia. Objeto de valor, prazer e liberdade, o corpo das jogadoras de futebol é instrumento utilizado para produzir ações que estão inscritas em noções específicas de pertencimento e de gênero.

A maneira como cada país ou região trata os registros históricos varia e influencia na construção de uma história da modalidade e valorização dos feitos dessas mulheres. É necessário, portanto, que os registros sejam preservados. Os números e as letras por si sós, nada dizem, mas em conjunto com os discursos das pessoas que participam desta modalidade, constroem uma história de fazeres ainda a serem desvelados.

2.2.1 O *futebol de mulheres* brasileiro: superando a legislação

Ao tentar-se organizar os períodos históricos da prática do *futebol de mulheres* brasileiro, poder-se-ia pensar em três marcadores históricos: 1) do início do século XX até o Decreto-Lei nº 3.199/41, com o pioneirismo e alertas a danos à saúde das jogadoras, baseados em argumentos médicos relativos à maternidade e ao "sexo frágil"; 2) a partir 1980, após os vetos governamentais e o recomeço da prática[89]; e 3) a partir dos anos 2000, com as tentativas de profissionalização nacional, o aumento de escolinhas, de competições e de mídia.

A promulgação do Decreto-Lei 3.199, em 1941, regulamentou não apenas a pirâmide organizacional regida no topo com a criação do Conselho Nacional de Desportos, responsável por vigiar e controlar as práticas desportivas[90], mas também instituiu que: "Art. 54. Às

89 A primeira convocação da seleção brasileira foi em 1988. A maior parte das integrantes era da equipe Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro, uma das maiores campeãs brasileiras na década de 1980. Essa equipe foi hexacampeã da Taça Brasil de Futebol feminino, de 1983 a 1988.

90 Entre 1933 a 1950, conforme Murad (2013), pode-se considerar que o futebol assumiu maior importância à população brasileira. "O elevado impacto simbólico, que o futebol tem no Brasil, como representação social e identidade coletiva, e a cada dia mais, teve a sua origem histórica nessa fase" (MURAD, 2013, p. 60). Essa fase marcou também o início da profissionalização do futebol, com uma maior aceitação de negros, pobres e analfabetos, antes excluídos. Durante esse processo de popularização, democratização e profissionalização,

mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país". Essas incompatibilidades foram posteriormente reguladas em 1965, proibindo lutas, futebol (de campo, salão e praia), polo, polo aquático, *rugby*, halterofilismo e *baseball*[91].

Para Rial (2013), as mulheres foram historicamente impedidas de compartilhar a linguagem do futebol com os homens. Segundo a antropóloga, as mulheres eram cidadãs de segunda classe, consideradas incapazes de representar simbolicamente a nação em competições. Para justificar a proibição do *futebol de mulheres,* foram utilizados argumentos ligados à proteção da saúde e aos corpos das mulheres. "O reconhecimento de um perigo pode ser visto nesta interdição de um elemento que poderia transformar seres passivos em sujeitos sociais, com agência, tal como indica a carta que desencadeia o decreto que proibia as mulheres de jogar o futebol" (RIAL, 2013, p. 119, tradução minha)[92].

A legislação que regulava algumas práticas esportivas de mulheres era uma resposta à moral e aos bons costumes, bem como às tensões geradas pelo período da Segunda Guerra. Para Franzini (2005), as "ditas preocupações com o bem-estar das brasileiras" revelava machismo e moralismo em relação à prática que reunia na década de 1940 cerca de 10 equipes no subúrbio carioca, tais como Eva FC, EC Brasileiro, Cassino Realengo e Benfica FC, as quais estavam distantes física e simbolicamente dos clubes tradicionais.

Embora o *futebol de mulheres* não pudesse ser praticado de forma competitiva, era impossível sua total exclusão em todos os espaços sociais. Mesmo com o veto governamental, encontram-se narrativas que apontam para a existência de jogos entre mulheres, tais como os realizados em Pelotas (RS), nos anos 1950. Conforme Rigo et al (2008), as equipes Vila Hilda Futebol Club e Corinthians Futebol Club eram compostas por jogadoras entre 13 e 18 anos, classe média baixa. Seus jogos eram vistos com curiosidade pelo público que ia conferir o "ineditismo do acontecimento esportivo". As equipes pelotenses fizeram inclusive duas

as mulheres foram excluídas da prática e do protagonismo, em parte talvez também pelo entendimento de que com o afastamento da elite destes espaços, eles se tornariam não tão "bem frequentados" ou apropriados às "moças de família". A seguir, entre 1950 a 1970, o Brasil consolidou-se como uma potência internacional no futebol, tendo conquistado títulos em 1958, 1962 e 1970.

91 Para saber mais sobre os impedimentos, vide Moura (2003).

92 Texto original: "El reconocimiento de un peligro puede ser visto en esta interdicción de un elemento que podría transformar a seres pasivos en sujetos sociales, con agencia, tal como lo indica la carta que desencadena el decreto que prohibía a las mujeres jugar al fútbol".

excursões a Porto Alegre, quando jogaram amistosos contra as equipes Amazonas e Tiradentes[93].

Pode-se ainda trazer o caso das "Pioneiras de Araguari". Nos registros históricos da revista "O Cruzeiro", de 28 de fevereiro de 1959, das páginas 125 a 129, há uma reportagem sobre a partida entre Araguari e Fluminense, realizada em Uberlândia. A narrativa dessas mulheres institui um marco de pioneirismo que não havia sido retratado nas histórias vividas no início do século XIX, quando, embora praticado, o *futebol de mulheres* era repleto de dúvidas e lacunas históricas (MOURA, 2003).

A busca por questões históricas na política desportiva brasileira (tais como a constante referência ao Decreto-Lei 3.199/41)[94] apresenta-se como bom argumento para a reivindicação de espaços para as mulheres no universo esportivo. A revogação do decreto é importante no sentido de legalizar o consenso estabelecido na superação do entendimento de que o futebol seria inconveniente do ponto de vista médico. A mudança indica também a obsolescência da legislação, tendo em vista as mudanças sociais ocorridas. Para superar o papel de coadjuvantes, as mulheres tiveram que "furar a retranca"[95].

2.2.2 O *futebol de mulheres* na atualidade: um panorama pós-proibições

A primeira pesquisadora brasileira a escrever na área acadêmica sobre o futebol já anunciava como era percebida a mulher jogadora de futebol no início da década de 1980. Conforme os discursos obtidos por Guedes (1982), a prática realizada por mulheres era incomum e, portanto, seu lugar era marginal, às margens dos conhecimentos e da prática.

93 Em 1951, mesmo sem relatos sobre jogos da equipe pelotense, Rigo et al. (2008) relatam ter identificado uma notícia no Diário Popular sobre um jogo ocorrido entre as equipes Renner e Tiradentes.

94 Kessler (2010, p. 34) afirma que "Este decreto entrou em vigor a partir de 14 de abril de 1941. Conforme Farias (2008, p. 3), 'Ao estabelecer as bases de organização dos esportes e instituir o Conselho Nacional de Desportos (CND), o artigo 54 do decreto proibia às mulheres 'a prática de desportos considerados incompatíveis com as condições da sua natureza, devendo para este efeito o CND baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país'. Logo depois, o general Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho subsídios para a elaboração de um documento que formalizou a interdição das mulheres a algumas modalidades esportivas, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo; outras foram permitidas, desde que preservados certos limites".

95 A retranca, no futebol, é entendida como um esquema tático em que uma das equipes fica na defesa, à espera de uma oportunidade para contra-atacar rapidamente. Pode também significar uma atitude de desconfiança, de reserva em relação à equipe adversária. Porém, não é apenas no futebol que essa retranca existe. Há relatos de mulheres que tentam driblá-la, mas encontram dificuldades devido às estruturas atualmente estabelecidas. Superar a retranca, é, de certa forma, conseguir um equilíbrio entre diferenças e igualdades, de forma que o discurso permaneça polifônico e as oportunidades de atuação política sejam multiplicadas.

Porém, na atualidade, as mulheres participam não apenas como torcedoras. Adentraram aos campos e são também produtoras de fazeres relacionados a esta prática esportiva.

> 'Gostar de futebol' pressupõe 'entender de futebol', o que só é conseguido através da prática do jogo. Isso delimita claramente essa área como masculina porque, além de outras razões, as mulheres não podem realmente 'gostar de futebol', já que a prática do futebol feminino é, pelo menos, incomum (GUEDES, 1982, p. 62).

Na atualidade, além de gostar de futebol, as mulheres também jogam. A atual organização das competições internacionais de "futebol feminino" é resultado das mudanças históricas ocorridas desde a década de 1980, quando as bases das seleções nacionais começaram a ser organizadas para a realização na Copa do Mundo da China, em 1991[96]. De lá para cá, as competições internacionais estão mais consolidadas, propiciando novos espaços de disputas. Em 1996, por exemplo, o "futebol feminino" começou a ser competido nos Jogos Olímpicos, com 88 anos de diferença do "futebol masculino"[97].

> A consolidação de ligas européias femininas de futebol, bem como o aumento do interesse pela mídia de eventos, torneios e pelo campeonato mundial de futebol feminino, tornaram-se evidentes, solidificando, assim, a afirmação de que o papel reservado para a mulher no cenário futebolístico está presente de maneira inevitável, como dimensão lúdico-esportiva e como um campo a ser explorado pelo mercado de entretenimento (MOURA, 2003, p. 82).

O prêmio anual da FIFA de melhor atleta começou a ser entregue em 1991, homenageando apenas homens. Somente em 2001, com a ascensão do *futebol de mulheres*, foi criado o prêmio de melhor jogadora do mundo, entregue à estadunidense Mia Hamm[98]. Dentre as ganhadoras desta premiação internacional, a brasileira Marta Vieira da Silva foi escolhida como a Jogadora do Ano FIFA de 2006 a 2010. A conquista de Marta[99] não se compara à de

96 A primeira Copa do Mundo para as mulheres ocorreu 60 anos após a dos homens, que teve seu início em 1930, no Uruguai.

97 O futebol é categoria presente nos Jogos Olímpicos desde 1900, entretanto a FIFA desconsidera as duas primeiras edições, pois eram representadas por clubes e não equipes nacionais. Considera que oficialmente valem as competições realizadas desde 1908.

98 Mia Hamm é uma ex-futebolista que é modelo esportivo para diversas mulheres estadunidenses. Ela ganhou o título de melhor jogadora do ano em 2001 e 2002, tendo encerrado a carreira profissional em 2004.

99 Utilizando-se modelos esportivos da seleção nacional, poder-se-ia tentar melhor entender os diferentes períodos históricos do *futebol de mulheres* no Brasil a partir de precursoras como Sissi e Pretinha, jogadoras que subvertiam os padrões de feminilidade e tinham suas formações esportivas exclusivamente iniciadas nas ruas e sem uma variedade de competições para disputar. A segunda geração, de Marta e Formiga, começou a se aproximar mais dos padrões tradicionais de feminilidade (a exemplo, com o uso de maquiagem e cabelos compridos); e a atual geração, de Andressa Alves e Andressa Machry, embora ainda tenha garotas que iniciam a jogar nas ruas, tem também as formadas em "escolinhas" e continua a reivindicar um estável

nenhum outro brasileiro no futebol e, mesmo assim, ela não consegue atuar no Brasil devido à falta de uma estrutura e boa compensação financeira. As propostas internacionais eram bem mais produtivas em termos financeiros e de projeção futebolística.

Conforme dados FIFA de 2014, no mundo há cerca de 29 milhões de mulheres que jogam futebol. Embora não apresente como chegou a essa estimativa, a entidade afirmou que a expansão gerada nos últimos anos no *futebol de mulheres* levou à ampliação de investimentos no desenvolvimento da modalidade nas áreas de competições, gestão, formação e promoção. Para se ter uma ideia, o número de confederações "masculinas" que integram a FIFA é maior que a de "femininas", sendo respectivamente 209 e 133[100].

As restrições das mulheres à arena esportiva futebolística podem ser de privações físicas, éticas, sociais e legais. Em relação ao Brasil, pode-se perceber que, embora a legislação tenha permitido a prática do "futebol feminino", a legislação esportiva não apresentou evolução suficiente para incentivar o aumento massivo de praticantes e de competições duradouras. A exemplo disso, pode-se citar as mudanças na legislação estadunidense, com a aprovação da *Title IX*[101], legislação que resultou em ganhos significativos de participação esportiva por mulheres, a partir de mudanças que combatem as discriminações de gênero pela equiparação de investimentos para homens e mulheres em instituições educativas que recebam recursos governamentais.

---

calendário anual de jogos, encontrando um cenário de mais aceitação às suas práticas esportivas.

100 Em 1991, na primeira Copa do Mundo Feminina FIFA, eram 46 confederações. Esses números de confederações se referem ao *FIFA Coca-Cola World Ranking*, publicado em dezembro de 2014. Na lista constavam também outros 33 países, inativos por mais de 18 meses: Armênia, Congo, Moldova, Fiji, Azerbaidjão, Angola, Ilhas Salomão, Guineia, Samoa, Taiti, Nova Caledônia, Vanuatu, Samoa Americana, Dominica, Guiana, Congo, Malawi, Síria, Iraque, Uganda, Eritreia, Gabão, Grenada, Benin, Emirados Árabes, Guineia Bissau, Curaçau, Uzbequistão, Quirguistão, Geórgia, Líbano, Moçambique e Kwait.

101 *Title IX, Education Amendments of 1972* é uma lei estadunidense de direitos civis que proíbe as discriminações baseadas no sexo e preza pela igualdade de condições e investimentos entre homens e mulheres em escolas, universidades, livrarias e museus estadunidenses. "Nenhuma pessoa nos Estados Unidos deve, com base no sexo, ser excluída da participação em, ser negado os benefícios de, ou ser submetido a discriminação em qualquer programa ou atividade de educação que recebem assistência financeira federal (...)" (UNITED STATES OF AMERICA, 1972, s.p., tradução minha). Embora não faça menção explícita sobre esportes, esta lei é mais conhecida pelos seus impactos na esfera atlética/esportiva estadunidense. Neste sentido, pode-se também evidenciar o aumento de igualdades com a soma da categoria sexo a raça, cor, religião e nacionalidade ao *Civil Rights Act of 1964*. Outro exemplo de como a legislação atuou na minimização das discriminações foi a *Executive Order 11375*, assinada em 1967, regra que baniu a discriminação baseada no sexo em relação à contratação de força de trabalho no governo federal dos Estados Unidos e nas empresas contratadas pelo governo.

2.3 LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL

A captação de recursos no *futebol de mulheres* profissional ainda depende da aprovação de atos dos Poderes Legislativo e Executivo. O desenvolvimento da modalidade se dá por medidas esporádicas, a exemplo da Medida Provisória nº 671, chamada "MP do Futebol" ou "ProFut", convertida em lei em 4 de agosto de 2015 (BRASIL, 2015). Essa lei renegocia a dívida de clubes de futebol, estimada em cerca de 4 bilhões de reais, mediante algumas contrapropostas. Dentre as contrapropostas exigidas pelo governo consta a obrigatoriedade do desenvolvimento da base de jogadores e do "futebol feminino", entretanto, sem definições precisas em relação à percentagem dos investimentos[102]. Dirigentes de clubes e parlamentares se mostraram contrários à implementação de ações em prol do "futebol feminino", bem como à redução dos mandatos de seus presidentes em até quatro anos com apenas uma recondução e a limitação de 70% da receita bruta anual com a folha do futebol profissional.

Embora os efeitos do Decreto-Lei nº 3.199/41 já tenham sido revogados, pode-se perceber, conforme se mostrou anteriormente neste capítulo, que o modelo esportivo atual ainda apresenta diversas barreiras à profissionalização das futebolistas, indicando que além dos impedimentos promovidos por leis, deve-se considerar aspectos culturais[103]. Entretanto, não se pode negar a existência de políticas públicas que as têm auxiliado financeiramente, tais como o incentivo financeiro chamado Bolsa Atleta, recebido como contrapartida de participações vitoriosas. Analisando criticamente essa política pública, ela ainda está longe de criar uma estrutura mais permanente, com mecanismos de emancipação, mas provê alguma fonte de sustento às futebolistas.

---

102 No texto da Lei nº 12.155, Artigo 4º, com grifo meu, é exigida "X - manutenção de investimento mínimo na formação de atletas e no futebol feminino (...)". Perceba-se, que a lei não define as ações e dá o tom do que pode ser esperado em relação aos investimentos: o mínimo.

103 Em 24 de março de 1998, foi instituída a Lei nº 9.615, chamada de Pelé ou Lei do Passe Livre, a qual acabou com a venda de passes (permissões para que os jogadores de futebol pudessem atuar em outros clubes) no Brasil. A Lei nº 12.395, de março de 2011, alterou a regulação das práticas formais e não formais esportivas . Sobre a legislação que regula a prática esportiva como profissão, está definido: "Art. 28. A atividade do atleta profissional é caracterizada por remuneração pactuada em contrato especial de trabalho desportivo, firmado com entidade de prática desportiva, no qual deverá constar, obrigatoriamente (...) (Redação dada pela Lei nº 12.395, de 2011)". Pode-se perceber que a lei está escrita apenas com substantivos masculinos, ou seja, excluindo o substantivo feminino também na sua formulação.

Desde 2005, atletas com mais destaque, vencedoras de competições em nível nacional, podem requerer este benefício. O Bolsa Atleta é um programa do Governo Federal, gerido pelo Ministério do Esporte, solicitado por atletas de alto rendimento, independente de condição econômica e sexo. Ele visa fornecer algum rendimento financeiro a atletas que possam representar o Brasil em competições.

O Bolsa Atleta possui diversas categorias, as quais possuem diferentes requisitos[104]. Conforme a Portaria nº 142, de 1º de julho de 2014, de um total de 6.667 atletas que receberam o benefício do Bolsa Atleta em 2014, 117 são jogadoras de futebol[105]. Dessas, 15 estão na categoria Olímpica, 102, na categoria Nacional. Há ainda 3 jogadoras contempladas na categoria Estudantil, com o futsal. Em relação aos homens beneficiados com o Bolsa Atleta, estão 9 do "futebol cinco", 44 do "futebol sete" e 19 do "futebol de cegos"[106].

O número de mulheres contempladas extrapola em 45 o número de homens beneficiados em três modalidades (futebol 5, futebol 7 e futebol de cegos). Conforme o que se pode perceber, devido à falta de compensações financeiras em grande parte das equipes, mesmo as consideradas profissionais, o governo brasileiro realiza os investimentos que deveriam ser feitos por clubes privados que possuem equipes de mulheres.

Salta aos olhos a ausência de homens ou garotos que tenham sido contemplados na modalidade "futebol (onze)", o que de certa forma revela que eles provavelmente tenham ganhos contratuais ou de imagem superiores aos fornecidos pelo governo, e por isso não lhes interesse requerer o benefício. Da mesma forma, a renomada jogadora Marta e outras futebolistas que atuam no exterior também não solicitaram o recebimento do Bolsa Atleta.

104 Dentre elas, estão: a) Categoria Base (R$370): Idades entre 14 e 19 anos. Deve ter obtido até terceira colocação em modalidades individuais de competições nacionais oficiais ou estar entre 10 melhores atletas do ano anterior. b) Categoria Estudantil (R$370): Idade entre 14 e 20 anos. Precisa ter alcançado de 1º a 3º lugar nos Jogos Estudantis Nacionais e estar entre 6 melhores atletas em cada modalidade esportiva. c) Categoria Nacional (R$925): Precisa ter vínculo com entidade de prática desportiva (clube) e filiação com Federação e Confederação. Precisa posicionar de 1º a 3º lugar no *ranking* nacional. d) Categoria Internacional (R$1.850): Diferente da categoria Nacional, precisa posicionar entre 1º a 3º lugar em Campeonato Mundial, jogos Pan-americanos ou Sul-americanos. e) Categoria Olímpico/Paralímpico (R$3.100): Precisa ter integrado a delegação brasileira, com seu nome constando em súmulas na última edição dos Jogos Olímpicos ou Paralímpicos. Ao final, é necessário que a entidade afirme que durante o recebimento do benefício, a atleta manteve-se em plena atividade desportiva, participando de treinamentos para futuras competições. Vale lembrar que o salário-mínimo em 2014 era de R$724.

105 Conforme a divulgação do governo, seriam 106, entretanto, ao realizar a contagem de jogadoras divulgada no edital, encontram-se 117.

106 Cabe salientar que a única mulher contemplada na categoria "Futebol de cegos" consta com o nome de Christiane Maria Moreira, provavelmente uma integrante da comissão técnica. Entretanto, quando seu nome é procurado na internet, ela aparece como atleta de competições de judô para cegos e deficientes visuais.

Desconsiderando-se os incentivos governamentais e a realização de campeonatos nacionais, não está ainda em vigor nenhum outro mecanismo jurídico que forneça recursos ou incentive os clubes a manterem um departamento de *futebol de mulheres*. A regulamentação de uma lei de incentivo fiscal vinculada à manutenção de uma equipe de mulheres há muito tempo é discutida, porém, sem resultados práticos[107].

A estrutura de um clube exigiria o pagamento de encargos trabalhistas (caso fosse assinada a carteira de trabalho das jogadoras), verbas para pagar as taxas federativas e dinheiro para investir em profissionais que realizem a preparação das jogadoras. Conforme afirma Souza Júnior (2013), o registro em carteira de trabalho possui um valor social relevante, sendo um importante mecanismo de qualificação num campo social. A exclusão do mercado de trabalho resulta em constrangimentos, tais como cobranças de familiares. Um dos argumentos frequentemente utilizado pelas famílias é o de que as futebolistas deveriam se dedicar mais aos estudos e carreira profissionais que deem "mais futuro".

Muito diferente do brasileiro, o futebol estadunidense possui, desde a década de 1970, uma lei que oficializou as políticas públicas que incentivam não apenas o início da prática, mas também a constituição de uma base de atletas habilitada a integrar a seleção nacional e gerar ídolos esportivos. As políticas públicas estadunidenses não apenas incentivam a continuidade da prática durante o Ensino Superior, mas também permitem acesso a condições materiais e estruturais de qualidade, no decorrer das formações atléticas das futebolistas.

Enquanto isso, no Brasil, pode-se perceber o descaso no cumprimento de legislações referentes às mulheres na área esportiva[108], tal como a ausência de televisionamento da

107 Está em tramitação na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 5.307/13, do deputado federal José Stédile (PSB/RS), que destina 5% de qualquer patrocínio público a clubes de futebol profissional de homens para o desenvolvimento do "futebol feminino", os quais deverão ser repassados às federações estaduais. Deve-se considerar que, em se consolidando um repasse de verbas do futebol de homens, o modelo de desenvolvimento do *futebol de mulheres* no Brasil deve ser repensado, para que se fundem bases de geração de recursos adequadas, evitando-se a mera reprodução das já existentes.

108 Conforme exposto na Lei nº 9.615/1998 (Lei Pelé), "Art. 84-A. Todos os jogos das seleções brasileiras de futebol, em competições oficiais, deverão ser exibidos, pelo menos, em uma rede nacional de televisão aberta, com transmissão ao vivo, inclusive para as cidades brasileiras nas quais os mesmos estejam sendo realizados. (Incluído pela Lei nº 9.981, de 2000)" (BRASIL, 1998). Pode-se perceber que a legislação é clara com relação ao plural (abarcando "as equipes" de homens e mulheres) e sem restringir-se às seleções principais. Ou seja, jogos das seleções de base também deveriam ser apresentados. Conforme a lei, as empresas de televisão deveriam acordar entre si, fazer rodízio ou cumprir o disposto por arbitramento realizado pelo órgão competente, no caso, a CBF.

seleção brasileira de "futebol feminino" em competições oficiais, prevista em lei[109]. Percebe-se que a legislação, mesmo existente, é constantemente negada e distorcida em benefício de grupos de poder. O desinteresse em apresentar os jogos do *futebol de mulheres* se deve à crença de que, no mesmo horário, os canais possam apresentar outros produtos considerados mais rentáveis economicamente, como as partidas que se enquadram na matriz espetacular futebolística. A falta de uma legislação específica ou de cumprimento da legislação existente demonstra o descaso com o qual são tratadas as futebolistas brasileiras.

2.4 LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS NOS ESTADOS UNIDOS

A lei estadunidense contribuiu muito para mudanças na esfera esportiva às mulheres, propiciando acesso a estruturas e materiais esportivos de excelente qualidade. As jogadoras estadunidenses que entrevistei afirmam se sentirem valorizadas ao jogar o *soccer*[110], mas acreditam que há muito a melhorar quando se compara o *soccer* com outras modalidades esportivas praticadas por homens. Entretanto, as diferenças entre ambos não desvalorizam a modalidade nos Estados Unidos, pois este é percebido como um espaço social diferente.

Nos Estados Unidos, desde aprovação da legislação federal intitulada *Title IX*, há a proibição da discriminação baseada no sexo em programas educacionais que recebam investimentos federais. Essa lei abrange instituições públicas e privadas. Embora tenha sido aprovada em 1972, começou a vigorar apenas em 1978. Ela é aplicada em todas as esferas da educação, inclusive as relacionadas a práticas esportivas.

A *Title IX* suscita embates que envolvem a alocação de recursos entre homens e mulheres. Dessa forma, deve-se considerar que, conforme a disponibilidade de verbas, as instituições realizam incentivos ou cortes em determinados esportes. Embora a *Title IX* seja uma lei que beneficia as mulheres, buscam-se também formas de promover uma distribuição

109 Embora exista uma legislação em vigor, nenhuma rede nacional de televisão aberta apresentou os jogos da Copa América de Futebol Feminino 2014, classificatória para Copa do Mundo 2015.

110 Para Darbon (2011), o termo *football* é polissêmico e significa tanto a forma mundial de jogar com os pés (que no Brasil é chamado de futebol), como também a origem do *rugby* ou do *football* (americano). O futebol é conhecido na maioria dos países de língua inglesa como *football*, entretanto, nos Estados Unidos, ele é conhecido como *soccer*. Nos Estados Unidos, o *football* é o esporte nacional, podendo ser basicamente definido como uma variação do *rugby*, composto por 11 participantes em cada equipe e jogado principalmente com as mãos, em partidas divididas em quatro tempos de 15 minutos. Nos Estados Unidos, não é utilizado o adjetivo "americano", portanto opto em escrever o futebol americano apenas como "*football*" no decorrer do texto.

mais equitativa de recursos, bem como melhorar os efeitos das políticas públicas nas práticas esportivas tanto para garotas/mulheres quanto para garotos/homens.

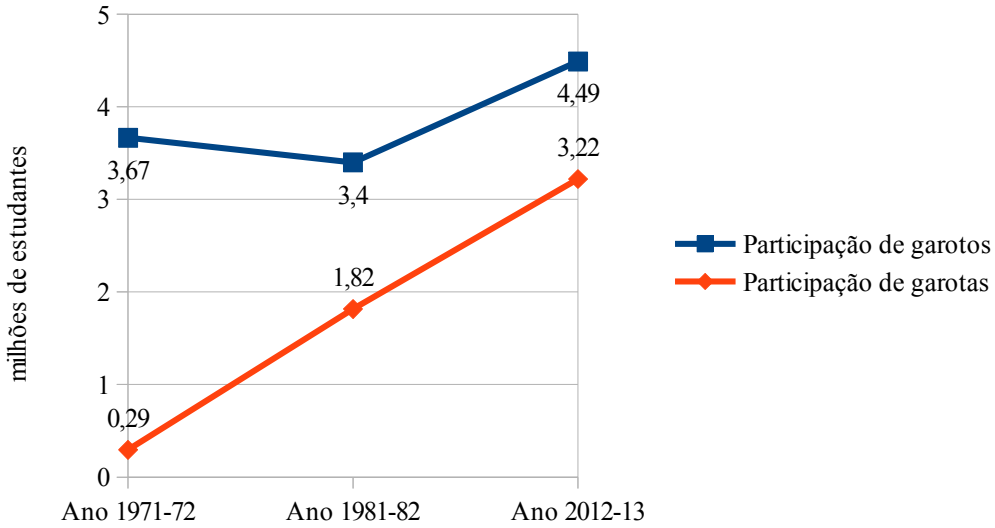
Conforme um relatório produzido pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos (UNITED STATES DEPARTMENT..., 2012), antes da *Title IX*, as universidades de elite estabeleciam que as mulheres deveriam ter pontuações maiores que os homens para serem aceitas nos processos seletivos. Elas tinham menos acesso a bolsas e eram excluídas de programas acadêmicos considerados para homens, como a medicina. Após formadas no Ensino Superior, suas tentativas de serem aceitas como membros do corpo docente das instituições eram negadas[111].

De acordo com o governo dos Estados Unidos, a *Title IX* não é apenas uma lei voltada às mulheres, ela também protege os homens em relação ao assédio sexual e ao tratamento recebido em termos de oportunidades educacionais. Dessa forma, previnem-se favorecimentos baseados no sexo em cursos que possam ser considerados como tradicionalmente "masculinos" ou "femininos". A lei previne também a discriminação de estudantes cuja aparência ou comportamento não correspondam aos estereótipos socialmente impostos. A *Title IX* entra em consonância com outras leis antidiscriminação, como a "*Title IV of the Civil Rights Act of 1964*", que proíbe a discriminação baseada na raça, na cor, no sexo, na religião ou na origem nacional, nas esferas de ensino.

As mudanças geradas pela *Title IX* são facilmente perceptíveis. Antes da *Title IX*, em 1971, havia 1 garota para cada 12 garotos que participavam de esportes no Ensino Médio (*high school*). Em 2013, essa proporção aumentou, sendo agora 1 garota para cada 1,39 garoto (ACOSTA; CARPENTER, 2014). Entretanto, embora nesses 40 anos tenham-se percebido grandes avanços na participação esportiva das estadunidenses, há 16 vezes mais abertura para a participação de mulheres nos esportes colegiais do que em universidades.

111 Conforme esses dados governamentais, em 1972, apenas 8% das mulheres estadunidenses acima de 19 anos tinham um diploma de curso superior. Em 2009, 28% das estadunidenses possuíam curso superior, o que demonstra maior inserção delas nos ambientes formais de aprendizagem

Gráfico 1 - Participação de estudantes colegiais no *soccer* entre 1971-2013



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de informações do relatório *National Federation of State High School Associations, 2012-13*.

Conforme dados da *National Federation of State High School Associations,* a participação de estudantes de Ensino Médio no *soccer* em, 1971-1972, era de 78.510 jogadores e 700 jogadoras. Em 2012-2013, no *soccer* de colégios participaram 410.982 garotos e 371.532 garotas. Ou seja, pode-se perceber um crescimento significativo na participação das jovens. Em relação à distribuição delas nos esportes de Ensino Médio, em 2012-2013, as práticas esportivas mais praticadas pelas garotas eram: 1º basquete, 2º atletismo (*track and field*), 3º vôlei, 4º *softball*, 5º corrida (*cross country*) e 6º *soccer*.

Embora a *Title IX* pareça ser um instrumento que solucione diversos problemas, Stevenson (2007) critica a lei por favorecer estudantes com estrutura familiar privilegiada: brancos, cujos pais sejam casados, com bom nível educacional e ricos. Stevenson (2007) considera que a *Title IX* causou grande impacto na área esportiva, onde o movimento feminista havia conseguido poucas vitórias. Porém, considera que essa vitória legislativa teve custos.

Além das regulações realizadas pela legislação, as equipes universitárias devem se submeter às normativas de suas ligas. A universidade estudada, a Universidade de Massachusetts, estava inscrita na *National Collegiate Athletic Association* (NCAA), entidade máxima que organiza os esportes universitários nos Estados Unidos, desde 1906. A NCAA

regula 23 esportes na esfera acadêmica dos Estados Unidos, abarcando mais de 460 mil estudantes-atletas.

Em 2013, 8.749 jogadoras de *soccer* estavam inscritas na NCAA *Division-I*. A NCAA fornece às instituições diversos guias para a padronização de como as atividades esportivas devem ser realizadas, bem como orienta sobre os critérios de elegibilidade (pontuações escolares) para os estudantes estadunidenses e para os oriundos de sistemas educacionais internacionais.

As regras instituídas pela NCAA são benéficas aos estudantes no sentido de evitar a sobrecarga de atividades. Entretanto, para alguns profissionais que trabalham na área, elas são produzidas de acordo com os interesses do basquete e do *football*, e sua adoção prejudica outras modalidades, pois veta a disponibilidade de mais tempo para o aprimoramento de habilidades atléticas, tal como permitindo a ampliação das horas dedicadas a treinamentos.

2.5 DEVIN: A DIMINUIÇÃO DE PRIVILÉGIOS PARA (ALGUNS) HOMENS

É difícil imaginar o integrante de uma comissão técnica de futebol de homens reclamar por discriminação, ao menos no Brasil. Entretanto, o relato de Devin, auxiliar técnico da equipe de *soccer* de homens da UMass, participante da *Division I*[112], apresenta um panorama diferente. Para ele, as oportunidades e os recursos financeiros ofertados aos homens que jogam futebol são menores e isso lhe gera incômodo. Após a temporada de jogos, fui recebida em seu escritório, nas dependências da instituição universitária. Devin é branco, heterossexual, 44 anos, pai de dois garotos (de 9 e 13 anos) e de uma garota de 15 anos. Para ele, os Estados Unidos abraçaram homens e mulheres igualmente, mas sente-se frustrado ao ver que sua filha (que não tem interesse em jogar em equipe universitária) tem mais oportunidades que os filhos no *soccer*. Além disso, a maneira como os recursos estão

112 Devin entende as divisões do futebol universitário como diferentes em termos de bolsas atléticas e tempo de jogo, classificando-as da seguinte maneira: "Na *Division-I*, você recebe bolsas, joga mais tempo durante o ano e há o aspecto de entretenimento. *Division-II*, também pode conceder bolsas, mas possui muito menos exposição na mídia. *Division-III*, está mais ligada às atividades extracurriculares, com a participação e experiência esportiva e sem o interesse em venda de ingressos".

distribuídos é muito desigual e prejudica seu trabalho. Seu relato representa o pensamento de homens que se consideram desprivilegiados nos esportes universitários nos Estados Unidos.

Devin considera que o *soccer* tem crescido nos Estados Unidos e que atualmente há muito mais modelos esportivos do que havia na época em que ele era um garoto[113]. Pela falta de referências nacionais, seus heróis eram outros garotos da equipe de *soccer* do Ensino Médio do colégio em que estudava. O pai de Devin não deixou suas crianças praticarem o *football*, pois tinha medo das lesões que o esporte de alto impacto poderia causar, e, portanto, Devin começou a aprender o *soccer* entre os 6 e 7 anos. Na universidade, seu técnico era um inglês, que, na falta de vídeos de equipes dos Estados Unidos, apresentava vídeos do Liverpool FC, equipe inglesa pela qual Devin desenvolveu interesse e torce atualmente.

Como auxiliar técnico, Devin acredita que as estruturas das faculdades são muito melhores que as dos clubes, mas, conforme seu entendimento, as regras impostas pela NCAA impedem o desenvolvimento da modalidade, pois limitam a quantidade de horas de treinamentos. A NCAA possui diversas regras e requer a documentação de todas as atividades, exigindo o preenchimento de formulários referentes a recrutamentos (tais como *camps* e clínicas) e outras atividades. Essa burocracia lhe toma muito tempo, tempo que gostaria de dedicar para treinar seus atletas.

Para Devin, a NCAA defende os interesses do *football* e do basquete, modalidades geradoras de dinheiro para as universidades. "A NCAA defende a experiência do estudante-atleta e a integridade acadêmica quando lhes convém, mas se você prestar atenção à forma como eles legislam, não faz nenhum sentido", disse ele, expressando evidente indignação. Devin deixa claro que há não apenas desigualdades entre o futebol de homens e de mulheres, mas também desigualdades entre os próprios homens, havendo esportes mais valorizados.

A disparidade entre os esportes é por ele exemplificada com o *March Madness*, competição que ocupa boa parte do mês inteiro de março dos estudantes-atletas do basquete. Devin expõe que, enquanto o calendário de competições do basquete é de 6 meses (de outubro a março), o *soccer* compete nas Conferências durante apenas 2 meses e meio (o que os faz ter

113 Devin acredita que, embora o *soccer* tenha crescido em termos de relevância social e número de público nos Estados Unidos, ele ainda precisa expandir mais, para que possa ao menos competir com o *hockey* pelo quarto lugar como esporte de preferência nacional.

até 3 jogos numa mesma semana)[114]. Entretanto, caso expandissem o calendário, provavelmente a universidade teria que lidar com o conflito de horários das diferentes modalidades para o uso das estruturas, possivelmente gerando mais custos e transtornos.

Devin explica que, embora as quantias recebidas pelas modalidades esportivas praticadas por homens e mulheres sejam as mesmas, as mulheres possuem mais subsídios para serem investidos, pois o basquete e o *football* possuem muitos atletas[115], consequentemente, reduzindo as bolsas disponíveis para outros esportes de homens[116]. Devin explica a diferença orçamentária da seguinte maneira:

> Há quase duas vezes mais dinheiro no *soccer* de mulheres do que no dos homens, no nível universitário. E isso é em tudo: bolsas de estudo, dólares, instalações, treinadores, salários, em tudo... é melhor estar do lado das mulheres. O que é diferente no lado dos homens e das mulheres é referente ao crescimento da MLS (*Major League Soccer*). Eu acho que temos conseguido uma verdadeira liga profissional que esperamos que vai sustentar o esporte e ser sustentada, e isso é emocionante. A liga das mulheres tem feito grandes esforços. Ela vai e vém... e volta. É nisso que eu diria onde estão as maiores diferenças entre ambos.

Para haver uma divisão mais equitativa, Devin acredita que o *football* deveria ser excluído do orçamento, sendo considerado uma exceção. Conforme Devin, a permanência do *football* prejudica os demais homens em relação ao orçamento recebido, pois é um esporte muito caro, requer muitos equipamentos e mantém uma grande quantidade de atletas.

O argumento do assistente técnico Devin coaduna com a afirmação de Messner e Solomon (2007), para os quais alguns homens reivindicam a existência de uma "discriminação reversa" iniciada com a implementação da *Title IX*. Essa legislação é considerada por alguns organizadores de equipes de homens como uma ameaça, por eliminar oportunidades atléticas para garotos e homens.

---

114 O calendário completo de preparação da equipe universitária de homens é organizado da seguinte maneira: os jogos começam durante o outono (de agosto a novembro), com recesso em dezembro e janeiro. Em fevereiro, os jogadores começam a treinar umas quatro vezes por semana. Em março, os treinos ocorrem com a frequência semanal de quatro a cinco vezes. Em maio, há novamente recesso. E, em agosto, finalmente recomeça a pré-temporada de preparação. Conforme Devin, o objetivo principal da equipe não são as boas performances, mas principalmente a apresentação de uma equipe que reverbere uma imagem positiva da instituição, sem a preocupação de gerar lucros para a universidade.

115 A equipe universitária de *football* possui cerca de 84 a 96 jogadores.

116 Conforme dados da NCAA, em 2013, havia 70.147 estudantes-atletas (homens) que estavam inscritos em 655 equipes, sendo 247 equipes de *football Division I*. É interessante perceber que, embora haja uma quantia semelhante de equipes de *football* e *soccer* de homens D-I (com 204 equipes de *soccer*), o número de jogadores de *soccer* em nível universitário é quase três vezes menor que o de *football*.

Homens que estão em posições marginalizadas na arena esportiva reclamam não receber os privilégios e nem obterem o mesmo prestígio dos que participam de esportes coletivos com agressivo contato e violentas colisões, os quais ocupam o "centro" esportivo nos Estados Unidos (MESSNER; SOLOMON, 2007). Afirmam que, com a *Title IX*, o interesse das mulheres dita as oportunidades dos homens.

> O esporte é dominado pelo masculino, mas é também construído por uma hierarquia de masculinidade e uma distribuição muito desigual de recursos e privilégio entre garotos e homens: as estrelas do atletismo acima dos reservas, os diretores atléticos e técnicos acima de assistentes técnicos e jogadores; e os técnicos em esportes centrais (especialmente *football*) acima dos que estão nos esportes marginais 'menores' (como *cross-country*, natação, ginástica, luta greco-romana e golfe) (MESSNER; SOLOMON, 2007, p. 2, tradução minha).[117]

Os investimentos em *football*, sem dúvida, são muito maiores que nos outros esportes. Para se ter uma ideia, na universidade estadual de San Diego, o *football* conta com um orçamento de 5 milhões, totalizando 1 milhão a mais do que o orçamento de 20 esportes de mulheres. Um dos diretores atléticos da instituição, cuja fala se encontra no texto de Messner e Solomon (2007), explica que o *football* precisa de altos investimentos para ser competitivo e assim gerar renda para a captação de recursos necessários para serem investidos também nos esportes das mulheres. Com o privilégio orçamentário, entretanto, optou-se em encerrar as atividades da equipe de vôlei daquela universidade, pois era impensável a retirada de sequer 3% do orçamento do *football*. Essas medidas fazem com que equipes de esportes "marginais" se posicionem na retirada do *football* e do basquete nos índices de igualdade orçamentária.

No relatório anual da Universidade de Massachusetts (UMass), publicizado pelo departamento esportivo, as receitas anuais esportivas geradas em 2013 totalizaram 28,6 milhões. Desse total, quase 12 milhões foram provenientes de subsídios estaduais e da universidade (equivalendo a 42%) e quase 8 milhões eram taxas estudantis (28%). A bilheteria de jogos rendeu apenas cerca de 7% da renda esportiva anual.

Dentre os esportes que mais geraram renda à UMass, o *football* gerou 1,2 milhão (representando 4% do orçamento esportivo); o basquete de homens gerou renda de quase 700

117 Trecho original: "Sport is male-dominated, but it is also constructed through a hierarchy of masculinities and a very unequal distribution of resources and privilege among boys and men: star athletes over benchwarmers, athletic directors and head coaches over assistant coaches and players, and athletes and coaches in central sports (especially football) over those in marginal 'minor' sports (like cross-country, swimming,gymnastics, wrestling, and golf)".

mil (representando 2% do orçamento); e o *hockey* gerou 370 mil (representando 1%). O *softball* e o basquete de mulheres geraram 33 mil dólares em renda, juntos (representando cerca de 0,1% da renda). Perceba-se que as duas modalidades esportivas mais lucrativas das mulheres renderam menos que a dos homens; mas observem-se também os gastos.

Os gastos com todos os 19 programas atléticos ativos na instituição totalizaram em 2013 despesas de 29 milhões de dólares, havendo uma perda de quase 400 mil entre receita e gastos. O campeão na geração de gastos foi o *football*, com quase 6 milhões de gastos (de uma equipe com 105 pessoas), seguido pelo basquete de homens, com despesas de 2,6 milhões e o *hockey* com 1,8 milhão. O basquete de mulheres teve despesas de quase 1,6 milhão de dólares anual, o *soccer* de mulheres 685 mil e o *softball* 774 mil. Ou seja, pode-se perceber que os maiores gastos da equipe de basquete de mulheres, os maiores entre as mulheres da universidade, eram quase quatro vezes menores que os do *football*.

O relatório da UMass ainda identificou que, em 2012, 48,3% de seus estudantes eram mulheres, totalizando 9.746 estudantes. Em termos de participação, entre 2012-13, cerca de 50,1% dos esportistas eram mulheres, sendo que, dentre os estudantes que receberam bolsas, as mulheres totalizaram 42,1% do total de bolsas, enquanto os homens totalizaram 57,9%, apresentando uma evidente discrepância, devido à transição da universidade para a *Division I*.

Buzuvis (2014) explica que, mesmo com as preocupações em promover a igualdade de recursos e oportunidades para as mulheres nos ambientes universitários atléticos *americanos*, o aumento dos interesses financeiros promoveu a ampliação de investimentos em programas atléticos de homens que geram mais renda. Esse modelo comercial, segundo Buzuvis (2014), promove diferenças não apenas entre os gêneros, mas também opera como instrumento de desigualdade racial, infligindo custos ocultos à sociedade afro-americana[118].

> O patriarcado utiliza o esporte como ferramenta para manter a dominação masculina, usando-o para atribuir aos participantes do sexo masculino o poder e o status social associado à participação atlética e sucesso - tais como força e competência física, status social e capacidade de liderança, e atributos de caráter tais como diligência e cooperação (BUZUVIS, 2014, p.114, tradução minha)[119].

118 Em grande parte, Buzuvis (2014) se refere à participação de talentosos atletas negros em equipes de basquete e *football*, os quais, devido à extrema dedicação aos resultados esportivos, não conseguem se graduar ou recebem uma educação sem impactos significativos em suas vidas pós-universidade.

119 Trecho original: "The patriarchy uses sport as a tool to maintain male dominance by using it to ascribe to male participants the power and social status associated with athletic participation and success—such as strength and physical competence, social status and leadership ability, and character attributes such as

Buzuvis (2014) afirma que o sistema atlético universitário favorece uma elite de privilegiados, que são beneficiados com esse sistema competitivo e possuem alguém disponível para transportá-los para os treinos e arcar com os altos pré-requisitos das seleções realizadas pelas instituições educacionais.

Para Buzuvis (2014), os programas atléticos universitários *americanos* deveriam ser readequados em seus tamanhos, com diminuição de gastos com salários do departamento atlético, estruturas físicas, competições e viagens. Essa redução acabaria com as pressões em obter rendas e explorar os estudantes-atletas, focando apenas na educação. Essa mudança, para Buzuvis (2014), também beneficiaria as mulheres, diminuindo as desigualdades, redistribuindo os recursos para modelos menos competitivos e mais participativos.

Em pesquisa, Acosta e Carpenter (2014) identificaram que o número de profissionais empregadas nos programas atléticos universitários *americanos* é o maior de todos os tempos. São 13.963 mulheres atuando como técnicas, assistentes técnicas, diretoras, treinadoras, administradoras e técnicas de condicionamento físico. Entretanto, há um recorte de gênero que deve ser observado. Nas equipes de mulheres, 43,4% das treinadoras são mulheres, enquanto nas equipes de homens, elas ocupam apenas 2 a 3,5% das posições técnicas. Devido à *Title IX*, os treinadores (homens) obtiveram ganhos. O número de treinadoras em equipes de homens teve um aumento ínfimo desde 1972, e nas equipes de mulheres, a percentagem de treinadoras diminuiu de 90% (em 1972) para 43,4% em 2014, devido à busca por equiparação entre homens e mulheres nos programas atléticos (ACOSTA; CARPENTER, 2014)[120].

Na década de 1970, as posições de trabalho na área técnica não recebiam o mesmo financiamento, status ou a mesma pressão para ganhar que possuem na atualidade. O ambiente competitivo nos esportes universitários *americanos* tornou este um ambiente inóspito para muitas mulheres que ocupavam até mesmo cargos voluntários. Percebe-se, portanto, que as vantagens percebidas para as jogadoras não se refletem na área técnica, indicando uma divisão sexual do trabalho ainda bastante pronunciada.

---

diligence and cooperation".

120 Acosta e Carpenter (2014), desde 1977 realizam um estudo longitudinal com as equipes integrantes da NCAA. Embora não abarque outras ligas como NAIA e NJCAA, o estudo revela dados importantes sobre o aumento de oportunidades para as mulheres nos esportes praticados nos Estados Unidos.

Em pesquisa, Acosta e Carpenter (2014) encontraram 9.581 equipes de mulheres nas universidades (incluindo D-I, D-II e D-III[121]). Nos últimos 14 anos, calcularam um aumento de 2.080 equipes. As equipes de mulheres mais presentes nos programas atléticos são 1º basquete (presente em 99,1% dos programas), 2º vôlei (96,6%), 3º *soccer* e *cross country* (93,3%) e 4º *softball* (89,2%). Há, conforme as autoras, uma diferença em relação ao número de equipes nos níveis D-I, D-II e D-III. As universidades D-I oferecem maior número de equipes para mulheres.

O crescimento do *soccer* nos programas atléticos de mulheres é bastante evidente. Em 1977, estava presente em apenas 2,8% das universidades dos Estados Unidos, ocupando o 20º lugar em termos de participação (ACOSTA; CARPENTER, 2014). Em 2014, a participação do *soccer* aumentou para 93,3% nas escolas participantes da NCAA.

Quadro 1 - Participação de homens e mulheres no *soccer* universitário da NCAA.

	Equipes Division-I	Equipes Division-II	Equipes Division-III	Total de equipes	Nº atletas
Soccer de mulheres 1981-1982	22	10	48	80	1.855
Soccer de mulheres 2013-14	322	257	432	1.011	26.084
Soccer de homens 1981-1982	182	106	233	521	12.957
Soccer de homens 2013-14	204	205	406	815	23.365

Fonte: Dados do relatório *NCAA Sports Sponsorship and Participation Rates Report 1981-82-2012-13*.

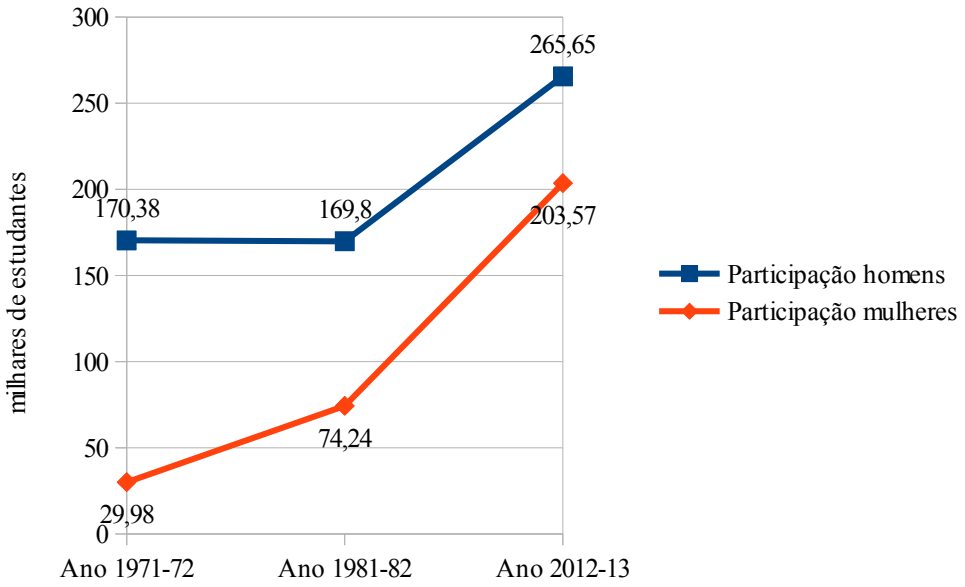
Conforme se pode perceber pelo quadro anterior, o número de equipes na *Division-I* cresceu consideravelmente de 22 (na década de 1980) para 322, ou seja, catorze vezes mais, o que, em percentagem, seria equivalente a 1.464%. Na atualidade, se comparados, o número de praticantes homens e mulheres no *soccer* universitário praticamente se equipara.

Se considerarmos também a quantidade de praticantes de todos os esportes universitários (e não apenas o *soccer*), pode-se perceber que as mulheres (mesmo com o aumento significativo de participação) ainda estão na busca pela equiparação, entretanto, sem ainda alcançá-los. Enquanto na década de 1980 as mulheres totalizavam 74 mil e os homens 167 mil, atualmente os homens atletas totalizam 265 mil e as mulheres 203 mil.

121 Essas Divisões se relacionam principalmente em relação aos investimentos realizados pelas universidades na área esportiva. Elas serão mais bem explicadas no capítulo 4.

O Gráfico 2, a seguir, demonstra que, embora a legislação federal tenha fornecido ganhos em termos de participação das mulheres, também o fez para os homens, podendo-se perceber um aumento de participação para ambos. Embora o aumento de participantes mulheres tenha sido bastante significativo, na atualidade conseguiu-se apenas realizar uma diminuição das desigualdades existentes há quatro décadas.

Gráfico 2 - Participação atlética de homens e mulheres na liga universitária NCAA entre 1971-2013



Fonte: Elaboração da autora, com base em informações do relatório *NCAA Sports Sponsorship and Participation Report, 1981-82–2012-13* e *National Coalition for Women and Girls in Education.*

Embora não haja dados precisos sobre a participação atlética das brasileiras, pode-se afirmar que elas ainda buscam diminuir as desigualdades existentes nas esferas esportivas profissionais. Conforme os indicadores, pode-se perceber que a *Title IX* proporcionou significativos ganhos à participação das estadunidenses. No Brasil, os passos ainda lentos se referem a modelos esportivos incapazes de inseri-las, devido a agências esportivas desinteressadas em advogar pelos desejos das futebolistas.

2.6 AGENCIAMENTO ESPORTIVO: TERRENO FÉRTIL PARA O "DISCURSO DAS AUSÊNCIAS"

Diferentemente dos Estados Unidos, pode-se perceber que, no Brasil, as ações referentes ao "futebol feminino" não são norteadas por políticas públicas perenes. Essa instabilidade, a inexistência de um modelo que seja considerado "adequado", é terreno fértil para a reprodução do "discurso das ausências". Nesta subseção, apresento as instituições que influenciam no *futebol de mulheres* brasileiro. Dentre elas, podemos citar as agências esportivas (FIFA, CONMEBOL, CBF e federações estaduais) e as agências governamentais (Ministério dos Esportes, entidades estaduais e prefeituras).

Em relação à entidade máxima do futebol, a FIFA, pode-se afirmar que esta é uma das instituições que menos apresenta ações diretas que influenciem no cotidiano de futebolistas brasileiras. A maior competição por ela realizada, com certeza, é a Copa do Mundo, cuja edição de 2015 suscitou a polêmica na imposição dos gramados artificiais (experimento nunca adotado aos homens e entendido como uma discriminação em relação às mulheres)[122]. Ainda, no plano das competições internacionais jogadas pelas brasileiras, pode-se elencar: Copa Libertadores da América[123] e Sul-Americano (organizados pela CONMEBOL)[124]; Pan-Americano (organizado pela Organização Desportiva Pan-Americana) e Jogos Olímpicos[125].

Em relação a projetos da FIFA que tenham resultados práticos, principalmente em esferas locais, eles ainda não foram implementados no Brasil. A FIFA, assim como suas afiliadas, atuam em nichos de mercado que lhes sejam proveitosos. Entretanto, embora haja a

122 Desde 2004, a FIFA mudou as regras e permitiu o gramado artificial em competições internacionais. Entretanto, nenhuma Copa do Mundo de Futebol de homens ou mulheres em idade adulta havia sido realizada nesse tipo de gramado antes da Copa do Mundo Canadá 2015. Essa imposição da FIFA foi recebida por um grupo de jogadoras como uma discriminação de gênero, e, portanto, elas iniciaram um processo judicial contra a entidade promotora. O processo, entretanto, foi retirado, devido a diversas pressões às jogadoras, inclusive relacionados a boicotes de suas convocações. Apesar dos baixos custos e facilidade de manutenção, essa superfície é questionada pelo alto potencial de lesões (com as queimaduras na pele, devido ao atrito com o material plástico nos deslizamentos; e com estresses cumulativos às articulações, causados pela baixa absorção de impactos).

123 A Copa Libertadores da América Feminina é organizada pela CONMEBOL desde 2009.

124 Dentre as competições organizadas pela Confederación Sudamericana de Fútbol (CONMEBOL), estão: Sul-Americano Sub-17 (realizado desde 2008, a cada 2 anos), Sul-Americano Sub-20 (realizado desde 2004, a cada 2 anos), Copa Libertadores (desde 2009, anualmente). O Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino, também chamado de Copa América Feminina, foi realizado desde 1991 e serviu como qualificatório para a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino.

125 O futebol é modalidade coletiva existente nos Jogos Olímpicos desde 1908. Entretanto, o "futebol feminino" teve início em 1996, nos Jogos de Atlanta, nos Estados Unidos.

falta de ações, pairam expectativas em relação à utilização da quantia referente ao chamado "legado da Copa do Mundo 2014", que resultou na doação de 15 milhões de dólares para o "futebol feminino"[126]. Cabe lembrar que os lucros da FIFA no Brasil foram muito maiores do que os investimentos até agora realizados na promoção da prática esportiva[127].

A falta de ações promotoras do *futebol de mulheres* por parte da FIFA também pode ser percebida na esfera internacional, considerando que, devido a interesses econômicos (ou a falta deles neste nicho), a FIFA ainda não organizou um Mundial Interclubes para as mulheres[128]. Para suprir essa lacuna, de 5 a 15 de janeiro de 2011, foi realizado o Torneio Internacional Interclubes de Futebol Feminino, pela empresa Sport Promotion[129] e a Federação Paulista de Futebol, em Araraquara. Enquanto a FIFA não possui interesse em promover uma competição deste porte, outras competições internacionais não oficiais são realizadas para suprir os anseios por uma promoção internacional da prática competitiva[130].

Embora a FIFA tenha divulgado projetos internacionais na promoção do *futebol de mulheres*, como o *Live Your Goals*[131], eles possuem pouco impacto no Brasil. Além disso, a

126 A FIFA, entretanto, não anunciou de que forma e quando pretende empregar estes recursos financeiros para o desenvolvimento do "futebol feminino". Foram também destinados 15 milhões de dólares para a base atlética brasileira e 60 milhões para obras de infraestrutura brasileiras, totalizando 100 milhões para todo o futebol nacional.

127 O balanço da FIFA afirmou que a Copa do Mundo no Brasil gerou o lucro de 2,6 bilhões de dólares. (COM COPA..., 2015).

128 Em negociações realizadas em reunião da FIFA em 2009, na Suíça, o presidente do Santos à época, Marcelo Teixeira, protocolou um pedido para a criação da Copa do Mundo Feminina de Clubes da FIFA. Embora a Confederação Sul-Americana de Futebol e a União das Associações Europeias de Futebol tivessem equipes indicadas para participar, as demais não possuíam.

129 A *Sport Promotion* é uma empresa particular que gerencia o "futebol feminino" desde 1994 (SOUZA JÚNIOR, 2013). Essa empresa organiza o Campeonato Brasileiro Feminino e administra o dinheiro do patrocínio da Caixa Econômica Federal (de cerca de 140 mil reais por jogo), com a concessão da CBF. Em 2013, essa empresa assinou um contrato de transmissão de partidas ao vivo com o canal de assinatura Fox Sport e outro com a Band Sports, com valores não revelados. As equipes, entretanto, não possuem direitos sobre os contratos de patrocínio firmados e nem sobre os direitos de transmissão. Em 2014, outro canal, a TV Brasil (televisão estatal) apresentou as semifinais e a final do Campeonato Brasileiro Feminino 2014.

130 Em 2012, foi realizado o primeiro Campeonato Internacional de Clubes de Mulheres, organizado pela Associação Japonesa de Futebol. No primeiro evento foram apenas 4 equipes participantes, representando: Europa, Austrália, Japão e Liga Japonesa. Em 2013, foram 5 equipes, representantes da Europa, Austrália, Japão, América do Sul e da Liga Nadeshiko (torneio realizado com equipes da primeira divisão japonesa). Uma equipe dos Estados Unidos foi convidada, mas recusou. A equipe Wolfsburg, campeã na Europa, também recusou e foi substituída pelo Chelsea. Em 2014, participaram 6 equipes, com representantes da Europa, América do Sul, Austrália, Ásia e duas participantes da Liga Nadeshiko. Essa foi a primeira vez que o Brasil participou desta competição, com a representação do São José, equipe campeã da Copa Libertadores 2013 e que se sagrou campeã do mundo. O total em premiação divulgado é de 100 mil dólares, sendo 60 mil para a equipe campeã.

131 A campanha *Live Your Goals* foi lançada pela FIFA em 2011 e tem como objetivo promover o interesse de mulheres e aumentar sua popularidade em âmbito local, nacional e internacional.

FIFA é uma instituição onde existem evidentes hierarquias de gênero em sua estrutura administrativa, concedendo pouco espaço às mulheres. A diretoria executiva, centro das decisões da entidade, por exemplo, começou a ser composta por uma mulher apenas em 2013, quando Lydia Nsekera foi convidada. Além disso, em todos os anos de funcionamento, desde o início do século XX, jamais uma mulher foi presidente dessa instituição esportiva[132].

Liston (2014) afirma que a participação das mulheres não quebrou as relações andriarcais de poder e que a entrada delas em associações e federações, esferas administrativas do esporte, pode mudar as relações de uma "harmoniosa inequalidade a uma desarmoniosa igualdade" (LISTON, 2014, p. 210). A presença de mulheres em postos de liderança e organização de órgãos internacionais (e até nacionais) esportivos é incomum e vista com desconfiança.

No Brasil, a Confederação Brasileira de Futebol ocupa-se em organizar as competições do futebol de homens. Assim como a FIFA, a CBF não desenvolve projetos que incentivem a formação de uma consistente base futebolística de mulheres e também nunca teve em sua presidência uma mulher. Desde 2013, devido a muitas pressões do Ministério dos Esportes, aceitou a realização de um Campeonato Brasileiro Feminino.

Entre as mudanças em termos de um projeto mais consistente para a representação nacional, no início de 2015, foi lançada a seleção brasileira de "futebol feminino" permanente[133]. A solicitação foi feita pelo técnico da seleção Vadão e aceita pela CBF. Dessa forma, a seleção brasileira servirá provisoriamente como um clube de futebol de grande porte, realizando o pagamento de salários e períodos de treinamento contínuo na Granja Comary. Cabe ressaltar que essa medida pode ser vista como algo paliativo, considerando que ela não incentiva a prática e sequer a formação ou aprimoramento de novas futebolistas.

132 Até hoje, nenhuma mulher foi indicada para a posição máxima da hierarquia da FIFA e nem nomeada como presidente da entidade. Cabe ressaltar que, nos últimos 53 anos, a FIFA teve apenas 3 presidentes: Stanley Rous (1961-74), João Havelange (1974-98) e Joseph Blatter de 1998 até hoje.

133 O nome da seleção é "permanente", entretanto, o projeto é provisório. Esta proposta de equipe é referente apenas à preparação no período de disputas da Copa do Mundo do Canadá (em junho de 2015) e dos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro. A "seleção permanente" contará com 27 jogadoras, com salários de R$9 mil e treinos na Granja Comary (WINCKLER, 2015). Apesar de aparentar um avanço, esta seleção demonstra que os projetos para o "futebol feminino", em sua maioria, são de curto prazo e improvisados. Avisadas com pouco tempo de antecedência, as equipes de origem dessas jogadoras tiveram dificuldades para remontar seus elencos às pressas, a tempo de participar da Copa do Brasil, em fevereiro de 2015. Em grande parte, as jogadoras convocadas para a representação nacional provém de equipes da região Sudeste. Dentre as jogadoras convocadas, 8 eram da equipe São José, 7 eram da Ferroviária de Araraquara e 6 do Centro Olímpico.

Conforme um dos integrantes do Ministério dos Esportes, o "futebol feminino" é considerado "o patinho feio dos esportes"[134]. Apesar de a CBF ser considerada a promotora oficial do futebol no Brasil, os maiores investimentos realizados em prol do *futebol de mulheres* têm sido realizados por instâncias governamentais. Além de fomentar a modalidade, o governo brasileiro também convidou uma ex-jogadora de futebol para atuar no Ministério dos Esportes. A experiência e o conhecimento adquiridos durante muitos anos como jogadora da seleção brasileira e seu engajamento com a modalidade fazem de Mariléia dos Santos[135] (conhecida pelo apelido de Michael Jackson) uma importante representante das mulheres em organizações esportivas.

O governo brasileiro tem empreendido esforços para proporcionar melhorias às jogadoras de futebol, com a construção de algumas estruturas[136] e a realização de competições nacionais, tais como o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. Essa competição é patrocinada pela Loteria Federal, que incluiu, desde 2014, os jogos de "futebol feminino" como opção de jogo de apostas na programação esportiva da Loteca e Lotogol.

Devido a iniciativas governamentais, o calendário anual do "futebol feminino" brasileiro teve a inclusão de novas competições. Atualmente, o calendário (que passa por reformulações anuais) possui campeonatos estaduais, Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro. As adaptações do calendário demonstram que ainda não há uma fórmula pronta para o *futebol de mulheres*, havendo, portanto, constantes experimentações. Essa provisoriedade, entretanto, está longe de agradar a quem participa da modalidade. A falta de um modelo estruturado ainda alimenta dúvidas sobre a continuidade das competições, mas proporciona a possibilidade de mudanças e adaptações que visem a um modelo sustentável.

---

134 Em sessão na Câmara dos Deputados em 2 de outubro de 2013, o secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor do Ministério do Esporte, Toninho Nascimento, afirmou que ninguém quer "assumir" a modalidade e que a Confederação Brasileira de Futebol gasta anualmente R$4 milhões com o futebol feminino e R$ 40 milhões com a série D do Campeonato Brasileiro (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2013).

135 Desde 2011, quando a ex-jogadora Mariléia assumiu um cargo de coordenação geral do Futebol Feminino dentro do Ministério dos Esportes, pode-se perceber avanços na realização de competições para as mulheres. Mariléia jogou em equipes brasileiras como Radar, Corinthians, Santos, Vasco, Internacional, Saad e na Itália pelo Torino. Participou também da seleção brasileira durante 12 anos.

136 Entre as mudanças em nível de estruturas físicas disponíveis para o *futebol de mulheres*, a mídia brasileira informou sobre a construção do Centro de Excelência de Futebol Feminino, em Foz do Iguaçu (SOUZA JÚNIOR, 2013). O complexo esportivo foi planejado com dois campos de futebol, vestiários, academia, alojamento, duas piscinas e ginásio.

Embora a CBF tenha iniciado mudanças na sua postura (grande parte delas devido a pressões governamentais), as Federações, em nível local, ainda repercutem seu desdém e não se esforçam em realizar investimentos no *futebol de mulheres*. Conforme o Relatório da Administração sobre as Demonstrações Financeiras da CBF de 2013, a instituição teve lucro de 55 milhões e 566 mil reais. Mantinha também reservas financeiras que alcançavam o somatório de 85 milhões 840 mil reais. Entretanto, no Relatório, não constava nenhum investimento especificamente realizado no "futebol feminino".

A falta de investimentos às mulheres reverbera nas esferas estaduais. No Rio Grande do Sul, conforme o Demonstrativo de Balanço Patrimonial do Exercício Social de 1º de janeiro de 2012 a 31 de dezembro de 2012, encerrado em 31 de dezembro de 2013, o superávit da Federação Gaúcha de Futebol foi de 3 milhões e 645 mil reais[137]. Embora tenha havido lucro, seu balanço financeiro não lista nenhum centavo investido na promoção do *futebol de mulheres* estadual. As Federações são apenas um reflexo das posturas assumidas pela maioria das agências esportivas brasileiras em relação às futebolistas, colocando-as à margem dos processos de decisão e com incentivos ainda bastante limitados.

***

É perceptível que a falta de importância atribuída ao *futebol de mulheres* pela FIFA e suas afiliadas reflete um jogo de interesses monetários. O *futebol de mulheres* ainda não é lucrativo. Como se pôde ver no decorrer deste capítulo, a inexistência de um modelo esportivo que se adapte às demandas das mulheres envolve questões culturais e históricas, as quais demonstram haver ainda um longo caminho para a superação do "discurso das ausências", o qual faz sentido quando se pensa em termos de status, dinheiro e profissionalização.

No Brasil, as futebolistas são ainda tratadas conforme uma divisão de trabalho entre sexos, em que caberia a elas o trabalho reprodutivo, sem valor econômico, sem remuneração

137 Os lucros obtidos pelas Federações estaduais são pequenos em relação à CBF, mas significativos em termos esportivos. Outras demonstrações contábeis encerradas em dezembro de 2013 e publicadas em julho de 2014, demonstram que: A Federação Paranaense obteve superávit de 1 milhão 245 mil reais. A Federação Catarinense teve lucro de 76 mil reais. Na região Sudeste: A Federação Paulista de Futebol teve um superávit de 439 mil reais e a Federação de Futebol do Rio de Janeiro teve superávit de 2 milhões de reais.

ou visibilidade na esfera pública. Seus fazeres não seriam registrados, nem calculados, não fazendo parte de métricas, mas apenas das memórias daqueles que constituem sua audiência. O improviso e a bricolagem destoam da sistematização de tabelas ou estatísticas, conferindo uma liberdade que também está ligada à indisciplina e à subversão. Registrar seus feitos é também torná-las visíveis, é visibilizar um *futebol de devir*, em transformação, que subverte ao que está instituído, trazendo à tona outras demandas.

São significativas as diferenças históricas do *futebol de mulheres* e as legislações referentes à prática futebolística no Brasil e nos Estados Unidos. Entretanto, mesmo que no Brasil o governo tenha realizado algumas iniciativas, elas são apenas o pontapé inicial para que clubes e instituições que organizam o *futebol de mulheres* comecem a prestar mais atenção neste *futebol de devir*. Conforme se apresentou sobre as políticas públicas, pode-se perceber que no Brasil os incentivos às práticas esportivas de mulheres ainda não repercutem em políticas públicas de longa duração.

A participação das mulheres no futebol envolve uma forte sociabilidade, o que poderá ser mais bem entendido no decorrer da apresentação dos diversos mundos futebolísticos: o profissional, o universitário e o participativo. Com a apresentação destes cenários, poder-se-á conhecer diferentes facetas sobre o *futebol de mulheres* e suas dificuldades de adequação aos modelos esportivos existentes.

3. MUNDOS FUTEBOLÍSTICOS DE MULHERES

Neste terceiro capítulo, apresento o conceito de "mundos futebolísticos de mulheres", categoria que utilizo para pensar o universo de pesquisa e valorizar sua diversidade. Apresento aqui apenas o mundo profissional e o participativo brasileiro, deixando o estadunidense para o próximo capítulo, com mais espaço para argumentação. Para que o argumento da diversidade, no sentido antropológico, possa ser evidenciado, não basta retratar um cenário fragmentado ou caótico, pois não é assim que a etnografia revelou o mundo do *futebol de mulheres*. Quando se transita nesse mundo, certas diferenças podem ser notadas na forma de organização, na institucionalização, na possibilidade de realização de carreira (ou não; ou apenas parcialmente), na exigência em relação à performance atlética, na disciplina e assim por diante. Para isso, proponho alguns recortes e colagens, apresentando três circuitos distintos: o profissional, o universitário e o participativo.

A ideia de "mundo do futebol/futebolístico", aqui presente, possui inspiração na noção de "mundo artístico" de Howard Becker. O "mundo da arte" é formado por vínculos cooperativos de interação regular entre atores sociais, articulados para a realização de um conjunto de atividades coletivas (BECKER, 1977). A rede de pessoas envolvidas na produção e no reconhecimento da obra de arte abrange rotineiramente artistas, distribuidores e público. Entendo o *futebol de mulheres* como sendo um universo vasto, o qual é composto por diversos "mundos futebolísticos" possíveis, descolados da visão atual do que é o futebol, apresentando diferentes organizações e pedagogias corporais.

O *futebol de mulheres* ainda está à margem do interesse midiático *mainstream* e, em diferente escala, das estruturas utilizadas no futebol espetacularizado[138]. A noção de mundos futebolísticos de mulheres alarga o entendimento sobre as normas de gênero e sexualidade e traz outras possibilidades de entendimentos sobre a produção e uso do corpo.

Evitando confusões com a estrutura do futebol de homens, utilizo a expressão "mundos futebolísticos" ao invés da noção de matrizes (DAMO, 2005), por pensar que a nova expressão se adapta mais às potencialidades deste *futebol de devir*. Penso que as constantes mudanças e transformações dificultam o enquadramento do *futebol de mulheres* em matrizes constituídas e bem delimitadas, fornecendo-lhe mais liberdades. Este futebol se faz e refaz constante e concretamente conforme os agentes sociais, as agências públicas e esportivas e os materiais disponíveis nos diferentes contextos sociais.

Ao analisar o futebol como produto cultural, sob a perspectiva da Antropologia nas Artes, entendo cada partida de futebol como uma obra de arte[139]. Proponho esta leitura inspirada na forma como são produzidos os jogos, com a capacidade de abranger diversos gostos, estilos e gêneros. Produzidos por diferentes "artistas", cujas capacidades de realização das performances são obviamente distintas, suscitam diferentes reações em seus públicos, podendo causar atração, repulsão e até mesmo indiferença.

O gosto em relação ao *futebol de mulheres* não é instituído na cultura brasileira tal como o futebol de homens. A estética apresentada não é a mesma. O *futebol de mulheres* e o de homens são produzidos por corpos diferentes, resultando em diferentes produtos culturais: um produzido para um público menor (mas não menos exigente) e o outro produzido para multidões de consumidores[140] - ao menos parte dele, pois o futebol de várzea tem escasso

138 Em Porto Alegre, ao invés de estádios ou arenas, as futebolistas ocupam os campos públicos, que também são disputados pelos homens que participam do circuito varzeano. Em Amherst, em nível universitário, possuem as mesmas estruturas do futebol de homens, ocupando complexos esportivos modernos, mas sem atenção da mídia tal como o *football*, basquete ou o *hockey* no gelo.

139 Becker (1977), ao estudar o mundo das artes, identificou que são formados por redes de relação de troca e cooperação de pessoas que produzem os conhecimentos e objetos deste mundo. Conforme Becker (1977), o "mundo artístico" possui convenções e conjuntos de recursos com diversas formas de distribuição. Para Becker (1977), a arte é localizada nos grupos que a produzem e a nomeiam como arte.

140 Para Alvito (2006), somos bombardeados por estratégias de marketing que não apenas vendem o futebol e seus produtos, mas também os valores dominantes do capitalismo contemporâneo, ligados à velocidade, à juventude, à competitividade, ao sucesso e à beleza. No mundo do futebol-empresa, os jogos se tornaram mercadoria-chave na venda de entretenimento. Para isso, o futebol é "higienizado" pelas autoridades, com a vigilância, o monitoramento e o controle dos movimentos dos torcedores.

público e as peladas o desconhecem. Assim como no mundo da arte, no futebol poucos são bem-sucedidos. Entretanto, o universo destes poucos é espelhado e reproduzido.

Ao se considerar os atletas como artistas e jogos como obras de arte de exposição por tempo limitado, os mundos esportivos podem ser vistos como mundos artísticos[141]. Os mundos futebolísticos de mulheres dependem da cooperação entre diversos agentes, sendo eles membros de instituições esportivas, organizadores de eventos, jogadoras, dirigentes, arbitragem, mídia e público.

Os diferentes mundos futebolísticos se interpenetram e se influenciam, apresentando diferentes configurações[142]. Dessa forma, entendo que, para a realização de um espetáculo competitivo (seja ele com lucros financeiros ou não), é necessária a noção de um *ethos* profissional (o qual está relacionado com as atitudes) que auxilia em projetos de longo prazo, os quais prezam pela renovação não apenas do elenco, mas da própria interpretação do que é a modalidade, possivelmente gerando mais interesse. O interesse pela renovação fortalece os laços entre clubes e audiência, ampliando a noção de pertencimento clubístico[143].

Poder-se-ia dizer que o *futebol de mulheres* também tem ligação com o conceito de circuito de Zelizer (2005, p. 293, tradução minha), o qual considera que "cada circuito social distinto incorpora de alguma forma diferentes entendimentos, práticas, informações, obrigações, direitos, símbolos e meios de troca". Ao invés de circuitos de comércio, no *futebol de mulheres*, haveria circuitos de trocas (de jogadoras, de informações, de oportunidades). Neste sentido, pode-se dizer que os circuitos são interações negociadas, que possuem a dinâmica de redes de contato, em que se compartilham laços interpessoais significativos, cujas transferências incluem mídia distintiva e trocas diferenciadas (presentes ou compensações) entre lugares. O *futebol de mulheres* brasileiro, por exemplo, ainda não é

141 A constante associação do futebol brasileiro à característica de "futebol-arte" (DAMO, 2005) não é fortuita. No Brasil, o estilo de jogo valorizado pela mídia privilegia a estética de habilidade, criatividade e jogos de cintura. As mulheres, neste panorama, embora ainda à margem da matriz espetacular, não estão totalmente desvinculadas desta, mas é inegável que apresentam uma estética diferente.

142 O termo "configuração" é resultado das ações de grupamentos humanos que formam conexões e teias de interdependência (ELIAS, 2008). No *futebol de mulheres* porto-alegrense, existem diferentes configurações, ou seja, existe a interdependência entre atores que compõem diferentes mundos futebolísticos de mulheres, bem como redes de sociabilidade que incluem família, trabalho e estudo.

143 Cabe ressaltar que, no *futebol de mulheres* brasileiro, ainda não há um clubismo tal como a noção de Damo (2007), que se refere a um sistema bem articulado de filiação, rivalidades e afetos que vincula o futebol com outras categorias como classe, etnia e região.

muito estruturado, porém, pode-se entender que existe a circulação de jogadoras entre os mundos futebolísticos, constituindo hierarquias que as posicionam diferentemente[144].

Iniciarei, portanto, falando sobre o mundo futebolístico profissional no *futebol de mulheres* brasileiro. A seguir, apresento o futebol participativo e, dentro deste futebol, relato duas trajetórias de líderes comunitários, as quais penso serem representativas, primeiro a de Tio Boneco, seguida da trajetória de Clarisse.

3.1 O MUNDO FUTEBOLÍSTICO PROFISSIONAL BRASILEIRO

Amadorismo e profissionalismo: no *futebol de mulheres* brasileiro, esses são termos que assumem diferentes sentidos. Ser amador(a) pode significar a dedicação a algo que se ama fazer, mesmo sem retornos financeiros, assim como pode ser entendido como algo negativo, que é feito com imperfeição (DAMO; OLIVEN, 2014). Em relação ao *futebol de mulheres,* o sentido mais adotado é o negativo, pois é geralmente comparado ao futebol espetacular de homens, entendido como mais institucionalizado e bem-sucedido.

O profissionalismo, entretanto, apesar de aparentemente estar ligado a algo que produza ganhos financeiros, no *futebol de mulheres* encontra outras interpretações. Ser profissional não é apenas receber um salário ou ter um contrato de trabalho. A postura, a dedicação e os hábitos aparecem como elementos formadores de um *ethos* profissional no *futebol de mulheres*, por vezes considerado mais importante que os ganhos financeiros[145].

Seguir rumo à profissionalização é algo que demanda tempo de adaptação. Adaptação que se refere também à construção do que significa ser uma jogadora profissional. A profissionalização, em geral, ainda é vista quase como uma figura idealizada, ligada ao futebol de homens e a "sonhos" futuros[146]. O "sonho" de ser uma jogadora de futebol ainda é

144 Para Wisnik (2008, p. 358), o "futebol feminino" não passou pelo recrudescimento capitalizado do "futebol masculino", no qual "(...) a lógica tecnoempresarial, aplicada ao mercado global, pressiona por engolir a seu modo - ou 'devorar antropofagicamente' - a 'lógica da diferença'".

145 Ser profissional é algo que varia a cada contexto regional e histórico. Na década de 1930, por exemplo, os futebolistas profissionais brasileiros eram obrigados a treinar por apenas por duas horas semanais (GALEANO, 2008). Na atualidade, por exemplo, ao se considerar o Campeonato Paulista de Futebol Feminino 2011, que é considerado amador, cerca de 75% das equipes ofereciam ajudas de custo e bolsas de estudo em cursos superiores às jogadoras. Essas jogadoras realizavam treinamentos em, pelo menos, cinco dias da semana e, por vezes, em dois turnos (SOUZA JÚNIOR, 2013).

146 "Desde o ponto de vista sincrônico, o par [profissionalismo/amadorismo] é usado, invariavelmente, para cindir dois universos: de um lado os que tem (sic) em relação ao esporte um retorno econômico, utilitário; de

distante, pois esse mundo futebolístico ainda não está organizado como um mercado profissional e sequer conta com uma legislação trabalhista específica. Vale ressaltar que, ao se olhar retrospectivamente, poder-se-á perceber que o futebol de homens levou décadas para consolidar um circuito profissional e ainda assim é para um número reduzido de pessoas.

Considerar as jogadoras brasileiras como profissionais é uma questão que suscita divergências entre os agentes sociais deste mundo futebolístico, embora empiricamente se percebam ganhos de status em determinados clubes e posições, como no estado de São Paulo (SOUZA JÚNIOR, 2013). Embora sejam consideradas profissionais em suas atitudes, não recebem contraprestações à altura de suas dedicações. Os grandes salários aparecem apenas nos discursos sobre os "sonhos", sem fazer parte da realidade da maioria das cláusulas contratuais de jogadoras profissionais.

A categoria "profissional" assume diferentes interpretações para as jogadoras porto-alegrenses. Jogar na várzea é considerado como algo de menos valor, desorganizado ou com menor representatividade. Para as jogadoras de Grêmio e Internacional, ser profissional é jogar no Sudeste, recebendo um salário fixo. Para as jogadoras de equipes comunitárias porto-alegrenses, profissional é quem tem condições de realizar práticas regulares em bons campos de futebol e com o acompanhamento de profissionais com mais renome.

Ser profissional ou ser varzeana é algo que vai além da nomenclatura. Nos campos porto-alegrenses, profissionais e varzeanas se distinguem em termos de práticas e posturas. Paraguaia é jogadora de uma equipe com uma boa estrutura, entretanto, poderia ser considerada varzeana para os padrões da região Sudeste. Ela explica sobre o *ethos* profissional:

> Eu, numa equipe profissional, eu não vou chegar pra uma menina e gritar e chamar de um palavrão. "Ah, ô..". Que nem a gente vê nessas meninas varzeanas, né. Elas xingam, elas se estapeiam, elas empurram. Uma atitude mais imatura. São meninas que num time profissional elas vão ter uma postura... porque elas são até cobradas pela postura. Mas em geral é assim. Não, não querendo ser preconceituosa, mas é várzea, né. Elas estão pela festa, né, pela zoeira. Elas estão pelo "junta e joga".

Os riscos de perdas e ganhos influenciam nas ações ou imobilidade dos agentes. As tensões existem, entretanto, não são sempre evidentes. Renda, empatia e grau de prestígio

---

outro os que se movimentam em razão das diversas modalidades de lucros simbólicos – emoção, visibilidade, prestígio, etc" (DAMO, 2002, p. 2).

adquirido são fatores importantes em relação às associações de agentes e suas posições no universo futebolístico. Entretanto, fazer sucesso como jogadora de futebol, é, assim como para os homens, uma trajetória que envolve uma boa rede de contatos e certa habilidade.

Quando estive nos Estados Unidos, era bastante comum ouvir as impressões estrangeiras sobre o *futebol de mulheres* no Brasil. As pessoas pensavam que, se o futebol de homens é forte no Brasil, o das mulheres receberia o mesmo tipo de incentivos e possuiria uma estrutura semelhante. Entretanto, pode-se dizer que são universos diferentes em termos de concepção de prestígio e em relação à forma como são organizados. As barreiras entre profissional e amador, como se conhece, servem mais para reduzir esse mundo do que para entendê-lo.

Exemplo das dificuldades em comparar diferentes futebóis podem ser percebidos na rara separação por faixas etárias em competições brasileiras. Essas divisões tendem a acontecer principalmente em competições internacionais em que as jovens são selecionadas para a seleção brasileira sub-15 ou sub-17. Em geral, em competições citadinas e estaduais, há a performance conjunta de garotas jovens e veteranas, as quais compartilham conhecimentos e disputam pelos mesmos espaços. Ou seja, as competições realizadas na categoria Livre são realizadas com jogos entre adultas e jovens, reunidas sem restrições[147].

Na maioria dos casos, os corpos das jogadoras são forjados em rotinas de treinamentos ou jogos semanais. A periodicidade varia. Em alguns casos, entretanto, algumas jogadoras são dispensadas dos treinos, por já demonstrarem muita habilidade e não terem um tempo disponível para a díade preparação-jogos (dedicando tempo também a outras atividades, tais como trabalhos, famílias e estudos)[148]. Com a instabilidade do mercado, o *futebol de mulheres* é considerado uma fonte de renda provisória e não uma profissão.

147 Mesmo sem números exatos, os organizadores de competições afirmam que o número de jogadoras existentes no Brasil ainda é pequeno para que se realize uma divisão etária entre as participantes. Dessa forma, há poucas competições juvenis específicas para que garotas do Rio Grande do Sul participem. Dentre as competições realizadas para categorias de base de mulheres, estão: a Copa Coca-Cola em nível nacional (para garotas de 13 a 15 anos) e em nível local, regional e nacional Jogos Escolares Bom de Bola (entre 12 a 17 anos). Em 2010, foi também iniciado o Campeonato Gaúcho Sub-17, com o início de promover a base. Entretanto, não houve continuidade na realização das edições, variando com a disponibilidade e interesse das equipes.

148 A liberdade de circulação das jogadoras entre os espaços é mais ampla, sem tantas regulações quanto à disciplina treino-hotel-concentração-jogo à qual são submetidos os profissionais de clubes da série A dos campeonatos nacionais de futebol de homens. Entretanto, a violência física é um dos fatores que regula a prática. Motivo de apreensão familiar, as garotas adotam diferentes estratégias para se sentirem protegidas de violências que possam existir antes, durante e após as práticas esportivas.

Os acordos financeiros aplicados em uma equipe muito raramente são iguais ao de outra, mesmo que sejam equipes da mesma cidade. Os acordos realizados não estão regulamentados pela legislação brasileira, tanto por haver discussões em relação à possível aplicabilidade desta legislação às mulheres, como pela dificuldade de fazê-la cumprir.

Thais Carleto, piracicabana, 22 anos, jogou quatro anos pelo XV de Piracicaba, no interior de São Paulo. Ela representa o que seria considerado pelas porto-alegrenses como uma jogadora profissional. Thais é meio-campista e começou a jogar aos 17 anos. Até alguns anos atrás, sonhava jogar na Seleção, mas disse que se "desiludiu" e não quer mais viver do futebol. Quando conversei com ela, treinava sextas-feiras e sábados, para jogar aos domingos pela sua nova equipe, o Velo Clube (de Rio Claro). Conforme me disse, a captação das atletas é feita por indicação, mas também há testes, conforme explicou:

> Tem técnico que contrata também por interesse (porque a atleta pode trazer dinheiro - se a menina tem família de nome, tem patrocínio que vem por causa dela, e ai ela joga e consegue o patrocínio) - meninas que alguém fez o nome, mas que são só o nome e não jogam tanto assim.

Os pais de Thais não gostam que ela jogue, pois o futebol "não dá futuro", dizem eles. Thais considera o Campeonato Paulista "Top, melhor em tudo. Nível de atleta, de comissão, arbitragem, campos, vestiário. A arbitragem é da Federação Paulista, mais preparada, mais exigente, mais tudo. Os campos são melhores e também os estádios".

A noção de "falta de futuro", ainda presente nos discursos produzidos acerca do *futebol de mulheres*, principalmente no Brasil, se refere à falta de segurança sobre a possibilidade concreta de carreira profissional. A "falta de futuro" é constantemente acionada para convencer estas jogadoras de que não vale a pena fazer o que fazem e de que o produto de seus esforços será sempre um trabalho desvalorizado.

O baixo valor monetário atribuído aos seus fazeres é um argumento constantemente utilizado por familiares, organizadores e demais interlocutores. O desincentivo à prática, entretanto, dificulta a formação de uma base atlética competitiva e diminui a intensidade com que novos talentos podem ser formados.

"Sem futuro" é uma categoria de avaliação que compara o futebol praticado pelas jogadoras brasileiras às oportunidades recebidas por grupos que adotam as rotinas e a organização da matriz espetacular. Não se adequar a elas é sinônimo de diminuição de

chances ou até a total anulação de possibilidades. Neste sentido, a desorganização ou a transgressão ao modelo esportivo instituído pode e provavelmente será punida.

Quando analisadas em comparação aos jogadores do futebol de matriz espetacular brasileira, entretanto, as futebolistas sofrem as dificuldades de ainda não terem suas produções favoravelmente avaliadas no cenário brasileiro e internacional. O investimento de tempo e dedicação é ainda reprovado e ridicularizado por alguns amigos e familiares que não entendem o quanto o futebol significa na vida destas mulheres. Os esforços empreendidos se tornam alvo de ofensas por outras pessoas que consideram "loucura" tanta dedicação para algo que não traga retornos financeiros ou prestígio.

As futebolistas brasileiras são artistas que geram curiosidade, mas ainda sem um amplo mercado interessado em comprar suas obras de arte. Em um mundo esportivo de mudanças contínuas, mesmo que pouco perceptíveis, ainda lutam para criar as estruturas para o reconhecimento de suas atividades. As obras de arte produzidas por elas, embora consideradas sem reputação por quem tem o futebol espetáculo como referência, demarcam a produção não apenas de outra estética, mas de rupturas com a estética atualmente valorizada.

Como pode ser notado no relato da jogadora Thais, citado anteriormente, o futebol não é profissão. Ela diz jogar porque gosta bastante e porque a atividade rende uma "graninha extra". Conforme o entendimento dela, não se pode afirmar que haja um padrão em relação aos pagamentos. Depende do lugar, da cidade, do clube, da secretaria de esporte, do patrocinador. Para ela, "cada lugar é um caso". Conforme o depoimento dela, em São Paulo, pode-se encontrar cinco modalidades de relações entre equipes e jogadoras: 1) com contrato de trabalho, recebendo mensalmente uma quantia; 2) sem contrato desportivo, mas recebendo quantia mensal[149]; 3) recebendo por jogo; 4) recebendo passagens para treinos e locomoção para jogos e 5) sem receber nada.

Dentre as jogadoras porto-alegrenses, conforme os dados da enquete que realizei em 2013, 48% delas não recebem nada e pagam todos os seus gastos. Há ainda as que não gastam nada para jogar (19%), as que recebem apenas lanches (7,2%) e as que recebem apenas passagens (7,2%). Apenas 4,8% recebiam uma quantia por jogo e 2,4% recebiam uma quantia mensal. Percebe-se, portanto, que as equipes em sua maioria não realizam investimentos

149 Essas quantias mensais não são denominadas como salários, mas, sim, como "ajudas de custo". Elas variam entre um e dois salários-mínimos.

financeiros em suas jogadoras, sendo os custos da prática esportiva subsidiados pelos recursos próprios ou por familiares.

Por não haver a realização de contratos, as jogadoras são livres para atuar em qualquer equipe. A ausência de um dispositivo legal permite que, caso não tenham oportunidades em uma equipe, possam facilmente mudar para outra. Quando perguntadas em quantas equipes jogam, 63,5% das jogadoras porto-alegrenses disseram que jogam apenas em uma, 26% em duas, 5,5% em três e 5% em quatro ou mais equipes[150].

Algumas jogam pelo interesse no futebol, pelo prazer sentido, pelas redes de sociabilidade, mesmo que venham a se interessar algum dia por algum convite para jogar em outra equipe. Outras entendem que seus sacrifícios, a dedicação e doação de tempo à equipe podem ter um valor de troca referente apenas a ganhos simbólicos. A troca de dádivas[151], entretanto, pode não resultar numa reciprocidade por parte das equipes das quais participam, fazendo com que as jogadoras não condicionem suas participações a ganhos diretos. Nem todas esperam retorno, troca ou as mesmas formas de reciprocidade.

Mesmo sem a mediação de dispositivos legais, os contratos realizados com as jogadoras são informais, chamados de acordos "boca a boca". Esses acordos incluem promessas que, caso não sejam cumpridas, não podem ser cobradas via instrumentos jurídicos e servem apenas para impedir a participação da jogadora por outras equipes. A relação entre as agremiações e as atletas, em grande parte, permanece sendo regulada de forma particular e livre de intervenções estatais ou jurídicas.

Embora dediquem muito tempo e esforços, as práticas das futebolistas não são consideradas profissionais. As jogadoras que recebem salários podem ser consideradas exceção. Sem o estabelecimento de vínculos empregatícios, as equipes ainda são desoneradas de realizar o pagamento de encargos sociais, tais como férias, FGTS ou Previdência Social. A situação não é muito diferente inclusive para as futebolistas de São Paulo. Aposentar-se como

150 Por não receberem nenhum incentivo financeiro, elas não são obrigadas a realizar treinamentos. Por terem tempo apenas aos finais de semana para participar de jogos, 23,5% das futebolistas porto-alegrenses não realizam nenhum treinamento semanal. Entre as jogadoras que treinam semanalmente, 25% delas treinam três vezes na semana. Pode-se perceber que a quantidade de treinos que elas possuem é maior do que a de Thais, que joga em uma equipe paulista considerada profissional. Com dois treinamentos semanais estão 21% das futebolistas porto-alegrenses e 17,5% treinam apenas uma vez na semana. Houve ainda 5,5% que treinavam quatro vezes, 2% cinco dias da semana e 5% treinavam seis dias da semana ou todos os dias.

151 Conforme Bourdieu (1996, p. 171), "(...) não tem como princípio um sujeito calculista, mas um agente socialmente predisposto a entrar, sem intenção ou cálculo, no jogo da troca".

jogadora é algo que representa mais uma expressão de afastamento dos grupos ou da prática, do que a concepção usual legal.

Ao se tornarem profissionais, as jogadoras podem se valer dos direitos previstos nas legislações trabalhista e previdenciária. Dentre os direitos, estão repouso semanal de 24h ininterruptas, férias anuais remuneradas, jornada desportiva de 44 horas semanais, licença maternidade e aposentadoria. Entretanto, pela falta de regulações mais específicas, as contraprestações pela dedicação empreendida geralmente não estão relacionadas a ganhos financeiros. Dessa forma, não se pode exigir a exclusividade de atuação por apenas uma equipe, até mesmo porque o calendário das diversas competições, bem como do futsal, futebol sete e do futebol de praia, se intercruzam. As jogadoras buscam não apenas por mais oportunidades de jogo, mas também de visibilidade, conquistada com atuações em diferentes competições e às vezes por diferentes equipes.

Os acordos informais realizados com as equipes podem ser vantajosos para ambas as partes, pois permitem às jogadoras mobilidade, caso recebam um convite para jogar em outra equipe. Entretanto, elas ficam desamparadas quando promessas lhes são feitas e não são cumpridas. Com a informalidade, podem ter o pagamento de suas ajudas de custo "esquecidas", não serem indicadas para jogar em equipes melhores ou receberem acertos desvantajosos em relação aos recebidos por outras jogadoras.

A relação entre jogadoras e equipes porto-alegrenses não é mediada por instrumentos jurídicos. Dois motivos foram explicitados nessa inexistência: 1) as relações estabelecidas são informais, e os dirigentes se recusam a assinar um documento oficial; 2) as jogadoras temem assinar algo que não entendam ou que as impeça de futuramente conseguir uma oportunidade melhor, que pode surgir a qualquer momento.

No *futebol de mulheres* brasileiro, as distinções entre amadorismo e profissionalismo se dão em termos de organização, função e significado. No discurso das jogadoras, as distinções entre os termos são bastante diferentes, sem haver um dicionário único que uniformize os entendimentos. Por exemplo, como definição comum, entende-se que o amador (ou a várzea) é algo desqualificado ou precário. Entretanto, a definição sobre o que é a várzea, é algo que varia de um mundo futebolístico para outro e até mesmo entre as jogadoras de uma mesma equipe.

3.2 CLUBES TRADICIONAIS

A noção de clubes tradicionais no futebol de homens é diferente da existente no *futebol de mulheres*. Em geral, os clubes tradicionais de homens possuem certo tempo de existência, bem como possuem patrimônio físico (edificações e campos) e social (títulos e torcida). Participam de um circuito consagrado, com torcidas organizadas, cujos torcedores integram uma comunidade de sentimento representada por jogadores que integram estes clubes.

Enquanto os clubes de homens comemoram o centenário de suas fundações, muitas das equipes de mulheres sequer existem em termos institucionais. As equipes de mulheres não se constituem entidades jurídicas e dependem da continuidade de projetos que geralmente são subsidiados por prefeituras. Embora existam grupos com lideranças que estão há anos no *futebol de mulheres*, essas equipes não possuem sempre os mesmos nomes, os mesmos patrocínios e seus elencos variam anualmente. Na sua maioria, as associações participantes do Campeonato Brasileiro Feminino 2014 foram fundadas desde o início do século XXI[152]. Neste caso, a noção de tradição não está ligada à perenidade das equipes como instituições, mas à permanência de lideranças que continuam a incentivar a continuidade da prática esportiva.

Os clubes tradicionais[153], que no *futebol de mulheres* são emicamente chamados de "clubes de camisa"[154], são alvo de discordâncias entre as dirigências esportivas, pois possuem privilégios nos *rankings* em relação às equipes de mulheres que há muitos anos participam da modalidade (mas que ainda não se adequaram à padronização imposta pela CBF e suas Federações). A exemplo disso, em 2013, nenhuma equipe gaúcha pôde participar da primeira

152 A Ferroviária (SP) é uma associação criada em 1950, com equipe de mulheres organizada em 2001. O São Francisco EC, de São Francisco do Conde (BA), é equipe de mulheres fundada em 2001. O Caucaia Esporte Clube (CE) foi fundado em 2004. A equipe Kindermann (SC) foi fundada em 2004 para o futsal e atua no futebol de campo desde 2008. O Vitória de Santo Antão (PE) foi criado em 2008. O Pinheirense Esporte Clube (PA) é um clube de futebol de homens fundado em 1925 e a equipe de mulheres começou participar de competições nacionais em 2009. O Foz Cataratas (SC) existe desde 2010. O Esporte Clube Iranduba da Amazônia (AM) foi criado em 2011, com futebol de homens e mulheres.

153 Tendo por base Hobsbawn (1984), pode-se entender que a tradição futebolística existente de forma sedimentada no futebol dos homens é inventada e reafirma o passado dos clubes, bem como, mantém a ideia de sua existência futura. "Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita e abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado" (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

154 Essa expressão era mais comum no passado, quando popularmente se afirmava que "a camisa pesa", ou seja, representa um clube "de peso", com tradição.

edição do Campeonato Brasileiro, pois a classificação teve como parâmetro o *ranking* das edições anteriores de Copa do Brasil Feminina, e as equipes gaúchas haviam trocado seus nomes e clubes parceiros[155]. Iniciada em 18 de setembro de 2013, com investimento de R$1,6 milhão, a competição excluiu equipes que teriam condições de participar, mas que foram prejudicadas pela constante troca de parcerias no decorrer dos anos[156].

Em 2014, o Campeonato Brasileiro[157] sofreu alterações. Foram 8 times convocados pelo *ranking* nacional, mais a campeã da Copa do Brasil 2014 (Ferroviária-SP) e as demais equipes foram convidadas (apenas equipes que participaram do Campeonato Brasileiro 2013 séries A e B dos homens). A mudança foi realizada para contemplar equipes consideradas pela CBF como de mais prestígio no futebol de homens, podendo gerar interesse de torcedores considerados "tradicionais", que possuem ligação com os chamados "clubes de camisa"[158].

Dentre as 20 equipes participantes do Campeonato Brasileiro 2014, estiveram 8 "clubes de camisa" do futebol de homens. Algumas delas foram favorecidas por serem consideradas tradicionais no futebol de homens. Exceto a equipe do Vasco, as demais não constavam entre as 19 melhores do *Ranking* da CBF 2014.

Figura 2 – Equipes do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino 2014.

Fonte: Elaboração da autora.

155 Conforme a publicação do jornal Correio do Povo, de 16 de setembro de 2013: "Essa pelo menos é a versão oficial da CBF. Nos bastidores, a explicação é outra. A não inclusão de nenhum gaúcho teria se dado por conta do relacionamento entre o presidente da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), Francisco Novelletto, e o presidente da CBF, José Maria Marín, que não é dos melhores".

156 O Canoas/Duda, que foi campeão estadual em 2012, não foi favoravelmente enquadrado no parâmetro do *ranking* das últimas 5 Copas do Brasil, pois havia participado com diferentes nomes e parcerias, numa das vezes com o nome dos clubes de homens do Inter e em outra como Cruzeiro.

157 O número de equipes presentes no *Ranking* Nacional de Clubes 2014 CBF Feminino era de 73.

158 Caso os "clubes de camisa" de homens não aceitassem participar com uma equipe de mulheres, como no caso da desistência do Flamengo (RJ), voltava-se ao *ranking* nacional do "futebol feminino".

Entre os 8 "clubes de camisa" que entraram na competição, constavam as seguintes equipes de homens: *clubes da série A*: Bahia (BA), Botafogo (RJ), Chapecoense (SC), Sport (PE); e clubes *da série B*: Avaí (SC), Náutico (PE), Portuguesa (SP), Vasco da Gama (RJ). A equipe do Vasco já constava em 8ª no "*ranking* feminino". O Sport (PE), entretanto, passou à frente, pois estava em 22º no *ranking* do "futebol feminino"; assim como a Portuguesa, que pontuava em 30ª.

Constavam no *Ranking* da CBF entre as 19 melhores equipes de 2014 e foram excluídas: 13ª colocada, o Juventude/ Rio Preto (SP); a 14ª Tiradentes (PI), a 15ª Botafogo (PB), a 16ª Tuna Luso (PA)[159], a 17ª Mixto (MT), a 18ª ASCOOP (DF) e a 19ª Francana (SP). Entraram 5 "clubes de camisa", que nunca tiveram equipes de mulheres: Avaí, Bahia, Botafogo, Chapecoense[160] e Náutico.

O acoplamento aos clubes tradicionais, também chamados de "clubes de camisa", não deu certo e não há ainda políticas públicas consolidadas. Ao se observar o passado, há um aumento de praticantes, mas ainda há questões a serem visibilizadas. Para o pesquisador Osmar Moreira Júnior, o incentivo à entrada dos "clubes de camisa" deve ser visto com ceticismo[161]. Em entrevista concedida a Yoshida (2015), posiciona-se:

> Osmar Moreira Júnior - (...) No máximo, existe a preocupação em abraçar alguma causa que dê visibilidade à "marca do clube" ou que não a comprometa vinculando a ela elementos socialmente condenáveis. Mas, os clubes, em geral, não têm qualquer interesse em abraçar causas como a equidade de gênero, os direitos LGBT, o racismo ou a inclusão de pessoas com deficiência. O máximo que se vê nesses casos são as campanhas de caráter marqueteiro ou assistencialista. Iniciativas como manter atletas e equipes de deficientes ou equipes de mulheres, são desafios que os clubes não estão dispostos a enfrentar (YOSHIDA, 2015, s.p.).

A questão dos "clubes de camisa" gera revolta em alguns dos críticos do *futebol de mulheres*. Esses críticos afirmam nas redes sociais que esses clubes realizam apenas inserções "oportunistas", em grande parte das vezes aproveitando-se de equipes já formadas há anos,

159 Em 10 de setembro de 2014, no dia em que iniciou o Campeonato Brasileiro Feminino Caixa 2014, foi anunciado o fechamento do Tuna Luso, que havia ganhado o Campeonato Paraense (2011, 2013, 2014).

160 O Chapecoense fez acordo com o Female para participar do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. Os participantes recebem da organização do evento: passagens, hospedagem e alimentação para 25 pessoas, além de arbitragem e ajuda de custo de 5 mil para jogos em casa e 7 mil fora.

161 Osmar teve a experiência de treinar e gerir uma equipe de futebol e futsal de mulheres no interior do estado de São Paulo, de 2000 a 2008. A experiência com a equipe Minerva Futebol Feminino serviu como incentivo para que ele pesquisasse em seu doutoramento sobre a profissionalização no *futebol de mulheres*.

emprestando-lhes seus uniformes e "nomes" na Federação. Dessa forma, as equipes tradicionais do *futebol de mulheres* são excluídas ou ocultadas, e o trabalho realizado durante anos por suas lideranças e atletas é desconsiderado. Dentre as "equipes de camisa", Santos e São Paulo[162] divulgaram, em 2015, que estavam organizando projetos para formar equipes no "futebol feminino".

A equipe de mulheres do Santos, por exemplo, existia desde 1997. Entre 2009 e 2012, atingiu seu auge, tendo inclusive a jogadora Marta em seu elenco. Entretanto, em 3 de janeiro de 2012, a equipe do Santos fechou o departamento de futsal (do qual participava o craque Falcão) e o "departamento feminino". O presidente do clube, Luis Álvaro de Oliveira Ribeiro, afirmou que o clube tinha que cortar gastos e que isso envolvia uma verba que deveria ser investida para a permanência do jogador-revelação Neymar.

O jogador Neymar foi vendido ao Barcelona em junho de 2013, por R$77 milhões, o terceiro valor mais alto pago em transações de jogadores ao exterior. Dentre os projetos da "equipe feminina", estava a participação na WPS, liga estadunidense. Conforme afirmações do técnico à época, Kleiton Lima, "Com o passar do tempo, fui percebendo que era apenas uma ação eleitoreira e que o futebol feminino do Santos estava sendo tratado de uma forma secundária". No decorrer de um ano inteiro, a equipe custava R$1,5 milhão inclusos gastos com jogadoras, comissão técnica e despesas de alimentação, viagens e hospedagens em torneios.

O presidente Luis Álvaro declarou à época: "Foi um plano ousado, que agora nos faz cortar gastos. No futsal e no feminino fomos uma andorinha que voou sozinha nos últimos anos. Não podemos ser heróis nacionais para manter uma categoria sozinhos. Precisa do apoio do governo e de patrocinadores". Grande parte das jogadoras foi convidada a jogar no Centro Olímpico e algumas pelo XV de Piracicaba. No início de 2015, após a eleição de Modesto Roma como presidente do clube, houve a contratação de novas jogadoras para a reativação do "departamento feminino" do Santos FC.

O status conferido às futebolistas pode ser percebido na definição das rodadas do Campeonato Brasileiro Feminino. Em 2014, as partidas foram realizadas em horários de

162 A equipe do São Paulo FC, após 14 anos sem uma equipe de "futebol feminino", convidou apenas a vencedora do "Bela da Torcida 2014" (eleita em concurso de beleza promovido pelo site do UOL Esporte) para lançar seu novo uniforme (tratamento diferente da equipe de homens, que foi convidada para o evento).

expediente comercial e temperaturas altas, comprometendo não apenas a participação da audiência, mas a performance das jogadoras. As três primeiras rodadas da competição foram realizadas em quartas e quintas-feiras, às 15h30, o que impediu a falta de liberação de jogadoras por seus empregadores (pois a muitas delas possuem outra profissão que lhes provê sustento).

O horário da tarde, além de inconveniente para torcedores, também é prejudicial para as equipes que jogam em regiões quentes. A exemplo disso, dois jogos realizados em Manaus foram realizados às 15h30 de Brasília (sendo uma hora antes no fuso de Manaus), com uma sensação térmica de 40ºC. Devido ao forte calor, uma jogadora do Caucaia-CE teve que sair de maca, tendo vomitado e desmaiado fora do gramado. Ela foi atendida pela equipe médica, mas ambas as equipes afirmaram que o horário não era favorável (MATSUNAGA; MANSUR, 2014). Enquanto essas competições possuem suas regras reguladas ao bel prazer da entidade máxima, as equipes ficam à mercê de decisões que podem variar de ano a ano.

É interessante tentar entender que a rejeição dos "clubes de camisa" em apoiar o *futebol de mulheres* reside principalmente no aumento de custos. A falta de interesse dos "clubes de camisa" e até mesmo a rejeição ao "Pro Fut" ainda terão que ser colocadas à prova, caso seja aprovado algum projeto de lei que os obrigue a realizar investimentos significativos. Mas esta é uma questão que ainda renderá muitas outras discussões e ajustes.

3.3 O FUTEBOL PARTICIPATIVO

Diferentemente do futebol profissional, no qual as instituições realizam mediações, e também diferente do futebol universitário pela falta de organização rígida, o futebol participativo[163] é caracterizado pelo improviso, indisciplina, flexibilidade e criatividade. O improviso se refere a questões corriqueiras, como a ausência de ambulâncias em jogos (mas requerida pela organização de eventos) ou a jogadoras que não foram jogar, pois não tinham dinheiro para a passagem. A flexibilidade se refere à adaptação tanto a questões materiais quanto a algumas regras da organização dos eventos. Tanto jogadoras quanto torcida

163 Num registro mais amplo, essa denominação pode corresponder a um híbrido das categorias instituídas por Damo (2005), combinando elementos da matriz bricolada e da comunitária. Nesse mundo futebolístico, embora as equipes tenham regras, essas não são tão rígidas e variam conforme as situações apresentadas, havendo a criatividade de organizar-se de acordo com os elementos disponíveis.

demonstram criatividade no trato de questões interpessoais (como alguns direcionados à arbitragem). Entretanto, a indisciplina está presente não apenas no uso dos corpos, mas também no linguajar, na falta de obediência à arbitragem ou à comissão técnica ou até mesmo na própria estética de jogo apresentada em campo.

O futebol participativo envolve gestão humana e recursos econômicos proporcionais às possibilidades disponíveis a um dado momento. Os recursos econômicos envolvem campos, materiais de jogo (bolas, cones, coletes de treino e uniformes de jogo) ou deslocamentos. Em termos de gestão humana, geralmente não há a presença de profissionais e conta com o apoio de voluntariado, em sua maioria com o auxílio de parentes, namorados(as) ou amigos(as).

Em meio às dificuldades, existem oportunidades de mobilidade, mas nem sempre as jogadoras podem ou estão dispostas a pagar os preços necessários para isso. A "ascensão" para um futebol mais estruturado, conforme será explicitado em algumas trajetórias esportivas de jogadoras porto-alegrenses, pode não acontecer devido a questões familiares, à falta de desejo em permitir a supressão de liberdades ou também pela falta de oportunidades.

A dedicação das jogadoras desse mundo futebolístico, em muitos casos, em nada difere das profissionais. As equipes comunitárias, também participantes deste mundo, possuem jogadoras muito habilidosas que participam de competições por mais de uma equipe. Em alguns casos, as jogadoras participam simultaneamente de outras competições, tais como o futsal e o futebol de praia. Entretanto, não há ainda no Brasil um mercado de negociações ou pagamento por empréstimos e transferências de jogadoras. Os ganhos obtidos com a circulação de jogadoras resultam em vantagens às jogadoras e não às equipes.

O futebol participativo de mulheres porto-alegrense é composto por uma rede pequena e pouco especializada, em que as funções sociais são acumuladas por algumas pessoas. Há, entretanto, exceções a esta afirmação. Na equipe que acompanhei, por exemplo, as funções da comissão técnica e dirigência não eram cumulativas. Já na equipe Veterano, considerada "profissional" por equipes de bairro, o técnico assumia a função de dirigência e tantas outras mais quanto fossem necessárias.

O mundo futebolístico participativo de Porto Alegre é composto por equipes comunitárias e equipes de escolinhas. As desigualdades existentes entre elas geram tensões

dentro e fora dos gramados. A visão empresarial das equipes de escolinhas conflita com a visão assistencialista existente nas equipes comunitárias. Entretanto, ambas compõem esse mundo complexo e multifacetado.

As lógicas que regem as equipes comunitárias[164] e as que regem as equipes de escolas de formação futebolística[165] são diferentes, pois são inseridas em diferentes realidades. Apenas após realizar etnografias em competições das quais ambas participavam é que pude entender o comentário feito por uma das jogadoras de uma equipe de escola de formação, a qual disse: "Bah, que nem aquelas mulheres que ficam com teta de fora, dando mamá pras cria. Meu Deus! Cruzes!". No momento em que escutei aquela frase, não entendi a associação. Entretanto, noutro momento, pude observar que as mães de "equipes de vila", muitas vezes jogam sem o apoio de familiares e precisam levar seus filhos para os arredores dos gramados, sem poder deixá-los em casa com outra supervisão. A afirmação da jogadora não se referia apenas ao conceito de maternidade, mas ao de classe social.

Ela não apenas era "de escola", mas também de uma classe distinta, o que indica que a frequência à escola está recortada pela classe. As "equipes de vila" veem no Campeonato Municipal[166] uma oportunidade de proporcionar às suas jogadoras um espaço de liberdades, de mudança de realidades difíceis e da rotina de trabalho pesado. As "equipes de escolinhas" veem no Municipal a manutenção de uma tradição de vitórias, demonstrando que seus trabalhos possuem superioridade em termos de performance esportiva e podem dar visibilidade às suas participantes. Esta é uma oportunidade de jogar. Caso tivessem outras competições, talvez nem disputassem o Municipal.

As "equipes profissionais" são equipes locais que possuem mais condições financeiras ou estruturais, mas, se comparadas com equipes de São Paulo, possuem poucos recursos ou projeção. Duas dessas equipes, a do Inter e a do Grêmio, são escolas de formação estruturadas, e suas jogadoras, em grande parte com mais capital financeiro, ostentam uniformes de passeio e roupas de marcas famosas no ramo esportivo. A utilização desses bens de consumo é um ato simbólico e social, hierarquizando e reafirmando a posição deste grupo e da classe que representa.

164 Equipes comunitárias, de vila, de bairro ou varzeanas são denominações nativas para equipes que geralmente são organizadas por lideranças de bairros periféricos de Porto Alegre.
165 Também popularmente chamadas de "escolinhas", essas escolas geralmente são empresas privadas.
166 O Campeonato Municipal de Várzea de Porto Alegre era chamado de modo informal apenas de "Municipal".

No futebol participativo brasileiro, a adoção de estratégias depende do estabelecimento de relações de amizade e empatia, que em muito estão relacionadas com o poder e a personalidade de cada agente social. Trata-se de ganhos profissionais, monetários e simbólicos. Os posicionamentos são situacionais e dependem do espaço, do tempo e dos agentes envolvidos. Posicionar-se implica responsabilidades por práticas e efeitos gerados. Conforme a jogadora Éricka, as diferenças podem ser percebidas inclusive em dietas e posturas:

> Tem diferença. Até na postura, no jeito de andar. A profissional é aquela que se cuida realmente. Não gosta nem de tomar refri. Quem é profissional realmente do feminino não gosta nem de tomar refri. Refri ajuda a engordar também. Cuida a alimentação. Agora quem não é... não estão nem aí, comem qualquer coisa, tomam qualquer coisa.

Além da postura, há outros cuidados que situam as jogadoras como profissionais, tais como a adoção de uma dieta alimentar que exclua alimentos que possam piorar a performance, como refrigerantes ou álcool[167]. Essas restrições, entretanto, ao contrário da equipe universitária estadunidense pesquisada, são apenas sugestões (e não imposições). Inclusive, dentre os alimentos não recomendados, na equipe em que eu estava acompanhando, a comissão técnica incluiu, entre os alimentos proibidos, um que geralmente é considerado saudável. Antecedendo uma das partidas pelo Gauchão de Futebol Feminino, durante o almoço, o técnico orientou que as jogadoras excluíssem a alface do cardápio, pois ele afirmava que após sua ingestão as jogadoras poderiam ficar sonolentas.

Os cuidados com o corpo são entendidos como investimentos na performance e na continuidade da prática. É necessário, entretanto, ressaltar que, neste universo social, o dinheiro não está como medida de todas as coisas. A relação entre jogadoras e clubes é envolvida por uma comunidade de afetos (BITENCOURT, 2009) que pode ser também "valorizada" por equivalências de ordem monetária.

---

167 Em uma das observações dos jogos municipais de Porto Alegre, à minha direita na arquibancada de cimento sentaram três garotas que eu nunca havia visto e nem sabia por qual equipe jogavam. Estavam bebendo latinhas de cerveja e fumando, e logo depois pararam para ir jogar. Uma delas disse para a outra, com olhar de desafio: "Bah, Rose, tu tá com medo de jogar porque só tem bebida no corpo, né? Ainda bem que o HPS (Hospital de Pronto Socorro) é logo aqui do lado", e riu. A ingestão de bebidas alcoólicas não é proibida nas equipes comunitárias e essa liberdade é aproveitada pelas jogadoras.

3.3.1 Tio Boneco: Líder comunitário e dirigente de futebol

Dentre as diferentes trajetórias que pude acompanhar no futebol participativo porto-alegrense, Tio Boneco pode ser considerado como a concretização de um modelo tipo-ideal de alguém que atua nesse futebol. Negro, 60 anos, cabelos brancos, ele é um líder comunitário com quatro filhos e duas filhas. Seu apelido vem de uma época em que exibia uma barriga pronunciada, semelhante a um personagem humorístico de televisão da década de 1990. Tal como o personagem, usava também à cabeça uma touca para proteger a cabeça do frio. Sua equipe, o Juventus, faz parte de projetos sociais para inserção de meninos e meninas de diversas idades do bairro Lomba do Pinheiro. Na sua casa, recebeu-me com sua esposa, e ficamos horas a conversar sobre a modalidade. Conforme o seu relato, a Associação Atlética Juventus existe desde 1985 e a escolinha desde 1993. Complementou dizendo o porquê de ter criado a escolinha:

> Tinha um menino que era mal visto por ser informante, mandar roubar nas casas e queriam matar ele. E aí nós estávamos sentados na pracinha e vimos essa gurizada querendo jogar e não podiam e resolvemos fazer a escolinha. Começamos com 7 e chegamos a 200 crianças. Depois baixou pra 146 e está hoje em 126.

Tio Boneco é presidente do Juventus e, junto de tia Leni (sua esposa) e outros voluntários, aprenderam a lidar com diversas questões referentes à sua realidade social, tal como a falta de recursos e as tensões geradas pelo tráfico de drogas. Orgulhoso, quando fui à sua casa entrevistá-lo, mostrou-me um saquinho onde guardava as fotos 3x4 de várias das crianças que participaram do seu projeto. Contou-me com satisfação que muitos deles hoje em dia são “pais e mães de família”, com empregos, filhos e longe das drogas.

Cada foto que tirava, iniciava uma história. Algumas bastante tristes, outras que lhe enchiam de alegria. Eram fotos de garotos e garotas, esparramadas pela mesinha, alguns deles bem-sucedidos, outros já falecidos por brigas resultantes do tráfico, dando uma noção de quantos destinos foram afetados por um projeto que visa ser uma alternativa de entretenimento e atividade física. Pedi para tirar todas para eu poder fotografar.

Fotografia 1 – Fotografias dos participantes do projeto, editadas com efeito desfoque

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2013).

"Nunca tinham feito isso, de esparramar as fotos todas na mesa" – me disse ele um pouco contrariado. Era como se o lugar delas fosse todas reunidas no saquinho ou mostradas uma a uma, retiradas por ele e escolhidas para serem contadas com as histórias de que ele lembrava.

O projeto desenvolvido na comunidade da Lomba do Pinheiro auxiliou Tio Boneco e a sua comunidade. Sempre atento aos recados da rádio comunitária, fica informado sobre tudo que acontece naquele bairro e se comunica com mais facilidade com as pessoas da região. Foi por causa do projeto que ganhou visibilidade e por isso foi convidado a concorrer nas eleições municipais de Porto Alegre, em 2000, pela legenda PMDB/PL. Apesar da pouca quantidade de votos conseguidos, apenas 198 votos, disse que pretendia concorrer novamente. Sobrevivente a cinco paradas cardíacas, disse que seu coração ainda é resistente para as fortes emoções do futebol.

Tio Boneco me disse que considera algumas equipes do "futebol feminino" porto-alegrenses como jogadoras profissionais. Para ele, são as equipes que têm todo "o mecanismo" de treinamentos, gramados melhores e alimentação. Tio Boneco se referia às equipes de escolas de formação, as quais têm maiores possibilidades de ascensão e de participação de outros torneios, apresentando mais nível técnico e prestígio, também.

A questão da desigualdade e da falta de oportunidades gera em alguns deles a revolta, o sentimento de que, se a arbitragem dos torneios não fará nada, eles farão de alguma forma. Lidar com os sentimentos é algo difícil e que tem a mediação dos técnicos e treinadores, na medida do possível. Controlar impulsos envolve negociações e acordos entre os componentes da equipe também, como me disse Tio Boneco:

> Se elas disserem desaforo dentro de campo: a primeira, faz (de conta) que não ouve; a segunda, faz que não ouve; mas na terceira pode revidar, que o treinador deixa. Sabe que a minha filha pegou uma do ReySol porque chamou ela de Filha da Puta três vezes. E ela dizia: "Pai, eu não aguento mais" e eu: "Fica na tua, joga o teu futebol". E aí ela dizia pra mexer, porque a minha filha, a Índia, era uma zagueira muito forte, sabe, ruim de negócio, ela dizia: "Olha aqui, ó, negrinha, eu vou te pegar na próxima", e a minha filha dizia: "Pega, se tu puder, pega". E aí veio uma bola e a minha filha levantou ela com bola e tudo, foi uma pra um lado e outra pro outro. Aí a outra levantou e disse: "Negrinha filha da puta". Ah, daí fechou (a briga).

As brigas são uma forma de revidar violências simbólicas, econômicas e sociais. A ideia de *fair play* é aceita, até certo limite. A violência expressada na fala de Tio Boneco se refere à defesa da honra. Enquanto nos jogos profissionais (e principalmente entre seleções nacionais) há a cobrança de demonstrações de *fair play* como sendo atitudes honradas, nos jogos participativos a defesa da honra é mediada pela força. No futebol participativo, não é de todo interdito que se cobre a honra com um código de regras próprios, com violências verbais e físicas. Quando extrapolado o limite de contenção das emoções, há a autorização implícita de gestos mais violentos, até porque, como me disse Tio Boneco, “Ninguém tem sangue de barata”. A honra significa a defesa do que é considerado socialmente mais certo a ser feito: algo que depende de seu contexto.

Todas as classes sociais estão expostas a violências do corpo e da palavra, entretanto, a contenção da violência é aprendida de diferentes maneiras, nos diferentes grupos. Leal (2010) realizou uma observação participante na Fundação de Assistência Social e Cidadania de Porto Alegre, analisando partidas de futebol realizadas por “adolescentes em situação de rua”, que têm a rua como moradia ou busca de sustento material. Leal (2010) analisa que, dentro das partidas, se deveria considerar um outro “jogo” cotidiano, que demarca fronteiras e hierarquias simbólicas. Por meio de brincadeiras de empurrões, chutes, socos e xingamentos, os garotos demarcavam posições, numa polaridade brincadeira-seriedade que envolvia a defesa de uma respeitabilidade perante os outros.

O revide verbal ou físico, conforme Leal (2010), evitava a inferiorização. Leal (2010) demonstra como o futebol é um espaço de dramatização dos valores masculinos, com a acentuação de valores associados a um modelo específico de masculinidade centrado na violência física e valores como virilidade e força, que demarcam posições hierárquicas.

Para Tio Boneco, a arbitragem dos jogos não é imparcial. Para ele, a arbitragem tem "medo" ou mais respeito em relação ao que possa acontecer caso uma *patricinha*[168] se machuque. Ao sentir que a arbitragem está sendo injusta, as equipes comunitárias podem pressionar ou ameaçar, demonstrando sua insatisfação, conforme explica Tio Boneco.

> É, é o que eu te falei... tu chegou lá, Cláudia, bem arrumadinha, uniformizada. Nós, eles não vão dizer que são patricinhas, porque nós somos de bairro... Tem isso, né... mas tu tá bem arrumadinha. Imagina, tu jogando contra o time lá de cima do Morro da Cruz. Os uniformezinhos já não são iguais ao teu, a chegada na cancha e no campo já não é a mesma coisa que tu chegares com o time de 22, 10, 12 gurias tudo vestindo o mesmo abriguinho. Nós já sentimos isso contra Grêmio e Inter. Eles te olham de cima a baixo, mas fazem que não veem. Quando eles chegam na bola, eles querem mostrar pra ti que jogam melhor que tu e que não vão perder pra ti. E aí, o que tu faz? E aí o juiz começa. Ele tá vendo que a guria te puxou o cabelo, mas fez que não viu. Ele tá vendo que a guria puxou o teu seio, mas fez que não viu. Ele tá vendo que a guria puxou teu calção. E muitas vezes tu passa por uma, duas... tu caiu dentro da área e mesmo assim ele não dá o pênalti "Segue o jogo, segue o jogo", e aí?

A provocação frente aos xingamentos proferidos por *patricinhas* é frequentemente vista como uma ofensa, um desafio à defesa da honra posta em jogo. A honra em jogo não é apenas a das jogadoras, mas também a dos homens a elas associados. Ao resolverem os conflitos via violência, mesmo que vistas socialmente de maneira negativa, respondem visando não permitir sua inferiorização. Defendem, assim, a honra masculina ferida ou ameaçada, que coloca em jogo também as suas capacidades pessoais.

As atitudes violentas, embora condenáveis do ponto de vista institucional, pois subvertem a ideia do *fair play,* performatizam dramas sociais, revelando valores de masculinidade e tensões de classe que estão em jogo. Demonstram, portanto, que "O gênero é, portanto, corporificado e naturalizado através da socialização. A honra, como uma marcação de gênero institui uma determinada ordenação arbitrária da experiência que se apresenta como realidade social" (LEAL, 2010, p. 244).

---

168 *Patricinha* é uma categoria êmica utilizada para se referir a alguma garota com mais poder aquisitivo.

Em Porto Alegre, as equipes de bairro não participam apenas das competições da Prefeitura Municipal, mas também nas competições estaduais, promovidas pela AGFF. Uma das equipes participantes das competições da AGFF, a equipe Blackshow, de Guaíba, foi fundada em 1989, a pedido da filha do organizador, Nilton Santos de Athayde. Ele é um senhor negro, alto, de barba e chapéu, conhecido por alguns como "o homem do chapéu", devido ao acessório excêntrico que sempre utiliza. Desde 2008, a equipe começou a participar de campeonatos de futebol de campo e chegou a abranger cerca de 80 garotas no projeto.

André Luis Porte Ferreira, que é um dos integrantes do departamento de marketing da equipe e pai de uma das jogadoras, disse que muitas delas vivem em áreas de risco, em favelas e nas margens do rio Guaíba. Esses projetos têm a função de "tirar das drogas e das ruas". André diz que sentia pena, pois antes elas tinham chuteiras rasgadas, sem meia, uniformes faltando, nem alimentação. Uma das primeiras ações que ele realizou foi conseguir a doação de agasalhos apreendidos pela Defesa Civil do Estado do Rio Grande do Sul, pois algumas das jogadoras sequer tinham roupas para usar no inverno.

As equipes de bairro em geral são organizadas por pessoas bem articuladas em suas comunidades, mas com poucos anos de ensino formal e baixo poder aquisitivo. Como me disse Tio Boneco, às vezes são chamados de "pedintes" ou "pidões", pois estão sempre em busca de recursos, geralmente escassos. Nessas trajetórias, recebem muitas promessas de prefeitos e vereadores, mas não sabem se vão se concretizar.

3.3.2 Clarisse: Líder comunitária e dirigente de equipe

Clarisse Andrades, branca, 47 anos, trabalha como auxiliar de serviços gerais de uma empresa terceirizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Clarisse jogou como goleira desde a adolescência e participou de campeonatos em Viamão e São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre. Interrompeu a prática esportiva devido à maternidade. Após seu retorno, jogou durante 3 anos, teve uma lesão no joelho e resolveu fazer sua reconversão futebolística como dirigente e técnica.

Líder comunitária e moradora do bairro Agronomia (na zona leste de Porto Alegre), desde 2009 desenvolve um projeto social com cerca de 50 crianças. Sua equipe treina no campo do Colégio de Aplicação, no campus do Vale da UFRGS. A equipe de Clarisse

compete nas seguintes categorias: pré-mirim, mirim, juvenil e feminino. Os uniformes da equipe dela, assim como os de Tio Boneco, outro líder comunitário, foram comprados em uma loja esportiva tradicional de Porto Alegre, no crediário, com seu próprio salário, sendo pagos mês a mês. Sem apoio para lanches e passagens, ela banca as despesas da equipe e conta com esporádicas doações de comerciantes locais para o lanche das crianças.

Clarisse explica que seu trabalho é diferente do realizado por equipes que ela considera profissionais, que possuem recursos e treinam muito mais tempo do que as garotas que integram seu projeto. Ela reúne donas de casa que estão aprendendo a jogar ou mulheres que vão aos jogos para se divertir após suas jornadas de trabalho. O objetivo de seu projeto é a formação de cidadãos. Clarisse considera profissionais as equipes de mulheres do Internacional e Grêmio, pois treinam durante toda a semana. Considera injusto que as profissionais participem dos mesmos campeonatos que elas, pois não há igualdade em termos de condições de treinamentos e nem o mesmo nível técnico:

> As nossas meninas não são profissionais, elas são donas de casa que trabalham a semana inteira e querem lazer. Ela vem jogar uma bola por prazer, querem espairecer da semana em casa e do trabalho. Esse é o nosso time feminino. Nós não temos profissionais, nós temos donas de casa (...). Profissional é diferente, né, tem dinheiro que elas ganham. Ganham ajuda de custo, uniforme, abrigo. (...) Mas elas, é pelo fato de virem se divertir, sair da rotina de dentro de casa, da barriga no fogão, do arroz e do feijão e do filho. Às vezes elas trazem filho junto e uma cuida e a outra cuida, uma fica no colo... Às vezes o marido, que nem hoje, tinha o marido de uma delas aqui. Nós temos uma outra também que o marido vem junto, apoiar elas jogarem e diz "Ó, tá errado aqui, ó, fulana, tu pega ali".

Na equipe de Clarisse participam “meninas” da vila Mapa, do centro de Porto Alegre, Intercap, Humaitá e até de São Leopoldo. Durante 3 anos participou apenas de competições em Viamão, pois suas “meninas” tinham entre 9 e 13 anos, sem conseguirem atingir o limite mínimo de idade estipulado em Porto Alegre. Com as mudanças realizadas no regulamento de 2012, sua neta de 14 anos pôde jogar, e a equipe participou pela primeira vez do Campeonato Municipal de Porto Alegre.

Clarisse era a única treinadora de equipes em Viamão e percebia que era tratada de maneira preconceituosa pela organização dos eventos. “E o que eu fiz? Eu fiz um curso de arbitragem, pra que ninguém me enrole e aí eu posso cobrar”. Após terminar o curso, Clarisse começou a “bater de frente”, pois tinha domínio das regras e sabia o que era permitido ou não.

Antes, receava fazer cobranças sem nenhuma fundamentação. O curso lhe deu autonomia para reclamar com autoridade e reivindicar o cumprimento das regras aprendidas.

Clarisse concluiu o Ensino Médio há menos de 10 anos e diz que se pudesse, seria assistente social. Auxiliar de serviços gerais, quando conversei com ela, me disse que queria passar num concurso para auxiliar de veterinária e zootecnia. Clarisse tem três filhos biológicos e um adotivo. Uma das filhas é zagueira, mas parou de jogar porque tem um filho pequeno e trabalha. Um dos filhos era meia atacante habilidoso e atuou no Internacional. O envolvimento da família com o futebol é intenso. Clarisse dedica ao futebol sua recuperação de um trauma familiar.

A morte do filho Júlio César foi inesperada e devastadora na vida de Clarisse. Ela disse que "perdeu o filho pras drogas" e foi graças ao futebol que conseguiu sair do leito onde chorava a morte do filho. Sua dedicação com as crianças foi retribuída em carinho. Os meninos da categoria sub-15 insistiram para que Clarisse os levasse para uma competição e prometeram que iriam se comportar bem. A cada gol marcado, vibravam e gritavam o nome de Júlio César, em homenagem a Clarisse também. Sem apoios financeiros de empresas para seu projeto, Clarisse decidiu trocar o nome da equipe em homenagem ao filho, e assim surgiu o "JC Agronomia".

Clarisse demonstra que sabe usar a autonomia conquistada no curso de árbitros. Na beira do campo, no torneio de verão da Prefeitura, gritava a plenos pulmões: "Foi no grito, professor". Ao perceber que as pressões de outro técnico durante a partida estavam fazendo efeito, falou em tom de advertência ao árbitro. Sua expressão facial demonstrava descontentamento e disse algo que eu não consegui interpretar se foi dito como brincadeira ou ameaça "Se tu me expulsar, tu não passa da cerca (que separa o campo da saída)".

Por já ter feito um curso de arbitragem, Clarice assume posições estratégicas. Quando sua jogadora foi punida com um cartão amarelo, elogiou o árbitro, repreendendo a moça: "Se fosse eu, já tinha te dado dois (cartões)", disse após várias vezes ter advertido também a jogadora. Clarice, como todos os outros técnicos e dirigentes, joga com as armas que possui. Aponta, orienta, reclama, indaga, responde e dentro das quatro linhas ela joga com as palavras e gestos.

As realidades e dificuldades vividas por Clarisse e outras equipes comunitárias são diferentes das equipes de escolinhas. Sem transporte próprio e sem condições financeiras para comprar materiais básicos para a prática esportiva, precisam fazer esforços para continuar participando do futebol.

Os líderes comunitários me disseram que são aqueles que fazem o papel de pai ou mãe, amigo(a) e psicólogo(a), acumulando diversas funções que inclusive extrapolam apenas as funções ligadas ao futebol. Eles têm que lidar com hábitos que as crianças aprendem em lares que eles dizem "desestruturados", em que os pais por vezes são usuários de drogas ou muito agressivos. Para eles, o esporte é seguidamente significado pela sua alegada função social e cidadã, incentivando as crianças a terem um lazer e ocuparem o tempo. O trabalho deles é voluntário, mas também recebem críticas com as quais precisam lidar para prosseguir seus projetos. Em meio às adversidades, prosseguem suas lutas diárias. Clarisse comentou sobre o que a motiva a prosseguir com o projeto:

> Eu fico feliz por isso, porque o fato de tirar eles de dentro da comunidade onde muitas vezes eles não têm um lazer e nada além de acrescentar além da droga... e a droga está aí, te chamando 24h, a cobiça pelo dinheiro transforma uma criança porque muitas vezes eles não têm aquilo dentro de casa e pensam 'Ah, mas se eu servir de olheiro[169], eu posso conseguir'. Então, a gente de frente com isso, direto, não tem como.

A disparidade entre as equipes comunitárias e as escolas de formação pode ser também percebida nos resultados dos torneios. Sem vitórias, há jogadoras das equipes comunitárias que desistem de competir. A falta de estruturas e de condições para desenvolver um trabalho como as equipes que chamam de profissionais é bastante evidente. Clarisse diz que, após muita insistência, recebeu o apoio da prefeitura apenas após 3 anos, com bolas e uniformes:

> O que é que nós temos pra trabalhar? Nada. É uma corda, uma bola no chão. A gente não tem um cone, a gente usa uma garrafa pet. A gente usa uma mangueira pra poder fazer um extensor. A gente usa câmara de pneu pra poder fazer extensor pra elas trabalharem melhor as pernas. Então, a gente pode até ter um campo, mas a gente não tem uma estrutura. Isso dificulta muito pra poder trabalhar. Pra formar uma boa profissional, quando elas saem do campinho elas têm que ir pra um clube. Um clube tem um aparato, tem condições de formar uma boa profissional.

169 Diferentemente dos olheiros do futebol, a função de olheiro nesta fala se refere aos jovens de comunidades menos favorecidas que são aliciados para informar quando policiais se aproximam dos pontos de tráfico.

Embora as condições materiais de equipes comunitárias e escolinhas de futebol não sejam as mesmas, podia-se perceber que a ideia de "falta de futuro" da modalidade era um discurso presente nas falas tanto das *patricinhas* como das *humildes*[170]. Em uma conversa entre jogadoras de equipe comunitária, uma delas disse que havia jogado com as "gurias" do Grêmio, que estavam em campo. "Mas era tri caro. Bah, tinha que pagar uniforme e tal... era uns 200 e poucos reais. Sem condições. E pra quê? No final vamos tudo pro mesmo lugar".

***

As tentativas de adequação do *futebol de mulheres* à matriz espetacular ainda são frustradas, demonstrando a necessidade de ir além do que está instituído. Pode-se, portanto, perceber que "Enquanto os jogadores são agora agentes ativos em relação a quando, como e para quem suas força de trabalho pode ser vendida, as jogadoras da elite do futebol têm o encargo adicional de fazer o futebol de mulheres um produto comercial viável" (WILLIAMS, 2013, p. 47, tradução minha)[171].

Em relação ao *futebol de mulheres*, pode-se indagar onde, quando e por quem teriam sido construídas as avaliações sobre as práticas esportivas realizadas sobre este futebol. Poder-se-ia indagar *quando* e *como* foram estabelecidas linhas divisórias entre os significados e os valores estéticos e monetários das práticas realizadas por elas e pelos homens. A falta de formação de um público receptivo poderia estar ligada às poucas avaliações positivas nas críticas realizadas sobre este futebol, desvalorizando-o quando em comparação com a estética produzida pelos homens. Eis aí uma possível leitura sobre o interesse e a comoção gerados.

Deve-se perceber que a forma como os jogos de mulheres são produzidos no Brasil viola as expectativas de um futebol espetacular, um mundo esportivo instituído e regrado, sobre o qual se conhece os instrumentos de produção, condições de exibição e colaboradores. O *futebol de mulheres* brasileiro é um mundo que exige o seu reconhecimento, fazendo referência às convenções impostas pela matriz espetacular, mas ainda sem estar adaptado a esta matriz. As jogadoras de futebol buscam estímulo e aplauso do mesmo público que torce

170 *Patricinhas* e *humildes* são categorias êmicas relativas a poder aquisitivo, explicadas no capítulo 9.

171 Trecho original: "While the male player is now an active agent in when, how and to whom his labour can be sold, the elite female footballer has the added burden of making <<women's football>> a viable commercial product".

pelos jogadores renomados, habituados à formação profissional e uma organização que é pouco questionada.

As trajetórias de vida de Tio Boneco e Clarisse apresentam o futebol participativo como uma bricolagem, espaço esportivo no qual se lida com o que se tem. É um futebol que está distante do futebol espetacular, tanto por seus objetivos quanto pelos capitais. Tanto o futebol participativo quanto o futebol profissional de mulheres demonstram ser futebóis ainda em construção e interpenetrados. Ambos não estão apenas relacionados a compensações financeiras ou a uma legislação específica, mas se referem principalmente às atitudes que constituem de o *ethos* de futebolistas profissionais.

Embora as equipes ainda não sejam constituídas como clubes e suas histórias não sejam inscritas em registros centenários, as equipes futebolísticas de mulheres possuem lideranças que lidam com a falta de políticas públicas de incentivo e iniciação à prática esportiva. Enquanto as escolinhas tentam formar profissionais, as equipes comunitárias encontram no futebol um instrumento de valorização de seus fazeres e de mudança de realidades sociais adversas.

Embora tenham o futebol como prática valorizada nacionalmente, as lideranças comunitárias porto-alegrenses encontram em seus projetos esportivos importantes espaços para o investimento de tempo, afetos e dinheiro, buscando oportunizar mais opções de esporte e lazer para jovens de suas comunidades. Diferentemente desse futebol apresentado, o próximo capítulo apresentará o mundo do *soccer* nos Estados Unidos, onde o que chamamos de futebol não é o esporte nacional e onde a modalidade possui diferente organização.

4. O MUNDO DO *SOCCER* NOS ESTADOS UNIDOS

Este capítulo apresenta o mundo do *soccer* nos Estados Unidos, onde os esportes considerados com maior projeção nacional são diferentes dos da maioria dos países ocidentais, os quais têm o futebol como referência. Com base em Markovits e Hellerman (2004), pode-se considerar que, nos Estados Unidos, há o predomínio esportivo de "Os Três Grandes e a Metade": *baseball*, *football*, basquete e *hockey* no gelo. Todos esses esportes (assim como o futebol no restante do mundo) passaram por um processo de modernização entre 1870 e 1930, que lhes permitiu serem importantes no espaço cultural esportivo estadunidense.

Para iniciar este capítulo, primeiramente realizo uma breve retomada sobre o *soccer* na cultura estadunidense, para, em seguida, apresentar o *soccer* profissional de mulheres nos Estados Unidos. Apresento também o *soccer* universitário, considerado uma referência em termos de formação de uma base atlética de alta performance para mulheres, mais próxima ao futebol espetacular. Conforme se perceberá nas subseções do capítulo, o *soccer* universitário tem o tempo como regulador da sociabilidade e o foco nos recordes e na produtividade.

Contextualizar o *soccer* é importante na medida em que permite entender um pouco melhor as mudanças de status e de receptividade deste esporte nos Estados Unidos. Inicialmente, visto como prática muito ligada à cultura latino-americana, atualmente encontra mais espaço em terras estadunidenses, podendo ser considerada prática esportiva que representa uma crescente parcela da população.

4.1 A ACEITAÇÃO DO *SOCCER* NOS ESTADOS UNIDOS

Até algumas décadas atrás, podia-se perceber que os grupos sociais que mais praticavam o *soccer* eram jovens, mulheres e hispânicos. Embora o futebol possa ser considerado um dos esportes que têm mais aceitação global, cabe lembrar que historicamente os esportes se difundiram de maneiras diferentes. Nos Estados Unidos, por exemplo, o esporte nacional com o qual a população mais se identifica é o *football*, o qual é uma derivação do *rugby*. O *soccer*, em terras estadunidenses, ainda luta por seu "lugar ao sol", tendo que disputar espaço com outras práticas esportivas.

> Ao invés de enfatizar o 'fracasso' do futebol de campo, é conveniente enfatizar a riqueza de suas manifestações locais que, por se situar à margem de esportes dominantes (football americano, baseball, basquete...), no entanto, são locais de prática dinâmicos e interligados por importantes redes de concorrência e comunicação (DARBON, 2011, p. 591, tradução minha)[172].

Para Grainey (2012), o estigma do futebol em terras estadunidenses diminuiu devido ao aumento do número de praticantes e também pela atuação de Pelé (considerado Rei do Futebol), em 1975, em competição da *North American Soccer League* (NASL), representando a equipe *New York Cosmos*. O futebol naquela época ainda era um esporte sem televisionamento, que carregava ainda muito de uma "bagagem étnica" sul-americana e, portanto, não havia homens interessados em praticá-lo.

A partir da década de 1970, também começaram a mudar as práticas esportivas realizadas por mulheres[173]. Conforme Grainey (2012), os esportes praticados pelas jovens estadunidenses eram o *softball*[174], *hockey* de grama, vôlei e basquete. Apesar do aumento

---

172 Trecho original: "Plutôt que de mettre l'accent sur l'« échec » du soccer, il convient d'insister sur la richesse de ses manifestations locales qui, pour se situer à la marge des sports dominants (football américain, baseball, basket-ball…), n'en constituent pas moins des lieux de pratique dynamiques et liés entre eux par d'importants réseaux de compétition et de communication" (DARBON, 2011, p. 591).

173 Conforme Messner e Solomon (2007), desde 1972, a partir da aprovação da *Title IX*, percebem-se significativas mudanças em busca de igualdades de financiamento, instalações e na forma como é realizada a cobertura midiática de equipes de mulheres americanas. As mulheres no esporte representam, portanto, uma importante busca por igualdade, pelo controle de seus corpos e por autodefinição, contestando as bases da dominação masculina (MESSNER; SOLOMON 2007).

174 Nos Estados Unidos, não existem, no âmbito universitário, competições para as mulheres no *baseball* e *football*. Entretanto, por essas modalidades não estarem disponíveis para as mulheres, qualquer jogadora que os queira praticar pode ingressar em uma equipe de homens. O mesmo também se aplica a homens que queiram praticar esportes que não sejam ofertados, como, por exemplo, o *hockey* de grama ou o *softball*.

significativo no decorrer dos anos, o *soccer* começou a fazer sucesso nos Estados Unidos principalmente na década de 1990, com as competições internacionais.

Nos últimos anos, o *soccer* tem aumentado sua popularidade, disputando o quarto lugar nos esportes – atualmente ocupado pelo *hockey*. Na Copa do Mundo FIFA 2014, por exemplo, foi registrada a maior audiência dos últimos tempos pelo canal ESPN nos Estados Unidos. Os números da partida de futebol entre as seleções de homens dos Estados Unidos e Portugal superaram qualquer transmissão do *SuperBowl*, com 18,2 milhões de espectadores no canal ESPN, mais que os 17,9 milhões que assistiram à final da Copa do Mundo Feminina de 1999 (EUA..., 2014).

Conforme dados da FIFA, apresentados por Kunz (2007), são 265 milhões de pessoas no mundo que jogam futebol, sendo que 26 milhões são mulheres. Desse total, 11 milhões são da América do Sul. No Brasil, são registrados 2,1 milhões de jogadores, porém o número de mulheres é baseado em estimativas. No cadastro da CBF, em outubro de 2014, constavam 6.287 ocorrências, com alguns cadastros de homens inclusos e jogadoras que já não praticam a modalidade. Os países que possuem maior número de jogadoras registradas são Estados Unidos, com 1,6 milhão[175]; Alemanha com 871 mil e Canadá com 495 mil.

Nos Estados Unidos, por questões sociais e culturais, as futebolistas são vistas e tratadas de forma bastante diferente do que no Brasil. Várias das pessoas com quem conversei naquele país afirmavam que "A América (entenda-se os Estados Unidos) é a nação dos esportes". Praticar ou acompanhar com assiduidade algum esporte é algo habitual na vida dos estadunidenses, desde a infância. O esporte assume um papel relevante nas interações sociais.

Pude perceber que a prática de esportes é muito incentivada, principalmente pelos progenitores. Ser um bom atleta, além de possuir prestígio, é ter a possibilidade de ampliar as oportunidades de conseguir bolsas de estudo, que reduzem os custos de um Ensino Superior, nas melhores universidades estadunidenses. Na universidade em que realizei minha pesquisa, os esportes mais desenvolvidos para as mulheres eram o *soccer*, o *softball*, o lacrosse[176] e o

175 Desde 1988, os Estados Unidos e Canadá possuem uma liga para jovens, que possui mais de 100 equipes, chamada *Super Y-League*. Ainda, com o surgimento da *United States Soccer Development Academy*, desde 2007, diversas equipes migraram para essa nova liga, que possui 3 divisões de idade: abaixo de 13/14, abaixo de 15/16 e abaixo de 17/18, com jogos que acontecem durante 10 meses do ano.

176 É um esporte de contato, originado pela população nativa dos Estados Unidos. Utiliza-se como equipamentos básicos um capacete e um bastão (*crosse*) cujo topo tem uma malha com a qual se captura a bola de metal pequena, arremessada a gol.

basquete. Para os homens, os esportes mais incentivados eram o *football*, o *hockey* e o basquete:

> A combinação de boas aparências, salubridade americana, atitudes positivas e um recorde de vitórias comprovadamente irresistível, gerando um frenesi na mídia, era fenomenal, possivelmente mais intenso que qualquer cobertura de um campeonato de homens em qualquer esporte e certamente mais intenso que qualquer outra cobertura outrora feita de um campeonato de mulheres (COOMBS, 2013, p. 163, tradução minha)[177].

Conforme Grainey (2012), o *soccer* de mulheres nos Estados Unidos teve o suporte de argumentos presentes em estudos que identificaram que as garotas que o praticavam tinham mais autoestima, aprendiam a trabalhar melhor em equipe, tinham menor probabilidade de ficarem grávidas e mais chances de desenvolverem atividades saudáveis. Considerando estas "qualidades" e ainda mediante a possibilidade de ingressar nas universidades estadunidenses com bolsas de estudos atrativas, os pais começaram a investir em clubes de elite, viagens a torneios e outras oportunidades de visibilidade para suas filhas:

> Argumenta-se que a participação no esporte ensina disciplina, auto-controle, auto-confiança, independência, capacidade de liderança, e o valor de trabalhar dentro de regras e estrutura. As pessoas também podem ganhar um sentido de eficácia física e psicológica e poder através do domínio de habilidades e realização dos objetivos esportivos. Socialmente, os participantes ganham experiência no trabalho em equipe, negociação, ganhando, perdendo e planejamento. Suas redes sociais aumentam e os horizontes ampliam (SAAVEDRA, 2005, p. 4, tradução minha).[178]

Quando conversei com as jogadoras, elas tinham em mente que o *soccer* era uma atividade preparatória para o mercado de trabalho, a qual pretendiam acrescentar aos seus currículos, ressaltando o desenvolvimento de valores profissionais como o trabalho em equipe, a competitividade e a liderança. Participar de uma atividade atlética e de alta performance era considerado um diferencial que demonstrava também habilidades para o mundo dos negócios. Lauren, veterana na equipe da UMass, estava em seu último ano da

177 Trecho original: "The combination of good looks, American wholesomeness, positive attitudes, and a winning record proved irresistible, generating a 'media frenzy' was phenomenal, possibly more intense than any coverage of a men's championship in any sport and certainly more intense than any coverage, ever, of a women's championship".

178 Trecho original: "It is argued that participation in sport teaches discipline, self-control, self-confidence, independence, leadership skills, and the value of working within rules and structure. Individuals also can gain a sense of physical and psychological efficacy and power through mastery of skills and accomplishment of sporting objectives. Socially, participants gain experience in teamwork, negotiating, winning, losing and planning. Their social networks increase and horizons broaden".

equipe e tinha certeza de que aquela experiência iria ter um bom impacto em seu currículo profissional. Perguntei a ela em que o *soccer* iria lhe ajudar no futuro, e me respondeu:

> Como eu disse, eu tenho servido em cargos de liderança, eu era a capitã aqui e nos meus clubes e no Ensino Médio. Então, ajuda a conseguir um emprego, trabalhar no mundo real, porque eu tenho essas habilidades de liderança. Eu posso trabalhar muito bem em equipe. Um monte de empresas valorizam isso. E eu sei como trabalhar duro e sou muito competitiva, por isso esse tipo de coisa pode ajudar a conseguir um emprego ou qualquer coisa no mundo real.

O mundo real, explicitado por Lauren, é o mundo pós-faculdade, em que ela pretende ter seus próprios bens e ganhar dinheiro em sua atividade profissional. Para ela, o *soccer* é uma atividade que lhe permite demonstrar liderança e espírito de grupo. Percebe-se, portanto, que ser uma jogadora confere a ela um status diferente dos demais estudantes. Lauren pensava que, caso não conseguisse jogar o *soccer* em alguma equipe *americana*, poderia jogar em equipes da Europa, ou senão, começar sua carreira profissional.

Conforme Stevenson (2007), acredita-se que a prática de esportes envolva o desenvolvimento de habilidades importantes para a vida profissional, tais como liderança, motivação e relacionamento interpessoal. Tais atributos são valorizados no mercado, tornando esses atletas mais empregáveis. Ainda, os atletas não podem fumar, beber e usar drogas. A evitação desses comportamentos faz com que haja incentivos à vida atlética[179]. Os benefícios atribuídos ao *soccer* fizeram dele um esporte adequado às mulheres, inclusive devido à moderação das violências físicas, muito maiores em esportes de contato, tais como o *football*.

Antes de iniciar a seção sobre o *soccer* profissional, gostaria de explicitar a estrutura piramidal na qual o *soccer* de mulheres nos Estados Unidos está organizado. Deve-se considerar, portanto, os seguintes níveis de participação futebolística: 1º) *National Women's Soccer League* (com 9 equipes); 2º) *W-League* (fundada em 1995, com cerca de 25 equipes) e *Women's Premier Soccer League* (fundada em 1998, com cerca de 67 equipes); e 3º) *United States Adult Soccer Association* (USASA, é a liga amadora, fundada em 1995).

Além do desenvolvimento de uma base de atletas, os Estados Unidos possuem instituições sólidas, ou seja, entidades de organização da modalidade que se mantém no

179 Entretanto, conforme a pesquisa de Stevenson (2007), há fatores qualitativos que deveriam ser considerados nas análises sobre a prática esportiva, tais como as variações de estado para estado (climáticas e estruturais), as diferenças regionais e familiares no prestígio ao jogar um determinado esporte, a quantidade de exposição na mídia, o conforto/desconforto do clima nos ambientes de prática, a empatia dos professores que ensinam e os incentivos dos pais.

decorrer dos anos dispostas a promover o *futebol de mulheres*. Em termos profissionais, entretanto, ainda não há muita estabilidade, mas há patrocinadores que continuam a investir em busca de uma fórmula que resulte em maiores ganhos financeiros.

4.2 O *SOCCER* PROFISSIONAL NOS ESTADOS UNIDOS

O mundo futebolístico estadunidense inclui planejamentos de longo prazo, em um país em que as mulheres não sofrem preconceitos com a prática do *soccer*, porém, ainda não possuem a mesma visibilidade esportiva gerada pelos esportes nacionais mais prestigiados. Nos Estados Unidos há programas de formação de atletas, os quais permitem uma maior quantidade de opções para a "reposição" de atletas nas equipes. As jogadoras profissionais estadunidenses, assim como as brasileiras, mantêm um segundo emprego que lhes proporciona o sustento material. Embora as jogadoras principais, como as participantes da seleção estadunidense, como Hope Solo, Abby Wambach e Alex Morgan, sejam exemplos para as mais jovens, diversas outras jogadoras precisam encontrar outras formas para sobreviver que não sejam suas imagens e ganhos publicitários.

Desde 1999, após a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA sediada nos Estados Unidos, o país teve três tentativas de formação de ligas profissionais para mulheres[180]. A primeira liga profissional foi fundada em 2001 e fechada em 2003: a *Women's United Soccer Association* (WUSA). Entretanto, essa liga não possuía estabilidade financeira. Sem a combinação de fatores como investidores, infraestrutura e torcida, a WUSA teve que encerrar suas atividades.

A segunda tentativa de liga profissional *americana* foi a *Women's Professional Soccer* (WPS). Fundada em 2007, teve sua primeira temporada em 2009. A média de público em 2009 era de 4,6 mil espectadores e, em 2011, foram 3,5 mil espectadores. A liga foi encerrada em 2012, alegando a falta de investimentos e problemas de organização interna, como uma

180 O sistema estadunidense de ligas, assim como o canadense, é diferente do sistema brasileiro, pois não adota a promoção das equipes para divisões superiores nem o rebaixamento (caso apresente performance ruim durante a temporada). As equipes são sempre as mesmas, entretanto, com ocasionais expansões ou realocações. As equipes são também chamadas de franquias e seus futuros dependem dos planos empresariais do(s) dono(s). Geralmente as equipes mudam de cidade quando motivadas pela busca de uma melhor base de fãs ou por melhores estruturas físicas. Devido às dificuldades de participação em algumas ligas, há equipes que se organizam para formar ligas rivais, forçando as ligas mais antigas a absorvê-las ou a ter que lidar com a concorrência por audiência.

disputa legal com um ex-participante da franquia, Dan Borislow. Nesta liga participou a renomada jogadora brasileira Marta, que foi vice-campeã da WPS pelo Los Angeles Sol (2009); e campeã pelo *FC Gold Pride* (2010) e pelo *New York Flash* (2011). No início de 2012 a WPS foi encerrada.

A terceira e mais recente tentativa de criação de uma liga profissional foi realizada em 2013, com a fundação da *National Women's Soccer League* (NWSL). A primeira temporada foi composta por 8 equipes, com jogos realizados entre abril e agosto de 2013. Dessa vez, as federações *americana*, mexicana e canadense se responsabilizaram em pagar alguns dos maiores salários, os das jogadoras que representam as seleções nacionais[181]. O dinheiro da Federação dos Estados Unidos, por exemplo, provém principalmente da liga dos homens e de *camps* para jovens (os quais são pagos)[182].

Conforme Bell (2013), os valores monetários recebidos pelas jogadoras para a temporada de 5 meses na NWSL variavam entre 6 a 30 mil dólares, ou seja, entre 1.200 a 6 mil dólares mensais[183]. As equipes poderiam ter até 20 jogadoras e um teto salarial de 200 mil dólares por temporada. O campeonato fornece visibilidade às jogadoras e uma base atlética competitiva às seleções nacionais.

Sintetizando as informações sobre o mundo futebolístico profissional nos Estados Unidos, pode-se perceber que, assim como no Brasil, a profissionalização é relativamente recente, tendo início desde o século XXI. Semelhante ao Brasil, os ganhos financeiros das jogadoras também são reduzidos e há muita instabilidade, pois as ligas estadunidenses ainda não encontraram uma fórmula empresarial bem-sucedida (mas continuam tentando). O calendário também é reduzido a alguns meses do ano, mas nos Estados Unidos esta situação se deve também às adversidades climáticas.

---

181 A Federação dos Estados Unidos pagaria até 24 jogadoras da seleção nacional, o Canadá até 16 jogadoras e o México até 12.

182 Jovens com muita habilidade, que consigam comprovar que suas famílias não têm condições financeiras para pagar pela oportunidade de jogar num *camp*, podem receber desconto ou até mesmo não pagar. Entretanto, não são realizados muitos testes (*tryouts).* Essa limitação faz com que, ao conseguir uma oportunidade de participar, a jogadora tenha que considerá-la importante e talvez a única de sua trajetória.

183 No início de 2015, o dólar estava próximo a 3 reais, portanto o salário das jogadoras estadunidenses equivaleria a algo entre 3.600 a 18 mil reais mensais. Embora sem realizar uma possível contextualização dos diferentes gastos em cada cidade ou país, acredito que seja importante perceber que, em 2014, as atletas mais bem pagas dentro do futebol brasileiro receberam 3.100 mil reais no Bolsa Atleta. Em 2015, na seleção "permanente", foi anunciado que as futebolistas receberiam R$9 mil. O valor máximo pago em equipes renomadas, como Ferroviária de Araraquara (SP), consideradas profissionais, é de R$2,5 mil (equivalente a pouco mais de três salários-mínimos).

Embora haja também problemas em relação à manutenção do *futebol de mulheres* profissional nos Estados Unidos, percebe-se que a entidade máxima nacional e liga futebolística de homens trabalham em conjunto para auxiliá-las na busca por um modelo esportivo sustentável, com um bom número de patrocinadores e com apoio da mídia.

4.3 O *SOCCER* UNIVERSITÁRIO NOS ESTADOS UNIDOS

Enquanto no Brasil há a possibilidade de realização do Ensino Superior em faculdades públicas sem nenhum custo pelas disciplinas cursadas, nos Estados Unidos os estudantes precisam pagar pela sua formação até mesmo nas universidades públicas. No Brasil, algumas instituições privadas fornecem bolsas atléticas para estudantes, porém, ainda sem a estabilidade existente no sistema estadunidense.

O mundo futebolístico universitário brasileiro não é regulado por nenhuma legislação específica. São raras as universidades públicas que possuem equipes que as representem. Os investimentos nessa área se restringem ao fornecimento de algumas bolsas de estudo em instituições privadas, de duração provisória. Grande parte destas instituições privadas são entidades filantrópicas, ou seja, possuem isenções fiscais, mas não são obrigadas a investir no esporte.

No Brasil, o mundo futebolístico universitário ainda não é utilizado como espaço para revelar novos talentos. Apenas em 2014 foi realizada a primeira competição universitária em nível nacional com investimentos do Ministério dos Esportes: a 1ª Copa Brasil de Futebol Feminino Universitário, promovida pela Confederação Brasileira de Desporto Universitário[184]. O evento foi realizado em Brasília e teve o investimento de quase 2 milhões de reais, com a duração de 7 dias, de 19 a 25 de maio de 2014.

Nos Estados Unidos, diferentemente do Brasil, as universidades mais renomadas são as particulares. Conforme o *ranking* do *Times Higher Education,* as universidades particulares estadunidenses se encontram entre as melhores universidades do mundo, tais como *California Institute of Technology (CALTECH), Harvard, Stanford, Massachusetts Institute of*

184 Em 2014, a equipe da Ulbra, faculdade privada de Canoas, representou o Rio Grande do Sul nessa competição, tendo ficado em 9ª lugar dentre as 24 equipes convidadas. No Rio Grande do Sul há também equipes de futsal que representam universidades federais públicas, tais como UFSM (Santa Maria), UFRGS (Porto Alegre) e UNIPAMPA (Alegrete). As equipes de futsal de mulheres participam de competições como Jogos Universitários do Rio Grande do Sul (JIRGS) e Jogos Universitários Gaúchos (JUGs).

Technology (MIT), University of California – Berkeley e *Yale*. Por terem que realizar investimentos financeiros tanto para frequentar universidades particulares quanto as públicas, é comum que as economias familiares sejam desde cedo organizadas para prover a quantia necessária à formação acadêmica, que pode ter custos entre 20 e 60 mil dólares anuais[185].

O esporte é um elemento central nas universidades estadunidenses, até mesmo no processo de seleção de estudantes provenientes do Ensino Médio (*high school*). Praticar esportes, é um diferencial no currículo acadêmico e pode também resultar na oferta de bolsas atléticas. Como se verá a seguir, a prática de esportes é visto como algo tão importante quanto obter bons desempenhos nas disciplinas cursadas.

O esporte atrai alunos e doações, em função de suas apresentações bem-sucedidas. Manter equipes esportivas é uma das possíveis estratégias utilizadas para unir a comunidade universitária, pais e comunidade local, trazendo público para as instalações das instituições (e no caso de algumas modalidades, também o dinheiro provindo de contribuições, feitas por ex-alunos). Em termos de *marketing*, associar o nome da universidade a uma equipe vencedora é também algo considerado positivo.

Conforme dados da *National Collegiate Scouting Associatio*n (NCSA), há nos Estados Unidos 1.383 programas universitários de *soccer* de mulheres. A NCSA desde 2000 atua no recrutamento de atletas para o nível universitário e estima que apenas 2% dos cerca de 360 mil estudantes atletas que jogam *soccer* consigam jogar na *Division-I*, a elite do *soccer* universitário.

Na temporada 2013/2014, atuavam pela NCAA 322 times *Division-I* de mulheres e 204 de homens. A competição pelas bolsas esportivas é muito alta[186]. As instituições raramente concedem bolsas esportivas integrais, dividindo esse valor entre várias jogadoras que aceitem receber bolsas parciais. As atletas podem escolher ainda entre 228 instituições D-II, 428 faculdades D-III, 219 faculdades NAIA e 186 *Junior College*.

185 A Universidade de Massachusetts – Amherst é uma instituição pública. Em 2014, havia cerca de 28 mil estudantes registrados. O custo das taxas estudantis variavam entre 13 mil dólares (para residentes do estado de Massachusetts) a quase 29 mil (para não residentes). Para morar na universidade e fazer as refeições nos *Dining Commons* (restaurantes universitários), os gastos giravam em torno de 11 mil dólares anuais.

186 A NCSA estima que o número de bolsas por escolas seja: catorze por universidade D-I, dez D-II, doze *National Association of Intercollegiate Athletics* (NAIA) e dezoito *National Junior College Athletic Association* (NJCAA).

A NCAA defende que estudantes-atletas são atletas amadores, mesmo que obrigados a cumprir altas cargas de treinamento semanais e adequar-se a regras de comportamento e horários. Atualmente, em meio a processos judiciais, entidades como a NCAA precisam encontrar um equilíbrio entre o sucesso comercial e a missão educacional do esporte universitário.

Os estudantes-atletas precisam ser certificados como amadores, não podendo ter contratos com equipes profissionais, jogar com profissionais, ter salários por participação em esportes, ganhar prêmios, participar de peneiras, de treinos ou de competições com equipe profissional ou serem representados por um agente. Além disso, para serem selecionados, precisam tirar uma nota boa no teste SAT (leitura e matemática) ou no ACT (inglês, matemática, leitura e ciências), para comprovar requisitos mínimos na área estudantil.

Dentre as universidades participantes de cada associação atlética, existe um perfil de entidade. Geralmente, as universidades NCAA *Division-I* e *Division-II* são grandes universidades públicas. Essas universidades são obrigadas a patrocinar pelo menos 7 esportes para homens e 7 para mulheres. As participantes de NCAA D-III e NAIA são pequenas faculdades privadas, que não possuem tanto dinheiro para investir em esportes. As participantes de NJCAA são faculdades comunitárias.

Nos Estados Unidos existem diferentes organizações atléticas que podem ser escolhidas pelas jogadoras. Dentre as características de quem as procura, a NJCAA geralmente tem cursos com duração de apenas 2 anos, e depois as jogadoras precisam solicitar transferência para NCAA D-II ou NAIA. Geralmente quem escolhe essas faculdades é porque não conseguiu um *Grade Point Average* (GPA)[187] suficiente para competir em uma universidade com melhores oportunidades. Várias jogadoras estrangeiras escolhem atuar na liga NAIA ou D-II porque possuem menos barreiras de elegibilidade e menores limitações em relação à quantia de jogadoras estrangeiras que podem participar.

A equipe universitária que pesquisei em Amherst era composta por 25 jogadoras, sendo 3 delas seniores. Duas delas eram capitãs declaradas e uma delas também era capitã, mas não oficialmente. No elenco, havia seis jogadoras internacionais e apenas seis atletas maiores de 21 anos. Além do controle rigoroso por parte da polícia local, as jogadoras

187 Um GPA de 3.0 é geralmente considerado bom. Na universidade em que pesquisei, a comissão técnica procurava por estudantes com GPA's superiores a 3,5. A escala máxima é de 4,0.

estavam cientes de que não poderiam andar "fora da linha", ou seja, frequentar bares caso fossem menores de idade. Além disso, caso não fizessem o que lhes era solicitado, poderiam receber quatro tipos de punições: um aviso, ficar no banco, serem punidas com tarefas ou serem desligadas definitivamente da equipe. Conforme as estudantes-atletas, a ordem geral à que tinham que obedecer era: "*Don't get in trouble*", ou seja, não faça nada estúpido, que possa comprometer sua imagem ou, principalmente, da instituição.

A comissão técnica era composta pelos seguintes profissionais: preparadora de goleiras, preparadora física, técnico, instrutor de academia, orientador acadêmico, fisioterapeuta e roupeiro. Os profissionais de fisioterapia acompanhavam a equipe apenas durante o outono, trocando de esporte na primavera.

As futebolistas universitárias estadunidenses poderiam ser definidas pelos moldes de Becker (1977) como "artistas integradas", cujas obras de arte podem ser criadas com o mínimo de dificuldade e em que todos os envolvidos sabem o que devem fazer. Ou seja, assumiriam uma definição próxima ao futebol de espetáculo, no qual existem profissionais, mediadores especializados, apreciadores, dirigentes, patrocinadores e outras categorias de agentes. Das jogadoras estadunidenses era exigida preparação específica e especialização quanto ao uso das técnicas corporais. "Como em outras modalidades artísticas ou esportivas, o gosto do público e os interesses da indústria do espetáculo classificam alguns artistas como dignos de compensação e outros como muito dignos, de dinheiro e de outras dádivas" (DAMO, 2005, p.40).

4.4 O RECRUTAMENTO DE ATLETAS UNIVERSITÁRIAS

Rebecca[188] possuía 26 anos quando a entrevistei. Ela foi também uma jogadora de nível universitário, durante sua formação. Atualmente é assistente técnica, em uma comissão que é formada por mais uma assistente e um técnico. Esse grupo conta ainda com um(a) fisioterapeuta, que trabalha com a equipe de forma rotativa, por apenas 3 meses[189]. Para

188 Algumas interlocutoras marcaram em seus documentos de Consentimento Livre Informado que preferiam ser identificadas apenas pelo primeiro nome. Em respeito às suas opções, serão apresentados apenas sobrenomes das que preferiram ter seus nomes completos divulgados.

189 Ao contrário do *football*, o *soccer* e outros esportes não possuem o privilégio de ter o mesmo profissional durante todo o ano. Para as jogadoras, essa era uma desigualdade de gênero que as prejudicava, tendo em

Rebecca, jogar *soccer* em nível universitário era uma experiência semelhante a um emprego com diversas responsabilidades, mas que proporcionava visíveis ganhos em prestígio e visibilidade:

> Era como ter um emprego (risos). Mas, quero dizer, você é diferente do que a média dos alunos, porque você tem várias responsabilidades para manter sua bolsa de estudos. Todos os dias você não está apenas indo às aulas, você está indo treinar, você está indo pra musculação, você faz preparação física ... Você tem diferentes responsabilidades como estudante, mas você também tem uma série de benefícios disso. Você representa a sua escola, você cria relacionamentos com as pessoas em um ambiente de equipe. Quero dizer, era difícil, mas ao mesmo tempo não é. Você definitivamente tem que se esforçar.

O atual trabalho de Rebecca tem sido desenvolvido há 5 anos e se deve à reputação construída durante o confronto com as equipes adversárias. O bom relacionamento que mantinha com o chefe permitiu a ela que tivesse uma boa recomendação para seu atual emprego. Ela afirma que a área técnica é bastante competitiva. Sua atual função envolve mais do que apenas conhecimentos no futebol, envolve também conhecimentos de administração no gerenciamento de recursos materiais (como os equipamentos) e gestão humana (controlando o desempenho das jogadoras).

Dentre as funções realizadas pela comissão técnica, há uma grande carga burocrática exigida pela NCAA. A exemplo disso, as atividades das jogadoras devem ser todas documentadas (para comprovar que não há sobrecarga de atividades). É também necessário realizar o agendamento de jogos, criar um relacionamento com as jogadoras e gerenciar seus desempenhos acadêmicos: saber se estão indo às aulas e se estão tirando boas notas. A cada ano, ainda, precisam recrutar novas atletas para o grupo.

Rebecca e a outra assistente técnica viajam todos os anos para Nova Iorque, Nova Jersey, Carolina do Norte, Virgínia, Las Vegas, Califórnia e Flórida. O técnico da equipe também possui contatos na Dinamarca. Geralmente, há um grande torneio que elas visitam na Florida, na época do Natal; e outro que acontece em maio, em Nova Jersey. Seus esforços se concentram em acompanhar duas grandes ligas: a *Elite Clubs National League* (ECNL)[190] e a *US Youth Soccer National League*.

---

vista que precisavam repassar todo o histórico de lesões que tiveram para os profissionais da saúde que entravam na equipe, bem como informá-los sobre os tratamentos que já haviam sido realizados.

190 Na Flórida, o *Elite Clubs National League* reúne cerca de 600 técnicos e 158 equipes em 17 campos de futebol, durante três dias.

Para conseguir jogar nas melhores ligas, que fornecem visibilidade, as jogadoras precisam fazer investimentos monetários. Dependendo do clube, os custos giram em torno de 4 mil dólares por ano e mais os custos com viagens. Rebecca diz que, durante o recrutamento, os torneios são realizados em grandes complexos de 10 a 12 campos. Os jogos podem acontecer das 8 da manhã às 5 da manhã do outro dia. Nesse tempo, ela e sua colega fazem anotações. Esses torneios podem ter duração de 3 a 4 dias, com 200 ou 500 equipes, em grupos entre sub-14 e sub-18, cada equipe contendo entre 16 e 18 garotas. São analisados entre 12 e 15 jogos por dia, em um ritmo bastante intenso.

Caso a comissão técnica se interesse por alguma jogadora, começa a contatar seus técnicos, repassando informações da faculdade. Nesse processo, Rebecca disse que assiste pessoalmente às jogadoras em pelo menos 3 oportunidades. Num quadro branco com dezenas de nomes de jogadoras que seriam recrutadas, Rebecca me disse que já havia visto cada uma delas jogar cerca de 15 vezes. Aquelas seriam as atletas selecionadas para a temporada seguinte. Rebecca sabe que algumas faculdades já adiantaram o processo de recrutamento, iniciando com garotas que cursam a 8ª série, mas ressaltou que procura apenas por estudantes no segundo ano do Ensino Médio (*sophomores*), que se comprometerão no penúltimo ano:

> Então, se você está altamente interessada nelas, você também quer mostrar para elas que você está lá e você está lá para olhá-las. Você está mostrando para elas seu rosto tanto quanto elas estão tentando contatar você. Nesse aspecto, há uma espécie de jogo, mas as crianças que você realmente quer, você assistirá durante o jogo inteiro.

A relação entre atletas e comissão técnica, na fase de recrutamento, é bastante regulada. A partir do segundo ano do Ensino Médio, as atletas podem receber panfletos e questionários das universidades, porém, não é permitido que os técnicos liguem para as jogadoras (embora possam atender ligações feitas por elas). Contatos fora do campus podem ser feitos apenas em datas posteriores a 1º de julho do penúltimo ano de Ensino Médio.

Para antecipar o processo de seleção, os técnicos de universidades estadunidenses encontraram um "jeitinho", uma brecha, utilizando os técnicos dos *clubs* dessas jogadoras como intermediários, agenciando as jogadoras em um difícil sistema de monitoramento e controle pela NCAA[191]. Ao antecipar o recrutamento, apesar de garantir o comprometimento e

191 O NCSA estima que na atualidade cerca de 24% das jogadoras de futebol universitário estadunidense sejam recrutadas antes do período oficial.

exclusividade das estudantes-atletas, assume-se o risco de uma aposta que pode não dar certo, caso elas não desenvolvam as habilidades esperadas para os anos seguintes. Quando não alcançam as expectativas de performances atléticas, essas estudantes-atletas ficam no banco de reservas, e esse recrutamento antecipado se tornar um "mau negócio" para a instituição.

Por não lhes ser permitido contatar as atletas, as comissões técnicas precisam esperar pelo interesse das jogadoras. Após feita a escolha da universidade, são realizados comprometimentos verbais, os quais envolvem propostas de "dinheiro" e expectativas. Em fevereiro de cada ano, as jogadoras de *soccer* assinam algo mais formal, a Carta Nacional de Intenção (*National Letter of Intent*)[192], documento que Rebecca definiu como um acordo financeiro entre as partes, explicitando a percentagem de bolsa oferecida pela universidade, impedindo que a jogadora possa aceitar ofertas de outras instituições[193].

Para conseguir um lugar em uma universidade *Division-I*, as adolescentes precisam decidir desde o Ensino Médio se investirão seu tempo nisso. Precisam dedicar-se, enviar e-mails e viajar com seus clubes a diversos torneios onde os treinadores assistem a jogos. Elas precisam criar uma rede de contatos que lhes dê uma boa visibilidade. Para isso, elas participam também de acampamentos (*camps*) de férias de faculdades e conhecem os locais que podem lhes interessar em caso de escolha, quando as faculdades lhes fizerem ofertas.

Neste mercado de formação de jogadoras de *soccer*, os valores pagos para a formação atlética das garotas pode variar entre 4 e 10 mil anuais, dependendo das escolas, torneios e viagens. Esses empreendimentos de tempo e dinheiro retornam financeiramente em bolsas atléticas, as quais são consideradas pelas jogadoras como "dinheiro para a educação". Mesmo não recebendo um salário, esse dinheiro é a recompensa pelos seus esforços.

---

192 Este documento é assinado por estudantes-atletas que aceitem participar de universidades D-I e D-II. Esse documento é um contrato no qual constam o quanto de ajuda financeira será fornecida durante o ano letivo para atletas que sejam elegíveis pelas regras da NCAA.

193 Rebecca resume as 3 divisões da NCAA da seguinte forma: As D-III não fornecem bolsas de estudo e não competem na primavera. Então, apenas jogam na pré-temporada do verão e na temporada do outono. Nesses programas atléticos, há pouco comprometimento das atletas com o jogo. Nos programas atléticos D-II há menos bolsas, cerca de três ou duas por equipe. Eles têm um cronograma na primavera, assim como equipes D-I, mas é mais condensado, com apenas um ou dois meses de musculação. Nos programas D-I, há treinamentos o ano todo. Durante o verão as atletas podem ficar na faculdade e realizar treinamentos (mas não podem contatar a comissão técnica). No final da temporada possuem uma pausa de duas ou três semanas e recomeçam. Durante a primavera possuem apenas cinco jogos, mas treinam com regularidade. Conforme Rebecca, os programas atléticos em geral possuem padrões técnicos semelhantes. As maiores diferenças estariam nos investimentos financeiros realizados, na personalidade dos treinadores e nos sistemas de jogo adotados, pois no restante há semelhantes padrões de referência a serem seguidos.

Na equipe em que investiguei, havia 14 bolsas atléticas para 25 jogadoras. A percentagem de quanto "dinheiro" seria "dado" a cada uma delas dependia de uma escolha pessoal dos técnicos, baseada nos critérios de rendimento e também de sociabilidade dessas jogadoras. Rebecca diz que os valores recebidos, variam conforme o interesse na jogadora:

> Jogadoras que sentimos que terão um impacto significativo receberão uma bolsa integral ou um alto percentual de bolsa atlética. Depende apenas do que o seu programa tem. Cada programa é diferente em termos de quantas bolsas de estudo são ofertadas. Se você tem 14 bolsas de estudo, você pode entregar as 14 completas ou você pode dividir da forma que quiser. (...) Temos algumas jogadoras que têm bolsas completas e algumas têm 10%, 30%, isso depende do que achamos que elas merecem em seu primeiro ano. Após elas jogarem uma quantia de jogos, veremos se merecem uma recompensa com mais bolsa, isso depende.

A equipe de *soccer* não é considerada como uma fonte de renda à universidade e tem como função social "passar uma boa imagem" da instituição, não tanto em termos de resultados, mas tendo as estudantes-atletas como exemplos atléticos (*role models*). No *soccer* universitário estadunidense, as mulheres representam não apenas uma equipe, mas o nome de suas universidades. Acima delas, há algo maior, uma instituição que as representa e a qual é por elas representada.

Devido à quantidade de jogadoras interessadas em serem selecionadas por boas universidades, é importante a participação das jogadoras em *showcases* que são realizados em diversas regiões do país, que variam conforme a época do ano e temperatura. Os *showcases* são torneios de curta duração, mas importantes no processo seletivo. Os melhores *showcases* conseguem reunir os treinadores das melhores universidades. Participar destes eventos é interessante, na medida em que confere uma maior visibilidade às futebolistas.

Durante esses eventos as mães ou pais das jogadoras entregam panfletos com as informações, a foto de rosto, as notas do colégio, os êxitos no futebol, o ano de graduação e um contato. Esses materiais são geralmente encomendados a empresas especializadas, que fotografam, diagramam e imprimem o panfleto em alta qualidade; trabalhos profissionais que influenciam na apresentação das jogadoras como produto. A informação mais importante neste material é o calendário de torneios nos quais a equipe participará, nos quais as garotas poderão ser vistas jogando.

Fotografia 2 – Fotografia de panfleto entregue em *showcases*

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2013). Foto com edição de dados pessoais dos técnicos.

O que existe nos Estados Unidos é um forte mercado juvenil esportivo, em que as jovens devem decidir precocemente, entre 14 e 16 anos, se se consideram boas o suficiente para tentar uma equipe D-I. Além disso, após serem convidadas pelas equipes, precisam decidir entre uma universidade boa para a prática esportiva ou uma que lhes forneça boa formação profissional. Combinar os dois fatores pode ser difícil e implicar escolhas excludentes.

Conforme lembra Oliven (2001), os estadunidenses estão sempre decidindo entre muitas alternativas. Nesse processo de escolhas, pode-se perceber que a quantidade e a abundância são características marcantes naquele país, veja-se o interesse por carros grandes ou a diversidade de produtos em embalagens enormes, dentre outras. Assim como os consumidores estão acostumados com a disponibilidade de diversas opções de produtos, no *soccer* existe a oferta de diversos cursos e universidades que podem ser escolhidas pelas jogadoras. Ainda, as estudantes-atletas também precisam se adequar a um esporte no qual apresentem boas performances. Cabe a cada estudante-atleta analisar as informações prestadas

nas ofertas e realizar a melhor escolha, ou seja, a negociação em que tenha menores riscos (de ficar no banco de reservas) e maiores lucros:

> Como existem muitas opções, é sempre possível ter a impressão de que se tomou a decisão errada. E geralmente há poucas pessoas para ajudar nessas escolhas. Na verdade, espera-se que você não peça muita ajuda e decida por si mesmo, com base na grande quantidade de informação disponível (OLIVEN, 2001, p. 229).

Ao se entender o dinheiro como um valor central na cultura dos Estados Unidos, pode-se perceber que são comuns os investimentos de tempo e em materiais para a prática esportiva que visem a uma compensação futura. Entretanto, jogar "por amor", neste caso sem contraprestações, é algo possível, como para jogadoras que participam de *clubs* universitários, as quais organizam seus jogos e não recebem bolsas atléticas.

Conforme Oliven (2001), o norte dos Estados Unidos tem uma visão mais capitalista, baseada na formação de si mesmo pelo trabalho. Dessa forma, pode-se entender o porquê de os esforços empreendidos na prática esportiva diária, com obrigações definidas, são considerados também pelas jogadoras como um trabalho que precisa retornar com resultados positivos à universidade.

Os contratos realizados entre instituições de ensino e jogadoras são vistos por elas como contratos de trabalho que devem ser bem analisados antes que um compromisso verbal seja assumido. Inicialmente, as bolsas são menores e podem aumentar no decorrer dos anos, conforme a jogadora demonstre bom desempenho e comprometimento.

Na UMass, apesar de todas as jogadoras serem contempladas com bolsas esportivas, essa questão era um tabu entre as colegas de equipe. Os contratos estabelecidos entre técnicos, universidade e jogadoras eram tratados com muita discrição. Frequentemente os pais eram envolvidos nesta negociação, pois a Carta Nacional de Intenção só pode ser assinada por maiores de 21 anos. Exceto jogadoras provindas do exterior[194], a maioria das atletas nacionais precisava da assinatura de seus pais.

194 Conforme Booth e Liston (2014), os Estados Unidos são uma "zona de prestígio" que atrai talentos atléticos do *futebol de mulheres* do mundo todo. Em busca de mobilidade e prosperidade, futebolistas internacionais empreendem esforços para serem recrutadas para jogar nas universidades da NCAA D-I devido ao status elevado que o esporte assume em relação aos demais países. O número de jogadoras estrangeiras que jogaram na NCAA D-I nos últimos 10 anos, cresceu de 56 jogadoras (em 2000/01) para 585 (em 2010/11). Dessas jogadoras, 83,5% delas provém de 10 países. Os países com mais jogadoras que migraram foram: Canadá (58%), seguido de Inglaterra (7%) e Suécia (3%). Representando 2% do total de 1.351 jogadoras que migraram entre 2000 e 2010, o Brasil se situa em sexto lugar, com 27 jogadoras.

Na equipe em que realizei minha pesquisa, os valores e cláusulas não eram comentados sequer entre as jogadoras com as quais eram estabelecidos vínculos de mais intimidade. Revelar o quanto recebiam de bolsa atlética era um assunto privado. O valor recebido se referia não apenas ao quão boas elas eram em termos de habilidades, mas também a quanto os treinadores pensavam que elas eram importantes para a equipe. Explicitar este "segredo" poderia suscitar tensões no grupo, bem como pressões para reordenamentos.

Julia, 18 anos, era novata na equipe universitária. Júlia tem duas irmãs e um irmão, que também se interessam em futebol. O pai é empresário e a mãe terapeuta física. Julia é descendente de italianos, branca, cheia de sardas no rosto e cabelos compridos ruivos. Sua mãe sempre conversava comigo nos jogos, às vezes saindo mais cedo do trabalho apenas para dar apoio à filha. A mãe havia sido jogadora universitária e estava presente em quase todos os jogos. Em algumas partidas, os avós também participaram, bem como o pai da garota. Perguntada se sabia o quanto as colegas de equipe recebiam, Julia disse o seguinte:

> Não. Não é como um segredo, mas algumas pessoas não se sentem à vontade para falar sobre isso, então você não pergunta. É tipo como o peso, você não pergunta às pessoas o quanto pesam. É algo meio pessoal. Porque dependendo de quão boa você é, é o quanto de dinheiro você recebe. Então, as pessoas não falam sobre isso.

O sistema de formação atlética universitária é organizado de maneira a proporcionar às jogadoras os melhores recursos para realizarem suas performances. Além de ter boas estruturas físicas, como campos de treinamento, campo de jogo e vestiário novo, a equipe em que pesquisei havia investido no início de 2014 numa tecnologia que media a performance física das jogadoras. Nos Estados Unidos, os investimentos em educação são significativos e, portanto, cobra-se que as universidades ofereçam serviços de qualidade, pois "se você paga, deve receber em troca algo que valha o dinheiro gasto" (OLIVEN, 2001, p. 211).

Nesse universo futebolístico de estrutura semelhante à profissional, as jogadoras usufruíam de vestiários modernos, com uma porta eletrônica com senha conhecida apenas pelas integrantes da equipe. O espaço era bastante novo. Nas paredes, quadros grandes com fotos das jogadoras seniores. Além de terem os móveis personalizados, como o sofá preto com a marca da instituição bordada em letras grandes, seus uniformes também as identificavam como jogadoras de *soccer* que representavam a universidade.

Fotografia 3 – Vestiário das jogadoras de *soccer* da universidade

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2013).

Após os jogos, elas não precisavam sequer se preocupar em lavar as roupas, que eram jogadas numa grande caixa plástica e levada por um profissional que as lavaria, secaria e colocaria novamente no espaço que cada uma tinha no armário. Uma das maiores preocupações do grupo, nos relatos, era entrar em consenso sobre quais cores seriam usadas em cada treino. Todas precisavam combinar e isso era decidido em grupo, na rotina diária. A rotina era profissional, com pouco espaço para brincadeiras. Perguntei a Julia, uma jogadora novata, se os treinos eram um lugar onde poderiam se divertir:

> Brincamos no início e tal, mas nos treinos todo o mundo tenta se focar. Se você está rindo, a comissão técnica fica um tanto brava, porque eles acham que você não está focando no que eles estão dizendo ou prestando atenção. Então, não há realmente muitas brincadeiras nos treinos. No final dos treinos, estávamos fazendo jogos de chutes competitivos e todo o mundo também brinca um pouco, briga com a outra, mas em tom de brincadeira.

O rendimento das jogadoras era bem medido e calculado. Ao monitorar suas corridas e os batimentos cardíacos a cada minuto, eram formulados treinamentos adaptados a cada uma delas, preparando-as para renderem mais. Com tabelas e registros sobre gols, partidas e outras medidas específicas da participação das jogadoras, dificilmente se conseguiria fugir do

rigoroso controle. Esse controle também se estendia a outras áreas da vida das jogadoras, como o tempo e as dietas corporais, abordadas a seguir.

4.5 AS REGULAÇÕES DO TEMPO E DOS CORPOS

Em 2013, na pré-temporada de preparação, a comissão técnica realizou uma preparação especial, que foi chamada de "O Treinamento". Durante este período, as estudantes-atletas da equipe universitária receberam treinamentos realizados por dois ex-oficiais da marinha que combateram no Iraque e foram convidados para realizarem três dias de atividades. O objetivo era despertar a liderança, expondo-as a exercícios físicos extremamente rigorosos, testando os limites físicos e mentais das 4 da manhã às 7 da noite.

"O objetivo era quebrar você mentalmente a ponto de você não querer competir mais, querer desistir e tentar ver como você, como time e indivíduo, pode levantar a si e às suas colegas", disse uma das estudantes-atletas. Elas fizeram rastejamento, carregaram e levantaram sacos de areia e fizeram corridas. Em um dos exercícios, precisaram ficar numa piscina sem apoiar-se nas paredes por 45 minutos e carregar as colegas que não sabiam nadar.

As estudantes-atletas entendem que os exercícios e atividades sugeridos pela comissão técnica têm o objetivo de torná-las melhores jogadoras. Caso elas não quisessem ser as melhores, não teriam feito tantos esforços para estar no topo dos esportes universitários e nem dedicariam tanto tempo a isso, tendo optado por jogar em um *club* ou em jogos descompromissados.

Em termos de diferenças, pode-se ressaltar que tanto jogadoras universitárias quanto profissionais apresentam alto grau de comprometimento e dedicação; entretanto, as universitárias não podem ser pagas por isso. Conforme Rebecca, assistente técnica, as jogadoras da universidade D-I realizavam treinamentos de 5 a 7 vezes por semana antes da temporada, e lhes era exigido muito comprometimento e frequência nos treinamentos. Na UMass, a necessidade de integração aos hábitos e regras exigidos era explícita. Além da adequação à rotina de exercícios, as jogadoras deveriam seguir as regras disciplinares. Caso quebrassem as regras, poderiam perder suas bolsas atléticas. O abuso de drogas, problemas com álcool ou com a polícia poderiam fazer com que os contratos fossem postos em risco.

Devido à falta de um sistema de saúde público semelhante ao brasileiro, todas as jogadoras contratavam individualmente seguros de saúde, pagos por suas famílias. Em caso de lesão, eram tratadas pelo departamento médico da universidade, mas a maioria recorria a seus próprios médicos. Caso não pudessem se recuperar, poderiam se tornar *redshirt*[195]. Caso não fossem mais possível seu retorno após um ano, sua bolsa poderia ser mantida pela universidade, em reconhecimento aos esforços realizados em nome da equipe.

Dentro do campo, durante um treino de setembro, a voz da assistente técnica Courtney ressoou em todo o espaço: "Vocês precisam se sacrificar!", disse ela com as sobrancelhas franzidas, demandando mais esforços por parte das estudantes-atletas. Com os corpos inclinados à frente, elas demonstravam vigor, porém a assistente continuava insistindo e exigindo mais. A comissão técnica estava insatisfeita com os resultados obtidos nos jogos anteriores, pois aqueles não eram resultados de quem atingiu a excelência atlética.

Ao final do treino, quando uma das jogadoras estava jogando três bolas no ar e as equilibrando com as mãos, o técnico advertiu em tom de voz firme: "Todo o mundo deveria estar se alongando, e não brincando. Por que não estão todas fazendo o mesmo alongamento?", cruzando seus braços em uma postura rígida. Seu olhar era de desaprovação, e ao mesmo tempo demonstrava que a desobediência poderia (e provavelmente seria) punida. A estudante-atleta imediatamente colocou as bolas no chão e fez a atividade sugerida, conforme a solicitação do técnico.

As equipes universitárias são universos próprios – sem tanta intervenção familiar de origem – e as jogadoras precisam responder às solicitações das comissões técnicas. São esses profissionais que definem a quantia de dinheiro que lhes será oferecida. Em nenhum momento, durante minha observação, pude perceber coordenadores ou gerentes da instituição supervisionando o trabalho desenvolvido por eles, mesmo sendo realizado em um ambiente aberto ao público.

Em um dos dias de treinamento, ao final, me surpreendi com uma atividade realizada com as jogadoras, que se chamava *bottoms up.* O *bottoms up* consistia em colocar o time

195 Tornar uma jogadora *redshirt* era uma solicitação de suspensão da participação atlética, visando ampliar o tempo de elegibilidade. A comissão técnica poderia solicitar que uma jogadora se tornasse *redshirt* caso estivesse lesionada (e não tivesse participado de 30% da temporada) ou não se adequasse às demandas acadêmicas). Essa suspensão da atleta durava apenas uma temporada. As jogadoras *redshirt* integravam a equipe normalmente, treinando e até mesmo permanecendo uniformizadas no banco de reservas, mas impedidas de jogar partidas oficiais.

perdedor do amistoso na linha do gol, de costas e abaixando a cabeça até os pés. Dessa forma, as partes das nádegas para abaixo poderiam ser atingidas por colegas que realizariam chutes.

Ao perguntar para uma jogadora sênior, ela me disse que, "Na primeira vez que eu chutei, eu me senti mal, por eu estar aqui por mais tempo, se você acerta alguém você se sente mal, mas é divertido. No começo, quando você acerta alguém é horrível, mas você tem que rir... porque elas... elas fazem com a intenção de te acertar, mas também não...".

A jogadora afirma haver certa coerção para que chutem, pois é algo que faz parte do jogo e "você tem que se divertir com isso ou ao menos parecer que se divertiu". Ao mesmo tempo que as jogadoras têm a intenção de acertar, por ser o objetivo da atividade, não o fazem porque querem, mas porque são ordenadas. Assim como essa "brincadeira divertida", elas também têm que aprender a lidar com as punições, as quais elas entendem que não são exageradas e que são estímulos para que deem seu melhor. Entendem, portanto, as punições como benéficas e procuram se enquadrar nas regras explícitas e nas implícitas. Para elas, obedecer as diversas séries de 25 abdominais, como punição para erros ou desagrados aos comandos da comissão técnica, não lhes causará nenhum mal.

A veterana Lauren, após muitos anos participando do mundo esportivo estadunidense, explicou-me melhor o que é o *bottoms up*, dizendo que é um tipo de punição que ela já havia feito desde o Ensino Fundamental e às vezes em seu *club team*:

> É um tipo de punição. Ao invés de fazer corridas, é um incentivo para que você queira vencer o jogo, porque se você perder, precisa ir para o gol e a outra equipe chutará as bolas e caso acerte, irá doer. É só por diversão. É algo para se divertir e dá um incentivo maior para vencer o jogo, então o pessoal precisa se esforçar.

Meu estranhamento ao ter visto aquela situação foi o de presenciar um paredão de fuzilamento, mas com bolas. Acostumadas a diversos tipos de punição, e acostumadas com elas desde jovens, para as estudantes-atleta, o *bottoms up* era apenas mais uma dentre outras punições as quais precisavam se submeter para se tornarem melhores jogadoras. Elas sabem que os treinadores são poderosos e que elas devem fazer aquilo que lhes é pedido, sob o risco de sofrerem consequências ainda piores, caso não as façam. Todas as primaveras há cortes na equipe. Jogadoras que não são consideradas "boas o suficiente", ou que "não se esforçaram o suficiente" são desligadas do grupo, conforme explica Lauren:

> Eles podem basicamente ser tão poderosos quanto quiserem. Eles podem ser muito poderosos, porque se você não fizer o que eles disserem, você vai ter mais problemas e talvez eles não queiram você mais na equipe e coisas assim. Porém, não é que eles tenham feito algo em exagero ou algo assim. Tudo é muito típico, todas essas garotas estão jogando futebol por tanto tempo, que elas estão muito acostumadas com técnicos e suas punições.

Nem todas as jogadoras que saem da equipe o fazem por escolha da comissão técnica. Algumas discordam do estilo de treinamento ou dos métodos adotados pela comissão. Caso não estejam sendo aproveitadas pela equipe, podem também procurar outras universidades interessadas e solicitarem a transferência. Há também atletas que precisam sair do *soccer* devido ao pouco tempo disponível para os estudos.

Danielle é goleira da equipe, 19 anos. Começou a jogar futebol aos quatro anos, com a irmã. Era seu primeiro ano jogando pela equipe da universidade. No ano anterior havia sido *redshirt*. Nesse tempo, aprendeu o que pode ou não fazer:

> Há várias coisas que não são regras, mas não são recomendadas 'O que eu não deveria fazer pra não estar em maus lençóis?' Não perder treinos, não perder academia, ter um bom GPA (nota acadêmica). Temos o *Study Hal*l, que temos horas obrigatórias a cumprir, e se você perder isso, pode ter problemas. Obviamente, você também deve ser respeitosa com jogadoras e comissão técnica, não ter problemas com a lei ou com a escola, porque isso pode afetar a equipe e nas mídias sociais você não pode postar nada que diminua a escola ou fale mal sobre ela ou sobre outras jogadoras ou outras equipes. Você tem que ser 'Vamos time' a todo o momento. São coisas que não façam nem o programa atlético e nem nós termos uma imagem ruim, porque isso pode nos atormentar no futuro.

Além do policiamento cotidiano de suas ações, as viagens eram apenas uma extensão do trabalho realizado semanalmente com a equipe. As viagens não eram consideradas eventos em que havia a quebra da rotina diária. O controle exercido podia até mesmo ser mais acentuado, pois nas viagens a comissão técnica controlava o dinheiro ofertado para a compra de alimentos e indicava quais eram as comidas permitidas ou proibidas.

A regulação dos corpos das jogadoras não se limitava apenas à carga de exercícios que elas deveriam realizar semanalmente nos treinos e no condicionamento muscular com pesos. A comissão técnica da UMass não apenas fazia recomendações, mas durante as viagens fazia restrições em relação aos alimentos que poderiam ser consumidos. Existiam os alimentos que eram bons (considerados saudáveis) e os maus (que poderiam prejudicar a performance), conforme explica Julia no diálogo reproduzido abaixo:

> Julia: Você não deveria beber refrigerante, comer bacon, sorvete, sobremesas e outras coisas. Durante o verão eu parei de comer esses alimentos para ser mais saudável. Durante a temporada, os nossos treinadores disseram: 'sem café e sem doces'. Em nossas viagens para longe, não é permitido comer doces ou açúcar ou qualquer coisa. Eu acho que quando você come esse tipo de alimentos, essas porcarias de alimentos não ajudam o seu desempenho.
> Claudia: Durante a temporada, você não está autorizada a comer esse tipo de coisa?
> Julia: Eles não nos dizem, mas as pessoas ainda comem (risos).
> Claudia: Vocês podem comer isso em casa?
> Julia: Eles nos dizem que não, mas isso é com você, se você faz o que dizem ou não.
> Claudia: E você faz?
> Julia: Às vezes, sim. Normalmente, a maior parte do tempo, mas há alguns dias que eu como sorvete (risos).

Conforme se pode perceber no discurso de Julia, embora a comissão técnica tentasse regular seus hábitos alimentares, negociava consigo mesma o seguimento à regra e os desejos alimentares. Balanceando entre as demandas externas e as pessoais, conseguia comer o sorvete às vezes, sem perder a forma física requerida para permanecer na equipe.

Embora haja uma restrição para as jogadoras universitárias nas ligas profissionais, durante as férias, as que pretendem ampliar seus tempos de jogo participam também de ligas "semi-profissionais" (que aceitam equipes amadoras e profissionais), como a *W-League* e a *Womens Premier Soccer League* (WPSL), cujos jogos acontecem durante o período de férias do verão, entre maio e julho. Na *W-League*, em 2014, foram 25 equipes organizadas em 4 conferências regionais, com uma média de 10 a 12 jogos por temporada. Jogar na *W-League* é uma vantagem, pois, por ser considerada "amadora," permite às atletas universitárias manterem sua elegibilidade atlética enquanto jogam a temporada.

Na WPSL, há cerca de 70 equipes, com o objetivo de congregar jogadoras de escolas, universidades, graduadas e estrangeiras. Para as adolescentes, é uma vitrine para visibilizar suas habilidades a outros técnicos e adquirir mais experiências. Para as jogadoras universitárias, é uma oportunidade de manterem-se em forma e aprimorarem suas técnicas ao confrontarem outras jogadoras habilidosas. Entretanto, as jogadoras com elegibilidade na NCAA não podem jogar em equipes que tenham profissionais contratadas e sequer receber quantias para jogar.

4.5.1 O tempo como regulador da sociabilidade na equipe universitária

O tempo é medida fundamental para o entendimento da organização da equipe universitária. O tempo neste grupo não é apenas dinheiro (recebido com a bolsa atlética), mas credibilidade. O tempo medeia os relacionamentos não apenas em relação à pontualidade nos treinamentos, mas também em relação ao tempo de jogo das atletas, a pontualidade dos jogos e o tempo diário dedicado à modalidade. O tempo em que uma jogadora está na equipe também lhe confere autoridade para falar em nome do grupo, de ser autorizada a liderar.

Os treinos da equipe universitária da UMass iniciavam diariamente às 15h. Entretanto, as estudantes-atletas chegavam às instalações esportivas com antecedência, às 14h ou 14h15. Algumas chegavam 13h30 para fazer tratamento ou colocar atadura nos pés. Às 14h30, pontualmente, elas desciam para o campo e começavam o aquecimento sozinhas. Às 15h a comissão técnica chegava e os treinos finalizavam às 16h45, para que às 17h chegassem no vestiário e tivessem mais uns 15 minutos para o banho. Em torno das 17h30 elas estavam livres para ir ao *Study Hall*[196] ou jantar. Após a janta, elas poderiam fazer suas tarefas acadêmicas antes de dormir. Essa rotina era repetida diariamente. O tempo dedicado ao futebol não era apenas relacionado aos treinamentos; algumas jogadoras diziam que o futebol influenciava em toda a sua programação diária, desde o acordar ao dormir.

A organização dos treinamentos era sempre a mesma, repetida ao longo dos dias de treinamentos da temporada. Após elas iniciarem o aquecimento, chegava a comissão técnica e a fisioterapeuta dirigindo um carrinho de *golf*, carregando kit de medicamentos, esparadrapos e dois enormes barris de água gelada, com 13 litros cada um. Os barris eram diariamente preparados por jogadoras novatas. Além disso, estavam também encarregadas de transportar as bolas.

A rotina em que as jogadoras são envolvidas é tão intensa que resta pouco tempo para qualquer atividade fora das que já estão programadas. “Perder tempo” é algo arriscado. Sair do planejamento não é apenas subverter, mas é estar ciente de pôr em risco o cumprimento de

196 *Study Hall* era uma carga horária de estudo que deveria ser cumprida semanalmente por estudantes-atletas, visando melhorar suas performances acadêmicas. Geralmente as novatas tinham a obrigatoriedade de cumprir esses horários, sendo facultativo a estudantes de outros anos.

responsabilidades. As responsabilidades das jogadoras, tanto atléticas quanto estudantis, eram em grande parte bem delimitadas, controladas e documentadas pela universidade.

Madison Smith, 18 anos, é afrodescendente e usa cabelos compridos. Quando a entrevistei, era *sophomore*, ou seja, estava no segundo ano na equipe. Em campo, corria mais do que qualquer outra jogadora, fazendo a ligação entre a defesa e o ataque. Sua habilidade era impressionante, assim como sua velocidade. Forte fisicamente, podia dividir bolas e chutar com mais potência do que as demais jogadoras.

Madison nasceu na Virgínia e começou a jogar o *soccer* por diversão, a partir da quarta série do Ensino Fundamental. Duas de suas melhores amigas jogavam num time de viagens e ela queria apenas seguir as amigas, ingressando na equipe. Com o tempo, ela foi mudando de equipes e os jogos começaram a se tornar mais competitivos.

Em ambientes mais competitivos, Madison começou a se sentir mais pressionada. Para ela, o futebol competitivo é mais divertido, pois pode jogar contra garotas que podem fazê-la se tornar uma jogadora melhor. Além disso, vencer uma partida ou um campeonato, conforme me disse, significa muito mais. Para Madison, o futebol é grande parte de sua vida. “Eu não queria dizer que ele é minha vida, mas ele tem controle [...] O futebol é meu professor, meu refúgio, meu hobby”.

Madison entende que o futebol pode ser conflituoso em alguns momentos, pois, embora nele haja várias alegrias, há também muita pressão e regras a serem seguidas. Se você não seguir regras, seu técnico grita com você ou faz você sentar no banco. Às vezes pode ser estressante, mas ela vê mais benefícios e acredita que o stress é o que faz isso ser divertido. O tempo dedicado ao futebol, conforme Madison, é grande.

> O futebol geralmente toma cerca de 50 a 60% do meu tempo durante a semana. E eu não estou falando de treinos e jogos. Eu também estou falando de comer. Toda a sua agenda tem de envolver o futebol. Você tem que organizar suas aulas, você tem que agendar quando você vai comer, você tem que agendar quando você vai dormir, quando você vai fazer a lição de casa... Tudo é estruturado em torno do futebol. Basicamente, especialmente na temporada, o dia todo é centrado em torno de treinos de futebol, jogos de futebol e que você está se preparando para o futebol. Portanto, há um monte de coisas que se enquadram nisso. Assim, muito do meu tempo vai para o futebol ou muda por causa do futebol.

A importância do tempo pode ser também percebida nas partidas. A organização dos jogos se dá de tal forma que no primeiro tempo de jogo não há “re-entrada”. Uma vez que a

jogadora saia, ela não pode jogar mais no primeiro tempo. E, no segundo tempo, caso ela comece, ela pode ser retirada e voltar novamente. Porém, caso ela não tenha começado o segundo tempo e seja substituída, não pode entrar novamente. Dessa forma, iniciar o jogo não apenas é uma vantagem em relação às demais colegas de equipe, mas também indica quais são as melhores jogadoras da equipe, conforme as escolhas realizadas pela comissão técnica[197].

Durante as substituições, não há placas levantadas e nem pausas no jogo. Simultaneamente à entrada de uma jogadora, há a saída de outra, ao soar de uma corneta. Nos jogos da NCAA, diferente das 3 substituições permitidas pela regra FIFA, as equipes podem realizar até 11 substituições. As "re-entradas" de jogadoras são permitidas apenas durante o segundo tempo de jogo, uma por atleta. A regra cita casos específicos, tal como quando uma jogadora for ferida por uma adversária e sangrar, pode ser substituída e entrar novamente, como medida de segurança.

Estar entre as titulares é essencial para as jogadoras. O tempo de jogo é o que permite que as jogadoras mostrem suas habilidades. Caso não joguem, dificilmente lhes serão feitas propostas de aumento na bolsa atlética. Ou seja, nesta lógica, tempo é dinheiro.

O tempo é regulador da rotina, fracionada em atividades organizadas para cumprir os requisitos de uma preparação atlética e acadêmica de excelência. Dentro deste sistema, não há tempo para outras atividades, ou muito pouco. A imersão é total neste mundo, talvez algo semelhante às instituições totais de Goffman (1974), entretanto, neste caso em particular, com adesões voluntárias. O ambiente é uma "bolha social" na qual durante 4 anos tudo é regulado e organizado para que aquele ambiente seja o foco e o mundo daquelas jovens. Seu mundo é dividido em dois: o futebol e o resto. Nessa imersão, há pouco tempo para interação com outras pessoas.

197 As estruturas e organização de jogos D-I e D-III me pareceram muito semelhantes durante o processo de observação. Em um jogo D-III, entre Amherst e Middlebury, havia cerca de 46 espectadores, num sábado à tarde, às 16h. Embora o público possa ser considerado baixo em relação aos altos investimentos nas equipes, o mais importante para as universidades é a manutenção da representação esportiva. Nas laterais do campo havia quatro gandulas para repor as bolas. Dentre os profissionais atuando, havia uma árbitra que comandava a partida e dois homens faziam a assistência, vestindo camisa verde, calções pretos e meias pretas. Na lateral do campo, na região próxima à linha de começo do jogo, havia quatro pessoas, sentadas e fazendo as anotações do jogo. Geralmente, ainda auxiliavam ao menos quatro gandulas, com idade mínima de 10 anos, frequentemente convidados de *team clubs* da região. As pessoas que faziam as anotações registravam nomes das equipes e jogadoras, substituições, arbitragem, placar do jogo, chutes, gols e assistências, defesas da goleira, advertências e expulsões, pênaltis, escanteios, impedimentos e faltas.

As estudantes-atletas são instruídas a obedecer às orientações técnicas, sem muitas oportunidades para questionamentos. As jogadoras que possuem mais autoridade de poder fazer isso são as seniores, que estão em seu último ano. Entretanto, em termos de regulações, todas, sem exceção, eram submetidas às imposições do que a equipe técnica determinava como melhor para que alcançassem performances de excelência.

O mundo futebolístico universitário estadunidense é uma das maiores oportunidades em termos de experiência de alta performance para muitas jogadoras, sem comprometer os investimentos educacionais que visam ao exercício de outras atividades profissionais mais rentáveis. Para participar deste mundo esportivo, as jogadoras se engajam desde jovens a regimes disciplinares rigorosos, que preparam seus corpos e mentes para um nível competitivo de excelência.

Além do regulamento das condutas, Adler e Adler (1991) identificaram o que chamam de "imersão de papel" (*engulfment role*)[198]. O termo se refere à identidade assumida pelos jogadores, com base nas expectativas de outras pessoas sobre eles. Os jogadores assumem importante papel na comunidade acadêmica e citadina e precisam se adequar para atender às expectativas de resultados satisfatórios. Seus sonhos esportivos são projetados em relação a glórias pessoais, conquistas de títulos e manutenção ou quebra de recordes.

Conforme aumentam seu tempo na equipe, prestígio e visibilidade, a identificação desses estudantes como jogadores se expande para outras esferas até mesmo fora do campus. Conforme Adler e Adler (1991), a exploração do talento desses jovens sacia a ânsia nacional por esportes e entretenimento, mas concede-lhes pouco tempo para frequentar as salas de aula. Em busca de recompensas, sacrificam não apenas atividades e interesses. Há uma completa imersão no papel atlético, envolvendo todas as esferas de suas vidas. A comissão técnica influencia nos seus tempos pessoais, grade de horários de cursos e tempo de jogo.

> Suas vidas se alternavam entre contatos com repórteres dedicados, fãs adoradores, mulheres bajuladoras e professores intimidantes, doadores ricos exigentes, e treinadores inflexíveis. Havia segredos e intrigas, drama e adulações, mas também isolamento e alienação, perda da liberdade e autonomia pessoal, e demandas opressoras (ADLER; ADLER, 1991, p. 25).

198 Adler e Adler (1991) fizeram uma pesquisa durante cinco anos acompanhando uma equipe de basquete de universidade privada do sudoeste dos Estados Unidos.

A interação com o grupo demonstra comprometimento e aceitação. Isso é tanto verdade que várias jogadoras, principalmente as mais antigas na equipe, mesmo sem serem perguntadas, disseram considerar a equipe a sua *segunda família*[199]. Essa família, diferente da biológica, é uma família de laços afetivos, de compartilhamento de experiências, conhecimentos e metas a serem alcançadas.

Essa *segunda família* ou *família futebolística*[200] possui uma outra organização, diferente da família nuclear tradicional. Nessa família, não há avós, nem tios, nem primos. É uma organização que as envolve e as auxilia. Viver nessa "bolha institucional" tem seus benefícios. Para tudo que é necessário, elas possuem alguém a quem possam recorrer. Caso as jogadoras seniores não saibam, a comissão técnica ou os demais profissionais envolvidos poderão ser consultados. Não há tempo para viagens que não sejam as do futebol, nem a liberação para festas que possam retirá-las do foco[201].

As instituições organizadoras, como NCAA e universidades, são englobantes e hierarquizantes. A partir das regras definidas por estas instituições, as jovens organizam seus projetos de vida com suas famílias. Entretanto, conforme a região e universidade dos Estados Unidos, há diferenças em relação à maneira como essas trajetórias serão construídas, no que se refere à interação social, às cobranças comportamentais e às diferentes formas de acesso às oportunidades.

Diferentemente dos jogos de basquete e *hockey*, na entrada dos jogos de *soccer*, não era necessário o pagamento de bilhetes de entrada, não havia filas ou funcionários controlando a entrada; e no estádio ou ao seu redor, não havia a venda de bebidas ou comidas. Não havia telão mostrando o jogo ou a torcida, embora ele fosse transmitido via internet e comentado por um profissional. Ao lado do grande placar eletrônico, marcando o tempo, estava a bandeira dos Estados Unidos a balançar[202].

---

199 A *segunda família* é também entendida como a *família esportiva*, a qual fornece a noção de grupalidade e de pertencimento. Retorno a esta questão, mais detalhadamente, no capítulo 7.

200 Spaggiari (2014) utiliza o termo *família esportiva* para falar sobre a família no futebol, termo que será privilegiado na explicação sobre estes agrupamentos.

201 Esta imersão e regulação do corpo me faz relembrar as semelhanças detalhadas por Rial (2008) sobre os jogadores de futebol que atuam no exterior e vivem em "bolhas institucionais" que os controlam, protegem e medeiam relações com o exterior destes grupamentos.

202 Para participar da *Division I*, as universidades precisam ter pelo menos 14 esportes, sendo 2 deles coletivos. Eles devem estar equilibrados entre os gêneros. Além disso, é necessário que haja equipes participando de competições no outono, inverno e primavera. Por ter decidido ascender para a *Division I*, a universidade fez mais investimentos no *football*, e consequentemente, no *futebol de mulheres*. A equipe tinha a sua disposição

Fotografia 4 – Campo de jogo da universidade, com destaque para o grande placar eletrônico

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2013).

A rotina que antecedia ao tempo dos jogos era composta pela saída do vestiário, seguindo em conjunto para o campo para realizar o aquecimento e sentar nos bancos, para aguardar o início da cerimônia de abertura. A cerimônia de abertura se caracterizava por uma saudação inicial e o chamamento das jogadoras na ordem do seguinte exemplo: "Senior, defensora, número 26, Lauren Skesavage". Durante essa apresentação, as jogadoras esperavam no banco até ouvirem o nome ser chamado e passavam por um túnel formado de duas fileiras com outras atletas, gandulas e a comissão técnica que as cumprimentava.

Após saírem do banco de reservas e irem em direção à arbitragem no meio do campo, realizavam o cumprimento com o *fist pump*'[203]. Após, cumprimentavam novamente as colegas de equipe já chamadas e as jogadoras titulares se alinhavam em cada lado do campo. Antes do início do jogo e no intervalo, era tocada uma seleção de músicas feitas pelas jogadoras, que em grande parte consistia em *rap*, *pop* e *country*. Faltando cerca de seis minutos para o início

um campo de treinamento e um campo de jogos, além de um novo vestiário. Seu estádio de jogos, o Rudd Field, era também utilizado pela equipe de homens e contava com a capacidade de 2 mil torcedores. Toda a estrutura nova era resultante dos investimentos que a universidade deveria fazer nos esportes de mulheres conforme a proporcionalidade exigida pela *Title IX*.

203 O *fist pump* era um soquinho com a mão fechada, na altura dos ombros, indo rapidamente de encontro à mão fechada da outra pessoa. Essa forma de cumprimento entre jogadoras e arbitragem era considerada mais formal, higiênica e rápida que o aperto de mão.

do jogo, logo após a apresentação das jogadoras, era realizada a entonação do hino nacional dos Estados Unidos, com a reunião da equipe titular no centro do campo e o entoar do grito de guerra "1,2,3... UMass".

O cumprimento à equipe adversária e à arbitragem é um ritual realizado em todos os jogos. Para as jogadoras, é um elemento que faz parte dos jogos, o qual já é esperado. O ritual faz parte do *fair play* esportivo e está ligado à reputação das jogadoras perante a outra equipe e o público. A goleira Danielle me disse que, embora por vezes não queira, sente-se obrigada a fazê-lo:

> Tenho feito isso por tanto tempo que, eu não acho que... é como um ritual, agora. Às vezes eu não quero fazer isso, mas você sente que se você não fizer isso, isso te faz parecer uma pessoa ruim em campo. Eu realmente não entendo o porquê. Bem, eu entendo por que fazemos isso, pelo espírito esportivo, mas ao mesmo tempo eu tenho feito isso desde que comecei a jogar, então é apenas algo que fazemos após os jogos.

Há, portanto, nos Estados Unidos, uma dramatização do tempo, em que o significado de cada partida é considerado essencial para a obtenção de um bom recorde. Nas partidas universitárias, o ritual inicial era parte obrigatória na composição dos jogos. No Brasil, entretanto, as partidas locais e estaduais não contavam com nenhum ritual semelhante[204].

O relógio que controlava a duração das partidas era acionado uma hora antes do começo dos jogos[205]. O ritual era todo cronometrado e repetido a cada jogo. Cerca de 10 minutos para o horário de início era realizada a apresentação dos árbitros, da equipe visitante e da equipe da casa. A seguir, o hino *americano* era tocado. Era realizado o aperto de mão entre as equipes, em que a visitante ia em direção à equipe da casa. Após o tempo de jogo, o intervalo era cronometrado em 15 minutos. Após o final do segundo tempo, com o término do jogo, as equipes se cruzavam em linha, no círculo central, havendo o cumprimento de mãos

204 Em Porto Alegre, presenciei a entoação do hino nacional apenas na partida final de eventos, tal como no Campeonato Gaúcho. Nas demais partidas, o investimento em sonorização era considerado como um gasto que não teria retorno financeiro, pois em geral não havia a cobrança de ingresso para estes jogos.

205 A estrutura dos jogos da *Division-III* também contava com quatro pessoas na mesa da arbitragem para fazer o controle do som e das estatísticas, duas pessoas que gravavam e tiravam fotos, um comentarista e até oito jovens fazendo a reposição de bolas. Tanto na D-I quanto na D-III, os jogos começavam pontualmente. Na *Division-III* a torcida é basicamente composta por pais, colegas e amigos das jogadoras. Mesmo assim, as regras são cumpridas tais como na *Division-I*. O prestígio é menor, porém, em termos de qualidade, mesmo sem tantos treinamentos, demonstra um nível equivalente das equipes D-I que observei. Apesar das diferenças em investimentos, a qualidade de ambos parecia muito semelhante.

entre todas as jogadoras das equipes. Após o cumprimento, realizavam um alongamento e encerravam as atividades referentes à disputa.

4.5.2 Recordes e produtividade

A equipe da UMass organiza seu calendário de atividades da seguinte forma: a pré-temporada de 15 dias é realizada em agosto; a temporada de jogos entre setembro e outubro; os *playoffs* na primeira semana de novembro e as rodadas nacionais nas últimas três semanas de novembro. As férias são na metade de dezembro à metade de janeiro. O treinamento fora de temporada vai de fevereiro a abril, com treinamentos físicos e amistosos. De maio a agosto, são as férias de meio ano, consideradas as mais longas.

Nos treinamentos, eram constantes os discursos referentes à produtividade, cobrando melhores performances das jogadoras. As performances delas refletiam em como seria visto o trabalho do treinador. Após diversas derrotas, precisando de vitórias para se classificar para a Conferência *Atlantic 10*, o treinador, antes de explicar a jogada, disse: "Precisamos de produção. Este é o padrão que eles usaram (de jogada). Eles fizeram de propósito, contra nós". A seguir, irritado, gritou muito forte com as jogadoras "Preguiça! Você está desperdiçando meu TEMPO. Você não deveria estar em campo. Qual é o nosso recorde?".

O calendário da D-I é organizado em Conferências realizadas no outono. No país inteiro são realizadas cerca de 32 Conferências D-I, totalizando 327 times. Para chegar às quartas-de-final (*playoffs*) das Conferências, as equipes precisam de um bom *record*. No caso da UMass, precisavam estar entre as 8 melhores equipes, de um total de 14 que participam desta Liga. A equipe campeã da Conferência A-10 estaria automaticamente classificada para o Torneio da NCAA. Outra forma de ir para o torneio da NCAA era ter um bom *record* contra equipes que estavam fora da Liga, mas que eram bastante fortes[206].Os *records* da equipe eram as sequências de Vitórias-Derrotas-Empates.

Além da equipe, eram também registradas as estatísticas de recordes individuais das jogadoras. Esses recordes individuais se referiam à pontuação das jogadoras, baseado em jogos participados (*Games Played*), jogos iniciados (*Games Started*), gols (*Goals*) e

206 Classificação de Índice Percentual (*Rating Percentage Index*), que se refere a vitórias (25%), derrotas e força do calendário. O calendário de jogos está ligado com a percentagem de vitórias do oponente (50%) e a percentagem de vitória dos oponentes da equipe adversária (25%).

assistências a gols (*Assists*). Ter bons resultados, ser produtiva, podia resultar em premiações, tanto academicamente (com bom GPA) como na boa performance em campo.

Nos jogos da UMass, havia um fotógrafo profissional, um comentarista, um cinegrafista e outros profissionais responsáveis pela transmissão e anotação dos dados do jogo. Dessa forma, no início dos jogos, eram entregues à torcida alguns folhetos com informações sobre recordes, jogos, bem como informações sobre as jogadoras[207]. O site da instituição também tinha uma assessora de imprensa que produzia as notícias e registrava as estatísticas, produzindo matérias escritas e também vídeos.

No início dos jogos, as jogadoras eram apresentadas uma a uma, individualmente, de forma a que as torcidas pudessem reconhecê-las e aplaudi-las, reconhecendo-as como individualidades que integravam aquele grupo e que participariam daquela partida. Esses números faziam parte do histórico dessas jogadoras e auxiliavam a comprovar a importância de suas atuações na história de suas equipes e da universidade.

Para Velho (2013), nas sociedades com predomínio de ideologias individualistas, é importante a noção de biografia. Nos Estados Unidos, por exemplo, essas estatísticas fornecem às jogadoras noções retrospectivas e prospectivas que dão significado a suas ações, na busca por performances atléticas que as façam registrar historicamente um *record*, que as posicione hierarquicamente como melhores em algo mesmo que em relação a si mesmas, e também lhes proporcione melhores oportunidades dentro de uma rede de contatos futebolística.

Além disso, o registro dos recordes era uma maneira de quantificar as participações atléticas. Deve-se lembrar do valor conferido aos números produzidos por elas. Esses números auxiliavam a mesurar as performances e fazer um *ranking* das jogadoras, definindo o quanto de "dinheiro" mereciam ganhar da faculdade, em suas bolsas atléticas. Esses *rankings* quantificavam as trajetórias pessoais, servindo como medida na continuidade de investimentos realizados.

---

207 Nos folhetos informativos, constam o número das jogadoras, seus nomes completos, seu progresso em termos de anos letivos (*freshmen*, *sophomore*, *junior* e *senior*), posição em campo, altura cidade de origem, escola ou faculdade da qual provinha. Constam ainda os jogos realizados e seus placares, estatísticas de gols marcados por jogadoras e fatos sobre as participações da universidade na competição. Há ainda textos sobre a importância da participação das atletas e quais iniciaram mais jogos, bem como relatos sobre gols que foram marcados. Esses dados eram referentes tanto da equipe da casa quanto da equipe adversária.

Fotografia 5 – Folheto com as estatísticas e recordes das equipes

MASSACHUSETTS MINUTEWOMEN (5-7-2, 1-2-1 A-10)

No.	Name	Cl.	Pos.	Ht.	Hometown/High School/Previous School
1	Danielle Kriscenski	R-Fr.	GK	5-9	Bristol, Conn./Bristol Eastern
2	Breanna Robinson	R-Fr.	F	5-6	Henderson, Nev./Coronado
3	Jenny Soro	Fr.	D	5-6	Wantagh, N.Y./MacArthur
4	Rebekka Sverrisdóttir	So.	D	5-6	Reykjavik, Iceland/Reykjavik Junior College
5	Daniela Alvarez	Fr.	M	5-7	Pomona, Calif./Pomona Catholic
6	Grace Coombs	Sr.	D	5-11	Bexleyheath, England/Bexleyheath School/University of Kent
7	Madison Smith	So.	D	5-4	Bristow, Va./Brentsville District
8	Megan Burke	Fr.	F	5-8	Shelton, Conn./Shelton
9	Frida Lindblom	Fr.	D	5-9	Hagersten, Sweden/JB Gymnasiet
10	Jackie Miller	Fr.	M	5-1	Woodstock, Ga./Etowah
11	Stacia Murray	Jr.	M	5-5	Southampton, England/Wood Lands Community School/Tyler J.C.
12	Jen Coppola	So.	F/M	5-6	Franklin, Mass./Franklin
13	Alyssa Fratarcangeli	Fr.	F	5-6	Milford, Conn./Laurelton Hall
14	Kelsey Sitka	Fr.	F/M	5-7	Ottawa, Ontario/Sir Robert Borden
15	Georgie Highton	R-So.	M	5-6	Darien, Conn./Darien/Virginia Tech
16	Jackie Bruno	So.	F	5-5	Staten Island, N.Y./Staten Island Technical
17	Sarah Pandolfi	Fr.	F	5-5	North Haven, Conn./North Haven
19	Kristen Gargiulo	R-So.	D	5-5	Boxborough, Mass./Acton-Boxborough Regional
20	Becky Landers	Jr.	M	5-6	Danvers, Mass./Danvers
21	Georgia Gibson	So.	D/M	5-3	Woodbury, Conn./Nonnewaug
23	Brittany Moore	Sr.	F	5-7	Westbrook, Conn./Westbrook
24	Alyssa D'Arcy	Jr.	M	5-6	Sherborn, Mass./Dover-Sherborn
25	Julie Weithofer	Fr.	M/D	5-3	East Longmeadow, Mass./East Longmeadow
26	Lauren Skesavage	Sr.	D	5-8	Marietta, Ga./The Walker School
27	Laura Johns	Fr.	F	5-8	Banksia Park, Australia/Banksia Park International

Head Coach: Ed Motz (Green Mountain '89), Fourth Season
Assistant Coach: Rebecca Capinera (Saint John's '09), Third Season
Assistant Coach: Courtney Simmons (Dayton '09), First Season

SCHEDULE

DATE	OPPONENT	TIME
Aug. 23	at Siena	L, 3-4
Aug. 29	ST. JOHN'S	L, 0-1
Sept. 1	ARMY	L, 0-2
Sept. 6	at Providence	T, 1-1
Sept. 8	at New Hampshire	W, 1-0
Sept. 13	at Texas A&M	L, 1-3
Sept. 15	vs. Lamar	W, 2-1 (2OT)
Sept. 19	BROWN	L, 1-2
Sept. 22	NORTHEASTERN	W, 2-1 (OT)
Sept. 26	BRYANT	W, 1-0
Sept. 29	at Saint Joseph's *	W, 2-1
Oct. 5	VCU *	L, 0-1
Oct. 11	DAYTON *	L, 0-1
Oct. 13	at Saint Louis *	T 1-1
Oct. 18	RHODE ISLAND *	3:30 p.m.
Oct. 20	at Fordham *	1:00 p.m.
Oct. 27	at Richmond *	1:00 p.m.
Nov. 2	ST. BONAVENTURE *	2:00 p.m.

All Times Eastern
* denotes Atlantic 10 Conference game
All home games in **BOLD CAPS** will be played at Rudd Field

STATISTICS

No.	Name	GP-GS	G	A	Pts.
23	Moore, Brittany	14-14	3	2	8
24	D'Arcy, Alyssa	14-10	3	0	6
8	Burke, Megan	14-14	2	1	5
17	Pandolfi, Sarah	13-0	2	1	5
16	Bruno, Jackie	14-3	1	2	4
5	Alvarez, Daniela	10-0	1	1	3
4	Sverrisdottir, Rebek	10-8	1	1	3
7	Smith, Madison	14-13	0	3	3
20	Landers, Becky	14-0	1	0	2
25	Weithofer, Julia	14-14	1	0	2
6	Coombs, Grace	14-14	0	2	2
26	Skesavage, Lauren	14-14	0	2	2
12	Coppola, Jen	14-14	0	0	0
13	Fratarcangeli, Alyssa	10-1	0	0	0
18	Cremmen, Danielle	12-0	0	0	0
27	Johns, Laura	8-0	0	0	0
9	Lindblom, Frida	12-9	0	0	0
22	Waitsak, Sarah	1-0	0	0	0
21	Gibson, Georgia	14-12	0	0	0
15	Highton, Georgie	4-0	0	0	0
14	Sitka, Kelsey	3-0	0	0	0
2	Robinson, Breanna	5-0	0	0	0
	Total	14	15	15	45
	Opponents	14	19	16	54

No.	Name	GP-GS	GAA	Sv.%	W-L-T
1	Kriscenski, D.	14-14	1.28	.765	5-7-2
	TEAM	0-0	0.00	1.000	0-0-0
	Total	*14*	*1.28*	*.768*	*5-7-2*
	Opponents	*14*	*1.01*	*.826*	*7-5-2*

TEAM FACTS

Location: Amherst, Mass.
Founded: 1863
Enrollment: 28,236
Chancellor: Kumble Subbaswamy
Dir. of Athletics: John McCutcheon (Indiana, Pa. '75)
Nickname: Minutewomen
Colors: Maroon and White
Affiliation: NCAA Division I
Conference: Atlantic 10
2012 Overall Record: 9-10-1
2012 A-10 Record/Finish: 4-4-1/T-7th
Total A-10 Titles: 5
Regular Season - 1996
Tournament - 1993, 1994, 1995, 1997
Letterwinners Returning/Lost: 12/9
Starters Returning/Lost: 6/5
Newcomers: 13
Last NCAA Tournament: First Round, 1997
Total NCAA Appearances: 15
Final Four Appearances: 6 (1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1993)
Home Field (Capacity): Rudd Field (2,000)
Surface: Natural Grass

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2013).

A quantificação das conquistas e a busca por recordes são vistas por Guttmann (2004) como características marcantes do esporte moderno. O recorde esportivo é, portanto, uma combinação entre a quantificação e o desejo de vencer, de ter prestígio por ser o melhor. Conforme Guttmann (2004), esse registro permite a competição entre vivos e mortos e estimula níveis inimagináveis de conquista.

Em relação às jogadoras da equipe universitária, o recorde as posicionava não apenas como talentos atuais, mas também as colocava em relação às conquistas já obtidas por jogadoras que haviam feito parte da história da equipe e por lá não mais estavam, mas tiveram suas marcas registradas pelas estatísticas.

4.6 OS *CLUBS* DE *SOCCER* NOS ESTADOS UNIDOS

Nos Estados Unidos, as jogadoras de *soccer* que não participam da equipe principal universitária podem jogar em *clubs* universitários, com menos recursos, menos comprometimento de tempo e visibilidade. No Brasil, a equipe universitária de futsal da UFRGS, da qual participei, seria um exemplo de *club* com dois treinamentos semanais, pouca necessidade de dedicação de tempo e nenhum ganho financeiro para as jogadoras.

Em comparação com este mundo futebolístico, poder-se-ia comparar as equipes universitárias brasileiras com os *clubs* das universidades estadunidenses. Embora já tenha sido aqui descrito o mundo universitário estadunidense, acredito que os *clubs* universitários se assemelhariam mais a esta organização. A seguir, exemplifico esta organização futebolística com a trajetória esportiva de Maddy, que teria qualidade técnica para participar do mundo futebolístico universitário, mas, por diversos motivos, foi jogar num *club*.

Na faculdade, Maddy joga por prazer e para recuperar a autoestima perdida. Conheci Maddy quando ela estava trabalhando como garçonete, em um restaurante local. Pele branca, loira, cabelos cacheados, 21 anos, muito simpática, ela ouviu as conversas na mesa sobre futebol e fez um comentário. Logo depois, apresentou-se como jogadora de futebol e disse que adoraria me contar sua história.

Maddy nasceu em Wakefield, na periferia de Boston, 11 milhas ao Norte. Começou a jogar aos 5 anos. Jogava em ligas de seu condado e estava na série B, em termos de habilidade. Ela disse que as graduações variavam de A a D, e, portanto, ela estaria como segunda melhor, em termos competitivos.

Apaixonada por futebol e *football*, Maddy é fã dos *Patriots*. Além do *football*, assiste a jogos do campeonato inglês de futebol pela TV e torce para diversos times europeus, como o Real Madrid e o Tottenham Hotspur. Maddy poderia ter jogado em equipes de viagens quando era mais jovem, mas para ela aquilo era muito intenso e as viagens eram longas e dispendiam muito dinheiro: 700 dólares para uma temporada de três meses. Ela não estava disposta a passar por dificuldades e fazer investimentos para jogar *soccer* na universidade.

Na época em que a entrevistei, Maddy era capitã e administradora do *club soccer*, que é registrado como uma organização esportiva da universidade. Conforme Maddy, participar

como administradora lhe ensinou a ser responsável e lidar com orçamentos. No Ensino Médio não pôde ser capitã e na universidade pôde finalmente ser reconhecida como uma liderança.

Com os 3 mil dólares que a universidade fornece semestralmente para as organizações esportivas, Maddy pode contratar um técnico, conseguir um local de treino e organizar a participação da equipe na liga esportiva. O orçamento é reforçado no início de cada temporada com a contribuição de 100 dólares de cada jogadora para as despesas gerais. Ao contrário da equipe D-I, elas não recebem transporte da universidade. As jogadoras precisam dirigir até as cidades e locais dos jogos e cuidar de tudo que envolve a organização dos jogos.

No início de cada ano, sua equipe se organiza para participar de uma feira institucional em que os clubes da universidade ganham visibilidade e as equipes fazem o recrutamento de jogadoras. Conforme Maddy, algumas das jovens que aparecem na seletiva não sabem nem jogar e aparecem "com tênis normais, sem chuteiras nem nada". Algumas das garotas se inscrevem nas seletivas com o intuito de conhecer o esporte ou até mesmo aprendê-lo. De 60 garotas que aparecem, são selecionadas apenas cinco ou seis a cada ano.

A equipe não possui pré-temporada ou preparação muito anterior ao campeonato. Assim como no mundo futebolístico participativo de Porto Alegre, os *clubs* não possuem padrões em termos de dedicação à prática. Algumas equipes treinam pouco ou quase nada, e outras levam muito a sério os jogos e treinam todos os dias às 6 horas da manhã. Os treinos do *club* universitário acontecem três vezes por semana, das quatro às seis da tarde. As exigências em relação às jogadoras são poucas. A única restrição da equipe é em relação à participação das jogadoras em irmandades (*sororities*), pois essas associações demandam muito tempo em atividades, o que influenciaria no tempo dedicado aos treinos.

As partidas competitivas são realizadas às 11 horas das manhãs de sábados e domingos, da metade de setembro até início de novembro. O público é basicamente composto por amigos e familiares, como no mundo participativo porto-alegrense. Diferente dos jogos D-I, as pessoas não trazem cartazes de apoio, sendo algo parecido com os jogos de escolas de Ensino Médio estadunidenses, uma participação que visa apenas ao incentivo das jogadoras. Pessoas que não possuem relação com nenhuma com elas dificilmente saberão da realização dos jogos. Durante as partidas, a equipe procura equilibrar igualmente o tempo em campo para as 24 jogadoras, calculando cerca de 20 minutos para cada.

Diferentemente da organização brasileira, nas ligas de *clubs* universitários, as próprias capitãs das equipes combinam as datas de jogos com as outras equipes. As partidas são agendadas contra equipes de outras universidades próximas, indicadas pela liga na qual estão inscritas. Ao final dos jogos, a equipe vencedora comunica o placar à organização do evento. As ligas acreditam que os dados sejam verdadeiros. As jogadoras assumem diversas funções para suprir a demanda de atividades necessárias para os jogos.

Maddy queria ter jogado *Division 1*, mas, quando decidiu, já era tarde demais. Maddy não se achava boa suficiente e no seu penúltimo ano no colégio lesionou o tendão de Aquiles. Por sempre ter jogado em times intermediários, em termos de habilidades no futebol, Maddy não tinha certeza se o futebol era algo em que poderia investir. No último ano voltou muito confiante e se surpreendeu com seu próprio potencial. Porém, era tarde demais para sua técnica acionar a rede de contatos necessária para que ela fosse recrutada:

> Acho que meus pais sempre foram muito bons. Me levando a jogos, levando a treinos, me incentivando. Minha mãe é aquele tipo de pessoa que você não ouve a voz de mais ninguém e ela torce pra cada jogadora: 'VAI NÚMERO 5! VAI, NÚMERO 7!'. Ela era realmente muito entusiasmada quando eu estava nas linhas laterais e eu estava olhando para ela e podia ouvir mais, porque ela estava realmente me incentivando a continuar. Eu acho que os meus pais, indo aos meus jogos, falando sobre os jogos depois, eles estavam me fazendo pensar sobre as coisas.

Para Maddy, o futebol representa trabalho em equipe, luta em equipe e união. Para ela, é um espaço que lhe oportuniza aproveitar o tempo com outras pessoas. Maddy gosta de se reunir com a equipe e poder conhecer as pessoas em um nível mais profundo. Para ela, são 20 garotas que ela pode conhecer como em nenhum outro espaço social. Jogar futebol representa para ela trabalho em equipe e amizade, trabalho árduo em conjunto, para marcar, para vencer, para fazer algo que é resultado de um esforço conjunto e não apenas de uma pessoa.

Para Maddy, o futebol sempre fará parte de sua vida e imagina que, no futuro, participará de uma equipe de senhoras abaixo de 40 anos, apenas para se exercitar e relaxar. Na atualidade, joga sério, fica brava, não gosta de perder, mas, ao final do dia, para ela, é apenas um jogo. Embora o mundo futebolístico estadunidense e brasileiro apresente semelhanças, os significados atribuídos ao jogo são diferentes e fazem esses futebóis serem contemplados como obras únicas. O futebol de *clubs* universitários estadunidenses não se

enquadra num modelo rígido, apesar de ter grandes semelhanças com o mundo participativo (embora com um aspecto um pouco mais institucional).

Nos Estados Unidos, existem também práticas que não chegam a constituir um mundo futebolístico, mas que são organizadas conforme negociações informais entre participantes. Nesse tipo de jogos, entretanto, não há acúmulos de funções principalmente porque não se percebe a necessidade de técnicos, dirigentes, massagistas ou outras funções. É um futebol produzido *por* e *para* um grupo de pessoas interessadas principalmente na sociabilidade, mesmo sem público torcedor, sem regras e sem organização. Poder-se-ia chamar este futebol de descompromissado, na falta de um termo que melhor o defina. Esse futebol descompromissado, entretanto, não chega a ser tão diferente a ponto de suscitar a ideia de um mundo futebolístico. Ele seria como uma diversão ou passatempo que pode despertar o interesse de participação em um dos mundos futebolísticos aqui abordados e que tenham um viés competitivo um pouco mais organizado ou institucionalizado[208].

A prática que se assemelharia a esta configuração seriam os *intramurals*, praticados nas instituições universitárias. Mesmo sem ter nenhuma experiência e sequer saber as regras, qualquer participante era considerado apto e bem-vindo neste formato descompromissado de esportes universitários, onde eram permitidas também equipes mistas.

A diferença é que, nos Estados Unidos, esses jogos tinham tempo definido e arbitragem estudantil. Nos jogos *intramurals,* as equipes eram mistas e formadas por pessoas que por vezes sequer se conheciam. Eu mesma participei de jogos de "futebol de duas bolas", semelhante ao futsal. As bolas nunca saíam pelas laterais e o jogo tinha um ritmo bem intenso. O objetivo era a diversão e sociabilidade, sem exigências.

O futebol descompromissado pode ter também ligação com o que se costuma chamar de futebol de rua. Na enquete que realizei em 2013, em Porto Alegre, conforme grande parte das futebolistas, o local de início da prática do futebol foi em um ambiente público e informal, nas ruas (38,10%)[209]. O colégio compreendeu 13,10% do total, sendo que os lares representaram 8,3%; os campinhos 5,9% e escolinhas 5,9%. Dentre as jogadoras, uma grande

208 Esse futebol se assemelha ao que Damo (2007) denomina "matriz bricolada", podendo ser praticado em diversos outros locais que não sejam apenas a rua.

209 Enquanto nos Estados Unidos o *futebol de mulheres* é iniciado em espaços institucionais, em Porto Alegre ele pode ser iniciado na rua, desvinculado de instituições. Ao meu ver, seria interessante entender de que maneira permanece sendo realizado nas ruas, e por que a rua serve ainda como espaço para o início da prática para as mulheres brasileiras, algo que pode suscitar futuras pesquisas.

parcela afirmou ter começado a jogar entre 7 e 12 anos (45,88%) e mais de um terço delas iniciou na infância, antes dos 7 anos (34,12%)[210].

A ideia de que as mulheres começam a jogar o futebol tardiamente não se revela verdadeira pela enquete, em que apenas 15,59% começaram a praticar entre 13 e 14 anos; 3,5% de 15 a 16 anos e 1,1% de 17 a 19 anos. A maioria delas diz que aprendeu sozinha (29,41%), enquanto cerca de 11% aprendeu com amigos e colegas; 11% aprendeu com o pai; 9% com irmãos e irmãs e 7% com professores.

No Brasil, embora a rua possa ser percebida como um lugar perigoso, as garotas enfrentaram os medos que pairavam sobre este ambiente e ocuparam este lugar que é reconhecido como dos homens[211]. O gosto pelo esporte, iniciado na infância, sofre a influência de figuras masculinas, que, num geral, não possuem receio de ocupar estes espaços. Ocupá-los não é apenas uma forma de demonstrar ousadia, mas também de evitar quaisquer preocupações referentes à aplicação de regras instituídas.

Os jogos descompromissados podem acontecer também em praças, terrenos baldios e parques. O local não é tanto o que o define, mas, sim, os objetivos e a liberdade de escolhas definidos por aquele grupo de praticantes. Este futebol pode ser jogado com tênis ou descalço; usando os tênis como goleira ou os chinelos. A prática pode ser realizada com qualquer número de participantes, dependendo das disponibilidades. Nenhuma habilidade específica é requerida. A duração do jogo varia conforme o ânimo e disponibilidade de tempo de quem o jogar e está à margem de qualquer regra institucional (DAMO, 2007).

Nos grupos brasileiros em que participei, as jogadoras realizavam jogos em quadras de futsal ou escolas de formação, ambientes protegidos de assédio e da violência urbana. Uma jogadora argentina que participava de jogos recreativos na Sociedade Hebraica iniciou jogos em uma das quadras de concreto da Redenção[212], mas disse que foi necessário negociar o espaço, além de ter alguns cuidados em relação à segurança.

---

210 Marschik (2003) realizou uma pesquisa com jogadoras austríacas e identificou que elas iniciaram também sua socialização no futebol de rua, com configurações informais, jogando com irmãos ou amigos. A grande maioria delas treina 2 ou 3 vezes por semana, exceto aos finais de semana.

211 "Em todo caso, se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa idéia de 'amor', 'carinho' e 'calor humano', a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao 'governo' ou ao 'povo' e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é um local perigoso" (DAMATTA, 1997, p. 40).

212 Redenção, conforme já explicado, é um parque entre os bairros Cidade Baixa e Bom Fim, em Porto Alegre.

Devido a questões referentes à violência urbana, em Porto Alegre, o futebol de rua, jogado em parques, é frequentemente ocupado por homens. Participar de jogos nesses ambientes públicos, principalmente à noite, é opção pouco considerada pelas mulheres. Não apenas pela disputa do espaço com grupos de homens, mas também pelos perigos que estes locais podem sugerir em termos de bens materiais e integridade física[213].

***

Em relação a este capítulo, pode-se perceber a existência de alguns blocos de diálogo postos em contraponto e que permearão grande parte da tese, os quais envolvem a relação entre os mundos futebolísticos. Nestes mundos, pode-se perceber diferentes rotinas de produção do corpo, manejo do tempo e gestão de recursos. Participar do futebol universitário exige dedicação e comprometimento. Essas jogadoras realizam diversos sacrifícios desde sua infância para a formação das habilidades necessárias para a participação em equipes *Division-I.* Essas equipes são o auge performático para a maioria das mulheres estadunidenses que não farão parte de uma minoria participante dos clubes profissionais.

O futebol universitário estadunidense as envolve numa "bolha institucional", na qual sempre possuem alguém a quem recorrer. Forma-se, assim, uma ideia muito intensa de "segunda família", uma família esportiva que está sempre próxima, com a qual são feitas diversas atividades em conjunto. Embora essa grupalidade seja benéfica e sirva de apoio em um ambiente institucional de muitas exigências, essa "família esportiva" também as recorda o que é proibido ou permitido, realizando um processo de pedagogia das práticas. Descumprir ordens ou quebrar regras eram atitudes certamente repreendidas e/ou punidas.

213 Em 9 de março de 2015, uma segunda-feira, ao meio-dia, uma universitária foi estuprada por dois homens, que taparam sua boca, a agarraram e arrastaram para dentro do Parque da Redenção (POLÍCIA..., 2015).

5. ORGANIZAÇÃO DE CAMPEONATOS E EQUIPES PORTO-ALEGRENSES

Após apresentar os mundos futebolísticos presentes no Brasil e nos Estados Unidos, apresento, neste capítulo, as formas de organização dos campeonatos e equipes em Porto Alegre. Se tivesse que situá-lo no registro dos três mundos futebolísticos descritos no capítulo 3, não teria dúvidas de tratá-lo como participativo. O roteiro do capítulo inclui este circuito e avança em alguns momentos para o âmbito estadual, pois parte da etnografia foi realizada em jogos pelo interior do Rio Grande do Sul, acompanhando a participação de equipes de Porto Alegre. São apresentados, portanto, os locais da pesquisa, espaços importantes de competições e de sociabilidade. Dentre as competições aqui analisadas, apresento o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, promovido pela Associação Gaúcha de Futebol (AGFF) e o Campeonato Municipal de Várzea de Porto Alegre, promovido pela Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer (SME).

Para entender a organização das equipes, inicialmente, pode-se sintetizar os graus de organização da prática realizada pelas mulheres porto-alegrenses, da seguinte forma: 1) "junção": grupamento em que integrantes não possuem funções definidas e que é organizado com objetivos de curtíssimo prazo; 2) equipe: organização que possui uma dirigência que responde em seu nome e organiza o grupo em competições no decorrer de temporadas; 3) associação: é a entidade sem fins lucrativos, pessoa jurídica que pode ser judicialmente acionada e realiza a busca de recursos financeiros; 4) clube: é a entidade que possui registro na Federação Gaúcha de Futebol e na Confederação Brasileira de Futebol, permitindo à

equipe participar de competições nacionais; 5) seleção: é uma reunião de jogadoras convidadas, consideradas as melhores para representar uma instituição, cidade ou região.

A organização deste capítulo segue da seguinte forma: inicialmente explico sobre as formas de organização dos grupos e o recrutamento de jogadoras. A seguir, apresento aspectos sobre a organização dos jogos estaduais no Rio Grande do Sul, os quais ainda passam por ajustes e negociações entre os agentes sociais envolvidos. Prossigo adentrando mais à esfera microssocial, apresentando os principais espaços onde são realizados jogos de mulheres em Porto Alegre. Após apresentar os espaços, comento sobre a organização do Campeonato Municipal de Várzea de Porto Alegre, considerado por alguns de seus organizadores como uma "caixa preta" ou "Caixa de Pandora". Apresento, ao longo das seções, algumas falas dos organizadores de eventos, bem como abordo na última seção sobre a arbitragem dos campeonatos (incluindo as mulheres árbitros).

5.1 A ORGANIZAÇÃO DE EQUIPES E RECRUTAMENTO DE JOGADORAS

No *futebol de mulheres* porto-alegrense, existem diversas formas de organização grupais, mas duas são as mais perenes: as equipes de escolinhas (escolas de formação futebolísticas privadas) e as equipes de vila/bairro. Há também as "junções", que são coalizões temporárias, geralmente compostas por jogadoras agrupadas para alguma competição específica, provenientes de redes de amizade ou contato futebolístico.

As "junções" podem reunir jogadoras conforme afinidades ou também conforme a disponibilidade. Um time de amigas é reunido geralmente não apenas pelas habilidades, mas pelos vínculos de amizade e afeto estabelecidos entre as jogadoras. Em outros casos, devido à falta de jogadoras com disponibilidade nas datas dos jogos, podem ser convidadas jogadoras ainda desconhecidas, mas que sejam indicadas por alguém que integre o grupo que convida.

Nas "junções", em caso de descumprimento de regras, geralmente a jogadora recebe apenas alguma advertência ou lhe são negados futuros convites de participação. As participações são em sua maioria voluntárias, entretanto há casos em que jogadoras mais habilidosas recebem alguma contraprestação por seus esforços. Em relação a hábitos e

posturas, geralmente são pouco ou nada definidos. Há uma liberdade maior de expressão destas jogadoras, devido à ausência de compromissos previamente estipulados.

Embora haja equipes consideradas mais estruturadas que participam dos jogos Municipais promovidos pela Prefeitura, não foram raras as vezes, durante o processo etnográfico, em que ouvi jogadoras comentando sobre o improviso na formação das equipes, ou seja, equipes montadas/organizadas "em cima da hora". Em um dos jogos as próprias jogadoras da equipe criticaram: "Como é que o Victor Hugo tem coragem de ficar inscrevendo time sem treinar nem nada?". Elas se referiam à equipe da Use Carris, que naquele dia apresentou uma performance desentrosada e perdeu para uma equipe de Alvorada. Essas equipes são formadas rapidamente e, caso não haja mais investimentos, sua duração costuma ser de curto tempo.

As equipes porto-alegrenses de *futebol de mulheres*, incluso as consideradas "profissionais", não participam de uma rotina de produtividade exigida na díade treinamento-jogo, bem como de uma estrutura mercadológica da venda, troca e substituição de corpos envolvendo altas somas de dinheiro. As equipes podiam ser formadas por conexões semelhantes às dos jogadores estudados por Myskiw (2012), podendo ocorrer devido a: vizinhança (moradoras próximas), parentesco (tias, mães e primas), coleguismo (das relações de estudo ou trabalho), conterraneidade (originadas de uma mesma região ou cidade) e contingência (quando se precisava rapidamente de uma jogadora para ter o número suficiente para iniciar a partida). Os laços de afeto também podem influenciar na formação de equipes, quando jogadoras trazem suas namoradas para jogar ou maridos e namorados para serem técnicos ou dirigentes. Ainda, amigos podem ser convidados a integrar as equipes, para "dar uma força" e permanecer por mais tempo, integrando a equipe.

Exemplificando essa situação, pode-se citar a trajetória esportiva do técnico de uma equipe tradicional da cidade, o Veterano (que até 2009 se chamava Mek Áureo). Cabelinho[214] é Flávio Bueno, que começou a treinar equipes de mulheres em 2004, a convite de algumas jogadoras, quando era jogador da equipe de várzea Seva. Do clube atual, o Veterano, Cabelinho recebe apenas o dinheiro para a gasolina, mas sonha um dia receber algo mais. Sobre o futuro no *futebol de mulheres*, disse-me que várias vezes pensou em largar, devido à

214 O apelido dele foi recebido de um ex-cunhado. Cabelinho é mais conhecido no *futebol de mulheres* pelo apelido do que pelo próprio nome.

falta de apoio, falta de compromisso das jogadoras e porque gostaria de cuidar da filha que ainda é bebê. Entretanto, até o momento, continua treinando. Sua equipe participa do Municipal de Porto Alegre e o de Novo Hamburgo. Percebe-se que, para Cabelinho, o *futebol de mulheres* é uma oportunidade de projeção, de mostrar qualidades suas que não "tiveram futuro" no futebol de homens.

Dentre os diferentes níveis de participação que as futebolistas porto-alegrenses podem alcançar, elas consideram como primeiro nível a participação em campeonatos escolares ou competições municipais promovidas pelas prefeituras. A seguir, estão as participações no Campeonato Gaúcho, promovido pela AGFF. Mais acima, são consideradas prestigiosas as atuações em equipes no estado de São Paulo. O auge das futebolistas é, sem dúvidas, alcançado quando elas integram a seleção brasileira ou atuam em clubes internacionais.

As jogadoras são indicadas a outros técnicos ou profissionais, conforme suas reputações pessoais e capitais corporais futebolísticos. Renda, tempo de dedicação e grau de reconhecimento constituem a escala de avaliação do sucesso de uma jogadora, mas não são os únicos. Não se pode racionalizar por completo os motivos que levam à indicação de uma jogadora e sua permanência em uma equipe.

Uma das formas de ser selecionada para jogar é ter suas habilidades identificadas pelos chamados "olheiros". Diferentemente do futebol de homens, em que os olheiros se transformam em agentes de negócios, no *futebol de mulheres* essas pessoas não consideram suas buscas uma profissão e nem recebem para isso. Buscam jogadoras como alternativa para qualificar as equipes que representam ou pelas quais torcem. Geralmente procuram por "novos talentos", garotas que demonstrem ter habilidades ou que são "diferenciadas".

Seu Ponciano era um exemplo de olheiro do futebol porto-alegrense, apesar de não se identificar dessa forma. Ele frequentava os jogos, dava carona às jogadoras, estabelecia amizade e as indicava às equipes que apoiava. Aposentado, durante a semana trabalhava como contador e era presidente de um clube no bairro Ipanema. Pensava que teria ajuda para prosseguir os trabalhos no clube, mas teve muitos incômodos.

Há mais de 20 anos no "futebol feminino", desde 1992, Seu Ponciano me disse que participou de Inter, Vernisul e Chimarrão. Foi treinador de várias equipes, mesmo sem uma formação na área de Educação Física. Iniciou por convite de algumas garotas e disse que

sempre ganhou as competições com "junções". Ponciano questionava os métodos daqueles que se diziam "profissionais" e faziam treinos no mesmo dia de jogos importantes.

Além dos olheiros, que quase ninguém sabe quem são, em Porto Alegre a captação de jogadoras é também realizada em peneiras. Em um programa esportivo da rádio Pampa AM, em 2012, foi realizada a divulgação de um peneirão para o sub-15 da escolinha do Grêmio. Essa é considerada uma das equipes tradicionais da cidade pois, embora as equipes mudem de nomes constantemente, devido à troca de patrocinadores e apoiadores, pode-se perceber a permanência das mesmas lideranças. São as mesmas pessoas que organizam as equipes e procuram por novas jogadoras para seus grupos. Há a existência de uma identidade clubística, mas ela também pode variar conforme oportunidades e contextos.

Para a peneira, a treinadora Tatiele Silveira expôs que, durante um jogo de 30 a 40 minutos, eram avaliadas as habilidades e conhecimentos de jogo das jogadoras. A atenção voltava-se para a parte técnica, coordenação motora, passe, domínio, finalização, observando se joga de cabeça erguida ou se tem visão de jogo. Entretanto, ressaltou que, após concluírem 18 anos, essas jogadoras precisam construir outros planos, pois o departamento profissional não existe. Dessa forma, embora haja a formação de uma base de iniciação da prática, elas precisam encontrar contatos que as propiciem continuar jogando.

Conforme Tatiele, a escolinha serve como "trampolim" para São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e o exterior. "A menina que joga futebol tem que ter paralelo o curso de inglês para indicar pro exterior. Manda *dvd*, o pessoal assiste. São equipes que "dão faculdade"[215], remuneração. Nós, por enquanto, servimos para levá-las para algo maior que aqui". A formação de jogadoras movimenta um mercado em que há investimentos dos pais, na expectativa de que futuramente essas jovens possam encontrar outras equipes que lhes proporcionem melhores oportunidades profissionais.

Como se pode perceber, a organização do *futebol de mulheres* porto-alegrense envolve apoios familiares e redes de contato, mas não apenas isso. Para conseguir as oportunidades, alguns dos fatores que influenciam são o capital atlético, o bom relacionamento interpessoal e o status conseguindo dentro do grupo, os quais podem influenciar não apenas na continuidade em uma mesma equipe, mas também na indicação para que possam "crescer" no futebol.

215 O oferecimento de faculdade e remuneração, em termos êmicos, são ditos como "dados" e não como ofertados, pois estas oportunidades ou vantagens tem aceitação unânime.

Os problemas em termos de organização estão presentes nos discursos de jogadoras, dirigentes e também da organização dos eventos. Em relação ao cumprimento de regras e também de promessas, em março de 2012, uma jogadora me disse que é difícil encontrar equipes organizadas e responsáveis: “Equipe séria aqui no sul, é triste hein. É mais fácil tu vê uma vaca voando”. Ela ainda complementou, dizendo: “Nós somos submissas. Aceitamos quietas as falcatruas deles, dos dirigentes de times”.

As verbas destinadas às equipes, conforme ela me disse, não são manejadas com transparência e falta às jogadoras organização para reivindicar melhorias ou até mesmo pagamentos de seus custos para irem a treinamentos ou alguma ajuda de custo. “Às vezes a equipe tem patrocinador na camiseta, mas as atletas em si não ganham nada, sequer lanche. Então, pra onde vai esse dinheiro?”. Outra jogadora me disse algo neste mesmo sentido:

> Nesses últimos campeonatos, eu ouvi boatos de que teve premiação: medalha, troféu, que teve uma premiação em dinheiro. Que nenhuma atleta viu. Ficou nos boatos. Certamente, no bolso de alguém, se entrou, foi. Mas aí é especulação. A gente sabe de muita coisa, de muitos dirigentes. (...) Não tem como provar. São coisas que tu ouve e tipo, e tu te desgosta porque tu vai te doar a pegar junto, a batalhar... (...) Só que tipo assim, ninguém tem coragem de falar. Tá muito bom. Quem quer falar, de repente, vai saber o que rola pra não falar.

A falta de capitais sociais as impede de realizarem reivindicações ou intervir nas ações de associações ou federações. A indignação é latente, da mesma forma que um sentimento de falta de perspectivas e falta de ideias que promovam mudanças. Entretanto, mesmo utilizando o argumento de que o *futebol de mulheres* “não muda”, essas jogadoras persistem realizando a prática.

Essa mesma jogadora propôs que as demais colegas de time boicotassem os jogos de sua equipe para reivindicar transparência na gestão dos recursos da equipe. Disse que sente como tendo seus sonhos roubados. Disse que são muitas mentiras contadas para o grupo, “um jogo de esconder a verdade, para evitar que as pessoas fiquem ainda mais indignadas”. Com o olhar baixo e pensativo, disse que não gostaria de ter que parar de fazer algo que gosta devido à má ação de outras pessoas. Afirmou que acredita no futebol, mas que não vê perspectivas de mudança. Disse que tentaria mudar de lugar, porque “aqui (em Porto Alegre) não vai ir pra frente”.

Para que se entenda mais sobre a organização do *futebol de mulheres* em Porto Alegre, trago a seguir a trajetória esportiva de um organizador de eventos esportivos, o qual demonstra a necessidade de "jogo de cintura", ou seja, demonstra que este é um futebol onde a rigidez não funciona. Para prosseguir, é preciso adaptar-se às condições materiais e humanas existentes.

5.2 JUCA: A ORGANIZAÇÃO DE JOGOS ESTADUAIS

Dentre as esferas organizativas do *futebol de mulheres* porto-alegrense, além da Prefeitura Municipal, tive a oportunidade de conhecer as atividades da AGFF. Minha primeira observação foi em 2010, no 1º Fórum Brasileiro sobre Futebol Feminino, na instituição Serviço Social do Comércio do Rio Grande do Sul (SESC-RS), junto a outros 29 participantes. Soube da realização do evento após uma eventual pesquisa em sites e blogs sobre o *futebol de mulheres*. À época, espantei-me ao perceber que um evento considerado de porte nacional tivesse um número tão reduzido de participantes. Entretanto, após certo tempo, descobri que esse também era um dado significativo sobre o *futebol de mulheres*.

O evento cobrava uma taxa de inscrição[216] e contava com o apoio de Bolas Parma, Federação Gaúcha de Futebol (FGF), SESCRS, Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer de Porto Alegre e *Duo Marketing & Eventos*[217]. Entre os palestrantes, foram anunciados representantes de renome nacional: Orlando Silva (à época Ministro do Esporte), Luciano do Vale (jornalista e narrador esportivo da Rede Bandeirantes, conhecido como "incentivador do futebol feminino" e falecido em 2014) e Aline Pellegrino (capitã da seleção brasileira de futebol entre 2005 e 2011). Entretanto, apesar de anunciados, nenhum deles compareceu[218]. Indignado, um dos participantes de outro estado havia dito que "na terra dele", as pessoas "fariam um auê" e pediriam o dinheiro de volta, ao invés de ficarem passivos que nem a "gauchada".

216 A inscrição era de 90 reais. À época, o salário-mínimo era de 510 reais.

217 Algum tempo depois é que vim a descobrir que a empresa havia sido fundada pelo presidente da AGFF como um investimento que futuramente lhe permitisse explorar o "futebol feminino", o qual era por ele visto como um mercado em expansão, no qual poderia realizar eventos esportivos e obter algum lucro.

218 Dos palestrantes de renome, apenas René Simões enviou um breve vídeo sobre sua atuação como técnico da seleção brasileira de "futebol feminino", na preparação da equipe para as Olimpíadas de Atenas, em 2004.

Nos dias do evento, tive a oportunidade de conhecer e conversar com dirigentes de equipes da capital e do interior. Entretanto, alguns dos principais agentes não estavam presentes e só vim a conhecê-los durante a pesquisa. Como fase inicial, pude ter um acesso inicial ao universo de pesquisa, assim como conhecer algumas ações realizadas pela empresa do presidente da Associação Gaúcha de Futebol Feminino (AGFF), tal como o lançamento de uma revista de Futebol Feminino[219].

Minha formação acadêmica legitimava minha participação e gerava interesse em grupos que ansiavam por voluntários. No início, minha colaboração foi disputada entre duas empresas até aquele momento consideradas parceiras. Juca[220], presidente da AGFF, branco, 50 anos, alertava-me com sua experiência esportiva que seria um "mau negócio" se eu integrasse o *Footoob*[221], pois não pretendia renovar o contrato daquela empresa com a AGFF. O argumento foi espertamente utilizado para apressar a minha decisão. Ao saber da proposta da empresa parceira, decidiu correr à frente e me convidar para integrar sua equipe. Assim como o grupo *Footoob*, não sabia ao certo como eu poderia auxiliar nos trabalhos desenvolvidos, mas minha "contratação", pelas suas próprias palavras, era requisitada[222].

Presenciar o dia a dia da AGFF me permitiu entender as dinâmicas de relação entre a Associação e as equipes, bem como as dificuldades que elas tinham para se adequar às normas e deliberações. As equipes geralmente solicitavam alterações no regulamento do campeonato, alterações de datas de jogos e mudanças em relação às datas e flexibilizações nas formas de pagamento de dívidas.

Juca personificava a AGFF, centralizando a tomada de decisões. Para ele, a instituição era vista por algumas equipes como vilã, por "complicar", exigindo o cumprimento de regras.

---

219 A revista teve apenas duas edições e, segundo o presidente da AGFF, interrompeu sua produção por falta de retornos financeiros. As revistas eram vendidas a R$4,99, coloridas e impressas em papel couché.

220 No *futebol de mulheres* há uma característica muito comum na identificação dos agentes sociais: a maioria deles possui apelidos. Entretanto, Juca é o único apelido fictício utilizado neste material. Juca é formado em Educação Física e com vasta trajetória no esporte da capital. Maçom, conseguiu com este grupo alguns privilégios, tais como o ambiente em que realizou o Segundo Fórum de Futebol Feminino, na Grande Loja Maçônica, num bairro central. Conforme ele havia exposto em uma de suas palestras, considera que a maçonaria pode trabalhar desmistificando, quebrando paradigmas e preconceitos do "futebol feminino".

221 *Footoob* é uma empresa privada que disponibiliza perfis de jogadores para equipes de futebol e manteve em 2011 um projeto-piloto de transmissão dos jogos do Campeonato Gaúcho Feminino via internet.

222 Na reunião de balanço das atividades de 2011, Juca reuniu-se nas dependências da Duo Marketing, sua empresa de marketing, compartilhada com as da AGFF. A *Duo Marketing* foi uma empresa que Juca criou visando obter lucros com o "futebol feminino", mas que segundo ele, foi mais dor de cabeça e prejuízo do que imaginava.

Ele, entretanto, entendia que sua função era a de organizar e valorizar a modalidade. “Alguns poucos exploram e acham que a Associação é empecilho”, me disse ele. A AGFF é uma representação das equipes na esfera estadual. A chancela da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) lhe dá projeção, mas a Associação não seria órgão oficial mais adequado para reivindicar as verbas governamentais, se consideradas as hierarquias esportivas. A FGF, por não querer os incômodos do “futebol feminino”, permitiu à AGFF terceirizar o que poderia ser de sua competência, caso tivesse um “departamento de futebol feminino” ou equivalente. Juca se considera como “mexendo no mercado”, gerando fúria e hostilidade de equipes tradicionais, as quais já detêm privilégios. Sua contradição é evidente: fundou a empresa *Duo Marketing* com o projeto de explorar o que supõe ser um novo mercado disponível a ser explorado, uma possibilidade de ganhos; mas, ao mesmo tempo, critica dirigentes que “exploram a modalidade e veem a AGFF como vilã”.

O presidente da AGFF era uma figura cujas intenções geravam desconfiança na equipe de futebol que acompanhei. Grande parte dessa animosidade se referia ao relacionamento competitivo existente entre ele e a dirigente da equipe, que também era presidente de uma associação voltada ao *futebol de mulheres*. Após uma das partidas do Campeonato Gaúcho, curiosa com algumas informações que haviam circulado numa partida, indaguei a Juca sobre as taxas para a participação de jogadoras provindas do exterior. Juca, com um olhar fulminante, quis saber se alguém havia me pedido para lhe fazer aquela pergunta: “Isso veio do Inter, né? Tu foste ao jogo?”. Após afirmar que estive no jogo, quis certificar-se: “Qual teu envolvimento com o Inter, Cláudia?”. Juca tinha suas rivalidades e desacertos, não gostava de saber que seus “aliados” pudessem estar “fazendo jogo duplo”.

Juca respondeu que aquela situação era uma exceção, um caso omisso, algo inédito. Ele questionou a intenção do ocultamento de informação, afirmando que o técnico da equipe não havia comentado que a jogadora também estava jogando no exterior, mesmo que estivesse apenas de férias no Brasil. A participação dela em uma liga alternativa internacional era considerada por Juca como uma transferência. Como a situação nunca tinha acontecido antes, disse que cobraria 300 reais. Argumentou que se o procedimento fosse realizado pela FGF, seria muito mais caro, e, portanto, estava fazendo um favor à equipe.

Para as equipes, a Associação é uma opção melhor que a FGF, pois cobra taxas mais baratas e permite a flexibilização de regras[223]. Entretanto, Juca demonstrava insatisfação com a atitude de dirigentes: "No masculino, regra é regra, no feminino é que ficam questionando ou não aceitam o que eles próprios assinaram nos congressos". As regras seguidas à risca em geral eram consideradas desnecessárias, a não ser que pudessem ser usadas contra equipes adversárias. Ficava evidente que a comparação com o futebol de homens se referia às relações de compadrio estabelecidas entre alguns dirigentes e as altas hierarquias do futebol. Entretanto, no "futebol feminino", elas "complicavam demais, por detalhes", dizia Juca. Participar do andamento diário da AGFF me fez perceber os jogos de interesses e as disputas por recursos existentes entre os diferentes grupos[224].

As equipes de *futebol de mulheres* que participam do campeonato promovido pela Associação Gaúcha de Futebol não precisam realizar os mesmos trâmites e burocracias que são exigidas aos clubes futebolísticos de homens que participam das competições da FGF. A maioria das equipes que participa dessa competição estadual sequer existe juridicamente. Entretanto, quando se tornam campeãs estaduais e se classificam com vaga para a Copa do Brasil, precisam encontrar uma equipe que as "apadrinhe", ou seja, que lhes permita utilizar o nome da instituição esportiva, um empréstimo que é solicitado muitas vezes como um favor que apenas viabilize sua participação, sem gerar ônus a estes parceiros.

Para participar de competições nacionais, as equipes locais precisam estar vinculadas a algum clube futebolístico filiado à Federação Estadual, caso contrário, precisariam passar por diversos trâmites burocráticos e pagamento de taxas onerosas para se regularizarem. Caso não consigam a parceria, essas equipes desistem das vagas, por não se adequarem aos requisitos

223 Juca me disse que, mesmo havendo equipes sem cumprir os requisitos mínimos de jogo (como policiamento), preferia não notificá-las, pois a punição geraria uma multa que provavelmente não seria paga. Disse que as equipes não entregavam toda a documentação, mas que aceitava mesmo assim. Fazia concessões porque a Associação ainda estava no início, e não poderia mudar tudo tão rapidamente.

224 Por falta de recursos para realizar a pesquisa, contratando uma empresa especializada, propus-me a realizá-la voluntariamente para a AGFF. Entretanto, após realizar questionário-piloto com jogadoras santa-marienses e não ter recebido mais retornos de Juca, decidi realizar a pesquisa por conta própria. Depois de um certo tempo auxiliando a AGFF, percebi que nenhum dos projetos sairiam do papel. Após ter dedicado considerável tempo em pesquisas para formular e apresentar a Juca um projeto para a captação de recursos para o desenvolvimento de um *survey* estadual, o presidente da AGFF nunca mais me respondeu sobre a captação de verbas para a realização da pesquisa. Seus e-mails eram curtos, suas respostas vagas. Ao desistir de auxiliar a AGFF, acionei outras pessoas que participavam do futebol porto-alegrense.

das entidades esportivas[225]. As parcerias são importantes, pois, para realizar uma filiação, precisariam de estruturas e investidores interessados, o que geralmente não possuem.

Dependentes da aceitação de uma equipe de homens que aceite a realização de uma "parceria", ficam à mercê das imposições que lhes são feitas e, em grande parte das vezes, apenas tomam de empréstimo o nome do clube, sem poder utilizar as estruturas para treinamentos[226]. Essa vinculação é realizada porque os clubes de futebol de homens possuem o que alguns dirigentes também chamam de "bandeira", ou seja, possuem um CNPJ válido e estão associadas à Federação e/ou à CBF[227].

A trajetória de Juca demonstra que o *futebol de mulheres* porto-alegrense ainda está em transformação e passa por constantes ajustes em regras, exigências e permissões. Cada caso é avaliado de maneira diferente. Os parâmetros se alteram, e a flexibilização se torna necessária para mediar as diferentes necessidades e interesses. Nesse mundo futebolístico, embora as quantias de dinheiro sejam pequenas do ponto de vista de um futebol de espetáculo, podem ser grandes do ponto de vista da disponibilidade das pessoas que integram este futebol e arcam com os custos dessa prática, sem o apoio de patrocinadores.

5.3 ESPAÇOS E CAMPOS DA PREFEITURA E DO CAMPEONATO GAÚCHO

Neste momento, apresentar os locais da pesquisa é importante na medida em que diferencia os distintos campeonatos realizados, o que proporciona uma outra dinâmica de interação. Cada competição possuía campos determinados, alguns pertencentes a clubes privados e outros eram campos públicos cedidos pelas prefeituras. Além disso, evidenciavam diferentes problemas sociais associados ao âmbito urbano, que em grande parte estavam associados ao narcotráfico e à violência física gerada pela criminalidade.

Dentre os locais de pesquisa situados em Porto Alegre, há dois campos públicos frequentemente utilizados para a realização de jogos de mulheres no campeonato Municipal: o

225 Em 2012, a equipe do FECI Internacional desistiu de representar na Copa do Brasil por falta de parceria e foi substituída pelo Atlântico (de Erechim), que conquistou a terceira colocação no Campeonato Gaúcho.

226 A ligação com clubes de homens, no Rio Grande do Sul, é algo geralmente esporádico. Em grande parte, estas equipes não querem assumir os gastos de manter uma equipe de mulheres, as quais são vistas como origem de prejuízos financeiros, por não terem ainda um público que consuma este futebol.

227 A exemplo dessa situação em termos de representação, o Onze Unidos, em seus dois jogos pela Copa do Brasil, em fevereiro de 2015 contra a Ferroviária, teve que representar o Esporte Clube Cruzeiro, pois o seu clube original não possui filiação com a CBF.

campo do Marinha do Brasil e o campo Ramiro Souto (também chamado de Parque Farroupilha, ou apenas Redenção). O Marinha do Brasil é um parque situado no bairro Praia de Belas. A Redenção é um parque de 370 mil m² de área, situado numa região entre os bairros Bom Fim e Cidade Baixa, com um parque de diversões, uma pista de corridas ao redor do campo, áreas verdes e um lago.

Ambos os campos de jogos eram considerados pelas jogadoras como sendo ruins. O Ramiro Souto é o que se chama de campo "pelado", sem grama, ou também areião. Com grama apenas em poucas partes, é também chamada por algumas pessoas de "careca". Além disso, a falta de manutenção fazia com que a grama ficasse alta em algumas partes do campo, impedindo a rolagem adequada da bola.

O campo do Marinha do Brasil, apesar de ter grama, era considerado pelas jogadoras como muito desnivelado e perigoso, com buracos que poderiam causar lesões. Entretanto, para a coordenação da Secretaria de Esportes da Prefeitura de Porto Alegre, ambos os campos são considerados "campos nobres", devido a suas posições geográficas mais centrais e com fácil acesso a transportes públicos. Os campos dos jogos não eram campos marginais, pelo contrário, diversas pessoas frequentavam esses espaços e havia a possibilidade dos jogos serem assistidos por *flanêurs*, pessoas que sequer sabiam de sua realização.

Paraguaia, que participou durante muito tempo dessas competições, havia dito que não participaria mais, devido aos erros grotescos da arbitragem e à falta de qualidade dos campos. Para ela, não precisaria que fossem um "tapete", mas deveriam ao menos ter uma grama uniforme, pois as condições eram precárias, com apenas poucas regiões gramadas e o restante areião. Paraguaia disse que, embora tivesse voltado a jogar, tinha receio de se machucar:

> A Redenção é um campo horrível. Ali, pra ti torcer um tornozelo ou pra ti romper um ligamento, é coisa rápida. Então, como não tem atletas de nível, que jogam um Gauchão, que jogam um Estadual, pra deixar o campeonato mais atrativo pras pessoas que curtem, que gostam do futebol, o que é que inibe?, é o campo! Eu, particularmente, estou voltando agora esse ano a jogar ali. Porque eu falei que eu não iria jogar exatamente pela exposição física. E todo mundo trabalha fora. São raras as que ganham com o futebol, né.

O risco de lesão era constante e poderia resultar em problemas nos seus trabalhos. Devido à situação do campo, algumas garotas aparentavam dúvida em relação ao melhor tênis para a prática esportiva. Uma delas disse que jogaria com tênis *society*, a outra disse que

jogaria com chuteira. A dúvida em relação aos tênis apropriados era bastante válida. Era impossível saber qual o tênis mais apropriado para um campo híbrido de grama e areia.

O chão das proximidades do campo Ramiro Souto, localizado no Parque da Redenção, era cheio de sujeira, sacolas plásticas, latinhas ou sacos de salgadinhos e bolachinhas. Por ser um parque grande e um dos principais, pela região circulavam pessoas de diversas origens: familiares, esportistas, transeuntes, ambulantes, vendedores de drogas e curiosos. As arquibancadas eram apenas algumas fileiras de pedras, geralmente sujas e sem nenhuma aba de proteção para a chuva. No meio, entre as arquibancadas, havia uma proteção pequena, um pouco mais alta, que era também utilizada para a entrega de premiações. As arquibancadas ficavam uns 30 metros longe do campo de jogo, com uma grade à frente e uma pista de corridas que constantemente era ocupada por corredores e praticantes de caminhadas[228].

Fotografia 6 – Visão da arquibancada no campo Ramiro Souto, no Parque da Redenção

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2011).

228 Em um dos dias de observação dos jogos do Municipal, no primeiro jogo havia 54 espectadores e no segundo, 24. Era sempre difícil de contar os espectadores, pois as pessoas ficavam se movimentando e alguns dos espectadores eram apenas *flanêurs*, pessoas que estavam transitando pelo local e paravam por alguns minutos por curiosidade. Algumas pessoas ficavam em pé, algumas próximas à grade, outras sentadas, o movimento era constante. Poucas sentaram onde sentei, nas pedras (que servem como arquibancada, próximas aos vestiários). A distância entre as arquibancadas e a quadra faziam com que alguns torcedores tentassem ficar próximo às linhas do campo, para enxergar melhor. Entretanto, nem sempre a arbitragem permitia essa aproximação.

No espaço da Redenção, há o trânsito de diferentes pessoas. Algumas frequentam a região do campo apenas porque este também serve como um local de passagem e acesso a qualquer um dos lados de avenidas importantes em Porto Alegre, que circundam o parque (a avenida Osvaldo Aranha de um lado; e avenida João Pessoa, de outro). Outras pessoas também utilizam o espaço apenas para passear e tomar um chimarrão, como mais uma forma de lazer.

A escolha desses locais pela Prefeitura, conforme o secretário de Esportes do Município, é realizada sob o argumento de que fornecem mais segurança às jogadoras, e mesmo que a qualidade do campo seja aquém da esperada, a organização dos eventos os escolhe para os jogos de mulheres por considerar a localização privilegiada e acessível. Entretanto, a sensação de insegurança nesses espaços era frequente.

Durante o período dos jogos, para evitar que os materiais de jogos, como mochilas, bolas e isopores fossem roubados, eles eram todos agrupados e uma pessoa era responsabilizada por vigiá-los. As pessoas que cuidavam destes bens não recebiam nenhum retorno financeiro, mas o faziam para prestar um auxílio enquanto as jogadoras e demais pessoas prestavam atenção no jogo. Esses espaços eram constantemente frequentados por muitos andarilhos e até vendedores de substâncias ilícitas. À noite eram mal iluminados e com pouco policiamento.

Devido à falta de segurança, os banheiros dos parques públicos eram trancados por funcionários da Prefeitura, para que não houvesse o roubo de mobiliários, tais como chuveiros elétricos, bancos ou vasos sanitários. Em um dos eventos organizados, o atraso no início das partidas ocorreu porque as jogadoras não tinham vestiários onde pudessem trocar suas roupas, pois o funcionário não havia aberto.

A torcida geralmente reclamava da sensação de insegurança durante os jogos, tanto pela possibilidade de agressões por outras equipes, como pela presença de bêbados e possíveis assaltantes. Em dada ocasião, durante jogo pelo campeonato municipal, um senhor bêbado e maltrapilho se aproximou de onde sentávamos, junto às bolsas de todas as jogadoras. O pai da Éricka percebeu a presença do homem bêbado e chegou mais perto, como quem viesse para nos proteger. Disse que foi para “revesar” na proteção das mochilas e materiais que estavam conosco.

Durante o jogo entre as equipes Amajal e Veterano pelo Campeonato Municipal, logo a seguir, havia outro senhor bêbado na beirada do campo, próximo à mesa da arbitragem, gritando e provocando as pessoas ao redor. Um dos assistentes do jogo pediu para que ele saísse daquele espaço próximo ao campo e ele se negou, afastando-se um pouco, mas fazendo torcida contra a equipe do Veterano (de Novo Hamburgo). De forma desconexa, gritava e proferia discursos aleatórios. Aquele bêbado parecia se sentir porta-voz do pensamento dos demais homens. Ao ter invadido, achou que tinha o direito de dizer o que pensava. Se fosse um jogo de várzea dos homens, provavelmente não invadiria o campo, não se expressaria tão livremente e sequer pensaria em normatizar as práticas ali apresentadas[229].

Uma mesária me disse em tom de alerta que, nos jogos da Redenção, sempre tem os "gambás" na beirada do campo, referindo-se aos homens que ficam ao redor dos campos gritando, com sinais de embriaguez. A seguir, aquele senhor se aproximou da mesa de arbitragem parecendo "alterado" e apertou a mão das jogadoras que estavam na fila esperando para assinar a súmula, dizendo: "Mas meus parabéns, só tem guria bonita aqui".

Pouco antes, esse senhor gritou, espantado, que achava que uma jogadora estava grávida de uns 2 ou 3 meses. Embora ela aparentasse apenas estar fora de forma, ele disse: "Que absurdo! Como é que deixam as gurias grávidas jogar!". Logo a seguir, prosseguiu com comentários sobre a jogadora número 5 da equipe do Grêmio, que usava o cabelo bem curtinho: "Mas parece um homenzinho, de cabelo curto". Rapidamente ele foi repreendido pela mesária, que advertiu: "Olha que aqui tem umas gurias bravas, eim. Não vai ficar mexendo, que pode se dar mal". O discurso de ameaça servia como uma forma de intimidação, para que parasse de se comportar daquela forma.

Os espaços públicos como o Marinha e a Redenção não são considerados como pertencentes a nenhuma equipe de mulheres em específico. Porém, o *mando de campo*[230] é bastante importante para algumas equipes, como em um jogo realizado no Instituto

229 No ar, também podia-se sentir cheiro de maconha, durante os dois jogos, provocando incômodo em alguns espectadores. Embora em algumas nessa situação houvesse a presença de policiais a cavalo, logo estes saíram do espaço, sem retornar nem intervir.

230 *Mando de campo* ocorre quando a equipe joga em um campo mais próximo à sua torcida, o que também pode ser conhecido como "jogar em casa". As equipes que possuem sede jogam no estádio do clube. Geralmente a equipe com mando de campo é a que recebe as rendas das partidas (quando há cobrança de ingresso).

Ronaldinho, pelo Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, em que a equipe adversária foi impedida de trazer mais torcedores.

Já no caso das competições da AGFF, as equipes precisavam ter o "mando de campo" de algum estádio ou campo em que pudesse ser realizada a partida. Caso não tivessem um campo próprio, podiam solicitar o empréstimo de algum dos 48 campos da Prefeitura, tais como o Marinha ou o Ramiro Souto.

Em Porto Alegre, em um dos jogos do Campeonato Gaúcho de 2012, o departamento jurídico da equipe do Inter tomou todas as medidas cabíveis para manter o "mando de campo", mesmo sabendo que o campo estava em péssimas condições. Embora corresse o risco de lesionar atletas, a medida visava restringir o acesso da equipe adversária ao local privado. Uma das jogadoras da equipe "da casa" inclusive reclamou que os buracos eram "bons pra torcer pé e joelho, pois, quando chove, o campo fica horrível, vira uma piscina".

Em alguns campos, as pessoas sequer possuíam lugar para sentar. No Instituto Ronaldinho Gaúcho, as arquibancadas ficavam longe e os torcedores preferiam ficar próximos à grade para passar instruções às jogadoras ou terem suas reclamações e xingamentos ouvidos pela arbitragem. Alguns traziam cadeiras de praia e outros ficavam em pé durante a partida.

Fotografia 7 – Torcida em um dos jogos no Instituto Ronaldinho, em jogo pelo Gauchão 2011

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2011).

É interessante perceber que, nos jogos do *futebol de mulheres,* não existe separação entre torcidas. Os torcedores geralmente se concentram mais próximos ao lado em que a equipe inicia a partida, mas nada os impede de mudar de lugar a qualquer momento e até mesmo perambularem ou ficarem junto à equipe adversária.

Pelo Campeonato Gaúcho, em outras cidades, pude conhecer as estruturas das equipes de Guaíba, Pelotas, Erechim, Tapejara e Alvorada. A melhor estrutura, sem dúvidas, era a do estádio Boca do Lobo, da equipe de Pelotas, considerada pelas jogadoras como um "tapete", com gramado de boa qualidade. Os demais locais tinham estruturas simples, mas suficientes para a quantidade de espectadores, que variava entre 40 e 50 pessoas, havendo excepcionalmente 125 torcedores em uma observação que fiz no estádio da equipe AE Tapejarense, em Tapejara.

Os campos de jogo e toda a estrutura em seu arredor (como vestiários e dependências), em grande parte são controlados e cedidos com a anuência de homens que dirigem e comandam as equipes com as quais são feitas as parcerias para o Campeonato Gaúcho. A necessidade desses acordos com equipes de futebol de homens, ao mesmo tempo em que favorece as mulheres, implica restrições. Sobre os campeonatos porto-alegrenses, na próxima seção, explico mais detalhadamente o Campeonato Municipal.

5.4 A ORGANIZAÇÃO DOS CAMPEONATOS: UMA CAIXA DE PANDORA

O Campeonato Municipal de Várzea de Porto Alegre[231] existe desde 1994. Em 1996, foram incluídas as modalidades Juvenil e Feminino. Amilco Diamantino Pereira Neto foi coordenador de futebol da Secretaria de Esportes de Porto Alegre por vários anos, deixou de ser e retornou, estando atualmente próximo de sua aposentadoria. Devido a sua vasta trajetória nesse cargo, é considerado como uma "memória viva" do futebol de várzea.

Amilco inclusive foi um dos responsáveis pela inserção do "futebol feminino" na competição citadina. O campeonato de futebol adulto de homens é realizado há mais tempo e possui mais equipes. Conforme seu relato, "o cartaz do evento, naquele ano era um jogador masculino, adulto, correndo com a bola e atrás vinha uma guria e um guri, pois era o feminino e o juvenil buscando espaço junto ao futebol adulto".

231 Em 2010, no relatório de atividades constava "Campeonato Municipal de Futebol Amador de Porto Alegre".

O Campeonato Municipal está programado no calendário da Secretaria Municipal de Esporte Recreação e Lazer de Porto Alegre (SME) para acontecer entre outubro a dezembro, com periodicidade anual. Entretanto, o início não é realizado em data certa, pois varia conforme o número de equipes participantes. Além do Municipal, a SME promove o Projeto de Verão "Futebol 7" apenas com equipes convidadas, na segunda dezena de janeiro a fevereiro, realizando a abertura do calendário anual e servindo de preparação para as equipes.

Quando fui à Secretaria para revisar os dados sobre partidas e jogos do Campeonato Municipal, quem me atendeu foi o funcionário Nilton. Bastante solícito, sentamos lado a lado no computador da gerência de futebol e ele foi abrindo o que ele mesmo denominou como uma "Caixa de Pandora". As informações sobre o "futebol feminino" estavam bem mais organizadas do que da última vez em que eu havia realizado a busca destes arquivos. Entretanto ainda apresentavam lacunas no registro das edições anteriores. A tabela, com as semifinais de 2013, em branco, era uma das mostras desse futebol repleto de hiatos.

Meneguello, que havia chegado depois, denominou o arquivo como uma "caixa-preta". Tanto Caixa de Pandora quanto "caixa-preta" servem para definir algo que contém o inesperado, algo sobre o qual não se sabe o que contém. Essa "Caixa de Pandora", aberta muito raramente, revela também o que acontece anualmente nas competições: a Secretaria nunca sabe o que esperar em termos de participação de equipes.

Em 2013, foi necessário realizar dois Congressos Técnicos: o primeiro em 29 de agosto, em que apareceram 7 equipes; e outro em 26 de setembro, com 8 equipes. A realização de um segundo Congresso Técnico tinha objetivo de agregar mais equipes. Entretanto, duas equipes deram WO[232] na primeira rodada, realizada no campo Ararigbóia[233]: Tigrão/Benfica e Mixto/Santa Rosa. Na segunda rodada, houve mais um WO, da equipe Canarinho Sul.

O histórico de desistências é frequente. Em 2012, a equipe JC Agronomia deu WO. Os integrantes da secretaria disseram que não sabiam o porquê, mas, ao analisar as súmulas, pode-se perceber que, no dia anterior, havia perdido por 9 gols a zero para o Amajal. No

232 O WO sinaliza o não comparecimento de uma equipe em uma partida, significando a perda dos pontos para a equipe adversária, geralmente estipulada em um placar de 1 a 0. Nos campeonatos da Prefeitura de Porto Alegre, para evitar essa prática, as equipes que "dão WO" são julgadas e suspensas durante o ano seguinte.

233 Campo localizado no bairro Jardim Botânico, em Porto Alegre. Por pressão de moradores foi retirado dos jogos municipais a partir de 2013, após um homem ser morto a tiros enquanto assistia às partidas.

domingo, dia do jogo seguinte, já não apareceu, provavelmente devido a brigas na equipe. Em 2011, outra equipe que não era tradicional deu WO, a equipe Onze Amigas.

Conforme os integrantes da secretaria de esportes, os WOs acontecem pela falta de atletas, brigas internas ou pela superioridade da equipe adversária[234]. Quando as equipes dão WO nestes campeonatos, é aberto um processo administrativo para que a equipe fique impedida de jogar durante 1 ano. Conforme Amilco, isso gera um descrédito por parte das equipes de mulheres. "Elas não se ajudam", me disse. Além dos WOs, há diversos pedidos de transferências de jogos, que geram confusões no calendário (com desacordos entre as equipes) e que requerem novos rearranjos da tabela de jogos.

O número de equipes que participam do Municipal é flutuante. Entretanto, conforme se pode perceber no Quadro 2, a seguir, há equipes que participaram de diversas edições do evento. Embora algumas destas equipes troquem o nome (como no caso do Reysol, que se tornou Veterano), essas equipes podem ser consideradas tradicionais no *futebol de mulheres*. São essas equipes tradicionais as esperadas a cada ano para a realização dos campeonatos, promovendo a continuidade da prática em âmbito local. Conforme me relatou Amilco, são geralmente esperadas no mínimo três equipes: a do Cabelinho (Veterano), a da Duda (Inter) e a da Tatiele (Grêmio).

Conforme apresentado na coluna mais à esquerda do Quadro 2, e conforme o discurso de um dos organizadores da competição, a participação das equipes é bastante irregular, mas costuma variar entre seis e dez[235]. Excetuando as equipes tradicionais, a Secretaria Municipal não consegue prever quais equipes participarão. Até 2014, o número máximo de equipes diferentes que participaram das edições da competição foi de 8 equipes, desconsiderando-se as subdivisões das equipes em times A, B ou C.

234 Em 2010, nos arquivos do "futebol feminino", constava uma solicitação do diretor técnico de uma das equipes comunitárias informando que sua equipe não jogaria a partida de disputa do 3º lugar, pois as atletas haviam se lesionado e a equipe adversária tinha condições físicas muito melhores, o que poderia desestimular as jogadoras. Disseram que não gostariam de "tomar uma goleada", que poderia fazer com que "perdesse o brilho da competição".

235 Durante as edições, participaram equipes de diversos bairros de Porto Alegre, dentre eles: Agronomia, Cruzeiro, Humaitá, Jardim Dona Leopoldina, Lomba do Pinheiro, Partenon, Restinga e Tristeza.

Quadro 2 - Equipes participantes do Campeonato Municipal de Futebol Feminino de Porto Alegre/RS entre 2005-2014

Ano	1º lugar	2º lugar	3º lugar	Participantes
2014 (4 equipes)	Veterano	Duda	Sapucaiense	Duda, Veterano, BGP Cachoeirinha e Sapucaiense.
2013 (8 equipes)	Grêmio A	Grêmio B	AC Veterano	AC Veterano, Canarinho Norte, Canarinho Sul (WO), Duda Canoas, Grêmio A, Grêmio B, Mixto/Santa Rosa (WO) e Tigrão/Benfica (WO).
2012 (7 equipes)	Duda Alvorada	Amajal	Corintians (Alvorada)	Amajal, Corinthians (Alvorada), Duda Alvorada, Reysol/Veterano (Novo Hamburgo), Grêmio A, Grêmio B, JC Agronomia e Use Carris.
2011 (9 equipes)	Grêmio B	Duda A	Morungava A	11 Garotas (futsal), Canarinho (WO), Duda A, Duda B, Grêmio A, Grêmio B, Mapa Corinthians, Morungava A (Gravataí) Morungava B, Nova Era (Feliz) e Reysol.
2010 (10 equipes)	Duda A/ Porto Alegre FC	Grêmio B	Reysol Mek Áurio	Clube Alambique Leopoldense, Corinthians, Duda A/ Porto Alegre FC, Duda B/Porto Alegre FC, Grêmio A, Grêmio B, Grêmio C, Reysol, Sapucaiense (Novo Hamburgo) e Villa Real (futsal).
2009 (9 equipes)	Duda/Metrovel	Reysol Mek[236] Aúrio	Genoma Colorado	Araçá, Canarinho (WO), Duda/Atlântico CFC, Duda/Metrovel, Estrêla de David (futsal), Genoma Colorado, Reysol Mek Áureo, SER Vasco da Gama (WO) e Tá na Área.
2008 (8 equipes)	Reysol Mek Áureo	Duda	Vasco da Gama	Canarinho, Corinthians, Duda, Estrêla de David, Reysol/Mek Áurio, União Familiar, Unidos da Praça e Vasco da Gama.
2007 (6 equipes)	Reysol Mc Áureo	Udinese	Duda	Ajax, Canarinho, Duda, Flamengo/Camisa 10, Reysol Mc Áureo e Udinese.
2006 (10 equipes)	Reysol	Seva	Udinese	Ajax, Canarinho, Duda/ Lázio A e Duda/Lázio B, Estrêla de David, Mariano de Matos, Reysol, Seva, Udinese e União Familiar.
2005 (9 equipes)	Duda Lazio	Reysol Mc Áureo	*Soccer*/Vera Cruz	Ajax, Canarinho, Duda/Lazio, Estrêla de David, Mariano de Matos, Reysol, Seva, *Soccer*/Vera Cruz e União Familiar.

Fonte: Elaboração da autora, com dados fornecidos pela Secretaria de Esporte de Porto Alegre (SME).

236 Nos registros da Prefeitura, constavam os dados a partir de 2005. Os nomes das equipes variaram entre os escritos na ficha de inscrição e os que constavam na tabela de jogos. Em relação ao Mc Áureo, por questão de direitos autorais da multinacional, o nome foi mudado pelo patrocinador para Mek Áureo.

Conforme relatos de jogadoras e dirigentes, as equipes que mais participaram são as que concentram as melhores atletas e mais investimentos, aumentando o nível técnico e diminuindo as possibilidades de vitória de equipes iniciantes ou com menores condições de treinamentos. Sem uma separação entre equipes iniciantes e tradicionais, elas participam das mesmas competições, mas em condições desiguais. Embora o campeonato siga denominado Municipal, há a presença de equipes da Região Metropolitana de Porto Alegre[237].

Em relação ao "futebol feminino" na localidade, a visão de Amilco, como ele próprio diz, é pessimista, pois há a falta de uma renovação em termos de lideranças e falta de formação de lideranças que renovem as equipes. Ele explica, portanto, sua visão sobre o evento:

> Eu tenho uma avaliação um pouco negativa, pois desde 1996... e estamos quase em 2016... nesses 20 ou 18 anos, eu não vi isso que eu plantei ter prosperado muito, uma evolução. Hoje, se tu me perguntares... o Grêmio voltou e o Inter não voltou, mas a Duda tá aí. Então, eu tenho feito, 18 anos depois, um campeonato com as mesmas lideranças. Não tenho o Seva, mas tenho o Cabelinho com o ReySol e o Veterano de Novo Hamburgo... Eu estou com as mesmas 10 equipes. Nós começamos em 1996 com 8 e 18 anos depois, estamos com 10. (...) Então eu tenho 10 equipes de 6 agremiações. Ou menos: 3 do Grêmio, 2 da Duda... e ficam 6 agremiações. Eu entendo que não chegou a evoluir.

A falta de renovação das lideranças é evidente na quantidade de equipes que participam ano a ano. O levantamento de dados demonstra haver uma variação entre 4 e 10 equipes a cada ano. Porém, conforme ressaltou Amilco, algumas dessas equipes são apenas subdivisões de equipes já existentes, que possuem um número maior de jogadoras e podem ter uma representação maior. A participação com mais equipes aumenta virtualmente a probabilidade de que a equipe se torne campeã, bem como a manipulação de resultados em caso de confronto na tabela de jogos.

Amilco me disse acreditar que seu trabalho não renderá frutos e serve apenas para manter a oportunidade para o grupo que já está jogando, sem que se sintam rejeitados pelo cancelamento da competição e tenham um espaço para poder competir. Para ele, embora a quantia de mulheres não "encha os olhos" em termos de números, ela possui grande representatividade para quem participa desse futebol. São vitórias que significam muito para

237 Participaram as equipes das seguintes cidades: Alvorada, Cachoeirinha, Feliz, Gravataí, Novo Hamburgo e Sapucaia.

elas, embora ainda sejam consideradas irrelevantes para os órgãos governamentais. Amilco complementa:

> Todo mundo me diz: "Por que tu gastas tanto dinheiro com essa arbitragem?" Eles se atrasam, mudam a data dos jogos quando eles querem.. Mas eu vou manter por uma questão de coerência minha de manter, mas sabendo até onde vai ir e que é uma coisa isolada, que tem poucas outras pessoas fazendo, que não vai remeter a mais nada a não ser aqui dentro da pequena província. "Eu ganhei de ti", "de um time menor que o teu", "eu sou melhor que a Tati", "a Tati é melhor que a Duda", "a outra quer ser melhor que as duas juntas". Isso é uma questão pequena para nós, mas grande para elas. Eu acho que isso para elas é grande.

Num futebol regido pelas regras FIFA, ditas universais, as negociações locais demonstram a necessidade de ajustes e flexibilidade em torno dos regulamentos. No "futebol feminino" Municipal, por exemplo, os ajustes são feitos para lidar com o atraso nos jogos[238], de forma que isso não desestimule as jogadoras e diminua o número de equipes participantes em competições futuras[239]. Há heterogeneidade de formas para lidar com os grupos, conforme cada situação. Além de mediar em relação às demandas de atletas e dirigentes, a organização dos eventos precisa também estar atenta à arbitragem, que será tratada a seguir.

5.5 A ARBITRAGEM NAS COMPETIÇÕES

Além de uma interconexão entre os mundos futebolísticos de jogadoras de futebol e futsal, os árbitros também transitam pelas diversas atividades, aumentando suas oportunidades

238 O atraso de jogos geralmente prejudicava a programação de alguns espectadores e pessoas que dependiam de transportes públicos para se locomover. Quanto mais adiantada a hora, no período noturno, havia menos opções de horários de ônibus. Por não saber quando as partidas começariam ou terminariam, alguns espectadores desistiam de assistir aos jogos finais da noite, pois o horário já estava muito avançado.

239 Nos jogos que observei em setembro de 2012, do Campeonato Municipal de Porto Alegre, pude perceber que os atrasos são constantes e até esperados. Havia jogadoras que se programavam para chegarem atrasadas, porque sabiam que o jogo não começaria no horário agendado. Em um dos dias, em um jogo na Redenção, pelo Municipal, cheguei às 18h15, pensando que estava atrasada, mas o jogo teve início apenas às 18h35 e estendeu-se até 19h22. Em outro jogo pelo Municipal, a arbitragem cometeu erros e após reclamação da arbitragem consultou a mesa e descobriu que cada tempo da partida deveria ter duração de 35 minutos. O jogo começou às 19h13 e foi até 19:45 (1º tempo). A partida acabou às 20h35. O segundo jogo começou às 21h13. As partidas deveriam ter começado 19h e 20h30.Em outro jogo, no torneio de verão da Prefeitura, marcado para 17h, a partida iniciou apenas às 17h33. Durante esse tempo, às 17h05 a arbitragem deu o primeiro apito. Às 17h17 o segundo time entrou em campo uniformizado. Às 17h20 a arbitragem apitou novamente, esperando as equipes terminarem seus aquecimentos. Às 17h33 a partida foi iniciada. Deve-se atentar que nesse caso, a duração da partida era de dois tempos de 15 minutos. Ou seja, a partida iniciou no horário em que poderia ter encerrado, caso não houvesse intervalo entre o primeiro e segundo tempo de jogo.

de ganhos financeiros. Devido à incerteza da escalação em jogos, precisam encontrar outras formas para manter suas rendas, em grande parte exercendo outras profissões durante a semana. Além disso, deve-se considerar que seus gastos para manutenção de um bom físico são substantivos.

Não apenas em meio à arbitragem, mas também entre os organizadores de eventos, circulavam informações sobre a reputação de jogadoras, dirigentes e técnicos(as). Com base nos históricos dos agentes sociais, eram repassados relatos orais sobre como melhor proceder e evitar conflitos durante os jogos. Essas informações influenciavam na conduta da arbitragem, que decidia quando agir de maneira mais ríspida ou não.

Em um dos dias em que observei os jogos do Municipal, Vicente, o árbitro mais velho, chegou atrasado, mas foi elogiado pelo técnico da equipe do Inter, que disse que os sócios do clube em que ele trabalhava ficaram bastante satisfeitos com a atuação do árbitro em um dos eventos realizados, e que ele seria novamente convocado em eventos futuros, que teria outras oportunidades. Vicente caminhava com dificuldade e não parecia nada atlético. Antes de sua chegada, sugeriu-se a arbitragem em estilo "Paulistinha", com dois árbitros apitando na diagonal. Com a chegada de Vicente, a partida pôde ser iniciada com atraso, dando prosseguimento àquela rodada do Municipal.

O árbitro Mateus, um rapaz novo, baixinho e àquela época federado apenas para futebol sete, arbitrou o primeiro tempo do jogo de futebol de campo, cronometrando apenas 30 minutos. Quando indagado por alguém da comissão técnica, disse que consultaria a regra. Ao checar, percebeu seu engano, pois a regra definia a duração de cada tempo em 35 minutos[240]. O jogo começou às 19h13, com treze minutos de atraso, e foi encerrado às 20h35. O segundo jogo começou às 21h13, com 43 minutos de atraso.

No intervalo do primeiro jogo, um corredor reclamou à arbitragem que havia torcedores do jogo parados na pista, assistindo à partida dali e atrapalhando os corredores. Solicitou que os torcedores fossem removidos, desocupando aquele espaço. A arbitragem, sem êxito, fez um apelo aos torcedores, que preferiram ficar no local.

240 Cada tempo de jogo das categorias Veterano e Master (ambas de homens) possuem duração de 40 minutos.

Fotografia 8 – Torcedores na beirada do campo no Campeonato Municipal

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2012).

Uma mesária mais antiga, que estava só acompanhando a partida, orientou Alessandra, a mesária mais jovem que estava em serviço, a solicitar que os torcedores se afastassem e constar em súmula o número da Carteira de Identidade de todos que estavam ali. Indignados, todos disseram que a organização deveria ter avisado antes sobre aquilo, e mesmo alguns saindo, logo depois retornaram, pois naquele local tinha uma visão muito melhor da partida.

Ao final do jogo, pouco antes de ser expulso da área de jogo devido a reclamações, um torcedor que estava próximo à mesa da arbitragem disse, indignado, após um erro da arbitragem: - Eu sou educador físico e queria fazer uma reclamação pra vocês: a arbitragem do Municipal é assim, sempre fraca. - Isso é uma várzea, eim!, gritou outro, apontando o dedo em direção à arbitragem. Ao chamar a arbitragem de "várzea", o torcedor desejava ressaltar a falta de qualidade na preparação daqueles profissionais.

O despreparo da arbitragem iniciante era evidente e um dos árbitros, muito irritado com o questionamento de uma das equipes, respondeu em tom áspero, quase "peitando" o treinador: "Fica frio". Ao final do jogo, o técnico solicitou que a atitude desrespeitosa do árbitro constasse em súmula. O treinador foi expulso durante o jogo e negou-se a sair de campo, ficando na pista de corridas. Disse que aquele era um local público, que estava ali

como qualquer outro cidadão. De pés juntos, braços cruzados e expressão facial raivosa, ficou ali, até o final do jogo, sem que ninguém conseguisse retirá-lo.

As equipes reclamavam da qualidade da arbitragem, como quando, em um dos jogos do projeto verão de Futebol Sete, o técnico de uma equipe comunitária foi ao encontro do árbitro no intervalo do jogo e disse "Presta atenção! Jogo de corpo é quando bate ombro a ombro, e não quando é com o peito. Tu tá aprendendo tudo errado na aula. Tão te ensinando errado", enquanto jogava seu ombro contra o ombro do árbitro, que ficou olhando para a frente, evitando contato visual. Entretanto, pouco depois, quando o árbitro solicitou que o técnico removesse sua jogadora para fora do campo para receber atendimento médico, o técnico reclamou do cumprimento da regra, argumentando "Mas nem é jogo profissional".

O pagamento dos profissionais que atuavam era de R$15 para mesário, R$30 para assistentes e R$60 para o árbitro. Embora tenha visto mulheres na assistência de jogos, nunca as vi como árbitros principais. Para Cristian, que escalava a arbitragem, há diferença entre os jogos de homens e de mulheres. Conforme ele, no "feminino" o modo de se direcionar "às meninas" é outro, explicando o porquê, "uma arbitragem mais educativa".

A "arbitragem educativa" pressupõe a necessidade de ensino da regra, tal como nas categorias de base. No "masculino", entretanto, pressupõe-se que saibam a regra, havendo a arbitragem punitiva, para intimidar. A arbitragem, entretanto, não agradava às jogadoras, que entendiam haver uma relação entre a baixa remuneração dos profissionais e a falta de qualidade, conforme me disse uma jogadora veterana de equipe porto-alegrense:

> Tipo assim, a menina isola uma bola pra lateral. O cara dá tiro de meta pro time que isolou a bola. Então, foge do amadorismo. Às vezes pode ser um pouco de, não digo má fé. Mas é aquela coisa, o cara está ali e não está nem aí, não se importa. "Bom, eu estou aqui nesse sol de rachar ganhando 30 pila pra arbitrar uma tarde inteira". Eu não sei quanto é que eles ganham, mas não é muita coisa.

Diferentemente do Campeonato Gaúcho, a arbitragem do Municipal não era tão rígida em relação a interferências externas, sendo mais compreensiva na flexibilização da regra. Crianças brincavam na pista de corridas ou eram levadas para o banco de reservas, sem repreensões da arbitragem ou solicitações de retirada dos menores de idade. Alguns espectadores ficavam também no banco de reservas uma boa parte de um dos jogos, até serem

advertidos. Ser muito rígido em uma competição que não era considerada tão importante quanto uma competição estadual ou nacional, era considerado algo descabido.

A possibilidade de ameaças aos árbitros era constante: “Se der roubo no jogo, damos pau no juiz” ou “Vou entrar e dar um soco nesse juiz ladrão”. Em alguns casos, as pessoas expressavam não apenas indignação; elas pretendiam intimidar a arbitragem e fazê-la sentir medo de ser fisicamente agredida. As torcidas pressionavam para que a arbitragem não apitasse apenas em favor de uma equipe, minimizando os benefícios da equipe oponente.

5.6 AS MULHERES NA ARBITRAGEM: VISIBILIDADE RESTRITA EM ESPAÇOS DE PRESTÍGIO

Em parte devido ao argumento de que podem ser agredidas, as mulheres que participam de arbitragem desempenham papéis coadjuvantes. Assim como as futebolistas, tem a ascensão a posições de visibilidade dificultada por dirigências conservadoras, que duvidam da qualidade de suas atuações. Dentro dos gramados, a posição principal da arbitragem raramente é possibilitada a elas. Ou seja, não lhes é conferido o poder de decisão e comando.

Nos Estados Unidos, assim como no Brasil, a participação de mulheres na arbitragem não é isenta de tensões. Entretanto, deve-se ter em mente que por lá toda e qualquer atitude desrespeitosa é exemplarmente punida. Gestos, reclamações e xingamentos são considerados inadmissíveis e podem gerar não apenas expulsões, mas também sanções mais graves, como a perda de pontos pela equipe.

No Brasil, entretanto, a arbitragem pode ser uma experiência que exige aprender a como se comportar em ambientes violentos, onde as mulheres sofrem ameaças não apenas verbais, mas também físicas. Objetos são jogados, cusparadas são lançadas, enfim, é um ambiente que exige atenção, disse a auxiliar de arbitragem Crys:

> Em determinados jogos é normal xingamento, assim, desde quando tu entra... é o 'filha da puta', desde o início. Eu digo que, se tu entrar em campo e não tiver um 'elogio' desses, vai dar merda no jogo... não vai terminar. Porque é normal, tu é sempre xingada. É só porque tu é mulher tu escuta aquela 'Vai lavá roupa', 'Vai pilotá fogão'. Se tu erra um impedimento ou um lateral, já tem aquela corneta 'Bah, não serve pra bandeirar. Nunca vi mulher no futebol' e essas coisinhas assim. Mas nem é tanto xingamento... eu digo que isso é um preconceito da torcida, e que geralmente vem de mulher, não é de homem que tu vê normalmente.

Conforme Crys, a ascensão de mulheres na arbitragem não é difícil, devido à pouca quantidade de mulheres interessadas. Entretanto, alcançar os cargos de visibilidade pode ser bastante difícil. Crys era jogadora de futebol e fez sua reconversão como árbitra do Sindicato de Árbitros do Rio Grande do Sul. Ela sonha chegar ao ápice da arbitragem, entretanto, precisa antes passar pelo teste da Federação Gaúcha, organizada nas categorias A, B e C.

Na categoria C, conforme Crys explica, são necessários 2 anos arbitrando jogos infantis e juvenis. Na B, são jogos da Segundona e na A, jogos da primeira divisão, que é o Gauchão. Porém, a Federação requer de seus profissionais[241] o Ensino Superior completo, e Crys ainda não havia concluído sua formação acadêmica. O sonho dela era completar os 6 anos na Federação e ascender à CBF e FIFA, porém, devido a inúmeras lesões, teve que ultrapassar muitas dificuldades.

Os gastos de Crys com a sua preparação giravam em torno de 400 reais por mês. Crys realizava treinamento diário de 2 horas e meia, fazia academia e usava suplemento. Em um jogo, ela conseguia recuperar 200 reais, entretanto, o restante do investimento não era ressarcido. A bandeira eletrônica, por exemplo, era um instrumento que custava 1.800 reais e podia resultar em perda de escalação de profissionais que não a adquirissem.

Além dos investimentos que precisava fazer em relação ao seu treinamento, Crys precisava cumprir as cobranças em relação à imagem, atentando ao constante uso de vestimenta formal. Os investimentos feitos para se manter no topo são altos e ficam claras as distinções sociais existentes entre os diferentes árbitros. A "arbitragem profissional" se diferencia de uma "arbitragem varzeana" não apenas com as roupas, mas também na postura corporal, linguagem e outros hábitos, disse Crys:

> Parece bizarro, mas é assim. O árbitro, se não estiver bem fardado, chuteira da *Nike* e não sei o quê, às vezes não é escalado. O árbitro bem fardado é aquele que chega lá de terninho, no campo, de malinha de rodinha. Porque tem aquele árbitro varzeano, do varzeano mesmo, que chega de bermudão, chinelo Havaianas, que nem a gente comenta "árbitro maloqueiro", que chega de regata e não está nem aí, fumando, barbudo e tal. A guria chega de roupa social e é exigido isso, sempre preto com branco e nunca colorido. É cobrado, mas a gente não ganha nenhum respaldo pra isso.

241 Os profissionais de arbitragem, na atualidade, são amparados pela legislação brasileira nº 12.867, desde 10 de outubro de 2013. Embora seja agora considerada uma profissão, ela também é, assim como o futebol, uma área considerada reserva masculina, na qual a participação de mulheres ainda é bem menor, principalmente nos postos de maior evidência.

Depois de muito tempo sem revê-la, retomei o contato, curiosa para saber as novidades e decidi perguntar sobre como estava o curso de arbitragem. Para meu espanto, Crys disse ter desistido da arbitragem e que pensava que talvez mudando de estado adiantasse. Estranhei e indaguei o porquê de estar tão decidida. Da última vez parecia tão determinada, apta a superar as lesões de treinamentos para fazer o teste final e ser aprovada no quadro de arbitragem da Federação.

Crys dizia ter percebido que não conseguiria vencer o machismo e os "dirigentes sujos". De 14 jogos que os colegas dela fizeram, ela apareceu na escala em apenas 4 vezes. Falta de sorte? Qual a probabilidade de seu nome não aparecer? Ela sabia os porquês, mas disse que não poderia comentá-los. O silêncio era uma estratégia para manter-se atuando e também não tinha provas que corroborassem o que gostaria de falar.

As dificuldades de inserção das mulheres em jogos de futebol de homens podem ser percebidas não apenas em Porto Alegre, mas também em nível nacional. Em notícia veiculada pelo jornal *Lance!Net*, em 3 de janeiro de 2015, a assistente de arbitragem Fernanda Colombo (FARALDO, 2015) comentou sobre sua expulsão da Federação Catarinense de Futebol sob o argumento de "falta de profissionalismo". A bandeirinha lamentou a falta de reconhecimento de mulheres na arbitragem, após ter ouvido as seguintes críticas do presidente da Federação: "Ela queria ser vedete, queria ser modelo. Eu disse, então, que ela não trabalhava mais aqui".

Rotulada de "bandeirinha musa", a profissional de arbitragem retomou seus trabalhos na Federação Pernambucana de Futebol. Dentre as críticas à bandeirinha, após erros no clássico mineiro entre Atlético-MG e Cruzeiro, o diretor de futebol do Cruzeiro, Alexandre Mattos, também afirmou que a assistente ganhou visibilidade por sua beleza, e não pela qualidade de sua arbitragem: "Estão tentando promover ela porque ela é bonitinha e não é por aí. Ela tem que ser boa de serviço, profissional e competente (...). Se é bonitinha, que vá posar para a *Playboy*, não trabalhar com futebol".

A arbitragem é um ambiente que pode se mostrar inóspito à permanência das mulheres. O Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado do Rio Grande do Sul (SAFERGS) é um dos sindicatos que participa da Associação Nacional dos Árbitros de Futebol (ANAF). Com 10 presidentes até a atualidade, possui, em sua diretoria executiva, 30 homens e até 2014

não havia nenhuma mulher que compusesse a diretoria[242]. Suas subsedes, de Caxias do Sul, Cruz Alta, Ijuí, Pelotas e Santa Maria também possuíam apenas delegados e "delegados substitutos" homens.

Conforme constava no site da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), em 2014, a arbitragem de suas competições é toda composta por homens[243]. Na categoria A, são 21 homens. Na categoria B, 31 homens. Na categoria C, 26 homens. Na sua composição, a FGF também possui apenas homens nas esferas executivas e administrativas[244].

Em edital divulgado em 2014, assinado pelo presidente, o "Curso de Formação de Árbitros de Futebol de Campo" foi divulgado como aberto "aos interessados no Estado do RS (comprovadamente) de ambos os sexos", com idades entre 17 e 32 anos, com inscrição de R$150 e mensalidades de R$400 durante 6 meses. A linguagem do documento, porém, é toda escrita no masculino.

Nos procedimentos para inscrição, as informações são direcionadas ao "candidat**o**", afirmando que depois de "formad**o**", "**o** credencia a ser indicado" para CBF e FIFA. Embora a língua portuguesa não possua o feminino de árbitro, entretanto, isso não impede que o restante da linguagem também inclua as mulheres. Historicamente, cabe lembrar que elas tiveram muitos impedimentos para participar da arbitragem de jogos[245]. Hoje em dia, mesmo com a presença delas em diversos campos, pode-se perceber que sua presença é bastante incomum nos espaços de maior visibilidade.

Não se pode, entretanto, afirmar que não existam iniciativas para promover uma maior participação das mulheres na arbitragem. Em 2010, a AGFF havia realizado um curso de arbitragem para jogos de mulheres, aberto a homens e mulheres que quisessem se tornar profissionais da arbitragem para apitar os jogos promovidos pela AGFF. Em 2014 também foi

242 Nos cargos de presidente, 1º e 2º vice-presidentes, 1º e 2º secretários, 1º e 2º tesoureiros, suplentes, delegados representantes, conselho de ética, conselho fiscal e os departamentos: do ex-árbitro, de patrimônio, de esportes, do interior, jurídico, técnico, social e de escala.

243 Dentre as competições realizadas pela instituição, estão os Estaduais (Júnior, Juvenil A, Juvenil B, Infantil, Amador), Copa Sub-19, Sulbrasileiro de Futebol Amador, Brasileiro sub-20. Na categoria principal: Copa TVCOM - Divisão de acesso, Super Copa Gaúcha, Segunda Divisão, Recopa Gaúcha, Gauchão Chevrolet.

244 Constam aí os cargos de presidente, 1º e 2º vice-presidentes e os diretores dos departamentos executivo/de árbitros, jurídico, futebol profissional, futebol amador e médico.

245 Considerada como a primeira mulher árbitra de futebol profissional do mundo, a brasileira Asaléa de Campos, conhecida como Léa Campos, começou a arbitrar em 1967, após ter completado 8 meses na Escola de Árbitros do departamento de Futebol amador da Federação Mineira de Futebol. Em 1971 ela teve seu diploma reconhecido pela FIFA. Arbitrou no México, em 1971 na Copa Mundial de Futebol Feminino. Apesar do impedimento para que as brasileiras jogassem, ela pôde participar na arbitragem.

promovido o “Curso de Árbitras de Futebol de Campo”, pela Fundação de Esporte e Lazer (FUNDERGS), em parceria com a AGFF e o Centro de Memória do Esporte da UFRGS, com o apoio da SAFERGS.

Fotografia 9 – Arbitragem no *futebol de mulheres*, em jogo pelo Municipal

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2013).

A reserva de espaço para árbitros pode ser percebida principalmente em campeonatos de futebol de homens, considerados como de relevância nacional, tais como o Campeonato Brasileiro Masculino. No Campeonato Brasileiro Masculino 2014, por exemplo, em cada uma das 38 rodadas foram escalados 70 profissionais da arbitragem. Em cada jogo foram convocados 7 profissionais, nas funções de: árbitro, árbitro adicional 1 e 2, assistentes 1 e 2, quarto árbitro e delegado. Do total de 2.660 escalações de todo o campeonato, as mulheres foram escaladas 25 vezes. A participação delas representa apenas 0,94% do total, demonstrando entraves para que elas cheguem nestas posições consideradas como de maior relevância e projeção na arbitragem nacional.

Em comparação, no Campeonato Brasileiro Feminino Caixa 2014, em cada uma das 13 rodadas, foram escalados 4 profissionais de arbitragem, sendo eles: árbitro, assistente 1, assistente 2 e quarto árbitro (três a menos que na competição dos homens). Nos dois jogos

finais, foram convidados 5 profissionais por jogo, com a inclusão de homens como delegados. Do total de 282 profissionais escalados, 123 delas foram mulheres, representando 43,62%[246].

Ao se comparar os dados do Campeonato Brasileiro de homens e o de mulheres, pode-se perceber que as profissionais da arbitragem conseguem mais espaço de atuação em competições "femininas". No futebol de homens, nunca são escaladas como "árbitro principal", para evitar pressões e polêmicas quanto a suas atuações. A única exceção dentre as mulheres é a posição de destaque assumida por Silvia Regina, de São Paulo, que é escalada como delegada, por sua experiência e história na modalidade[247].

Levantando dados sobre outra competição do *futebol de mulheres*, pode-se perceber que, na Copa do Brasil Feminina 2013 (de 1º de fevereiro a 27 de abril), do total de 262 profissionais escalados, 114 foram de mulheres. Essa quantidade de escalações representa um total de 43,51%. Essas partidas tinham o árbitro principal, 2 assistentes, quarto árbitro e assessor. Na edição seguinte, na Copa do Brasil Feminina 2014[248] (de 29 de janeiro a 30 de março), foram realizados 56 jogos com a convocação de 227 profissionais, sendo 103 mulheres, o que significa uma percentagem de 45,37%. Exceto na partida final, nos demais jogos foram convocados árbitro, 2 assistentes e quarto árbitro. Percebe-se que a participação de mulheres na arbitragem possui semelhante incidência em jogos do Campeonato Brasileiro Feminino e também na Copa do Brasil Feminina, indicando que os espaços competitivos de homens ainda não estão abertos às suas participações, principalmente em postos de maior relevância da arbitragem nacional.

Embora este capítulo trate das questões referentes a Porto Alegre, creio que seja interessante abrir parênteses para situar a posição da mulher na arbitragem estadunidense. Diferentemente do Brasil, nos Estados Unidos, as mulheres são frequentemente convidadas a arbitrar jogos de homens. Algumas delas pensam que isto se deva a alguma exigência da

246 No Campeonato Brasileiro Feminino 2013 (de 15 de outubro a 4 de dezembro), de 204 escalações, 97 foram de mulheres, representando 47,54% dos profissionais atuantes.

247 Em 2003, Silvia Regina de Oliveira apitou a primeira partida de futebol de homens pelo Campeonato Brasileiro da série A. Silvia realizou cerca de 800 partidas, entre 1982 e 2007. De 1982 a 1997 arbitrou apenas jogos amadores. Em 1997 apitou a primeira partida pela Federação Paulista de Futebol. Apitou os campeonatos femininos sub-20 e sub-17. Em 1999 fez uma partida da 3ª divisão do Campeonato Paulista. De 2001 a 2007, árbitra FIFA, apitou o Campeonato Paulista. Em 2004 foi às Olimpíadas e conseguiu mais projeção, apitando outras competições, como o Mundial Feminino, Copa Libertadores e Sul-Americana (LEON, 2014).

248 Geralmente eram convocados árbitro principal, 2 assistentes, quarto árbitro e delegado. Para a partida de retorno da final, houve a convocação de "quinto árbitro".

regulamentação esportiva, como Cecilia Berger, de 47 anos, branca, nascida em Wisconsin. Cecilia mora em Massachusetts há 15 anos. É musicista, toca numa orquestra e dá aulas de violino, viola e violoncelo em escola pública. Cecilia está casada há 25 anos com um educador da UMass e tem três filhos: Roseta (21 anos), Serafina (19 anos) e Louis (17 anos).

Joseph é marido de Cecília. Ele tem a pele albina, cabelos brancos e joga futebol há muito tempo. Assim como a esposa, Joseph é envolvido com o futebol e treina uma equipe de adolescentes que estão no Ensino Médio. Quando Cecília tem dúvidas, ela pergunta ao marido e reforça se em suas arbitragens agiu da melhor maneira. Cecília "educou-se" no futebol ao começar a jogar com seus filhos no jardim e a assistir jogos profissionais da liga inglesa de homens.

Cecília é fã da tenista Martina Navrátilova e das jogadoras de futebol Mia Hamm e Abby Wambach. Ela acredita que todas são bons exemplos de atleta e Abby ela admira porque sabe que é difícil estar em forma e se recuperar de lesões quando se tem mais idade. Há 10 anos, Cecília começou a jogar futebol com uma liga de mulheres acima de 30 anos, em Belchertown, cidade vizinha. Os três filhos dela jogavam futebol e ela tinha um forte envolvimento com suas equipes, voluntariamente arbitrando os jogos.

Cecília tornou-se árbitra certificada aos 42 anos, junto com seu filho de 12 anos. Antes de fazer sua certificação como árbitra, ela servia como referência parar tirar dúvidas de outros pais sobre a arbitragem. Após essa mudança de posição, Cecília procura não interagir mais tanto com os outros pais, evitando comentários sobre o trabalho alheio, o que considera uma descortesia profissional. Cecília é muito requisitada e, devido ao pouco tempo disponível em sua agenda, já teve que recusar muitos convites durante a temporada de jogos que acontece de março a novembro, em finais de semana.

Como árbitra, Cecília conhece a reputação das equipes e de jogadores, dividindo-os entre cooperativos e desrespeitosos. Os primeiros relevam pequenos erros e tentam fazer com que o jogo transcorra da maneira mais pacífica possível. Os segundos podem jogar sujo, reclamar muito da arbitragem e estar focados apenas na vitória a todo custo.

Para moderar as reclamações dos técnicos, ela utiliza uma técnica de simples memorização: "Peça, avise e remova". Cecília procede da seguinte forma. Primeiro, ela diz "Hey, técnico, você poderia, por favor, ficar quieto? Sem mais comentários. Obrigada". Na

segunda vez: “Técnico... basta! Você precisa ficar quieto”. Por fim, retira o sujeito do jogo: “Técnico, você precisa sair do jogo. Adeus”. Cecília afirma ser necessário agir com firmeza, reafirmando ser a autoridade máxima dentro de campo.

Semelhante à arbitragem punitiva, empregada pelos árbitros porto-alegrenses, Cecília utiliza os cartões para calar jogadores que questionam a distância entre a bola e a barreira, reclamam da marcação de faltas ou sugerem que a arbitragem não está enxergando bem. Na arbitragem é muito cobrada, principalmente por treinadores que pretendem preservar seus melhores jogadores da violência dos adversários.

Conforme Cecília, não há muitas árbitras na região de Amherst. Ela calcula que uma dúzia em uma das ligas e no Ensino Médio, talvez apenas duas. Cecília prefere arbitrar apenas em ligas juvenis, pois nas adultas é necessário lidar com as rivalidades, como as existentes entre as equipes de italianos e irlandeses. Entretanto, cabe ressaltar que esta é uma escolha dela, sendo que, embora convidada, ela recuse os convites para realizar estes jogos.

Cecília é mentora de jovens árbitros e gosta de ajudá-los a melhorar na prática profissional da arbitragem. Como “regra de ouro” da arbitragem, ela diria que, além da regra que aprendeu com um experiente colega sobre não ouvir os pais, recomenda aos jovens que estão começando na arbitragem, o seguinte: “Tenha confiança em si, mantenha-se em boa forma e eduque-se assistindo o trabalho de outros árbitros”.

As mulheres na arbitragem, assim como as jogadoras, demonstram a necessidade de mudança de olhares, para que sejam mais respeitadas. Participar dos jogos como futebolista ou como profissional da arbitragem são formas de sociabilidade, embora em posições de comando diferenciadas. Enquanto, no Brasil, as mulheres na arbitragem precisam ainda superar questões culturais que se referem à restrição do espaço disponível para demonstrar suas competências; nos Estados Unidos, elas têm a oportunidade de repassar seus conhecimentos aos mais jovens e são respeitadas tanto quanto outros profissionais da arbitragem.

***

Viu-se, ao longo do capítulo, que os espaços dos jogos do *futebol de mulheres* porto-alegrense, embora centrais, são vistos pelas jogadoras como tendo má qualidade de gramados. Ainda, há nesses ambientes a circulação de pessoas externas aos grupos que podem gerar um sentimento de insegurança às *famílias*. Nestes espaços, a presença da torcida "da casa" é importante, enquanto um grande número da torcida adversária pode ser indesejado. Ter o maior número de espectadores, ao contrário do futebol espetacular, não é sempre uma meta. Cobrar ingressos da torcida não é algo bem-visto e, ainda sem a lógica do lucro, vigora a ideia de segurança e integridade física de participantes.

Embora haja esforços para a organização de eventos esportivos, o número flutuante de equipes e as situações pontuais levam os organizadores a adaptarem anualmente a data de realização de seus eventos, bem como seus regulamentos. Corroborando com a ideia de um *futebol de devir*, percebe-se que, anualmente, o *futebol de mulheres* porto-alegrenses impõe novos contextos e situações a serem mediadas pela organização dos eventos, propiciando inclusive flexibilização de regras e a perpetuação dos corriqueiros atrasos. Por fim, demonstra-se com dados quantitativos que, dentre as pessoas que estão envolvidas na formação de eventos futebolísticos para mulheres, as profissionais de arbitragem encontram dificuldades para encontrar espaços de visibilidade no futebol de homens, enquanto no *futebol de mulheres* sua participação é muito mais presente (embora ainda nem sempre respeitada). Nos Estados Unidos, devido a uma inserção maior das mulheres nos esportes, as participações das profissionais de arbitragem são respeitadas e bastante solicitadas, cabendo a elas escolher onde preferem atuar.

6. ETNOGRAFANDO NO *FUTEBOL DE MULHERES* PORTO-ALEGRENSE

Etnografar no *futebol de mulheres* porto-alegrense demanda conhecer não apenas os espaços, que aqui já foram apresentados. Conforme se verá neste capítulo, esse futebol possui distribuição restrita e não se adapta à rede de produção mercadológica do futebol espetáculo (DAMO, 2007). Escapa à rigidez institucional e, apesar de considerar as regras da FIFA e suas afiliadas como oficiais, adapta-as conforme as disponibilidades de tempo, pessoas e espaço. Adota a linguagem universal de regras, porém, com um dialeto próprio.

Em âmbito local, as regras utilizadas nos campeonatos são resultantes de acordos entre as equipes, ampliando-se o número de substituições, diminuindo-se o tempo de jogo ou até mesmo inserindo pausas de alguns minutos durante a realização de jogos em que haja temperaturas muito quentes, para evitar a desidratação de jogadoras. É marcante também a presença de pessoas que não integram oficialmente as equipes e que assistem aos jogos do banco de reservas ou próximo às quatro linhas sem nenhuma solicitação para que se retirem, principalmente nas competições citadinas.

Ao longo desse capítulo, é apresentado o perfil das jogadoras porto-alegrenses, bem como as diferenças existentes entre elas em termos socioeconômicos. As diferenças não se dão apenas em termos econômicos ou sociais, mas também da organização das equipes em "panelinhas". Esses "jogos absorventes" envolvem comunidades de sentimentos, bem como a utilização de mídias alternativas para visibilizar seus fazeres futebolísticos.

A apreciação do *futebol de mulheres* porto-alegrense limita-se a um público local, tais como pessoas com estreitos laços afetivos, as quais são informadas regulamente sobre jogos e treinamentos. O potencial de criação do *futebol de mulheres* mobiliza a adesão de indivíduos numa base regular, mesmo que não seja em números comparáveis ao futebol espetacular de homens.

O *futebol de mulheres* em Porto Alegre e no Brasil pode ser considerado um mundo de possibilidades ainda não exploradas, com diferentes técnicas, estética e organização. Utilizando a mesma nomenclatura de Becker (1977), pode-se dizer que as jogadoras porto-alegrenses seriam artistas "espontâneas". Afastadas de outros mundos futebolísticos espetaculares, precisam criar sua própria rede de cooperação, alheia às convenções. Em um trabalho costumeiramente solitário, suas lideranças podem acumular as funções de recrutar, treinar e manter esse grupo de pessoas, mesmo que sem ganhos financeiros.

O *futebol de mulheres* porto-alegrense revela a produção de transgressões, marcadas pela criatividade presente no improviso, na jocosidade e no descumprimento de regras. Estas mulheres participam não apenas do mundo do futebol, participam simultaneamente de outros mundos e outras modalidades esportivas. Elas podem partilhar gostos e preferências, embora exista a heterogeneidade de experiências, estilos de vida e visões de mundo.

O futebol tem se apresentado como importante elemento organizador dos projetos pessoais de jogadoras, envolvendo também seus familiares e toda uma rede de agentes sociais que podem auxiliar ou dificultar esses projetos. As jogadoras realizam empreendimentos não apenas materiais, mas também sentimentais em relação ao futebol. Compram materiais de jogo, suplementos, investem tempo e modelam seus corpos de acordo com as necessidades apontadas por seus grupos.

A partir da etnografia, apresento este futebol repleto de improvisos tanto em nível municipal como estadual. Neste mundo existem várias queixas e "nozinhos" (problemas), mas também criatividade e superação. Neste sentido, os agentes sociais do *futebol de mulheres* brasileiro podem ser entendidos como *bricoleurs*, que criam sua arte a partir do que estiver disponível. Como diria Lévi-Strauss (2008), afastam-se de um plano preconcebido, sendo seus projetos esportivos resultados contingentes das oportunidades que se apresentam. Interrogam seus objetos heteróclitos, a fim de compreender como podem criar.

O *futebol de mulheres* porto-alegrense é obviamente um mundo esportivo ainda em construção. Exceto por três ou quatro equipes tradicionais, as demais ainda possuem participações eventuais no Campeonato Municipal. Há equipes que, por terem alto trânsito de jogadoras, a cada ano participam com um grupo novo e precisam, para isso, agenciar jogadoras de outras equipes ou encontrar novas interessadas na prática. O improviso é comum e não apenas por parte das equipes.

A primeira trajetória deste capítulo representa o que é ser uma jogadora negra, com condições financeiras restritas e moradora de periferia no futebol de Porto Alegre, um perfil muito semelhante ao encontrado na maioria das equipes porto-alegrenses. Em um dos treinamentos semanais na Escola de Educação Física da UFRGS, realizados duas vezes por semana, conheci uma das minhas informantes-chave. A história dela é marcada por uma grande dedicação à modalidade e pela constante busca de realização de seus sonhos esportivos.

6.1 TATI BICCA: "DOC" DA RESTINGA

De família pobre, órfã desde a infância, Tati Bicca me "adotou", com seu jeito tímido. Embora sensível em sua vida privada, demonstrava força e combatividade impressionantes dentro dos campos e quadras. Os sonhos de Tati Bicca eram iguais aos de diversas garotas talentosas, entretanto, sua persistência impressionava na medida em que, mesmo sem um suporte estrutural, continuava a jogar e perseguir esses sonhos. Tati Bicca foi para mim, com as devidas diferenciações, como "Doc" para Whyte (2005), permitindo-me esclarecer interpretações e aprofundar meus conhecimentos sobre este mundo futebolístico.

Ao adentrar no *futebol de mulheres* em Porto Alegre, eu desconhecia as teias de relações que marcam a hierarquia de poder e a estrutura social local. Após alguns meses de contato, Tati intermediou meu ingresso junto ao grupo de futebol que acompanhei no Campeonato de Várzea Municipal e no Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino. Minha apresentação ao técnico foi feita por ela, minimizando as dúvidas em relação à minha presença, entretanto, sem anulá-las por completo. Minha relação informal com os integrantes não apagava minha situação como pesquisadora, e, mesmo estando em meio à torcida, tive regalias como assistir a alguns jogos ao lado do banco de reservas. "E se tu tivesses que te

apresentar pra uma plateia, contando tua história de vida, como tu começarias, Tati? “Eu não começaria”, me disse ela. “Desde quando uns meninos zombaram de mim na sala de aula, durante a infância, tenho dificuldades em falar em público”.

No dia de um dos treinos da equipe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tati Bicca havia passado para observar as colegas de equipe, já que ela jogava futsal pela equipe do São José[249]. Enquanto observava o treino, ficou intrigada e perguntou a uma das veteranas: “Quem é aquela caipira, com um short colado, meia rosa e tênis rosa *pink* com azul?”. Tênis chamativos geralmente são usados por jogadoras *boleiras*, e quando ela me viu usando-os, algo lhe dizia que eu não parecia ser uma delas. Interessada por estilos, minhas roupas de treino deixaram Tati intrigada pela inusitada vestimenta. Shorts colados eram para serem usados debaixo do calção, e não sozinhos, à vista. Meias rosa eram muito chamativas e, além disso, não eram combinantes. No intervalo do treino, por alguma razão, deu-me seu contato. Provavelmente tenha comentado sobre um jogo de futebol de campo e eu tenha dito que me interessava em assisti-lo. Ela também não lembra sobre o que conversamos no primeiro encontro, mas aquele contato foi importante para começarmos a interagir. Dias depois, Tati me ligou e perguntou se poderia ajudá-la a editar e imprimir alguns convites para uma festa “da religião” para a sua avó. Procurei na internet algumas figuras de entidades com uma melhor resolução de imagem e tentei elaborar algo diferente, mas ela me disse que a vó tinha um estilo tradicional e específico para os convites: “Melhor fazer como ela pediu, senão não vai gostar”, alertou-me.

Poucos dias depois, fui assistir ao primeiro jogo dela, no Instituto Ronaldinho Gaúcho[250]. Antes mesmo de ter conversado com Tati, lembrei que havíamos dividido a mesma van, que conduziu a equipe da UFRGS até a cidade de Cidreira[251] para um torneio de futsal. Quieta no fundo do micro-ônibus, ela estava concentrada para os jogos do dia. Tinha sido convidada para jogar na equipe por uma adversária que a viu jogar. Decepcionada com o futebol, estava recomeçando a jogar e estava em busca de algo que a motivasse novamente.

249 O Esporte Clube São José de Porto Alegre é clube da capital rio-grandense conhecida como Zequinha. Fundado em 1913, está localizado no bairro Passo D'Areia.

250 Instituto Ronaldinho Gaúcho é uma instituição fundada pelo jogador Ronaldo Assis Moreira (conhecido como Ronaldinho Gaúcho) em 2006 no bairro Hípica, localizado na Zona Sul de Porto Alegre, com o objetivo de atender a cerca de 500 crianças com poucos recursos econômicos, entre 7 e 16 anos.

251 A cidade de Cidreira fica no litoral do Rio Grande do Sul, a cerca de 139 km de distância de Porto Alegre.

Na partida final daquele torneio em Cidreira, nossas equipes se confrontaram e Tati demonstrou em quadra o porquê de ser uma das titulares na posição de lateral: jogava com muita agilidade, explosão, habilidade e força. Dentro de quadra, Tati era um dos referenciais de sua equipe. Ela era uma das melhores jogadoras em várias equipes campeãs, nos campos e quadras de futsal, participando de competições estaduais. Entretanto, a ascensão profissional de Tati teve curta duração. Ao contrário de outras pessoas que são agenciadas por seus pais ou parentes, ela nunca recebeu apoio para jogar. Não tinha nenhum familiar que a acompanhasse a treinos ou ficasse cobrando sua participação e titularidade nos jogos. A única oportunidade que teve, abandonou, por questões familiares e por não receber o retorno de promessas feitas.

Tati tem poucos recursos financeiros, mora longe e fala o "s" com imperfeição, apresentando o que na Fonoaudiologia é chamado de ceceio. Usa calças largas em estilo *boyfriend*, bermudas, tem cabelo curto, joga futebol, usa gravata de vez em quando. Negra, órfã, lésbica, pobre, Tati poderia ser um agregado de múltiplos estigmas. Entretanto, ela tem construído um histórico de muitas lutas.

Tati Bicca nasceu em Porto Alegre e morou durante muitos anos na vila Cruzeiro, ambiente marcado pela pobreza e a violência urbana. Tati diz que o pai "bebia socialmente" e, quando chegava em casa, batia na mãe. Ela apartava as brigas e apanhava do pai. Apanhava por qualquer coisa. Se saía para brincar na pracinha, mesmo fazendo as coisas da casa, apanhava. O pai era muito violento e tinha a mão pesada, lembrou Tati. Seus pais se separaram várias vezes. Tati morava num rancho e tinha um cabrito de que gostava muito. Ricardão era seu companheiro, mas Tati não sabia que seria morto para "trabalhos da religião". Após a morte do cabrito, a mãe, grávida da segunda filha, separou-se do marido e foi morar com Tati no bairro Glória com um tio.

Aos 7 anos, Tati perdeu o pai. Aos 10 anos, Tati perdeu a mãe e ficou órfã, indo morar com a avó paterna, Vera, com quem vive até hoje. Após ter perdido os pais, uma de suas irmãs foi morar com o avô materno, ainda bebê. Tati e a irmã do meio foram morar com a avó, no bairro Restinga. A Restinga, assim como a vila Cruzeiro, é conhecida por ser uma comunidade pobre e violenta. Viver na comunidade sempre foi incômodo para Tati. Apesar de morar há mais de 15 anos lá, nunca gostou de "se misturar" com os vizinhos e nem sabia muito sobre o que acontecia por lá, pois, com as atividades do futebol, quase nunca ficava em casa.

Tati considera as mulheres da Restinga escandalosas e nunca compartilhou do mesmo *habitus* deste grupo. Nunca roubou, usou drogas e nunca pretendeu ter filhos. Escuta música *pop* e não aceita ser comparada com a cantora Maria Gadú ou com o jogador Neymar. Aceita comparações apenas com famosas artistas internacionais negras. Já teve sua fase Halle Berry e também a Rihanna. Seus cabelos já foram curtos, lisos e com luzes. Desde que a conheci, seu cabelo passou por pelo menos umas quinze transformações: raspado de um lado, com diversos penteados, colorindo de laranja, amarelo, roxo e multicores. Seu último visual foi um corte raspado a zero, "imitando as monjas", disse ela.

Tímida, sofreu na infância com o *bullying*. Tati era boa atleta e boa aluna, porém nunca foi popular. Tati fazia coisas ditas masculinas e isso feria a honra dos meninos. Sua aparência e práticas esportivas eram o motivo de brigas entre a família. O avô materno dizia que usar batom e saia eram coisas de "mulheres oferecidas", mas era ele quem mais a incentivava a jogar futebol. A mãe não a deixava sair de casa, para "não se desvirtuar e virar marginal". Era também agredida pelos meninos da escola e os da rua, pois não correspondia aos padrões sociais da época e não aceitava namorá-los. Tati não se adaptava à feminilidade normativa. Por sofrer com os piolhos, a mãe sempre cortou os cabelos dela bem curtinhos. Vestir roupas rosa não diminuía em nada a zombaria:

> Gurizinho, homenzinho verde (extraterrestre), pantera cor-de-rosa (porque eu era magra e gostava de usar rosa), machorra. Tinha outros, mas não me lembro. Mickey Mouse (por causa do meu cabelo). Eu usava cabelo curto porque ele era 'ruim'. Ai quando crescia a mãe fazia chiquinhas, ficava uns pompons, por isso Mickey.

A avó de Tati disse que queria uma neta para enfeitar como árvore de Natal, um bibelô, mas frustrava-se com a insistência da neta em andar "como um menininho". Na fase adulta, ainda sofre com os problemas da expressão de gênero. Ao entrar nos banheiros, sofre constrangimentos. Algumas mulheres fazem questão de lhe esclarecer que "O banheiro masculino é ali ao lado" ou ainda se certificarem de que "Aqui é o banheiro feminino, né?", deixando claro que há algo fora da ordem. Tati diz que tentou ser mais feminina e até pediu para fazer *ballet*, mas a mãe não tinha dinheiro para inscrevê-la. Tentou também ser escoteira, mas a avó tinha medo que se metesse em perigos. Quis estudar em colégio militar, mas também não tinham condições financeiras. Quando entrou no futebol, apesar das reclamações,

sentia-se bem. Embora tivesse que cuidar de diversas lesões de jogos, a avó a ajudava se recuperar, mesmo que a contragosto.

Para Tati, o futebol a ajudou em relação à disciplina, à superação de seus limites, ao trabalho em equipe, à troca de cultura (nas viagens) e contatos importantes (trabalho, estudos, curso). Tati começou a jogar aos 11 anos na escola e logo uma professora convenceu sua avó a inscrevê-la numa escola de formação futebolística, pois percebia nela "futuro".

A avó preferia investir em algum curso educacional, mas contou com a ajuda de uma amiga para pagar as mensalidades, uniforme e chuteiras da neta. Em parte o receio da avó era também porque ela própria havia jogado futebol, mas apanhava da sua mãe quando chegava em casa com o vestido sujo. A avó receava que Tati sofresse com o preconceito.

Por ser gremista, Tati escolheu como escola de formação a que representava seu "time do coração", porém, ficou pouco tempo devido à falta de qualidade das estruturas naquela época. Em 2005, Tati trocou a escola do Grêmio pela rival, a do Internacional. Entretanto, os treinos do time profissional eram todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, no mesmo horário das suas aulas.

Tati jogava no turno inverso do colégio, porém, no 3° ano do Ensino Médio, teve que fazer uma mudança radical. A avó não aceitou deixá-la estudar à noite, pois achava perigoso. Seu último ano foi cursado em um colégio da Restinga, chamado Ildo Meneghetti. Lá, estudava à noite e fazia umas matérias à tarde, pois eles tinham matérias que não eram oferecidas no colégio anterior. Seus dias eram corridos: jogava pela manhã, saia correndo do treino às vezes sem almoçar para estudar à tarde na Restinga e já ficava para a aula da noite. Tati não ficou muito tempo no Inter, pois logo fecharam o "departamento de futebol feminino".

À convite de uma colega, foi jogar futsal pela equipe Vernisul, de Canoas. Lá, trabalhava em uma fábrica de tintas e vernizes, virando betoneiras para fazer tinta em pó. Trabalhava com substâncias tóxicas e sem equipamentos de proteção. Cansada, com dores na coluna e queimadura dos produtos, aceitou, em 2007, o convite para jogar por uma equipe de Salto, no estado de São Paulo. Passou no teste, porém, ficou apenas 5 meses. Na equipe de Salto, ganhou faculdade, alimentação, hospedagem e a promessa de um salário de 300 reais, que nunca foi concretizada. A recepção da equipe não foi das melhores. Ainda muito inocente,

não entendia as risadas de canto de boca, as piadas, as brincadeiras e insinuações maliciosas de jogadoras veteranas. Sentia-se desconfortável.

Não conseguiu fazer amizade com garotas que só queriam fazer festa. Sentia constantemente saudades de casa. Sabia que a vó precisava de ajuda financeira. Em Salto, os treinos da equipe eram logo após o horário do almoço. Os treinamentos exigiam muito esforço físico e em alguns dias o sol do meio-dia era bastante forte. Tati preferia comer só uma fruta, para não passar mal.

Naquela época, tentou cursar Fisioterapia em uma faculdade em Itú, mas pouco depois a equipe retirou as bolsas integrais. Tati retornou ao Rio Grande do Sul para ajudar a vó. Em pouco tempo foi aprovada em um concurso da prefeitura para trabalhar como agente de combate à dengue. Trabalhava de manhã e estudava Ciências Contábeis à noite, para manter a pensão que recebia pela morte do pai.

Tati sempre estudou em colégios públicos, com pouca qualidade, mas sempre gostou de ler, apesar da falta de incentivo. Nunca teve dinheiro para fazer um cursinho pré-vestibular, e por isso, por um tempo, optou por cursar Ciências Contábeis, um curso que exigia menos investimentos financeiros. Tati já quis fazer Arquitetura, Psicologia, Biologia, mas atualmente tem cursado Biblioteconomia em uma universidade pública. Em 2008, foi convidada a jogar em uma equipe de Porto Alegre. Do futebol, conseguiu apenas alguns meses de um curso de inglês, aprendendo o básico.

Com a idade avançada, perto dos 30 anos, Tati ainda perseguiu o sonho de jogar no exterior, assim como sua amiga Giulianne, 6 anos mais nova e que conseguiu uma bolsa em universidade estadunidense. Porém, as restrições em relação à idade impediriam sua aceitação em algumas ligas universitárias.

Durante minhas observações, Tati pediu para que eu fizesse gravações e editasse um vídeo com seus melhores lances. Após uma sequência de partidas gravadas, reuni os melhores lances, adicionei alguns efeitos e postei o vídeo no Youtube. Além disso, pagou entre 70 e 200 reais para a mãe de uma jogadora que gravava os jogos, para obter outras imagens de gravações de jogos mais antigos. Enviou o *link* para diversas universidades estadunidenses.

Embora apresentasse excelente habilidade e tivesse se dedicado bastante, a carreira futebolística de Tati foi tristemente interrompida. Em uma noite de vitória, quase no final do

segundo tempo de jogo, em uma partida que valia a conquista do Campeonato Municipal de Porto Alegre, considerado de pouco valor simbólico, Tati lesionou-se numa disputa de bola que aconteceu na lateral esquerda do campo do Parque da Redenção.

Ao perceber que seu caso era grave, algumas pessoas correram para ajudá-la, mas teve que mancar até o Hospital Pronto Socorro, algumas centenas de metros adiante, por falta de atendimento médico. Daiane e Cota, duas amigas do futsal, indignaram-se com a maneira como foi tratada, sem a devida atenção (para quem era uma das maiores craques da equipe). Quem foi em ajuda de Tati, removendo-a para o Hospital Cristo Redentor, foi o dono do antigo time de futsal dela, o Sandro, esperando que ela tivesse um melhor atendimento.

No dia seguinte à sua lesão, pela manhã, Tati foi na excursão que levaria a equipe para jogar em Erechim. Disse que precisava "dar uma força" para as colegas de equipe, e como não poderia jogar, estaria presente torcendo. Durante a noite, enviou mensagem para uma das colegas de equipe, que trouxe uma muleta para lhe emprestar.

Duas semanas depois do rompimento do ligamento do joelho, Tati recebeu uma proposta de uma universidade estadunidense, porém, não respondeu ao e-mail porque pensava que melhoraria. Ainda esperando por uma cirurgia, Tati sofre com as dores da lesão e não pode realizar atividades físicas. Reclama que, nos dias em que o tempo "está para a chuva", seu joelho dói. A avó, mãe de santo e adepta de Nação, Umbanda e Quimbanda, constantemente a relembra que a religião proíbe cirurgias em casos que não sejam de vida ou morte. A necessidade de fazer uma cirurgia no ligamento do joelho esquerdo tem feito com que o outro joelho também comece a doer, por compensar o peso. A dirigente da equipe pela qual se lesionou havia lhe prometido auxílio, mas, nas vezes em que Tati solicitou, não obteve retorno.

Tati está há mais de dois anos na fila de espera para fazer a cirurgia pelo Sistema Único de Saúde, porém, ainda não foi chamada. Entre contradições médicas, sua posição na fila de espera nunca foi sabida. Embora tenha enviado e-mail para os órgãos competentes, nunca recebeu uma resposta precisa. Tati tem postergado a cada dia o seu sonho, agora não mais de atuar profissionalmente ou no exterior, mas de quem sabe um dia poder voltar a jogar o futebol como uma atividade física recreativa.

A trajetória de Tati demonstra que a concentração de oportunidades no estado de São Paulo, principalmente, dificulta a ascensão de jogadoras talentosas que não recebam indicação para essas equipes. Sem uma estrutura esportiva que capte talentos de regiões mais afastadas deste centro, as jogadoras de outras unidades federativas participam de competições de menor expressão, por falta de algo que tenha mais valor simbólico. Jogam por prazer, pela interação, mesmo quando não recebem incentivos de suas famílias de origem.

Pode-se olhar o *futebol de mulheres* porto-alegrense pela trajetória de Tati, no qual se podem perceber as expectativas, frustrações e barreiras. De maneira semelhante, as futebolistas porto-alegrenses estão situadas fora da noção mercadológica do futebol de homens quando expõem seus corpos e suas habilidades. Seus uniformes não possuem nome, só número. A falta de nomes não é apenas pela inconstância das equipes ou a falta de mecanismos que regulem a permanência das jogadoras, mas também porque algumas equipes jogam com uniformes emprestados das categorias de base de equipes de homens.

Sob certo aspecto, o *futebol de mulheres* porto-alegrense é uma antiestrutura[252], não se encaixa na estrutura do futebol que está posto. Defende mudanças e reivindica seu espaço. O protagonismo da ação das jogadoras reflete o espaço da criatividade. Se não consegue ainda promover mudanças nas instituições esportivas, defende seu espaço nos campos de futebol das cidades. Este futebol, sem marcações, infiltra-se e afasta-se dentre as diferentes matrizes futebolísticas, constituindo mundos futebolísticos fluidos, sem fronteiras definidas e marcado pela influência das dinâmicas urbanas na interação dos sujeitos.

O *futebol de mulheres* é uma antiestrutura na medida em que pode fornecer uma releitura do futebol de homens. A presença deste *futebol de devir* nos espaços esportivos escapa às convenções e abre a possibilidade de transformação social, havendo a inversão da lógica da proibição da presença das mulheres ou da expressão de diferentes feminilidades nos campos de futebol. A atmosfera simbólica ressignifica suas práticas, conferindo-lhes outro significado e transformando seus status. Ser jogadora de futebol é algo a ser entendido e (re)construído.

252 Tenho por base o pensamento de Turner (2008) para pensar a relação entre prática, estrutura e liminaridade. Considero, portanto, que a antiestrutura transgride a ordem social estabelecida, tendo a potência de remoldar a estrutura social.

6.2 UM PERFIL DAS JOGADORAS PORTO-ALEGRENSES

Mesmo sem constantemente ocupar as páginas frontais dos principais veículos de comunicação ou os segundos da rede de televisão local, as futebolistas ocupam importantes campos públicos de futebol de Porto Alegre no Campeonato Municipal, performatizando dentro e fora de campo a luta por espaços. Estas performances dizem sobre o que é ser mulher brasileira, rio-grandense e porto-alegrense. Elas vivem e enunciam suas presenças com a expressão de seus corpos, vozes e subjetividades.

Pode-se afirmar, assim como Moraes (2009), que haja a soma de um conjunto de elementos que contribuem para a exclusão social das jogadoras de futebol. Em relação a Porto Alegre, pode-se dizer que, em sua maioria, elas pertencem a camadas pobres e não brancas, apresentam feminilidades alternativas à heteronormativa e possuem pouca escolaridade formal. Entretanto, há também garotas brancas que provêm da classe média, em sua maioria experimentando o futebol como atividade recreativa aprendida nas "escolinhas" de formação futebolística.

O *futebol de mulheres* porto-alegrense é constituído por jogadoras que se identificam com grupos de mesmos interesses, estabelecendo relações ligadas a suas comunidades ou expectativas de profissionalização. Ao participar de competições, ampliam suas redes de conexões ao serem vistas e fazerem-se notar, devido a habilidades futebolísticas ou interpessoais. Ao se identificarem com diferentes linguagens e formas de agir e vestir, trocam de grupos e ampliam as trocas realizadas nestes ambientes.

Para entender melhor este grupo de jogadoras e de onde provêm, produzi um perfil socioeconômico, utilizando instrumentos de pesquisa quantitativa. Com recursos próprios, realizei uma enquete acadêmica em Porto Alegre, no campo Ramiro Souto, do Parque da Redenção. A enquete foi realizada durante uma competição tradicional de curta duração, realizada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre no início de cada ano: o Campeonato Municipal de Futebol Sete - Porto Verão.

Pela experiência etnográfica, posso dizer que nem todas as mulheres e equipes estavam presentes nesse evento, mas as que estavam eram representantes do perfil de jogadoras observadas em outras competições na cidade e até mesmo no Rio Grande do Sul. Foram ao todo seis dias de realização da enquete, todos em finais de semana e um dia

exclusivo para a observação e registros fotográficos. Ao todo, foram entregues 86 questionários e apenas um foi invalidado. A entrega dos questionários e a resposta a eles foi realizada face a face e preenchida pelas próprias jogadoras. O questionário visou abranger uma amostra representativa das equipes que participaram desta competição. Dentre as equipes tradicionais do mundo futebolístico porto-alegrense, a equipe do Internacional não participou deste torneio. Conforme alguns dirigentes, aquele era um torneio de início de ano, preparatório para o início das atividades anuais e, por isso, muitas jogadoras ainda estavam em férias, viajando para praias ou outros locais.

Ao todo foram 11 equipes participantes do evento: Canarinho, Canarinho Sul, Cascata, Corintians, Corintians 24h, JC Agronomia, Grêmio, Monte Castelo, Reysol, Unidos da Praça e Veterano[253]. O número de equipes neste torneio foi superior à média de participantes do Campeonato Municipal de Porto Alegre, que varia entre 4 e 10 equipes a cada ano.

O número de 10 equipes nas competições municipais geralmente pode ser considerado como virtual, pois há equipes que são divididas em times A e B, conforme a quantidade de atletas disponíveis. Essa prática costuma ampliar o tempo de participação das jogadoras, bem como a representatividade das equipes. Neste torneio de *futebol sete*, entretanto, se pôde observar uma diversidade de equipes, as quais provinham de diversas regiões de Porto Alegre, tais como o campo da Tuca, o bairro Restinga e o Nonoai (Zona Sul).

Do total de 36 perguntas no questionário respondido, 30 foram fechadas e 6 abertas. Dentre as questões abertas, estavam as seguintes perguntas: 1) "Qual a sua idade?"; 2) "Como você se autodefine em termos étnico-raciais (branca, negra, parda, etc)?"[254]; 3) "Qual religião você pratica atualmente?"; 4) "Qual a sua ocupação/atividade profissional?", e mais duas perguntas referentes a ídolos esportivos. Em várias questões fechadas estava indicado e

253 Em relação ao nome das equipes, cabe ressaltar que algumas jogadoras, quando perguntadas, não sabiam ao certo qual era o nome da equipe que representavam, evidenciando a situação de improviso em que as equipes eram formadas. Algumas delas estavam participando apenas porque foram convidadas e, para não recusarem o convite, fizeram as "junções". Vale lembrar que o nome das equipes, bem como as relações pessoais estabelecidas com os dirigentes e treinadores de cada equipe podiam variar de torneio para torneio, bem como os acordos estabelecidos entre eles.

254 Na elaboração da pergunta 2, por exemplo, foram escritas algumas sugestões de etnia, tais como branca, negra e parda devido à alta incidência de respondentes que não soube responder à pergunta e solicitou auxílio no preenchimento do questionário-piloto. A pedido de uma jogadora, no segundo questionário, adicionei estas opções, com o intuito de facilitar o entendimento.

grifado que se esperava apenas uma resposta, entretanto, algumas jogadoras ignoraram esta indicação.

Dentre as respondentes, nenhuma das jogadoras possuía Ensino Superior Completo e apenas 7% delas estavam cursando esta etapa do ensino formal, o que pode ser atribuído, em boa medida, à idade das entrevistadas. Algumas delas me indagaram se poderiam marcar mais de uma resposta, e mesmo com a minha negativa, disseram que preferiram marcar múltiplas alternativas naquelas perguntas[255].

Em alguns casos, as jogadoras preferiam não marcar nada e apenas escrever algo que justificasse o porquê de não optar por nenhuma das alternativas. Em relação à questão referente ao preconceito, por exemplo, embora as alternativas se referissem apenas a parentes, colegas, amigos, torcedores, dirigentes, patrocinadores, árbitros ou nenhum, uma das jogadoras deixou em branco as opções e escreveu ao lado da pergunta a resposta "homens".

No *futebol de mulheres* porto-alegrense, é importante ressaltar que, diferentemente do futebol de homens, não há divisões etárias. Iniciantes e veteranas participam das mesmas competições, proporcionando uma grande interpenetração geracional, com trocas entre as participantes de uma mesma equipe. As perdas geradas por questões biológicas, referentes à velocidade e à agilidade de movimentos, são compensadas por ganhos de conhecimento em relação à tática e às jogadoras de equipes adversárias.

Em relação às idades das participantes, as respostas obtidas estão representadas por meio de gráficos de barras, agrupados por frequência ou por percentagem[256]. A idade das respondentes variou entre 14 e 50 anos. A maior incidência de ocorrências se deu na faixa entre 14 e 22 anos. Ao separar suas idades por faixas etárias[257], elas estão compreendidas entre 14 anos ou menos (9,41%), 15 a 16 anos (21,18%), 17 a 19 anos (27,06%), 20 a 25 anos (30,59%), 26 a 30 anos (30,59%), 26 a 30 anos (7,05%) e 31 ou mais (4,70%).

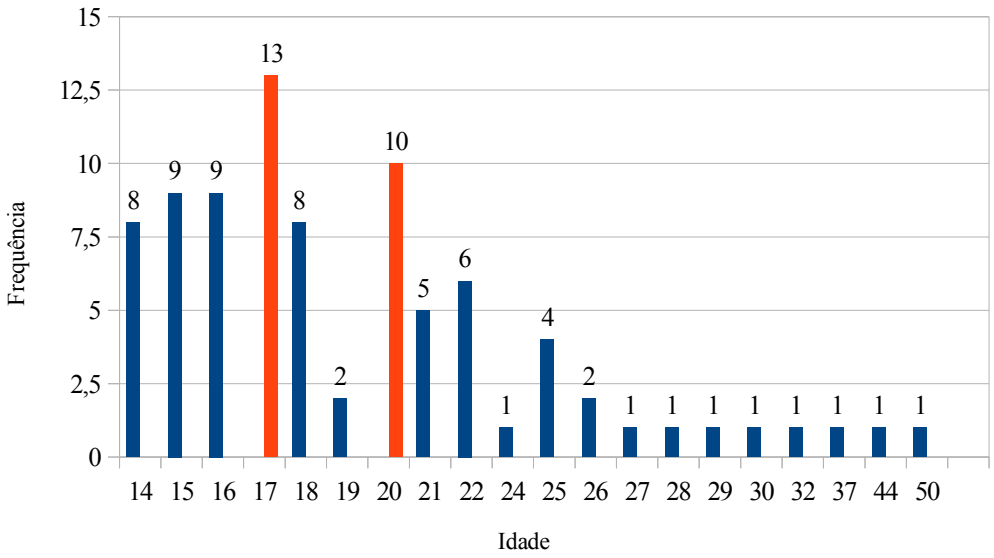
---

255 Para as questões em que foi solicitada apenas uma resposta e várias foram respondidas, cada uma destas várias respostas foi transformada em uma nova opção de resposta, proporcionando que pudessem ser analisadas, ao invés de descartadas por não se adequarem ao enunciado proposto.

256 A realização das codificações deste material e o cruzamento de variáveis foram em sua maioria realizadas com a utilização do programa SPSS 21.0, da IBM, em sua versão trial. Os gráficos aqui apresentados foram produzidos no LibreOffice 4.3.2.2.

257 Esse agrupamento foi realizado tendo em vista as separações etárias geralmente realizadas em campeonatos realizados para jogadoras mais jovens, isso quando há separações.

Gráfico 3 – Frequência das idades das jogadoras porto-alegrenses



Fonte: Elaboração da autora.

Conforme se pode perceber pelo gráfico, a maioria delas são jovens nascidas a partir das décadas de 1990. Ou seja, são nascidas em épocas com mais oportunidades de participação, em que já haviam sido realizadas competições internacionais de mulheres. Por outro lado, a juventude das participantes pode indicar a disponibilidade de tempo (sem ter ainda muitas responsabilidades), ou ainda, pode-se pensar que as mais velhas desistam de praticar futebol devido a lesões, cobranças de tempo em relacionamentos amorosos, maternidade ou investimentos em uma carreira profissional que lhes provenha sustento.

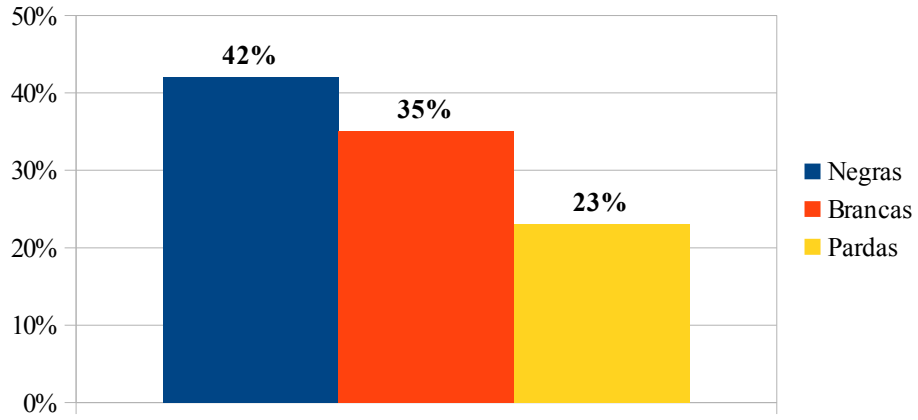
Dentre as respondentes, 41,18% residiam em Porto Alegre há 16 anos ou mais e 14,12% eram de outras cidades próximas. Nos campeonatos da capital, podia-se perceber também a presença de equipes da Região Metropolitana de Porto Alegre, sugerindo o deslocamento dessas equipes à capital em busca de competições. Por não terem competições em suas cidades ou por considerarem insuficientes às suas necessidades, optavam em viajar para a capital inclusive devido aos baixos custos de deslocamento.

Um dos dados que chamam a atenção diz respeito à questão étnica/racial. Em relação ao censo brasileiro, a percentagem de não brancas no *futebol de mulheres* porto-alegrense é muito alta, totalizando 65,06%. Conforme o Censo 2010 do IBGE, dos quase 191 milhões de

brasileiros, 47,7% (91 milhões) declararam ser da raça branca, 14,5 milhões se autodeclararam ser pretos, 82 milhões pardos, 2 milhões amarelos e 818 mil indígenas. Em Porto Alegre, dos 1,41 milhão de habitantes calculados pelo Censo 2010 IBGE, 1,12 milhão se declararam brancos (79,3%), 143,9 mil pretos (10,2%), 141,4 mil pardos (10%), 4,1 mil amarelos (0,3%) e 3,3 mil indígenas (0,2%). Como se pode perceber, mesmo quando reunida, a percentagem dos não brancos é minoria em Porto Alegre (20,7%).

Conforme o gráfico a seguir, pode-se perceber que a maioria das jogadoras que responderam à enquete se autodeclararam negras, constituindo 42% do total[258]. Ou seja, comparativamente, poder-se-ia dizer que a percentagem de jogadoras negras no *futebol de mulheres* seria cerca de 4 vezes maior do que na cidade de Porto Alegre. E ao serem reunidas as não brancas, se chegaria a 65%, pouco mais que o triplo da percentagem citadina.

Gráfico 4 – Divisão das jogadoras por etnias autodeclaradas



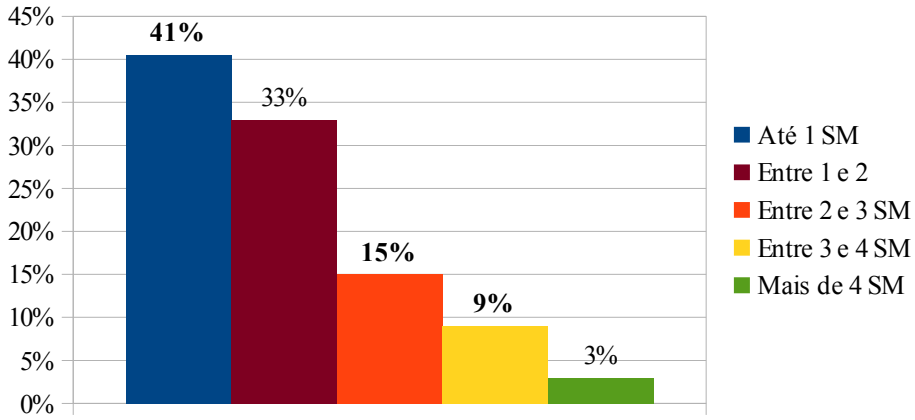
Fonte: Elaboração da autora.

No grupo de jogadoras, em relação à renda familiar de todas as pessoas da casa em 2013, 40,51% afirmaram que recebiam até 1 salário-mínimo (R$678); 32,91% ganhavam entre 1 e dois salários-mínimos (R$679 a 1.358); 15,19% ganham entre 2 e 3 salários-mínimos (de R$1.359 a 2.034); 8,8% ganham de 3 a 4 salários-mínimos (de R$2.035 a R$3.390) e apenas 2,52% ganham mais que 4 salários-mínimos. Percebe-se, portanto, que grande parte delas provém de famílias com baixo poder aquisitivo.

258 Apenas duas jogadoras não responderam à pergunta sobre a etnia.

Sintetizando o perfil das jogadoras porto-alegrenses em termos de renda familiar, pode-se afirmar que, para 73% delas, a renda variava entre 1 e 2 salários-mínimos, sendo que 51% delas contribuíam nessa renda.

Gráfico 5 - Distribuição da renda familiar das jogadoras, em 2013



Fonte: Elaboração da autora.

Na pergunta "Incluindo todas as pessoas que colaboram financeiramente com você, a sua renda mensal é:", 6 jogadoras não responderam: uma estudante de 20 anos, uma estudante de 17 anos, uma garota de 18 anos, uma garota de 15 e uma jovem de 20 anos, que identificou sua ocupação como "do lar" e escreveu ao lado da pergunta "ganho pensão".

A percentagem de jogadoras que não trabalhava chegava a 46,34%. Em relação às ocupações e profissões, grande parte delas eram estudantes (34,33%) e trabalhadoras (50,75%). Apenas 4,48% estavam desempregadas. Entre as que não trabalhavam, 22,73% eram estudantes. Do total de questionários, 12 destas respostas foram deixadas em branco.

Dentre as profissões descritas na pergunta aberta, a maioria das respostas se referira a profissões pouco especializadas: comerciante, manicure, cuidadora de idosos, agente educacional, limpeza, trabalhadora, telemarketing, orçamentista, recuperadora de crédito, auxiliar administrativo, auxiliar financeiro, atleta esportiva (hípica, futebol, remadora), caixa, vendedora, atendente, auxiliar de estoque, auxiliar de marceneira, monitora e garagista[259].

259 Pisani (2014) realiza uma pesquisa de doutoramento sobre as futebolistas da periferia de São Paulo. O perfil das jovens paulistanas é de 14 e 25 anos, sendo a maioria delas negras, provenientes das camadas populares e sem o Ensino Superior. A profissão predominante entre elas é de atendente de telemarketing.

Cerca de 78% das jogadoras negras possuíam rendas de até 2 salários-mínimos (R$ 1.358), considerando todas as pessoas que contribuíam com renda familiar. Dentre as negras, cinco jogadoras tinham rendas entre 2 e 3 salários-mínimos e duas entre 3 e 5 salários-mínimos.

Dentre as jogadoras brancas, para 68%, a renda familiar também se concentrava em torno de 1 e 2 salários-mínimos. Entretanto, neste grupo, quatro delas tinham rendas familiares de 2 a 3 salários-mínimos, quatro de 3 a 5 salários-mínimos e uma tinha renda de 5 a 10 salários-mínimos.

Foram 16 respondentes pardas, representando 23% do total de jogadoras. Neste grupo, mesmo com a incidência de 69% de rendas familiares até 2 salários-mínimos, pode-se perceber que três recebiam de 2 a 3 salários-mínimos e uma de 3 a 5 salários-mínimos. Houve ainda uma renda de até 20 salários-mínimos, que era recebida por uma atleta de hipismo, a maior e mais discrepante dentre todas as rendas apresentadas na pesquisa.

Conforme se pôde observar pelos dados aqui apresentados, as futebolistas porto-alegrenses são em sua maioria jovens, cuja incidência de idade era maior entre 14 e 22 anos (57%), havendo prevalência das não brancas (65%), de famílias com renda até 2 salários-mínimos e que conseguiram no máximo concluir seus estudos até o Ensino Médio[260].

Ao tentar tecer algumas hipóteses sobre os dados apresentados, pode-se pensar que: 1) mais do que um recorte étnico, talvez estes dados incorporem um recorte de classe em que um perfil de público menos capitalizado do ponto de vista econômico, político e social teria mais dificuldade de formar lideranças com trânsito nas grandes mídias de comunicação, Estado e agências esportivas; e 2) classe, etnia e escolaridade mostram um perfil do *futebol de mulheres*, no qual entre as classes médias e altas brancas este esporte pode ser considerado mais estigmatizado.

Dessa forma, devido aos baixos recursos e capital social (BOURDIEU, 2007), pode-se pensar que talvez a rede de influência dessas jogadoras seja restrita e tenda a gerar

260 Em termos comparativos, pode-se dizer que o perfil da jogadora de futebol não mudou muito. Ao comparar as jogadoras porto-alegrenses na atualidade, os dados se assemelham aos das jogadoras cariocas do início da década de 1980. "No Radar, geralmente elas vêm dos segmentos mais pobres da sociedade e da classe média baixa, têm entre 15 e 28 anos, jogam porque gostam, mas sonham com a profissionalização. Uma titular ganha 60.000 cruzeiros por mês, treina 3 horas diárias, de segunda a sexta-feira, e joga no fim de semana" (ECHEVERRIA, 1984, p. 25). O valor de 60 mil cruzeiros, recebido pelas jogadoras em 1984, com os valores atualizados, corresponderia a quase um salário-mínimo atual.

dependência a políticas públicas e a pessoas (geralmente homens) que ocupam cargos de poder em entidades esportivas. Esses fatores, associados à pouca escolaridade formal desse grupo, podem ser considerados como alguns dos fatores que também impedem o atendimento de suas reivindicações, amplificando o uso do "discurso das ausências".

6.3 DIFERENÇAS DE APOIO FAMILIAR: DESIGUALDADES NO ESPORTE

Não há como ceder a ingenuidades. O universo esportivo é um espaço de disputas, travadas não apenas dentro das quadras, mas também fora delas por oportunidades, ascensão, melhores condições de vida e prestígio. Para se dar bem no futebol, não é necessário adquirir apenas o capital futebolístico. As disputas existentes envolvem mulheres de diferentes classes sociais, etnias, escolaridades, sexualidades e região.

Para entender a realidade vivenciada pelas jogadoras porto-alegrenses, pode-se destacar questões referentes a desigualdades sociais e étnicas; dificuldades na constituição de um mercado profissional brasileiro de atletas; pluralidade de trajetórias e oportunidades de ascensão futebolística; o complexo gerenciamento de masculinidade e feminilidades e; preconceitos sociais sofrido pelas praticantes. Diversos fatores complexificam a produção da identidade destas esportistas.

Em Porto Alegre, as equipes de escolinhas são as que gozam de melhor condição econômica e prestígio para arregimentar jogadoras talentosas de equipes de bairro ou junções. Nas equipes de escolinhas são perceptíveis as disparidades em relação à origem social e condições financeiras das participantes. Essa distinção também foi trazida à tona por dirigentes e técnicos durante nossas conversas.

Tatiele Silveira, 30 anos, branca, treinadora de futebol, conhece o mundo futebolístico de mulheres porto-alegrenses há muitos anos. Quando Tatiele tinha 11 anos, a mãe interveio em seu favor e conversou com o professor Renato Cogo, de uma escolinha em São Leopoldo, pedindo que aceitasse em seu grupo a filha, que adorava jogar futebol e que jogava na rua por falta de outro local. Em 1994, Tatiele foi aceita na escolinha e passou a jogar com meninos.

A cada amistoso com outras equipes, sua participação precisava ser negociada: "Não dá pra jogar, não. Guria não pode jogar", diziam outros técnicos. Inclusive em jogos

recreativos, havia resistências. Aos 14 anos, foi jogar na escolinha do Camisa 10, em Ipanema, participando de competições com outras garotas. Em 1997, ela iniciou a jogar na escolinha da Duda[261] e por lá ficou durante 8 anos.

Em 2007, participou de sua última competição de futebol de campo, tendo em seu currículo esportivo competições regionais, estaduais e a Copa do Brasil. Com o futebol conheceu vários estados do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Goiás, Paraná e Santa Catarina. Formada em Educação Física, em 2009 abriu sua própria escolinha de "futebol feminino", conveniada ao Grêmio. Essa escolinha se tornou rival da escolinha "do Inter", onde ela teve sua formação futebolística. Tatiele nunca jogou em equipes de outros estados e, após ter largado o futebol de campo, jogou futsal até 2010, dedicando-se atualmente apenas à sua atuação profissional como treinadora e administradora da escolinha.

Durante o tempo em que estava na faculdade, Tatiele teve dificuldades para conciliar os treinamentos com estágios. Provinda de uma família com boas condições financeiras, pôde diminuir o tempo dos deslocamentos com o carro que a família havia lhe presenteado. A gasolina, entretanto, precisava ser paga com o dinheiro que recebia no estágio. Para Tatiele, existem diferenças entre as jogadoras dos diferentes grupos porto-alegrenses.

> Num grupo mais organizado, as meninas são mais tranquilas, têm o material adequado. Grupos mais comunitários, mais carentes, é aquela coisa mais desorganizada, não tem hora pra chegar, chega uma numa hora e outra noutra... e isso acaba atrapalhando no decorrer daquela organização, do jogo. Ou às vezes não tem nem o material adequado: o tênis, a caneleira, o meião. E a gente vê que são pessoas que brigam muito, tem muita vontade e querem aprender, só que financeiramente não são capazes. Nos grandes grupos tu já vê uma organização melhor e isso não acontece.

As diferenças sociais no futebol são evidentes, assim como as diferenças de apoios *familiares* recebidos, os quais influenciam nas trajetórias das jogadoras. Gisely Cunha, conhecida como Paraguaia[262], 31 anos, branca, começou a jogar aos 13 e, durante sua

261 Eduarda Luizelli, conhecida como Duda, é uma ex-jogadora que abriu uma rede de escolas de formação futebolística para garotas em 1997, um ano após a estreia da seleção de mulheres brasileira nos Jogos Olímpicos de Atlanta. Sua passagem pelo futebol italiano e pela seleção brasileira lhe deram visibilidade.

262 Gisely recebeu o apelido de uma colega de equipe, quando jogava no Grêmio. Ela diz que talvez tenha sido pelo cabelo ou pelo porte físico que tinha, mas diz que não gostava do apelido e por isso não se importava com o porquê dele. Entretanto, diversas pessoas passaram a usá-lo e ela ficou conhecida no *futebol de mulheres* com este apelido. Há uns 15 anos, apaixonada por motos, Gisely inclusive adesivou a sua moto com o apelido. O futebol é tão significativo em sua vida, que, nas redes sociais, ao invés do nome de batismo, ela se autodenomina como Paraguaia Cunha.

trajetória, disse ter feito muitas amizades e participado de muitas competições. Apesar de ter uma rede de contatos vasta, Paraguaia nunca participou de uma competição em nível nacional ou teve a possibilidade de iniciar uma carreira profissional na região Sudeste.

Paraguaia não se considera uma jogadora habilidosa, com muita técnica ou tática, mas ao considerar sua trajetória esportiva, acredita que possa afirmar, dentre suas qualidades, que sempre teve muita "raça"[263]. Devido às suas características mais fortes em campo, adaptou-se muito bem ao meio-campo e à posição de zagueira, recebendo convites para jogar por diversas equipes regionais e até mesmo jogar competições de futsal no interior do estado. Devido à alta carga de esforços, sofreu muito com lesões, como um microderrame no tornozelo. Nunca recebeu incentivo da *família de origem* para jogar, mas diz ter insistido "por birra", para mostrar que podia. Sua trajetória esportiva é resultado de um projeto exclusivamente pessoal, que não lhe permitiu extrapolar as competições locais e regionais.

Às vésperas de participar de uma competição nacional, em 2000, Paraguaia sofreu um acidente de carro e teve que levar 12 pontos na cabeça, adiando seu sonho. Em outra oportunidade, mesmo estando fisicamente saudável, ela ocupava a mesma posição que a filha do treinador da equipe em que jogava, e não constou no rol de jogadoras convidadas para a viagem, conforme ela explica:

> Ela foi e eu fiquei. Óbvio que ele não ia deixar a filha dele de fora de uma viagem. Acho que foi na Bahia. Se eu não me engano, era na Bahia. É que quando a gente não está feliz, a gente esquece, né. A gente elimina do pensamento. Então eu fiquei mais por aqui mesmo. Então, seguidamente, por não ter apoio dos pais, eu nunca pensei em me profissionalizar, em ganhar dinheiro. Eu sempre joguei porque eu gostava de jogar. Sempre gostei.

O sonho de Paraguaia era jogar um Campeonato Brasileiro ou ter uma oportunidade no exterior. Durante um tempo, chegou a se afastar do futebol, mas logo depois retornou, devido à abundância de convites feitos por amigas. Quando falava que poderia tentar ascender, sua mãe sempre a desincentivava e dizia "Isso nunca vai acontecer". Paraguaia gostava das festas, "do fervo", como ela diz. Quando jovem, disse que não tinha a postura, a maturidade ou a ambição necessárias para ascender. Assim como tantas outras jogadoras me disseram, "desgostou" do futebol, mas continuou jogando por persistência:

263 Ter "raça" ou ser uma jogadora "raçuda" se refere à determinação e ao espírito de luta apresentados.

> É que tu vai desgostando, sabe. Tu participa de campeonatos, tu tá sempre tentando melhorar e nada acontece. Nada acontece e nada evolui. Fica sempre naquele, naquele meio ali. Não vai pra frente, tu não vai (...). Eu perdi uma oportunidade de trabalhar em uma empresa grande porque eu tinha 16 anos e tava amando jogar futebol. Eu tava amando viajar pras cidades do interior e eu teria que trabalhar num sábado. Óbvio que hoje me arrependo. De repente poderia ter evoluído na empresa.

Embora Paraguaia seja branca, assim como Tatiele, as condições financeiras eram menores e a falta de apoio da *família de origem* também foram fatores importantes em sua trajetória, tendo ela própria feito os investimentos para a prática. Diferente da trajetória de Paraguaia, pode-se perceber que o futebol é um projeto coletivo para a família de Éricka, que realizou constantes investimentos para a manutenção dela no futebol. O apoio familiar, entretanto, foi conquistado com insistência. Sandra, mãe de Éricka, contou que o médico da família havia recomendado a prática de atividades físicas à filha. Sandra tinha outros sonhos em mente e primeiramente a colocou num curso de modelo e manequim. "O sonho de toda mãe, né?", me disse sorrindo. Éricka ficou dos 12 aos 14 no curso, a pedido da mãe. No aniversário de 15 anos, ao decidir entre a festa de debutante ou outro presente, sem titubear, a garota pediu: "Quero que me inscrevam na escolinha de futebol".

Éricka é negra, tem 29 anos e começou a jogar futebol na escolinha do Grêmio aos 15 anos[264]. O valor da mensalidade da escola futebolística, entretanto, não agradava a mãe e, um ano após, trocou para a equipe rival, o Internacional. "Nós não somos pessoas de posses, como muitas que estão aqui... A gente faz todo um esforço para manter a Éricka no futebol: é artigo esportivo, medicamento, passagem, alimentação. Mas é o que ela gosta, né, então a gente faz o que pode", me disse a mãe.

Em grande parte devido aos incentivos do pai, Éricka começou a gostar do futebol. O incentivo tanto do pai como da mãe lhe permitiram persistir no futebol e ter sido convocada para a seleção brasileira sub-20, jogando ao lado de jogadoras que agora são ídolos nacionais, como Marta e Cristiane. Mesmo sem estar sempre presente, a mãe de Éricka se orgulha da filha e aparece para torcer nos jogos mais importantes. Éricka explica a participação de seus progenitores no gosto pelo futebol:

---

264 Éricka jogava na rua com os "guris" e estudava no colégio Paulo da Gama. A equipe de "futebol feminino" adultas do Grêmio treinava naquela época no campo do BOE, que era bem em frente. Ela observava os treinamentos da equipe, e como gremista, sonhava estar naquele grupo como jogadora. Logo após ela entrar na escolinha, em 2000, ela lembra que a equipe adulta fechou.

> Minha mãe trabalhava durante o dia e meu pai à noite. Então automaticamente eu via futebol direto. Então eu aprendi, assim, desde que eu me lembre, desde os 3 anos eu assistia futebol. Então a gente aprende a gostar. Meu pai disse que me ensinou a jogar bola. Mas eu assistia com ele. Então eu aprendia. Tive aquele gosto por futebol. E antigamente o futebol era mais bonito do que agora. Tu via jogadores melhores, com melhor qualidade. Tu via grandes jogos. Hoje em dia tu vê uns caras correndo atrás da bola. Então mais é o meu velho lá [quem me incentivou].

O pai de Éricka, após ter visto a atuação da filha em um torneio colegial, sempre foi seu maior incentivador, presente em todas as suas partidas. Desde pequena, ela tinha o pai correndo de um lado ao outro da grade que circundava os campos e quadras, gritando e a torcendo. Rubem é corpulento, um porte bom para sua profissão e para impor medo na arbitragem. Segurança de uma instituição privada de ensino, cursa uma faculdade de Direito e disse que havia pensado em buscar pelos direitos trabalhistas da filha, mas voltou atrás ao perceber as dificuldades no reconhecimento das mulheres como profissionais no futebol.

6.4 AS "PANELINHAS": DISPUTAS DE PRIVILÉGIOS ENTRE AGENTES

Ainda sem um modelo definido, o *futebol de mulheres* possui um mercado limitado e de visibilidade mediada por pessoas que organizam as equipes. Neste futebol, entretanto, de maneira semelhante ao futebol espetacular de homens, há equipes de elite nas quais as indicações de oportunidades são realizadas sem considerar a habilidade da jogadora, mas sim afinidades ou parentesco, amplificando os efeitos da chamada "panela".

O termo "panela" ou "panelinha", assim como nas "panelinhas informais interligadas" de músicos estudadas por Becker (2008, p. 113), pode ser usado para quando um grupo é muito "fechado". No futebol, serve para se referir a grupos esportivos que não recepcionam bem as novas integrantes ou aquelas que não se enquadrem nas afinidades grupais. As *panelinhas* não são exclusividade de um ou outro modelo de equipe esportiva. A competição por posições de titularidade pode ser tão acirrada que grupos de jogadoras titulares ou seniores tendam a desqualificar o potencial de jogadoras novatas ou desincentivar suas participações, tornando-lhes mais difícil a adaptação.

A *panelinha* institui privilégios no tempo de jogo ou no tratamento de algumas jogadoras, diminuindo ou impossibilitando a oportunidade de titularidade ou pertencimento

grupal[265] para as excluídas. Na escolha de jogadoras, alguns técnicos preferem valorizar aquelas com as quais possuem mais afinidades ou que possam proporcionar outros ganhos à equipe (como em termos de desempenho atlético ou visibilidade).

Para o preparador físico Amadeu, as relações afetivas estabelecidas no futebol são muito fortes e são elas que proporcionam oportunidades, como bolsas de estudo e mudanças profissionais. "Tu pode perceber quando um cara se muda de time e chama os 'bruxos' (jogadores da confiança) dele para ir junto. Aqui no feminino também, a gente não faz um time 'do zero', sempre tem uma base daquelas que tu mais te relacionas". Para Amadeu, os afetos se tornam tão intensos que é como se a pessoa fosse da *família*, e "se mexer com ele, está mexendo contigo", me disse.

Uma jogadora veterana porto-alegrense tentou me explicar o que seriam essas "panelas", e me definiu como sendo vínculos de interesses afetivos que impossibilitam a ascensão de jogadoras habilidosas que não tenham estabelecido vínculos com pessoas em destaque no universo futebolístico. As amizades com outras jogadoras, técnicos ou dirigentes podem proporcionar essa ascensão, disse-me a jogadora de equipe porto-alegrense:

> Ah, é a amiga de fulana que é amiga de cicrana, que é essa e é aquela, que é aquela outra, que é isso, que é aquilo. Porque "a gente joga junto", porque o treinador é meu amigo... porque não-sei-o-que, porque eu conheço o dirigente (…). Tem muita gente que deixou de jogar futebol porque se enojou.

A falta de receptividade e de abertura de uma equipe é um dos fatores de desistências e troca de uma equipe para outra. São as jogadoras veteranas que permitem às novatas aprender as lógicas do jogo, como jogá-lo e as formas de interação. Partilham os mesmos problemas de equipe, os mesmos "inimigos" em quadra, mas nem sempre a mesma posição social. A prática futebolística de mulheres porto-alegrenses é fluida e proporciona o trânsito por diversos grupos, produzindo oportunidades profissionais variadas, que podem ser maiores ou menores, conforme os lugares, pessoas, patrocinadores e visibilidades.

As *panelinhas*, mesmo sendo privilegiadas, ora ou outra são criticadas por pessoas que, por não encontrarem outras formas de expressão, publicizam suas frustrações nas redes

265 Ser titular é pertencer ao grupo de jogadoras escolhidas para atuar na partida. Ao entrar no jogo, a atleta possui a oportunidade de visibilizar suas habilidades, bem como de participar do resultado de uma forma mais efetiva do que apenas no banco de reservas.

sociais, visando a um público maior. O treinador de uma escolinha, na época do Mundial Feminino Sub-17 de 2012, fez uma crítica em relação ao resultado de uma das partidas[266]:

> Transmissão da BAND do Mundial Feminino Sub 17, Japão5x0 BRASIL, comentário certíssimo do [comentarista de televisão] Denilson: 'falta de apoio nada tem a ver com a falta de técnica e tática da equipe brasileira... Será que estas que lá estão são realmente as MELHORES jogadoras brasileiras da atualidade????
>
> **Joana:** Sem comentários....
> **Carla:** não entendi o comentário, se possível pode me explicar ao invés de apoiar o nosso país, tem gente que faz somente o contrário, por isso o futebol no Sul n vai para frente
> **Priscila:** + merecimento – panelinha

Carla já havia sido convocada para a seleção brasileira e, portanto, não concordava com a crítica em relação às escalações. Ela sabia que a crítica envolvia também jogos de poder entre as escolinhas, de visibilidade e possibilidade de ganhos futuros. Ao ter uma atleta convocada para a seleção, a equipe é investida de uma alta carga de prestígio e amplia a sensação de que outras jogadoras que integrem este grupo poderão ter "mais futuro". A convocação para a seleção brasileira, assim como no futebol de homens, é considerada uma das mais renomadas formas de reconhecimento entre as jogadoras.

Com a *panelinha*, as oportunidades são ainda mais limitadas e as possibilidades de ascensão geralmente são menores para quem está fora dela. Fazer parte de uma *panelinha* é também defendê-la como forma de defesa da continuidade de uma posição privilegiada. Embora nem sempre as pertencentes a esses grupos apresentem as melhores performances, outros fatores sustentam suas permanências, conforme me disse uma jogadora veterana:

> Tem que aparecer na seleção. Até estava conversando isso com uma das antigas lá. Hoje em dia pra tu entrares na seleção nacional tu tens que entrar pra *panela*, não é tão fácil. É uma *grande panela*. Tu podes ver, tem aquela, a Zefina[267]. Não tem mais condições de jogar. Tá lá porque *é da panela*. E muitas jogadoras não têm mais condições de estar ali, mas estão ali porque *são da panela*.

Participar da seleção brasileira é uma distinção, mas também pode gerar fofocas e discursos maliciosos sobre a escolha de jogadoras. No retorno de uma das viagens que fizemos a Alvorada, algumas jogadoras estavam falando sobre uma jogadora da equipe que

266 Os nomes dos agentes sociais foram trocados neste trecho, na tentativa de visibilizar mais as ações discursivas do que os agentes.
267 Nome trocado por um fictício.

havia sido convocada para a seleção sub-17. Disseram que ela era “mascarada”, que não jogaria mais com a equipe se não recebesse alguma contraprestação financeira, pois já havia conseguido a projeção de que precisava.

Os usos da expressão “mascarada”, entretanto, podem ser diferentes. Além de se referir à questão financeira, também pode indicar alguém que se exclui de um grupo, por se achar superior. Quando a jogadora Éricka estava no ônibus, em uma das viagens, foi chamada de mascarada pela mãe de uma das colegas, pois ela havia trocado o convívio com as garotas “do fundão” do ônibus pela parte da frente, junto às jogadoras mais experientes e à comissão técnica. Neste caso, o uso da expressão “mascarada” criticava seu afastamento do grupo “do fundão” e seu desejo em fazer parte de outro grupo, considerado com mais destaque. A expressão, entretanto, nesse contexto, foi utilizada como zombaria, para diminuir seu potencial agressivo, conforme me explicou Éricka:

> 'Mascarada' é assim ó, que a gente brinca. Que joga muito e não quer se juntar com os outros, sabe. Que joga direitinho. 'Ah, ela tá mascarada'. Só porque tá com uma... vamos dizer assim, um carro, alguma coisa 'Já tá te mascarando, tá ganhando, tá ganhando, e agora tá ficando mascarada e não te junta mais com os outros'. Mas isso aí foi a tia... a mãe da Juliana, que falou pra mim. Que aquele dia eu tava sentada lá na frente.

As *panelinhas*, assim como podem ser confortáveis para quem as integra, podem também ser a origem de fofocas. Conforme Velho (2013), os atores sociais mobilizam recursos materiais e simbólicos com o intuito de realizar seus projetos. O acesso e manipulação desses recursos são importantes, na medida em que conferem limites ao poder.

6.5 A TORCIDA TAMBÉM JOGA: O PÚBLICO NA CAPITAL E INTERIOR

O pertencimento clubístico[268] - que geralmente é expresso com a compra ou confecção de bens que expressem a ligação com os clubes do futebol de homens - influencia no processo de profissionalização, pois mantém o interesse pela modalidade. Entretanto, no *futebol de mulheres* porto-alegrense, o capital afetivo ainda não é convertido em capital monetário[269].

---

268 Pertencimento clubístico é um neologismo criado por Damo (2007, p. 52) e “ela especifica, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela freqüência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional”.

269 “Sem descartar a importância da beleza do jogo, cremos que o sucesso do futebol está associado, em boa medida, à capacidade que as disputas têm de representar adequadamente certas tensões que são

A noção de pertencimento clubístico provavelmente não seja a que melhor defina a expressão de sentimentos existente neste futebol, tendo em vista que poucas equipes possuem "tradição", no sentido de clubes antigos cuja existência é documentada e mantida com a transmissão de valores entre gerações de torcedores. No *futebol de mulheres*, os torcedores podem migrar constantemente entre equipes, conforme a alteração dos projetos e parcerias das equipes. A fidelidade eterna, exigida do torcedor do futebol de homens de Grêmio ou Inter, por exemplo, não é exigida no *futebol de mulheres*.

Neste universo social, cabe lembrar, o dinheiro não está como medida de todas as coisas. A relação entre jogadoras e clubes é envolvida por uma comunidade de afetos (BITENCOURT, 2009) que pode ser também "valorizada" por equivalências de ordem monetária. Não há ainda no Brasil um mercado de negociações ou pagamento por empréstimos e transferências de jogadoras. Os ganhos obtidos com a circulação de jogadoras, na sua maioria, refletem em vantagens às jogadoras e não às equipes.

As comunidades de sentimentos são representadas no *futebol de mulheres* temporariamente, sendo renegociadas a cada nova temporada. A identificação temporária, entretanto, não é menos intensa que as percebidas em jogos de homens. Os mundos futebolísticos são articulados mediante diversas negociações, incluindo mudanças nas economias existentes em relação aos jogos.

> A economia das emoções esportivas - ou mesmo futebolísticas - ainda carece de entendimento mais aprofundado, mas está claro que, para realizá-la, é imprescindível que se proceda a uma análise do emaranhado simbólico que dá sentido para os fatos propriamente esportivos - um lance, uma vitória, um gol etc. (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 46).

As jogadoras em campo representam suas equipes e reforçam os vínculos com a torcida. A produção de identidades no âmbito do clubismo é complexa. A troca de nomes e elencos faz variar o público torcedor. Há uma vinculação da participação de torcedores(as) ao interesse em incentivar determinadas jogadoras, geralmente familiares. Ele é um pertencimento diferente do existente no futebol de homens, que considera a tradição da equipe mais perene que os jogadores que transitam no mercado de "pés de obra"[270].

---

experimentadas no espectro mais amplo da sociedade" (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 43-44).

270 "Pés de obra" é um trocadilho utilizado por Damo (2007) para se referir aos jogadores de futebol, ao invés do uso da expressão mão de obra, atribuída a trabalhadores braçais das indústrias.

O engajamento emocional da torcida se dá em relação ao vínculo com a jogadora e ao grupo em que ela está atuando, e não ao clube como uma entidade perene. Essa relação personificada faz com que a adesão se estenda por períodos de tempo diferentes, mesmo que com forte intensidade. Esses torcedores que em muitos momentos apresentam comportamentos fanáticos ou em "estado de transe" demonstram que esses jogos são realmente envolventes[271] e importantes para eles, e por isso, em alguns momentos, empreendem investimentos emocionais excessivos. Não são todos os torcedores que apresentam o pertencimento, entretanto, não se pode dizer que, mesmo que fluido, ele inexista.

Diferentemente do futebol de espetáculo, no *futebol de mulheres* porto-alegrense há uma relação próxima e íntima entre torcedores e jogadoras, podendo ser considerada bastante familiar. O público frequentador destes espaços é (re)conhecido pelas artistas produtoras destes jogos não como consumidor, mas como parceiro. Esse público não recebe a oferta de camisetas, pôsteres, bonés ou outros produtos licenciados[272]. O apoio recebido é fundamental, mas destes apoiadores não são cobradas mensalidades de sócio-torcedor. Os torcedores e torcedoras podem acessar os jogos quando quiserem, sem lhes ser exigido nenhuma carteirinha de associação ou pagamento de valor que permita o acesso.

Parentes geralmente também participam das viagens para outras cidades, acompanhando as jogadoras e ajudando a diminuir os custos do deslocamento. Cada viajante geralmente paga uma quantia para contribuir com os gastos. Em um dos jogos fora de casa, após mais de 7 horas de viagem, o jogo da final do campeonato foi cancelado devido à forte chuva que caía em Erechim. Assim que souberam que o jogo seria cancelado, a dirigente, o técnico e outros pais foram se reunir com o presidente da Associação e a arbitragem para alertar que havia condições de jogo e que outra viagem implicaria muitos custos à equipe.

---

271 O futebol, assim como a rinha de galos analisada por Geertz (1989), exige um processo de aprendizagem, de dedicação, de observação e preparação para o jogo. Esse aprendizado envolve dietas, cuidados com o bem-estar do corpo e estética. Nos embates é necessário também mediar o uso da violência e da força. Conforme se percebe nos relatos dessa seção, os jogos mais "absorventes" reúnem um conjunto de significados simbólicos nos quais estão em jogo a honra, o reconhecimento e a emoção.

272 Enquanto no futebol de homens existe um mercado que está baseado na venda de produtos, ingressos e jogadores, no *futebol de mulheres* ainda não foram encontradas formas que gerem rendas semelhantes. Dessa forma, o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino é disputado com o patrocínio estatal. A Caixa Federal, banco estatal, queria patrocinar também a seleção de mulheres, mas isso conflita com os interesses do banco patrocinador da CBF no futebol de homens.

Como não podiam fazer nada além de aguardar os responsáveis conversarem sobre aquela questão, as mulheres se reuniram próximo à saída da cancha de bocha para comentar o que poderia ser feito. A mãe da jogadora Seca disse que deveria ir uma mulher lá segurar os pais, mas outra mãe disse que não deveria, que o presidente da Associação deveria apanhar. Logo depois ela mudou o discurso, embora tomada pelo sentimento de aversão à organização que só os desfavorecia.

Algumas mulheres disseram que era melhor nem irem porque senão iriam "lá meter o dedo na cara dele e falar merda". Outra disse: "Se eu fosse lá, eu daria uma bocha (soco forte), nele". Outra brincou: "É, daria pra resolver na bocha, mesmo", em referência à cancha de bocha onde dormimos na noite anterior. Apesar de não terem ido junto com os homens, as mulheres discutiam qual solução seria a melhor. Enquanto algumas expressavam necessidade de se agir com mais violência, alguns pais foram se intrometer na reunião silenciosamente, curiosos, para saber se poderiam fazer algo.

Conforme relatos, nos jogos pelo Campeonato Gaúcho, as equipes do interior chegam a ter torcidas de até mil pessoas. Entretanto, nas partidas em que observei, o público não chegava sequer a 200 pessoas na torcida. Os jogos são eventos citadinos e há anúncios realizados com carros nas ruas, bem como são feitas chamadas de jogos na televisão. O presidente da AGFF comentou antes de uma partida que os jogos no interior dão mais repercussão e que as pessoas valorizam mais, porque as jogadoras são conhecidas dos moradores. A falta de entretenimento na cidade também incentiva a frequentação desses espaços como uma alternativa de lazer nos finais de semana. Em Porto Alegre, entretanto, as possibilidades de diversão são maiores, concorrendo em atenção. Assim como no futebol de várzea dos homens, o público raramente é significativo em termos quantitativos.

A torcida, embora considerada em número pequeno, é bastante barulhenta. Há mães e pais que utilizam os espaços dos jogos como tempos em que podem extravasar sentimentos. São espaços em que são permitidas atitudes interditas em outros espaços sociais. Alguns deles fazem questão de participar do *futebol de mulheres* não apenas pela proximidade que possuem com as jogadoras, mas também pela falta de rigidez de regras de postura, a ausência de vigilância, de formalidades e a considerável redução de gastos em comparação a um jogo de equipes tradicionais do futebol de homens.

6.6 O USO DE MÍDIAS ALTERNATIVAS E A CIBERMILITÂNCIA

A compreensão dos significados sobre o que é ser jogadora de futebol no Brasil deve considerar não apenas os discursos produzidos *sobre* este grupo na mídia, mas também o que é produzido *por* ele. Em relação ao ramo jornalístico, no Brasil não há profissionais que realizem a cobertura dos jogos de maneira aprofundada, e por isso, o máximo que se vê na mídia *mainstream* são notinhas com os resultados. Raras são as publicações que falam sobre as jogadoras, os treinamentos ou informações mais detalhadas e que demonstrem conhecimentos. O *futebol de mulheres*, portanto, se fortalece com o uso de mídias alternativas para a circulação de informações.

Nos noticiários da mídia rio-grandense, não há uma apresentação sistemática de matérias sobre equipes do *futebol de mulheres*. Prefere-se investir os esforços jornalísticos na permanência de um gosto já instituído, atrelado ao futebol espetacular de homens, ao invés de correr riscos com um novo mercado. O *futebol de mulheres* é avaliado por padrões exógenos e punido por não se enquadrar neles.

As tentativas de transformar o *futebol de mulheres* em um produto na grade televisiva porto-alegrense, entretanto, já aconteceram. Ponciano, há mais de 20 anos no *futebol de mulheres*, relatou que, embora há muito tempo tivesse sido programada a transmissão local de um dos jogos, uma das equipes não compareceu no horário marcado para a partida e a rede televisiva ficou com um furo na grade de programação, sem ter o que apresentar. Disse também que havia um horário do "futebol feminino" na rádio Guaíba, mas que hoje em dia não havia mais divulgação e, portanto, ninguém sabia dos jogos. "Só sabe quem tem alguma amiga que vai jogar e avisa".

As novas mídias digitais, portanto, têm permitido que pessoas que se autodenominam "militantes do futebol feminino" possam ter mais visibilidade e expor seus pontos de vista, suprindo as lacunas das mídias tradicionais. Em sua maioria sem formação jornalística, esses colaboradores utilizam seus tempos livres para divulgar notícias sobre a modalidade ou analisá-la sob outros vieses. Em Porto Alegre, entretanto, a produção de notícias não se pretende tanto crítica, conquanto geralmente se restringe a informar datas e resultados de jogos realizados.

Conforme Goffman (1982), a existência de publicações próprias se apresenta como uma possibilidade para divulgar aquilo que não consta em outros veículos. Além de fornecer às pessoas que não participam uma visão "de dentro" deste grupo, reafirma a identidade grupal perante a opinião pública:

> Frequentemente, as pessoas que têm um estigma particular patrocinam algum tipo de publicação que expressa sentimentos compartilhados, consolidando e estabilizando para o leitor a sensação da existência real de 'seu' grupo e sua vinculação a ele. Nestas publicações a ideologia dos membros é formulada – suas queixas, suas aspirações, sua política (GOFFMAN, 1982, p. 34).

As informações mais especializadas, invisibilizadas na mídia tradicional, são inacessíveis inclusive às pessoas que participam de equipes e possuem extensas redes de sociabilidade. A circulação de jogadoras permite o trânsito de informações entre os diferentes grupos, porém, poucas delas são apresentadas ao público, ficando restritas aos seus integrantes e alguns conhecidos.

A facilidade de confecção de um site na internet ou blog gratuito ampliou a disseminação de publicações voltadas ao *futebol de mulheres*. Críticos e colaboradores dessas mídias digitais investem seus tempos livres para acompanhar as novidades da modalidade e alimentar as fontes de informação sobre o *futebol de mulheres* em âmbito nacional. Nos espaços de opinião, as autocríticas em alguns momentos são duras, demonstrando um descontentamento de pessoas que conhecem o dia a dia da modalidade.

Eduardo Pontes, carioca, branco, 30 anos, se define como ex-atleta, blogueiro e crítico de futebol feminino, com graduação executiva em Gestão esportiva na Trevisan/RJ. De fevereiro de 2012 até janeiro de 2015 ele participou do Grupo de Trabalho da Comissão Geral do Futebol Feminino, do Ministério dos Esportes, no qual ajudou a elaborar estratégias para a modalidade. Edu Pontes tem um blog próprio e também escreve sobre o *futebol de mulheres* no site Voagoleiro.com.br[273]. Em março de 2015, ele se posicionou nas redes sociais sobre melhorias que ele sugere para a modalidade.

273 Dentre as fontes de informação existentes e consultadas nesta seção, pode-se elencar: o blog de Eduardo Pontes, o site Planeta Futebol Feminino, o site Futebol Feminino.Info, o Portal Futebol Feminino.com e o blog Liga Feminina (www.femininodobrasil.com). Em âmbito local, no Rio grande do Sul, pode-se citar o blog a Liga Feminina de Futebol de Porto Alegre (lffcampo.blogspot.com.br); e dois sites que divulgam jogos de homens e de mulheres: A Voz do Amador (http://jornalavozdoamador.blogspot.com.br) e o Bola em Jogo (http://bolaemjogo.com.br). No Facebook também podem ser encontradas informações sobre futsal e "futebol feminino" no RS na página Gurias da Bola.

FUTEBOL FEMININO

Lá vem o tal Eduardo Pontes falar besteira, falar de problemas, etc.
Galera, infelizmente, o futebol feminino brasileiro vive uma realidade dolorosa...
A maioria das pessoas do futebol feminino não estão preocupadas em fazer a modalidade crescer e sim preocupadas com seus egos, em aparecer e dizer que faz muito pela modalidade... raríssimos nomes se salvam.
Falta caráter, falta respeito! Sobram cantadas, sobram aliciadores, sobram mentirosos, sobram desvios de dinheiro, sobra tudo que a modalidade não precisa e tudo que ela mais precisa está em falta!
Todo mundo sabe...
E que Deus abençoe aqueles que ainda fazem parte dessa minúscula parcela de quem se esforça pra fazer a coisa andar de coração, de verdade, sem máscara, sem falsidade.

A crítica proferida por Edu Pontes revela o duro retrato de um futebol que, além de resistir a preconceitos provindos de grupos externos, ainda possui diversos problemas internos a serem solucionados. Colaboradores como Edu Pontes demonstram que o "discurso das ausências" pode ser uma estratégia utilizada para justificar o caminho árduo para o desenvolvimento da modalidade em uma matriz espetacular.

A maioria dos sites e blogs de *futebol de mulheres* atua de maneira independente e sem a obtenção de patrocínios, exigindo muito interesse e uma boa rede de contatos. Por não serem fonte de renda de seus realizadores, podem ser abandonados a qualquer momento, devido à necessidade ou desejo de dedicação a outras atividades. Alguns deles são paralisados temporariamente, enquanto outros preferem se dedicar a outros projetos.

Devido ao grande espaço ocupado pelo futebol de homens nas mídias tradicionais, as jogadoras e alguns organizadores de equipes encontraram nas redes sociais um ambiente gratuito, prático e rápido para expor seus posicionamentos. Por saberem que seus questionamentos contrariam a ordem estabelecida, utilizam o *Facebook*, *Twitter* e outros espaços virtuais para realizar uma cibermilitância que se pretende crítica e autocrítica.

A blogueira especializada em *futebol de mulheres*, Luciane Castro[274], explicita seu descontentamento aos "descasos governamentais", revelando também necessidades de mudança na modalidade. Luciane é paulista, 43 anos, parceira do Museu do Futebol/SP e também participou do Grupo de Trabalho da Comissão Geral do Futebol Feminino.

274 Até setembro de 2012, Luciane Castro escrevia um blog no Lance!Net, chamado *Laço da Chuteira*. Em 22 de fevereiro de 2015 renovou a parceria com o Lance!Net para o blog *Futebol para Meninas*.

Sem papas na língua, Luciane informa as notícias recentes e dá sua opinião sobre o *futebol de mulheres* em todo o Brasil. No trecho abaixo, expõe sua admiração à coragem de uma jogadora de futsal em revelar as mazelas de sua modalidade e exigindo das jogadoras de futebol a mesma atitude:

> Se no futsal alguém tomou coragem e meteu o pé na porta, no futebol de campo a coisa não funciona bem assim. Em off, ouvimos de tudo: assédio sexual, assédio moral, falta de pagamento de salário, condições ridículas de alojamento, tratamento médico inadequado, diferença gritante no pagamento de diárias para as atletas, diferença no tratamento entre o masculino e o feminino, dirigente que diz que pagou competição quando na verdade recebeu dinheiro e não repassou, CBF proibindo atletas de conversar com membros do grupo de trabalho da Michael Jackson (incluindo esta escriba) e tantas e tantas outras histórias de retaliação, descaso e falta de respeito, que só de ter que buscá-las na lembrança, me enojo (CASTRO, 2014, s.p).

O *futebol de mulheres*, seja na crítica de Eduardo Pontes, de Luciane Castro ou de outros comentadores da modalidade, pode ser definido pela frase que me disse o técnico Ronaldo, quando me dava uma carona de Alvorada a Porto Alegre, após um dos jogos pelo Campeonato Gaúcho de Futebol: "O (futebol) feminino é sempre uma interrogação, Cláudia". Naquele domingo de jogo no campo Arecuja, a equipe do Inter havia perdido por muitos gols. "A gente vai ter que sentar e reavaliar o projeto e ver se vale a pena prosseguir no ano que vem", disse ele sem muitas esperanças.

Após ter perdido suas melhores jogadoras devido a lesões durante a temporada e com os salários da comissão técnica atrasados por dois meses (devido à suspensão de pagamentos dos convênios da prefeitura que patrocinava a equipe), o técnico me disse que nunca havia sido tão "pé frio". Numa mistura de argumentos técnicos e uma suposta atribuição à falta de sorte, Ronaldo deixava ao encargo tanto da superstição quanto do amadorismo a justificativa para a derrota.

Naquele jogo semifinal, alguns minutos antes do início da partida, as linhas do campo ainda estava sendo demarcadas com cal, por voluntários da comunidade. Ronaldo já havia treinado algumas jogadoras daquela equipe e sabia exatamente os talentos de que dispunha. Tendo daquela vez um projeto com proposta salarial muito mais interessante, voltou ao *futebol de mulheres* propondo um trabalho novo, diferente dos "sem organização", que ele diz

serem feitos “pelo tio da padaria da esquina”. Ronaldo prometeu ter diversos cuidados na equipe, inclusive comportamentais.

Para Ronaldo, as jogadoras não possuem foco nem base familiar para viver “a vida regrada” que o profissionalismo exige. No carro, enquanto íamos ao jogo, uma das veteranas da equipe resumiu que “As gurias vão pra lá (pra São Paulo) e só querem saber de beijo na boca”. Longe de casa e sem as restrições familiares, algumas jovens preferem explorar territórios que antes lhes eram vetados e começam a frequentar bares e danceterias, sem dedicarem-se estritamente ao futebol.

As exigências feitas às jogadoras nem sempre estão de acordo com suas expectativas. Algumas aceitam obedecer aos controles e normas, enquanto outras pensam que os ganhos financeiros não são tão significativos e nem as possibilidades de ascensão profissional. As mediações entre seus projetos e o apoio das famílias são importantes durante essa adaptação. Embora suas trajetórias não estejam presentes nas mídias tradicionais, começam a ter mais espaço em mídias alternativas, demonstrando que há sim espaço para essas jogadoras, bem como há um público interessado pelas suas realizações.

***

Neste capítulo, apresentei um perfil socioeconômico das jogadoras porto-alegrenses. A partir desse perfil, pode-se perceber que as praticantes são, em sua maioria, jovens não brancas e com pouca escolaridade formal. Esses fatores e outros explicitados no decorrer do capítulo levam a crer que o *futebol de mulheres* se trata de uma arte produzida por um grupo que geralmente não ocupa os meios tradicionais de comunicação. O público “consumidor” do *futebol de mulheres* é parceiro e produtor desta arte, e não um mero expectador. Os jogos são considerados envolventes, entretanto, sem exigir pagamentos para que sejam apreciados. Seu caráter ainda informal permite que pessoas que não se adaptam ao futebol espetacularizado encontrem também um espaço de sociabilidade no qual se sintam confortáveis para interagir.

Os agentes sociais do *futebol de mulheres* demonstram que nem sempre estão em busca de mudanças. Alguns buscam privilégios para si (como nas *panelinhas*), enquanto outros encampam a ideia de uma coletividade. Como *futebol de devir* que é, o *futebol de*

mulheres ainda tenta encontrar diferentes formas de ter mais visibilidade e mais incentivos financeiros, facilitando a ascensão esportiva de futebolistas que queiram se profissionalizar.

Dentre as trajetórias de vida apresentadas ao longo do capítulo, as trajetórias de Tati, Tatiele, Paraguaia e Éricka permitem perceber as intersecções entre cor da pele e renda familiar, demonstrando que o *futebol de mulheres* também lida com desigualdades. Demonstro ainda que os apoios familiares e as diferenças sociais influenciam nas oportunidades e êxitos futebolísticos. As *famílias de origem*, assim como as *famílias esportivas*, são importantes no decorrer da prática futebolística.

O viés coletivo, de realização de projetos conjuntos realizados por períodos indeterminados de tempo, será trazido com mais detalhes no próximo capítulo. A noção de *família* é fundamental para o entendimento das equipes e também das relações que são construídas neste futebol.

7. A PRODUÇÃO DE *FAMÍLIAS ESPORTIVAS*: SOCIALIDADE E RIVALIDADE DENTRO E FORA DOS CAMPOS DE FUTEBOL

Neste capítulo, abordo a produção de familismo no *futebol de mulheres*, tendo em vista duas organizações: as *famílias esportivas* e as *famílias de origem*. Utilizo essas expressões em referência a Spaggiari (2014), propondo uma expansão de entendimento. Considero como parte das *famílias esportivas* os integrantes das equipes e outras pessoas que as auxiliem a continuar praticando o futebol, tenham essas pessoas laços de parentesco ou não. Utilizo a expressão no plural, grafando "famílias", por entender que essa noção pode abarcar uma pluralidade de interpretações, nos diferentes locais e contextos em que seja empregada.

As *famílias de origem* podem ser responsáveis pelo gosto instituído desde a infância em jogos descontraídos ou pelo apoio demonstrado na torcida de jogos. O apoio familiar também é importante no início da prática esportiva. Entretanto, há jogadoras que encontram o apoio em outras famílias. O sentimento de pertencimento nas *famílias esportivas* fortalece o incentivo à continuidade da prática e permite oportunidades de ascensão e reconhecimento de habilidades. As famílias assumem relevante papel no espaço esportivo, criando e mantendo laços de afeto. A intensidade do sentimento não pode ser medida, sequer a relevância dessas famílias na viabilização de carreiras.

Este capítulo é importante na medida em que posiciona o sentido do *futebol de mulheres* não apenas nas perspectivas de profissionalização, ainda muito remotas. Entendo

como matéria privilegiada a questão da socialidade existente na construção de relações no meio esportivo, no encontro de pessoas e nas marcações que ficam registradas não apenas em suas trajetórias, mas até mesmo em seus corpos. Elas brigam, falam palavrão, abraçam e se constituem como um grupo que envolve subjetividades.

O futebol é visto por algumas jogadoras porto-alegrenses como um evento local, onde é criada uma sociedade, com a produção de sentimentos e a reinvenção de suas existências ao assumir personagens que não existem fora dali (tal como a atacante artilheira ou a goleira imbatível). "É ainda, mais do que isso, locus de produção e reprodução simbólica, onde colocam em jogo e negociam, em situações sociais diversas, os valores que orientam sua vida" (GUEDES, 1996, p.3). São espaços onde existe a entrega ao jogo, onde se perde e ganha; espaços onde elas se constituem e dão sentido a uma determinada forma de existir.

A utilização da expressão *famílias de origem* abarca os diferentes arranjos familiares existentes, tais como plurais, adotivas, extensa, monoparental ou consanguíneas. A utilização da expressão *famílias de origem*, pretende, portanto, expandir a noção dos vínculos estabelecidos pelo nascimento, dando a ideia de componentes de um grupo corporativo, de quem se espera apoio.

Nas *famílias esportivas*, a forma de organização social reforça a coletividade por meio da vivência esportiva. No *futebol de mulheres*, as pessoas definem determinados vínculos como familiares, mesmo sem a existência de elementos biológicos. As *famílias esportivas* não estão circunscritas apenas ao ambiente doméstico, mas principalmente ao público, onde socialidades e afetos são estabelecidos entre pessoas de diferentes classes, idades e gêneros.

Os investimentos realizados no futebol, entretanto, não são garantidos do ponto de vista econômico. A reciprocidade com familiares acontece por alegrias, vitórias e oportunidades conseguidas. Os ganhos financeiros não seriam suficientes para comprar uma casa ou fornecer ganhos monetários significativos, entretanto os familiares estão presentes nos jogos e fazem mimos, repartem alimentos, medicamentos ou materiais de jogo com outros membros das *famílias*.

Há *famílias de origem* fundamentais para a continuidade das trajetórias das jogadoras. Em geral, é incomum nos jogos a presença de pessoas que sejam externas ao círculo familiar ou de amizade das jogadoras. São as *famílias* o público-alvo dos jogos, para quem os jogos

são produzidos. Entretanto, as *famílias* são também produtoras destes eventos, prestando auxílio às jogadoras e à equipe, como em momentos em que estão feridas e não há um profissional da área médica para auxiliar.

Nas próximas seções, explico como as *famílias* participam deste universo, seja no cotidiano ou na formação de jogadoras de futebol. Com estruturas diferentes das tradicionais, apresentam um funcionamento próprio. São essas diferentes *famílias* que oferecem cuidados às jogadoras, seja com a alimentação, tratamento médico ou até mesmo com a minimização da violência impingida por torcidas ou jogadoras adversárias. Os *familiares* xingam, "fazem pressão" e também se divertem.

7.1. *FAMÍLIAS ESPORTIVAS*: REDES DINÂMICAS DE PARENTESCO

As *famílias esportivas* são denominações conferidas a grupos de pertencimento envolvendo trocas densas, extensas e frequentes. Envolvem, sobretudo, intimidades. Nos esportes coletivos, a referência ao grupo como família é usual. Portanto, não seria surpresa encontrar isso também no *futebol de mulheres*. Utilizo a expressão *famílias esportivas*, ao invés de *famílias futebolísticas,* por entender que essa é uma noção mais ampla e que pode ser adotada também em outros esportes.

A noção de família nem sempre é considerada a partir de laços consanguíneos, podendo também estar relacionada a interesses, afinidades e laços de solidariedade. Nessas famílias há disputas, bem como trocas materiais e afetivas. Para as jogadoras, o sentimento evocado pelo futebol e pela participação no grupo são muito importantes. Geralmente, as manifestações em relação à ideia de família são evocadas em vésperas ou términos de jogos considerados mais envolventes, embora permeiem toda a participação das jogadoras, principalmente para as que têm o futebol como atividade importante em suas vidas diárias.

A base do argumento aqui considerado pode ser também entendido a partir de Gordon (2014), com a ideia de convivialidade amazônica relacionada à amizade, à liberdade e à ausência de coerção[275]. Ao invés de construir estruturas societárias e de diferenciação social, as populações ameríndias baseiam-se na ética da convivialidade, da convivência cotidiana.

275 Conforme Gordon (2014), na sociabilidade amazônica, somam-se ainda elementos propriamente nativos, como a conexão entre humanos e não-humanos, a partilha e a ênfase no parentesco.

Essas comunidades pequenas e atomizadas não se preocupam tanto com o aspecto institucional da vida social, mas com as tarefas e ações que unem o grupo. No futebol de mulheres, embora se possa perceber a existência de fofocas e rivalidades, elas também servem para reforçar a ideia de família. Se minha análise procede, em algumas situações pode-se empregar o argumento de Gordon (2014), havendo um certo paralelismo entre o modo de convivialidade ameríndia e as *famílias esportivas* no *futebol de mulheres* de Porto Alegre:

> Para dizer de um modo um tanto brusco, o bem viver, no universo xikrin e mebêngôkre, está essencialmente vinculado ao sucesso ou ao fracasso da coletividade em evitar processos de indiferenciação, associados, no pensamento indígena, ao ciúme, às rivalidades, à violência e à morte (GORDON, 2014, p. 105).

Dentre as situações em que o familismo é evocado, relembro uma postagem nas redes sociais realizadas por Carol Sangue, 27 anos, capitã da equipe do Internacional. Conforme seu relato, as conquistas não são as realizadas apenas dentro de campo e os resultados não são apenas aqueles obtidos nos jogos. Os aprendizados do futebol envolvem o respeito ao próximo, a colaboração, a superação de limites, a coragem, a força, a "fé na jogada" e o aprendizado do trabalho em conjunto. O futebol assume um papel fundamental na vida dessas jogadoras, incluindo atividades de muito envolvimento e dedicação de tempo: treinos, jogos e confraternizações. Após a vitória de um campeonato regional, Carol publicou fotos das jogadoras abraçadas, dentro de campo, no círculo de fechamento, com o seguinte texto:

> Futebol: um amor incondicional, uma paixão inexplicável, mistura de sentimentos bons e ruins, causador de dor, sofrimento e felicidade (...) Através do futebol aprendi lições pra vida, multipliquei amizades, obtive *irmãos de coração*, tenho minha família, meu emprego e meu estudo... Conheci amigos que passaram, mas que deixaram suas marcas, que se foram e os que estão aqui até hoje, distantes ou não.. É o causador das minhas alegrias, das conquistas dos meus objetivos, quando entro em campo, esqueço todos os problemas, foco no meu time, nas *minhas companheiras* (os), nos *nossos objetivos*.. (...) Resumindo, futebol pra mim é VIDA, é um amor coletivo, que mesmo com a tristeza da derrota, tu tens a alegria de estar entre amigos, alegria de fazer oq tu ama, oq te faz feliz!!! (...) "Não existe derrota onde ganha-se Família e Amigos..." FUTEBOL, MINHA VIDA *#campeao* *#capitã* *#dalhe* *#vamo*

Nas *famílias esportivas,* existem práticas produtivas, criadoras de vínculos. O uso frequente da categoria "família" sugere, pois, um espaço de trocas intensas, o que não está em desacordo com o que a bibliografia sobre família e parentesco tem enfatizado

contemporaneamente[276]. Ainda pensando sobre o parentesco, Miller (2007) elogia o estudo desenvolvido por Janet Carsten no livro *After Kinship*, que reflete sobre aspectos negligenciados nos estudos desta área, passando a pensar o parentesco como uma arena de flexibilidade, negociação e experiência. De acordo com Miller (2007), o parentesco na atualidade comporta vários modos que vão além do normativo, com uma diversidade estendida de possibilidades, em que pode haver o contato físico ou não, haver sentimento ou não, haver generosidade e consideração ou não, haver ou não haver a participação em rituais conjuntos.

Na atualidade, portanto, o parentesco é algo que pode ser alterado nas questões sociais. Poder-se-ia pensar que a ideia de família está próxima de assumir a forma que seus membros desejarem. A "família" não é mais apenas algo inevitável, imutável, mas uma questão que implica uma releitura das obrigações e responsabilidades recíprocas. "A família, em todas as culturas e também na ocidental, assume uma função socializante, facilitadora da integração do indivíduo na sociedade e, em certo sentido, converte-se numa ponte entre o individual e o colectivo" (GIMENO, 2001, p. 29).

Para Gimeno (2001), o conceito de família não é consensual nem unívoco a todas as épocas e culturas, havendo mudanças nos modelos familiares e também nos papéis e funções esperadas pelos integrantes destas unidades de interação, partilha de vínculos de afeto e de intimidade. As famílias constroem uma identidade que aproxima seus integrantes, com um sentido de pertença que os diferenciam das pessoas que não as integram.

O conceito de família pode, portanto, ser utilizado também para se pensar os agrupamentos formados no futebol. Reformulando o conceito de família, Spaggiari (2014) utiliza a categoria *famílias esportivas* para definir os atores sociais que emergem na constituição dos projetos futebolísticos dos jovens de uma escola comunitária de formação futebolística chamada Grêmio Botafogo de Guaianases, num bairro periférico da zona leste de São Paulo. Esses jovens, visando efetivar suas carreiras como jogadores de futebol, estabelecem relações de solidariedade e comprometimento que vão além de suas famílias de

276 Conforme Ariès (1981), a noção de família tem mudado no decorrer da história. A educação, as moralidades e os castigos corporais são alguns dos fatores que foram alterados. Na Idade Média, por exemplo, a família aristocrática impunha rígidas tradições, em que a educação não era realizada pelos pais. A falta de intimidade física e moral foi superada no século XIX pelo modelo de família burguesa, com a valorização da privacidade e de uma nova intensidade emocional, tornando os laços afetivos significativos. O modelo familiar, assim, foi reduzido a uma unidade social que incluía pais e filhos e excluía amigos ou criados.

origem. As *famílias esportivas* se estruturam em dinâmica processual e situacional de constituição da relação entre agentes sociais e jovens futebolistas. “Nesse sentido, a *família esportiva* é constituída por aqueles que participam do projeto futebolístico e cujo engajamento é reconhecido pelos demais membros” (SPAGGIARI, 2014, p. 395, grifos do autor). Para Spaggiari (2014), na *família esportiva* percebe-se uma profusão de vínculos do sistema futebolístico amador e profissional em constante transformação, no qual se situariam treinadores, olheiros, agentes de futebol e coordenadores de clubes.

Extrapolando a lógica monetária de constituição de um projeto futebolístico profissional, tendo por base as observações etnográficas, proponho também a inclusão das próprias jogadoras nesta família e, por extensão também as suas *famílias de origem,* quando intensamente envolvidas. Alguns destes *parentes esportivos* continuam sendo tratados com a mesma consideração quando trocam de equipes ou até mesmo se afastam do ambiente futebolístico. Considero que as relações que constituem as *famílias esportivas* são orientadas por afetos, proximidades, partilha, interesses econômicos e reciprocidades.

A noção de *família esportiva* se refere ao sentimento de comunidade criado por agentes sociais (parentes, dirigentes, técnicos ou jogadoras) que desenvolvem um grau de identificação e pertencimento, a ponto de estender o conceito de família, considerado importante na sociedade brasileira, para as pessoas que fazem parte de um esporte coletivo.

> Longe de tomar o parentesco da *família esportiva* como dado a partir das nomeações e classificações simbólicas, os projetos familiares futebolísticos geram uma categoria elástica de 'parente' se lida dentro do idioma da *família esportiva*, em que vários termos são ativados em inúmeras situações para exprimir os vínculos entre as pessoas (SPAGGIARI, 2014, p. 395, grifos do autor).

No espaço social do futebol, não se dividem apenas momentos com as famílias de origem. No futebol se dividem anseios, presenciam-se situações inusitadas, acompanha-se a superação de adversidades vividas por pessoas desconhecidas que, devido à proximidade cotidiana, passam a ser consideradas “familiares”.

Embora nem todas as integrantes das *famílias esportivas* se sintam pertencentes ao grupo familiar, este grupo envolve a identificação social, a rede de contatos e socialização na prática futebolística. A amizade, entretanto, não elimina a competição e disputa entre

jogadoras de uma mesma equipe. Como nas famílias em geral, dentro das *famílias esportivas*, pode haver brigas e favoritismos.

As *famílias esportivas* são também um grupo de suporte que se preocupa e acompanha o tratamento de integrantes com problemas de saúde ou lesões. Podem dedicar atenção, visitar suas casas, telefonar ou enviar um recado pelas redes sociais. A ajuda mútua existe, porém depende da força dos laços de solidariedade estabelecidos entre os indivíduos e da importância assumida no projeto de grupo. Há jogadoras que não recebem nenhum desses cuidados, entretanto, a ideia de família tende a aproximá-las.

Dentro da equipe porto-alegrense pesquisada, existia um grupo de garotas que se distinguia das demais, se autodenominando *facção*. A *facção* era um coletivo de garotas que eram consideradas as mais brincalhonas e arruaceiras. Dentre elas, havia uma jogadora veterana que era a líder do grupo. Embora estivesse próximo aos 30 anos, ela vestia-se com camisetas do personagem infantil Bob Esponja e usava pantufas com animais. A *facção* era um coletivo de garotas que se agrupavam com o intuito de se divertirem e irem contra a noção de seriedade, reunindo-se para sociabilizar também em outras atividades fora dos ambientes de jogos. No plano simbólico, poder-se-ia pensar o empréstimo do termo facção (muito usado no Brasil para organizações criminosas) como um indicativo de que tal grupo pretendia subverter a ordem. A subversão, neste caso, ligada à descontração.

As viagens para jogos estaduais, em sua maioria, não envolviam pernoites. Entretanto, para uma viagem a Erechim, a equipe teve que dormir em uma cancha de bocha. Cada jogadora ficou responsável por levar seu próprio colchonete ou colchão de ar. As jogadoras dormiram em uma das canchas, enquanto os pais e a comissão técnica dormiram em uma cancha ao lado. À noite, houve muita chuva, o que impossibilitou que o jogo fosse realizado no dia seguinte.

Durante a concentração na cancha de bocha, as jogadoras se reuniram, brincando em roda, fotografando, cantarolando e conversando. Minutos após, quando todas estavam prontas para que a jogadora Ju tirasse uma foto, ela foi empurrada por Letícia para dentro da cancha de bocha. Ao fazer isso, Letícia foi sumariamente "jurada" pela *facção*[277]. "Te cuida, senão te

277 A *facção* serve como elemento reafirmador de um subgrupo, trazendo à tona a violência urbana vivenciada por elas. Durante uma conversa na mesa com Mariana e a mãe da Jé foi comentado sobre uma gangue de Porto Alegre que atira no rosto de seus desafetos, chamada "Bala na cara". Essa violência é percebida e reproduzida em discursos e ações. As equipes reclamam que há falta de espaços para treinar. Ao indagar um

dou um pega e te afundo o esterno [com um chute]", disse uma das colegas, em tom de brincadeira. Logo mais, ela foi perseguida, cercada e jogada ao chão, sendo, por fim, simulado um espancamento coletivo pela *facção*. Mariana, que era muito amiga de Letícia, ficou brava e disse "As mais velhas, que tinham que dar o exemplo, são as mais infantis".

Fotografia 10 – Cancha de bocha onde a equipe pernoitou

Fonte: Arquivo pessoal da autora. Crédito da fotografia: Tati Bicca (2012).

"Mexer com uma é mexer com todas", era o lema deste coletivo. As mesmas integrantes da *facção* participavam da chamada "gangue da bagunça", que tocava os instrumentos dentro do ônibus: surdo, pandeiro e tamborim. Na equipe do Inter, geralmente ao fundo do ônibus ficava o grupo de garotas mais jovens e "bagunceiras". Elas a todo tempo conversavam, brincavam, falavam em voz alta e gritavam. Enquanto isso, as pessoas com mais idade ficavam nos bancos mais à frente: comissão técnica, pais e jogadoras veteranas. No ônibus, podia-se perceber uma separação não apenas etária, mas também de classes.

---

dos senhores que estava próximo a nós sobre o porquê da Redenção estar à noite sempre vazia, ele me disse: "Tu queres ser assaltada? Se sim, tu vais pra lá à noite". A violência e a insegurança também são fatores que impedem a prática esportiva em ambientes públicos abertos. Os horários nobres são disputados e apenas as equipes com mais prestígio os conseguem.

A líder da *facção* era uma veterana que legitimava o grupo e orientava suas ações dentro dos parâmetros de regras implícitas ou explícitas da equipe. Quando a veterana Carol passou por mim e Ponciano, que estávamos sentados e lendo nos bancos da frente, disse que a frente do ônibus era "outro nível". Ou seja, a leitura, as atividades consideradas intelectuais, eram vistas como algo de elite ou algo distante daquele universo. As novatas ficavam juntas ao fundo, ao contrário das veteranas e da comissão técnica, que ficavam à frente, tratando questões estratégicas.

Para as futebolistas porto-alegrenses, as viagens eram oportunidades de conhecer outras cidades e locais que não fariam parte da rotina diária. As excursões eram também eventos importantes. As viagens eram momentos de seriedade, mas também de diversão, a chamada "bagunça". Algumas jogadoras de equipes comunitárias, disseram que as viagens eram os únicos momentos em que podiam "fazer zoeira" e se divertir com as "gurias do time".

As *famílias esportivas* ensinam um conjunto de valores que dão sentido à vida de futebolista e fortalecem essa identidade. Para algumas jogadoras, o futebol é considerado uma prioridade, envolvendo todas as esferas de sua participação social. A escolha do grupo no qual jogarão futebol é importante, pois se refere ao grupo com o qual compartilharão tempo, afetos e projetos.

O conhecimento das regras que regem essa organização familiar é necessário para o melhor trânsito e interação. As normas dos grupos podem ser explícitas (como não fumar, beber álcool e respeitar as colegas) ou implícitas (como não confrontar o técnico ou não ser curiosa demais sobre a destinação dos recursos financeiros). Entretanto, o consumo de bebida alcoólica, por exemplo, pode ser relativizado. Embora seja considerado ruim antes de jogos, é também um elemento de sociabilidade permitido na celebração de conquistas da equipe. Os grupos dos quais se participa determinam as regras de convivência aceitas, bem como permitem maiores ou menores restrições.

Para tentar descrever um pouco da intensidade dos sentimentos que envolvem o pertencimento a um grupo futebolístico, após uma derrota de sua equipe, a jogadora veterana Carol escreveu nas redes sociais um texto sobre o que significava para ela a sua participação. Conforme o que ela diz, os sentimentos são difíceis de explicar, mas envolvem uma dedicação intensa:

> Quase ninguém entende o que é amar o futebol, ninguém sabe a tamanha felicidade que é executar com sucesso uma jogada nova, e que apesar das dores, do cansaço, a força que vem de dentro nos ajuda a continuar, quase ninguém entende o choro, a mágoa após uma derrota de um time unido. Amigas, companheiras para todas as horas, que *juntas* olham para o mesmo objetivo lá na frente. A mágica, a vibração, quase ninguém entende a vontade de crescer e melhorar a cada treino. É difícil explicar o nervosismo antes de entrar em campo, o friozinho na barriga que só a gente sente, a força do grito que ali nos envolve, o abraço de uma companheira e o conforto que ele nos transmite, quase ninguém entende o olhar de um técnico e a confiança que ele passa. Ninguém entende o que é abrir mão do nosso divertimento, dos passeios perdidos para se dedicar a uma rotina de treinos e viagens, pois querendo ou não, é nossa diversão. Talvez você não entenda, mas esse é o meu amor pelo futebol....(...)

As *famílias esportivas* são redes que dão sentido aos vínculos estabelecidos com outras pessoas do meio esportivo. A família não é apenas um assunto sobre o qual podem conversar, mas também envolve a partilha de sentimentos. Nos grupos em que pesquisei, tanto o brasileiro como o estadunidense, ela é chamada apenas de *família*, mas entendida como *segunda família*. Essa família é formada em relacionamentos mantidos pelo contato (físico ou afetivo) e a convivência durante determinados períodos de tempo.

Parentes esportivos são aquelas pessoas às quais se confere um tratamento especial e que são consideradas importantes num projeto esportivo, seja ele coletivo ou individual. Esse parentesco é construído e provisório. Na *família esportiva* ou *outra família,* pode haver hierarquias e regras que regulam o relacionamento de seus membros, entretanto, não é utilizada a estrutura de família tradicional, com papéis bem delimitados.

O *parentesco esportivo* é estabelecido por relações sentimentais ou de interesse. Esse parentesco, ao contrário do jurídico, não dá direito a posses ou heranças, sendo meramente simbólico. A ascendência entre os parentes nem sempre é estabelecida pela idade biológica, podendo ser determinada pelo tempo de experiência no grupo ou pelos laços afetivos. São diversas as configurações familiares, as quais variam de um grupo para outro. As hierarquias presentes nos grupos familiares esportivos podem remontar à família tradicional, com mãe, pai ou irmãs, mas este modelo pode também sofrer alterações.

As características de formalização, norma e imutabilidade com as quais são tratados os parentescos de uma família tradicional nucleada jurídica, são flexibilizadas em uma *família esportiva*. A "mãe", por exemplo, pode ser alguém com quem se tem um elo sentimental ou

uma noção de respeito muito forte. “Tia”, portanto, não seria a irmã ou cunhada dos progenitores, mas alguém a quem se confere um tratamento mais afetuoso, ou geralmente a mãe de alguma colega de equipe. Os nomes dos “tios” e “tias” quase nunca eram mencionados, chamá-los de “tio” e “tia” era suficiente para chamar-lhes a atenção.

Dentro dos grupos, a colaboração dos integrantes das *famílias esportivas* era importante. Cada um contribuía na medida de suas possibilidades. Pais e mães traziam bolos, sanduíches e sucos, a maioria deles feitos em casa. Tia Sandra (mãe de Éricka) e a mãe da Dani estavam em um dos dias de jogo comentando que sempre levavam a mais, pensando nas colegas de time das filhas. A mãe da Dani disse que nem gostava de *nega maluca*[278], mas na noite anterior havia preparado duas, pois dividir a comida significava para ela uma demonstração de carinho e amizade. Ela brincou que tinha levado um bar, pois havia levado também café, refrigerantes e pastéis para distribuir entre todos. É importante lembrar que nesses espaços raramente há vendedores de bebidas ou comidas, sendo os parentes aqueles que levam alimentos e provêm todo tipo de apoio.

A mãe da Dani demonstrou um apreço especial por Seca, uma garota magra, com sotaque de quem veio da zona rural. “A gente se apega a essas meninas, e ela é humilde. Gosto muito dela”, me disse. Tia Sandra também disse que tinha apreço pelas colegas da filha, como Tati Bicca, a qual ela chamava de Chiquinha. Tia Sandra fazia questão de dividir com as demais colegas da filha. Lembrou que um dia a filha havia lhe pedido um chiclete e espantou-se quando ela voltou com uma mão cheia de doces. Ao perguntar o porquê de tantos, a mãe respondeu que havia lembrado de trazer também para as colegas dela.

Para presenciar nos jogos, os pais e mães precisavam fazer mediações, não apenas em relação a outros eventos sociais, mas também arranjos nas escalas de trabalho. O pai da Jéssica havia feito uma reorganização das folgas dele para conseguir ir ao primeiro jogo da final do Campeonato Gaúcho. Disse que no jogo seguinte seria difícil, pois teria que fazer mais negociações no trabalho. A mãe dela disse que teria que conseguir um atestado médico, pois a viagem seria numa sexta-feira e o jogo no sábado.

278 *Nega maluca* é o nome de um bolo de chocolate, com cobertura de chocolate.

A adoção do termo "família" pode também indicar uma linguagem corporativa, com a adoção coletiva de metas, objetivos e modos de agir próprios de um grupo. A noção de família é aberta e adapta-se à história do grupo e suas necessidades:

> Mas é a família quem desenvolve na pessoa um sistema de valores, atitudes, crenças, reportados aos aspectos mais importantes da vida: trabalho, família, humanidade, sociedade, cultura, amizade, natureza, transcendência; de forma definitiva é ela quem contribui decisivamente para criar um modo de perceber a realidade física e social e um modo de se entender a si mesma (GIMENO, 2001, p. 61).

As famílias do *futebol de mulheres* são redes dinâmicas de parentesco com possíveis marcações geracionais. Nestas famílias, pode haver a construção de projetos coletivos, em meio às diversas trajetórias individuais. É importante ressaltar que a noção de família pode ter um entendimento diferente para jogadoras das diferentes classes sociais, mas é uma ideia que em todas elas evoca certa referência à coesão grupal. Embora possam ter aprendido diferentes valores sociais em suas *famílias de origem*, as jogadoras mantêm normas semelhantes de solidariedade recíproca.

Assim como a *família esportiva* influencia na maneira como as futebolistas agem, as jogadoras também orientam como seus parentes devem agir. As jogadoras *humildes*, por exemplo, regulavam o comportamento dos pais, indicando as atitudes mais adequadas. Éricka um dia me disse que já havia "doutrinado" a mãe para que não chegasse tão efusivamente, abraçando e beijando as colegas de time, pois nem todas recebiam bem essas demonstrações de afeto. A mãe dela nutre afeto por algumas jogadoras também *humildes* com as quais a filha convive há mais tempo, as quais ela beija e abraça animadamente.

A interação entre as diferentes classes sociais requeriam mediações entre os agentes sociais. Sandra, por exemplo, em um dos dias, dirigiu-se a mim e outras pessoas da torcida pedindo desculpas pela torcida mais "fora do controle", dizendo que "às vezes sai um palavrãozinho" e repreendeu o marido por estar na grade da beirada do campo gritando com a arbitragem. Falar palavrões, apesar de ser algo comum entre os pais, demonstrava dificuldade na contenção das emoções, algo que ela própria considerava um modo de expressão pouco polido.

7.2 ANA PAULA: A DIMENSÃO AFETIVA DAS FAMÍLIAS

A noção de família é importante na constituição de uma carreira. Tanto a *família esportiva* quanto a *família de origem* são fundamentais na formação das jogadoras. Nas trajetórias esportivas em diversos relatos, as expressões "amor pelo futebol" ou "paixão pelo jogo" foram usadas para traduzir a intensidade dos sentimentos que permeiam os diversos mundos futebolísticos de mulheres, tanto no Brasil quanto no exterior. Ana Paula, uma ex-jogadora de 32 anos, realizou sua reconversão ao futebol como treinadora de uma equipe universitária nos Estados Unidos. Ela sente muita falta de jogar, de sentir aquela "paixão" que tinha pelo seu time e a vontade de estar dentro de campo.

Ana Paula começou a jogar futebol aos 10 anos no SAAD[279], equipe base da seleção brasileira naquela época. Em 1995, devido a desentendimentos entre os diretores do adulto e das bases, após dois meses parada, ela e outras 13 garotas transferiram suas práticas para o Guarani, de Campinas. Quando estava no segundo ano do colegial, em 1999, sua equipe jogou alguns amistosos contra a universidade *Union College*, do estado de Kentucky, e nessa oportunidade ela foi convidada pelo técnico da equipe para jogar no exterior.

Ana Paula acredita que Deus foi colocando em seu caminho pessoas-chave que lhe permitiram ascender em sua trajetória entre os diferentes mundos futebolísticos. Entre essas pessoas, na época, estava o pai de uma jogadora do Guarani que havia voltado ao Brasil para trabalhar e auxiliou Ana Paula a traduzir os e-mails enviados pelo técnico. Foi assim que ela soube que o técnico estava interessado em tê-la como jogadora e soube quais procedimentos deveriam ser realizados, bem como os exames em que deveria ser aprovada.

Ana Paula provinha de uma família classe média baixa e, para conseguir o dinheiro da viagem, contou com a ajuda da equipe com a venda de rifas e de pizzas. O técnico a ajudou, a vó ajudou. Cada parente deu alguma quantia em dinheiro. O pai de uma das garotas, que trabalhava no clube, trabalhava numa empresa aérea e conseguiu uma passagem promocional. Em 1º de abril de 2000, Ana Paula finalmente chegou aos Estados Unidos, para a primeira

279 O SAAD Esporte Clube foi fundado em 1961 em São Caetano do Sul e atualmente localizado em Campo Grande (MS). Com o fechamento do Guarani, em 1985 foi aberta uma subssede do SAAD em Campinas. A equipe conquistou diversos títulos em competições nacionais, tendo diversas de suas jogadoras convocadas para a seleção nacional.

temporada. Algumas brasileiras que estudavam na faculdade foram recepcioná-la no aeroporto. No bolso, tinha apenas o dinheiro para pagar o curso de inglês obrigatório.

Após uma semana na universidade, viajou durante dois dias de ônibus para chegar à casa de uma jogadora brasileira. Carregando três malas de mão e sem saber além do básico em inglês, seu ônibus havia chegado atrasado na rodoviária. Perdida e desconhecendo como faria para chegar ao terminal certo, dizia apenas "*Help, help*" e apontava para a passagem. Durante dois meses, até o início das aulas, morou em Utah, com a família de brasileiros. Todos os dias pegava a bicicleta e pedalava 35 minutos até o local onde fazia aulas de inglês. Foram tempos difíceis. Algumas vezes ligava pra casa dizendo: "Eu não tô aguentando, eu quero ir embora" e chorava, desligava o telefone e falava para si mesma: "Eu não vou desistir. Eu quero aprender inglês, é o meu sonho. Eu quero fazer uma faculdade". Ana Paula falhou na prova de inglês em que precisava ser aprovada, mas teve uma segunda chance após ter conhecido a diretora de admissão da faculdade, quando ajudava a reformar a casa dela.

Mesmo sem ter passado no teste, Ana Paula passou por um período "probatório", em que não poderia ter nenhuma nota C para ser admitida na universidade. Sem ter dinheiro para comprar os livros, precisava que as amigas lhe emprestassem os materiais didáticos. Mesmo com dificuldade para entender o inglês, tirou apenas As e Bs nas matérias cursadas. Para conseguir se manter, começou a trabalhar na cafeteria da faculdade. Com o auxílio e admiração de muitos colegas, aprendeu a língua e formou-se em Gestão Esportiva e Educação Física.

A partir de 2007, começou a treinar equipes de *futebol de mulheres*. Após sua reconversão como treinadora, Ana entende que, embora as *americanas* tenham excelentes estruturas, elas não demonstram tanta paixão pelo futebol, como as brasileiras. Para ela, as jogadoras *americanas* não valorizam o que têm, pois a vida é mais fácil e com mais oportunidades. O título, a atividade no currículo é o que importa para as jogadoras, e por isso não vibram tanto ou comemoram quando fazem gols, em comparação com as brasileiras. Querem jogar não porque são as melhores, mas porque estão no time há mais tempo. São competitivas, mas a derrota não possui o mesmo significado de vida ou morte que havia para Ana Paula e suas colegas do Brasil. Para Ana, o sentimento do esporte só pode ser apreendido por quem o vivencia e só quem participou ou jogou sabe o quão importante é "fazer parte":

> Eu deixei de fazer muita coisa com a minha família, quando eu morava no Brasil, porque eu tinha jogo de final de semana. Porque aquilo era a minha paixão. Eu amava jogar futebol. Amo até hoje. Então, o que eu digo da paixão, é o sentimento pelo esporte, da emoção de fazer uma jogada, um gol... de um dos seus *teammates* fazer o gol e você está celebrando. O esporte... vamos falar de futebol, uma vez em que você está dentro de um time, você desenvolve uma paixão por aquele *environment*, é uma coisa que você tem necessidade, você precisa fazer, você precisa estar lá. Te faz bem!

A abnegação é uma das características das jogadoras que gostam de jogar futebol. Elas dedicam tempo ao esporte porque gostam de praticar a atividade, sentem-se bem e possuem diversas amizades no mundo futebolístico. Para algumas jogadoras, o sentimento que possuem em relação ao futebol é algo indefinível, indescritível, algo que extrapola o mundo material. São momentos mágicos ou de felicidade que brotam em meio ao cansaço, ao choro e às dores.

Quando fazem parte da família esportiva, sentem as lesões como um período muito difícil e de afastamento das amizades. Entretanto, pode também ser uma oportunidade de conhecer sua importância dentro da família futebolística. Nos Estados Unidos, ao final de um dos treinos, as jogadoras da equipe universitária da UMass se reuniram para gravar um vídeo para Jackie, uma das jogadoras lesionadas que estava se recuperando de uma cirurgia. No Brasil, Jé, atacante da equipe do Inter, também havia se lesionado e havia sido visitada pelas colegas de equipe em casa, como demonstração de apoio e carinho.

Nos Estados Unidos, a posição de cada agente dentro da *família esportiva* está ligada à ideia de senioridade. Quando perguntei a Jen, que estava no seu segundo ano como jogadora, sobre os papéis familiares dentro da sua equipe, ela respondeu que as capitãs da equipe seriam equivalentes ao pai e mãe, pois podiam utilizar sua autoridade para ditar o que o restante da equipe deveria fazer e, além disso, elas possuem mais idade. As demais jogadoras seriam as filhas; e as novatas, os bebês.

A dimensão afetiva é muito importante. Em relação à comissão técnica da equipe universitária, Jen me disse que não os incluía nessa família. Os técnicos não sabiam sobre suas vidas diárias fora dos campos e ela os considerava como o prefeito de uma cidade onde a sua família mora, como aquelas pessoas que organizam o espaço social diariamente frequentado. Ficava evidente o desengajamento desses profissionais em relação à vida sentimental ou amorosa das estudantes-atletas, de tal forma que poderiam ser desconsiderados

como parte da *família esportiva*. Jen duvidava que o técnico soubesse sequer citar o curso frequentado por metade das jogadoras da equipe:

> É difícil ser incluído numa família se você não sabe realmente muito sobre o que está se passando e eles não lidam com as interações sociais diárias que temos, porque a maioria das ligações do nosso time provém do vestiário e coisas engraçadas que fazemos juntas fora do futebol, como ir ao cinema ou ir à casa da capitã à noite. Então eles não estão realmente incluídos em toda essa dinâmica social. São como professores numa aula.

Na UMass é também realizada uma confraternização com os pais, ao final dos jogos realizados "em casa". Durante essa confraternização, as jogadoras podiam conversar com seus parentes sobre o jogo ou sobre questões cotidianas. Ainda, elas podiam receber beijos, abraços e conselhos. Após, iam para seus carros, estivessem elas acompanhadas de membros das famílias ou sozinhas. Em seguida, a comissão técnica fechava os portões do estádio.

7.3 *POTLUCK*: A UNIÃO ENTRE AS FAMÍLIAS

Um dos diferenciais que algumas jogadoras pontuaram na escolha da UMass era algo diferente das demais universidades que visitaram: o *potluck*. O *potluck* era uma refeição onde eram reunidas a *família futebolística* e a *família de origem*, com alimentos trazidos por pais e mães. Esse tempo de celebração acontecia inclusive nas partidas em que a equipe era derrotada. Era um momento em que as estudantes-atletas "gastavam tempo" com os familiares. A comida caseira era um diferencial da rotina dos restaurantes universitários. Era também um momento de integração que impedia as jogadoras de fugirem logo após o jogo, permitindo que todos pudessem se conhecer melhor e conversar, conforme me disse Jen:

> Sei que algumas garotas, se tivessem planos naquela noite, diriam apenas 'Obrigada por virem pai e mãe, eu tenho que ir'. Então a comida desacelera as pessoas. Caso contrário, todos iriam para restaurantes individuais, mas não estariam juntas como um time. Então, ter esse 'potluck' após os jogos aproximava a todos como um time, ao invés das pessoas irem para lugares separados a todo tempo.

Meia hora após o término dos jogos, as jogadoras voltavam de seu alongamento e conversa com a comissão técnica. Ainda cansadas, iam cumprimentar seus familiares ou amigos e comer o que havia sido disposto na mesa do *potluck*. Em um dos dias, na lateral do campo, próximo ao portão de entrada, duas mães abriram três mesas desdobráveis e dois pais

ajudaram na montagem de uma tenda. As mesas ficavam encostadas na lateral do portão que dava acesso ao jogo, facilitando a realização daquele evento nos dias de "jogo em casa". Geralmente os *potlucks* duravam cerca de 30 a 50 minutos. Após a confraternização, pais e filhas seguiam nos mesmos carros ou apenas se despediam.

A comida possuía um aspecto importante na sociabilidade em Amherst. Geralmente nas festas entre amigos, cada convidado trazia seu prato de comida. Além disso, a ceia de Ação de Graças, realizada em novembro, era um momento em que podiam compartilhar a comida com amigos e familiares. Reunir a família com comida parece ser um elemento forte da cultura estadunidense que foi agregado ao tempo e espaço pós-jogos da equipe universitária, como forma de integrar as *famílias*.

Durante minhas observações, era constante a presença de grupos de familiares e amigos. Os pais, principalmente, administravam as visitas às filhas conforme as distâncias entre suas moradias e os jogos. Para alguns pais, os jogos "fora de casa" eram mais próximos de suas cidades. Os progenitores que moravam em cidades próximas a Amherst preferiam comparecer aos jogos "em casa".

Fotografia 11 – *Potluck* organizado pelas mães e pais das jogadoras, ao final de cada jogo

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2013).

Algumas jogadoras com famílias em outros estados ou países raramente recebiam visitas em dias de jogos. Estas jogadoras passaram a se reunir durante os *potlucks*, autointitulando-se "grupo das sem-família". Por não poderem encontrar suas *famílias de origem* ao final dos jogos e conversar, comer e se divertir, elas encontraram uma forma de também se sentirem inclusas, sentando juntas num círculo nas arquibancadas e confraternizando no momento da refeição. Desse grupo participavam uma garota da Islândia; uma da Inglaterra; uma da Austrália; uma da Suécia; uma de Las Vegas; uma da Geórgia; bem como Jen e outra jogadora do próprio estado de Massachusetts, cujos pais não conseguiam ir aos jogos.

Algumas jogadoras consideravam a equipe universitária uma *segunda família* e explicitavam que sua "família de sangue" vinha em primeiro lugar. Daniela, de origem familiar latino-americana, entendia que a *família de origem* tinha sido responsável por sua criação e merecia ser respeitada e colocada à frente:

> O time da universidade é como uma família onde você realiza coisas. Você tenta alcançar aquele objetivo principal, tenta ganhar o campeonato. Então, você dorme *junto*, joga *junto*, chora *junto*... Eu não choro, mas... você faz todo esse trabalho junto para atingir um objetivo, então você está constantemente construindo essa amizade que depois se torna uma família diferente da *família de casa*, onde nós temos jantares junto, vamos à igreja *juntos* e coisas assim. Eu nasci naquela família, mas não nessa, embora façamos daqui uma *outra família*.

A *família futebolística* pode ser uma extensão da *família de origem*. Embora estejam distantes geograficamente, as jogadoras mantêm elos com seus parentes de origem. Algumas jogadoras aguardam pela visita dos pais e mães, outras falam por programas de comunicação via internet, como o Skype, visando manterem contato com suas famílias. Enquanto o semestre letivo ocorre, elas precisam mediar entre muitas responsabilidades, exigências e também a saudade do ambiente familiar com o qual estavam acostumadas.

7.4 A PERFORMANCE FAMILIAR: PRESSIONANDO PARA GANHAR

O termo "pressão" deve ser entendido como um elemento presente principalmente em jogos de maior valor simbólico, contra equipes consideradas mais fortes ou em jogos decisivos. A pressão da torcida, por exemplo, é considerada como um fator positivo, para

influenciar nas ações da arbitragem. A pressão é uma expressão verbal da agressividade que pode ser apresentada no plano físico. A torcida, entretanto, também precisa saber "jogar", saber quando e como se manifestar, e até mesmo quando calar, pois sua performance também influencia no resultado final do jogo.

As manifestações das torcidas costumam ser mais efusivas quanto mais "absorventes" forem os jogos. Nestes casos, a pressão decorre da emoção do momento e da importância simbólica da vitória. Embora a vitória seja importante, nos Estados Unidos, podia-se perceber uma grande contenção de expressões de violência física ou verbal. Essas contenções se referem a penalidades que podem ser sofridas, com o isolamento físico dos desordeiros ou inclusive o estabelecimento de uma reputação ruim.

A disciplina nos espaços esportivos universitários estadunidenses é bastante eficaz no controle rígido da violência dentro e fora de campo. Em relação à conduta, desde cedo é muito cobrada a necessidade de cumprimento da "tradição do *fair play*". Dessa forma, na regra são estipuladas atitudes passíveis de punições, tais como celebrações excessivas, simulação de falta e proferimento de insultos. É sujeita a expulsão qualquer conduta como cuspir, puxar o cabelo ou brigar com adversários. Ainda sujeitos a punição estão realizar conduta, atos ou uso de ameaça; e uso de linguagem obscena, abusiva ou referente a raça, religião, sexo, orientação sexual ou origem nacional[280]. A mesma rigidez no controle das regras que é cobrada das jogadoras é também regulada nas manifestações da torcida.

Nos jogos "em casa", nunca ouvi a torcida da UMass proferir palavrões tanto às jogadoras quanto à arbitragem. Seria algo considerado extremamente rude e rejeitado inclusive pelos demais participantes. As expressões mais comuns ditas à arbitragem eram: "Daonde, juiz?" ("*Come on, ref*"), "Bom trabalho, juiz" ("*Good job, ref*"). Em uma das piores

280 Na mídia esportiva internacional foram vastamente comentadas as atitudes antidesportivas da jogadora universitária Elizabeth Lambert, da University of New México. A jogadora de 20 anos puxou o cabelo da adversária da equipe Brigham Young University com tanta força, que ela caiu ao chão. Ainda: distribuiu socos, deu carrinhos violentos e acotovelou as costas de outra jogadora. Os danos públicos causados à imagem da equipe levaram à sua punição e expulsão da equipe. A jogadora disse que se deixou levar pelo calor das emoções e assumiu a responsabilidade das ações, ressaltando que elas não indicam seu caráter. Em Amherst, a defensora de uma equipe universitária D-III, Emily Little atingiu a bola no rosto da adversária, durante a cobrança de lateral. Logo após o primeiro incidente, fez um gesto com a mão, pedindo desculpa. Em seguida, repetiu, jogando no rosto da adversária com força e fazendo-a cair. O ato chocou o público que assistia e virou *hit* no YouTube. A jogadora realizou o ato aos 89 minutos de jogo, na tentativa de "ganhar tempo" até o término da partida.

arbitragens do campeonato, em que o jogo estava bastante violento e o árbitro não realizava marcações, a torcida começou a pressioná-lo como nunca antes havia feito, dizendo: "Já estava na hora!" ("*About time*", quando ele marcou finalmente uma falta em favor da equipe), "Qual o seu problema?" ("*What's the matter with you*?"), "Você é patético" ("*You are pathetic*"), "Você está fazendo isso de propósito" ("*You are doing on pourpose*"), "Inacreditável! Um dos piores jogos que eu vi, graças à arbitragem... e ele é PAGO pra isso!" ("*Unbelievabal! One of the worst games that I saw, thanks the referee... And he is PAID for this!*"), "Ei, árbitro, elas estão matando tempo, você não vê?!" ("*Hey, ref, they are wasting time, don't you see?!*", quando no final a outra equipe demorou para cobrar o lateral).

A torcida proferia expressões que se limitavam às ações de suas próprias jogadoras, com frases de incentivo: "Vamos" ("*Go*"), "Boa disputa" ("*Good fight*"), "Continuem" ("*Keep going*"), "Vamos, branco" ("*Go White*")[281], "Levante-se" ("*Get up*"), "Vamos UMass" ("*Let's go, UMass*"), "Energia, senhoras!" ("*Energy, ladies!*") e "Pressionem" ("*Pressure*"). Posicionar-se também em relação às jogadoras da outra equipe era considerado rude, e quando era feito, era para que a arbitragem tomasse providências para moderar violências.

Nos jogos de *soccer,* a torcida não aparece em telões, como em partidas de basquete, *hockey* no gelo ou *football*. Entretanto, em uma das partidas, a avó de uma das jogadoras falou algo contra o árbitro e a filha advertiu: "Comporte-se... há câmeras aqui (você pode ter problemas)". A avó, ainda indignada com a arbitragem, logo depois disse: "Você é péssimo" e uma pessoa que estava na torcida agradeceu à vó por ter dito isso, dizendo que aquilo também estava entalado na garganta dela: "Obrigada por ter dito isso, eu queria dizê-lo" (mas aparentemente, não poderia). A avó em seguida justificou: "Eu sou a avó, a mim é permitido". A mãe da jogadora, também presente, definiu-os como torcedores apaixonados.

De maneira comparativa, os familiares das jogadoras porto-alegrenses utilizavam expressões bastante agressivas e desrespeitosas durante os jogos estaduais e municipais. Referiam-se à arbitragem, com as seguintes manifestações: - Quem mandô tu levantá essa merda? (para o bandeirinha). - Tu acha que aqui tem dentista, pra ficá mostrando os dentes, seu viado? (disse uma das mães ao árbitro, avisando que sairia de perto da filha, porque senão iria estourar seus tímpanos gritando). - Tu para de ser sem-vergonha, ô merda (disse uma mãe

281 A equipe da UMass vestia as cores da instituição, branco e castanho-avermelhado (*maroon*).

indignada com a falta de critérios da arbitragem, a qual chegou a dizer que ele estava fazendo aquelas marcações porque era jogo de mulher, porque ele não era competente pra apitar "jogo do masculino"). - Esse juiz é um verme (disse o rapaz), - Tu é bem sem vergonha, eim? Não vai dá cartão?. - Tira o cartão do bolso, caralho (após falta dura sem dar cartão).

A torcida, entretanto, podia ser também bastante jocosa em suas manifestações: "O juiz é Professor Pardal, tá inventando coisa" (vendo falta onde não existe), "Lobas, lobas" (dizia a torcida do Pelotas, com o tambor...), "Bobas, bobas" (retrucava uma das mães do Inter, ironizando), "Caiu sozinha, que nem batata. São uns animal, caindo de penca" (sobre as simulações de queda da equipe adversária), "Dá um nervo. Vontade de pegá a bola (com a mão) e botá lá dentro" (uma das mães, nervosas com o resultado do jogo).

A "pressão" das famílias visava vitórias que os deixariam alegres e projetariam suas filhas com a conquista de títulos. A participação da torcida era tão importante, que se poderia pensar que, conquanto não pudessem apresentar performances dentro do campo, "a competitividade, a exigência da vitória e a seriedade dada ao jogo por seus praticantes também teriam rumado para as arquibancadas" (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 264).

A "pressão" é um jogo performático de intimidação. São jogos de agressividade. Nesse jogo, as "negas véias"[282] e as "cancheiras"[283] são as que possuem mais experiência ao mediar as performances apresentadas, pois possuem o entendimento da dinâmica de funcionamento das estruturas, do que pode ser feito e o momento certo. Administram suas ações conforme informações que preservam sobre os demais agentes sociais. Utilizam os conhecimentos que acumularam sobre os demais agentes sociais para amparar suas permanências, obtendo distinções morais e de poder dentro dos grupos.

Conforme percebido por Myskiw (2012), em jogos de homens da várzea porto-alegrense, pude também perceber no *futebol de mulheres* diversas formas de "pressão", fossem elas geradas pelo trato das informações (em que as jogadoras ou técnicos(as) tentavam

282 As jogadoras porto-alegrenses em grande parte possuem distinções em relação a capitais sociais e econômicos. Entretanto, há também diferenciações de tratamento em relação ao tempo em que participam da modalidade. "Nega véia" é uma expressão que não discrimina, mas que se refere ao conhecimento da modalidade. A palavra "nega" não se refere apenas a mulheres de cor negra, mas a qualquer jogadora há mais tempo na modalidade. A palavra "véia" não se refere à idade biológica da jogadora, mas ao tempo dentro da prática e aos conhecimentos em relação à modalidade. As "negas véias" são jogadoras que dominam os conhecimentos sobre as pessoas, as práticas e regras dos mundos futebolísticos.

283 No Sul do Brasil, a cancha é onde se pode jogar a bocha, esporte com bolas, semelhante ao boliche. A expressão "cancheira", em seu sentido figurado, se refere a perícia e experiência frente a disputas.

influenciar na decisão dos árbitros mostrando a gravidade das entradas apresentando as marcas da força empregada em excesso) ou pelo reforço de incertezas (questionando se a arbitragem realmente tomou a decisão certa ou se havia a devida atenção ao lance).

As pressões também podem ser fabricadas pela simulação. Em uma partida entre Inter e Erechim, aos 5 minutos do segundo tempo, uma atleta precisou ser atendida. Aos 14 minutos de jogo, porém, uma jogadora caiu, simulando. A torcida adversária logo percebeu e começou a protestar. Logo a seguir, a dirigente gritou, sem medo de ser ouvida por outros "Entra e cai de novo". A torcida adversária, porém, não aceitou a simulação e começou a gritar "Mas que migué, eim?", pressionando a arbitragem. Ter uma torcida numerosa é algo considerado positivo, pois aumenta a pressão psicológica. Em um dos jogos no Instituto Ronaldinho Gaúcho, pelo Campeonato Gaúcho, a entrada era liberada apenas à torcida "da casa", havendo a cobrança de ingresso apenas para integrantes da torcida adversária

A equipe de Erechim pretendia trazer um ônibus com torcida. Entretanto, como o jogo estava sendo realizado em um ambiente privado, a iniciativa pôde ser vetada. O impedimento do acesso de torcedores vai na contramão da lógica do espetáculo, em que, para ter lucro, deve-se ampliar cada vez mais o público. Inclusive, a cobrança de ingressos, por esta lógica, deveria ser também para a torcida "da casa". Entretanto, na lógica do *futebol de mulheres* porto-alegrense, fazer a cobrança de ingresso da torcida "da casa" era visto como ingratidão e poderia desincentivar quem já dedicava seu tempo e esforços para apoiar a equipe. Este tipo de estratégia parece incoerente, pois a lógica de crescimento de uma modalidade se dá com a ampliação de público, e não pela diminuição. Porém, as equipes do futebol porto-alegrense preferem ter a vantagens de possui uma torcida "da casa" maior, que dê uma ideia de superioridade, amplie a "pressão" à equipe adversária e aumente a sensação de segurança.

Dentre as performances de torcedores, uma das que mais chamavam atenção eram as de Dalva, mãe de Jé. Dalva dizia que ir aos jogos era uma forma de "desestressar". Duvidando de sua personalidade forte, o pai de outra jogadora disse que se ela grita nos jogos "é porque dentro de casa ela fica quietinha", desacreditando que sua força também tivesse impacto na esfera privada. Dalva um dia me disse que grita para incentivar a filha. Apesar de ter sido repreendida, quando a filha lhe pediu que não "fizesse escândalo", voltou a gritar a pedido de outras pessoas da torcida, que culparam seu silêncio pela derrota da equipe. Ela disse que

quando estava torcendo era como se estivesse em transe, como se fosse uma entidade e não ela a dar origem àquilo.

"Me deixa! Me deixa! Tu não vem começar, que eu vou te correr daqui", disse Dalva ao marido. No alto de seu 1m 65cm, cabelos brancos e pretos, crespos e volumosos, pele negra e porte suficiente para bater no marido, bem mais franzino que ela, impunha respeito. Dalva se emocionava sempre que ia assistir aos jogos da filha. Sua emoção era tanta, que não conseguia controlar e gritava para que a filha e todos ao seu redor a escutassem: "Não se intimida, meu querubim!". Dalva se unia a outras mães e dava o tom alegre e vivo de uma torcida que ganhava alma e voz.

Dalva incentivava sua filha aos gritos de "Mostra que tu é guerreira, minha filha" e "Não dá mole, não! Isso, filha". A cada momento em que a filha pegava a bola, a mãe vibrava. Quando a equipe estava no ataque, Dalva não parava. Quando os árbitros faziam marcações erradas ou que ela considerava tendenciosas, gritava ainda mais.

Para evitar "escândalos" ou comportamentos que não se adequassem às normas aceitáveis, durante alguns jogos, o pai da Jé repreendia sua esposa, que retribuía sem ficar quieta: "Me deixa, nêgo! Quê calá a boca o quê?". Ela dizia que nem sabia o que tinha acontecido no lance, mas havia reclamado com o árbitro de qualquer forma: "Não sei a regra. Não vi", e saía rindo. Estava lá também para se divertir.

Dalva facilmente ficava nervosa. No jogo contra Guaíba, o marido disse: "A coisa tá *light*, não te assusta. Não precisa", pois estavam ganhando de 3 a 0. Mas após 2 gols do Guaíba, ela começou a gritar. Quando o marido disse para ela ficar mais calma, ela respondeu: "Cala a boca! Sai de perto de mim". Ele, constrangido, disse: "Calma, tu tá me desconcentrando de ver o jogo", e ela respondeu: "Vai pra lá, então, que eu tô atacada".

O marido saiu de perto sem saber o que fazer, um tanto envergonhado, mas rindo, e retrucou: "Sempre sobra pra mim, mulher louca". Alguns minutos depois a torcida da outra equipe começou a gritar algo que Dalva não gostou e retrucou: "Cala a boca, tu aí. Por que eles podem gritá e eu não posso?". O marido queria evitar confusão com a torcida adversária e moderou: "Só um pouquinho, amor, vamos assistir ao jogo". Sem dar trégua, ela respondeu "Então sai de perto de mim", disse, enquanto o empurrava. E, constrangido e sem saber o que mais fazer, brincou: "Tá, mas eu paguei, paguei pra ver (o jogo), não posso?".

O marido parecia respeitar o nervosismo dela por medo de que se exaltasse mais. Entretanto, aparentava orgulho pela esposa e reconhecia seus esforços em incentivar a equipe. Num dos dias, conversando comigo, disse orgulhoso: “Temos que patentear o grito dela. Você viu que em Pelotas tinha gente querendo imitar?”. O pai de Jé apoiava a filha não apenas como torcedor. Orgulhoso, me disse que era o massagista dela e tinha sido o cozinheiro do dia, tendo caprichado em uma comida leve: carne de panela, arroz e purê de batata. Fez questão de ressaltar que sempre foi o roupeiro pessoal dela, limpava chuteira, cuidava das roupas e ensinou ela a colocar a atadura para jogar. Não era apenas pai, mas também incentivador da prática esportiva da filha.

Em um jogo em Erechim, pude perceber que a participação da torcida era constante, embora não fosse tão numerosa quanto haviam me dito. “Vão perdê” e tantos outros gritos eram bastante comuns no decorrer dos jogos. Quando a equipe do Inter passou próximo à cerca, alguns torcedores que estavam sentados ficaram bem quietos. Logo após a última jogadora passar, alguém da família disse: “Não sei quem é ou não home”, criticando a equipe, e um senhor, com sotaque forte complementou “Bá tarde, bá tarde, sô eu quem vai te xingá”, rindo junto aos familiares.

Tanto homens como mulheres proferiam os mais diferentes insultos também à arbitragem: “Apita essa merda direito, sem vergonha”; “Tu tá inventando, putão”, dizia um homem esbravejando. Os xingamentos relacionados à honra dos juízes geralmente visavam atacar suas masculinidades, imitando as práticas frequentemente realizadas por torcedores do futebol de homens.

A torcida porto-alegrense não era numerosa tal como o esperado em um evento futebolístico de acordo com a matriz espetacular. Entretanto, sua torcida demonstrava sentimentos tão fortes quanto os presenciados nos estádios de futebol. Embora nunca houvesse separação entre as torcidas e sequer policiamento, as ameaças nunca passaram de ataques verbais. A sensação de insegurança era regulada pela necessidade de fornecer um ambiente adequado à realização dos eventos. Embora as condições não fossem as ideais para um jogo de um estádio ou arena, se adequavam bem para a realização dos jogos praticados naqueles ambientes.

7.5 JOGO: ESPAÇO DO SAGRADO

Torcer e jogar podem ser espaços do sagrado. É no tempo e espaço de transgressão, na sucessão de lances de uma partida de futebol, que se estabelece uma nova relação com as coisas. Nos jogos de *futebol de mulheres*, a tradição é ameaçada. Perdem-se as referências do que possa ser considerado "futebol" e da sua noção como constituidor de uma identidade nacional que exclui as mulheres nas performances futebolísticas. Troca-se o ponto de observação. Revelam-se outros valores que conflitam com os valores e hierarquias impostas.

No *futebol de mulheres* porto-alegrense há uma dimensão religiosa fundamental, que vai além das realidades do cotidiano e invoca a fé como aceitável. Nessa perspectiva, há a busca do encontro com os demais participantes e entidades de forças superiores (deuses ou outros seres de força e energia). Imagens palpáveis da abstração das forças, as futebolistas se tornam ídolos e são idolatradas por seu público torcedor nos momentos de êxtase das vitórias. Nos momentos em que torcem, alguns dos espectadores se tem em transe, como se não tivessem poder sobre suas manifestações:

> O fato de o clube ser algo etéreo, indefinível, que não é a sede social, não é o conjunto de dirigentes, não é o grupo de jogadores, não é a multidão imprecisa de torcedores, é ao mesmo tempo tudo isso e muito mais, dificulta talvez a apreensão do inegável caráter religioso dessa realidade (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 260).

Porém, o *futebol de mulheres* não possui a mesma ideia de clubes tradicionais do futebol de homens, nem o totemismo presente nas bandeiras levadas para os campos. O *futebol de mulheres* porto-alegrense é redefinido diversas vezes. Ensinado por treinadores que já circularam por clubes do futebol de homens, o círculo de orações é aprendido e reproduzido pelas futebolistas porto-alegrenses como uma prática importante.

O vestiário da equipe de mulheres do Internacional era um microcosmos à parte, de preparação para a batalha simbólica, no qual as jogadoras se concentravam para a performance dentro das quatro linhas. As vidas individuais, vividas lá fora, transformavam-se em vida coletiva, integrada e fortalecida na busca de um objetivo. Dentro de campo, os conflitos sociais eram extintos e os relacionamentos transformados. Na oração, não existiam posições hierárquicas, mas havia os que eram considerados mais aptos para falar. Algumas olhavam para o alto, outras fechavam os olhos em busca de uma conexão espiritual.

O círculo, ou também chamado de "fechamento"[284] no futebol de homens, é um ato sincrético também realizado no *futebol de mulheres* que gera a transição ao coletivo, a associação ao sagrado, produzindo estados extraordinários, que amplificam o significado das partidas. No *futebol de mulheres,* o "fechamento" também é realizado, porém, geralmente em jogos com maior importância simbólica.

No grupo pesquisado, foram observados 3 tipos de fechamentos nos dias das partidas: 1) antes da partida, geralmente no vestiário, com a realização de oração coletiva em tom mais emotivo e em voz alta; 2) dentro de campo, com a equipe titular, reforçando aspectos táticos e a identidade da equipe, entoando um grito de guerra ou o nome da equipe e; 3) ao final da partida, orando em agradecimento pela vitória e proteção física das jogadoras.

O círculo de oração realizado no início de partidas, geralmente no vestiário, era considerado o mais importante, pois se acreditava potente a ponto de influenciar no ânimo das jogadoras e, consequentemente, no resultado da partida. O círculo de oração era realizado por pessoas religiosas ou ateias, potencializando e fortalecendo o espírito de grupo. Após serem reunidas pelo técnico, ele ou a capitã geralmente iniciavam a oração, seguidos pelas demais.

No grupo das jogadoras de futebol porto-alegrenses, a partir dos dados da enquete que realizei em 2013 com as jogadoras, 50,82% afirmaram serem católicas, 14,75% sem religião, 9,8% umbandistas, 8,1% batuque, 8,1% evangélicas, 3,2% ateias, 1,6% católica e umbandista, 1,6% cristã e 1,6% luterana. Pode-se perceber que há algumas jogadoras que praticam mais de uma religião, reafirmando uma noção de sincretismo dentro do grupo[285].

Em um dos círculos de oração de que fui convidada a participar, junto a pais, mães e outras pessoas mais próximas às jogadoras, nossa presença foi requerida para trazer "mais energias boas" às jogadoras. Neste ato carregado de simbolismos, algumas jogadoras me disseram sentir a transmissão de energia, de formação de um espírito de grupo, pelo contato continuado das mãos e/ou dos pés, durante a oração.

A oração entoada forte apresentava propriedades mágico-religiosas que demonstravam a ligação do grupo com uma força maior que elas mesmas e seu comprometimento com a

284 Sobre o "fechamento" no futebol brasileiro, recomendo a leitura de um dos capítulos centrais da tese de doutorado realizada por Claude Petrognani, do PPG Antropologia Social UFRGS, a ser defendida em 2016, parte do projeto "Religião(ões) e religiosidade(s) no futebol brasileiro: uma análise sócio-antropológica".

285 Comparativamente, os dados da pesquisa IBGE 2010 apontam que 68,5% dos gaúchos se dizem católicos e 18,2% são evangélicos, seguidos de 5,9% sem religião, 3,2% de espíritas e 1,5% praticantes de umbanda e candomblé, 2,6% outras (NÚMERO..., 2012).

vitória. Era como se, como Geertz (1989) afirma, o sentido da realidade fosse transformado, havendo uma fusão entre o mundo vivido (do jogo) e o imaginado (da crença da força). Postadas em círculo, as pessoas seguravam as mãos umas das outras, tocavam no ombro delas ou as abraçavam pela cintura. Em relação aos pés, eles geralmente eram postos lado a lado com o da outra pessoa, tocando-o na lateral. Havia um cuidado para que as partes do corpo das pessoas no círculo se tocassem até o final da performance realizada. Geralmente, o término destes círculos eclodia num êxtase de emoções, quando "bem realizado".

Há de se salientar que o elo construído em um curto espaço de tempo possui a força coletiva de congregar, de dar uma noção de pertencimento ao grupo, o qual não pode ser "quebrado", para não comprometer a eficácia do ato. Tirar o pé do contato com o outro ou soltar a mão ao lado poderia "quebrar" esse elo de contato não apenas de umas com as outras, mas com forças sobrenaturais, ligadas a divindades.

A performance da oração era principalmente realizada pelo técnico ou pela capitã da equipe, pois eram pessoas que entoavam a oração com voz forte e carregada de emoção no período de preparação para as partidas. O círculo de oração é uma prática aprendida pela transmissão oral de técnicos e jogadoras mais antigas. Especialmente em jogos em que a equipe foi vitoriosa, além do círculo de oração realizado no início, para potencializar a proteção física e fortalecê-las para a vitória, houve um fechamento ao final da partida, para agradecer pela vitória e pela manutenção da integridade física das jogadoras (nas disputas e sofrimentos vividos em campo).

Algumas jogadoras rezavam de olhos fechados, com as cabeças baixas, outras pareciam rezar em voz baixa, para si mesmas. As orações não apenas estavam ligadas à esfera da religiosidade, mas também à proteção física. Neste processo, as "entidades superiores" eram acessadas pela oração. Mesmo que invisíveis, eram representadas por elementos materiais ou com a projeção mental.

Pode-se entender o "fechamento" enquanto fenômeno religioso que evoca sentimentos coletivos (DURKHEIM, 2000), refazendo os estados mentais do grupo. No momento de oração, a força com que a oração era entoada capacitava a equipe não apenas com a coesão grupal unida pelo mesmo sentimento, mas também lhes fornecia forças sobrenaturais. Uma oração, Pai Nosso ou Ave Maria entoada no vestiário de forma forte, não apenas demonstrava

a força da equipe, mas a sua capacidade de vitória e supremacia sobre a adversária, podendo até mesmo coagir quando entoada com força.

A oração amplifica o sentimento de pertencimento coletivo. No meu primeiro ano de observação, após o aquecimento, as jogadoras foram para o vestiário. A seguir, pôde-se ouvir a equipe de Erechim entoando o Pai Nosso e a "tia", ao meu lado disse que elas eram "muito fervorosas", em tom de deboche. Poucos segundos depois, em revanche, o técnico da equipe porto-alegrense gritou energicamente do vestiário: "Ninguém vai robá nosso pão na nossa casa!" e iniciou a entoar a oração Ave Maria ainda mais alto que a equipe adversária e com o Amééém mais comprido, gritando "1,2,3... Inter!". As jogadoras voltaram ao campo com dois traços pretos em cada bochecha, como guerrilheiras, com cenhos franzidos.

Fotografia 12 - Jogadoras no vestiário de Erechim, antes de partida decisiva

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2012).

Nesses momentos em que a equipe entrava no vestiário, podia-se perceber o local como um momento liminar, em que as jogadoras não eram apenas chamadas à concentração no jogo, mas com a oração, fortaleciam-se e esperavam que recebessem proteção espiritual e física. Rezavam inclusive jogadoras não católicas, pois sabiam da importância do ato grupal.

A eficácia da oração era tão importante que, em outra partida, uma dirigente de equipe, após ter saído do vestiário, já no lado de fora, mostrou-se preocupada, pois a oração estava

fraca, como se a força daquele momento repercutisse na força das jogadoras dentro de campo. A oração fraca significava que elas estavam vibrando pouco, que estavam desanimadas ou sem a "garra" suficiente para vencerem a partida. Suas chances de vitória eram diminuídas com a oração ou davam a ideia de que suas performances não seriam suficientemente boas. Uma das jogadoras, inclusive, disse-me que, com a mudança de técnico, a oração não era mais a mesma, pois não sentia a mesma vibração. Disse que, com o técnico novo, parecia que era só "da boca pra fora", sem emoção, e que "não era a mesma coisa".

Uma das pessoas do grupo chegou a justificar a derrota porque a oração não havia sido forte suficiente. De diferentes maneiras, as jogadoras são afetadas e a noção de coletividade torna-se presente dentro de campo, mesmo com a presença de interesses pessoais em jogo. Ao final da partida, uma veterana comentou que elas não haviam rezado e deveriam ter feito em agradecimento, pois ninguém tinha se machucado gravemente.

O momento da oração é uma preparação que antecede aos "sacrifícios" feitos dentro de campo. Explico: "dar um gás a mais", correr a mais do que o esperado, extrapolar suas capacidades e habilidades comuns e cotidianas são momentos em que as jogadoras utilizam seus corpos em nome da equipe, em busca de um objetivo coletivo. Continuar jogando lesionada em jogo é chamado de "jogar no sacrifício" e, quando a equipe já alcançou o limite de substituições, não há outra maneira além de "se sacrificar pela equipe". Dessa forma, fazer uma oração ao final da partida é uma forma de regenerar não apenas o corpo, mas a alma, que estava em luta pela vitória coletiva.

Na final do Campeonato Municipal, Tati Bicca havia se lesionado. Antes de auxiliá-la, fiquei até o final acompanhando a equipe e realizando os registros fotográficos. Após o apito final, eu estava próxima e, enquanto todos estavam comemorando, alguém pediu para que o grupo se reunisse. Quando a equipe estava fazendo o círculo para iniciar uma oração de agradecimento pelo título, ao final do jogo, uma das jogadoras viu que eu estava do lado de fora e insistiu para que eu fosse participar da oração. Neste círculo também estavam os parentes e as jogadoras lesionadas, que não puderam jogar, mas assistiram e torceram do banco de reservas.

Fotografia 13 – Jogadoras realizando a oração antes da partida no campo da Redenção, com os pés juntos

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2012).

Participar da oração é uma forma de conexão. A importância grupal deste momento é de comunhão espiritual, o sentimento coletivo de benção. É algo impensável algum integrante da equipe não participar deste momento de grande significância. Negar-se a participar da oração é negar sua própria participação na equipe. A oração, mesmo para as jogadoras de outras religiões, seja em conjunto ou reservadamente, possui extrema importância, conforme me explica Éricka, que não é católica:

> Eu sempre procuro entrar com o pé direito e peço a proteçãozinha pra Deus, o anjo de guarda e pros "hôme" que nem eu falo. Pro Bará e Ogum. E vamos pro jogo. Pra que ninguém... principalmente eu sempre peço, né, quando eu faço a oração em campo pra ninguém do time se machucar gravemente, né. Que no ano passado, pelo amor de Deus, né. E aí eu sempre peço pra ninguém se machucar gravemente. Mas eu comecei a pedir mais foi depois do meio do ano pra cá que eu comecei a ver que tava todo mundo se baleando[286]. Mas é só isso que eu faço.

Com base em Segalen (2002), pode-se evidenciar que, para as jogadoras porto-alegrenses, o momento da oração é um ritual de dimensão coletiva que possui uma configuração espaço-temporal específica, de forte carga simbólica e que atribui sentido aos sacrifícios vividos dentro de campo contra uma equipe oponente. A oração atua na realidade social como uma suspensão do tempo cotidiano, cuja eficácia é variável, mas cuja reprodução tem sido tradicionalmente fruto de transmissão entre gerações, reafirmando a noção de grupo.

286 *Balear*, nesse contexto, é sinônimo de machucar-se.

Nos Estados Unidos, entretanto, o círculo de fechamento era bastante diferente. Era um momento em que, após a concentração, eram ouvidas as orientações dos técnicos e havia a proximidade entre as jogadoras como um grupo, porém, sem uma dimensão religiosa. Não havia a realização de oração. Era um momento de êxtase, em que as tensões eram liberadas, para que pudessem entrar focadas no que deveriam fazer em campo. Georgia, uma jogadora que estava no segundo ano da equipe, contou-me mais sobre este momento que antecedia a caminhada delas ao campo:

> Em uma das reuniões no vestiário com a comissão técnica, fizemos este círculo em que todas gritamos umas com as outras. Nós realmente não rezamos ou nada assim, mas ... é melhor. Fazemos isso para nos animarmos, apenas ficamos em círculo e gritamos ao redor do círculo, uma pessoa e, em seguida, a próxima, e é assim que nos preparamos para o jogo.

A equipe da UMass fazia também o círculo antes do começo da partida, após a apresentação das jogadoras. Entretanto, o momento era breve, por vezes apenas gritando "1,2,3... UMass", enquanto as jogadoras reuniam as mãos à frente do corpo, na região da altura dos quadris, e, ao final do grito, as jogavam ao ar, separando-se para se posicionarem antes do apito inicial. O futebol não era visto como uma área de expressão de religiosidades. Entretanto, as jogadoras que expressavam uma fé faziam isso apenas individualmente e de forma silenciosa. Daniela, jogadora de família latino-americana e católica, colocava esparadrapos nos dois antebraços. Em um dos jogos, no pulso esquerdo estava escrito "Acredite". Na parte traseira da chuteira direita, ela escreveu num esparadrapo uma passagem bíblica: "Acredite, Deus é dono de tudo"[287].

Participar de uma equipe de futebol é fazer parte de uma comunidade de sentimentos, mas também de fazeres. As partilhas realizadas dentro destes grupos reforçam a noção de pertencimento e posicionam estas jogadoras no mundo. Assumir-se "jogadora de futebol" pode ser arriscado em alguns ambientes, entretanto, em outras situações, pode conferir uma noção de coletividade.

287 Pode-se perceber que a cultura de Brasil e Estados Unidos estão também presentes nas expressões religiosas apresentadas nos espaços futebolísticos. Conforme dados do IBGE 2010, o número de brasileiros sem religião é de apenas 8%. Nos Estados Unidos, esse número cresce para cerca de 20%, tendo-se ainda que considerar que em Massachusetts a religião possui importância diária para apenas 48% da população. A ausência de pergunta relacionada a religião no *US Census* indica a separação entre Estado e religião nos Estados Unidos. As pesquisas presentes sobre este assunto são realizadas por grupos, tendo sido aqui utilizados os dados citados pelo Pew Research Center, divulgados em 2012 ('NONES'..., 2012).

Quando estavam no círculo de “fechamento” ou realizando suas orações individuais, as jogadoras estavam em conexão com algo que consideravam superior a si. Buscavam forças para que elas próprias ou seus grupos superassem os desafios em campo. Buscavam por proteção física ou espiritual, mas acima disso, estavam em conexão com algo, e o futebol era um dos porquês dessa conexão.

7.6 FOFOCAS E XINGAMENTOS: AS INTRIGAS EM FAMÍLIA

Família é um grupo corporativo, de solidariedade, mas também onde circulam dinheiro e afetos, que são motivos de tensão. A rivalidade existente entre equipes adversárias pode acontecer dentro e fora dos campos. Dentro dos campos são disputadas vitórias em jogos, em disputas que envolvem habilidades. Fora desses campos, as lutas são discursivas e as armas utilizadas variam conforme a posição dos agentes sociais dos diferentes mundos futebolísticos. Defender a família futebolística implica adotar estratégias e atitudes nem sempre bem vistas pelos diferentes grupos sociais.

Em Porto Alegre, o técnico da equipe Veterano, por exemplo, em uma de suas postagens em redes sociais, lançou uma mensagem indireta e bastante confusa, que parecia ter sido escrita para evitar as fofocas feitas nos bastidores. “Bah, fico de cara com alguns colegas do futebol feminino, na frente só falta limpar meus pés e nas costas falam mal. Dai perguntam 'Que foi meu?'. Por isto digo, quando jogam contra mim 'Sou arrogante, né?' Então fala de mim na minha frente, por favor”[288].

Nas redes de poder estabelecidas entre homens que coordenam instituições do futebol, pode-se identificar a existência de uma infrapolítica de discursos secretos (pela boataria baseada na noção de camaradagem e compadrio), principalmente quando são percebidas ameaças e a perda de prestígio ou de privilégios. Para Lomnitz (2009), a fofoca também serve como mecanismo de manutenção de relações de igualdade. A seguir, é exposto o depoimento de um represente da alta hierarquia, sobre a postergação da data da final da Copa RS 2012:

288 A escrita, que inicialmente era de difícil compreensão, foi editada. Nessa escrita podia-se perceber a rapidez de um discurso escrito pelo dirigente desta uma equipe comunitária nas redes sociais, fazendo o uso de aparelho móvel, como veículo de desabafo e divulgação de sua indignação de maneira indireta mas efetiva, sem a preocupação com pontuações e adequações ao português formal.

> As equipes no feminino não têm compreensão. No masculino acontecem as coisas, mas tem parceria. No feminino é *fofocagem* e cada um puxando pra um lado. A Copa Coca-Cola, por exemplo, agora tem apenas quatro equipes, mas *diz que* no Congresso duas dirigentes brigaram. Pega mal as brigas, o pessoal vem falar pra mim. Às vezes eu acho que não estou bem das minhas faculdades mentais para continuar insistindo, e por isso vou me preservar mais. Isso acontece porque tem gente (mulher) que quer ser a única dona do campinho, mas dessa forma o interior fica sem oportunidade. O interior tem que ser valorizado.

Conforme Fonseca (2000), a fofoca pode ser utilizada para afetar a imagem social da outra pessoa e é uma estratégia de quem se sente vulnerável. "Usada contra os fortes, a fofoca é uma arma de manipulação e de proteção; usada por fracos contra fracos, ela se torna um instrumento de ataque" (FONSECA, 2000, p. 33). No *futebol de mulheres* porto-alegrense, as conversas sobre os "bastidores" eram realizadas tanto por homens quanto por mulheres. Informações que não eram consideradas como passíveis de circulação geral, eram comentadas entre eles.

Com o tom de voz baixo, as fofocas circulavam ao redor do campo. Homens e mulheres trocavam as mais variadas informações sigilosas, sobre as intimidades, relações com outros agentes do esporte (técnicos, jogadoras e árbitros), construíam estratégias para favorecer seus grupos ou pessoas de suas preferências. Quando alguém "não autorizado" se aproximava, a conversa era interrompida. Caso a pessoa permanecesse, o assunto era trocado. Após sua saída, dependendo da importância do tema, a conversa era retomada.

Em uma dessas situações, dois pais de jogadoras estavam comentando sobre os problemas para manter as bolsas atléticas de duas filhas em um colégio particular de Porto Alegre, que juntas custavam anualmente cerca de 50 mil. Conversavam sobre quem fornecia as bolsas e estratégias para continuar recebendo. "Jogar aqui (no Brasil) é perda de tempo, é pagar para jogar", disse um dos pais sobre os benefícios de jogar no exterior. A conversa ocorria em voz baixa, ao redor da grade. Em alguns momentos faziam pausas para incentivar as jogadoras em campo, mas tinham como foco principal o assunto que envolvia questões financeiras.

Mesmo quando não há o discurso, o próprio silêncio pode ser entendido como forma discursiva, um não dizer. Durante o percurso etnográfico, não foram raros os momentos em que percebi que o silêncio é também calculado, há momentos em que se pode falar; nos

demais, calar. A fala é um poder circulante, e isso a torcida também parece saber. As pressões e gritos empreendidos pelos torcedores tensionam a partida e influenciam no resultado de jogos.

Durante as viagens com as equipes, ao lado de pessoas, conversava sobre suas vidas e também sobre o *futebol de mulheres*. Em uma delas, ao meu lado estava Ponciano, um senhor de idade que serve como "olheiro" para as equipes. Ao perceber que nossa conversa estava sendo ouvida por outras pessoas no ônibus, trocou de assunto, para evitar que as informações circulassem.

Em outra situação, ao lado de Éricka, uma jogadora veterana, a conversa foi interrompida bruscamente quando ela falava sobre as jogadoras que não iam aos treinos para "dar migué", dizendo que não tinham dinheiro, mas que não queriam gastar de seus próprios recursos financeiros. Revirou os olhos para os bancos da fileira de trás do ônibus e me disse: "Estão tentando catar (informações da conversa), aqui", se referindo a duas colegas que estavam atentas, e encerrando a conversa. Seu silêncio era estratégico. Evitava que alguma das informações fosse escutada por jogadoras e repassada a dirigentes, causando tensões no grupo de jogadoras ou podendo ser usada contra si.

No *futebol de mulheres,* podem ser também utilizadas outras formas de ataque à imagem e à reputação de pessoas que não estejam assumindo as posturas esperadas nos grupos. As fofocas, por exemplo, são um meio discreto de disseminar informações sem comprometer gravemente os privilégios ou a integridade de quem as utiliza.

Em relação às fofocas que circulam entre as equipes, pode-se elencar alguns tipos mais comuns: as de cunho mais político, em relação aos "problemas da modalidade" (estruturas físicas, organização, assédio, injustiças, falcatruas) e as de cunho pessoal (em relação aos relacionamentos entre pessoas de diferentes grupos esportivos ou sociais, suas condutas e reputação).

Em relação aos "problemas da modalidade", as fofocas circulam com informações referentes à organização de campeonatos (com informações sobre a organização dos eventos, locais de jogo e arbitragem) e sobre as equipes (sobre a estrutura física, os profissionais que nela atuam ou em relação a ajudas de custo). As informações podem repercutir ou

simplesmente serem ignoradas. Nem sempre havia o interesse de que certas informações circulassem.

As fofocas de cunho mais pessoal envolviam dirigentes (privilégios, "explorações" e "puxadas de tapete"), técnicos (as propostas, privilégios e desfavorecimentos[289]) e jogadoras (amizades, sexualidade e rivalidades). As fofocas de "cunho pessoal" envolvem a construção de boas e más reputações, as quais podem criar oportunidades ou influenciar nas estratégias adotadas por outras pessoas na construção de seus projetos esportivos. Deve-se lembrar que, no *futebol de mulheres*, a circulação de agentes se dá pela indicação.

As rivalidades estão relacionadas com o aumento da violência dentro dos jogos, bem como para olhares "tortos" fora deles. Olhares que desviam, que encaram ou que apenas acompanham. As fofocas e a circulação de informações sobre as outras equipes também são constantes em ambientes hostis. As rivalidades podem ser acirradas ou diminuídas, dependendo da renovação do plantel ou também chamado elenco de jogadoras. Geralmente as rivalidades são transmitidas pelas jogadoras mais antigas, que narram fatos acontecidos ou explicam os porquês desses sentimentos em relação à equipe adversária.

Embora as jogadoras enunciassem que "fora do campo é outra coisa", ao afirmar que a rivalidade se restringia apenas às quatro linhas e durante o período de jogo, nos olhares estavam declaradas vigilâncias de olhares e atitudes entre equipes adversárias. Algumas rivalidades extrapolavam não apenas o tempo de jogo, mas também influenciavam nas interações existentes entre os diferentes grupos adversários.

Em um dos jogos pelo Campeonato Gaúcho, após a chegada ao campo de jogo, durante os preparativos, uma das jogadoras pediu para que uma das "tias" (mãe de outra jogadora) a acompanhasse no trajeto entre o gramado e o vestiário, caso contrário poderia "se estressar" ao encontrar no caminho jogadoras da equipe oponente e começar uma briga. Outra mãe recomendou que a melhor atitude era não encarar, ou seja, não olhar fixamente para os olhos dela. A jogadora disse que se a "guria viesse dar soco", ela retribuiria, mas foi repreendida pela mãe, que advertiu: "Não faz nada. Olha pro lado ou pra baixo e sai de perto".

289 Ser uma jogadora diferenciada é uma vantagem em relação às demais. Ela pode estabelecer uma relação de acordos informais e receber quantias para jogar, uma atenção especializada quando precisa de algum tratamento de lesões ou também carona, caso não tenha como se deslocar para algum jogo. Ser diferenciada, significa ter um nível técnico superior às demais, ser uma exceção em termos do que as demais apresentam.

As questões formuladas permitem perceber as rivalidades e antagonismos que, quando tecidos, demonstram uma colcha de diversidades dentro do *futebol de mulheres* porto-alegrense. As rivalidades não são existentes apenas em relação às jogadoras de outras equipes, mas também dentro do próprio grupo, na disputa por espaço nos jogos, pela titularidade. Entretanto, essas disputas podem ser apaziguadas por uma noção de coletividade.

As tensões são apaziguadas dentro das equipes por discursos como os referentes à ideia de família e união do grupo, para a superação da equipe adversária. Mesmo sem terem similaridades em relação a gostos ou a lugares em que frequentam, esses grupos disjuntos, por gostarem do mesmo esporte, estabelecem uma relação de convergência, canalizando suas energias e esforços para derrotar as adversárias.

Neste universo de poderes, não se pode dividir racionalidade e sentimentos (ZELIZER, 2009). Há disputas simbólicas e institucionais dentro e fora de campo. O partidarismo por alguém não é gratuito. Para isso, é necessário "saber separar" o que é do jogo ou não. O que é do jogo é o que deve ser feito para que se consiga algo. Há, portanto, diversas formas de governo envolvidas nos jogos: 1) o governo do público; 2) o governo de si; 3) o governo dos agentes. Saber as formas de governar é importante, para encontrar as melhores estratégias, me disse uma dirigente de equipe:

> Todos se conhecem, somos todos amigos, mas quando entrou para dentro do campo, cada um quer o melhor. Entrou na competição, eu quero o melhor para a minha equipe, o outro vai querer o melhor pra sua equipe e eu acho que por isso às vezes não conseguimos busca de eventos ou patrocínios e acaba tendo essa barreira, é a competitividade muito grande.

Há entre as equipes disputas por capitais simbólicos, financeiros e atléticos. Em 2015, a equipe do Veterano entrou em campo com uma faixa com os seguintes dizeres: "Rivalidade é motivo de Amizade e Descontração! Não é pretesto (sic) para Agressão e Violência! Queremos paz! Futebol não é guerra". A faixa carregada pelas jogadoras é extremamente significativa e demonstra que a violência existente nos campos pode extrapolar os limites esperados. Entretanto, ressaltam o caráter participativo das competições, nas quais esperam que prevaleçam a amizade e a descontração.

Além das rivalidades entre equipes, existem as rivalidades acaloradas entre algumas torcidas. Entretanto, sem confrontos físicos. As ameaças eram apenas discursivas. As

rivalidades mais acentuadas aconteciam entre equipes da capital e equipes do interior. Nesses casos, questões geográficas e de etnicidade eram trazidas em alguns jogos do Campeonato Gaúcho Feminino. Nesses momentos pude presenciar quando um torcedor de Erechim estava no Instituto Ronaldinho e gritou à arbitragem "Puta que pariu" e uma mãe, ao meu lado, gritou para ele: "Quietinho, olha o respeito. Pensa que tá na tua terra?".

Ao sair do local do jogo, o ônibus do time de Erechim já estava na porta da saída. Um dos torcedores, quando estava passando por elas, buzinou bastante e gritou: "Polenteiras!" (em referência à descendência italiana)[290]. Os preconceitos relacionados à etnia também existiam em treinamentos de futsal que pude presenciar em que eram realizados comentários sobre as jogadoras "polenteiras", que são fisicamente mais fortes e "só dão pau", ou seja, utilizam muito da força física em jogo, o que pode causar lesões.

Embora os xingamentos e hostilidades façam também parte do jogo, em uma das partidas que observei, valendo o título do Campeonato Gaúcho, a torcida do interior proferia dizeres que demonstravam às "jogadoras da capital" que a disputa não seria fácil: "Aperta, que ela entrega", "Encosta, que ela gosta", "Aquilo (a jogadora) só tem tamanho e peso", "Essa é só balaca", "Dá no meio dela" (dito por uma mulher), "Isso, derruba ela", "Vamo lá que ela só veio pra tomá banho de sol na coxa" (outra mulher), com risos da torcida.

Enquanto a rivalidade pode ser entendida como positiva, pois torna os jogos mais absorventes, mais importantes, ela também pode ser motivo para receios de que a integridade física das jogadoras possa ser comprometida. A defesa da família futebolística, conforme se pode perceber, é realizada de diversas formas, tentando influenciar os agentes para que se consigam concretizar projetos coletivos e individuais.

***

Conforme se pôde ver neste capítulo, o familismo no *futebol de mulheres* possui uma importante dimensão. Tanto as famílias *de origem* quanto as *esportivas* dão uma noção de grupalidade, de "estar junto" e fazer atividades "junto". Essa coletividade dá sentido aos sacrifícios empreendidos, envolvendo dimensões afetivas e também religiosas. Na trajetória

290 Desde o início do século XX, a região de Erechim foi colonizada por imigrantes poloneses, alemães, judeus e italianos.

de Ana Paula, por exemplo, pode-se perceber que o futebol aparece como fonte de sentimentos intensos, trazendo inclusive a ideia de "paixão" pelo jogo, que permeia o discurso de diversos integrantes deste futebol.

A união das famílias (de origem e esportivas), em Amherst, era mediada pela comida, em encontros pós-jogos, chamados *potlucks*. Em Porto Alegre, os esforços empreendidos pelas jogadoras eram retribuídos de diversas formas pelas famílias de torcedores. As performances familiares eram importantes formas de "pressão". Os torcedores contribuíam cada um na medida de suas possibilidades: alguns fornecendo comida, outros, afeto e outros, apoio durante o jogo (gritando, por exemplo).

Enquanto em Amherst a torcida era mais contida, com receio de possíveis punições, a torcida porto-alegrense parecia se sentir mais livre para esbravejar e expurgar as tensões diárias. Em termos comparativos, também se pode perceber que, enquanto em Porto Alegre as jogadoras tinham uma dimensão religiosa muito forte, presente na ideia do "fechamento", a postura das estudantes-atletas de Amherst revelava que a religiosidade era algo reservado à esfera privada, uma opção particular. Embora o familismo tenha seus benefícios na reafirmação de uma coletividade, essa união grupal envolve também fofocas, tensões e dissensões que demandam mediações entre as pessoas que integram estas famílias.

8. O POLÍTICO A PARTIR DA ESTÉTICA

No espectro do *futebol de mulheres* não existem claras bandeiras feministas ou *queers*, mas pode-se pensar que talvez elas estejam sendo exercidas concomitantemente às suas práticas. Por uma via ou por outra, e independente das diferenças, os/as esportistas dramatizam as questões de gênero a todo tempo. Talvez pela distinção dos naipes, ou pela exposição dos corpos, ou pela intensidade dos afetos, ou por tudo isso junto.

As mulheres que estão na beira do gramado, a xingar, pular e gesticular com os braços, lutam por espaços e liberdades, de certa maneira semelhante às militantes feministas que pintam os corpos e vão para o Parque da Redenção em Porto Alegre participar de passeatas. Buscam por espaços de expressão, balançam seus braços e impõem também suas presenças, expondo indignação e empoderando-se. As performances estéticas, constitutivas desses espaços, também podem ser lidas a partir de um horizonte político. Trata-se, pois, de pensar os corpos, com suas inscrições, trejeitos e movimentos, como modalidades discursivas.

As noções de masculinidade e feminilidade, quando extrapolam os parâmetros tradicionais, causam estranhamento. Para Bonino (2002), existe em nossa sociedade a imposição de uma masculinidade hegemônica que exclui as demais masculinidades. Para ele, essa hegemonia, desde o Renascimento, mantém estáveis seus elementos básicos, impondo uma determinada configuração de subjetividade e corporalidade.

Enquanto praticantes, em que masculinidades e feminilidades alternativas se tornam emergentes, as futebolistas transgridem a estrutura vigente com atitudes e práticas presentes

nas performances apresentadas. Suas performances desafiam as classificações, demonstrando a infiltração de elementos na análise das ações. No âmbito esportivo, durante a etnografia, elas não me pareciam engajadas em movimentos feministas, mas não seria por isso que se poderia pensar esse espaço esportivo como alienado destes temas. Poder-se-ia pensar no sentido oposto: ao exporem seus corpos, pela maneira como os expõem e por fazerem algo recriminado, essa é uma modalidade de atuação política.

Neste sentido, a (in)visibilidade das mulheres como sujeitos esportivos também se refere a desigualdades sociais no tratamento dos gêneros e nas ênfases dadas às características consideradas masculinas. Permanecem sendo reproduzidos diversos preconceitos sobre as mulheres que jogam futebol, bem como são perpetuados os tabus em relação à orientação sexual e identidades de gênero alternativas no futebol de homens.

Conforme Knijnik (2014), as futebolistas sofrem com três tipos de discursos preconceituosos. O primeiro se refere ao medo do distanciamento de uma feminilidade tradicional, sexualmente desejável. O segundo se refere à masculinização da mulher que pratica um esporte de contato que é considerado "masculino". O terceiro se refere à visibilidade de signos de masculinidade que possam associar as jogadoras com a homossexualidade e os preconceitos consequentes dessa associação.

Neste capítulo, portanto, abordo a questão das masculinidades e feminilidades no *futebol de mulheres*, bem como as tensões sobre sexualidade e gênero, empregando dois termos êmicos que estão no título da tese: as *Barbies* e as ogras. A seguir, abordo a produção dos corpos (não apenas biológicos) esportivos e o questionamento da normalização dos prazeres e sexualidades. Dessa forma, faço algumas leituras sobre como o andar, os gestos, os pelos e cabelos, bem como os cheiros e as excreções podem estar relacionados com a estética apresentada, que também é política.

8.1 AS MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NO FUTEBOL

É interessante observar que, enquanto no Brasil o futebol é visto como um esporte de expressão de masculinidades (assim como em outros países da América Latina), em países como os Estados Unidos e outros países que foram colônias inglesas, os esportes mais relevantes e que expressam a masculinidade são outros. A exemplo disso, pode-se considerar

nos Estados Unidos, o *football*; na Austrália, o *rugby*; na África do Sul, o críquete e o *rugby* (DARBON, 2011)[291].

Conforme Russell (2007), as mulheres são rotuladas principalmente quando participam de atividades tradicionalmente definidas como masculinas, que possuem contato físico e apresentam corpo forte e musculoso (tais como futebol, boxe, *rugby* e fisiculturismo). Porém, as rotulações mais corriqueiras, tal como, por exemplo, "lésbicas", podem acontecer em esportes que não sejam considerados "tradicionalmente masculinos", tais como os considerados femininos e sem contato, como o *netball* no Reino Unido. Em parte, isso se deve à exposição pública de seus corpos em atividades esportivas.

No caso dos Estados Unidos, os esportes mais populares e valorizados estão historicamente organizados nos corpos de homens mais extremos (os mais altos, mais fortes, mais velozes). "Outros podem resistir à inclusão das mulheres nos esportes porque sabem (ou sentem) que a equação do atleticismo com homens e masculinidade tem servido como uma importante base ideológica do poder e do privilégio social dos homens" (MESSNER, 2002, p. 142, tradução minha)[292].

Na América Latina, a masculinidade é construída e ensinada também nos esportes coletivos, mas principalmente no futebol. Modelos tais como o *pibe*, figura mítica do futebol argentino representada por jogadores como Maradona, pairam no imaginário do futebol latino-americano como formadores da identidade nacional masculina (ARCHETTI,1999). Para Archetti (1999), o futebol seria, assim, tanto um espelho quanto uma máscara, ao mesmo tempo. A ideia do "macho", assim como a do "gaúcho", envolve não apenas uma linguagem masculina, mas também um olhar sobre os fazeres realizados por homens "de verdade", considerados representantes de determinadas culturas.

O futebol brasileiro ainda é uma modalidade esportiva considerada como área de expressão de masculinidades, entretanto, demonstra a potencialidade de um universo simbólico bastante fluido, de alargamento de fronteiras, no qual os sujeitos e as práticas

291 Darbon (2011) analisa as diferentes formas de difusão dos esportes nos países, bem como as trocas esportivas e culturais realizadas pelas nações. Para o autor, não são apenas os objetos de estudo que mudam, mas também os aparelhos conceituais a partir do qual são estudados. Ou seja, deve-se atentar tanto as mudanças nos eventos (e práticas) quanto nas teorias (e conceitos).

292 Trecho original: "Others may resist women's inclusion in sports because they know (or sense) that the equation of athleticism with men and masculinity has served as an important ideological underpinning of men's social power and privilege".

podem ser legitimados sem a necessidade de reprodução de um único padrão. Os valores tradicionais podem assim ser questionados, reproduzidos, recriados, conforme os interesses dos sujeitos.

O futebol é modalidade esportiva considerada uma área da expressão da masculinidade hegemônica, entretanto, pode-se perceber na atualidade o emergir de múltiplas masculinidades. Nessas masculinidades alternativas, os jogadores podem usar chuteiras coloridas e técnicas de embelezamento (tais como tinturas, luzes nos cabelos ou chapinhas).

A expressão dessas masculinidades alternativas, entretanto, não chega a se aproximar tanto do feminino a ponto de comprometer a reprodução de uma suposta masculinidade hegemônica. Além disso, elas são toleradas, mas raramente incentivadas. Há cuidados que devem ser tomados em relação às aproximações realizadas em direção ao feminino. A expressão da masculinidade não está apenas na estrutura social, mas na subjetividade de quem a exerce, pois "os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos" (CONNEL; MESSERCHMIDT, 2013, p. 257).

Para Connell (2012), o feminismo tem garantido os estudos de homens e masculinidades. Para a autora, existem múltiplas masculinidades, e não se pode considerar os homens como sendo um grupo homogêneo e nem se pressupor a masculinidade como algo fixo, uma entidade ahistórica. Conforme Connell (2012), existem padrões espaciais da hegemonia, com variações da masculinidade hegemônica nos diferentes níveis de organização social (local, regional e global). A hegemonia se refere à centralidade e autoridade cultural, na aceitação desse poder pelas pessoas que a ele são submetidas. A masculinidade hegemônica[293], entretanto, não deve ser confundida com violência, embora o uso da violência possa ser sistematicamente apoiado, com a impunidade.

Para Connel e Messerschmidt (2013), a noção de masculinidade hegemônica é algo que dificilmente traduz a vida de um homem real, mas expressa nesses modelos ideais,

293 Anderson (2005) classifica as masculinidades em duas formas normativas: a ortodoxa (que se aproxima da masculinidade hegemônica, exaltando culturalmente uma forma de masculinidade sobre as outras, depreciando mulheres e homens gays) e a inclusiva (que aceita os fundamentos de feminilidade e valoriza colegas gays). A masculinidade ortodoxa é aquela que valoriza o poder, prestígio e privilégio masculinos. A educação recebida por homens de masculinidade ortodoxa é sexista, antifeminista e frequentemente misógina. As masculinidades marginalizadas são aquelas que desafiam a ortodoxa. Há, portanto, em alguns grupos, um policiamento não apenas dos comportamentos, mas também da exposição de relacionamentos.

fantasias e desejos satisfatórios. Para os autores, a dicotomia *sexo* (biológico) versus *gênero* (cultural) marginaliza ou naturaliza o corpo. Este modelo propaga ideais que se distinguem de outras masculinidades subordinadas, mas que ideologicamente representam as formas mais "honradas" de ser homem. Consideram como masculinidades subordinadas todas aquelas diferentes da hegemônica e que podem ser chamadas de masculinidades alternativas.

Ainda de acordo com Connel e Messerschmidt (2013), existem duas hegemonias: a interna (em que um grupo de homens ascende socialmente em relação aos demais) e a externa (que institucionaliza a dominação de homens sobre mulheres). Assim, as masculinidades subordinadas e marginalizadas não devem ser vistas como construindo a masculinidade hegemônica. Os autores afirmam ainda que as masculinidades alternativas tensionam, mas não penetram ou impactam na masculinidade hegemônica. A hibridez de prática de gênero "enfumaça" as diferenças, porém, sem muito afetar as noções tradicionais. É reiterado, portanto, o que Sabat (2004) considera como mecanismos de controle e regulação das expressões de gênero que estejam fora do que é considerado como normalidade:

> De um modo geral, o objetivo é eliminar dúvidas e ambigüidades que, porventura, venham a existir a respeito de determinados sujeitos que se apresentam de maneiras que fogem aos padrões dominantes. Nesse caso, é necessário reforçar o discurso hegemônico de modo a forçar uma identidade definitiva e, de algum modo, tentar eliminar as 'marcas' da diferença (SABAT, 2004, p. 98).

A existência de uma versão hegemônica de masculinidade é um argumento também defendido por Kimmel (1998). De acordo com o autor, a hegemonia representada pelo "*self-made-man"* superou e desvalorizou outras masculinidades, com diferentes etnias, posições sociais, idades e sexualidades. A masculinidade hegemônica seria aquela que valoriza o homem adulto, urbano, classe média, branco e heterossexual:

> A masculinidade deve ser provada, e assim que ela é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada ainda mais uma vez; a busca por uma prova constante, durável, inatingível, torna-se em última instância uma busca tão sem sentido, que ela assume as características, como disse Weber, de um esporte (KIMMEL, 1998, p. 111).

Neste mesmo sentido, Cooky (2009) permite pensar que as experiências da classe média *americana* possuem ligação com o modelo de experiências de uma matriz espetacular, as quais são baseadas na competição desmedida e demonstrações agressivas de superioridade

atlética pela vitória. Reproduz o padrão de masculinidade utilizado para "avaliar" a virilidade de outros homens de uma "masculinidade hegemônica" definida pela imagem de controle de poder exercido por adultos jovens, brancos, urbanos, classe média, heterossexuais, com valorização das noções de poder, êxito e riqueza.

As masculinidades são construídas por meio de um complexo que envolve ativa negociação. Conforme Connel (2002), a masculinidade se refere ao corpo dos homens, mas não é determinada pela biologia, podendo-se, portanto, falar de mulheres masculinas. A masculinidade hegemônica é aquela considerada mais honrada e desejada. A prática individual pode aceitar e reproduzir a masculinidade ou confrontá-la e contestá-la. O cruzamento de gêneros, portanto, é apresentado como transgressivo e anormal.

Connell e Messerschmidt (2013) extrapolam a visão comum ao afirmar que as masculinidades também podem estar presentes nas práticas de corpos de mulheres. Ao afirmar que as mulheres são mais fracas, portanto, deve-se indagar: em qual perspectiva? Qual mulher é mais fraca que qual homem? Afirmar que as mulheres (num geral) são mais fracas que os homens (em sua maioria) seria reduzir ambos a categorias universais. Se uma mulher é considerada mais fraca que um homem, deve-se perguntar em relação a qual homem se faz a afirmação e ainda indagar-se sobre o porquê daquele homem ter sido usado como referencial:

> O que distancia o conceito do essencialismo é o fato de que pesquisadores exploraram as masculinidades postas em ato por pessoas com corpos femininos. A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.250).

Não se pode negar que todas as características anatômicas que são ditas de homens ou de mulheres são culturalmente mediadas. As leituras possuem um viés cultural. Afirmar que os homens (essa entidade genérica que abrange a todo um grupo) são fortes é injusto. Injusto não em relação às mulheres, mas aos próprios homens, porque não permite a liberdade de que alguns homens não queiram ser fortes e nem queiram ter sua força medida ou comparada.

Na medida em que a força não seja relevante, como em áreas em que a tecnologia reduziu esta necessidade, pode-se perguntar em qual medida o esporte tem sido uma área a manter a necessidade de reafirmar os ganhos provindos da força e da violência. Connel e

Messerschmidt (2013) argumentam que os esportes de contato e de confronto funcionam como renovação contínua do símbolo da masculinidade, onde os danos emocionais e físicos (violência) são presentes. Para os autores, a masculinidade não está encarnada nos corpos ou na personalidade, mas, sim, nas práticas. Os ganhos sociais do afastamento ou distanciamento da masculinidade hegemônica são estrategicamente negociados entre indivíduo e espaço social, conforme os contextos vivenciados.

A necessidade de provar a virilidade, a competitividade e outras características que são atribuídas ao masculino cria um certo paradoxo entre o que é esperado da mulher em termos de performance e os ideais de sensualidade e feminilidade "atraentes" para o público de eventos esportivos. Jeanes e Welford (2009) comentam os trabalhos que foram realizados sobre as garotas que tentaram realizar a prática do futebol, afirmando que as mais masculinizadas foram as que conseguiram adentrar na área masculina com mais êxito:

> Algumas meninas que construíram uma identidade mais 'tomboy' e eram altamente habilidosas foram capazes de invadir a arena masculina do futebol, mas acharam que era cada vez mais difícil continuar a construir a identidade masculina necessária para legitimar a jogar neste cenário conforme passavam da adolescência à idade adulta (JEANES; WELFORD, 2009, p. 3, tradução minha)[294].

As jogadoras de futebol estão constantemente negociando suas ações em relação aos seus interesses e desejos. Há, portanto, a potência de um universo simbólico bastante fluido, de alargamento de fronteiras, no qual os sujeitos e as práticas podem ser legitimados sem a reprodução de um padrão único. Os valores hegemônicos podem assim ser questionados, reproduzidos, recriados, conforme os interesses dos sujeitos, sejam eles homens ou mulheres:

> A masculinidade masculina ou a feminilidade feminina, que poderiam ser ditas como dominantes, encontram-se, assim, dissolvidas em meio à diversidade que pode se refletir nas roupas que traduzem estados de ânimo diários ou afirmação de posicionamentos sexuais ou de gênero mais permanentes (KESSLER, 2010, p. 54).

Quando estão nos campos de futebol, as futebolistas disputam, correm, transpiram em busca da vitória de suas equipes ou de suas próprias conquistas. Algumas delas são chamadas

294 Trecho original: "Some girls who constructed a more 'tomboy' identity and were highly skilled were able to break into the masculine arena of football but found it increasingly difficult to continue to construct the masculine identity needed to legitimise playing in this setting as the moved into adolescence and womanhood".

de “guerreiras” por pessoas que estão na torcida, demonstrando que, nas batalhas simbólicas travadas dentro de campo, há sim espaço para que as mulheres guerreiem.

A questão da masculinidade submerge principalmente devido a fatores externos, geralmente levantado por torcidas rivais ou por agentes da mídia. As vaias, os gritos e os xingamentos podem ser proferidos sobre o visual das jogadoras, visando a desestabilizá-las e utilizar o gênero como desqualificador de suas performances.

Dentro do campo de futebol, a jogadora não pode utilizar acessórios de beleza (que para algumas são bonitos, e para outras desconfortáveis), não pode usar calças (mas pode esconder o corpo com um calção largo e um meião comprido além dos joelhos) e não pode andar descalça (mas pode escolher a cor de chuteira de sua preferência). As estéticas e rotinas impostas podem ser interessantes para algumas ou até incômodas, como o uso de caneleiras para a proteção de machucados. Independentemente das roupas ou acessórios permitidos ou proibidos para o uso, deve-se pensar que esses podem ser espaços para a livre expressão de seus corpos, bem como podem ser espaços em que não se sintam tão obrigadas a seguir padrões considerados como “femininos”.

Há jogadoras que, mesmo ao vestirem roupas unissex, percebem-se como femininas, apenas adicionando em seus visuais algum adereço que possa ser considerado “feminino” (como anéis, tiaras, faixas, brincos, pulseiras, colares, lenços). O cabelo curto, por exemplo, em alguns casos é considerado como feminino em jogadoras. O problema não seria o corte ser curto, mas, sim, que o estilo do corte considerado “masculino”. Relembro um dia em Alvorada, quando passaram duas jogadoras da equipe adversária, com roupas largas, camiseta xadrez, calça *baggy*[295] e cortes de cabelo curto, e uma jogadora repreendeu a vestimenta das adversárias, dizendo que elas não eram gurias, elas eram “minos”, ou seja, rapazes. Entretanto, em outras ocasiões, presenciei colegas de equipe elogiarem penteados curtos de colegas, tais como Tati Bicca.

A questão do que é masculino ou feminino é controversa. Longe de conseguir definir esses padrões com rigor, pode-se, entretanto, perceber desde a década de 1980 são perceptíveis incentivos realizados por dirigentes e jogadoras rio-grandenses à “feminização” dos grupos (KESSLER, 2010). Os cuidados na apresentação pessoal e coletiva são vistos

295 As calças *baggy* ou *saruel* têm quadris largos e cintura alta, sendo consideradas mais confortáveis.

como investimentos na busca por patrocínios e diminuição de preconceitos, tais como cabelos compridos, às vezes com o uso de chapinha, uso de maquiagem (mesmo que leve) e acessórios (como prendedores de cabelo ou faixas de cabelo).

O feminino aparece nos discursos em contraposição ao masculino, havendo a constante renúncia ou tentativa de afastamento discursivo do que seria contrário à norma, inclusive para quem não a segue. Cabe ressaltar que esta é uma questão em que há tensões e pontos de vista divergentes e que também está relacionada a diversas características individuais. Abrange mais que aparência, vestimentas utilizadas ou os itens e acessórios escolhidos. Conversei com uma futebolista que conhece muito bem os diversos mundos futebolísticos de Porto Alegre. Em relação a este tema, expressou-se da seguinte forma:

> Se eu vou assistir um futebol feminino, eu quero ver meninas.... não precisa ser umas *Barbies* jogando, mas meninas com aparência de meninas. No caso, que a menina não se agache na minha frente e esteja utilizando uma cueca. É opção dela? Ok, mas se tu trouxer isso pra dentro de um time feminino é o primeiro motivo de preconceito pro cara justificar que 'Eu não vou patrocinar', é isso. Porque eu já ouvi isso. Eu já participei de uma equipe profissional que perdeu o patrocínio porque o cara falou exatamente isso: 'Eu quero patrocinar um time feminino'. Ponto. E simplesmente a gente não viu mais a verba dele. (...) Mas por quê? Porque no time entrou uma menina com o cabelo cortado, ela usava calça masculina, ela usava cueca. E tipo, isso tudo reflete no time. (...) Querem namorar, que namorem. Mas não num dia de torneio. Não dentro do campo. Então é... de repente alguém vai interpretar isso como um preconceito, mas não é. O futebol feminino é criminalizado, principalmente... em 95%, em função de homossexualismo.

Nas entrevistas que realizei com jogadoras, grande parte delas reforçou a necessidade de afastamento do que possa ser considerado masculino ou não normativo. Entretanto, na rotina diária, as jogadoras utilizavam roupas confortáveis, as quais não se enquadrariam naqueles parâmetros que elas reproduziam como “normal” ou necessário para manter a imagem positiva do grupo. O que poderia parecer incoerência significa a introjeção discursiva e reprodução de pressões sociais produzidas no âmbito familiar, de amizade ou profissional. As *Barbies* podiam ter ganhos de visibilidade ao demonstrar fragilidade e delicadeza, entretanto, sem alcançar ganhos de força e potência associados à matriz espetacular, ligada à masculinidade hegemônica. Ao entrevistar uma jogadora que era forte fisicamente, ela positivava a força como integrante do processo de formação da mulher atleta:

> Querendo ou não, a grande maioria das meninas ficam mais fortes, né. Se realmente viram atleta, tu vai olhar, ficam mais fortes. Tu vai olhar uma mulher que faz natação a vida toda. A caixa abre, os braços são maiores, as coxas são maiores. Porque trabalharam. Tem mulher que nunca fez porra nenhuma na vida. São umas minguadinha, são delicadinha, são... eu acho que... a exigência do esporte faz isso.

Vestir-se fora dos treinos e nas aparições à mídia usando acessórios e roupas femininas é uma estratégia que auxilia na visão delas como símbolos de heterossexualidade, diminuindo os preconceitos direcionados. As jogadoras entrevistadas por Cox e Thompson (2000) disseram que não se ofendem ao serem chamadas de *tomboy*[296], mas não gostam de serem chamadas de meninos. Elas não pretendem ser como meninos, apenas sabem que são garotas diferentes, que tiveram mais liberdades na infância e não possuem tantos problemas em relação a sujar a roupa, correr ou praticar outras atividades físicas:

> Quando perguntadas sobre o que o termo feminilidade significa para elas, suas respostas variaram de 'ter seios' e 'usar [absorvente] Tampax', ao modo como as mulheres aparentam e se movem (...) Usar maquiagem, perfume, vestidos ou camisetas, tudo faz parte do que essas jogadoras descreveram como agir de um modo feminino, mesmo quando nenhuma delas acreditava que isso era necessário para agir dessa forma para ser feminina. Muitas jogadoras demonstraram um entendimento implícito de que em alguns momentos elas deviam 'representar' serem femininas (COX e THOMPSON, 2000, p.14, tradução minha)[297].

Nos espaços porto-alegrenses, mesmo que as informações disponíveis no plano estético sugerissem escolhas de itens de vestuário considerados como masculinos, em algumas situações o masculino era ressignificado pelo público presente. Em alguns casos, mesmo que a garota ou mulher tivesse cabelo comprido, por exemplo, isso não era suficiente para que fosse considerada feminina. O estilo do corte e o tratamento dado ao cabelo, associado ao estilo das roupas, reduzia alguma possível associação a um padrão masculino. Porém, não só o corpo e sua apresentação, mas também o comportamento e as performances que envolvem o gestual auxiliavam na classificação das jogadoras como mais masculinas ou mais femininas.

---

296 *Tomboy* seria algo como “menina-homem” ou “Maria-João”, expressão que se refere a garotas que se vestem de forma masculina ou possuem comportamentos semelhantes aos dos garotos. Após a fase da adolescência, este tipo de comportamento/aparência tende a ser mais recriminado socialmente.

297 Trecho original: “When asked what the term femininity meant to them, their answers ranged from 'having breasts' and 'using Tampax', to the way women looked and moved. (...) Wearing make-up, perfume, dresses or skirts, all formed part of what these players described as acting in a feminine way, even though none of them believed it was necessary to behave like this in order to be feminine. Several players showed an implicit understanding that there were times when they had to 'play' at being feminine”.

Ser masculina ou feminina pode ser também sinônimo de poder. Uma das respostas sobre a feminilidade que mais me intrigaram partiu de uma jogadora universitária *americana*. Perguntei a Jen "O que é ser feminina para você?" e ela me respondeu:

> Feminina? Ser poderosa, mas polida (risos). Feminilidade é algo confuso (risos). É um ato de equilíbrio, porque você é ensinada a ser polida, elegante, graciosa, *girly*, gostar de rosa e coisas assim. Mas eu penso que há na atualidade um grande aspecto sobre mulheres sendo fortes, tendo confiança e seguindo suas vidas sem se preocuparem com as outras pessoas. Para mim, é algo enorme. Quando penso em mulheres, penso em mulheres poderosas como Michelle Obama, Beyoncé, Oprah Winfrey ou mulheres poderosas que sabem o que querem e que não se importam com o que os outros pensam e fazem o que querem. Quando eu penso em feminilidade, penso no aspecto *girly*... Eu realmente não gosto dessa palavra. Eu penso que uma garota que é elegante, polida, se enquadra nos padrões sociais mas ainda precisa se esforçar e é isso que eu tento todos os dias. Eu tento ser uma garota que... 'Sim, eu sou uma garota'. Em todas as formas eu gosto de rosa, me produzo e coloco esforços no meu cabelo às vezes (mas não o tempo todo). Eu sou uma garota, mas isso não significa que eu não possa competir em outros aspectos da vida, como na Engenharia e no futebol.

Para Jen, a feminilidade extrapola o senso comum. Para ela, ser feminina é ser poderosa. Jen cita como exemplos de feminilidade mulheres negras, muito diferentes de sua etnia e aparência. Entretanto, todas são mulheres que estão em evidência e possuem alguma influência na mídia internacional. Para Jen, mesmo que a mulher esteja produzida, ela o faz porque o quer, e não por uma imposição social. O aspecto visual é apenas uma opção que deve ser mediada entre tantas outras. Feminilidade e poder, para ela, não são excludentes.

Dentre as jogadoras de Amherst, por exemplo, embora elas pudessem influenciar na compra de uniformes e houvesse dinheiro suficiente para a compra dos materiais escolhidos, os calções das jogadoras eram maiores, de um tamanho similar ao utilizado pelas jogadoras porto-alegrenses (sendo os das brasileiras emprestados geralmente pelas categorias de base). E tal como as porto-alegrenses, conforme preferências individuais, elas dobravam a parte superior (deixando à mostra a etiqueta) tantas vezes quanto fossem necessárias para tornar os calções mais curtos e se adequar ao visual e conforto pretendidos.

Masculinidade e feminilidade não são conceitos nem uniformes e nem congruentes. De acordo com Éricka, andar de camisetão e calção em casa não afeta tanto a imagem da jogadora, porque é privada. Entretanto, conforme a jogadora, expressar essa imagem masculina em público, em desacordo com a feminilidade tradicional, pode ser problemático:

> Primeira coisa assim, tem muitas gurias que jogam bola e se travestem, vamos dizer, de homem. Corta cabelo, põe aquela calça fundilhão, camisetão e blá blá blá. Não vou dizer que em casa eu não fique assim de bermuda e camisetão porque tu tá lá largada em casa. Mas não precisa, né. Não vou dizer pra se maquiar e ir jogar, porque até vai virar um palhaço, porque vai escorrer tudo. Mas pô, né, mantém. Mantém o lado feminino.

Enquanto para algumas pessoas a feminilidade se refere ao padrão estético das modelos de passarelas, Éricka pensa que usar maquiagem é algo que não combina com a prática esportiva. A manutenção do lado feminino, para ela, se dá de outras formas, com cuidados referentes a uma feminilidade que esteja de acordo com a prática esportiva e não se aproxime demais do masculino, um masculino que também pode ser relativizado.

Ao separar os conhecimentos cartesianamente, perdem-se as diversas conexões entre eles. As conceituações utilizadas para analisar as diferenças entre homens e mulheres não devem ser tomadas como definições estanques, sem misturar-se tanto ou permitir novas criações. Essas categorias se distanciam e afastam em diferentes situações cotidianas. Conforme autores que abordam a teoria *queer*, tal como Louro (2004), o gênero aparece como algo mais fluido, com várias possibilidades de entendê-lo e operar com os conceitos.

8.2 AS MASCULINIDADES APRE(E)NDIDAS NO USO DOS CORPOS

Conforme Halberstam (2003), a masculinidade não deve ser reduzida aos homens e seus corpos. Para ela, a chamada "masculinidade heroica", que deveria ser o extremo da masculinidade normativa, tem sido produzida tanto por corpos de homens como de mulheres. As masculinidades femininas, apresentadas por mulheres, não são uma imitação de virilidade[298], mas sim legítimas demonstrações de poder.

298 "A virilidade assim se constitui como um conjunto de hábitos e símbolos, como vícios da violência codificada e protocolada em que o lutar, o jogar, o beber, o brigar são socialmente moldados como representações do duelo, de forma a inscrever a diferença dos sexos num teatro social em que o protagonismo da violência literal e simbólica é estabelecida como a virtude por excelência dos homens, mesmo que estes cenários venham sendo, nas últimas décadas, alterados pela emergência dos movimentos feministas e de igualdade de direitos que conquistaram para as mulheres espaços crescentes na vida pública, nos esportes, no consumo alcoólico e mesmo nas atividades militares" (CARNEIRO, 2013, s.p.).

As masculinidades podem, claro, ser aprendidas por mulheres[299]. Relembro o episódio em que duas jogadoras conversavam no ônibus sobre as ações de uma das adversárias, em que havia expressão de masculinidades, com o duelo pela honra e demonstração de valentia. A goleira disse que não "levou desaforo pra casa" e, após a provocação da adversária, ela deu na outra "um pega, uma bicicletinha no peito", em uma demonstração física de superioridade.

Conforme Guedes (1996), nos treinamentos em escolinhas de futebol do Rio de Janeiro, a pesquisadora identificou que a coragem e covardia também eram ensinadas aos garotos em meio a uma série de outros atos que eram transmitidos e internalizados na interação cotidiana. No *futebol de mulheres*, da mesma forma, existem regras de etiqueta e códigos de conduta que são ensinados e aprendidos. O não conhecimento ou a não aplicação destes pode resultar em um ostracismo, com a solicitação de afastamento involuntário da jogadora ou sua exclusão pela falta de convites. São códigos que envolvem as noções de camaradagem e respeito, havendo a regulação da performance individual e coletiva.

Neste sentido, deve-se entender a importante distinção entre "joguinhos" e "jogos pegados". A diferenciação se refere à importância simbólica dada a cada um deles, ao empenho das jogadoras e à ênfase na vitória. Essa diferenciação ocorre para moderar os graus de competitividade requeridos em cada situação, havendo uma moderação no emprego de esforços e de violência.

O "jogo pegado" é uma categoria nativa relacionada a um sistema de reciprocidade em torno da masculinidade presente no jogo e com implicações estéticas na forma de jogar (MYSKIW, 2012). A "pegada", o jogo mais duro, também dito com maldade, influencia na aplicação das regras institucionais por parte dos árbitros e também na visão dos demais sobre a pessoa que a utilizou:

> Um jogo bom era aquele pegado. Esta estética não estava implicada apenas nas interações entre pessoas, mas também na relação com a bola (sem *floreios* e *gracejos*), adquirindo um sentido prático motivado e sustentado por aquilo que se denominava de pressão. Tal categoria nativa, por sua vez, denotava o aumento e a dissipação solidária do *jogar pegando*, com o evidente propósito de desestabilizar os oponentes (ou *ganhar o árbitro*), colocando-os em territórios simbólicos

299 Mennesson (2006) define os esportes como lugares de aprendizagem da virilidade, mas também da disciplina e da obediência, em que as diferenças sexuais geralmente são legitimadas por discursos essencialistas. "Ao se apropriar de técnicas corporais 'masculinas', as jogadoras e as boxeadoras de alto nível estão a moldar seus corpos e hexis corporal de maneira específica e questionar de fato as definições tradicionais das categorias sexuais" (MENNESSON, 2006, p. 2, tradução minha).

> liminares nos quais eles 'necessitavam' mostrarem-se suficientemente capazes de *jogar na bola* e se defenderem por si (sem choradeiras de menininhas) (MYSKIW, 2012, p. 389, grifos do autor).

Há, portanto, uma moderação dos esforços e da violência empreendida em alguns jogos. Entretanto, cabe ressaltar que há alguns "joguinhos" que carregam consigo uma alta carga simbólica, mesmo não "valendo campeonato", ou seja, não sendo jogos decisivos. Nesses casos, há uma mediação que é estabelecida pela estratégica moderação da força e diminuição da possibilidade de lesão.

Num joguinho, por exemplo, não se pode "carimbar", "entrar pra rachar" ou "chegar junto". Caso alguém exceda em relação a essas regras, com o uso excessivo de força, frequentemente receberá repreensão por alguma jogadora ou por alguma liderança. Nesses casos, são frequentes as recomendações para que se "maneire" ou "pegue leve". Não humilhar uma equipe ou uma jogadora com menor qualidade técnica, em um "joguinho", é uma forma de manter um equilíbrio de forças, evitando a caracterização da atitude como covardia[300].

A jogadora que insiste em apresentar uma performance desproporcional em relação à carga simbólica do jogo que está sendo realizado localiza-se fora de um padrão implicitamente estabelecido e pode ser considerada como covarde ao empregar excessivamente a força. Mesmo sem poder ser punida fisicamente, frequentemente ouvirá da torcida ou da equipe adversária xingamentos que tentem desestimulá-la. "Cavala", "animal", "monstra" e "ogra" são algumas das expressões que mais ouvi serem proferidas. Por se afastarem da normalidade "feminina", elas são identificadas com seres provenientes do mundo animal ou de diversos horizontes metafísicos. As *ogras* e demais expressões acima citadas são categorias nativas utilizadas para lhes conferir um estatuto de não mulheres, seres com capacidades outras, provenientes de mundos desvinculados à beleza ou delicadeza.

Integrantes dos grupos esportivos porto-alegrenses, tanto homens quanto mulheres reconhecem como negativas as expressões de masculinidades violentas, com emprego de força excessiva. Entretanto, quando relacionadas à força e à vitória, elas frequentemente são

300 Além do emprego excessivo da força, as demonstrações exageradas de habilidades podem ser vistas como desrespeitosas à equipe oponente. Em alguns jogos de que observei, considerados recreativos, percebi jogadoras muito habilidosas "perderem gols" voluntariamente para que a outra equipe não se sentisse humilhada e desestimulada a continuar o jogo. Inclusive, uma jogadora *boleira* disse "Bah, não vale a pena se puxar muito. Era só brincadeira, né. O outro time era muito fraquinho. Se eu ficasse fazendo balãozinho, jogadinha de efeito, alguém podia se chatear". Ou seja, a moderação das demonstrações de habilidade também é essencial, conforme o contexto dos jogos.

positivadas. Quando regrada, sem apresentar perigo de ferimentos fortes em outras jogadoras, a força pode ser motivo de valorização. Na torcida, em diversos momentos, presenciei pessoas manifestando admiração por jogadoras que chutavam "bombas" de difícil defesa. Elas apresentavam uma característica considerada positiva, pois aumentava as chances de gol, e consequentemente, vitória da equipe.

Em um jogo em Erechim, quando as jogadoras estavam rumando ao vestiário, após o aquecimento, antes do início da partida, um grupo de torcedores, sentados em cadeiras de praia, cessou a conversa quando o grupo se aproximou. Após deixá-las passar, um dos homens da família disse "não sei quem é ou não é home", reconhecendo nelas "masculinidades perigosas".

A masculinidade identificada pelo torcedor talvez estivesse presente no andar, nos gestos ou até mesmo na postura agressiva de alguma das jogadoras. As hostilidades entre algumas equipes do interior e da capital era latente, entretanto, seu discurso revelava também que, dentre os possíveis incômodos que a equipe adversária poderia gerar (além de uma possível vitória), estava também uma expressão de gênero não normativa. Proferir xingamentos relacionados ao sexo, gênero ou sexualidade das jogadoras é uma forma de agressão verbal, tão frequentes quanto os gritos de "bichinha" ou "veado" proferidos aos homens nos jogos de futebol em todo o estado[301].

Em outra ocasião, embora na equipe porto-alegrense houvesse também uma jogadora de cabelo curto, durante um jogo realizado em Alvorada, uma das mães do Inter havia expressado rejeição à aparência e atitudes da jogadora da equipe adversária, provinda de Erechim: "Que raiva daquela véia sapatão. Coça o saco, cospe no campo", disse sobre a veterana de cabelo curtinho, uma das três de cabelos curtos que participaram do jogo. O estilo de jogo da jogadora era violento, não permitindo o ataque adentrar com facilidade. Quando saiu do campo, ao final do jogo, saiu rapidamente e aquela mãe disse que achou que ela iria lhe bater "É um homem. Tem aperto de mão forte", disse.

301 Conforme Bandeira e Seffner (2013), em xingamentos e cânticos das equipes mais fortes do Rio Grande do Sul há a constante utilização de linguagem machista, homofóbica e violenta. Em letras entoadas nos estádios, as torcidas gritam: "Atirei o pau no Inter (Grêmio)/ E mandei tomar no cú/ Macacada (Gremista) filha da puta/ Chupa rola e dá o cú/ Ei, Inter (Grêmio), vai tomar no cú/ Olê, Grêmio (Inter), olê Grêmio (Inter)". Acostumados com essa linguagem, alguns torcedores e torcedoras reproduzem discursos que são descabidos, mas que não sofrem nenhuma punição ou repreensão quando proferidos nos espaços do futebol.

As mulheres consideradas femininas, entretanto, também podem ter força. A questão se encontra na moderação da violência. Demonstrações de violência são mal vistas e, quando provindas de uma adversária, recebem julgamento negativo. Enquanto nos jogos de homens a força é vista como qualificadora, em relação às mulheres ela ainda sugere questionamentos. Os principais questionamentos sugerem que toda mulher masculina é homossexual. Na próxima seção, serão abordadas questões referentes a essa relação.

Anderson e Bullingham (2013) apontam para uma lacuna histórica na literatura sobre lésbicas e esportes. Para os autores, a exposição da homossexualidade para as mulheres parece reafirmar a suspeição de que todas as que praticam também são. Quando uma delas publiciza sua sexualidade, traz à tona a suspeição sobre as demais. O desencorajamento desta prática torna-se, desta forma, uma forma de proteção grupal, em que a invisibilidade de personalidades lésbicas permite ao grupo o benefício da dúvida.

8.3 ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS: TENSÕES ENTRE SEXUALIDADE E GÊNERO

"Barbies" ou "ogras" são denominações insuficientes para definir as jogadoras que participavam dos grupos esportivos porto-alegrenses, pois estas não cumprem plenamente os requisitos deste ou daquele estereótipo. É difícil definir qual seria a medida para classificar as jogadoras, devido à complexa interação entre elementos estéticos e corporais envolvidos. Não se pode negar, entretanto, que durante a etnografia, a sexualidade era assunto presente nas conversas entre jogadoras e também entre pais. Em relação aos pais, estes demonstravam preocupação em relação à influência que a visibilidade de afetos poderia ter na sexualidade de suas filhas e outros entendiam esse discurso como um preconceito que deveria ser combatido.

Em um jogo em Guaíba, dois pais estavam em pé, à beirada do campo, conversando. Às vezes assistiam ao jogo, gritavam algo e continuavam a conversar entre si. O pai de uma *patricinha* dizia que outro pai havia criticado o "futebol feminino", porque para ele as praticantes "são tudo sapatão" e que ele "não queria mesmo que a sua filha jogasse com '*aquele bando de sapatona lá'*". Durante a conversa, o pai da *patricinha* criticou aquela generalização preconceituosa, a qual foi utilizada como argumento para forçar a jovem futebolista a realizar um precipitado afastamento da prática esportiva.

Conforme Machillot (2012), o estereótipo não deve ser confundido com preconceito. O preconceito é um julgamento anterior à experiência, que prejudica o entendimento real de algo e, portanto, pode ser analisado negativamente. O estereótipo, entretanto, define certas atitudes e comportamentos ideais, aos quais uma pessoa poderá se adequar parcial ou temporariamente. Para Machillot (2012), o estereótipo é uma economia de informações sobre um outro grupo, servindo como forma de generalizar e reduzir, visando compreender e regular as interações sociais. "O estereótipo é um elemento constitutivo da comunicação e mais ainda da interpretação de si, do outro e da realidade" (MACHILLOT, 2012, p. 89, tradução minha)[302].

Deve-se, portanto, entender que o estereótipo pode ser positivo (ressaltando características úteis) e/ou negativo (com características socialmente indesejáveis). O estereótipo é um fenômeno de identificação e categorização; um instrumento de poder e legitimação; uma representação partilhada, construída culturalmente e inscrita histórica e geograficamente. "Depende também das posições ocupadas pelos atores e pode ser por conseguinte, utilizado como um instrumento de legitimação de uma ordem preexistente, mas também como uma ferramenta de reivindicação e resistência" (MACHILLOT, 2012, p. 83, tradução minha)[303].

O estereótipo negativo marca uma distância social, um desvio que desvaloriza e, consequentemente, estigmatiza. O estigma pode influenciar na identificação com o grupo e resultar na adoção de opiniões, valores, comportamentos e estereótipos imputados por outros. Em relação ao *futebol de mulheres*, em algumas regiões, pode ser um tabu que envolve preconceitos não apenas de quem está fora da modalidade. Dessa forma, a visibilidade de sexualidades alternativas pode ter suas visibilidades policiadas, gerando constrangimentos.

O estereótipo da "jogadora de futebol lésbica" é evidente nos discursos brasileiros. Entretanto, nos Estados Unidos, este assunto era reservado à individualidade de cada pessoa, não importava aos outros (*it's not your business*). A universitária Jen me disse que sofriam com esteriótipos relacionados a estudantes-atletas e não aos relacionados à sexualidade:

---

302 Trecho original: "Le stéréotype est un élément constitutif de la communication et plus encore de l'interprétation de soi, de l'autre et de la réalité".

303 Trecho original: "Il dépend par ailleurs des positions qu'occupent les acteurs et peut être utilisé donc comme instrument de légitimation d'un ordre préexistant mais aussi comme outil de revendication et de résistance".

> Se alguma vez me perguntaram se sou (lésbica)? Não (risos). Eu sempre fui cercada por pessoas que realmente me apoiaram, durante meu crescimento. Todos os meus amigos me apoiavam no futebol. Inclusive no Ensino Médio, algumas pessoas me conheciam como 'Jen, a jogadora de futebol'. Afora isso, eu não as conhecia bem, mas elas me reconheciam como 'Jen, a jogadora de futebol' e isso nunca foi um problema ou um conflito para mim, na minha vida. Eu sinto que é assim também ao redor do país. Eu penso que o futebol é diferente de outros esportes. Para certos esportes, como uma garota jogando *football* americano[304], que é o esporte masculino dominante, talvez o pensamento seja diferente, mas no futebol eu nunca vivi isso. Na América não há estereótipos (em relação à jogadora de futebol). É quase o oposto, onde as pessoas valorizam o atleticismo e o esporte, porque temos uma cultura centrada no esporte e então há o apoio em que você é valorizada como indivíduo. Entretanto, o que estou tentando dizer é que, por termos tantos esportes na América, e sendo o *football* americano, *hockey* e basquete um dos maiores esportes, esses são os esportes em que os torcedores vão.

As jogadoras universitárias *americanas* tinham diversas vantagens por serem atletas, tais como a prioridade de matrícula nas disciplinas e ter suas ausências justificadas ao representar a universidade em viagens. Quando indagadas sobre o preconceito de serem jogadoras, algumas citaram problemas com professores. Entretanto, nenhuma das respostas foi relacionada a gênero, e sim com o desempenho acadêmico[305]. Estudantes-atletas convivem com estereótipos sobre uma suposta inferioridade nos desempenhos acadêmicos de excelência.

Em Porto Alegre, a lesbianidade era tão velada em algumas equipes "profissionais", que a invisibilidade das manifestações públicas de afeto era considerada insuficiente, sendo a lesbianidade removida inclusive do plano discursivo[306]. Em uma conversa entre duas garotas, na Redenção, chamou-me a atenção quando uma delas disse: "Mas e aí, ela é (lésbica)?" e a outra respondeu: "Ah, tá na cara que é (lésbica)". E a outra perguntou: "Mas ninguém sabe

304 Jen quis ser bem específica para que eu não confundisse o *football* americano com o futebol, e por isso utilizou o adjetivo "americano", que é geralmente suprimido na linguagem cotidiana nos Estados Unidos.

305 As faltas que elas registravam devido a viagens para representar a equipe universitária tinham um lado negativo da participação na equipe, pois a perda de muitas aulas podia prejudicar o entendimento do conteúdo ministrado. Para sanar esse tipo de lacuna, a universidade fornecia gratuitamente a qualquer estudante-atleta da instituição a possibilidade de serem instruídos por tutores que auxiliariam em seus estudos. Quando precisavam apresentar algum trabalho em dias de viagem, entregavam aos professores um papel que elenca o nome de jogadoras que fazem parte da equipe e solicitava sua liberação.

306 A ausência de elementos discursivos pode ser encontrada no cotidiano. Em uma equipe universitária de futsal de Bauru, onde Jardim (2013) realizou sua pesquisa, quando indagadas sobre a lesbianidade, as jogadoras omitiam a palavra "lésbica" ou "homossexual", pois já estava subentendida: "Nosso grupo não tem [mulheres homossexuais]!", "Tem grupo que vai ter mais meninas [homossexuais], né?", "Assim, ninguém fala explicitamente, claramente, mas mostra, faz tudo pra mostrar que não [é homossexual]". Entretanto, cabe ressaltar que realizar o emprego das palavras é assumir os riscos da forte carga semântica que elas carregam, o que em algumas situações pode lhes desfavorecer socialmente.

(da sexualidade) dela?", revelando um diálogo repleto de omissões, entendíveis por quem dominava os códigos grupais de reconhecimento de quem era lésbica ou não, também presente na decodificação do jeito ou "jeitão" (MEINERZ, 2011).

Neste sentido, pode-se aqui trazer a investigação etnográfica de Meinerz (2011), realizada com mulheres da periferia de Porto Alegre e numa cidade vizinha, com a observação participante em dois bares, um terreiro de batuque e dois times de futebol de Porto Alegre. A autora descreve em sua tese o que nomeia de "jeitão", associado à aparência masculinizada de mulheres e a determinadas práticas esportivas[307]:

> O principal elemento associado ao jeitão é o que se define no senso comum como uma aparência masculinizada. Essa pode ser identificada através da restrição ao uso de determinadas peças de vestuário convencionadas como femininas, tais como sapato alto, saia, vestido e maquiagem e da preferência por roupas, calçados e acessórios que as interlocutoras definem como confortáveis, cômodos, ou ainda, unissex. Além disso, a afinidade com determinadas práticas esportivas, especialmente o futebol, assim como a responsabilização pela própria manutenção financeira através da inserção laboral possibilita um afastamento dessas mulheres em relação à esfera doméstica e às expectativas de casamento e maternidade (MEINERZ, 2011, p. 20).

Conforme Meinerz (2011), o futebol proporciona a entrada em uma rede de sociabilidade na qual existe o desenvolvimento muscular em um ambiente competitivo, em que força, rapidez, agilidade e resistência são atributos valorizados. Esses atributos, nos grupos pelos quais circulei, eram vistos como positivos, pois potencializavam a performance atlética.

Em Porto Alegre, as homossexuais assumidas ou masculinizadas podem, em alguns momentos, serem afastadas ou até excluídas dos grupos, devido a suas aparências. Entretanto, quando elas apresentam performances competitivas consideradas de excelência necessárias para o bom desempenho das equipes de futebol, a noção de masculinidade pode ser mediada por outros interesses do grupo.

Em geral, as equipes têm procurado apresentar uma ideia de feminilidade, não apenas como imposição externa ao grupo, mas também como necessidade estratégica de invisibilizar

307 Muitas jogadoras porto-alegrenses preferem um estilo "casual" ou "confortável" e "mais solto", divergindo do ideal de feminilidade tradicional. Para Marschik (1998), o futebol tem um papel importante na manutenção das identidades masculinas, poder masculino e dominância da heterossexualidade. "Por outro lado, as jogadoras geralmente não têm a autoconfiança ou o capital social e cultural para contestar suas posições" (MARSCHIK, 1998, p. 82, tradução minha).

sexualidades não normativas, tão incômodas socialmente[308]. Quando há possibilidades de escolha de atletas que darão entrevistas para a mídia, a tarefa é assumida por mulheres de classe socioeconômica mais favorecida e de acordo com a feminilidade hegemônica (vestimenta, vocabulário, valores e atitudes)[309].

Durante a pesquisa etnográfica em jogos do Campeonato Gaúcho e do Campeonato Municipal de Porto Alegre, em 2012, presenciei jogadoras afirmarem que se consideram masculinas e em outros momentos negarem a masculinidade ao afirmarem que faziam as unhas ou faziam chapinha nos cabelos em determinadas ocasiões. Definir-se não é algo fácil, nem totalmente estável, mas frequentemente necessário. Na maioria das vezes, definir-se é algo relacional e conflitual.

Em outro momento de observação etnográfica, durante um torneio promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, eu estava próxima a jogadoras que comentavam sobre competições anteriores. Em tom de zoação, uma delas disse: "Bah, no último torneio, tinha umas gurias, que, bah... vô te contar... Parecia que tinha um troço entre as pernas. E chegavam por trás pertinho.. se fosse hôme, aí era uma loucura, era só aproveitar". Durante a conversa, além de criticar as adversárias, as interlocutoras tentavam se distanciar de suposições que pudessem ser feitas sobre suas sexualidades.

As diferentes abordagens em relação à sexualidade demonstram que a lesbianidade em alguns momentos pode ser aceita, mas em outros, é incômoda. Dentre garotas heterossexuais, a aproximação de mulheres consideradas masculinas podia ser motivo de escárnio ou possivelmente medo de que suas heterossexualidades fossem postas à prova. Ao conversar com uma jogadora porto-alegrense, ela afirma a necessidade de adequação à norma, principalmente para o que seria uma "valorização" (ou melhor imagem) do *futebol de mulheres* na mídia:

---

308 Quando conversei com o técnico de uma equipe profissional, ele afirmou preferir convidar jogadoras com "maior nível de instrução" para as entrevistas, "pois tem gurias que não sabem nem formular uma frase ou tem erro de dicção". Além disso, dizia cuidar também a aparência e sexualidade das convidadas, pois "tem as homossexuais promíscuas que denigrem a imagem", algo que ele procurava evitar.

309 Questão semelhante pode ser percebida no trabalho de Chan-Viana (2010), em um Centro Esportivo no Rio de Janeiro: "Apesar de uma grande demanda interessada pelo esporte, o futebol para mulheres no CE havia estado na eminência de terminar em razão de acusações morais que davam conta da proliferação de comportamentos homossexuais, inadequados para a formação de jovens meninas e para o ambiente sadio do local. O resultado dessa tensão foi a saída das mulheres mais marcadamente estigmatizadas e a ascensão de nova liderança na turma, que atendia às condições de imagem feminina imposta pelos agenciadores do local" (CHAN-VIANNA, 2010, p.2).

> Só que, infelizmente, pra algumas coisas, quando tu queres conquistar o teu espaço tu tens que ceder, não é só a sociedade. Tu vai ter que ceder um pouquinho também. Se o povo não gosta de ver, mas gosta do futebol feminino, não esfrega na cara tua opção sexual. Faz valorizar primeiro o futebol feminino. Que daqui a pouco, futuramente, isso vai ser irrelevante, eu acho assim. Vai ser indiferente pra eles que vão ter meninas masculinizadas, meninas que caminham feito *Barbie* e meninas... por quê? Porque eles vão estar valorizando o futebol feminino. E isso ainda não brilhou.

Quando indagados sobre essa questão, os dirigentes se constrangem. Apesar de garantir que exista e tenha relevante visibilidade social, temem a repercussão deste tema em relação à imagem da modalidade e aos patrocínios recebidos. As jogadoras geralmente comentavam esta questão de forma dissimulada ou em grupos em que se sentiam confortáveis, geralmente em tons de brincadeira. A (homo)sociabilidade não possui ligação com a (homo)sexualidade, embora nos ambientes dos jogos as diferentes formas de expressão da sexualidade e afetividade sejam bem mais aceitas.

Em Porto Alegre, durante o intervalo de um Fórum de Futebol Feminino, o ex-técnico da seleção brasileira adulta de "futebol feminino" comentou, em uma roda de pessoas que conversavam após sua palestra: "Tem muito desse *problema* do homossexualismo no futebol ainda, mas elas têm que aprender a separar as coisas. Não pode confundir. Ninguém vai mexer no meu prato de comida. Eu digo pra elas: - A partir do momento em que você entrou aqui (na seleção), tua vida é minha e tu tem que fazer o que eu digo!". Ele complementou ainda que permitir que elas tenham relacionamentos ali dentro é um "tiro no pé" e demonstrou seu incômodo em relação a expressões de sexualidade e gênero que não se adequassem à norma.

A fala do ex-técnico não apenas indica que a participação em um esporte competitivo de forma mais institucionalizada promove restrições de liberdades, mas também indica que o poder dos membros de uma comissão técnica influencia na continuidade dos projetos esportivos pessoais ou familiares. Para participar da seleção brasileira, há diversos "jogos de poder" que precisam ser entendidos e "jogados" pelas atletas. O poder de escolha dessas equipes depende também dos homens que são nomeados como técnicos[310].

310 Em 2010, por exemplo, houve um conflito de interesses em que o técnico da seleção brasileira de mulheres, à época, era também técnico da equipe de mulheres do Santos FC e dirigente do Foz Cataratas. Em reportagem publicada pela ESPN, em 13 de maio de 2010, de título "O rei do Futebol Feminino", o veículo jornalístico, em tom de denúncia, afirmou que, das 22 convocadas em 2010, 9 eram do Santos e 5 do Foz. Na convocação para o Sul-Americano no Equador, entre setembro e outubro de 2010, foram 7 atletas do Santos, 3 do Foz do Iguaçu e 3 do Novo Mundo. Nenhuma atleta de equipes do Rio Grande do Sul foi convocada. A ESPN conversou com duas atletas que solicitaram anonimato, por "medo de prejudicar seu

O comentário do ex-técnico revela que a (homo)sexualidade é vista como um problema no futebol[311]. Revelar uma sexualidade não normativa é algo perigoso. Espera-se performances exemplares de uma atleta que esteja numa seleção brasileira. Elas são consideradas como uma referência em termos de modelo esportivo a ser seguido pelas garotas jovens, que darão prosseguimento à prática. E quais seriam as consequências de um modelo esportivo que também inclua outras sexualidades e gêneros?[312]

Para ilustrar sua fala, o ex-técnico relembrou quando uma jogadora se apresentou na seleção brasileira só com bermuda, camiseta, chinelinho nos pés e bonezinho virado pro lado. Quando avistou a jogadora, disse rispidamente para um dos auxiliares: "Manda essa aí embora lá pras grota daonde ela veio, porque desse jeito que ela está, ela não entra no ônibus". Rapidamente removeu o boné e foram conseguidas para a jogadora outras vestimentas, como um uniforme da seleção. Apenas após a mudança de visual o ex-técnico permitiu a entrada dela no ônibus. Para ele, a imagem gerada pelas jogadoras se refere também às suas identidades e elas deveriam ser mais "femininas".

O *futebol de mulheres* ainda vive cerceamentos relacionados à sexualidade não normativa de atletas não apenas em países Ocidentais, mas também nos Orientais. Na Nigéria, por exemplo, a homossexualidade é considerada crime e em alguns estados pode ser sentenciada a pena de morte. As atletas, portanto, precisam ocultar sexualidades alternativas para que sejam convocadas a participar da seleção nacional[313].

---

futuro na seleção". Elas afirmaram que "a CBF já soube de coisas e não fez nada". Além do suposto favorecimento, foram citadas naquela época perseguições pessoais a jogadoras que se negavam a fazer parte da mesma Igreja que o técnico (a Bola de Neve). Dessa forma, pode-se perceber indícios de que a comissão técnica que está no comando da seleção nacional pode fazer suas escolhas livremente, conforme vínculos de pertencimento previamente estabelecidos, os quais podem não estar ligados estritamente ao futebol.

311 Griffin (1992) afirma que, quando forçados a falar, muitos técnicos e dirigentes preferem negar sobre a lesbianidade. Esse mistério sobre as jogadoras aumenta a curiosidade do público em saber quem são essas mulheres. Ainda, as próprias jogadoras podem demonstrar a inabilidade ou desconforto ao falar sobre lésbicas, referindo-se a isso como algo negativo ou um problema.

312 A equipe do Irã também foi notícia no *futebol de mulheres* em fevereiro de 2014, quando foi revelado que quatro jogadoras da seleção nacional eram homens que não completaram totalmente o procedimento para mudança de sexo. Seguindo o mesmo assunto, pode-se ressaltar o impedimento da da Federação Inglesa em relação à participação de Aeris Houlihan na equipe amadora *Middleton Park Ladies FC*. Ela realizou transição do sexo masculino em janeiro de 2012. Para a Federação, é necessário que ela espere 2 anos após a cirurgia de redesignação sexual (LIMA, 2014).

313 Em 2011, Uche Eucharia, técnica da seleção nigeriana, declarou às vésperas da Copa do Mundo da Alemanha que a prática homossexual como um problema que "é espiritualmente e moralmente errado". Outro representante nigeriano, o presidente da Nigeria Women Football League (NWFL), Dilichukwu Onyedinma, declarou que "qualquer jogadora que se encontre associada com isso [lesbianismo] será desqualificada". Afirmou ainda que os esforços são para eliminar a lesbianidade de todos os níveis do

Marcos Planela, que atua no EC Pelotas, 46 anos, foi auxiliar técnico da seleção brasileira sub-17 em 2009 e acredita que as jogadoras visibilizam demais as suas preferências sexuais através do visual, do palavreado e do gestual. Essa visibilidade dificultaria a aceitação de setores conservadores da mídia, patrocinadores e público. Marcos me disse o seguinte:

> Não é essa a imagem que a sociedade tem e quer da mulher. Há que se ter respeito pelas opções, mas *respeito* também ao convívio comum, aos ambientes de trabalho, à imagem de todo o grupo. Em muitas equipes não há regramento de comportamento, não há preocupação em criar um *novo produto*. Vejo que o modelo a ser seguido não está no futebol masculino, mas no voleibol, com um diferente nível educacional, cultural e comportamental. Há meninas que vão para a Granja Comary não com o objetivo de jogar, de evoluir, de crescer... muito menos conscientes da chance que possuem e da responsabilidade com a seleção e também com a *evolução* da modalidade... É um *problema*...o referencial....elas se espelham na busca do rendimento, do resultado que este ou aquele jogador alcançou ou tem...e copiam também o comportamento, o esteriótipo.

A expressão "respeito" se refere aos incômodos gerados pela visibilidade de sexualidades consideradas desviantes, as quais ainda sofrem com estigmas criados por vertentes religiosas e moralistas. As sexualidades desviantes, quando à mostra, podem ser entendidas como desrespeitosas ou afrontosas às moralidades. Ter os homens como referencial de performance é algo inquestionável, porém, "copiá-los" em termos de comportamentos ou expressões corporais "mais masculinas" é algo desaconselhado em termos de uma boa aceitação social.

Apresentar o futebol também como espaço de construção de feminilidade não significaria apagar/recusar a reserva masculina, mas apropriar-se de alguns aspectos que estão em permanente negociação entre os gêneros. Não se trata nem de imitação, nem de recusa das tradições futebolísticas ligadas ao masculino, mas de um processo que é fruto de escolhas, uma espécie de "bricolagem" que produz culturas futebolísticas híbridas e, portanto, diferentes das tradicionais.

Caudwell (2002) afirma que a heterossexualidade é protegida e mantida via práticas regulatórias. Dessa forma, as jogadoras de futebol são vistas como o "outro" em termos de feminilidade heterossexual, pois não se enquadram na matriz de inteligibilidade heterossexual. A heterossexualidade compulsória e a feminilidade heterossexual são frequentemente desafiadas ou até mesmo excluídas desses espaços; eis um dos porquês de

futebol nigeriano (ZIEGLER, 2013).

serem consideradas perigosas. As jogadoras negociam diversas estratégias de posicionamento de sua lesbianidade em relação à norma. Há, portanto, conforme Caudwell (2002), o que se pode chamar de "camadas de saída do armário", algo que não é algo completo ou fixo. Para Caudwell (2002), a presença das lésbicas nos espaços futebolísticos é autêntica e representa reconhecimento político.

Em relação à orientação sexual das jogadoras que responderam à enquete na capital rio-grandense, 57,14% se definiram heterossexuais; 20,24% preferiram não responder; 17,86% se disseram homossexuais e 4,76% bissexuais. A percentagem de jogadoras que preferiram não responder à questão foi bastante alta, o que pode indicar que o tema permanece um tabu. Falar sobre a sexualidade é uma questão de foro íntimo e possui consequências em relação a oportunidades e relações estabelecidas com os demais agentes. A visibilidade da orientação sexual não é livre de julgamentos por parte dos agentes sociais, beneficiando o silêncio de sexualidades desviantes, ou seja, diferentes da heteronormativa. Outra questão importante de pontuar é que essas mulheres também se distanciavam da noção de maternidade, pois a maioria delas não tinha filhos (78,57%)[314].

Com o intuito de perceber o preconceito sofrido pelas jogadoras, foi realizada a seguinte pergunta: "Você já viu alguma jogadora sofrer algum tipo de preconceito em treinos, estádios ou competições? Se sim, a ação foi relacionada a...?". Em resposta, 49,41% das jogadoras afirmaram que nunca viram; 17,65% viram em relação à orientação sexual[315]. As respostas indicam que quase metade das jogadoras nunca sofreu preconceitos em espaços de jogos e nunca viu outras mulheres sofrendo. Entretanto, essa pergunta não abrange as esferas privadas e nem as coerções para que as (homo/bi)sexualidades sejam invisibilizadas.

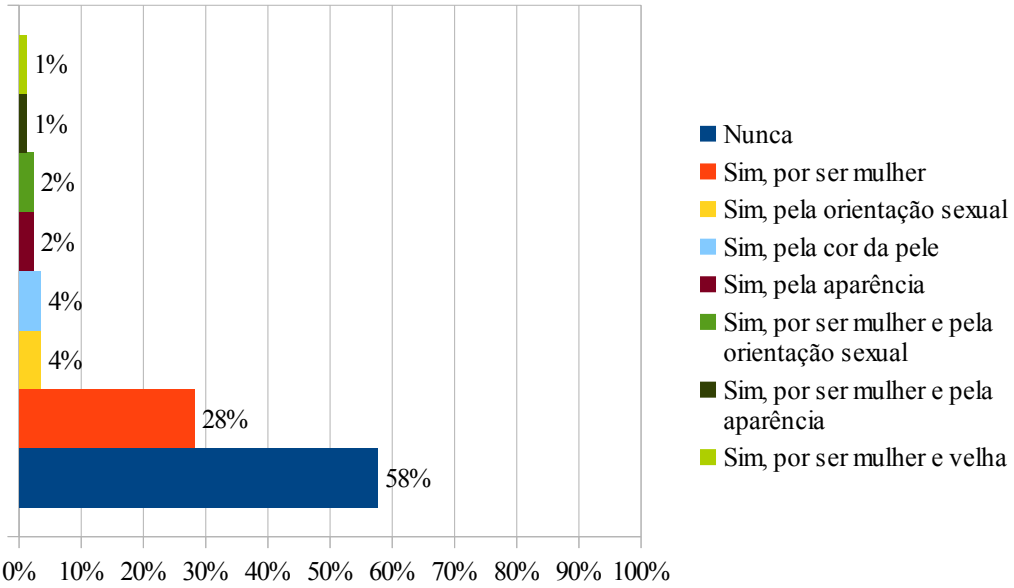
Ao aprofundar essa questão, pode-se tentar entender quais tipos de preconceitos são sofridos pelas jogadoras porto-alegrenses, como na pergunta "Você já sofreu algum tipo de preconceito em treinos, estádios ou competições?". Dentre as respostas, 57,65% "nunca" sofreram preconceito; 28,24% disseram que sofreram preconceito "por ser mulher"; 3,5% por orientação sexual; 3,5% "pela minha cor de pele"; 2,3% "pela minha aparência"; 2,3% por ser

314 Dentre as jogadoras porto-alegrenses que afirmaram ter filhos 11,9% tinha apenas 1 filho, 4,7% tinham 2 filhos e 4,7% possuíam 3 filhos. As que possuíam 3 filhos tinham idades entre 25 e 37 anos.

315 As demais respostas desta enquete foram: 8,23% já viram algum tipo de preconceito em relação à aparência; 7% em relação à cor da pele, aparência e orientação sexual; 4,7% aparência e orientação sexual; 4,7% cor da pele; 2,3% cor da pele e orientação sexual; 2,3% cor da pele e aparência; 1,1% aparência e deficiência na mão; e 2,3% foram outros, como por ser mulher e por "estar na seleção"

mulher e pela orientação sexual; 1,17% por ser mulher e pela aparência e uma delas escreveu "por ser mulher e velha". Embora a maioria das jogadoras tenha afirmado não ter sofrido preconceito, pode-se perceber, entretanto, que a ideia de preconceitos em relação à prática estavam ainda muito presentes em seus discursos.

Gráfico 6 – Percentagem de preconceito sofrido por jogadoras em ambientes esportivos



Fonte: Elaboração da autora.

Pode-se perceber entre as jogadoras uma sensação de diminuição dos preconceitos sofridos, tendo 41% delas afirmado que o preconceito em relação a mulheres que jogam futebol diminuiu muito. Entretanto, para 34%, ele diminuiu pouco e 19% delas consideram que permanece o mesmo. Em relação ao aumento, apenas 5% consideram que aumentou pouco e para 1% aumentou muito.

O preconceito sofrido é sentido mais intensamente em relação a parentes e torcedores, tendo cada uma dessas opções recebido 20% de indicações. Entre as jogadoras, 17% ainda afirmaram que o preconceito não é forte em relação a parentes, colegas, amigos, torcedores, dirigentes, patrocinadores e árbitros. O preconceito entre amigos e patrocinadores é de 11%. São iguais as percentagens para colegas e para dirigentes e patrocinadores, cada um com 7%. Apenas 2,4% afirmaram que o preconceito é maior entre os árbitros. Outras três jogadoras

marcaram múltipla escolha, mesmo sem informar que pudesse ser marcada mais de uma opção.

A diminuição dos preconceitos talvez indique uma abertura à diversidade. Entretanto, dentro de algumas equipes, ainda são fortes as pressões para que as jogadoras apresentem comportamentos mais normalizados. Não se pode negar que há jogadoras que participam destes grupos esportivos para encontrar um par amoroso, assim como em qualquer outro ambiente social de interações. Esses relacionamentos amorosos e também sexuais podem inclusive influenciar no trânsito de jogadoras entre equipes.

Devido à ausência de contraprestações financeiras, as jogadoras em geral permanecem nas equipes devido aos vínculos afetivos estabelecidos. A permanência é resultado de momentos de alegria, autoestima e superação. Entretanto, caso os relacionamentos estejam fragilizados, o mal-estar gerado pode ocasionar no afastamento da equipe e até mesmo em ruptura. Há equipes que monitoram os relacionamentos, mediando conflitos, para evitar a perda de jogadoras consideradas importantes.

As jogadoras afirmam que a sexualidade é uma questão de foro íntimo e que preferem manter suas sexualidades na esfera do privado. Isso, porém, não impede que elas expressem afetividade em relação a suas namoradas e namorados no ambiente dos jogos. As demonstrações de afeto são permitidas, porém, em alguns casos, são vistas como "falta de respeito", principalmente quando expostos relacionamentos homossexuais, como afirma uma jogadora porto-alegrense:

> Antigamente era muito mais reservado. Era muito mais reservado. Esse negócio de.. hoje em dia tu chega no ginásio (ou no campo) e está uma no colo da outra. Eu, particularmente, não gosto. Entendeu? Eu não estou sendo hipócrita. Só que tipo assim, por quê? Porque a minha mãe, uma vez, frequentou um jogo meu e ela disse: 'Filha, tu não me leva a mal, mas eu não vou mais'. (...) Ela disse assim 'Ah,...Eu aceito, eu respeito, só que não precisa esfregar'. Eu tinha.. meu irmão na época tinha 4 anos. O que ela via naquilo? Ele pode ser influenciado, se continuar vindo.

A exposição da sexualidade, principalmente para as jogadoras mais velhas, é entendida como elemento que amplia o estigma sofrido por jogadoras. Para as veteranas, as relações afetivo-sexuais estabelecidas devem ser confinadas ao âmbito privado, longe dos olhares públicos, principalmente se forem desviantes. Outra jogadora expressou o seguinte posicionamento:

> [Há uns tempos atrás] existia o tal do respeito. O treinador pedia. 'Vamos dar uma segurada. Vamos mais devagar. Família. Tem isso, tem criança. Vamos devagar'. Agora não estão nem aí. Tem muito time. Aquele time (comunitário), no municipal, elas não estão nem aí. Estão se agarrando em qualquer lugar. Isso aí é... não precisa, cara. Faz dentro de quatro paredes, que aí fica dentro de quatro paredes e pronto. Eu não vejo necessidade de ficar se agarrando.

Ao observar competições esportivas, percebi que geralmente garotas de "equipes de bairro" eram menos preocupadas com os efeitos gerados por visibilizar a sexualidade, principalmente quando não recebiam nenhum incentivo financeiro para a prática e sequer possuíam expectativas de profissionalização. Expressavam seus corpos e sexualidades como desejassem, libertando-se de possíveis cerceamentos. Essa constatação pode sugerir que a norma é mais sentida quando nos aproximamos dos espaços mais consagrados e de mais prestígio.

A preferência sexual tida como desviante de jogadoras, em alguns casos, era também utilizada por técnicos e dirigentes como argumento para a realização de chantagens. A ameaça de exposição dessa sexualidade aos pais delas tornava-as reféns de convocações para jogar por aquelas equipes. Com medo de que essa exposição as impedissem de continuar a realizar a prática esportiva, as jogadoras preferiam permanecer, até que encontrassem um momento mais propício para trocar de equipe ou até mesmo abandonar a prática. Devido aos fortes laços de amizade e redes de sociabilidades constituídas dentro do futebol, ser afastada deste convívio era muito pior do que ter que se sujeitar a jogar por coação.

As informações envolvendo a sexualidade das jogadoras eram acessadas pelos técnicos nas relações cotidianas de intimidade, em conversas com outras jogadoras ou pela observação cuidadosa. Alguns, como eram remunerados, mantinham seus prestígios e cargos ao explorar o ocultamento e visibilidade da sexualidade das envolvidas, sem que eles sofressem retaliações ou ônus moral.

Ter um bom relacionamento com a comissão técnica e com as próprias colegas era entendido como um aumento das chances de construir uma carreira no futebol[316]. Além disso, o uso do capital corporal resultando em vitórias às equipes era um dom que merecia

316 Entre as jogadoras porto-alegrenses, 30,95% acreditavam que poderiam ser indicadas por seus treinadores para jogar em outras equipes. Dentre as jogadoras, 23,81% delas pensavam que poderiam ser indicadas por outras jogadoras. Do total delas, 15,48% não pretendiam sequer jogar em outras equipes; 10,71% acreditavam que alguma agência de atletas possa indicá-las; e 7,14% acreditavam que uma escola de formação possa indicá-las.

retribuição. Para o recebimento de um contradom, entretanto, era necessário que as atletas e/ou comissão técnica tivessem estabelecida uma rede de contatos eficiente, ou seja, que conhecessem pessoas que pudessem se interessar profissionalmente pela jogadora.

As mudanças na sociedade brasileira trouxeram aberturas em relação à produção e exposição de corpos femininos e masculinos. Pode-se perceber que o contexto, os agentes sociais e o local onde as ações são realizadas influenciam para a aceitação do que ainda é considerado diferente da norma. Assim como as mulheres esportivas são produzidas no futebol, elas também são produtoras deste esporte dentro e fora dos campos.

Os estereótipos existem e suas presenças podem ser positivas ou negativas, variando conforme as culturas. Enquanto nos Estados Unidos as jogadoras são questionadas em relação aos seus desempenhos acadêmicos, no Brasil ainda existem barreiras que envolvem as sexualidades alternativas, as quais são questionadas ou rejeitadas tanto para mulheres quanto para homens. Lidar com essas diferenças requer diálogo. Entretanto, no Brasil, pode-se perceber que a ausência do uso das palavras já é um indicativo da distância ainda presente na promoção da igualdade de tratamentos.

8.4 A PRODUÇÃO DE CORPOS (NEM SEMPRE) GUERREIROS

O corpo da mulher no futebol é um *lócus* político, no qual se reivindica e questiona a normalização dos prazeres e das sexualidades (STOLKE, 2000). Os corpos plurais mostram a insuficiência da uniformização de padrões. Corpos que vão a campo sem estarem sarados, que apresentam marcas de machucados e que apresentam uma variedade enorme de movimentos. O corpo, entretanto, conforme Stolke (2000), não deve ser entendido como um corpo indiferenciado e deshistoricizado. O corpo não é apenas biológico, mas também efeito da linguagem e do poder.

Assim como o campo em que as jogadoras atuam é um território físico, seus corpos são territórios corporais, constantemente reterritorializados, de uma cartografia mutante. A luta por espaços não se dá apenas no plano físico, mas também metafísico. As jogadoras produzem resistências com seus corpos, com os quais projetam fisicamente seus desejos.

O *futebol de mulheres* apresenta tanto o tradicional como seu avesso, em diferentes dinâmicas de organização de corpos, social e espacialmente. Devido aos processos de

transformação, que dependem da rede de contatos e relações estabelecidas, existe a necessidade de novas formas de percepção e interrogação das práticas esportivas realizadas. É esse futebol ex-cêntrico, fora da centralidade tradicional em relação à sexualidade (LOURO, 2003) que provoca mudanças.

Retratar o corpo da mulher no esporte ainda é cartografar terras desconhecidas, instalar-se sob linhas que ainda não foram delimitadas, correndo o risco de cair em um abismo ou de criar separações. Suas histórias são tramadas e apresentadas por seus corpos, tal como pinturas produzidas e expostas. Estão apresentam expressões corporais novas, de estéticas diferentes, mas que ainda não são valorizadas como artes:

> Se é verdade que há na pintura uma primazia do visível, importa perceber que, ao pintar, o pintor empresta todo o corpo ao mundo para transformá-lo em pintura. É também com todo o corpo que apreendemos não exatamente esse ou aquele quadro, mas um certo aspecto do mundo tal como revelado por aquele quadro. As qualidades visualmente sensíveis dos objetos – luz, cor, profundidade – o são porque ecoam em todo o corpo, porque ele as acolhe (CAVALCANTI, 2002, p. 41).

As trajetórias atléticas das jogadoras são construídas a partir da expressão corporal por elas apresentadas, pela expressão de suas subjetividades, de seus anseios, de sua conexão com o mundo e com formas de agenciamento que lhes são permitidos dentro e fora dos campos de futebol. O protagonismo esportivo destas mulheres mobiliza outros agentes, constrói potenciais emancipatórios e as empodera; visibilizando suas práticas.

O espaço de jogo demonstra a abertura para manifestações afetivas entre mulheres, com atitudes inesperadas e corpos fora de um padrão normativo. Mulheres mais gordinhas, com a lateral de um dos lados da cabeça com o cabelo raspado, usando boné, que podem dar beijos, abraços, trocar carícias e também distribuir socos, boladas e gritar palavrões. A performatização do que se considera serem "masculinidades" não apenas serve como marcação do diferente, mas por vezes também como empoderamento.

Codificados, os gestos realizados possuem significação e valor (LE BRETON, 2006), permitindo diferentes organizações e experimentações das práticas corporais. Objeto de valor, prazer e liberdade, o corpo é instrumento utilizado para produzir as ações, inscritas em determinadas sociedades, noções de pertencimento e de gênero. Conforme Le Breton (2011, p.18), o corpo é "o lugar de seu limite e de sua liberdade".

A performance dessas mulheres demonstra que o futebol pode ser praticado por outros corpos e de maneiras diferentes das que a habitualmente são divulgadas na mídia. Ainda, são expostos nos espaços públicos os corpos de mulheres modelados por treinamentos e expositores de habilidades, capacitados com outras motricidades. São mulheres que possuem a coragem de não se apresentarem exclusivamente como objeto sexual e que não se entendem como "trabalhadoras-mercadoria" (BITENCOURT, 2009) disponíveis para a compra no mercado de corpos e habilidades da matriz futebolística espetacular. Detêm, elas mesmas, o desejo de onde e quando realizarão suas performances.

Embora se afirme que os corpos das mulheres na atualidade são construídos conforme padronizações ditadas pela mídia (tamanho, forma, textura, posturas e movimentos), que envolvem práticas corporais de autovigilância, como cuidados com a aparência (*fitness*), moda, dietas, cirurgias, meu trabalho de campo contradiz isso em parte:

> Nossos corpos refletem idéias presentes em nossa cultura e, por esse motivo, somos valorizados, ou não, de acordo com nossas marcas corporais. Essas marcas, por sua vez, reforçam os discursos quando refletem, no espaço social, o local que cada sujeito ocupa: seja nas margens ou no centro de supostas perspectivas que sustentam padrões de normalidade e/ou de "anormalidade" (MORAES; DIAS, 2009, p. 184).

Elementos do que é considerado feminino em um universo considerado masculino podem ser conflituosos. Spaggiari (2014) identificou entre os garotos da várzea da zona leste de São Paulo as preocupações com a estética corporal que abrangiam qualidades e atributos ligados ao feminino, como o uso de tinturas, cortes desenhados ou chapinhas. Nesse ambiente, o "cai-cai", a voz fina, a falta de valentia e o choro provindos de meninos eram considerados fraquezas.

O "cai-cai", entretanto, parece mais comum nos jogos de homens que de mulheres. Em um dos jogos, exigindo uma performance "melhor", em Pelotas, ouvi uma mãe dizendo que elas precisavam aprender a simular, como os garotos: "Tem que ensiná essas gurias a caí e gritá, como no masculino. E logo antes, podia ter chutado a bola pra longe. Os guris de 10 anos já tem essa malandragem". Em meio ao excesso de simulações de quedas dentro de campo, utilizadas para "ganhar tempo" com o placar favorável, a arbitragem não paralisou o jogo ao ver a queda de uma jogadora no gramado aos 34 minutos do segundo tempo de uma partida entre Inter e Pelotas, ignorando que ela realmente havia se lesionado em campo.

A ideia de feminilidade também aparece na produção de corpos de mulheres. Spaggiari (2014) relata que as garotas que participavam do futebol varzeano em São Paulo recebiam treinos que reforçavam as diferenças entre os gêneros, com exercícios que eram considerados os mais adequados às garotas. “As garotas não participam de toda a série de exercícios físicos (abdominais, flexões), sendo privadas do acesso a certas técnicas corporais, principalmente as relacionadas a jogadas de força e agressividade, como dar carrinhos e lances de corpo a corpo” (SPAGGIARI, 2014, p. 256).

Spaggiari (2014) relata que as mães desaprovavam o ensino das práticas futebolísticas às garotas, pois acreditavam que, ao invés do futebol, elas deveriam priorizar as obrigações estudantis e os afazeres domésticos. A falta de perspectivas de profissionalização era perceptível nos relatos das jogadoras, em que poucas delas conseguiam vivenciar seus projetos de carreiras devido a dificuldades de inserção e acesso à prática:

> Desempenhos, habilidades, formas de agir, xingar, reclamar, comemorações de gol; um conjunto proporcional de atributos que, embora tidos como pertinentes não só ao universo masculino, não se limitam às fronteiras que diferenciam os gêneros. Valores e aspectos que fundamentam um discurso masculino que se mostra insustentável na prática cotidiana, pois são observados em ambas as práticas do futebol (SPAGGIARI, 2014, p. 261).

As garotas de Guaianases acionavam diferentes significados à prática esportiva, tanto em relação ao adestramento do corpo (para torná-lo mais ágil ou magro), à qualidade de vida (visando um passatempo) e a aspectos de sociabilidade (criando amizades). A violência, portanto, não combinava com a suposta fragilidade das moças. O seu modo de jogar, conforme o relato do pesquisador, era considerado lento e fraco, reforçando a noção de que a “natureza feminina é frágil”.

O compartilhar de tempo e espaços de participação entre garotos e as garotas revelava riscos, tensões e constrangimentos. Não exigir-lhes determinados treinamentos também evitava que se tornassem musculosas, o que era considerado como símbolo de masculinidade no grupo. Às garotas, ainda, eram emprestados fardamentos usados pelos garotos, os quais não eram apreciados por elas devido ao tamanho, cores e formato, pois não lhes permitiam valorizar atributos corporais e expor seus corpos, que reforçam ideais tradicionais de beleza.

As práticas destas mulheres, seus valores, suas lutas, o sangue que corre dentro das veias e que por vezes fica exposto pelas feridas que as machucam, esses são também

constituidores destas mulheres. Intituladas "guerreiras" por integrantes das barulhentas audiências que as acolhem e incentivam, forjam suas armaduras sociais nos gramados.

Para Halberstam (2003), o desempenho, a valentia, a coragem, são marcas de mulheres que aprendem a lidar com a dor, que são forjadas como guerreiros estoicos. O corpo é instrumento de status e diferenciação, digno de cuidados e proteção, mas sob o qual se impõem duras rotinas de treinamento. Para algumas futebolistas, a dor e os sacrifícios são vistos como necessários para obter bons resultados.

Em diversas ocasiões, observei nas redes sociais as postagens de fotos de futebolistas mostrando riscos na barriga (feitos pelo riscado da chuteira das adversárias), fotos de tornozelos inchados, joelhos enfaixados ou outras marcas de sequelas de jogos. Essas marcas são transformadoras, demonstram a valentia e a resistência delas à dor. São apresentadas a público como mostra da superação de desafios e tenacidade[317].

A dor, em algumas situações, aparece como elemento de forja de "guerreiras", na medida em que separa as jogadoras persistentes e fortes das demais, demonstrando diferentes usos dos corpos e técnicas de produção das futebolistas[318]. Nesse entendimento é esperado, por exemplo, que as jogadoras mais jovens ou resistentes solicitem uma carga alta de treinamentos até sentirem dor, demonstrando, assim, extrema dedicação. O estoicismo e o autocontrole em relação à dor são considerados aprendizados fundamentais para a permanência em campo. As dores também podem ser sinônimo de atenção, em relação às atletas que se deve "poupar". Há jogadoras que não querem expor seus corpos a lesões desnecessárias, preferindo evitar algo que as afaste de eventos sociais ou de futuros jogos. Na dinâmica do aprendizado não são todas que estão dispostas a reproduzir o universo de práticas e representações do corpo atlético espetacular, quando isso sugere riscos.

Conforme as jogadoras envelhecem, a dor é um sinal de que não possuem mais o mesmo condicionamento físico. Um treino em que não se sinta dor não é um treino "puxado"

317 Durante o processo de apreensão do *habitus* pugilístico no gueto estadunidense, Wacquant (2002, p. 102) afirma que teve que "(...) refazer a si mesmo e adquirir honra (masculina) pela submissão voluntária às regras ascéticas de sua arte". Neste processo, é confrontado ao risco da emoção, da ferida e do sofrimento, adquirindo conhecimento sobre o que se refere a este mundo e a si próprio.

318 "A resistência à dor como prova de virilidade é comum a várias culturas, que usualmente submetem seus jovens, sobretudo indivíduos masculinos, à tortura em rituais com o objetivo de, além de avaliar a resistência pessoal do indivíduo, proclamar o seu pertencimento social" (GASTALDO, 1995, p. 217)

(bom para o condicionamento), embora seja agradável ao corpo. Existem limites entre uma "dor boa" (que resulta em mais força) e a "dor ruim" (da lesão).

Embora algumas jogadoras apresentem a forja de si mesmas com determinação e disciplina, há quem busque apenas um espaço de sociabilidade. Sem se importarem se estão em desacordo com o que é esperado, apresentam o corpo rebelde à disciplina de corpos sistematicamente produzidos, que não é dócil às práticas de poder instituídas e que não precisa ser útil nem produtivo conforme esperam a FIFA, a imprensa ou a sociedade.

> Através de uma rede de saberes em que o corpo de insere, se estabelece, sempre, novas relações de poder e estas relações vão posicionando os sujeitos de modos diferenciados no espectro social. Estes saberes não dizem apenas sobre o corpo, mas dizem também sobre a sexualidade das pessoas, sobre os modos de ser homem ou mulher, branco ou negro, jovem, adulto ou velho. Ou seja, são discursos que dizem sobre todos nós, produzindo aquilo que somos ou devemos ser, produzindo identidades (ANDRADE, 2003, p. 109-110).

As performances apresentadas nos locais esportivos chamam atenção pelas suas potencialidades e pela expressão de subjetividades. Ao adequar os corpos e sexualidades a uma feminilidade heterossexual, suprimem-se as multiplicidades. "Produzem-se corpos femininos (submissos?) e masculinos (poderosos?) em uma espécie de 'repetição ritualizada', por meio da qual as normas sociais são reproduzidas e estabilizadas" (ADELMAN, 2003, p. 450). Mas que corpo é esse que é produzido dentro de campo?

Fotografia 14 – Torneio no Ramiro Souto (Redenção). Jogadora com boné virado e uniforme largo

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Crédito da fotografia: Desiree Farias (2012).

A estética dissonante presente nos campos porto-alegrenses é, principalmente no mundo futebolístico de bairros, refratária ao gosto instituído, porque os corpos nem sempre se enquadram no padrão desejado por aquilo que é valorizado pelos estabelecidos (masculino, forte, hábil, bonito...) e nem está à mostra pelo padrão apresentado na mídia (mulheres com chapinhas perfeitas, seios siliconados e abdômen sarado). Apresentam corpos diferentes, algumas fora de forma, outras com coxas maiores, algumas com o andar mais firme, descabeladas por cabecear a bola e suadas pelos esforços empreendidos na atividade física. Uma produção diferente dos estúdios de televisão.

A estética é um elemento de interessante análise do *futebol de mulheres*. A estética apresentada dentro de campo, devido à corporalidade, é diferente da socialmente esperada. Os quadris mais largos, os cabelos longos e a projeção dos seios conferem diferenças entre o futebol de homens e mulheres. Além disso, a estética está associada também à expressão de gênero e às noções de masculinidade e feminilidade presentes nos grupos.

A estética dos jogos da universidade dos Estados Unidos e das equipes porto-alegrenses se assemelhava dentro de campo. Entretanto, na equipe universitária pesquisada, havia uma maior padronização dos visuais, em que todas as jogadoras tinham cabelos compridos e uniformes iguais. Havia não apenas a uniformização de vestimentas, mas também das práticas e condutas cobradas pela institucionalização esportiva.

Adequar-se à motricidade dos homens e à vestimenta das mulheres é, para algumas das jogadoras, algo que exige atenção. As jogadoras medeiam entre as necessidades "fora de campo" em eventos sociais e também a uniformização obrigatória "dentro de campo". Para a jogadora Éricka, a necessidade de se adequar a um padrão dentro de campo seria como se "travestir" ou se "montar", ao ter que adicionar diversos elementos diferentes da cotidianidade para se adequar aos padrões impostos pelo jogo:

> A gente tá sempre se relacionando, mais próxima da outra, quando a gente está dentro do campo. Porque a maioria não se vê de fora. As que realmente ficam amigas até sim. Mas se a gente for parar pra olhar a gente está sempre assim de meião, calção e camiseta. Então, a gente tá *montada* de um jeito. Agora tem muita gente que não sabe como é que é fora dali. Que a gente não sabe como é que é. A Bianca, vou te dar um exemplo... a Bianca é uma guria que fora dali eu vi ela de vestidinho, de cabelinho solto, de sandalinha. A coisa mais bonitinha. Parece uma bonequinha, que nem eu brincava com ela: "E aí bonequinha". Agora tu olha dentro do campo está de calção, meião, a gente está sempre assim. Por isso que eu disse "t*ravestida de jogadora*". Porque tu está sempre assim.

"Montada" é uma expressão geralmente utilizada para definir as *drag queens*. Relacionada à corporalidade e teatralidade de suas performances, aponta para a impostação da voz e a construção de um corpo que não se assemelha ao socialmente legítimo (BENEDETTI, 2005). Ao ver as jogadoras em campo, relembro a maneira como algumas delas gritavam para chamar a atenção das demais ou urravam em momentos de raiva, performances diferenciadas para conseguir os resultados esperados. Ainda, em algumas das partidas, as jogadoras faziam danças após o gol, como forma de comemoração, algo que em nada se parecia com os comportamentos que apresentavam fora das quatro linhas, demonstrando adequações performáticas à prática esportiva.

Éricka inverte o argumento utilizado por travestis para se referir ao futebol. Para ela, a mulher "montada" é a que se masculiniza com roupas largas durante o jogo e suspende a feminilidade para se adequar às regras e também apresentar boa performance em campo[319]. Percebe-se, entretanto, que fora de campo há jogadoras que se adéquam à feminilidade tradicional (associada ao uso da maquiagem, vestido, acessórios e cabelo comprido e solto), entretanto, suspendem essa feminilidade dentro dos campos de jogo.

Quando uma garota não se adequava a uma feminilidade normativa em seu dia a dia e tentava fazê-lo para alguma solenidade, essa adequação também se tornava estranha. Em alguns momentos essas tentativas de adequação eram até mesmo motivo de piada no grupo. Em um dos dias em que estávamos esperando pelo ônibus, em uma das rodas de conversa, uma das jogadoras me disse que estavam chamando Sêca de "Gisele Bündchen", pois havia tirado umas fotos produzida e maquiada para uma festa.

Sêca era uma garota branca, mirrada, baixinha, com a pele marcada pelo tempo e pálida. Seu sotaque do interior, de família provinda de etnia italiana, tornava-a ainda mais apta a zombarias. Perguntei se ficou bonita e uma de suas colegas me disse: "Até que ficou direitinha", rindo. Era como se a maquiagem e outros "embelezadores" não combinassem com a personalidade de Sêca, e embora ela houvesse empreendido esforços, a combinação era

319 "Experimentar corporal e 'teatralmente' como a masculinidade é o produto de um conjunto de códigos culturais performativos aprendidos e incorporados através do que Butler chamaria de 'repetição coercitiva' caracterizaria a performance de gênero e isso pode ser reapropriado e posto em prática por qualquer corpo, independentemente de seu sexo anatômico" (CAMARGO, 2012, p.76)

um visual estranho, ao qual elas estavam desacostumadas e que continuava em desacordo com os padrões tradicionais.

Em um dia de campeonato da Prefeitura, ao final dos jogos, quando estava retirando as meias de cano alto, Yngrid, uma das jogadoras de uma equipe de bairro, olhou para as próprias pernas, tocou-as e disse em voz alta, como que falando para si mesma e também para quem estivesse em volta: "Não vai dá pra usá vestido hoje, tão tudo marcada, as minhas pernas". A reclamação, mesmo que relacionada à questão estética, reafirmava seus esforços em campo, marcas que valorizavam sua performance e dedicação.

Yngrid, no intervalo dos jogos, havia se esparramado em uma das cadeiras embaixo do toldo da organização do evento, sem sequer solicitar permissão. Insistente, começou a dizer em voz alta: "Quero uma cervejaaa. Eu aqui nesse calor, e nem uma cervejinha pra tomar". Clarisse, sua técnica, disse: "Primeiro vai corrê", cobrando a performance atlética em campo. Descontente porque ninguém parecia estar disposto a bancar a sua cerveja, voltou-se para um dos organizadores do evento e perguntou: "E o meu latão, professor?". O organizador disse para ela que só tinha água, no que ela respondeu rapidamente: "Água é pro banho". Sua atitude, folgada, era ignorada pelos demais.

A apresentação das jogadoras em campo e suas atitudes demonstram diferenças entre as equipes que participam do *futebol de mulheres*. Dar mais liberdade à expressão das jogadoras é entendido como um problema, do ponto de vista comercial. Além disso, as jogadoras devem ser femininas, mas não apresentar uma feminilidade tão acentuada a ponto de serem muito atrativas (o que poderia criar problemas com os pais ou até mesmo de segurança para elas, devido ao assédio em locais públicos). Tenta-se, assim como no futebol de homens, vender as jogadoras como um produto. A treinadora Tatiele se posiciona da seguinte forma:

> Se essa mulher não se parece, se ela é masculinizada, como é que tu vais vender o teu produto agregado àquela equipe? Então, como aconteceu com o voleibol, em que mudaram até a roupa das meninas, eu acho que isso foi um crescimento. Eu acho que não é uma visão de expor as meninas, mas o corpo feminino é diferente do masculino e chama mais atenção muitas vezes, não de uma maneira vulgar, mas que se tu exaltar a feminilidade da tua equipe, da tua atleta, é um ponto positivo pra tua equipe em busca desses apoiadores, de uma visibilidade pro teu trabalho e praquilo que tu queres agregar, praquela marca que tu queres agregar.

As jogadoras não passam incólumes pelas pressões de padrões estéticos do que é feminilidade e do que é ser mulher no Brasil. Inclusas nessa demanda estão as tentativas de uniformes semelhantes ao do vôlei[320], considerados mais *sexy* por serem mais curtos e colados ao corpo. São inúmeros os constrangimentos promovidos devido a regramentos sociais que historicamente cerceiam a liberdade de mulheres e suas práticas. A disciplina impressa sobre os corpos também é assim explicitada, como uma disciplina que não é neutra.

Pensar que todas as mulheres que jogam querem a profissionalização é substituir a égide do prazer pela lógica de produtividade sustentada num mercado do corpo. É a preocupação do corpo como instrumento de trabalho e não como templo de bem-estar e liberdade. A regulação das dietas, dos horários e do tipo de corpo (eficiente, sarado e forte) impõe uma lógica diversa da liberdade de escolhas. O corpo, antes um território a explorar o mundo, passa a ser um território explorado por outros.

Dworking e Messner (2002) indagam se o fato de a mulher ser sarada e ter uma quantia de músculos é sinônimo de agência, poder, resistência e independência ou seria apenas a conformação do corpo a serviço do capitalismo patriarcal. Ligada a uma lógica do individualismo e da ética protestante, as mulheres precisam fazer grandes investimentos de tempo, docilizando seus corpos para estar em conformidade com esses padrões[321].

As práticas esportivas são o norte na vida de muitas das futebolistas, orientando suas trajetórias e projetos de vida (VELHO, 2013). Embora sofrendo a influência de uma pedagogia do uso do corpo, em que são ensinadas a como moldá-los e apresentá-los, as futebolistas gerenciam suas aparências de acordo com as necessidades impostas pela prática de suas atividades desportivas e os seus próprios desejos.

A forja de jogadoras compreende a formação de um corpo atlético singular, diferente de outros esportes. A força explicitada no corpo é também sinônimo de forja mental e

320 As equipes brasileiras de vôlei buscam feminilidade com o uso de vestimentas mais justas ao corpo. Nos anos 2000, era comum o uso de sunquinis (top e short com tamanho pouco maior que biquíni). Houve também uma época em que usaram os chamados macaquinhos, que são peças únicas e bem justas ao corpo, com mangas cavadas e o mesmo comprimento de um short. Em 2013, uma equipe de Osasco lançou os skorts (saias-short), shorts que são cobertos por uma saia na parte frontal, também utilizados no tênis e golfe.

321 Para Dworkin e Messner (2002), a sexualização dos corpos femininos enfraquece as conquistas atléticas das mulheres. Requer-se, ainda, que o tamanho dos músculos seja limitado para que permaneçam atrativas. O esporte é também uma atividade comercial, em que são vendidas conquistas individuais que apresentam beleza e sexualidade convencionais. Entretanto, ainda "(...) tendemos culturalmente a elevar os esportes vinculados à força física explosiva e dominação expressa através de agressivo contato corporal e colisão" (MESSNER, 2002, p. 14).

simbólica, de uma mulher que tem seu corpo alterado por práticas constantes e que está disposta a apresentá-lo publicamente.

Nos espaços esportivos nos quais frequentei, observei que força e violência também são utilizadas pelas mulheres, e por vezes, de maneira excessiva. Dessa forma, neste espaço de liberdades, elas precisam balancear entre características consideradas masculinas e a aparência feminina; entre terem músculos, mas não serem muito musculosas. “Por um lado, a prática de atividades esportivas é empoderante, mas manter uma conduta feminina aceitável é desempoderante” (KRANE, 2001, p.116).

As contradições existentes colocam dúvidas sobre as melhores maneiras de agir, como se apresentar e como realizar as performances em campo e fora delas. As mulheres que ocupam estes espaços lidam com masculinidades e feminilidades, expressas nos corpos à mostra em locais públicos. A exposição de uma sexualidade (e também corporalidade) não normativa incomoda até mesmo jogadoras lésbicas.

O corpo da jogadora de futebol é moldado à prática e se diferencia de outras atividades. Algumas jogadoras se adaptam mais, mantendo seus braços mais abertos ou com passos mais firmes e pesados, outras não incorporam a corporalidade exigida. Assim como no *ballet*, pode-se também identificar as marcas inscritas nos corpos das praticantes, percebendo-se, assim a *hexis* corporal.

As jogadoras absorvem formas corporais e posturas futebolísticas, as quais podem ser reconhecidas. Esse capital corporal é construído individualmente, entretanto, possui também uma dimensão coletiva de aprendizado, realizada pela *família de origem* ou pela *família esportiva*. Uma das jogadoras de equipe profissional porto-alegrense me falou sobre sua impressão sobre a produção de corpos no *futebol de mulheres*:

> Qualquer menina que joga futebol, ela não vai andar que nem uma menina que faz *ballet*. Ela vai andar mais durona, ela vai andar com a perna um pouquinho aberta e os braços um pouquinho mais abertos. É padrão. Tu pode pegar trinta meninas e que dessas trinta, 25 sejam casadas com homem, tenham filhos, tem... porque ele é um futebol que te deixa mais truncada, que te deixa mais solta, no caso, acho que é o termo correto. Só que assim, uma coisa não justifica a outra. Entende? Assim, eu posso sim 'carregar sacola', como as pessoas dizem 'Larga essa sacola'. E não ter uma mulher. A minha postura... eu não preciso andar maquiada, com uma chapinha no cabelo, com uma blusinha PPP. Não, mas eu acho que é questão de postura.

No dia em que a equipe pernoitou em Erechim e todos tivemos que dormir numa cancha de bocha junto aos pais e à comissão técnica, percebi de que maneira as expressões das jogadoras também são controladas nesses ambientes. Uma das jogadoras, com um andar mais pesado e masculino, porém *patricinha*, estava passando para ir ao banheiro, carregando consigo sua escova de dentes. Vindo na direção contrária, uma jogadora veterana passou e disse para ela "Baixa a asa", se referindo à orientação de que deveria postar os braços de maneira menos truncada, pois estavam longe do corpo, como geralmente ficam os braços dos homens ao caminhar. A normalização das expressões corporais faz com que ela não aparente masculinidades que possam colocar o grupo sob suspeita.

Andar com os braços mais abertos ou as pernas mais abertas é o contrário do esperado em termos de feminilidade tradicional de uma mulher. Das mulheres elegantes, delicadas ou femininas são esperadas restrições de movimentos, como os produzidos pelo uso de saias ou saltos altos. A mulher futebolista possui uma liberdade e amplitude de movimentos que as vestimentas formais não lhe proporcionam.

O andar e os gestos revelam sobre o grupo e sobre as individualidades. Um gestual mais amplo é aceito durante as comemorações, com abraços largos ou comemorações. Caminhar com os braços longe do corpo pode ser importante para uma jogadora durante o momento da proteção de bola, quando a adversária está nas suas costas tentando tomar a posse da bola. Entretanto, nas atividades diárias, pode denotar a falta de adequações à norma.

Conforme Nicholson (2000, p. 14), "(...) a população humana difere, dentro de si mesma, não só em termos das expectativas sociais sobre como pensamos, sentimos e agimos; há também diferenças nos modos como entendemos o corpo". O corpo é entendido de diferentes maneiras nos campos de futebol de Porto Alegre e de Amherst. Deve-se, portanto, entender que cada mundo futebolístico produz/contorna o corpo, podendo ser um corpo moldado por rotinas de produção ou liberto de amarras rígidas.

A delimitação de posturas corporais e gestuais é fruto da educação dos corpos, de sua adequação aos diferentes tempos e espaços. As condutas, conforme Le Breton (2011), sofrem a imposição de uma etiqueta social que varie conforme idade, sexo, status, parentesco e outras características. Existe o que Le Breton (2011, p. 211) chama de "elogio do corpo jovem, sadio, esbelto, higiênico". O corpo deve, portanto, se conformar aos padrões dele esperados.

"É nesse sentido que aquele que não joga o jogo, deliberadamente ou à sua revelia, provoca um incômodo profundo" (LE BRETON, 2011, p. 212-213).

8.4.1 Os pelos e cabelos

O tratamento dado a pelos e cabelos é uma questão interessante em relação à produção de corpos generificados. Para Bromberger (2008), a exposição dos pelos ou sua retirada varia conforme a religião e as moralidades de cada país ou região. "Do gênero à identidade étnica, da rebelião à submissão, os penteados proporcionam inúmeras pistas para significados sociais e simbólicos" (BROMBERGER, 2008, p. 386, tradução minha)[322]. O uso de véus que cubram os cabelos, a retirada de pelos faciais ou do cabelo expressam as diferentes tradições.

Os cabelos raspados, por exemplo, são utilizados em situações de aprisionamento, como presídios ou escravidão, ou ainda em difíceis tratamentos de saúde, sendo símbolo de uma morte social. Os cabelos podem ser raspados, trançados, presos, alisados, descoloridos, tonalizados, esculpidos com gel ou pomadas. Para Bromberger (2008), os cabelos informam sobre tendências, gênero, status (idade, geração, comunidade) e atitudes de acordo ou desacordo com regras e padrões sociais. Após a Primeira Guerra, por exemplo, as mulheres adotaram cabelos curtos como um símbolo de emancipação, neutralizando as diferenças sexuais.

Nos bastidores do *futebol de mulheres* porto-alegrense, podia-se perceber que os cabelos também diziam sobre as jogadoras, com diferentes expressões. As mais conservadoras, com cortes tradicionais e cabelos compridos; as mais práticas, com cabelos curtos, de fácil manutenção; e as estilosas preferiam modificar o cabelo com chapinhas, cortes ousados, tingindo ou raspando apenas algumas partes.

As jogadoras com cabelos compridos geralmente os prendiam. Nas poucas vezes em que jogadoras utilizaram cabelos soltos durante jogos, sempre ouvi comentários questionando "como é que consegue jogar de cabelo solto?". O cabelo solto, selvagem, era visto como algo que poderia atrapalhar a visão, o cabeceio e comprometer a performance.

322 Trecho original: "From gender to ethnic identity, from rebellion to submission, hairways provide scores of clues to social and symbolic meanings".

Assim como os cabelos, os pelos também eram alvo de cuidados. Precisavam ser removidos para passar uma boa impressão, de higiene e cuidados. Pela praticidade, grande parte das jogadoras utilizava lâmina, evitando também processos dolorosos. Algumas jogadoras, entretanto, quando estavam com a depilação "vencida", colocavam os uniformes mais rapidamente, evitando que alguém a visse. Os meiões altos ajudavam a esconder descuidos da depilação. Alcançando os joelhos, davam também suporte às caneleiras.

Na Nova Zelândia, assim como no Brasil, o futebol é visto como um esporte masculino. Conforme Cox e Thompson (2000), naquele país, a expressão "feminina" serve como um código para heterossexualidade no contexto esportivo. As mulheres que se desviam dessas normas de feminilidade usando cabelos curtos ou corpos atléticos, por exemplo, têm suas sexualidades questionadas[323]. Conforme Cox e Thompson (2000), algumas jogadoras neozelandesas cuidavam também o estilo do corte de cabelo, por tentarem se distinguir das lésbicas, evitando rótulos e estigmas.

Os cabelos também podem gerar polêmica que não está relacionada à sexualidade, mas a questões religiosas quando da exposição pública dos cabelos em práticas esportivas realizadas por mulheres. Em outubro de 2005, a Federação Iraniana de Futebol ordenou que as mulheres deveriam esconder suas mechas de cabelo sob o véu. As restrições em relação aos usos do cabelo também se referiam aos jogadores, que deveriam se adequar "às condutas dos valores islâmicos", evitando barba irregular, rabos de cavalo ou cabelos longos e encaracolados.

Um dos entraves à ampliação da prática do futebol por mulheres está relacionado a princípios religiosos. Em 3 de junho de 2011, por exemplo, a equipe do Irã foi impedida de jogar contra a Jordânia, na segunda rodada das classificatórias das Olimpíadas de Londres 2012. O banimento aconteceu porque as jogadoras fizeram uso do véu islâmico. A decisão da FIFA de 2010 era de que as jogadoras poderiam cobrir a cabeça, mas não tapar orelhas e pescoço.

---

323 "Mulheres que usam seus corpos para praticar esportes, uma instituição largamente construída e dominada por homens, geralmente experimentam contradições, ambiguidades e conflitos. Muitas dessas experiências serão associadas com a transgressão das fronteiras normativas de gênero, enquanto ao mesmo tempo são envolvidas em práticas conservadoras envolvendo esportes tradicionalmente masculinos" (COX; THOMPSON, 2000, p. 18, tradução minha).

A Lei de nº 4 da FIFA, sobre "Os equipamentos de jogadores", define os equipamentos básicos, outros equipamentos e joias. Entre as orientações, é vedado o uso de uma peça única, ao invés de camiseta e calção. Além disso, as camisetas devem ter mangas. Na regra está escrito que "O equipamento básico obrigatório não pode conter quaisquer declarações políticas, religiosas ou pessoais". Dessa forma, estariam proibidos os usos de *kippah* (usado por judeus), *hijabs* (véu muçulmano) e turbantes (usado por *sikhs* e religiões africanas). Entretanto, devido a pressões da Confederação Asiática de Futebol, em 2012, a FIFA passou a permitir que as jogadoras de países muçulmanos joguem usando o véu e com todo o corpo coberto. A Federação Francesa de Futebol, entretanto, com base na laicidade, mantém a proibição do véu[324].

Conforme Congdon-Hohman e Matheson (2011), enquanto 87% das nações não islâmicas possuem equipes de homens e de mulheres, nos países islâmicos, a participação internacional do *futebol de mulheres* diminui para 69%. Também tendo que superar impedimentos religiosos e culturais, a seleção da Líbia enfrenta ameaças de extremistas religiosos que afirmam que os trajes delas são inapropriados[325].

Nos Estados Unidos, embora seja uma cultura em que seja forte o respeito à individualidade e liberdade de expressão, pode-se perceber que posturas mais conservadoras podem exercer proibições em ambientes mais controlados. Na equipe universitária da UMass, por exemplo, o técnico proibiu as jogadoras de fazer tatuagens ou sequer colorir seus cabelos. Uma das atacantes da equipe havia colorido o cabelo com uma mecha rosa, entretanto, antes do início da temporada, foi abordada pelo técnico, que, aparentemente bravo, ordenou a ela que descolorisse de volta à cor original. Conforme outra jogadora que comentou o caso, o técnico pensa que as jogadoras universitárias inspiram as meninas que vão aos jogos. Ele próprio tinha duas filhas novas e pensava que isso não era algo aceitável, impondo regulações às quais as jogadoras deveriam se adequar.

---

324 Para ler a lei que define os equipamentos que podem ser utilizados, consulte FIFA (2004).

325 No Brasil, em contrapartida, a exposição dos corpos é evidente em partidas promovidas por meios de comunicação. As decisões sobre o corpo devem ser respeitadas, entretanto, quando as únicas formas de aparecer são ligadas à exposição, há a imposição de um padrão normativo que explora a sexualidade mesmo quando não desejada. Inspirado no *football* de lingerie, em que as mulheres jogam sem a utilização de uniformes e vestindo apenas roupas íntimas, em setembro de 2012 o programa matinal *Mais Você* montou uma equipe de futebol com mulheres. Conforme o programa, foram reunidas "beldades com roupas íntimas", com narração do personagem Louro José e do narrador Luis Roberto.

8.4.2 Os cheiros e as excreções

Abordar cheiros e excreções pode parecer algo bastante inusual. Entretanto, correr, transpirar, ir ao banheiro eram ações que faziam parte da rotina dos jogos. O partilhamento de espaços também implica um partilhar dos cheiros existentes e das excreções provindas das práticas esportivas. Entretanto, lidar com estas questões podia causar mal-estar. Os odores, por exemplo, ligados à intimidade, são o que Le Breton (2011, p. 180) considera como "a assinatura de sua presença no mundo".

As excreções corporais, no Brasil, em geral são assuntos privados. Exceto por algumas jogadoras mais brincalhonas, as demais não comentavam esses assuntos. Entretanto, o suor era motivo de preocupações, como beijar alguém quando estava suada, após o jogo ou chegar suada a algum evento social, após o jogo.

As sensações olfativas podem gerar proximidade ou afastamento. "Cheirar mal" é algo considerado desagradável que pode causar insegurança, preocupação ou vergonha. O mau odor geralmente gera repulsão e má reputação, enquanto os bons odores podem ser atraentes. Eis o porquê de tantos investimentos na indústria de perfumes e antitranspirantes. Pode-se perceber, portanto, a existência de uma coerção para que se mantenha um silêncio olfativo, que não cause ruído ou incômodo. Ou seja, deve-se evitar transgredir esse silêncio ao exalar cheiros ruins. Para isso, pode-se utilizar o cheiro de fragrâncias conhecidas, como desodorantes e perfumes, reconhecidas como boas. O odor é combatido, minimizando a culpa de exalar algum cheiro.

Com o hábito de banhos diários, algumas jogadoras porto-alegrenses tomavam banhos inclusive antes de ir para os treinamentos, pois sabiam que o cheiro poderia pô-las em risco, gerando evitamento. Estar perto das colegas e cheirar mal era considerado desrespeitoso. Entretanto, algumas jogadoras afirmavam que não se importavam em cheirar mal dentro de campo, durante os jogos, pois isso seria uma tática para afastar as adversárias.

"Ser perfumada" ou "cheirar bem" parece ter alguma ligação com a noção de feminilidade e atratividade da mulher jogadora. Uma mulher bem cheirosa é não apenas uma mulher sedutora, é considerada também feminina. O cheiro seria não apenas um atrativo sexual, mas ressaltaria a noção de feminilidade. Para Clarice, líder comunitária, havia uma

ligação entre os bons odores e as mulheres: “Os hormônios femininos são diferentes, já começa por aí, né. E mulher é cheirosa, mulher é perfumada e é alegria. As jogadoras entram num campo e chamam atenção já pelo fato de serem femininas”.

O cheiro, portanto, demandava atenção. Quando não controlado, poderia denunciar práticas proibidas nos grupos, como, por exemplo, quando jogadoras saíam para festas na noite anterior a jogos e cheiravam a álcool. Algumas tentavam camuflá-los para evitar punições de técnicos rigorosos em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, por pensarem que isso influenciaria em suas performances e no resultado dos jogos. Principalmente em relação a jogadoras “diferenciadas”, o controle era mais rígido, conforme me disse Éricka:

> O técnico era extremamente rigoroso em questão do horário, quanto ao uniforme. Algumas coisas. De repente a aparência. O cheiro, sabe., aqueles “gostosos”, que de vez em quando tu acorda da festa e vai direto. Ele era... Tem outros que não estão nem aí, tanto faz, tanto fez. E que depende muito do 'cabeça' que nem a gente fala, do treinador.[326]

Le Breton (2011) afirma que a sociedade ocidental possui ritos de evitamento (em relação ao corpo nu, com a regulação do contato), bem como apresenta ritos de apagamento do corpo (visando à discrição e silenciamento de manifestações corporais em espaços públicos, tais como ruídos e mau cheiros). Esse apagamento do corpo é subvertido em momentos de crise ou excesso, com as sensações geradas pela dor, fadiga ou ferimento.

A percepção do corpo permite ao sujeito uma nova exploração sensorial, integrando seus diferentes níveis de existência. Para Le Breton (2011, p. 196), “O corpo é o presente-ausente, ao mesmo tempo pivô da inserção do homem no tecido do mundo e suporte *sine qua non* de todas as práticas sociais (...)”.

Enquanto, no Brasil, cuspir em campo era considerado algo rude ou anti-higiênico, atitude costumeiramente realizada por homens; nos Estados Unidos, as jogadoras lidavam com naturalidade em relação aos fluidos corporais. Cuspiam em campo normalmente, sem repreensões nem olhares tortos. E quando perguntada, uma jogadora me disse que era porque respirar pela boca tornava a saliva mais seca e ficava ruim para engolir, que era algo normal.

---

326 Os técnicos ou dirigentes são chamados de “cabeça” porque são eles que tomam as decisões dos grupos. “Cabeça”, pois esta é a parte do corpo considerada como origem das ações, ligada ao cérebro e ao mental. Das jogadoras e demais integrantes, esperam-se as ações, o trabalho “corporal” e não o intelectual, em uma divisão social de funções.

A unidade proporcionada pelas noções de "equipe" ou "famílias" não deixa de colocar à mostra a diferença por vezes abismal entre as diferentes educações do corpo recebida pelas jogadoras. O desprezo pelas etiquetas de forma unilateral era considerado um desrespeito porque se sobrepunha ao apagamento consensual e implicitamente estabelecido, o qual dependia das convenções sociais e limites de tolerância dos demais agentes sociais. Colocar o corpo em evidência, seja ao realizar atitudes espalhafatosas, falar alto, arrotar ou emitir flatulências é algo que pode ser considerado algo rude ou engraçado. Entretanto, quando gera mal-estar, é cerceado por ser uma forma de manifestação social inapropriada ou inconveniente.

Dentre as excreções, o choro é uma das que poderia ser futuramente mais investigado, pois ainda é controverso. Enquanto em outros espaços pode ser considerado negativo, o choro de homens pode ser permitido no futebol, como forma de expressão de fortes sentimentos. Embora não fosse vetado no futebol de mulheres, o choro era entendido como sinal de fraqueza por algumas jogadoras. Daniela, estudante-atleta da equipe universitária estadunidense, por exemplo, dizia que não chorava. Ao tentar demonstrar força e preparo para os treinamentos mais rígidos, pensava que o choro poderia ser interpretado como despreparo ou falta de força. Nas equipes porto-alegrenses, entretanto, a dor ou a vitória traziam as lágrimas sem que houvesse vergonha ou repreensões por essas expressões.

***

O *futebol de mulheres* brasileiro é um espaço aberto à produção e expressão de múltiplas construções de gênero e sexualidades. Entretanto, há mundos futebolísticos mais rígidos em relação aos comportamentos, os quais diminuem a visibilidade de sexualidades e expressões de gênero não-normativas[327]. Em certos espaços, mesmo no espectro do futebol de mulheres, a exposição dessa diversidade é vista como desnecessária e agressiva às famílias, razão pela qual a expressão delas pode ser vista como um gesto político, de enfrentamento de

327 "As práticas esportivizadas dos sujeitos *queer* podem ser tomadas como produtos de uma condição pós-moderna, uma vez que evocam um estado indefinido de questões e problemáticas, os quais não encontram respostas no atual sistema esportivo padronizado pelas lógicas heteronormativas" (CAMARGO; RIAL, 2009, p. 285).

certos pontos de vista mais conservadores. Há tensões entre posicionamentos, mas as diferentes sexualidades estão presentes e latentes, demandando negociações.

Nos Estados Unidos, pode-se perceber uma maior uniformização na expressão de sexualidades. Em realidade, há um silenciamento a respeito, podendo ser interpretado de modos muito distintos: como se a sexualidade e a intimidade fossem assuntos privados e individualizados; como respeito à diversidade, não demandando juízos públicos; ou como indicativo de um conservadorismo resignado, que evita tratar abertamente destas temáticas, adotando o silêncio estrategicamente. Outra questão importante de ser pontuada é que o futebol, nos Estados Unidos, não possui uma conotação ligada à reafirmação de masculinidades, as quais se referem muito mais a outros esportes considerados como representantes da identidade nacional. Nas conversas, a sexualidade não era um assunto comentado ou sequer aparentava relevância, indicando que as relações de gênero e sexualidade não sejam dramatizadas nesse espaço como o são no Brasil.

Como se pôde perceber no decorrer deste capítulo, o corpo é lugar de prazer, de reconhecimento e marcação de diferenças. Os diferentes corpos que participam do *futebol de mulheres* demonstram haver diversas formas para se lidar com as masculinidades e feminilidades, bem como para se tentar definir o que é masculino ou feminino em corpos esportivos de mulheres. As identidades de gênero e a maneira como as jogadoras se autodefinem são também importantes na aceitação dentro dos grupos e do *futebol de mulheres* na sociedade. Em relação aos fatores sociais, pode-se entender que são também importantes para entender as trajetórias das jogadoras e dos significados que permeiam os diversos mundos futebolísticos, questão tratada no próximo capítulo.

9. AS DIFERENTES TRAJETÓRIAS DE FUTEBOLISTAS

Neste capítulo, apresento histórias de vida de integrantes do *futebol de mulheres* nos Estados Unidos e Brasil. A temporalidade das narrativas, aqui apresentadas, confere acesso ao passado e ao presente dessas mulheres, dando uma noção de como foram construídos seus projetos esportivos, os quais também estão ligados a projetos de vida que lhes exigem diversas adequações. Entendo as trajetórias aqui apresentadas como "série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente - ou mesmo grupo-, em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes" (KOFES, 2001, p. 24).

Conforme Kofes (2001), não narrar alguém ou algo é conferir-lhes uma morte simbólica. Este capítulo dá vida ao *futebol de mulheres* e está organizado de forma a demonstrar as desigualdades existentes nos diferentes mundos futebolísticos. Nesse processo de lembranças e esquecimentos, construo as trajetórias de mulheres enquanto seres em relação. As memórias delas constituem os diversos mundos futebolísticos, bem como recuperam e transformam o que é considerado como "futebol".

Para escrever sobre as trajetórias esportivas das futebolistas e demais agentes sociais de importância, faço também menção aos espaços que elas frequentam e teço reflexões sobre o *futebol de mulheres*. Pretendo, portanto, fazer com que, neste capítulo, as jogadoras assumam uma centralidade narrativa.

As experiências de vida são apresentadas de modo a tentar reinterpretar o *futebol de mulheres* em suas singularidades. Cabe lembrar aqui que o novo "universo de significados" apresentado é resultado de entendimentos situados em momentos históricos específicos (CONT, 2004), podendo ser reinterpretados por essas pessoas ao longo de suas trajetórias.

Se neste capítulo não me atenho tanto às trajetórias esportivas brasileiras, é porque elas foram contempladas no decorrer da tese, mas não deixo de recuperá-las, pois, em certa medida, são um parâmetro comparativo constituído por muitos espelhamentos. São tratadas, neste capítulo, algumas questões importantes, tais como as diferenças de classe no Brasil e a senioridade nos Estados Unidos. Além disso, busco com a trajetória de uma jogadora gaúcha que atuou no Brasil e nos Estados Unidos, aproximar esses dois mundos futebolísticos.

9.1 ENTRE "PATRICINHAS" E "HUMILDES": AS DIFERENCIAÇÕES SOCIAIS

O *futebol de mulheres,* nos Estados Unidos e no Brasil, quando comparados, talvez demonstrem a participação de dois grupos bastante diferentes em relação às praticantes. Enquanto nos Estados Unidos as jogadoras são em sua maioria classe média, brancas e jovens universitárias; no Brasil, elas são de classe menos favorecida economicamente, não brancas e jovens[328]. A juventude parece ser um fator em comum, entretanto, ambas as sociedades podem significar diferentemente a juventude e a forma como estas jovens são inseridas no meio esportivo.

As diferenças entre classes, por exemplo, são mais evidentes no mundo futebolístico de Porto Alegre do que em Amherst. Enquanto em Amherst as desigualdades são referentes ao tempo de permanência na equipe, dentre as jogadoras porto-alegrenses, pode-se perceber uma tensão latente de classe, presente também na linguagem, com a utilização das categorias êmicas que distinguem as *humildes* das *filhinhas de papai*.

Em termos de caracterização do mundo futebolístico de mulheres porto-alegrenses, tendo a identificar as *patricinhas* ou *filhinhas de papai* de forma semelhante a Dornelles (2004), como sendo garotas de classe média, que têm seus investimentos financeiros futebolísticos patrocinados pelos pais em escolas de formação, o chamado "PAItrocínio". Elas

328 Para detalhes, vide o capítulo 6, que apresenta a enquete realizada em 2013 com jogadoras em Porto Alegre.

consomem produtos de marcas esportivas reconhecidas e tendem a adotar características de uma feminilidade tradicional.

As *humildes* são garotas de classes menos favorecidas que se dizem determinadas a ascender no futebol e, portanto, investem tempo para desenvolver capitais corporais em termos de habilidade ou força, sendo, em muitos casos, convidadas a participar gratuitamente das equipes de escolas de formação. Suas participações são subsidiadas pelo impacto que possuem em termos de resultados à equipe, o que faz com suas presenças sejam requeridas. Participam desses projetos visando a outras oportunidades e à ascensão na carreira futebolística.

Dornelles (2004), ao analisar o *futebol de mulheres* em Porto Alegre, identificou este espaço como múltiplo, de construção de identidades e diversas representações. As particularidades deste mundo futebolístico devem problematizadas num contexto específico,

> (…) onde alguns significantes como roupas, gestos, corpos e expressões têm outros significados diferentes do discurso essencialista do senso comum. As gírias, os apertos de mão, o cabelo preso e o uso de top são algumas características comuns ao futebol feminino que, em outros lugares, talvez, sejam significadas de outra forma, posicionando algumas garotas do futebol feminino de maneira que elas sejam vistas e se sintam como diferentes (DORNELLES, 2004, p. 29).

Para Dornelles (2004), idade, profissionalismo, poder aquisitivo, forma de interesse pelo futebol, estilo de vida e outros elementos se articulam e se cruzam, produzindo subgrupos tais como “patricinhas” e “profissionais”, “caminhoneiras” e “festeiras”, até as “bairristas” e as “boleiras”.

A distinção entre *patricinhas* e *humildes* acontece em equipes onde as diferenças econômicas entre as participantes do grupo são mais perceptíveis. Nas equipes comunitárias, por exemplo, considerando que a maioria delas são *humildes*, a distinção pode ocorrer de outras formas, como entre as *esforçadas*, as *boleiras* e as *festeiras*. Essas três distinções se referem mais aos comportamentos das jogadoras e podem ser percebidos tanto nas equipes comunitárias quanto nas escolas de formação e “junções”.

As *esforçadas* são as jogadoras que, mesmo não apresentando boas performances atléticas, participam regularmente dos treinos, são pontuais e fazem esforços para participar das viagens. Algumas delas até mesmo acumulam outras funções de auxílio às lideranças, como auxiliares técnicas, massagistas ou dirigentes. Elas podem inclusive auxiliar na captação

de novas jogadoras. Entretanto, não recebem nenhuma contraprestação financeira por suas dedicações.

As *boleiras* são conhecidas como "diferenciadas" em termos de habilidades e recebem retornos financeiros ou privilégios, como caronas para treinos e jogos. Elas são reconhecidas como essenciais para resultados favoráveis às suas equipes, e por isso recebem um tratamento "diferenciado". A jogadora *boleira* é aquela que não tem medo da bola e que "sabe o que fazer com ela", demonstrando bom domínio e precisão.

"Disfarçar-se de *boleira*" também pode ser um sinônimo de expressão de masculinidades, assim como também pode ser uma impressão relacionada a questões estéticas. A garota que usa um tênis "de marca" (geralmente recebido como contraprestação da sua importância na equipe) ou um tênis muito colorido, bonito ou caro, é provavelmente uma *boleira*. Investe mais dinheiro em um tênis considerado bom e chamativo, que melhore sua performance ou lhe forneça distinção dentre as demais jogadoras.

Algumas *boleiras* usam bonés ou correntes. Outras possuem cabelos curtos e coloridos, usam moicanos ou cortes com estilos diferentes. Há ainda as que se diferenciam por um andar mais "pesado", por vezes com os braços ou pernas mais abertas. As *boleiras* geralmente estão vestidas de uma maneira que facilmente possam participar de um jogo de última hora ou tenham consigo chuteiras e/ou tênis para poderem jogar:

> Ainda quanto às garotas 'boleiras', estas, geralmente, transitam pelos times e pelos grupos que se formam no futebol feminino de várzea. Este trânsito livre pelas agremiações é uma ação permitida para estas garotas, sem questionamentos, nem restrições. Parece-me que todos sabem que elas podem fazer isso. Por outro lado, quando outras garotas se afastam de suas equipes, há uma busca por razões desta saída, uma dúvida quanto ao caráter e quanto à qualidade técnica destas garotas são questões que se instauram e permeiam a tribo da várzea, até estas garotas se firmarem em uma nova equipe (DORNELLES, 2004, p. 35).

Ser *boleira*, entretanto, não é sempre sinônimo de expressão de masculinidades, mas pode ser também uma forma de expressar o gosto e extrema dedicação à prática futebolística. É característico da *boleira* ter o futebol como prioridade e por isso rearranjar seus horários para que possa praticá-lo. Quando possuem pouco tempo disponível, algumas "matam aula" ou faltam a compromissos, tentando encontrar algum tempo semanal de contato com o jogo.

As jogadoras *boleiras* geralmente costumam expor, na panturrilha[329] ou na parte externa da região da canela, alguma tatuagem que passe uma mensagem sobre um momento de suas vidas, de algo que represente suas trajetórias ou o quanto o futebol significa em suas vidas. Essas tatuagens podem ser escondidas com os meiões, quando erguidos até próximo à altura dos joelhos para cobrir as caneleiras de jogo. Entretanto, diversas jogadoras *boleiras*, sempre que possível, não gostam de aderir ao uso de materiais de proteção, pois são incômodos.

Uma das jogadoras da equipe do Inter, além de tatuar uma bola de futebol, escreveu os dizeres "Não existe derrota onde ganha-se Família e amigos". Para ela, o futebol é um espaço de batalhas grupais, onde se constrói sociedade, quer dizer, laços de pertencimento, identidade, gosto, afetos, etc. Ela faz questão de trazer consigo as marcas corporais que a relembram fazer parte de uma *família esportiva* composta por gostos e afinidades.

Fotografia 15 – Montagem com as tatuagens das jogadoras porto-alegrenses

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2012).

329 A panturrilha é um grupo muscular difícil de ser trabalhado em academias, exigindo esforço redobrado. No entanto, é muito acionado na prática do futebol, o que faz com que boleiros(as) façam questão de exibí-los.

As marcas corporais não são sempre escolhidas, por vezes sendo resultantes de lesões praticadas por outras jogadoras. Entretanto, as marcas que carregam em seus corpos, como em tatuagens, retratam por vezes o quanto o futebol é significativo em suas vidas. As tatuagens possuem alta carga simbólica e geralmente estão presentes na região da perna, coxa ou canelas, regiões mais acionadas durante a atividade física. Essas tatuagens expressam momentos e dizeres que compõem suas identidades.

As jogadoras precisavam mediar a exposição de seus corpos sob a forte intervenção do tempo, eventos sociais, apoiadores e uma boa performance atlética. As tatuagens são também uma forma de comunicar e expressar na superfície dos corpos as marcas da vida social. O caráter polissêmico dos símbolos corporais permite diversas leituras, visibilizando diferentes realidades.

Corpo fragmentado, que precisa ser tratado, curado, reprimido. Segundo Le Breton (2011), o corpo é o lugar do limite e da liberdade dos sujeitos. "O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si" (LE BRETON, 2011, p. 18). É nesse corpo que se inscrevem as rotinas de treinamentos, e nele também que são depositadas as expectativas em relação aos projetos futebolísticos.

Boleira assumida, Crys Jobim sempre teve o futebol como prioridade na vida. Aos 7 anos começou a jogar na escolinha do Internacional. Filha de jogador, mudou-se com a família para Porto Alegre em 2000, aos 10 anos, para poder jogar. Seu pai a incentivou a fazer um teste no Vasco da Gama (no Rio de Janeiro), aos 13 anos. Três anos depois, em 2006, Crys fez teste no Corinthians (em São Paulo) para a equipe sub-17. Em nenhuma das peneiras ela foi bem-sucedida. Embora não conseguisse vaga em "clubes de camisa", Crys continuou jogando pela equipe da escolinha, mas, em 2008, teve uma lesão nos ligamentos do joelho.

Após um ano e meio parada, Crys voltou a jogar apenas por diversão, em todo e qualquer jogo para o qual fosse convidada. Sua performance não era mais a mesma, pois estava muito além do peso considerado ideal. Em 2009, recebeu um novo convite e jogou até 2011, tendo a oportunidade de jogar uma partida na Copa do Brasil. Quando percebeu que sua carreira como jogadora "não teria futuro", Crys realizou sua reconversão ao *futebol de mulheres* como árbitra, participando de um curso de arbitragem promovido pela Secretaria Municipal de Esporte de Porto Alegre. Ela disse o seguinte:

> Sempre sonhei ser jogadora de futebol. O meu pai foi ex-jogador, né? e ele sempre me incentivou. Eu sempre pensava 'Bah, vou ser boleira'. Falava 'Bah, eu quero ser boleira, jamais vou trabalhar na arbitragem, porque eu sempre gostei de jogar'. Sempre joguei e era a melhor do colégio, porque era muita guria que jogava, então sentia, porque jogava no meio dos guris e 'Eu sou o cara... jogo'. Então comecei a não passar nos testes pra jogadora, eu pensei "Não sou tão boa, assim". E daí eu comecei a ter lesão e disse pra mim mesma "Se eu não parar por aqui eu não jogo mais e não faço mais nada. Então vamos ver o que dá pra fazer, né?". Entrei pra faculdade, comecei a gostar da arbitragem e agora tô encarnada, é um vício, não consigo parar. (…) Eu acho que vale a pena às vezes treinar de meio-dia, passar fome, ter calo, machucar, levar mijada, levar pedrada no campo, ouvir horrores, ouvir coisas absurdas, mas vale a pena. É bem recompensante, principalmente quando tu vais bem e tu olhas a tua nota 9 ponto tanto. 'Bah, legal, zerei o jogo. Bah, perfeito, muito bom, bem legal'.

Como auxiliar de arbitragem, suas primeiras experiências foram horríveis. Acostumada a estar dentro de campo, a experiência fora das quatro linhas demandava outra *hexis corporal*. Como não conseguia correr em diagonal, não exercia bem a função. Quando teve a oportunidade de ser árbitra principal, Crys ficou parada no meio das jogadas, assistindo ou indo ao encontro da bola. Além disso, Crys não pode ser árbitro principal em jogos oficiais pois, para os 1,70m exigidos, faltam-lhe 7 centímetros de altura.

Para ser um bom árbitro, ela explica, “tem que estar na pirâmide”, que envolve técnica, condicionamento físico e família. Sem apoio familiar, afirma, se torna bastante difícil continuar, pois a pressão da torcida é alta e contínua. Em alguns jogos, a pressão não é apenas da torcida, mas também da imprensa e coordenadores de escala. Todas as sextas-feiras Crys ficava apreensiva, na expectativa de seu nome constar na escalação dos jogos, esperando para saber se a bolinha cairia ou se estaria na “geladeira”.

Ser *boleira* demanda um envolvimento excessivo com o jogo, que geralmente não recebe muito apoio familiar pela noção da “falta de futuro”. A mãe de Crys não apoia sua permanência sequer na arbitragem, pois acredita que ela deva fazer um concurso e dedicar-se a outro trabalho, sem sofrer nos campos de futebol e tendo que se recuperar de lesões. Entretanto, o pai a apoia bastante, pois jogou muito na várzea em São Gabriel (interior do Rio Grande do Sul) e em equipes consideradas profissionais. Ele vai aos jogos, filma, paga para filmarem suas atuações e assistem juntos, sempre que possível. “Ele é bastante apoiador, mas ele é o único, também, o resto da família é toda contra”, disse Crys.

Algumas *boleiras,* além de participarem de equipes de campo, também integram equipes que estão inscritas em competições de futsal ou futebol *society*. Seja por gostar da prática ou para aumentar sua visibilidade e redes de contato, essas jogadoras dedicam bastante tempo a treinamentos, deslocamentos e à participação nestes eventos esportivos.

Quando as datas dos jogos das equipes entram em conflito, elas precisam realizar escolhas ou tentar participar de ambas as partidas com o gerenciamento da energia empregada em cada atuação, evitando a estafa física. Essas escolhas das jogadoras intermedeiam também entre suas "fases"[330] futebolísticas, em que são pesados: a importância de suas participações, o prestígio detido nos grupos, a probabilidade de titularidade e a necessidade das equipes em relação a elas. Há diversos pesos e medidas subjetivos, utilizados para decidir o que será tomado como prioridade.

Além das *boleiras*, também há a categoria êmica das *festeiras*, que são garotas interessadas no futebol mais como rede de sociabilidades do que como prática esportiva, sem desenvolver tanto seus capitais corporais ou nutrir expectativas de uma carreira profissional. Elas utilizam dessa rede de sociabilidades para encontrarem parceiras para festas e outras atividades sociais noturnas.

Nas equipes de escolinhas porto-alegrenses, um número significativo de jogadoras de camadas sociais menos favorecidas investia grande quantidade de tempo na prática do futebol. Suas expectativas eram tanto maiores quanto mais acreditavam que suas possibilidades de formação em outras carreiras profissionais estavam distantes. A falta de uma educação formal que lhes possibilitasse o ingresso no Ensino Superior, por exemplo, era considerada um desincentivo. As *patricinhas*, entretanto, sofriam pressões familiares para se dedicarem aos estudos que "dão futuro" e recebiam investimentos familiares para que frequentassem cursos de línguas estrangeiras ou outros cursos preparatórios para capacitá-las ao mercado de trabalho.

Em uma roda de conversa, quando uma das jogadoras, que era *boleira* e *humilde,* disse que jogava em três equipes, uma *patricinha* desferiu a interrogação: "Bah, mas tu não tem nada pra fazer, né?". O investimento do tempo e energia da outra jogadora era canalizado para

330 A "fase" é uma expressão que se refere ao desempenho físico, tático e técnico da jogadora em um determinado período de tempo que se refere a sua trajetória pessoal. A "boa fase" pode aparecer em diversos momentos e de maneira não contínua.

fazer algo de que gostava e lhe fazia bem, mas considerado pela *patricinha* como algo "sem futuro".

A noção de "futuro" estava presente em grande parte dos discursos das jogadoras em três oportunidades que poderiam ser alcançadas: 1) jogar na região Sudeste, com mais visibilidade e possibilidade de ascensão para a seleção nacional e; 2) jogar no exterior[331], principalmente nos Estados Unidos, em universidades que pudessem oferecer um ensino de qualidade e bolsas integrais que cobrissem as despesas.

Conforme uma das jogadoras, as diferenças entre *filhinhas de papai* e *humildes* aparentemente acontecem desde o nascimento. Em uma espera pelo ônibus, em uma das viagens a partidas de competição, uma jogadora *humilde* estava em uma discussão acalorada e começou a perguntar às demais onde haviam nascido. Conforme as *patricinhas* diziam que tinham nascido no hospital Moinhos de Vento[332], ela reforçava sua "tese" inicial de que o hospital era um indicativo se era uma pessoa "de posses", com um status social elevado.

Algumas das *patricinhas* viam na prática esportiva uma possibilidade de lazer coletivo ou uma forma de conseguir uma oportunidade de estudos no exterior, outras viam como uma recreação. Para as *humildes*, o exterior parecia mais longe, pois sem acesso a cursos de inglês e ensino formal de qualidade, seus caminhos profissionais restringiam-se a oportunidades de atuação em equipes profissionais do estado de São Paulo. Diferentes não apenas em termos de oportunidades, estes grupos frequentavam espaços geograficamente distintos, residindo em diferentes bairros e frequentando diferentes clubes sociais e escolas.

As jogadoras que se autodenominavam *humildes* geralmente possuíam maior restrição em termos de recursos financeiros e oportunidades (como cursos de inglês, cursinhos pré-vestibulares ou cursos profissionalizantes) em comparação às *patricinhas*. A distinção entre as duas categorias êmicas não acontecia apenas em termos de desigualdades de acesso a bens e produtos, como os de grife, mas também em relação aos assuntos discutidos e os ambientes frequentados fora do futebol.

Outra distinção levantada por integrantes de equipes porto-alegrenses é a diferença entre *equipes comunitárias* ou "de vila" e as *equipes profissionais* ou "de escolinhas". Há

331 Em termos êmicos, as jogadoras expressavam o desejo de "jogar fora", referindo-se a países no exterior.

332 Localizado em bairro tradicional, é muito usado pelos porto-alegrenses como "moderador" de status. Nascer, adoecer ou morrer no hospital Moinhos de Ventos é um privilégio de quem pode arcar com os custos de serviços médicos considerados "de qualidade".

ainda dentro das equipes mais heterogêneas as distinções geradas por desigualdades de poder econômico, entre *filhinhas de papai* e *humildes*, em que as primeiras geralmente estudavam em escolas particulares, usavam roupas de grifes e eram levadas e buscadas dos treinos com o carro de suas famílias.

Ao contrário das jogadoras estadunidenses que, ao investirem em suas carreiras possuem melhores oportunidades, no Brasil, o investimento não é sinônimo de sucesso profissional ou ganhos financeiros. Tanto *humildes* quanto *patricinhas* participam das mesmas competições, dificilmente tendo a oportunidade de migrar para o Sudeste ou até mesmo emigrar para países que valorizem o *futebol de mulheres*.

A convivência entre *patricinhas* e *humildes* gera tensões. Numa das conversas antes da chegada do ônibus que nos levaria para uma semifinal do Gauchão, uma atleta *humilde* questionou a *patricinha* da mesma equipe: "Imagino o que tua mãe investiu em ti.. pra tu inventar de jogar futebol..", questionando o porquê de uma garota com outras possibilidades investir no futebol.

A jogadora *patricinha*, sem conseguir explicar muito bem o porquê de continuar insistindo em jogar, respondeu: "Pois é... 8 anos e eu ainda não entendi que não deu certo. Não sei por que eu ainda insisto. Minha mãe fica brava, dizendo que eu acordo às 5h e venho só pra esquentar o banco [de reservas]. Já estou há tanto tempo e ainda não aprendi que, no futebol, não tem horário pra nada", dizia ela sobre o atraso na excursão, prevista para sair às 6h, mas que saiu quase duas horas depois.

A *patricinha* disse que considera os atrasos desrespeito e falta de organização. Desabafando, ela completou: "Numa próxima eu tento tênis, que é individual! Eu podia tá comendo, ter vestido a malha, estar lendo os textos do vestibular, mas tô aqui". A fala da *patricinha* explicita seu descontentamento com a "perda de tempo", algo que vai ao encontro da lógica das jogadoras estadunidenses de valorização do tempo e responsabilidade para o cumprimento de horários.

Nas "equipes de escolinhas" há também jogadoras que possuem poucos recursos financeiros, não vestem marcas, mas se distinguem das "equipes de bairro" pela postura[333].

333 Conforme Leitão e Machado (2006, p. 24, grifos das autoras), "Uma marca, um símbolo ou um objeto está no topo e carrega a *aura* da sedução, do sonho e da distinção social (...)". Na equipe do Inter, considerada pelo líder comunitário Tio Boneco como profissional, as jogadoras apresentavam gostos em relação a determinadas marcas. Exceto as renomadas marcas de materiais esportivos, como *Adidas* e *Nike*, também

Alguns integrantes das equipes mais pobres consideram uma humilhação jogar contra as mais fortes e com mais condições, devido à desigualdade de poder econômico e também devido à impossibilidade de conseguir melhor entrosamento e preparação para o jogo.

As jogadoras *humildes* alcançavam essa distinção social quando eram presenteadas com os produtos de grife ou quando utilizavam produtos pirateados, tentando portar-se em termos de consumo assim como as *patricinhas*, em um compartilhamento de gostos de classe. As trocas entre *patricinhas* e *humildes* se davam também em relação a gostos musicais. As *patricinhas* escutavam samba e pagode, gostos musicais que destoavam do gosto de suas classes sociais, em uma troca que não se dava por bens materiais, mas imateriais[334].

A importância da ostentação de marcas fica explicitada na fala de Leilane. Integrante de uma equipe comunitária, ela estava com uma prima que foi assistir aos jogos e iria junto a um casamento, após as partidas. A prima estava preocupada, pois não teria tempo suficiente para ajeitar o cabelo (segundo ela, ruim de ajeitar).

Leilane disse que usaria tênis no casamento, mesmo não sendo o calçado adequado (em termos de feminilidade). Ela havia sido presenteada com um tênis da marca *Vans*, que lhe fornecia status por ser "caro e de marca". Leilane dava a entender que, mesmo não utilizando a vestimenta adequada para um evento social importante como aquele, o uso da marca causaria boa impressão e minimizaria possíveis repreensões.

Enquanto no Brasil o acesso a produtos "de marca" era mais difícil, nos Estados Unidos, a equipe universitária tinha seus uniformes com a marca *Adidas* estampada tanto nas camisetas, como nos calções, nas meias e nos tênis. As jogadoras se diferenciavam apenas pela cor dos tênis escolhidos e as formas como ajeitavam seus cabelos. A padronização de suas vestimentas refletia também a equiparação de status social existente entre as jogadoras.

Antes de iniciar as trajetórias esportivas, gostaria de discutir algumas questões que já foram trazidas ao longo do texto, tentando alinhavá-las um pouco melhor. Acredito, assim como Caudwell (2012), que o futebol é um espaço de resistência às imposições sociais e que alguns cuidados devem ser tomados quando se aborda a temática das mulheres no esporte. A

estavam entre os gostos a marca de skatistas chamada *Vans*.

334 A "falta de afinidade", por vezes presente no discurso de algumas jogadoras, revela um recorte de classes sociais que se dá para algumas de maneira inconsciente, pela falta de assuntos que não sejam os do ambiente do futebol: falando sobre problemas dentro da equipe, preparações para futuros jogos, vantagens de equipes adversárias ou erros de arbitragem.

exemplo, deve-se cuidar o emprego das seguintes categorias: 1) mulher; evitando-se reduzir as mulheres a uma universalidade unitária, pois, mesmo que localização e identidade sejam iguais, há diferentes posições, conforme os marcadores de classe, etnicidade, sexualidade; 2) gênero, categoria que deve ser entendida como socialmente construída; e 3) feminilidades, havendo a necessidade de reflexões sobre sexualização do corpo da mulher no esporte.

As análises realizadas devem considerar, portanto, dentre outros elementos, as dinâmicas de gênero entrelaçadas a etnia, sexualidade, classe social, geração e região. Dessa forma, deve-se entender que, embora circulem pelos mesmos espaços de jogo e tenham um mesmo gosto esportivo, a dinâmica social, as crenças religiosas e os valores familiares das futebolistas não são necessariamente semelhantes:

> Especificamente, o que se tornou chamado <<futebol feminino>> tende a homogeneizar experiência feminina como semelhante e fundamentalmente diferente da dos homens. Quando curso de vida, etnia, sexualidade, crença religiosa, deficiência, riqueza, educação e histórico familiar também são tidas em conta isso pode ser questionado. Questões de inclusão e exclusão são destacadas pela suposição de que o jogo essencialmente masculino exige um adjetivo modificador (WILLIAMS, 2013, p. 41, tradução minha)[335].

A habilidade das jogadoras, nos Estados Unidos, é determinada pelo seu foco e sua determinação. Em meio a um processo de tantas etapas, perseverar é importante para que se consiga encontrar uma equipe interessada e oportunidades de visibilidade que valorizem os investimentos que estão sendo feitos para alcançar o status de estudante-atleta. A seguir, inicio a apresentação de trajetórias esportivas de jogadoras estadunidenses, com a história de Daniela, uma jogadora que possui a noção de autoaprimoramento tão forte, que sequer precisa ser cobrada em relação a isso.

9.2 DANIELA: NOVATA LATINO-AMERICANA

Daniela, 19 anos, é uma jogadora que representa o forte poder disciplinar existente na rotina de formação de jogadoras universitárias estadunidenses. Nascida nos Estados Unidos,

335 Trecho original: “Specifically, what has become called <<women's football>> tends to homogenise female experience as similar and fundamentally different to that of men. When life-course, ethnicity, sexuality, religious belief, disability, affluence, education and family history are also taken into account this can be questioned. Issues of inclusion and exclusion are highlighted by the assumption that the quintessentially masculine game requires a modifying adjective”.

cresceu na Califórnia, milhares de quilômetros de distância de Massachusetts. Filha de mãe colombiana e pai mexicano, pensa em utilizar uma das nacionalidades para jogar em uma das seleções nacionais de futebol. Daniela define sua etnia como hispânica. Exceto por uma garota negra da equipe, ela era a única com um tom de pele diferente do branco. Cabelos pretos, olhos marrons e sempre quieta, Daniela parecia levar a noção de "trabalho" bastante a sério, a todo o momento.

Daniela não fala mais com o pai, mas tem um padrasto já aposentado, que trabalhava como detetive da polícia. A mãe, atualmente também aposentada, era assistente de ortodontista. Apesar de nunca ter frequentado a faculdade, a mãe de Daniela tentou possibilitar a todos os filhos uma boa educação, insistindo que fossem para a faculdade. Para que pudessem frequentar os bancos universitários, investiram na formação atlética.

O envolvimento da família de Daniela com o futebol é intenso. A mãe dela ainda joga futebol, em uma liga para mulheres acima de 40 anos. O padrasto era técnico no Ensino Médio do time de Daniela e de suas filhas, mas já não auxilia mais na equipe. Daniela seguiu os passos de sua irmã mais velha, começando a jogar futebol e fazendo do esporte uma prioridade. Ela sabia que com o *soccer* poderia pagar seus estudos. A irmã de Daniela, entretanto, desistiu do curso superior. Daniela tem também um irmão que está na faculdade, mas ele não conseguiu bolsa atlética, pois suas notas na *high school* não foram suficientes. Fazem também parte da família duas filhas e um filho que seu padrasto tem de outro relacionamento.

Daniela começou a jogar futebol apenas aos 7 anos de idade. Ao contrário das outras jogadoras, não pôde começar a prática com menos idade, pois foi vítima de um acidente de barco que queimou partes de seu corpo. Algumas das queimaduras ainda são evidentes em seu corpo. Devido a recomendações médicas, teve que esperar. A impossibilidade de jogar futebol quando queria parece ter feito crescer nela a vontade de demonstrar que é capaz de superar as adversidades e mostrar seu potencial.

Quando conheci Daniela, chamou-me a atenção sua seriedade e persistência nos treinos. Mesmo lesionada, Daniela continuava a realizar treinamentos físicos durante os jogos. Sem "perder tempo" em conversas até mesmo com as colegas, sabia os exercícios que lhe eram recomendados e os realizava com afinco, do início ao final de cada treinamento. Poucas

palavras e muito suor. Daniela não parava, e ela sabia que não podia parar, pois estava em jogo a sua permanência na equipe.

Os técnicos que selecionaram Daniela para a universidade foram ao torneio para observar outra colega da mesma equipe, mas esta não chegou a jogar. Eles ficaram mais um jogo para observar como Daniela jogava e, depois de fazer suas considerações, informaram ao técnico dela que a desejavam como integrante de sua equipe universitária. Por telefone, os técnicos fizeram a oferta da bolsa, dizendo "o quanto de dinheiro dariam a ela". Após conversar com seus pais e os técnicos de seu clube, fez um comprometimento verbal com a universidade. Daniela comparou seu contrato ao da compra de uma casa: "Eu vou comprar essa casa, aqui. E eu não estou assinando nada, mas estou dizendo a você que a comprarei. Então, você tem a minha palavra. Foi assim que aconteceu". No seu último ano de *high school*, Daniela assinou a "Carta Nacional de Intenção".

O processo de procura por uma universidade começou quando ela tinha 14 anos e a decisão foi feita quando tinha 16 anos e meio. Para ela, olhando para o passado, essa foi uma difícil decisão, mas que foi facilitada com a ajuda dos pais e técnicos que a aconselharam sobre o que poderia ser melhor. Entretanto, a escolha final dependia dela. No seu penúltimo ano do Ensino Médio, Daniela visitou a UMass. Era outono, as árvores estavam sem folhas e estava muito frio, mas ela gostou do ambiente da pequena cidade. Os dormitórios eram próximos ao campo de treino e de jogos, tudo bem próximo, de fácil acesso, sem necessidade de carro. Os técnicos eram similares aos que estava acostumada e fizeram uma leitura certa sobre o tipo de jogadora que ela era. As jogadoras eram humildes[336] e se respeitavam. Para Daniela, a equipe era adequada às suas expectativas e com o tempo tornou-se sua *segunda família*, repleta de irmãs.

Daniela vê a si mesma como uma jogadora humilde. Perguntei o porquê e ela, séria, me disse que, ao ganhar uma medalha, logo a retira do peito e a coloca no bolso, sem exibir ser melhor que as demais. Ela acredita que é uma forma de respeitar as jogadoras ao seu redor. Daniela se dedica bastante, mas tenta não tirar o brilho de ninguém, preocupa-se consigo mesma e com sua performance. Daniela não gosta de jogadoras convencidas. Nos Estados Unidos, tal como as "panelinhas" no Brasil, há equipes que são "click", ou seja, que não

336 Essa noção de humildade era referente à modéstia, sem demonstrar desdém em relação às recém-chegadas.

recepcionam bem as novas atletas. Entretanto, na UMass, Daniela disse não ter identificado essa distinção ou a presença de jogadoras maldosas. Daniela gostou do respeito e cuidado existente entre as jogadoras, pois não há jogadoras que pensem ser melhores que as demais. Isso faz com que Daniela sinta a equipe como uma segunda família:

> Bem, o time de *soccer* da UMass é como uma família em que você faz as coisas. Você tenta alcançar o objetivo principal, vencer o campeonato. Então você já dormiu **junto**, jogou **junto**, chorou **junto**... Eu não choro, mas... você faz todo esse trabalho **junto** para chegar no objetivo, então você está constantemente construindo essa amizade que se torna sua família, diferente de minha família de casa: nós jantamos **juntos**, vamos à Igreja **juntos** e coisas assim. Eu nasci naquela família e não nesta família, mas nós nos fazemos uma família aqui.

Ressalto da fala de Daniela a expressão "junto", a qual demonstra a proximidade entre as jogadoras, uma busca por unidade. Porém, essa proximidade, em grande parte não é apenas física. Estar junto é fazer parte, é compartilhar pensamentos, momentos e situações junto às *famílias*. Conforme Schuch (2005, p. 7, grifo meu), "A família é, além de afeto, esforço, investimento e o resultado de quem trabalha, come, dorme e brinca *junto*".

Durante toda sua adolescência, Daniela acostumou-se a negar convites para idas a cinema, pois sabia que tinha que se dedicar ao treinamento. Em um dos dias gelados e chuvosos em que eu voltava de ônibus com as compras do mercado, a vi pela janela correndo muito compenetrada, vestindo apenas um *short* e moletom da universidade. Focada, parecia dar seu máximo para preparar o corpo para os próximos embates em campo.

Daniela foi a única jogadora que demonstrou ser contrária à restrição de tempo de treinamento proposta pela NCAA para evitar sobrecarga. Daniela queria poder treinar mais, apesar de entender que o corpo também tem limitações. Mesmo lesionada, Daniela parava no máximo durante dois dias e logo já estava treinando novamente. Para diminuir as lesões, fazia sessões de gelo e massageava as pernas com um rolo de esponja que carregava a todos os treinos, para aliviar as tensões dos músculos. "Nós não vamos sentar o dia todo e relaxar nossos corpos porque isso não é o que fazemos, porque senão ficaríamos fora de forma e não estaríamos prontas", me disse.

Quando viajam para os feriados, as jogadoras recebem da comissão técnica um pacote com os treinamentos diários, para permanecer em forma. Elas precisam estar mais rápidas, mais fortes durante 4 meses e meio, para recomeçarem na pré-temporada de duas semanas e

meia e estarem prontas para o início dos jogos. Para Daniela, o futebol é algo grande não apenas porque paga a educação, mas porque fica bem no currículo. Ser *Division-I* demonstra que ela sabe trabalhar em grupo, ser líder em campo e trabalhar pesado.

A irmã de Daniela joga pela seleção nacional do México, mas Daniela ainda pretende conseguir os documentos necessários para jogar pela Colômbia. Entretanto, ainda precisa realizar os trâmites burocráticos. Para ela, ser jogadora é uma distinção. Ela sente que os demais alunos a respeitam. Em relação às novatas, tentou me explicar suas posições dentro da equipe: "Não é que sejam as mais baixas na hierarquia... Elas têm responsabilidades... Não que elas não importem, mas... Não é que as mais velhas façam *bullying*, elas apenas te colocam no teu lugar". O lugar de Daniela ainda não estava definido. Recém-chegada, ainda tentava mostrar qual era o seu valor dentro daquele grupo.

Daniela era a DJ da equipe, a responsável pelas músicas pré-jogos, músicas *pop* e *techno* que tocavam tanto no vestiário quanto para o público durante o aquecimento delas, nos minutos anteriores à apresentação das equipes. Daniela lamenta a falta de visibilidade das mulheres, nos pôsteres, nos videogames, na televisão. Ela sabe que chegar à *Division-I* não foi nada fácil, e, por isso, dedica-se fortemente para demonstrar excelência atlética. Sua trajetória é interessante na medida em que demonstra uma história de superação, não apenas pelas marcas corporais e sua etnicidade diferente, mas também por sua dedicação na formação de um corpo preparado à prática esportiva de alta performance.

9.3 DANIELLE: NOVATA *REDSHIRT*

No decorrer da temporada, minhas conversações mais longas eram com os pais, principalmente Ricky, pai da goleira Danielle. Durante todos os jogos, Ricky vinha sempre ao meu lado fazer comentários, ficava durante muitos minutos conversando, e logo depois começava o que chamava de uma "caminhada nervosa" pelas laterais do campo. Suas caminhadas se referiam à tensão do jogo. Com a sua cerveja em mão, sumia de tempos em tempos e depois retornava para conversar mais.

O pai de Danielle me acompanhou durante muitos jogos. Funcionário público, realizava arranjos nos seus horários de trabalho para acompanhar a filha. Durante alguns anos em que esteve desempregado, cuidou da filha. Para ele, acompanhar os feitos atléticos da filha

é uma oportunidade de ter um assunto em comum com ela, uma conexão proporcionada não só pelos momentos em que estava na torcida, mas também nas orientações que lhe passa antes e após os jogos, contribuindo em sua formação atlética.

Danielle, goleira, começou a jogar aos 3 anos no gol, brincando com a irmã, quando ainda mal sabia caminhar. Assim, ela começou em uma equipe recreacional e logo depois integrou uma equipe de viagens, um *team club* e foi selecionada para a universidade. Na cidade natal dela, Bristol, as crianças jogam desde muito jovens. Danielle jogou basquete no Ensino Fundamental e tênis nos quatro anos de Ensino Médio. Aos 12 começou a viajar entre estados próximos, competindo aos finais de semana.

Conforme foi ficando mais velha, em torno dos 15 anos, começou a participar de competições que demandavam mais tempo. Chegou um momento de sua trajetória esportiva em que seus pais perguntaram: "Se você quer jogar *soccer* na universidade e quer fazer isso pelo menos nos próximos 10 anos, então pagaremos as despesas do *soccer*, porque é algo que você realmente quer. Caso contrário, é muito dinheiro".

O dinheiro, perceba-se, é uma medida importante, mediando a continuidade da prática esportiva. Danielle estima que os pais tenham gasto ao menos 30 mil dólares durante sua formação, sendo cerca de 4 a 5 mil anuais, durante 7 anos. Nestes gastos estavam inclusos: técnico, campos de treino, arbitragem, uniformes, viagens aéreas, gasolina, comida, hospedagem, etc. Os pais de Danielle deixaram de trocar de carro durante este tempo e também de fazer uma reforma na casa. Os esforços deles envolviam investimentos na filha, os quais também poderiam projetá-la como uma goleira de renome, dando-lhe a oportunidade de pensar em construir uma carreira profissional.

Entretanto, além dos esforços para integrar a equipe universitária, Danielle teve que mostrar bastante empenho durante o trajeto da universidade. Ser estudante-atleta é um trabalho, assim como para a maioria de suas colegas:

> É tipo um trabalho, sendo honesta. Eu honestamente não me importo. Eu amo isso, eu amo o meu trabalho. Mas é realmente um trabalho. O *soccer* está programado no seu tempo, você está sempre trabalhando nisso, e se perder uma aula... temos que enviar e-mail aos professores, mas eles têm que nos deixar faltar. É uma política da universidade que se perdermos aula, porque estamos nos eventos esportivos atléticos, eles devem nos dispensar. Então é como se eu estivesse trabalhando, mas isso está bem para mim, eu adoro isso.

Danielle sabe que deve se adequar às regras impostas pelo time e pela organização que regula o esporte universitário, mas sobre as regras, confessa:

> Há tantas que às vezes elas são tão minúsculas que você não sabe se às vezes as está quebrando. Eu honestamente não acho que quebrei nenhuma regra, mas você nunca sabe. Eles não nos dão nenhum livro das regras quando começamos, mas é basicamente 'não faça nada estúpido'.

Para Danielle, os técnicos lhes ensinam o jogo quando são pequenas, mas quando elas crescem, a exigência por vitórias se torna muito grande. Quando entram na universidade, é tudo novo: elas precisam aprender a senha do vestiário, a pegar água, a ir ao tratamento se estiverem lesionadas. Vivem um intenso processo de imersão e aprendizagem. Apesar de terem a ajuda das veteranas em suas chegadas, ela sabe que, dentro da equipe, há também uma competição, que ela considera amigável. Essas competições, para Danielle, as fazem melhor e fazem as outras atletas melhores, na luta por posições de destaque na equipe. Os treinamentos pelos quais passam não necessariamente as tornarão melhores jogadoras, mas as estudantes-atletas devem se esforçar para alcançar bons "recordes" e não frustrar os técnicos. Danielle sente que, em algumas épocas da temporada, há muita pressão, mas com a experiência, aprendeu a mediar entre o que são gritos de frustração dos técnicos e as orientações que se referem diretamente ao seu desempenho.

Embora a equipe seja um espaço de cobranças, Danielle também pôde fazer amizades, mais do que geralmente conseguiria fazer em outros ambientes da própria universidade:

> No ano de calouros na faculdade todas nós vivemos no mesmo andar, nos mesmos dormitórios, então eu fiz amizades assim. É mais difícil fazer amigos fora da equipe, porque se você não vive com outras pessoas. É difícil fazer amigos na sala de aula, porque eles são cerca de 300 pessoas, então é uma grande sala de aula. Você não fala com outras pessoas durante a palestra porque professores ficam loucos, então eu acho que tenho mais amizades na equipe do que fora dela (...). Se você andar no campus, as pessoas estão com seus fones de ouvido, falando nos seus telefones e ninguém está realmente conversando com estranhos, então eu acho que é mais difícil nesse sentido.

Conforme Danielle afirmou, percebi que as interações com moradores locais eram difíceis de serem realizadas. O relato de Danielle retrata uma sociedade individualista, em que o uso do tempo é manejado individualmente, conforme os projetos e desejos. Fazer amizades é algo que requer tempo e disponibilidade, o que a maioria dos jovens estudantes não aparentavam ter, pois viviam uma rotina que em alguns dias era extenuante. Sem muito

tempo, corriam de uma aula a outra e tinham que aprender a mediar as diferentes demandas deste novo espaço de interação.

A trajetória de Danielle demonstra que a formação de uma estudante-atleta está ligada não apenas à adequação às normas, mas também, neste caso, em relação a um projeto familiar de origem. Sua família dedicou não apenas tempo, mas uma expressiva quantidade de dinheiro para que ela pudesse desenvolver as habilidades e ter os pré-requisitos necessários para ser escolhida para uma universidade *Division-I*.

9.4 JEN: A SOPHOMORE QUE OUSOU FALAR SOBRE A SENIORIDADE

Na saída de um dos treinamentos da equipe, após aguardar uma sessão extra de chutes realizado por três jogadoras, tentei iniciar uma conversação com elas. Dentre as jogadoras, uma loira, cabelos compridos e encaracolados chamou minha atenção para a "senioridade", um assunto que abriu meu olhar para diversas das questões que eu estava observando.

Jen é branca e tem 19 anos. Ela começou a jogar aos três anos e até mais ou menos os 8 jogava em times que misturavam meninos e meninas. Seu pai, técnico de uma equipe profissional de mulheres de Massachusetts, era jogador na época da universidade e jogou em uma equipe semiprofissional no Canadá. O pai foi quem mais a incentivou a jogar futebol. Para contribuir em sua formação atlética, foi seu técnico até os 10 anos. A partir dessa idade, ela começou a jogar em um nível considerado superior, os chamados *club teams*.

Os *club teams* são organizações privadas nas quais as jogadoras pagam para jogar competições em níveis mais elevados, semelhantes às "escolinhas" brasileiras. Conforme o interesse das jogadoras, são escolhidas as ligas e competições das quais participarão em cada temporada. Algumas ligas são mais tradicionais e consideradas melhores, por seu prestígio. Conforme me disse, as melhores ligas são as que reúnem garotas mais habilidosas e que possuem mais chances de serem convocadas para a seleção nacional ou faculdades. Nos Estados Unidos, constantemente são criadas novas ligas, em um mercado competitivo e em constante renovação. Participar dessas ligas, entretanto, pode requerer muitos investimentos.

Nos Estados Unidos, que Jen chama de "América" (como boa parte dos *americanos* que conheci), há muitos programas juvenis de incentivo a diversos esportes nacionais. Desde

os cinco anos, Jen era levada pelo pai a assistir jogos profissionais de futebol. Os jogos, nos Estados Unidos, em grande parte ainda são realizados em campos de *football*, que apesar de não terem as proporções adequadas, existem em maior quantidade e possuem maior número de assentos para espectadores.

Reinterpretando o seu passado esportivo, Jen afirma que a liga de que participava, em que seu pai era seu treinador, era a pior de todas. Além disso, ela tinha problemas de relacionamento dentro da equipe. Na equipe da cidade, que era de uma escola pública, havia diversas garotas que jogavam, pois suas mães as obrigavam a estar nas equipes, mas as garotas não se esforçavam para desenvolver suas habilidades atléticas.

Conforme Jen, havia uma época em que ela mesma praticava seis diferentes esportes e ainda se dedicava à dança, mas em nenhuma das atividades ela se sentia obrigada a praticar. Para justificar como escolheu o *soccer*, Jen me disse primeiramente que não se considerava boa em ginástica, pois não tinha muita coordenação. Não gostava de *softball* porque tinha que ficar muito tempo parada e gostava de sentir-se ativa. Gostava de atletismo, tênis, basquete e *flag football*[337]. Dentre todas as atividades, sua paixão era a dança, mas se arrepende de não ter se tornado uma bailarina ou dançarina de *hip hop*. Por fim, escolheu o futebol principalmente por causa do pai.

Ver e jogar futebol era um "tempo em família". A criação familiar de Jen apresenta a inversão de papéis sociais entre seus progenitores. Em seu processo de crescimento, o casal decidiu em conjunto que o pai deixaria o trabalho em uma firma de advocacia e ficaria em casa para cuidá-la, enquanto a mãe prosseguiria trabalhando numa companhia de *marketing*. A mãe ganhava mais e pensaram que a melhor opção seria tê-la como responsável pelo sustento da família. A mãe de Jen, na época de colégio, era capitã da equipe e jogava basquete, *softball* e tênis. A experiência esportiva que teve, decidiu repetir com a filha. O irmão mais novo de Jen preferiu um esporte diferente e é apaixonado por luta greco-romana, apesar dos esforços do pai em fazê-lo jogar futebol.

Enquanto o modelo de ídolo esportivo *americano*, amado e adorado por todas as garotas era Mia Hamm, Jen adorava, desde os oito anos de idade, a ex-jogadora *americana* Kristine Lilly, que mede 1,63 e jogou na equipe nacional de 1994 a 2011. Jen se inspirava em

337 *Flag football* é uma variação do *football* americano, que possui impacto reduzido. Ao invés de derrubar o oponente (*tackle*), deve-se retirar uma fita que fica presa a um cinto com velcro.

excelentes jogadoras que não recebiam tanta fama quanto mereciam. Jen se identificava com Kristine porque era uma boa jogadora, sempre positiva, esforçada e calma em campo. Kristine atuava na cobertura das jogadas, auxiliando as que marcariam os gols, mas nunca reivindicava a atenção para si. Ao contrário de muitas garotas que nunca conseguem concretizar o sonho de conhecer seus ídolos esportivos, Jen pôde conhecer Kristine pessoalmente, quando ela jogou na equipe treinada pelo seu pai.

O esforço no futebol foi importante para Jen, pois a equipe teria melhor nome e projeção se todas se esforçassem o máximo possível e obtivessem bons resultados. Apesar de considerar o futebol como um espaço de liberdades, ela diz que, quanto melhor você é, mais regras terá de seguir. No nível universitário, as expectativas em relação a sua performance cresceram, porque, além de representar a si mesma, estava representando também a instituição, ou seja, muitas outras pessoas.

Jen diz ter se esforçado para chegar aonde chegou, tentando aperfeiçoar-se e alcançar maiores níveis. Na trajetória de Jen, ela chegou a participar da equipe olímpica estadual. No estado de Massachusetts, existem "acampamentos" ("*camps")* regionais dos quais participam todas as equipes do estado. As melhores jogadoras participam da equipe estadual nacional. Da reunião dos *camps* nacionais, são selecionadas as jogadoras para a seleção nacional. Porém, há casos em que o técnico da seleção nacional pode observar uma garota e convidá-la. Subverter essa hierarquia é muito raro, mas possível.

No caso de Jen, ela participou de um *camp* regional durante dois dias, e depois ficou de fora da lista, sendo cortada. Para ela, é impressionante o número de garotas que jogam e a grande competitividade. Era muito improvável, me disse ela, que conseguisse chegar ao nível nacional, mas sente-se honrada de ter chegado à *Division-I*. Ela faz parte de uma elite, o maior nível geralmente alcançado por cidadãos *americanos*, os quais, após a graduação, não têm muitos outros espaços nos quais jogar, caso não optem pela profissionalização.

Por ter seu pai como treinador de uma equipe profissional, Jen sabe que o nível técnico das jogadoras é muito alto. Porém, ela não vê o futebol profissional tão estruturado como o universitário. As jogadoras profissionais são valorizadas por serem boas jogadoras, sem precisarem ser boas estudantes e ter diversas outras obrigações, entretanto, ainda é um mercado muito instável.

Na época em que conversei com ela, disse-me que não pensava em se tornar profissional, pois as equipes ainda não são confiáveis financeiramente. Para Jen, o futebol nos Estados Unidos está organizado de uma maneira em que as garotas que conseguem chegar ao topo do nível nacional são geralmente garotas que provêm de famílias abastadas, que podem pagar para jogar em boas equipes e serem visibilizadas. Além disso, ela diz que há muita política, sendo necessário manter bons relacionamentos com os técnicos que poderão oferecer melhores oportunidades de projeção.

Para Jen, nos programas de futebol dos Estados Unidos, as chances de sucesso de uma jogadora são determinadas por "quem você conhece" e não por "quão boa você é". Há muitas garotas praticando o futebol e a linha entre conseguir ou não é muito tênue. Há muita competição, e conhecer alguém que esteja ligado a um coordenador de um bom programa atlético pode ajudar muito.

Assim como afirma Jen, pode-se perceber que, no *futebol de mulheres* brasileiro, também é importante a rede de relacionamentos construída, a qual possibilitará conexão com outras pessoas que tenham a influência suficiente para alavancar os projetos pessoais das jogadoras. Chegar ao topo, porém, possui custos, não apenas financeiros, mas de dedicação. Seja nas "panelinhas" brasileiras ou nas indicações de jogadoras em *camps* estadunidenses, os contatos são importantes. A transferência para outras equipes funciona por meio de recomendações pessoais de amizade. Jen não gosta do aspecto político das redes de relações, recrutamento e agenciamento de jogadoras, porém, teve que se acostumar a isso, pois são as "regras do jogo". Jen citou, por exemplo, os prêmios dados a jogadoras, que também envolvem questões de relacionamentos, experiência e histórico de participações.

Embora ainda haja o que ser mudado no modelo esportivo estadunidense, para Jen, a *Title IX*, mudou a vida de milhões de garotas, dando-lhes oportunidades e salvando os esportes de mulheres, que para ela estariam "em lugar nenhum" sem essa legislação:

> A *Title IX* mudou a vida de milhões de garotas. Eu não estaria aqui se não fosse por isso e sequer minhas amigas. Essa lei nos deu uma enorme oportunidade, mas eu também sei que não estamos culturalmente num ponto em que podemos tirar isso e as garotas ainda teriam dinheiro suficiente para jogar. Porque eu penso que se a lei não estivesse em vigor, a universidade não gastaria tanto dinheiro e haveria definitivamente um decréscimo no orçamento, e é assim culturalmente que funciona e nós não somos a equipe que dá dinheiro para a universidade. A maioria dos esportes de mulheres aqui não dá dinheiro.

Ao alcançar o futebol em nível universitário, Jen está constantemente se adequando às exigências de extrema dedicação e responsabilidade. Ela apontou inclusive que esse é um dos motivos da maioria das desistências. Há um grande comprometimento do tempo, o qual coloca o esporte acima de outras esferas da vida:

> Se você não colocar o futebol acima de outras coisas na sua vida, você nunca vai conseguir ser bem-sucedida. Eles esperam que você se dedique e esteja comprometida com a equipe a ponto de fazer as coisas certas. Eles esperam que sejamos líderes dentro e fora dos campos, mesmo que tenhamos 20 garotas e apenas duas capitãs, eles esperam que cada uma de nós seja capaz de liderar em um determinado momento. O nível universitário me mudou muito. Eu definitivamente me tornei mais falante, mais confiante comigo mesma (...). Por haver mais expectativas, há também mais punições, se você não faz a coisa certa. Espera-se que façamos musculação três vezes na semana, e antes disso eu nunca tinha feito musculação. Temos treinos todos os dias, temos que levar a água do treino, encher as bolas, estar focadas... isso é diferente. Num clube, não é grande coisa se as garotas não estão focadas em um ou dois treinos. Aqui eles gritam com você após a corrida, se não estiverem todas focadas... e você está tentando o seu máximo.

Jen percebe que as jogadoras universitárias são vistas como modelos de inspiração a outras pessoas, principalmente as que estão iniciando a prática. Ao final dos treinos, por exemplo, garotinhas dos *club teams*, que participavam como gandulas, iam pedir-lhes autógrafos. As estudantes-atletas sabem que, quanto mais tempo permanecerem, maiores as possibilidades de que sejam mais admiradas. Nessa hierarquia, as capitãs são consideradas as mais importantes, pois estão ligadas à noção de liderança e suas atitudes servem de exemplo.

Conforme realizava sua ascensão no mundo futebolístico universitário estadunidense, Jen percebeu que os jogos foram se tornando cada vez mais violentos. Principalmente com a realização de musculação três vezes por semana, a fisicalidade do jogo foi aumentada. Empurrar, puxar e "chegar forte" na bola fazem parte do jogo e ela o considera muito menos violento que outros esportes. Jen considera como agressão a saída do *fair play*, o proferimento de palavrões ou a agressão intencional de outra jogadora.

Em relação à imagem das jogadoras nos Estados Unidos, ao contrário do Brasil, ela afirma que o estereótipo não se refere à sexualidade ou gênero, mas sim à diferença entre estudantes e atletas. Jen me contou que há pessoas que acreditam no estereótipo de que atletas são estudantes mais burros que os demais, o que a deixa muito chateada, ainda mais por cursar Engenharia e se considerar inteligente. Principalmente os jogadores que adentram as

universidades, devido a suas qualidades atléticas, os estudantes-atletas precisam demonstrar que são tão bos estudantes quanto os demais. Jen me disse que alguns professores duvidam de seus desempenhos, talvez porque os estudantes-atletas sejam considerados superiores aos demais, por terem alguns privilégios em relação à frequência nas disciplinas.

Dentro da equipe, numa estrutura mais fechada, o preconceito que Jen destacou foi o da senioridade, como ela chama. Esse fenômeno acontece durante a prática esportiva no Ensino Médio e na universidade, em esportes coletivos. Antes do ingresso universitário, quando estão em *club teams*, as jogadoras são divididas em idades muito próximas, entretanto, não existem hierarquias. Na faculdade, principalmente, o tempo de experiência na equipe aumenta o prestígio da jogadora, tendo a sequência novatas, *sophomores*, juniores e seniores. As seniores são as que possuem mais poder e delas é esperado que sejam capitãs, líderes do grupo.

As seniores são as que possuem mais espaço de fala dentro do grupo e suas propostas são levadas em consideração. No seu primeiro ano, Jen se preocupava com o que as seniores pensavam dela e o que pensavam que ela deveria fazer. Esse sistema de senioridade possui relação com o tempo de permanência no grupo e com a idade, havendo níveis de senioridade, alguns mais inclusivos que outros.

Em algumas equipes, as novatas são postas a lavar a roupa das mais antigas, são constrangidas ou submetidas a fazer algo de que não gostariam. O trabalho mais pesado é feito pelas novatas, como um rito de passagem o qual elas devem fazer. Em algumas equipes, há algo que se assemelha ao *bullying*, mas que não é necessariamente negativo o tempo todo. Há a criação de um relacionamento de hierarquias, em que as seniores recebem mais atenção.

Jen me disse que, desde seu ingresso na universidade, ela sabia que seus dias de futebol estavam contados. Era como se fosse a contagem regressiva de um afastamento muito provável. Para ela, o envolvimento com o futebol inevitavelmente decairá quando tiver que encontrar um emprego. Como engenheira, seu salário será muito melhor do que como jogadora. Embora tenha saído da equipe para se dedicar mais aos estudos, Jen pretende manter os vínculos com o futebol. Atualmente, por exemplo, tem treinado garotas entre de idades entre 9 e 15 anos. Geralmente, treina as do grupo de 12 a 13. Jen espera que, a exemplo de seu pai, futuramente possa treinar os filhos ou filhas que tiver.

9.5 LAUREN: SENIOR

Quando entrevistei Lauren Skesavage, branca, loira, cabelos compridos, 22 anos, ela estava cursando seu último ano de universidade. Ao longo da formação acadêmica dela e principalmente naquela temporada final, seus pais haviam feito esforços para vê-la jogar em quase todas as partidas, investindo tempo e dinheiro. Ser jogadora de futebol faz parte da identidade dela há muitos anos, mas, depois da universidade, ela não tinha certeza de como seria, embora pretendesse continuar jogando em algum lugar, tal como em equipes europeias.

No último jogo da temporada 2013, familiares e amigos fizeram cartazes para homenagear as jogadoras seniores, os quais foram presos nas grades que circundavam o campo. Além disso, foi realizada uma cerimônia especial, com a presença dos pais e a entrega de um buquê de flores, marcando o último jogo de suas participações universitárias.

Conforme Peirano (2003), os rituais envolvem momentos especiais e únicos, apreendidos a partir da observação etnográfica. Para quem lá estava naquele momento de celebração, pode-se perceber que a entrega das flores junto aos pais é algo muito significativo, marcando o fim da vida esportiva universitária. É uma morte simbólica da liderança sênior, cuja existência fica registrada pelos recordes produzidos durante as participações em jogos. Essa transformação representa o surgimento de uma nova fase, ainda é permeada de dúvidas.

Fotografia 16 – Colagem com os cartazes feitos por amigos e familiares no último jogo das seniores

Fonte: Arquivo pessoal da autora. Crédito da fotografia: Dana Kriscenski (2013).

Conforme Bourdieu (1982), o ritual possui função social, estabelecendo uma distinção entre algo que se era e algo que se tornará. Para o autor, o "rito de instituição" tem uma eficácia simbólica na transformação de comportamentos da pessoa consigo mesma e em relação a como ela pensa que deve agir. Os ritos de instituição fornecem uma razão de ser, um significado à participação. Dessa forma, no meio universitário estadunidense, poder-se-ia dizer que o "rito de instituição" marca a passagem do status de jogadoras seniores para o de ex-jogadoras, consagrando-as perante o grupo e relembrando que seus feitos históricos ficarão registrados no livro de recordes da instituição.

O "rito de instituição" mantém a ordem das coisas, atribuindo reconhecimento às seniores por suas participações, bem como encorajando as jogadoras mais jovens a aceitarem os sacrifícios exigidos pela vida de estudante-atleta para a manutenção de privilégios e status. Dessa forma, também é avivado o sentimento de dedicação para a permanência na equipe, para que futuramente possam ser homenageadas e ter suas participações valorizadas ao término de seus ciclos esportivos.

O "rito de instituição" das seniores encerra um ciclo iniciado antes mesmo dos estudos universitários e lhes fornece um outro status: integra-as a um grupo seleto de jogadoras que participaram de um processo de educação de corpos e formação futebolística de alta performance em nível universitário, mas principalmente, as relembra que, durante este tempo, participaram de uma *família esportiva*. Pode-se pensar com Bourdieu (1982) e afirmar que as seniores compartilharam durante este tempo não apenas a *hexis* corporal e o linguajar da prática esportiva, mas também a posição social de estudante-atleta, bem como todos os demais signos distintivos presentes nos uniformes, nas maneiras de se portar e de proferir julgamentos sobre seu grupo e os demais.

O projeto esportivo das jogadoras estadunidenses é coletivo, em que a modalidade é apoiada não apenas pelo governo, mas também por toda uma estrutura que vai desde a infância até a fase adulta. A formação, entretanto, requer investimentos *familiares*. Ser uma jogadora de futebol sem esse auxílio seria algo muito difícil e até mesmo, pode-se dizer, impensável. Além da *família de origem*, a *família esportiva* realiza investimentos materiais e imateriais. Não há o investimento de clubes na formação da base atlética esportiva do *futebol*

de mulheres estadunidense, entretanto, a alta competitividade para o ingresso nas universidades produz jogadoras em abundância.

Para que possam frequentar os treinamentos, as jogadoras contam com a diligência de *familiares de origem* para pegá-las e buscá-las, ao menos duas vezes por semana. Ao observar o treinamento de um grupo de meninas em Amherst, percebi que de alguns carros saía mais de uma garota, sugerindo uma possível combinação de rodízio entre pais ou também um auxílio de alguém que tinha mais tempo para fazer isso. Entretanto, além do tempo, os *club teams* demandavam organização orçamentária da *família de origem*.

Não há um mercado de venda das jogadoras estadunidenses em formação, entretanto, o investimento é compensado pela oportunidade de uma formação universitária de qualidade. O interesse parte das jogadoras e de suas famílias, com o suporte de técnicos que avaliam as condições da jogadora em alcançar seus objetivos.

Para Lauren, não fazer parte de uma equipe será uma experiência estranha e ainda desconhecida, pois tem jogado desde os 4 anos. Para Lauren, a equipe universitária era como uma *segunda famíli*a da qual ela sentirá falta em seu cotidiano. "É como se um pedaço fosse retirado de mim", me disse. É com o futebol que ela diz ter aprendido a ser uma líder. Ao liderar equipes, é esperado que ela esteja à frente, que oriente as mais novas quanto ao melhor a ser feito.

Lauren demonstra o que Adler e Adler (1991) abordam como imersão de papel, em que a identidade de "jogadoras de futebol" engloba o tempo, as ações e os círculos sociais durante a faculdade. Ao sair desse ambiente, devido a estarem extremamente focadas nesta rotina, sentem-se perdidas em relação ao futuro. Perguntam-se quais serão as novas atividades que as definirão, além de serem consideradas "ex-jogadoras universitárias".

Lauren, por estar no final desta etapa, consegue analisar sua trajetória durante a faculdade e incorpora a senioridade, por estar no seu último nível. Lauren considera as novatas imaturas, tímidas, sem confiança, sem tanta vontade de vencer, sem o coração e paixão pelo jogo em comparação com alguém que está há mais tempo na equipe. Ela afirma que, com o tempo, as responsabilidades mudam, bem como a situação em que estão na hierarquia.

No início da pré-temporada, para recepcionar as novatas, explica que são realizadas atividades integradoras, como café da manhã ou almoços com toda a equipe. Nos dois primeiros anos, as jogadoras vivem dentro do campus, onde se conhecem melhor e conhecem atletas de outras modalidades. Laura, uma australiana de 19 anos que havia chegado mais tarde que as demais colegas, sequer sabia que, após os treinos, elas deixavam suas camisetas, meias e shorts em uma cesta que seria lavada por um funcionário.

Morar no campus permite mais facilidade de acesso às estruturas da universidade. Durante a temporada, por exemplo, precisavam ir duas vezes por semana à musculação e cumprir seis horas de *Study Hall* por semana. No primeiro ano, as novatas são responsáveis por carregar bolas, cones, coletes e repor a água dos treinamentos da equipe.

A convivência com as jogadoras seniores ensina sobre as práticas esperadas e aceitas pela comissão técnica. As jogadoras veteranas também as auxiliam a entender melhor o funcionamento da instituição e repassam informações sobre procedimentos e processos que devem ser feitos pelas novas jogadoras. Apesar de essa divisão ser considerada ruim por algumas jogadoras no início, quando elas se tornam seniores, aproveitam das vantagens de estarem no topo da hierarquia das jogadoras.

9.6 GIU: UMA GAÚCHA NO FUTEBOL UNIVERSITÁRIO

A trajetória de Giulianne Domingues traduz um pouco o que é viver entre dois mundos. Giulianne tem o conhecimento dos mundos futebolísticos do Brasil e dos Estados Unidos. Sua trajetória, ao contrário de outras colegas de futebol com a qual jogou, tem sido bem-sucedida. A oportunidade de jogar no exterior é o sonho de muitas jovens. Para chegar lá, Giulianne teve que refazer sua trajetória esportiva e driblar as adversidades até conseguir uma oportunidade para morar no exterior.

Giulianne tem 23 anos, pele morena, cabelos compridos e castanhos. Considera-se branca, porém, nos Estados Unidos, facilmente seria considerada hispânica. Giulianne[338] é a filha do meio, com duas irmãs. Sua mãe é professora e o pai, aposentado. Desde 2011, estuda nos Estados Unidos e está prestes a concluir sua graduação em *International Businness*.

338 Giulianne é chamada de Giu, tanto no mundo futebolístico porto-alegrense como estadunidense.

Giu tentou lembrar de suas primeiras experiências em jogos de futebol e lembrou-se das brincadeiras do Jardim B, em que as meninas ficavam em roda cantando músicas da Xuxa e da Angélica, enquanto ela queria jogar bola com os meninos. Uma vez, sua mãe foi chamada à coordenação e lá lhe pediram explicações sobre o comportamento de Giu, pois consideravam estranho ela não saber nenhuma música das cantoras infantis.

Giu gostava de brincar com os meninos, com uma bola de borracha azul que jogavam nas pedras de brita, mesmo sem saber nada das regras. A corrida e a competição lhe pareciam ser muito mais interessantes. Sempre que os meninos iam jogar bola, ela queria estar junto. Começou a jogar na rua, depois em casa e, por fim, na escolinha de futebol.

O pai de Giu, João Pedro, adorava futebol e correr de bicicleta. Ele era bastante atlético, mas na adolescência sofreu um acidente de bicicleta. Ao tentar atravessar a rua, foi atropelado e lesionou-se, não podendo mais praticar as atividades físicas de que gostava. Voltou seu gosto à torcida, como incentivador, assistindo a jogos de diversos esportes: vôlei, basquete e futebol.

João Pedro passou a se divertir com a observação de jogadores. Na quinta série do Ensino Fundamental, algo inusitado aconteceu: os meninos fizeram um abaixo-assinado para que Giulianne pudesse jogar com eles. Quando ela não pôde mais jogar com os meninos, o pai montou uma equipe de garotas. Sem apoio da direção para os treinamentos de futsal, na oitava série, trocou de escola e o pai convidou outras garotas para jogarem junto com a filha.

As garotas ganharam muitos troféus e medalhas em todas as categorias e foram campeãs nas categorias mirim, infantil e juvenil. João Pedro observava as habilidades individuais e definia em que cada garota era mais apta a competir. Após terem jogado contra uma equipe de um colégio particular de Porto Alegre e terem se destacado, o pai foi ao colégio pedir por uma bolsa de estudos.

Giulianne lembra ter passado na frente da escola e ter visto aquele "baita colégio"[339] e o pai dela ter falado várias vezes: "Meu sonho é botar minha filha num colégio desses. Aproveitar já que tem talento pra alguma coisa e puxar pro lado da educação". O pai já falava e ela nunca prestava muita atenção: "Eu quero te botar num colégio melhor e como a gente não tem condições, dá pra tentar uma bolsa. Nem que seja um grande desconto".

339 *Baita* é uma expressão regional do Rio Grande do Sul, sinônimo de grande ou muito bom.

A mãe de Giulianne não gostava que a filha se expusesse aos riscos de segurança da capital e alertava: “Não pega ônibus. Não pega ônibus que tu vai te perder”. Sempre disposta a desafios, Giulianne pegava os ônibus, sem atender aos pedidos da mãe. Em algumas vezes se perdeu, mas, na maioria das vezes, acertava. Ela queria mostrar que era independente e poderia ter mais liberdade. Uma liberdade conquistada aos poucos, desde pequena.

Quando começou a escolinha de futebol, o pai a levou no primeiro mês e depois foi sozinha, andando pelo perigoso e tumultuado centro da cidade. Ia da escolhinha para casa ou para a aula. Giulianne acreditava que poderia jogar profissionalmente, “ter um futuro” e ganhar dinheiro jogando futebol. Chamava-lhe a atenção a quantidade de garotas sendo chamadas para jogar na seleção brasileira ou jogar no exterior. Depois de 2 anos, porém, ela começou a perceber que os salários eram baixos e muitas delas largavam os estudos.

Giulianne tentou praticar o atletismo por uns tempos, por influência de um garoto que depois se tornou seu namorado. Concomitante, jogava futebol, mas, por influência de uma jogadora que conheceu, Tati Bicca, fez o teste para a Sogipa, que à época era um clube maior e mais famoso. Entre 12 e 14 anos, foi convidada a competir no sul-americano de atletismo escolar de dardo. Após três semanas de treino, ficou em quarto lugar. Após três meses, conquistou alguns títulos no estadual, e o novo técnico começou a prepará-la para o *ranking* brasileiro. Foi aí que, depois de muito tempo, lhe foi oferecida uma bolsa em um colégio particular, sem tanto renome, proposta que ela e seu pai recusaram.

Sem condições de pagar pelos estudos da filha, o pai de Giulianne chorou em frente ao responsável pelas bolsas do colégio que sonhava para a filha. Comovido, o diretor ofereceu-lhe, além da bolsa integral, um desconto no bar, para que a filha pudesse ficar na escola durante todo o dia. Pela manhã, ela tinha aulas curriculares, à tarde, estudava línguas e praticava Educação Física. À noite, treinava até 21h nas equipes de vôlei e de futsal. Chegava em casa em torno das 22h, com carona do pai.

Por morar longe do colégio, em Viamão, almoçava todos os dias na cantina da escola e algumas vezes tentava fazer as lições na biblioteca, mas acabava dormindo. Após ser diversas vezes repreendida pela bibliotecária, mudou seus cochilos para a arquibancada das quadras, usando a mochila como travesseiro.

Giulianne acordava às 5h30, pegava o ônibus às 6h e caminhava mais uns 15 minutos até chegar ao colégio para as aulas das 7h30. Giu lembra que, em dias de chuva, enquanto os colegas chegavam todos de carro ou de táxi, ela chegava à escola com o material todo molhado no percurso entre o primeiro e o segundo ônibus, e ainda mais no trajeto caminhado da parada de ônibus até a escola.

Às vezes chegava toda suja de barro, em meio aos filhos de atores, cantores, donos de editoras e outras pessoas "importantes e com dinheiro". O pai a buscava dos treinos, todos os dias, enquanto a mãe pensava que o esporte não deveria ser prioridade na vida dela. Giulianne não tinha tempo para ajudar nos afazeres domésticos, pois quase nunca estava em casa.

Giulianne começou a pensar em jogar no exterior, pois conhecia garotas que já tinham conseguido ser aceitas por lá. Olhava o site das universidades, enviava e-mail, mas ninguém respondia. Fazia aula de inglês uma vez na semana, mas não aprendia o suficiente para passar num exame do TOELF ou SAT.

Um dia, na praia, Tati Bicca ligou e perguntou a ela: "Tu não vais vir pro jogo? Vai vir uma brasileira que trabalha nos Estados Unidos pra observar e levar alguém pro exterior". Giulianne não foi e depois ficou sabendo que o jogo não ocorreu. Pensou que fez bem em não ter perdido tempo se deslocando para o teste. Entretanto, pediu o nome da treinadora e enviou um email com um *link* de uma edição de melhores momentos de seus jogos.

A edição foi feita pela mãe de uma das jogadoras, que gravava os jogos da filha e cobrava algum valor pelas imagens gravadas. Giulianne futuramente auxiliou a garota a também entrar em uma universidade estadunidense. Na resposta do e-mail, ficou sabendo mais informações sobre o time e que a bolsa não seria integral, o que a assustou pela falta de condições financeiras para arcar com a sua hospedagem ou investimentos educacionais.

Naquela época, Giulianne treinava por duas equipes de futsal, jogava futebol de campo, trabalhava em dois locais e ainda era árbitra de atletismo aos finais de semana. Giulianne sempre foi muito orgulhosa, queria vencer por si própria e por isso não aceitou ajuda financeira dos pais quando foi morar sozinha. Tinha na geladeira apenas pão, manteiga e maçã. Às vezes não tinha nem dinheiro para comprar embutidos, e se virava com a comida que tinha. Ela diz que nunca teve sonhos, eram apenas objetivos e poderia mudá-los, caso não dessem certo. Quando pequena, entretanto, sonhava em ser jogadora de futebol e depois tinha

como objetivo ter projeção com o atletismo, estudar em uma escola particular e cursar uma faculdade. Passo a passo, foi conquistando seus objetivos.

Giulianne havia sido indicada à equipe universitária estadunidense pela dirigente da equipe do Inter. Nessa época, o pai de Giulianne já havia lhe pedido para largar algumas equipes, mas ela dizia que não conseguia parar e que iria persistir, pois não achava que era perda de tempo. O futebol era sua alegria. Ao mesmo tempo em que a incentivava e apoiava, o pai a alertava : “Filha, tu já estás ficando com uma certa idade...”.

Para Giulianne, a formação escolar que teve na escola privada lhe deu a base de estudos para aumentar sua autoestima e saber que poderia ir mais adiante. Sem saber as referências da pessoa que fez o convite, Giulianne e seu pai temiam que a oportunidade fosse algum golpe.

Giulianne começou a estudar mais para as provas estadunidenses, mas entendia muito pouco. Tinha que ler os documentos que a treinadora brasileira enviava para assinar e pediu auxílio a uma professora particular. A família não tinha como ajudá-la, pois não entendia nada dos trâmites e sequer tinha algum domínio da língua estrangeira. Pegou dinheiro emprestado com amigos para pagar os procedimentos burocráticos, com a promessa de que um dia devolveria.

No consulado dos Estados Unidos, situado no Rio de Janeiro, entretanto, a atendente disse que, como ela não sabia dialogar em inglês, não teria capacidade de ir para a faculdade e estavam tentando enganá-la, pois apenas jogaria pela universidade. Além disso, no documento da universidade, constava um erro na data de nascimento. Adicionando a tudo isso, no ônibus a caminho do aeroporto, teve furtados sua carteira com documentos e 300 reais.

Reprovada duas vezes no teste de inglês e com o visto negado, a treinadora a incentivou a continuar o processo, pois a universidade pagaria suas aulas de inglês na universidade. Giulianne pensou: “Poxa, como é que eu vou receber bolsa, mesmo sem a fazer faculdade, nem jogar... isso tá muito mal explicado!”.

Depois de conseguir o visto, Giulianne não recebeu mais nenhum contato da treinadora, mas ela havia pedido que ela encontrasse a equipe na pré-temporada que fariam em São Paulo. O pai de Giulianne, que nunca havia viajado de avião, foi com a filha até o outro estado. Depois de muito procurarem, sem conseguir contato com a treinadora,

encontraram o campo onde o grupo estava treinando, em um clube local. Até encontrar a treinadora, viveram momentos de muita apreensão e dificuldades para conseguir informações, mas devido à persistência, perambularam até conseguirem o encontro e Giulianne poder conversar brevemente com a treinadora.

Ao viajar para os Estados Unidos, Giulianne carregava consigo apenas a cópia do documento de entrada no país, mas, por sorte, o oficial do aeroporto não percebeu sua troca. Além disso, perdeu uma das conexões entre os voos e não conseguia se comunicar com os atendentes do balcão de embarque. Sem conseguir entender o que estava sendo dito em inglês, tentou comprar um cartão de telefone, mas o investimento foi em vão, pois não funcionou. A situação até a chegada foi um trauma para Giulianne. Durante muito tempo, a família lhe perguntava sobre a viagem de ida, mas ela não conseguia lembrar de nada do que aconteceu.

A experiência cultural, a formação acadêmica e as oportunidades de carreira, tanto no futebol quanto em outra profissão, foram os principais atrativos para a migração. Embora tenha conseguido uma bolsa atlética integral, viver no exterior não tem sido fácil para Giulianne. Suas aulas acontecem no turno da manhã, ela treina à tarde e trabalha e estuda à noite. No início contou com o auxílio de uma outra jogadora brasileira para tradução de documentos e para saber onde deveria ir e o que fazer. Nem sempre alguém podia lhe dar carona para o treino, e nesses dias precisava caminhar ao menos meia hora.

Giulianne rumava diariamente para treinar nas estruturas do *Paradiso Athletic Complex*. Ao contrário do Brasil, nos Estados Unidos, Giulianne sentia-se dependente. Ir a qualquer lugar demandava pelo menos uns 30 minutos, e na cidade não há nem transporte público, nem táxis. Com a neve, tudo ficava mais complicado. Caminhar muito tempo em baixas temperaturas, além de perigoso por causa do gelo, poderia causar hipotermia. Pedalar a bicicleta era quase impossível e Giulianne dependia de uma rede de amizades que tivessem carros e pudessem ajudá-la a chegar ao treino e fazer compras no mercado mais próximo.

Durante a pré-temporada, acompanhei os dois treinamentos diários: um das 9h às 11h; e outro das 14h às 16h. As jogadoras precisavam chegar meia hora antes e estarem aquecidas. No primeiro treinamento do dia, havia ênfase no preparo físico, com circuitos, com exercícios como pular escada de frente e costas e pular obstáculos. Era realizado o alongamento

dinâmico e após havia treinos de posicionamento. À tarde, eram organizados treinamentos de chute.

Foi nos Estados Unidos que Giulianne passou a dar mais valor às ditas tradições gaúchas. Parte de sua identidade, ser gaúcha é um elemento que carrega consigo e que exalta quando está no exterior. Longe da família e dos amigos, tem as tradições gaúchas como uma forma de reaproximação com a sua terra natal. "Brasileira? Sim, gaúcha", disse ela:

> Quando eu vim pra cá, eu passei a tomar mais chimarrão do que no Brasil. Eu tenho épocas. No Brasil eu tomava muito pouco. Meu pai e minha irmã tomam muito e em casa eu só tomava um golinho e beleza. Quando eu vim pra cá, eu comprei uma cuia pra trazer e passei um mês todo no inverno tomando chimarrão, conversando no *Skype* e bem orgulhosa de tomar o chimarrão, coisa que eu não tinha no Brasil, aquele orgulho de tomar o chimarrão. E música gaúcha. No Brasil, eu nunca ouvia música gaúcha. Ouvia só quando estava em casa, domingo, com churrasco e as músicas gaudérias, aquela coisa, né... mas se eu estava com o meu MP4, indo para o treino ou pra aula, eu não estava ouvindo música gaúcha. Estava ouvindo pagode, sertaneja ou MPB que eu gosto bastante... Aí aqui eu ponho no *Youtube* a música e chega a arrepiar, aquela coisa... Eu não sei, anima e arrepia ao mesmo tempo.

Giulianne relembra que a música gauchesca era a música dos domingos, do churrasco, nos quais se dançava juntinho. A música a faz relembrar e evoca sentimentos, move-a. Para Giulianne, a experiência no exterior a ajudou a conhecer outra cultura, outra língua, criar conexões e crescer profissionalmente. Para o futuro, pretende continuar praticando o esporte, para manter o físico, confraternizar com amigas, mas sem perspectivas de profissionalização:

> A não ser que de repente, nunca se sabe, até porque na minha vida muitas coisas acontecem do nada... vai que surge uma grande oportunidade, vai que eu possa me dedicar só a isso depois de formada... nunca se sabe. Mas a minha perspectiva agora, botando os pés no chão, sem sonhar mais alto, já atingi tantas coisas que eu achava que eram só sonho e que de repente eu não ia conseguir, mas eu estava tentando. Eu acho que já estou no meu auge, mas eu quero mais. Eu estou no meu auge, mas não quer dizer que eu quero parar. Eu quero mais. Meus objetivos agora são esses, formar e conseguir a bolsa do mestrado e lutar pra uma oportunidade legal de emprego e tentar ficar aqui. Eu acho que tenho mais chances de um futuro melhor aqui do que no Brasil. Não sei até quando eu quero ficar aqui, se 4 ou 6, 10 anos. Mas sempre voltando pro Brasil pra visitar a família.

Giulianne atualmente não faz mais parte da equipe de futebol da universidade. Dos quatro anos que poderia ser elegível como jogadora universitária, dois deles foram perdidos porque seu tempo de atuação na equipe porto-alegrense foi considerado como o de uma equipe profissional, retirando-lhe elegibilidade. Atualmente Giu conseguiu ser integrada à equipe de atletismo para manter a bolsa e finalizar seus estudos. O esporte que tinha

abandonado quando era adolescente voltou a ser uma prioridade na rotina de treinamentos, para dar-lhe condições de finalizar os investimentos feitos na sua formação acadêmica.

A trajetória de Giulianne, tal qual a de muitas outras jogadoras brasileiras, pode ser analisada a partir um viés semelhante ao que Elias (1995) utilizou para a trajetória de Mozart, de tal forma a demonstrar as dificuldades e a incompreensão de talentos criativos e singulares, mas que não se adaptam aos padrões de comportamento, de vestuário e de sentimento de sua época. A vida do músico e compositor austríaco retrata a situação de grupos burgueses *outsiders* numa economia dominada pela aristocracia de corte. Mozart lutou por sua dignidade pessoal e obra musical, mas perdeu. A alta sociedade vienense deu-lhe as costas e, aos 35 anos, foi enterrado em uma vala comum. Embora fosse humilhado e se irritasse com este tratamento, queria ser reconhecido e tratado como pessoa de igual valor (ELIAS, 1995), tal como as futebolistas brasileiras. Seu valor, entretanto, muito tempo depois, foi ressignificado.

Ao meu ver, o valor das jogadoras brasileiras, embora tenha ficado à margem durante muito tempo, começa a ser ressignificado. Seus fazeres, seus esforços e suas dedicações podem ser entendidos como artes que compõem diversos mundos futebolísticos, integrantes deste *futebol de devir*, que está constantemente a refazer-se.

***

No decorrer deste capítulo, foram abordadas questões referentes às diferenças sociais existentes entre as "equipes de escolinhas" e "equipes de comunitárias" porto-alegrenses, tendo como enfoque as relações entre *patricinhas* e *humildes*. Abordo ainda algumas categorias êmicas, tais como as *boleiras* (que são mulheres que tem o futebol como atividade social de extrema relevância em suas vidas), as *esforçadas* e as *festeiras*, demonstrando que no futebol há uma diversidade de agentes sociais e de intensidades de envolvimento com a prática esportiva.

Dentre as trajetórias estadunidenses apresentadas, são abrangidos os diferentes níveis de senioridade, tais como uma novata (Daniela), uma novata *redshirt* (Danielle), uma *sophomore* (Jen) e uma veterana (Lauren). No conjunto de trajetórias, Daniela demonstra a dedicação extrema ao esporte, não apenas pelo gosto esportivo, mas para a manutenção da

bolsa atlética. Danielle acentua a necessidade de investimentos que extrapolam os meramente individuais, tendo a *família de origem* como um importante apoio na continuidade da prática esportiva. Jen traz à tona a senioridade de maneira mais acentuada, com um viés mais crítico e, por fim, Lauren demonstra como a senioridade é um "rito de instituição" que encoraja os contínuos esforços em busca de reconhecimento e bons recordes, que podem tornar a *família esportiva* ainda mais coesa. Trazendo um pouco desses dois mundos, finalizo com a trajetória de Giu, a qual demonstra as adversidades superadas por uma jogadora porto-alegrense para ascender no futebol e se adequar a um mundo futebolístico regrado e estruturado, vivendo em um novo ambiente esportivo e cultural, bastante diferente do que estava acostumada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o *futebol de mulheres* não é apenas realizar uma mudança terminológica, é ir além do que está instituído e mudar a perspectiva pela qual se olham as práticas esportivas realizadas pelas futebolistas que participam dos mundos: profissional, universitário e participativo.

Sob alguns aspectos, a etnografia me fez rever uma série de conceitos e a maneira como é abordada a bibliografia existente. A partir daí, pude perceber o que há de novo no universo futebolístico. Este universo demonstra que é, sim, possível a superação do entendimento de que tudo o que exista possa e deva ser ligado à matriz de espetáculo do futebol de homens.

Além de *Barbies* e *ogras*, outras diversas categorias êmicas tentam ampliar os entendimentos sobre as práticas esportivas de mulheres que satisfazem seus desejos, mesmo recebendo avisos-prévios sobre a possibilidade de punições. Suas curiosidades as fazem colocar a ordem estabelecida em perigo, tendo que lidar com novos elementos. Embora o imaginário social sobre o *futebol de mulheres* seja bastante limitado, no decorrer desta tese acredito que tenha sido apresentada uma diversidade de mundos futebolísticos que demonstram diferentes trajetórias, sonhos e visões de mundo das pessoas que constituem este futebol. Homens e mulheres que possuem o amparo de diferentes *famílias* (de origem ou esportivas) e demonstram que, além de uma visão mercadológica e de profissionalismo, existem pessoas que têm no futebol um espaço de sociabilidade.

Constituído de maneira diversa do *soccer* estadunidense, o mundo futebolístico de mulheres de Porto Alegre expressa os desafios em trajetórias de busca por uma organização mais livre, mesmo que "cheia de nozinhos" ou atrasos. Em Porto Alegre, as relações hierárquicas de gênero no futebol ficam evidentes não apenas na pedagogia dos corpos, mas também em aspectos culturais que (re)produzem diferenças de gênero socialmente construídas. Com disciplina heterodoxa de treinamentos e sem legislação específica, as jogadoras *brasileiras* ainda vivem de sonhos, enquanto as *estadunidenses* contam com regimes disciplinares de treinamentos rígidos desde a infância, estruturados de forma a proporcionar o acesso ao sistema futebolístico das estáveis instituições educacionais universitárias. Enquanto o tempo, a performance e a geração parecem guiar as ações das jogadoras universitárias estadunidenses; o improviso, a liberdade e a criatividade aparecem como fortes elementos que compõem o futebol porto-alegrense.

Em ambos os ambientes estudados, em Amherst e Porto Alegre, esses futebóis apresentavam regras diferentes das instituídas pelo padrão FIFA, por diferentes razões. Reapropriar-se do regramento instituído pela FIFA e mudá-lo para formatos que melhor lhe convenham não faz destes mundos futebolísticos mais nem menos aptos a apresentar uma performance interessante. As diferenças demonstram que este é um universo diferente e que demanda novos olhares. Em relação ao *futebol de mulheres* brasileiro, prefiro defini-lo como um *futebol de devir*, ou seja, um futebol que ainda está a fazer-se e refazer-se. Nos Estados Unidos, entretanto, o *futebol de mulheres* é bastante estruturado e possui diversas regulações, que o aproximam mais a uma matriz espetacular, entretanto, sem poder ser assim considerado. De forma sintética, pode-se dizer que diferentes mundos futebolísticos se relacionam com o empoderamento, o aumento da autoestima, a superação de barreiras e a produção de *famílias*.

Em relação aos cenários político-desportivo, midiático e acadêmico, o futebol evidencia diversas disparidades entre o futebol de homens e de mulheres. Situado fora da lógica do mercado futebolístico por seus ganhos financeiros, mas tendo a matriz espetacular como referência, o *futebol de mulheres* é um futebol em constante (re)criação. O *futebol de mulheres* vai além deste modelo comercial e pontua a existência de práticas que prezam pela participação e persistentes tentativas na concretização de projetos, práticas que em sua

maioria foram invisibilizadas no decorrer da história. Essas práticas demonstram que é possível outro olhar e se pensar a diversidade de futebóis existentes.

Nos diferentes mundos futebolísticos de mulheres, as lógicas são diversas às da matriz espetacular e, em termos de estruturas, há quem prefira pontuar suas diferenças como deficiências. Provavelmente esta não seja a melhor forma de analisar este futebol. Ao compará-lo ao futebol dos homens, acentuam-se diferenças e cegam-se as possibilidades e os fazeres, reafirmando-se, portanto, o *discurso das ausências*.

Um futebol que ainda está em construção e que ainda vislumbra mudanças. É um futebol que ainda é desconhecido e se desconhece, pois está se fazendo, tornando-se. A interação criativa não romantiza nem a várzea, nem o espetáculo. É uma arte que conta com um público consumidor ainda restrito. As mulheres que adentram os campos de futebol colocam à mostra corpos diferentes dos que são apresentados nos meios tradicionais de comunicação e podem provocar reflexões sobre a possibilidade do estético também ser político.

Elogios, orientações, oportunidades, reclamações e intrigas. O jogo de futebol é uma troca de vivências, de interação social, de construção de corpos. Corpos que se moldam, que se tocam, que ocupam espaços e nesses espaços se movimentam. Corpos em deslocamento e subjetividades em exposição. Cada jogadora em campo ou quadra assume uma performance que lhe é própria e que por ela pode ser modificada, conforme seus interesses e necessidades.

Enquanto os Estados Unidos demonstram plena força de instrumentos legislativos que conferem às mulheres direitos iguais aos dos homens, há homens por lá que reivindicam as suas perdas de privilégio. Entretanto, o que se pode perceber é que instrumentos legislativos como a *Title IX* realizaram grandes mudanças, sem ainda equiparar homens e mulheres em número, mas sim em condições. Ao permitir-lhes a concretização de sonhos, demonstram a legitimidade do exercício de poder delas nos espaços públicos, em um mundo futebolístico com eficientes instrumentos para minimizar as desigualdades entre os gêneros.

Embora a perspectiva tradicional de gênero seja frequente para a análise de esportes de combate ou contato físico, deve-se procurar entender de que forma estas mulheres lidam com diferentes demandas em relação às suas performances. Realizam mediações entre as dimensões de seus próprios desejos e subjetividades modeladas no registro do social. Estas

mulheres apresentam diferentes perspectivas de gênero e nem todas evocam os mesmos valores, vestimentas, habilidades e anseios.

Enquanto o futebol de espetáculo domina os noticiários, existe este fenômeno urbano de ocupação de espaços esportivos por mulheres, o qual não é tão evidente, mas é impactante. Ao abrir as páginas da historiografia, pode-se perceber que as práticas esportivas de mulheres, embora omitidas, existem assim como outros futebóis de homens, que não o espetacularizado. O futebol é um espaço generificado, sim, mas também compreende uma grande diversidade de expressões e potencialidades.

Ocupando espaços públicos, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, o que se percebe é que a presença das mulheres e garotas em campo mobiliza suas audiências e movimenta um universo de símbolos e significados em relação às suas práticas. O número de torcedores do *futebol de mulheres* universitário em Amherst é superior ao mundo futebolístico participativo porto-alegrense. Embora a quantidade de público não seja capaz de manter financeiramente ou concorrer com os esportes mais prestigiados, essas equipes possuem representatividade. Representam instituições tradicionais, que fazem questão de ter uma imagem pública equivalente aos altos investimentos realizados.

A formação de uma jogadora estadunidense inicia geralmente desde os quatro ou seis anos. As garotas jogam em clubes, aprendem as técnicas e, quando são consideradas boas o suficiente, realizam mais investimentos familiares para continuar jogando em torneios e serem vistas por treinadores de boas universidades. Para a comissão técnica, a reputação, a representação da equipe, era algo considerado muito importante, e por isso a constante reafirmação da frase: "*Don't get in trouble*" (Não se metam em confusão). Ou seja, obedeça às regulações de tempo e às orientações que lhe forem exigidas, ou você estará fora deste grupo.

Entre Brasil e Estados Unidos, tornam-se evidentes as questões que tratam diferenças geracionais (como a senioridade), tempo, responsabilidade, trabalho, desportividade (competitividade e liderança), punições e valor individual (presente nas estatísticas). Nos Estados Unidos, a competitividade acentuada faz com que as estudantes-atletas veteranas assumam espaços com maior representatividade, as quais são valorizadas ao longo tempo de dedicação à prática realizada.

No ambiente universitário competitivo, a abordagem aos atores possui enfoque punitivo, recompensatório, preventivo e normativo (com o ensino de regras e valores). As equipes universitárias estadunidenses são espaços de ressocialização, em que essas jogadoras se convertem a uma nova posição que lhes exige ainda mais dedicação de tempo, disciplina e seriedade. Adequar-se a esses padrões proporciona a elas ganhos em termos de prestígio, mas exige a aprendizagem no gerenciamento do tempo disponível para conseguir cumprir todos os pré-requisitos tanto para serem boas atletas quanto boas estudantes dentro das chamadas "bolhas institucionais".

Os mundos futebolísticos brasileiro e estadunidense possibilitam diferentes oportunidades a suas jogadoras. A concretização de projetos esportivos se torna mais palpável quando possui uma organização e etapas as quais se sabe como alcançar. No mundo estadunidense, há a possibilidade de projetos a longo prazo, enquanto o mundo futebolístico brasileiro ainda depende de projetos provisórios e instáveis.

Nos Estados Unidos, os projetos familiares incentivam os investimentos infantis e juvenis no futebol não apenas para o desenvolvimento das habilidades atléticas, mas visando também ao investimento em uma educação de qualidade, com a vantagem de uma bolsa atlética. O apoio familiar no Brasil, entretanto, incentiva as jogadoras a se dedicarem a outras atividades, pois o tempo investido em futebol é visto como um desperdício, algo "sem futuro". Enquanto as iniciativas no Brasil são isoladas e individuais (realizadas pelos "sonhadores" ou "loucos"), nos Estados Unidos há um investimento maior em esforços coletivos, com amparo da legislação nacional na realização dos projetos familiares, em que o tempo investido retorna em educação (que significa dinheiro).

Longe de contemplar toda a diversidade presente no *futebol de mulheres*, o que trago aqui são outras perspectivas. Os diversos mundos futebolísticos de Estados Unidos e Brasil nos fazem pensar nos entrelaçamentos entre esporte, sexualidade, gênero, geração, dinheiro, religiosidade, classe social e uma infinidade de temas que ainda poderão ser explorados. Nesta tese, constaram apenas algumas sementes do que podem ser considerados estes mundos futebolísticos e que poderão suscitar novos desdobramentos.

REFERÊNCIAS

ABAD, César Cavinato Cal. **A influência da regra no futebol feminino** [2011]. Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br/Coluna/11509/A+INFLUENCIA+DA+REGRA+NO+FUTEBOL+FEMININO >. Acesso:18 set. 2014.

ABOUNA, Marie-Stéphanie Nneme; LACOMBE, Philippe. La construction de l'espace du football au féminin: un processus de construction du genre? **Socio-logos**. Revue de l'association française de sociologie, n. 3, nov. 2008.

ACOSTA, R. Vivian; CARPENTER, Linda Jean. **Women in intercollegiate sport**: a longitudinal, national study thirty-seven year update 1977-2014 [2014]. Disponível em: <http://www.acostacarpenter.org/>. Acesso: 8 set. 2014.

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul/dez. 2003.

ADLER, Patricia; ADLER, Peter. **Backboards & blackboards**: college athletes and role engulfment. New York: Columbia University Press, 1991.

ALABARCES, Pablo. Veinte años de Ciencias Sociales y deportes, diez años después. **Revista da Asocíación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Desporte**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 11-22, set. 2011.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero**: Marias (e) homens na Educação Física. 1998. 110 fl. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1998.

ALVITO, Marcos. <<A parte que te cabe neste latifúndio>>: o futebol brasileiro e a globalização. **Análise Social**, Lisboa, v. 41, n. 179, p. 451-474, 2006.

ANDERSON, Eric. Orthodox and Inclusive Masculinity: Competing Masculinities Among Heterosexual Men in a Feminized Terrain. **Sociological Perspectives**, v. 48, n. 3, p. 337-355, 2005.

ANDERSON, Eric; BULLINGHAM, Rachael. Openly lesbian team sport athletes in an era of decreasing homohysteria. **International Review for the Sociology of Sport,** v. 49, n. 2, p. 1-14, jun. 2013.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 108-123.

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinities**: Football, Polo, and the Tango in Argentina. Oxford: Berg, 1999.

ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, jul../dez. 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2 ed. São Paulo: Gallimard, 1967.

BECKER, Howard. Mundos artísticos e tipos sociais. In: VELHO, Gilberto. **Arte e sociedade**: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977. p. 9-26.

BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BELL, Jack. **Another Attempt at Women's Circuit, but With a Twist. The New York Times** [2013]. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/04/14/sports/soccer/national-womens-soccer-league-to-begin-play.html?_r=0>. Acesso em: 14 fev. 2015.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Simmel e o futebol: da comunidade de afeto a equivalência abstrata do dinheiro. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 43, n. 2, p. 573-588, out. 2009.

BIZERRIL, José. O vínculo etnográfico: intersubjetividade e co-autoria na pesquisa qualitativa. **Universitas Ciências da Saúde**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 153-163, jul./dez. 2004.

BONINO, Luis. Masculinidad hegemónica e identidad masculina. **Dossiers feministes**, Castellón de la Plana, n.6, p. 7-35, 2002.

BOOTH, Sara; LISTON, Katie. The continental drift to a zone of prestige. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina Clara. **Women Soccer and Transnational Migration**. New York: Routledge, 2014. p. 53-72.

BOURDIEU, Pierre. Les rites comme actes d'institution. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 43, n. 43, p. 58-63, jun. 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

BRASIL. **Lei nº 9.615**, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm>. Acesso em: 12 fev. 2014.

BRASIL. **Lei nº 13.155**, de 4 de agosto de 2015. Estabelece princípios e práticas de responsabilidade fiscal e financeira e de gestão transparente e democrática para entidades desportivas profissionais de futebol. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13155.htm>. Acesso em: 15 ago. 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Portaria nº142**, de 1º de julho de 2014. Contemplar os 6.667 (seis mil seiscentos e sessenta e sete) atletas de modalidades que fazem parte dos programas olímpicos e paraolímpicos referente ao pleito 2014, aprovados no âmbito do Programa Bolsa Atleta, relacionados no Anexo Único desta Portaria.
Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/listaContemplados.jsp >. Acesso em: 12 ago. 2014.

BRIGGS, Simon. **Next Goal wins star Jaiyah Saelua is the transgender John Terry - and plays in the world's worst international team** [2014]. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/world-cup/10804794/Next-Goal-Wins-star-Jaiyah-Saelua-is-the-transgender-John-Terry-and-plays-in-the-worlds-worst-international-team.html>. Acesso em: 28 out. 2014.

BROMBERGER, Christian. Hair: From the West to the Middle East through the Mediterranean. **The Journal of American Folklore**, v. 121, n. 482, p. 379-399, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUZUVIS, Erin. Title IX Feminism, Social Justice, and NCAA Reform. **Freedom Center Journal**, Springfield, v. 5, p. 101-122, 2014.

CALIL, Lucas. **Triste realidade: no Brasil, 82% dos jogadores de futebol recebem até dois salários mínimos** [2012]. Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/triste-realidade-no-brasil-82-dos-jogadores-de-futebol-recebem-ate-dois-salarios-minimos-6168754.html>. Acesso em: 24 jun. 2013.

CAMARA DOS DEPUTADOS. DETAQ. **Resultado de audiência pública realizada pela Comissão de Turismo e Desporto destinada ao debate sobre a organização do futebol feminino no Brasil** [2013]. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=302.3.54.O&nuQuarto=29&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:50&sgFaseSessao=BC%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=02/10/2013&txApelido=J%C3%94%20MORAES&txEtapa=Sem%20reda%C3%A7%C3%A3o%20final>. Acesso em: 17 dez. 2013.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Circulando entre práticas esportivas e sexuais**: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs. 2012. 380 f. Tese (Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

CAMARGO, Wagner Xavier. Corporalidades disruptivas? Considerações antropológicas sobre práticas esportivas específicas. In: 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2014, Natal/RN. **Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Brasília: Editora ABA, 2014, v. 1. p. 1-16.

CAMARGO, Wagner Xavier; RIAL, Carmen Silva de Moraes. Esporte LGBT e Condição Pós-Moderna: notas antropológicas. **Cadernos de Pesquisa Interdiscinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v.10, n.97, p. 271-289, jul./dez.. 2009.

CARNEIRO, Henrique. Violência nas guerras, nos duelos e no esporte: o vício do homem [2013]. **Blog Convergência**. Disponível em: <http://blogconvergencia.org/blogconvergencia/?p=1245>. Acesso em: 30 jan. 2015.

CASTRO, Luciane. **Futebol feminino e o pé na porta que não acontece** [2014]. Disponível em: <http://baiacu-informa.tumblr.com/post/81680454618/futebol-feminino-e-o-pe-na-porta-que-nao-acontece>. Acesso em: 5 maio 2014.

CAUDWELL, Jayne. Women's experiences of sexuality within football contexts: a particular and located footballing epistemology. **Football Studies**, Maroochydore, v. 5, n. 1, p. 24-45, 2002.

CAUDWELL, Jayne. Gender, feminism and football studies. In:_____. (org.). **Women's football in the UK**: Continuing with gender analyses. New York: Routledge, 2012. p. 8-22.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. **Revista de Antropologia,** São Paulo, v. 45, n.1, p.37-78, 2002.

CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson. Identidades em jogo numa turma de *futebol de mulheres*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos – Fazendo Gênero 9**. Florianópolis: UFSC, 2010. p.1-9.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

COM COPA Fifa fatura bilhões, e paga só 1,7% em impostos [2015]. **ESPN.com.br**. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/494089_com-copa-fifa-fatura-bilhoes-e-paga-so-17-em-impostos>. Acesso em: 22 mar. 2015.

CONGDON-HOHMAN, Joshua; MATHESON, Victor. **International Women's Soccer and Gender Inequality**: Revisited [2011]. Disponível em: <http://www.holycross.edu/departments/economics/website>. Acesso em: 12 set. 2014.

CONNEL, Robert W. Debates about men, new research on masculinities. In: SCRATON, Sheila; FLINTOFF, Anne. **Gender and sport**: a reader. New York: Routledge, 2002. p. 161-168.

CONNELL, Raewyn. Masculinity Research and Global Change. **Masculinities and Social Change**, Barcelona, v. 1, n. 1, p. 4-18, 2012.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.21, n.1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

CONT, Valdeir D. Del. Trajetórias e biografias como métodos de pesquisa. In: KOFES, Suely (org.). **Cadernos do IFCH.** Campinas: UNICAMP, 2004. p. 283-292.

COOKY, Cheryl. 'Girls just aren't interested': the social construction of interest in girls' sport. **Sociological Perspectives**, v. 52, n. 2, p. 259–284, 2009.

COOMBS, Danielle Sarver. Pitch Perfect: How the US Women's National Soccer team Brought the Game Home. In: KIUCHI, Yuya. **Soccer culture in America**: essays on the world's sport in red, white and blue. Jefferson, North Carolina: MacFarland & Company, 2013. p. 160-178.

CORNWALL, Andrea. Apresentação: trilhas do empoderamento de mulheres. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 1, n.2, maio/ago. 2013.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não se desespere!**: provocações filosóficas. Petrópolis: Vozes, 2013.

COX, Barbara; THOMPSON, Shona. Multiple bodies: sportswomen, soccer and sexuality. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 35, n. 1, p. 5–20, 2000.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. **O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o futebol**. Apresentação da ANPOCS, 2002, p. 1-19. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4374&Itemid=317>. Acesso em: 22 ago. 2014.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben. **Megaeventos esportivos no Brasil**: um olhar antropológico. Campinas: Armazém do Ipê, 2014.

DARBON, Sébastien. Introduction. La diffusion des sports: confrontations disciplinaires et enjeux méthodologiques. **Ethnologie française**, v. 41, n. 4, p. 581-592, 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DORNELLES, Priscila Gomes. **O futebol feminino de várzea**: uma análise cultural. 2004. 39 f. Monografia (Especialização em Pedagogias do Corpo). Programa de Pós-Graduação em Pedagogias do Corpo da ESEF, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n.2, p. 321-348, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DWORKIN, Shari L.; MESSNER, Michael A. Just do... what? Sport, bodies, gender. In: SCRATON, Sheila; FLINTOFF, Anne. **Gender and sport**: a reader. New York: Routledge, 2002. p. 17-29.

ECHEVERRIA, Regina. O charme vai a campo. **Placar**, São Paulo, v. 15, n. 738, p. 24-27, 13 jul. 1984.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

ENGH, Mari Haugaa.Tackling femininity: The heterosexual paradigm and women's soccer in South Africa. **The International Journal of the History of Sport**, v. 28, n.1, p. 137–152, jan. 2011.

EUA usam Copa para fazer futebol ir além de mulheres, jovens e hispânicos [2014]. **UOL Notícias**. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/01/eua-usam-copa-para-fazer-futebol-ir-alem-de-mulheres-jovens-e-hispanicos.htm>. Acesso em: 1 jul. 2014.

FABIAN, Johannes. Presence and Representation: The Other and Anthropological Writing. **Critical Inquiry**, Chicago, v.. 16, n. 4, p.753-772, 1990.

FARALDO, Lucas. Fernanda Colombo lamenta machismo no futebol: "Ser mulher chama atenção" [2015]. **Lance!NET**.
Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Fernanda-Colombo-lamenta-machismo-futebol_0_1277872330.html>. Acesso em: 3 mar. 2015.

FIFA.COM. **Law 4**: the players' equipment [2004]. Disponível em: <http://www.fifa.com/mm/document/afdeveloping/refereeing/law_4_the_players_equipment_en_47415.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2014.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado.15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Graciano Barbachan. S.l.: Coletivo Sabotagem, 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FREITAS, Lígia Luís de. Cultura corporal e dominação masculina como as diferenças são construídas? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008, Florianópolis. **Anais eletrônicos – Fazendo Gênero 8**. Florianópolis: UFSC, 2008. p.1-7.

FURLIN, Neiva. A categoria de gênero e o seu estatuto na produção do conhecimento: algumas considerações teóricas. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 27, n. 2, p. 110-127, mai./ago. 2014.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GASTALDO, Édison. A forja do homem de ferro: A corporalidade nos esportes de combate. In: LEAL, Ondina (org.). **Corpo e significado**: Ensaios de Antropologia Social. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIMENO, Adelina. **A família**: o desafio da diversidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, abr./jun. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 2, p.171-196, maio/ago. 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, v. 17, n. 34, p. 45-52, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: nota sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOLDMAN, Márcio. Alteridade e experiência: Antropologia e Teoria Etnográfica. **Etnográfica**, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 161-173, 2006.

GORDON, Cesar. Bem viver e propriedade: o problema da diferenciação entre os Xikrin-Mebêngôkre (Kayapó). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 95-124, 2014.

GRAINEY, Timothy. **Beyond bend it like Beckham**: the global phenomenon of women's soccer. Lincoln: University os Nebraska Press, 2012.

GRIFFIN, Pat. Changing the Game: Homophobia, Sexism, and Lesbians in Sport. **Quest**, n. 42, p. 251-265, 1992.

GUEDES, Simone Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol**: Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

GUEDES, Simoni Lahud. A Construção do Corpo Masculino Nas Escolinhas de Futebol. In: XX ENCONTRO ANPOCS, 1996, Caxambu. XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1996, Caxambu. In: **Anais do XX Encontro Anual da ANPOCS**: ANPOCS, 1996. p.1-14. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5423&Itemid=361>. Acesso em: 2 maio 2015.

GUTTMANN, Allen. Visando a modernidade arco e flecha e a modernização do Japão. **Movimento**, v. 10, n.3, p. 9-21, set./dez. 2004.

HALBERSTAM, Judith. **Female masculinity.** London: Duke University Press, 2003.

HALL, Ann. The discourse of gender and sport: from femininity to feminism. In: SCRATON, Sheila; FLINTOFF, Anne. **Gender and sport**: a reader. New York: Routledge, 2002. p. 6-16.

HALL, M. Ann. The Game of Choice: Girl's and women's soccer in Canada. In: HONG, Fan; MANGAN, J.A. **Soccer, women, sexual liberation**: kicking off a new era. London: Frank Cass Publishers, 2004. p. 30-46.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARDIN, Marie; WHITESIDE, Erin Elizabeth. The Power of "Small Stories:" Narratives and Notions of Gender Equality in Conversations About Sport. **Sociology of Sport Journal**, v.2, n. 26, p. 255-276, jun. 2009.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

HONG, Fan; MANGAN, J.A. **Soccer, women, sexual liberation: kicking off a new era**. London: Frank Cass Publishers, 2004.

JARDIM, Juliana Gomes. Desconstruindo gênero e sexualidade no futebol feminino: o que a experiência ensina? SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO: SUBJETIVIDADE, CIDADANIA E TRANSFEMINISMO, 2013, Natal. **Anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**: UFRN, 2013. p. 863-885.

JEANES, Ruth; WELFORD, Jo. **Ruff Guide to Women & Girls Football** [2009]**.** Disponível em: <http://www.sportdevelopment.org.uk/index.php/component/content/article/47-ruffguides/635-ruff-guide-to-women-a-girls-football?format=pdf>. Acesso em: 12 fev. 2012.

KESSLER, Cláudia. **“Entra aí pra completá”**: Narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria – RS. 2010, 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2010.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n.9, p. 103-117, out. 1998.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; FALCÃO-DELFINO, Paulo César. Esporte e masculinidades: uma longa história de amor, ou melhor de amizade. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (org.). **Gênero e esporte:** masculinidades & feminilidades, Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 161-183.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.

KNIJNIK, Jorge. Gendered barriers to Brazilian female football: 20th century legacies. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric. **Routledge Handbook of Sport, Gender and Sexuality.** New York: Routledge, 2014. p. 121-128.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

KRANE, Vikki.We Can Be Athletic and Feminine, But Do We Want To? Challenging Hegemonic Femininity in Women's Sport. **Quest**, v. 53, n. 1, p. 115-133, fev. 2001.

KUNZ, Matthias. 265 million playing football [2007]. **FIFA Magazine.** Disponível em: <http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/bcoffsurv/emaga_9384_10704.pdf>. Acesso em: 27 out. 2014.

LEAL, Eduardo Martinelli. Jogando pela honra: corpo e masculinidade em uma escola para meninos em situação de rua. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 229-247, abr./jun. 2010.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Ed. Vozes; 2006.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

LEITÃO, Debora Krischke; MACHADO, Rosana Pinheiro. O luxo do povo e o povo do luxo: consumo e valor em diferentes esferas sociais no Brasil. In: LEITÃO, Debora Krischke; LIMA, Diana Nogueira; MACHADO, Rosana Pinheiro (orgs.). **Antropologia & Consumo**: diálogos entre Brasil e Argentina. Porto Alegre: AGE, 2006. p. 23-46.

LEON, Dária. Primeira árbitra do Brasileirão fala da carreira e dos tabus no futebol [2014]. **Jornal i9**. Disponível em: <http://www.jornali9.com.br/mulher/comportamento/primeira-arbitra-do-brasileirao-fala-da-carreira-e-dos-tabus-no-futebol >. Acesso em: 24 abr. 2014.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 8 ed. Campinas: Papirus, 2008.

LIMA, Fábio. Proibida de jogar em equipe feminina, transexual luta para mudar as regras [2014]. **GloboEsporte.com**. Disponível em: <http://m.globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2014/01/proibida-de-jogar-em-equipe-feminina-transexual-luta-para-mudar-regras.html>. Acesso em: 21 jan. 2014.

LISTON, Katie. Revisiting Relations between the Sexes in Sport on the Island of Ireland. In: LANDINI, Tatiana Savoia; DÉPELTEAU, François (orgs.). **Norbert Elias and Empirical Research**. London: Palgrave/Macmillan, 2014, p. 197-219.

LOMNITZ, Larissa Adler. Sobrevivência em um bairro de periferia na Cidade do México. In:_____. (org.). **Redes sociais, cultura e poder**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. p. 139-182.

LOPES, Gustavo Esteves. Brasileiras do Futebol: Contribuições para a História do Esporte (de sua origem moderna aos dias atuais). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.** São Paulo: USP, 2011. p.1-17.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In:_____. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

LOURO, Guacira. Currículo, gênero e sexualidade - o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In: LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOVE, Adam. Transgender exclusion and inclusion in sport. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric (orgs.). **Routledge Handbook of Sport, gender and Sexuality.** New York: Routledge, 2014. p. 376-383.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, n.11, p. 107-125, 1998.

MACHADO, Paula Sandrine. **O sexo dos anjos**: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade. 2008. 266 f. Tese (Doutorado em Antrpologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

MACHILLOT, Didier. Pour une Anthropologie des stéréotypes: quelques propositions théoriques. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 73-101, jan./jun. 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MARKOVITZ, Andrei S; HELLERMAN, Steven. Women's Soccer in United States: Yet Another American "Exceptionalism". In: HONG, Fan; MANGAN, J.A (orgs.). **Soccer, women, sexual liberation**: kicking off a new era. London: Frank Cass Publishers, 2004. p. 14-29.

MARSCHIK, Matthias. Offside: the development of women's football in Austria. **Football Studies**, v. 2, n.1, p. 69-88, 1998. Disponível em: <http://library.la84.org/SportsLibrary/FootballStudies/1998/FS0102g.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

MARSCHIK, Matthias. Unchained Masculinity: Women's Football in Austria. **Football Studies**, v. 6, n. 2,p. 52-65, 2003.

MATSUNAGA, Tadeu; MANSUR, Gabriel. Sob forte calor, jogadora vomita e desmaia durante partida no Amazonas [2014]. **Globo Esporte Amazonas**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/am/noticia/2014/09/sob-forte-calor-jogadora-vomita-e-desmaia-durante-partida-no-amazonas.html>. Acesso em: 7 mar. 2015.

MEINERZ, Nádia Elisa. **Mulheres e masculinidades**: etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parceiras homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre. 2011. 245 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MENNESSON, Christine Mennesson. « Le gouvernement des corps des footballeuses et boxeuses de haut niveau », **CLIO. Histoire, femmes et sociétés** [online], n. 23, 2006. Disponível em: <http://clio.revues.org/index1898.html>. Acesso em: 12 out. 2012.

MESSNER, Michael. **Taking the Field**: women, men and sports. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

MESSNER, Michael; SOLOMON, Nancy. Social Justice and Men's Interests: The case of Title IX. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 31, n. 2, p. 162-178, 2007.

MILLER, Daniel. What is a Relationship? Is Kinship Negotiated Experience? **Ethnos: Journal of Anthropology**, v. 72, n. 4, p. 535-554, 2007.

MORAES, Enny Vieira; DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Diferentes corpos se apresentam: fragmentos da história do futebol feminino no Brasil. **Caderno Espaço Feminino**, v. 22, n. 2, p. 183-204, ago./dez. 2009.

MORAES, Enny Vieira. O museu do futebol e uma história parcial; ou não há futebol feminino no Brasil? **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 2, n. 1, p. 1-5, jun. 2009.

MORAES, Enny Vieira. **As mulheres também são boas de bola:** histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990). 2012, 288 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História PPGH-PUCSP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Usos e limites da categoria gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 99-105, 1998.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero.** 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

MURAD, Mauricio. O futebol no Brasil: alguns elementos de sua história social. In: PINHEIRO, Francisco; MELO, Victor Andrade. **A bola ao ritmo de fado e samba**: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol, 1913-2013. Porto: Edições Afrontamento, 2013.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. 415 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE/UFSC, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 8-41, 2000.

"NONES" on the Rise. **Pew Research Center**. out. 2012. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2012/10/09/nones-on-the-rise/>. Acesso em: 4 abr. 2015.

NÚMERO de católicos cai quase 7% no RS em uma década, segundo IBGE. **G1/RS**. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/06/numero-de-catolicos-cai-quase-7-no-rs-em-uma-decada-segundo-ibge.html>. Acesso em: 29 jun. 2012.

OLIVEN, Ruben George. De olho no dinheiro nos Estados Unidos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.1, n. 27, p. 206-235, 2001.

PASTRO, Jaqueline Escobar; ANTOCHEVIS, Karen Leticia. **História do futebol feminino do Rio Grande do Sul**. XVI Salão de Iniciação Científica e XIII Feira da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 552.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PISANI, Mariane. **Poderosas do Foz:** trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. 2012. 166 f. Dissertação (Mestre em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

PISANI, Mariane da Silva. «Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo ». **Ponto Urbe**, n. 14, 2014. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1621>. Acesso em: 24 abr 2015.

POLÍCIA divulga retrato falado de suspeitos de estupro em Porto Alegre [2015]. **Globo.com**. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/03/policia-divulga-retrato-falado-de-suspeitos-de-estupro-em-porto-alegre.html>. Acesso em: 24 abr. 2015.

RIAL, Carmen Silvia. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. **Nueva Sociedad**, n. 248, p. 114-126, nov./dez., 2013.

RIAL, Camen. New frontiers: The transnational circulation of Brazil's women soccer players. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina Clara (orgs.). **Women Soccer and Transnational Migration**. New York: Routledge, 2014. p. 87-102.

RIGO, Luiz Carlos; PARDO, Eliane R; FIGUEIREDO, Michele B.; RODRIGUES, Aline; SILVEIRA, Viviane T. Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 131-146, 2005.

RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia Garcia; THEIL, Larissa Zanetti; AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, 2008.

RODRIGUES, F.S.J; DEVIDE. F.P. Inserção de mulheres em uma área de reserva masculina e o uso da co-educação para o ensino do futebol na Educação Física escolar. **EFDeportes.com Revista Digital.** Buenos Aires, v. 14, n. 138, 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd138/insercao-de-mulheres-em-uma-area-de-reserva-masculina.htm>. Acesso em: 14 nov. 2014.

ROJO, Luiz Fernando. **Relações de gênero no hipismo: um olhar comparativo entre Rio de Janeiro e Montevidéu** [2007]. Disponível em: <http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2007/articulo_12.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2012.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the “Political Economy” of sex. In: REITER, Rayna R. (org). **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthy Review Press, 1975. p. 157-210.

RUSSELL, Kate. "Queers, even in netball?" Interpretations of the lesbian label among sportswomen.In: AITCHISON, Cara Carmichael (org.). **Sport & Gender Identities**: masculinities, femininites and sexualities. New York: Routledge, 2007. p. 106-121.

SAAVEDRA, Martha. Women, sport and development [2005]. **Sport and Development International Platform**. Disponível em: <http://assets.sportanddev.org/downloads/56__women__sport_and_development.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2014.

SABAT, Ruth. Só as bem quietinhas vão casar. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p.95-106.

SALAS, Javier. Verificação do sexo, nova humilhação para as jogadoras de futebol [2015]. **El País**. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/01/ciencia/1433159953_245845.html>. Acesso em: 6 jun. 2015.

SALVINI, Leila. **Novo Mundo Futebol Clube e o “Velho Mundo” do futebol:** considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol. 2012. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Pós-Graduação de Educação Física, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

SCHUCH, Patrice. **Família no plural**: Considerações antropológicas sobre família e parentesco (à luz de seus confrontos de significados num órgão de justiça juvenil)[2005]. Disponível em: <http://www.pim.saude.rs.gov.br/a_PIM/noticias/987/PatriceSchuch.pdf>. Acesso em: 20 maio 2015.

SCOTT, Joan. Uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SOARES, Antonio Jorge; MELO, Leonardo B. S. de; COSTA, Felipe R. da; BARTHOLO, Tiago L.; BENTO, Jorge O. Jogadores de futebol no Brasil: Mercado, formação de atletas e escola. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 2013. 314 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

SOUZA, Rafael Pinna. **Ambigüidades e vaguezas em textos legais**: uma análise da Constituição Federal Brasileira. 2008. 228 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2008.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

STEVENSON, Betsey. Title IX and the Evolution of High School Sports. **Contemporary Economic Policy**, v. 25, n. 4, p. 486-505, out. 2007.

STOLKE, Verena. ¿Es El Sexo Para El Género Lo Que La Raza Para La Etnicidad... Y La Naturaleza Para La Sociedad? **Política y Cultura**, Distrito Federal (México), n. 14, p. 25-60, 2000.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006.

TEETZEL, Sarah. On transgendered athletes, fairness and doping: an international challenge. **Sport in Society**, v. 9, n. 2, p. 227-251, abr. 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. Apresentação. In:_____. (orgs.). **Visão de jogo**: antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p.13-16.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TREPTE, Paula Flores. **O futebol feminino no discurso de homens estudantes de Educação Física**. 2011. 41 f. Monografia (Graduação em Educação Física). Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

UNITED STATES DEPARTMENT OF JUSTICE. **Equal Access to Education**: Forty Years of Title IX. 23 Junho 2012. Disponível em: <http://www.justice.gov/crt/about/edu/documents/titleixreport.pdf>. Acesso em: 3 dez 2014.

UNITED STATES OF AMERICA. **Title IX Of The Education Amendments Of 1972, 20 U.S.C. A§ 1681 Et. Seq**. Disponível em: <http://www.justice.gov/crt/overview-title-ix-education-amendments-1972-20-usc-1681-et-seq>. Acesso em: 12 abr. 2014.

VADÃO DIZ QUE tem dificuldade em formar seleção feminina: "35 atletas" [2015]. **SporTV.com**. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2015/03/vadao-diz-que-tem-dificuldade-em-formar-selecao-feminina-35-atletas.html>. Acesso em: 25 mar. 2015.

VELHO, Gilberto. Vanguarda e desvio. In:_____. (org.). **Arte e sociedade**: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977. p. 27-26.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WACQUANT, Loiq. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, n. 19, p. 95-110, nov. 2002.

WHITSON, David. The embodiment of gender: discipline, domination, and empowerment. In: SCRATON, Sheila; FLINTOFF, Anne (orgs.). **Gender and sport**: a reader. New York: Routledge, 2002. p. 227-240.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Maria Lucia de Oliveira (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

WILLIAMS, Jean. **A beautiful game**: international perspectives on women's football.New York: Berg, 2007.

WILLIAMS, Jean. **Globalising women's football**: Europe, Migration and Professionalization. Bern: Peter Lang AG, Internationaler Verlag der Wissenschaften, 2013.

WILLIAMS, Jean. Player migration and motivation in professional women's soccer. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina Clara. **Women Soccer and Transnational Migration**. New York: Routledge, 2014. p. 20-32.

WINCKLER, Bruno. CBF investe em seleção feminina permanente, mas previsão para longo prazo é ruim [2015]. **IG São Paulo**. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2015-01-22/cbf-investe-em-selecao-feminina-permanente-mas-previsao-para-longo-prazo-e-ruim.html>. Acesso em: 3 mar. 2015.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOOD, E. O que é a agenda “pós-moderna”? In: WOOD, E.; FOSTER, J. B. (orgs.). **Em defesa da história:** marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 7-22.

YOSHIDA, Guilherme. **Osmar Moreira Júnior, professor da UFSCar**: Entrevista. 13 jan. 2015. Disponível em: <http://www.universidadedofutebol.com.br/Entrevista/10981/Osmar-Moreira->. Acesso em: 13 jan. 2015.

ZELIZER, Viviana. Circuits within Capitalism. In: NEE, Victor; SWEDBERG, Richard (orgs.). **The Economic Sociology of Capitalism**. Princeton: Princeton University Press, 2005. p. 289-322.

ZELIZER, Viviana. Dualidades perigosas. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p.237-256, 2009.

ZIEGLER, Martyn. Has the Nigerian FA banned lesbian players? [2013]. **The Independent.** Disponível em: <http://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/has-the-nigerian-fa-banned-lesbian-players-8524558.html>. Acesso em: 13 mar. 2013.